

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.29 - N° 1



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Graciela Inés Ravetti de Gómez

VICE-DIRETORA: Sueli Maria Coelho

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Carla Viana Coscarelli (UFMG)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

Revisão e Normalização

Alda Lopes Durães Ribeiro

Gustavo Ximenes Cunha

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Editoração eletrônica

Alda Lopes Durães Ribeiro

Secretaria

Henrique Vieira

Revisão de Língua Inglesa

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)

Mara Passos Guimarães (UFMG)

Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

Raquel Rossini (UFMG)

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 29 - Nº 1 - jan.-mar. 2021

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glaucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírrio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

A formalização da percepção da vogal baixa nasalizada do espanhol à luz do modelo BiPhon: estudo comparativo de fragmentos das gramáticas de falantes nativos e de brasileiros adquirindo o Espanhol como língua estrangeira

Formalization of the perception of the nasalized low vowel in Spanish in the light of the BiPhon model: a comparative study of grammar fragments of Spanish native speakers and Brazilian students learning Spanish as a foreign language

Luciene Bassols Brisolara

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Roberta Quintanilha Azevedo 13

Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico

Christian first names: constitution, etymology, motivation for anthroponimic choice and onomastic knowledge

Márcia Sipavicius Seide 49

Ordenação de constituintes sintagmáticos no português dos séculos XIX e XX

The ordering of syntagmatic constituents in centuries XIX and XX in portuguese

Ana Carolina Teixeira Peres

Erotilde Goreti Pezatti 77

Las marcas diafásicas y diastráticas de las locuciones en los diccionarios generales y fraseológicos

Diaphasic and diastratic marks of idioms in general and phraseological dictionaries

Mohammed Boughaba 99

A dicotomia implícito-explicito no ensino de línguas: uma proposta de atualização <i>The implicit-explicit dichotomy in language teaching: an update proposal</i> Grazielle Altino Frangiotti	
Paula Garcia de Freitas	121
40 anos de <i>Metaphors we live by</i> : considerações sobre a teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson <i>40 years of Metaphors we live by: remarks on Lakoff and Johnson's theory of conceptual metaphors</i> Gustavo Augusto Fonseca Silva	153
Frequency effects of L2 English on the processing of the passive in L1 Brazilian Portuguese <i>Efeitos de frequência da L2 inglês no processamento da passiva em L2 português brasileiro</i> Mara Passos Guimarães	215
Aportes al estudio de la variación en wichi/weenhayek (mataguaya). Diferencias dialectales en el léxico <i>Contributing to the study of variation in Wichi/Weenhayek (Mataguayan). Dialectal differences in the lexicon</i> Verónica Nercesian Mónica Amarilla	259
Dimensões da violência na linguagem: articulando cenários e perspectivas <i>Dimensions of violence in language: articulating scenarios and perspectives</i> Daniel do Nascimento e Silva Anabella Machado Rocha Alvaro Monteiro Carvalho Arcanjo Clarissa Rodrigues Gonzalez	289

Aspectos fonológicos dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné <i>Phonological aspects of the Upper Guinea Portuguese Creoles</i> Shirley Freitas Manuele Bandeira	331
Aggression as impoliteness in a Facebook discussion about class discrimination in a Brazilian university <i>Agressão como descortesia em uma discussão no Facebook sobre discriminação de classe em uma universidade brasileira</i> Mércia Regina Santana Flannery	363
Relação de sentidos entre a predicação e o sujeito sob o viés da enunciação <i>Meaningfulness relationship between predication and the subject under the enunciation line</i> Izaildes Cândida de Oliveira Guedes Neuza Benedita da Silva Zattar	387
Com que se parece a Retórica da Guerra Cultural no debate sobre imigração <i>What does Culture Wars Rhetoric look like in the immigration debate?</i> Frederico Rios C. dos Santos	423
Pontuando concepções: dizeres institucionalizados sobre pontuação e suas implicações para o ensino <i>Reviewing conceptions: institutionalized discourses about punctuation and its implications for teaching</i> Geovana Soncin Tainan Garcia Carvalho	487
As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no <i>corpus</i> do Projeto ALiB <i>Designations for the daily bread: the lexical norm from Brazilian Portuguese based on ALiB Project corpus</i> Vanessa Yida	533

Estilo, paixão e tensividade: dois casos de ciúmes <i>Style, passion and tensivity: two jealousy cases</i> Norma Discini Eliane Soares de Lima Ivã Carlos Lopes	589
Variação fonético-fonológica em regiões de Minas Gerais <i>Phonetic-phonological variation in regions of Minas Gerais</i> Amanda Brilhante Carvalho Marlúcia Maria Alves	619



A formalização da percepção da vogal baixa nasalizada do espanhol à luz do modelo BiPhon: estudo comparativo de fragmentos das gramáticas de falantes nativos e de brasileiros adquirindo o Espanhol como língua estrangeira

Formalization of the perception of the nasalized low vowel in Spanish in the light of the BiPhon model: a comparative study of grammar fragments of Spanish native speakers and Brazilian students learning Spanish as a foreign language

Luciene Bassols Brisolará

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul / Brasil

lucienebrisolará@furg.br

<http://orcid.org/0000-0001-7248-6765>

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

carmen.matzenauer@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4505-7521>

Roberta Quintanilha Azevedo

Instituto Federal Sul-Riograndense (IFSul), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

betanilha@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6076-9768>

Resumo: Uma perspectiva formal está no foco deste artigo que visa discutir e representar a percepção da nasalização da vogal /a/ em determinados contextos nasais, fenômeno de alofonia no espanhol, que pode ser fonológico ou alofônico no português. O suporte empírico está em dados de 9 nativos da língua, de Montevideu, e de 15 brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira. Os dados de percepção, aqui aproveitados dos estudos de Brisolará e Matzenauer (2018a, 2018b),

foram obtidos em Teste de Identificação, elaborado no *software* TP (RAUBER *et al.*, 2012). A menor acuidade dos uruguaios na identificação de vogais nasalizadas, em comparação aos brasileiros, atribuída ao caráter estritamente alofônico do fenômeno no espanhol, foi captada e formalizada no *Modelo Bidirecional de Processamento e de Gramática - BiPhon* (BOERSMA, 2006, 2007; BOERSMA; HAMANN, 2009), que integra a Teoria da Otimidade Estocástica. Como a percepção, segundo o BiPhon, tem o papel de mapear a representação fonética contínua para uma estrutura de superfície fonológica discreta, o fenômeno da percepção da nasalização da vogal /a/ no espanhol foi formalizado de modo que representou, pela interação entre Restrições de Pista e de Estrutura, a diferença da gramática dos brasileiros enquanto aprendizes de espanhol em relação à gramática dos uruguaios: o peso das Restrições de Estrutura $*V_{\text{ORAL}}N$ e $*V_{\text{nasal}}$ foi decisivo na especificação de cada uma das duas gramáticas, sendo que a proximidade dos valores centrais das Restrições de Estrutura e de Pista representou a presença de variação nos dados de percepção tanto de uruguaios, como de brasileiros.

Palavras-chave: percepção; nasalização vocálica no espanhol; modelo BiPhon.

Abstract: A formal perspective is the focus of this paper, which aims to discuss and represent the perception of nasalization of vowel /a/ in certain nasal contexts, a phenomenon of allophony in Spanish, which can be either phonological or allophonic in Portuguese. Empirical support is based on data from 9 native speakers from Montevideo, Uruguay, and 15 Brazilian learners of Spanish as a second language. Perception data, taken from studies carried out by Brisolará and Matzenauer (2018a, 2018b), were obtained by an Identification Test, which was run by the TP software program (RAUBER *et al.*, 2012). The fact that the Uruguayan have lower accuracy than the Brazilian to identify nasalized vowels is attributed to the strict allophonic nature of the phenomenon in Spanish. It was captured and formalized by the Bidirectional Processing and Grammar Model – BiPhon (BOERSMA, 2006, 2007; BOERSMA; HAMANN, 2009), which integrates the Stochastic Optimality Theory. Since perception, according to BiPhon, has the role of mapping continuous phonetic representation to a discrete phonological surface structure, the phenomenon related to the perception of nasalization of the vowel /a/ in Spanish was formalized in a way that represented, through the interaction between Cue Constraints and Structural Constraints, the difference between grammars of Brazilian Spanish learners and of Uruguayans: the weight of the $*V_{\text{ORAL}}N$ and $*V_{\text{nasal}}$ Structural Constraints was decisive in specifying both grammars, and the proximity of the central values of the Structural and Cue Constraints represented the presence of variation in the perception data of the Uruguayan and the Brazilian.

Keywords: perception; vowel nasalization in Spanish; BiPhon model.

Recebido em 28 de fevereiro de 2020

Aceito em 21 de maio de 2020

1 Introdução

O foco deste artigo está na percepção da nasalidade vocálica do espanhol, fenômeno que nesta língua é alofônico e que, no português, pode ser fonológico (ex.: grupo VN – *manta*) ou alofônico (ex.: grupo V.N – *cama*), sob uma perspectiva formal. O recorte do tema foi teoricamente delineado a partir do reconhecimento de que há divergência, em abordagens fonológicas e fonéticas de fatos linguísticos, na concepção da natureza das representações atinentes à produção, sendo raras as discussões relativas ao *locus* da percepção na gramática das línguas. É nesta lacuna que o trabalho se insere, chegando à discussão do ponto em que o conhecimento fonológico guia o processo de percepção da fala, com o suporte teórico de um modelo de processamento e de gramática.

Para tanto, partindo-se do entendimento inovador de que a percepção tem natureza fonológica, a diferença do *status* da nasalidade vocálica nesses dois sistemas linguísticos levou à formulação de duas questões a serem respondidas: (a) como se caracterizam os comportamentos de falantes nativos do português do Brasil (PB), no processo de aquisição do espanhol como língua estrangeira (LE), e dos uruguaios, falantes nativos desta língua, com referência à percepção de vogais nasalizadas presentes no espanhol?; (b) como se representa a possível diferença entre a percepção da nasalidade vocálica por falantes nativos de português e falantes nativos de espanhol em um modelo formal, que integre percepção e gramática fonológica?

A resposta à questão norteadora “a” foi proposta na busca de evidências não apenas sobre o comportamento dos nativos de espanhol e falantes de português adquirindo espanhol e suas possíveis dificuldades na percepção da vogal /a/ nasalizada do espanhol, mas também na procura de tendências universais no comportamento dos participantes da pesquisa. Tais resultados foram capazes de oferecer a base do processo de proposição de restrições na construção da resposta à questão “b”, em um modelo que pressupõe a existência de uma Gramática Universal e do mapeamento entre as representações do *input* e do *output* linguístico por meio de restrições.

Assim, foi possível a reflexão acerca de fatos teóricos e empíricos relevantes, como: (a) a relação entre percepção e gramática; (b) a retomada do debate sobre relações importantes para o entendimento da natureza dos fenômenos linguísticos, como parte do conjunto de

pesquisas voltadas para a teoria fonológica; (c) a inter-relação entre os níveis de representação da língua e (d) a forma como se podem captar aspectos gradientes da língua, verificando-se que a interação entre níveis representacionais tem participação na teoria linguística.

O estudo, centrado na vogal /a/ do espanhol, examinou dados obtidos a partir de um Teste de Identificação, proposto por Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b), elaborado com o uso do software TP (RAUBER *et al.*, 2012), sendo que a análise e a formalização dos resultados encontraram suporte no *Modelo Bidirecional de Processamento e de Gramática – BiPhon* (BOERSMA, 2006, 2007, 2010, 2011; BOERSMA; PATER, 2008; BOERSMA; HAMANN, 2009). Segue-se o entendimento expresso pelos autores de que a percepção tem natureza fonológica, cumprindo o papel, formalizado no BiPhon, de fazer um mapeamento da representação fonética contínua para uma estrutura de superfície fonológica discreta.

O objetivo do estudo, portanto, foi discutir e formalizar a percepção de um fenômeno de alofonia no espanhol, representado pela nasalização da vogal /a/ em determinados contextos nasais, por falantes nativos da língua e por brasileiros em processo de aquisição do espanhol como língua estrangeira, com os fundamentos do BiPhon. Destaca-se que a opção por investigar a vogal /a/ deveu-se ao fato de que o grau de nasalidade de vogais baixas é maior e, por essa razão, mais perceptível do que o de vogais não baixas (PASCA, 2003; SEARA, 2000).

Com o desenho proposto, este estudo, além de formalizar a percepção da vogal /a/ do espanhol a partir do modelo Biphon, contribuirá para a discussão sobre a importância da percepção de sons de caráter alofônico no aprendizado de espanhol como língua estrangeira, bem como sobre a necessidade do conhecimento dos sistemas fonético-fonológico de línguas próximas, o que pode auxiliar tanto professores quanto estudantes de LE na busca de estratégias para um desempenho mais adequado na língua-alvo.

Divide-se o artigo em seções, de forma a trazerem-se, de início, noções basilares para a observação da nasalidade vocálica no espanhol e no português brasileiro e para a explicitação de pressupostos do Modelo BiPhon; após, apresentam-se os procedimentos metodológicos que orientaram a investigação e, subsequentemente, mostram-se os resultados, seguidos, finalmente, da análise e da formalização propostas à luz do Modelo BiPhon.

2 Noções substanciais para o estudo

Linhas gerais do comportamento da nasalidade vocálica no espanhol e no português brasileiro, bem como de pressupostos do Modelo BiPhon são aqui apresentados.

2.1 A nasalização vocálica no espanhol e no português brasileiro

A nasalização vocálica no espanhol apresenta caráter fonético, de acordo com Navarro Tomás (1918 [2004]) e Quilis (1999), não contrastando significado. O fenômeno ocorre em dois contextos específicos, a saber: (a) quando a vogal é precedida e seguida por consoantes nasais, independentemente de a segunda consoante estar em posição de coda (ex.: *manso*) ou de *onset* da sílaba seguinte (ex.: *manera*); (b) quando a vogal se encontra em início absoluto seguida de consoante nasal (ex.: *antigua*).¹ Nos demais contextos, a vogal será produzida como oral. Para Pasca (2003) e Haro (2011), ainda que a nasalização seja verificada no espanhol, esta é praticamente imperceptível para a maioria dos falantes nativos exatamente por tratar-se de fenômeno alofônico.

No português brasileiro, por outro lado, seguindo-se Câmara Jr. (1977) e Bisol (2002), a nasalização manifesta-se de duas maneiras: a primeira é de cunho fonológico, ocorrendo a sequência *vogal + nasal* em contexto tautossilábico (VN), exemplo, '*manto*', provocando contraste de significado em pares como '*mato*' x '*manto*'. Também

¹ Esses são os contextos de nasalização vocálica no espanhol reconhecidos pela literatura clássica (NAVARRO TOMÁS, 1918 [2004]; QUILIS, 1999) e por estudos contemporâneos, como o de Hualde e Colina (2014); por isso, foram eleitos para discussão no presente artigo. Reconhece-se, no entanto, a possibilidade de nasalização vocálica em outros contextos por simples efeito de coarticulação com segmentos nasais. Esse fato é reconhecido por Vaquero de Ramírez (2003) que, ao tratar do espanhol do Caribe, afirma que a nasalização pode ocorrer em todas as vogais de uma palavra que possua consoante nasal, como em '*San Juan*', '*salíamos*' e '*empezar*', em que todas as vogais são nasalizadas. Destaca-se, no entanto, que, apesar de o processo de nasalidade no espanhol poder ocorrer em outros contextos que não os encontrados em Navarro Tomás ([1918]2004) e Quilis (1999), as análises dos valores acústicos, especialmente de F1 e F3, dos dados dos locutores do presente estudo, no que tange às palavras apresentadas no Quadro 1, evidenciaram a nasalização da vogal baixa nos dois contextos apontados por Navarro Tomás ([1918] 2004) e Quilis (1999), e a não nasalização nos demais contextos.

existe a nasalização de caráter fonético, em que a sequência *vogal + nasal* ocorre em contexto heterossilábico (V.N), exemplo, ‘*caneta*’ e ‘*abanar*’, não provocando mudança de significado, manifestando-se apenas foneticamente.

2.2 O Modelo Biphon

O Modelo Bidirecional de Processamento e de Gramática (Modelo *BiPhon*) interpreta e formaliza o processamento linguístico por meio da previsão de níveis de representação que integram os processos de Compreensão e de Produção no uso da língua pelos falantes. Constitui-se também em um Modelo de Gramática por modelar a articulação entre os níveis representacionais através de restrições, que mapeiam as formas linguísticas nos moldes da Teoria da Otimidade Estocástica.

Abordagens como a Teoria da Otimidade Estocástica e o Modelo *BiPhon* propõem que as formas de superfície observadas surgem como um *output* que é ótimo porque satisfaz mais harmonicamente uma hierarquia de restrições. Tal perspectiva, presente nestes modelos teóricos, difere de análises fonológicas tradicionais que utilizam regras para a representação dos fenômenos nas línguas, mapeando a representação subjacente (*input*) na realização de superfície (*output*).² Há relevância em observar-se que, nos modelos gerativos diferentes do *BiPhon*, a relação entre *input* e *output* implica dois níveis de representação.

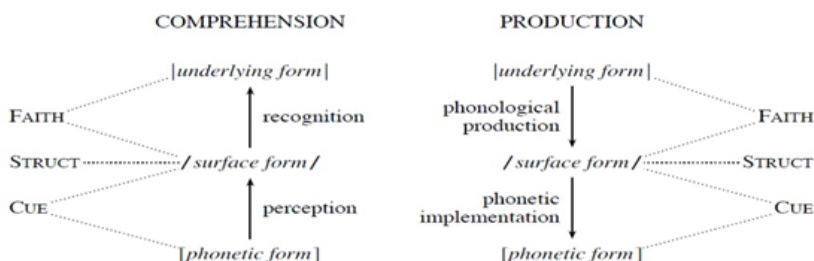
Entretanto, o *BiPhon* vai além, pois considera três níveis de representação: a [Forma Fonética], a /Forma Fonológica de Superfície/ e a |Forma Subjacente|. Sendo fonética a natureza do primeiro nível e fonológica a natureza dos dois outros, o modelo manifesta o entendimento da relação entre Fonética e Fonologia e expressa a passagem do *continuum* fonético para o discreto fonológico no movimento que se opera no uso e no funcionamento da língua. Pelo fato de o modelo ser bidirecional,

² Nos modelos teóricos com base em regras, o mapeamento entre o *input* e o *output* ocorre por meio da aplicação de regras, enquanto nos modelos teóricos com base em restrições, como a Teoria da Otimidade (OT), o mapeamento entre o *input* e *output* ocorre por meio da satisfação de restrições, que obedecem a uma hierarquia que é específica de cada língua. A Teoria da Otimidade Estocástica tem duas particularidades primordiais que a diferem da OT clássica: (a) atribui valores às restrições para o estabelecimento da hierarquia, (b) está atrelada a um algoritmo de aprendizagem: o Algoritmo de Aprendizagem Gradual (GLA – *Gradual Learning Algorithm*).

esses três níveis integram dois módulos: o Módulo da Compreensão e o Módulo da Produção linguística.

Na Figura 1, estão formalizados os níveis de representação e os dois módulos. A característica de ser um Modelo de Processamento é representada pelas flechas, enquanto a característica de ser um Modelo de Gramática é representada pelas restrições (Restrições de Pista (*Cue Constraints*); Restrições de Estrutura (*Structural Constraints*); Restrições de Fidelidade (*Faithfulness Constraints*)).

FIGURA 1 – Modelo Bidirecional de Processamento e de Gramática (*BiPhon Model*)



Fonte: Boersma; Hamann (2009, p. 1)

O Modelo *BiPhon* é um modelo de processamento, porque descreve o uso da língua na produção e na compreensão, e um modelo de gramática, porque representa e explica o funcionamento da língua pela organização de restrições em uma hierarquia,³ assumindo a existência de níveis contínuos e discretos na teorização linguística.

Dessa forma, é capaz de lidar com a gradualidade na criação de categorias e de lidar com a dispersão auditiva,⁴ no sentido de que explicita que existem pistas acústicas distintivas que são codificadas como contrastes fonológicos, as quais podem ser perceptualmente mais

³ Adotar-se-á o pressuposto da Teoria da Otimidade, segundo o qual o conhecimento é representado como uma gramática que consiste em um *ranking* de restrições (*BiPhon – OT*), conforme começou a ser explicitado na Nota 2.

⁴ O termo *dispersão* recupera a Teoria da Dispersão de Lindblom (1972) e refere a separação dos sons no espectro sonoro, que resulta em uma maximização da distinção entre os contrastes dos sons, com a ideia de que há uma preferência por contrastes distintos, hipotetizada a partir de uma preferência por minimizar a confusão perceptual para recuperar o que o falante está dizendo.

salientes do que diferenças entre pistas não distintivas para falantes de determinado sistema linguístico.

Nesse sentido, o modelo é capaz de captar e de formalizar o comportamento linguístico do falante, do ouvinte e do aprendiz.⁵ Os níveis de representação e a hierarquização das restrições têm de ser estabelecidos na construção das formas tanto de natureza fonética, como fonológica.⁶

As restrições são de três tipos: Restrições de Fidelidade, Restrições de Estrutura e Restrições de Pista. Destaca-se que as Restrições de Pista têm caráter puramente fonético: na percepção, que ocorre no Módulo da Compreensão, mapeiam a [Forma Fonética] ([Forma Auditiva]) em /Forma Fonológica de Superfície/; na implementação fonética, que ocorre no Módulo da Produção, mapeiam a /Forma Fonológica de Superfície/ em [Forma Fonética] ([Forma Articulatória]). O entendimento de Boersma (2007) de que a percepção também é condicionada pelas Restrições de Estrutura, na sua interação com as Restrições de Pista, leva ao reconhecimento da natureza fonológica da percepção linguística.

Ressalta-se que a atribuição de *status* fonológico à percepção é crucial para o estudo relatado neste artigo, estando subjacente à questão inicialmente proposta: é plausível propor-se que poderá haver diferença na percepção da vogal /a/ nasalizada no espanhol, considerando-se falantes nativos desta língua e falantes nativos de PB, tendo em vista o tratamento diverso da nasalidade vocálica nos dois sistemas linguísticos, se houver o entendimento de que a percepção tem caráter fonológico.

Destaca-se que esse foco do artigo exigiu que a análise ficasse centrada, no BiPhon, no Módulo da Compreensão e particularmente em dois níveis representacionais: na [Forma Fonética] ([Forma Auditiva]) e na /Forma Fonológica de Superfície/ e no mapeamento do primeiro para o segundo nível por meio da interação entre Restrições de Pista e Restrições de Estrutura (veja-se FIGURA 1). Salienta-se ainda que, em virtude de

⁵ Entende-se que o modelo, embora tenha sido primeiramente proposto para tratar da L1, também é pertinente para explicar o processo de aquisição de uma LE; esse entendimento decorre não apenas das propriedades que definem o *BiPhon*, mas também do fato de estar no substrato da proposta de Escudero (2005), cujo foco está na aquisição de L2.

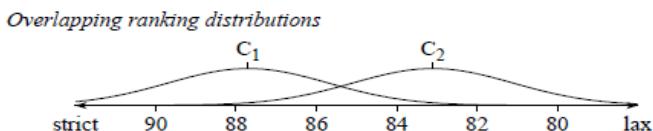
⁶ O Modelo BiPhon não está limitado aos níveis de representações apresentados. Boersma; Hamann (2009) assumem que a Figura 1 seria a representação mais resumida do modelo, no entanto, suficiente, para uma análise fonológica.

a fonologia do espanhol não conter vogais nasais, o fato de usar-se, nos *tableaux* mostrados na Seção denominada ‘Simulações de Gramática’, a forma /ã/ não representa a categorização, pelos informantes, de uma vogal nasal fonológica; na verdade, representa apenas a percepção, pelos informantes, de um movimento, de caráter fonético-fonológico, de natureza variável, que o sistema do espanhol contém.

Salienta-se ainda que, operando nos moldes da OT Estocástica,⁷ o BiPhon passa a ter a ele vinculado um algoritmo de aprendizagem: o Algoritmo de Aprendizagem Gradual (GLA), proposto por Boersma; Hayes (2001). O objetivo do GLA é guiar o aprendiz à hierarquia de restrições específica da sua língua, ou seja, é chegar à gramática da língua-alvo pela atribuição de um valor, a cada restrição, que a localize no ranqueamento correspondente àquela língua.⁸

O uso dos pressupostos da OT Estocástica para a explicação e a formalização de fenômenos de uma gramática, seja de percepção (foco do presente artigo), seja de produção linguística, impõe a vantagem de reconhecer e formalizar a ocorrência de fatos em variação, já que inclui a previsão de sobreposição de restrições, desde que seus “valores centrais” mostrem distância inferior a 10 pontos, conforme representação na Figura 2.

FIGURA 2 – Sobreposição de restrições em um *ranking*



Fonte: Boersma; Hayes (2001, p.5)

Essa sobreposição de restrições evidencia a possibilidade de as Restrições 1 (C₁) e 2 (C₂) poderem ter sua posição invertida na hierarquia,

⁷ A OT Estocástica está incluída no BiPhon, ou seja, faz parte do Modelo, para que ele possa cumprir a sua função como “modelo de gramática”: é pela aplicação da OT Estocástica que as restrições relacionadas aos três níveis de representação do BiPhon são hierarquizadas, a fim de que seja apontado o *output* ótimo.

⁸ Na OT Estocástica, as restrições recebem valores numéricos que são responsáveis pela posição que ocupam na hierarquia que representa a gramática da língua – veja-se Nota 2.

o que acarretaria a escolha de um diferente “*output* ótimo”, expressando a ocorrência de variação linguística. Nesse sentido, cada restrição recebe 2 pesos numéricos: (a) *ranking value* (= média ou centro de uma faixa de valores) e (b) *disharmony* (= ponto de seleção dentro da mesma faixa de valores).⁹ O peso central é um valor fixo em um certo estágio de aprendizagem; já o ponto de seleção varia a cada momento de produção linguística, o que garante duas previsões relevantes: (1) prever, para o mesmo estágio desenvolvimental no curso da aprendizagem, *outputs* variáveis e (2) prever quais destes *outputs* são mais frequentes. O *output* que viola a restrição com maior valor/peso central acontecerá menos vezes como ótimo, já que esta restrição terá maior probabilidade de assumir posições mais altas na hierarquia.

Essa funcionalidade do algoritmo é implementada no sistema PRAAT¹⁰ (BOERSMA; WEENINK, 2013). A partir de dois *scripts* – 1 *script* com informações sobre quais são os candidatos a *output* e os percentuais de ocorrência de cada candidato no *corpus* estudado e outro *script* com as restrições pensadas pelo pesquisador para a formalização dos dados –, o *software* vai percorrer quatro passos, começando de um estágio inicial até chegar no *output* ótimo. Os *scripts* são textos com linguagens de programação que consistem de menus de comandos e, quando executados, os comandos são acionados e a gramática é aprendida pelo sistema. Cada simulação de uma mesma gramática representa um momento de produção linguística, o que quer dizer que cada rodada do sistema representa um momento de produção linguística: esse *modus operandi* é que permite a verificação de *outputs* variáveis.

Tal pressuposto da OT Estocástica é relevante para a análise proposta no estudo da percepção da nasalidade vocálica no espanhol, tema deste artigo, já que os dados refletem resultados de natureza variável.

⁹ No exemplo expresso na Figura 2, o *ranking value* (valor central) da C_1 é 88 e o *ranking value* da C_2 é 82 – por sua diferença ser inferior a 10 pontos, pode ocorrer de essas restrições terem sua posição hierárquica invertida: se, em uma rodada do Programa, o valor de *disharmony* (ponto de seleção) de C_2 for 86 e o valor de *disharmony* de C_1 for 84, a restrição C_2 passará a dominar C_1 . Então, a forma de *output* ótimo será diferente daquela escolhida quando a restrição C_1 dominava C_2 – esse movimento entre as restrições explica as formas em variação na língua, de acordo com a OT Estocástica.

¹⁰ Maiores detalhes sobre a operacionalização do algoritmo podem ser obtidos em Boersma e Hayes (2001) e Alves (2017).

3 Metodologia

Apresenta-se a seguir o delineamento da pesquisa, com a explicitação de dados referentes aos informantes e aos procedimentos metodológicos adotados.

3.1 Informantes

O *corpus* usado para a presente pesquisa foi coletado para um estudo sobre percepção¹¹ (BRISOLARA; MATZENAUER, 2018a, 2018b) que contou com a participação de nove falantes nativos do espanhol, residentes em Montevideu e Maldonado¹² (Uruguai), sendo seis mulheres e três homens, com idade entre 18 e 23 anos, todos estudantes da *Facultad de Comunicación e Información de la Universidad de la República*. Além dos nativos de espanhol, também participaram do estudo 15 brasileiros aprendizes de espanhol, estudantes do primeiro semestre do Curso de Letras, habilitação Português-Espanhol, da Universidade Federal do Rio Grande, sendo 10 mulheres e cinco homens, com idade entre 18 e 49 anos, todos residentes na cidade do Rio Grande e nascidos no Rio Grande do Sul, pertencentes a uma mesma região dialetal.¹³

3.2 Procedimento

Com base em instrumento elaborado por Brisolara e Matzenauer (2018a; 2018b), constituído por quatro testes de percepção, sendo três de discriminação e um de identificação, analisou-se aqui exclusivamente o

¹¹ A coleta de dados foi realizada para o estudo de pós-doutoramento de Luciene Bassols Brisolara, supervisionado por Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, cujos resultados foram publicados em Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b). Posteriormente, os mesmos dados foram utilizados para a elaboração do presente trabalho, a fim de formalizar no Modelo Biphon os resultados encontrados nos estudos aqui mencionados.

¹² Inicialmente o estudo seria aplicado somente a sujeitos de Montevideu, no entanto, devido à dificuldade de encontrar universitários que não falassem português e que tampouco tivessem estudado o idioma formalmente, optou-se por incluir estudantes da mesma universidade que viviam em Maldonado, que fica a aproximadamente 120 km de Montevideu.

¹³ Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pelotas – Processo nº 68282417.3.0000.5339 e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Teste de Identificação por entender-se, seguindo-se Boersma e Hamann (2009), que perceber é identificar; os resultados deste teste oferecem as condições para formalizar-se o processo de percepção de alofonia do espanhol, representado pela nasalização da vogal /a/ nos contextos descritos na Seção 2.1, no modelo BiPhon (BOERSMA; HAMANN, 2009).

Destaca-se que, para o Teste de Identificação, foram selecionadas, como estímulos, 22 palavras com a vogal /a/ precedida e/ou seguida de consoante nasal, todas dissilábicas ou trissilábicas. Em 10 das palavras havia contexto de nasalização vocálica no espanhol e, em 12, não, conforme pode ser visualizado no Quadro 1.

QUADRO 1 – Palavras que integraram o Teste de Identificação

Vogal Tônica		Vogal Átona	
Nasal	Oral	Nasal	Oral
manto	lâmpara	manera	bandido
manso	urbano	antigua	panfleto
máncer	pánico	mandato	sanfona
manfla	danto	mangrullo	bandujo
almante	fango	ampuloso	candado
	alacrán		gambocho

Fonte: Brisolara e Matzenauer (2018b, p. 21)

Conforme o Quadro 1, as palavras foram divididas, dependendo da caracterização da vogal /a/, em tônicas e átonas, orais e nasais. Além disso, o instrumento elaborado por Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b) também classificou as palavras em cognatas e não cognatas, a fim de verificar-se se haveria diferença de acertos considerando a similaridade ou não das palavras com o português. No entanto, o resultado encontrado pelas autoras em ambos os estudos não foi significativo. Assim, no presente estudo, a similaridade ou diferença das palavras do espanhol com relação ao português não será discutida.

As palavras tomadas como estímulos no Teste de Identificação foram gravadas por dois locutores, um homem argentino, residente no Brasil, e uma mulher brasileira, que viveu por mais de uma década na Argentina, tendo realizado seus estudos primários e secundários no país

estrangeiro. Os locutores tinham cerca de 40 anos e eram professores universitários de espanhol em um curso de formação de professores de línguas.¹⁴ Cada estímulo foi gravado duas vezes por cada locutor.

Os dados linguísticos dos locutores foram gravados em uma cabine acústica com o uso de um microfone com taxa de amostragem de 44.100Hz, 16bits. Para garantir a produção da nasalização vocálica nos contextos previstos pela literatura (veja-se Seção 2.1), foram criadas duas frases-veículos para serem lidas pelos locutores¹⁵ – ‘*Diga X otra vez*’ e ‘*X es una palabra del español*’;¹⁶ no espaço de X eram inseridas as palavras do Quadro 1. Cumpre ressaltar que não houve coleta de dados neste estudo. Assim, as palavras gravadas pelos locutores em Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b), selecionadas para a aplicação do teste de percepção com a vogal foco /a/, foram analisadas acusticamente para confirmar-se se cada vogal estava sendo produzida como oral ou nasalizada, para que se pudesse afirmar, na formalização do presente artigo, qual o *input* se estaria considerando para a percepção dos informantes.

Para a análise acústica foram observados os mesmos parâmetros de Brisolara, Matzenauer e Seara (2019),¹⁷ já que a comparação destes

¹⁴ Os dois locutores foram escolhidos por sua alta proficiência em ambas as línguas, sendo que são professores universitários de espanhol, com formação superior em cursos de Licenciatura Português-Espanhol, além de terem o nível superior no Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira. Mesmo residindo no Brasil, os dois locutores usam predominantemente o espanhol nos contextos familiar e universitário.

¹⁵ Os locutores realizaram a leitura e, conseqüentemente, a gravação de palavras em frases-veículo, não configurando fala espontânea. As frases-veículo cumpriram a função de evitar o efeito de leitura de lista de palavras isoladas, garantindo o efeito prosódico de frase e também assegurando a presença dos contextos que são objeto de análise.

¹⁶ No que tange às frases-veículo, é importante destacar que, considerando os contextos de nasalização apontados em Navarro Tomás (2004[1918]) e Quilis (1999), a frase “Diga...otra vez” não garantiria a nasalização da vogal em início absoluto seguido de nasal, porque sempre haveria um contexto precedente; por essa razão, foi utilizada a frase-veículo “... es una palabra del español”. Portanto, palavras como “manto, lâmpara, manera, bandido” foram gravadas usando-se a frase “Diga...otra vez” e palavras como “ampuloso, antiga” foram gravadas usando-se a frase “.. es una palabra del español”.

¹⁷ Em Brisolara, Matzenauer e Seara (2019), foram extraídas médias de F1, F2, F3 e duração da forma fonética da vogal /a/, em que o segmento não tem contato com consoante nasal, e da vogal /aN/, em que a vogal baixa é seguida por uma nasal, através de um script elaborado por Fernando Santana Pacheco, que coletou cinco pontos equidistantes do som-alvo, ou seja, ponto 1 (início), pontos 2, 3 e 4 (meio), ponto 5

resultados dos locutores foi feita com os valores apresentados naquele trabalho.

Tais frases foram apresentadas aos locutores em slides no *Power Point*, havendo quatro segundos de intervalo entre cada frase. Após a gravação das frases-veículo, procedeu-se à sua segmentação no *Software PRAAT* (BOERSMA; WEENINK, 2013), e cada estímulo foi salvo em arquivo com o formato .wav.¹⁸ Esses estímulos (palavras com a vogal /a/) foram utilizados para a construção do Teste de Identificação, que foi criado no *Software TP*¹⁹ (RAUBER *et al.*, 2012), conforme já foi referido. Com o uso do site *random*,²⁰ os estímulos foram aleatorizados automaticamente, havendo alternância entre a voz do locutor masculino e do feminino; selecionaram-se 11 estímulos produzidos pelo homem e 11 pela mulher²¹ e não foram usados distratores. As gravações dos

(fim do segmento), sendo selecionado o ponto 3 para a pesquisa, em virtude de ser a parte mais estável do segmento.

¹⁸ Após a gravação das frases-veículo, as palavras-alvo foram segmentadas das frases no software PRAAT e inseridas no software TP. Durante a aplicação do teste, diante do computador, os informantes acessavam telas em que lhes era perguntado se a vogal “a” no estímulo escutado era produzida como oral ou nasal. A resposta era dada ao clicar em um ou em outro botão: oral ou nasal. Ainda que, no caso dos falantes nativos de espanhol, a nasalidade seja apenas alofônica, e que muitas vezes os falantes não percebam quando nasalizam, a pergunta é pertinente, já que pode evidenciar que os falantes nativos de espanhol não discriminam nasal e oral em sua língua, embora muitas vezes produzam diferenças fonéticas, como evidenciado em Brisolara, Matzenauer e Seara (2019).

¹⁹ O software TP, aplicativo gratuito criado por Rauber *et al.* (2012), a fim de auxiliar pesquisadores na criação de testes de percepção da fala, foi usado no estudo porque, além de não exigir conhecimento de programação, fornece resultado dos testes automaticamente após a sua aplicação. O software permite que sejam inseridos vários recursos, como imagens e áudios, para a sua elaboração. O Teste de Identificação proposto no software TP, para o estudo aqui exposto, foi apresentado aos informantes em um computador – a cada tela, os participantes liam a mesma frase no TP, ou seja, “¿La vocal a delante de nasal se pronuncia como...?” Após a leitura da frase, ouviam uma palavra, por exemplo, “manto” e deviam decidir se a vogal em questão era percebida como “oral” ou “nasal” e clicar na alternativa escolhida. Os participantes escutavam uma palavra por vez e, após escolherem a alternativa que julgassem mais adequada, passavam a escutar o próximo estímulo.

²⁰ Para ter acesso ao site, consultar <https://www.random.org/lists/>.

²¹ Ambos os locutores gravaram duas vezes cada estímulo, totalizando 88 produções; no entanto, para a elaboração do teste de percepção, foram escolhidos 11 estímulos

locutores serviram, portanto, como *input* para o Teste de Identificação que foi aplicado tanto a brasileiros como a uruguaios.

Os estudantes brasileiros realizaram o teste no Laboratório de Informática, do Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, e os estudantes uruguaios, em um laboratório de gravação da *Facultad de Comunicación e Información* de la *Universidad de la República*, Montevideu, Uruguai. O teste foi aplicado a todos os estudantes brasileiros no mesmo dia, assim como foi feito com os uruguaios, tendo a duração de cerca de 20 minutos, tendo sido a coleta na cidade de Rio Grande realizada em junho de 2017 e a coleta na cidade de Montevideu, em outubro de 2017. Todos os estudantes usaram fones de ouvido e computadores individuais para a realização do teste. O controle de volume foi programado por técnicos em informática em ambos os países, não permitindo que os estudantes fizessem ajustes de volume. Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisadora responsável pela aplicação dos testes explicava o funcionamento do software e fazia um pequeno treinamento com os estudantes com outros estímulos que não os do teste. Os alunos escutavam um estímulo de cada vez, tendo a possibilidade de ouvir duas vezes o mesmo estímulo, e precisavam optar por duas alternativas de resposta, ou seja, ‘oral’ ou ‘nasal’; clicavam na opção desejada e ouviam o próximo estímulo. Através do *Software TP*, foram contabilizados os percentuais de acertos nos testes após a sua aplicação, dado que o programa salva as respostas, contabilizando erros e acertos, em arquivos do Excel.

4 Resultados do Teste de Identificação

Os Quadros 2 e 3 registram os resultados do Teste de Identificação dos brasileiros e dos uruguaios, extraídos do estudo de Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b). Entretanto, conforme relatado na Seção anterior, para a formalização destes dados no modelo Biphon é necessário definir os tipos de informações acústicas que os participantes do teste estão recebendo. Nesse sentido, optou-se por verificar, na produção dos

gravados pelo locutor masculino e 11 pelo feminino. No software TP, os 22 estímulos foram aleatorizados, ou seja, todos os participantes ouviram os mesmos estímulos, mas em ordens diferentes. Os 22 estímulos foram divididos em vogal tônica e átona, vogal nasal e oral, conforme apresentação no Quadro 1.

locutores, apenas aquelas pistas acústicas essenciais para diferenciar um elemento vocálico como oral ou nasal.

A pista destacada foi a redução, nas vogais nasalizadas, do primeiro formante (F1), já que essa redução é considerada como proeminente nos estudos acústicos sobre nasalidade. Dessa forma, foram selecionadas e examinadas no sistema PRAAT as palavras com a vogal /a/, nas palavras listadas no Quadro 1, produzidas pelos locutores. Nos Quadros 2 e 3 estão registradas, então, as médias das frequências das vogais /a/ produzidas pelos locutores e recebidas como [input] pelos participantes da pesquisa.

Os acertos referem aqueles casos em que o participante da pesquisa ouviu a frequência mencionada como vogal nasalizada (~728Hz) e respondeu como “vogal nasal”, bem como ouviu a frequência mencionada como vogal oral (~848Hz) e respondeu como “vogal oral”. Os casos registrados como equívocos, em oposição, representam aquelas situações em que a frequência reduzida (~728Hz) é percebida como oral e a frequência da vogal oral (~848Hz) é percebida como uma vogal nasal.

Embora para a nasalização vocálica no espanhol não seja relevante o fato de a consoante nasal estar em contexto tautossilábico ou heterossilábico (veja-se Seção 2.1), essa distribuição foi considerada na observação dos resultados, tendo em vista a sua pertinência no português, já que nesta língua apenas é alofônica a nasalização vocálica com a consoante nasal heterossilábica. Assim, nos Quadros 2 e 3 a seguir, bem como nas simulações de Gramáticas, na Seção 6, as palavras informadas são exemplificativas dos dois tipos de contextos.

QUADRO 2 – Resultados do Teste de Identificação relativos à Compreensão da vogal /a/ com a nasal em contexto tautossilábico

	BRASILEIROS		URUGUAIOS	
VOGAL NASALIZADA (F1 = ~728Hz)	Acerto	Equívoco	Acerto	Equívoco
m[ã]nto → m/ã/nto	46,30%	53,70%	36,42%	63,58%
VOGAL ORAL (F1 = ~848Hz)	Acerto	Equívoco	Acerto	Equívoco
p[a]nflto → p/a/nflto	62,67%	37,33%	55,56%	44,44%

Fonte: Elaboração própria

QUADRO 3 – Resultados do Teste de Identificação relativos à Compreensão da vogal /a/ com a nasal em contexto heterossilábico

	BRASILEIROS		URUGUAIOS	
VOGAL NASALIZADA (F1 = ~728Hz)	Acerto	Equívoco	Acerto	Equívoco
m[ã]nera → m/ã/nera	33,33%	66,67%	11,11%	88,89%
VOGAL ORAL (F1 = ~848Hz)	Acerto	Equívoco	Acerto	Equívoco
p[a]nico → p/a/nico	76,67%	23,33%	77,78%	22,22%

Fonte: Elaboração própria

Pelos dados dos Quadros 2 e 3, viu-se respondida a primeira questão proposta: os estudantes brasileiros apresentaram maior sucesso do que os uruguaiois na percepção das vogais nasalizadas do espanhol, bem como das vogais orais. O índice de identificação é levemente superior nos dados dos uruguaiois em comparação com os brasileiros apenas quando a vogal é oral em contexto heterossilábico (ex.: pánico), como pode ser observado no Quadro 3. Vê-se, no entanto, que, embora os estudantes brasileiros mostrem sucesso maior do que os uruguaiois, ainda assim se equivocam em percentual acima de 50%. Tais resultados apontam que, ainda que no português haja a nasalização fonológica e a fonética, os brasileiros, ao escutarem os estímulos em espanhol, possuem dificuldade de perceber quando a vogal é nasalizada, em virtude de a nasalização ser menos evidente em espanhol do que em português – é pertinente aqui referir que, segundo o estudo de Brisolara, Matzenauer e Seara (2019), a redução do valor de F1 da vogal nasalizada em relação ao valor de F1 da vogal oral é maior no português do que no espanhol. Esse dado indica que o grau de nasalização vocálica é maior no português do que no espanhol e esse fato pode implicar, para os brasileiros, dificuldade de percepção da nasalização da vogal no espanhol como LE. Este é um dado que precisa ser analisado mais detalhadamente em estudos posteriores.

Os registros dos Quadros 2 e 3 mostram, então, que, tanto para os brasileiros, quanto para os uruguaiois, os índices de sucesso na percepção quando o *input* era a vogal oral ([a]→/a/) foram maiores do que em *input* com vogais nasalizadas, sendo que ambos, brasileiros aprendizes de espanhol e uruguaiois, alcançam, neste tipo de estímulo, percentuais de acerto que são próximos.

Observe-se, no entanto, que em nenhum dos casos – estímulo com vogal oral ou estímulo com vogal nasalizada – o índice de acerto na percepção alcança o percentual de 100%, o que indica a existência de variação. E essa variação que se registra na percepção dos dados linguísticos precisa ser captada na formalização aqui buscada com o suporte do BiPhon. Os percentuais registrados nos Quadros 2 e 3 alimentaram o GLA, como parte da OT Estocástica, para a avaliação dos dados à luz das restrições propostas na Seção 5 e para a sua subsequente formalização.

No Quadro 3, chama-se atenção aos índices menores de acertos na palavra ‘*manera*’, contexto nasalizado no espanhol, que teve como interpretação equivocada a vogal oral /a/ ([ã]→/a/), nos resultados dos brasileiros (66,67%) e, especialmente, dos uruguaios (88,89%). Tal situação demandou uma revisão dos dados e verificou-se, nessa palavra, uma diferença na duração, parâmetro acústico que originalmente não foi buscado, uma vez que o F1 é o parâmetro suficiente para a diferenciação entre vogal oral e nasalizada. Essa revisão dos dados ensejou duas interpretações:

- 1^a) com relação à duração da vogal: em contexto de nasalização no espanhol (foi ratificada, em análise acústica, como vogal nasalizada pelo valor baixo de F1),²² a duração desta vogal foi baixa em comparação à média das durações das vogais nasalizadas no espanhol, levando a crer que a duração pode ser uma pista relevante para a percepção da nasalização vocálica;
- 2^a) com relação à possibilidade de mudança na língua: em contexto de nasalização alofônica da vogal, na posição entre duas consoantes nasais, sendo a segunda nasal heterossilábica, pode estar havendo um indício de mudança no espanhol, com a eliminação dessa nasalização alofônica.

²² No português brasileiro, os estudos de Cagliari (1977), Sousa (1994), Seara (2000), Souza (2013) e Santos (2013) observam que vogais nasais apresentam valores de F1 menores do que suas contrapartes orais. No espanhol, existem poucos estudos que analisam vogais nasais (BAILEY, 2013; RODRIGUES-ALVES, 2014). Destes, apenas o de Bailey (2013) contrasta vogais orais com nasais e o resultado do estudo indica uma diminuição na frequência do primeiro formante quando a vogal é nasal em contraste com a oral. O que diferencia os estudos do PB e do espanhol é que, seguindo-se os resultados encontrados em Brisolara, Matzenauer e Seara (2019, p. 18), “(...) aparentemente a distância entre esses valores de F1 não é a mesma apresentada para o PB. Essa pode ser uma particularidade da vogal nasal no espanhol”.

Assim, no nível da percepção, que envolve a passagem da [Forma Fonética] para a /Forma Fonológica de Superfície/, foco do estudo, as diferenças entre as línguas vão estar evidentes, sugerindo que a alofonia no fenômeno da nasalização está representada nesse nível.

5 Formalização das Restrições

Considerando estar no BiPhon o suporte para a análise e a formalização dos resultados do fenômeno aqui pesquisado e considerando que, como modelo de gramática, o BiPhon utiliza o modelo de avaliação do candidato a *output* ótimo da Teoria da Otimidade Estocástica, o estudo exigiu a determinação de restrições: Restrições de Estrutura e Restrições de Pista. Cumpre ressaltar que a gramática da língua não é representada pelas restrições em si, mas pela relação entre elas, ou seja, pela hierarquia em que as restrições estão dispostas. Explicitam-se, a seguir, as restrições que se mostraram pertinentes para a análise empreendida. Salienta-se novamente aqui, por pertinente, que no Modelo BiPhon a percepção tem natureza fonológica, sendo expressa, no Módulo da Compreensão, pela relação entre a [Forma Fonética] e a /Forma Fonológica de Superfície/, pela interação entre Restrições de Estrutura e Restrições de Pista (veja-se FIGURA 1).

5.1 Restrições de Estrutura

As Restrições de Estrutura avaliam a /Forma Fonológica de Superfície/ e interagem com as Restrições de Pista. No caso da formalização da percepção, via Modelo Biphon, foco do estudo, conforme explicado na Seção 2.2, as Restrições de Estrutura têm a função de proibir determinada forma de *output* na /Forma Fonológica de Superfície/. E estas restrições devem lidar apenas com aquelas formas que foram previstas como candidatas, que neste trabalho foram (ver Quadros 2 e 3):

- 1) vogal oral [a] percebida como vogal oral /a/;
- 2) vogal oral [a] percebida como vogal nasal /ã/;
- 3) vogal nasal [ã] percebida como vogal oral /a/;
- 4) vogal nasal [ã] percebida como vogal nasal /ã/.

O entendimento dos pressupostos teóricos que dão suporte a este estudo é fator fundamental, o que justifica a Seção 2.2 do artigo. Nesse contexto, merece ser salientado que, ao tratar das restrições, a teoria deixa claro que pertencem a um conjunto universal. Buscaram-se, então, restrições que, em análises já efetuadas, mostraram estar operantes na gramática de outras línguas. Assim, tomaram-se emprestadas Restrições de Estrutura presentes em Kager (1999): as restrições $*V_{\text{ORAL}}N$ e $*V_{\text{NASAL}}$ foram consideradas fundamentais para a formalização do fragmento de gramática relativo à percepção da vogal /a/ por nativos do espanhol e por brasileiros aprendizes da língua, conforme está expresso em (1):

(1)

- (a) $*V_{\text{ORAL}}N$ = São proibidas vogais orais diante de consoante nasal tautossilábica. (KAGER, 1999, p.28)
- (b) $*V_{\text{NASAL}}$ = São proibidas vogais nasais. (KAGER, 1999, p. 28)

A restrição $*V_{\text{NASAL}}$ é capaz de captar a ideia universal de que não há línguas que possuam apenas vogais nasalizadas (GOUSKOVA, 2009). Logo, prever restrição contra a nasalização vocálica *versus* contra vogal oral é o primeiro passo para a formalização do fenômeno aqui sob análise, com a comparação de duas línguas: português e espanhol. Neste caso, é uma restrição que deve receber um valor central alto, considerando-se que, tanto para os nativos do espanhol, quanto para os brasileiros aprendizes desta língua, a percepção da vogal nasalizada pareceu mais custosa ou mais marcada.

Já a restrição $*V_{\text{ORAL}}N$, que proíbe vogais orais diante de consoante nasal, em contexto tautossilábico, é relevante para diferenciar aqueles casos, no português, em que a vogal nasalizada pode ter cunho fonológico, o que de fato ocorreu nos dados mostrados nos Quadros 2 e 3. Assim, o esperado é que a posição desta restrição na gramática dos nativos de espanhol esteja em posição alta na hierarquia, isto é, que tenha pesos maiores, que demonstrem que a sua proibição tem uma eficácia maior na emergência de vogal nasal na /Forma Fonológica de Superfície/, já que o espanhol não apresenta nasalidade vocálica fonológica.

5.2 Restrições de Pista

As Restrições de Pista, diferentemente das Restrições de Estrutura, avaliam pistas fonéticas específicas de língua na interação entre os níveis

fonético e fonológico. Penalizam o desvio entre a /Forma Fonológica de Superfície/ (*output* da percepção) e a [Forma Fonética] (*input* da percepção) e são lidas da seguinte forma: não perceber os estímulos produzidos ([pistas acústicas]) como uma /vogal oral/nasalizada/.

Assim, estas restrições devem prever todas as possibilidades de relação *input* – *output*, consideradas no fragmento da gramática em foco e representadas nos Quadros 2 e 3. Em (2), estão as seis Restrições de Pista utilizadas na análise aqui proposta.

(2)

- (a) *[F1 ~ 728Hz] /a+nasal/ → *[ã] /ã/
- (b) *[F1 ~ 728Hz] /a/ → *[ã] /a/
- (c) *[F1 ~ 848Hz] /a/ → *[a] /a/
- (d) *[F1 ~ 848Hz] /a+nasal/ → *[a] /ã/
- (e) *[Duração <0,1 s] /a/ → *[a] /a²³/
- (f) *[Duração <0,1 s] /a+nasal/ → *[a] /ã/

Os valores de F1 e de duração foram tomados como pistas relevantes para a análise. Esses valores referentes à vogal /a/ nos diferentes contextos foram extraídos das médias das produções dos dois locutores que gravaram as palavras listadas no Quadro 1, para a elaboração do teste de percepção. Essas informações acústicas foram comparadas aos dados obtidos em Brisolar, Matzenauer e Seara (2019) para que se pudesse estabelecer um parâmetro sobre as produções das pistas de vogal /a/ com nasalização e sem nasalização.

A pista destacada na análise para diferenciar acusticamente a vogal oral da vogal nasalizada foi a redução do primeiro formante (DELATTRE, 1954), considerada a característica proeminente nos estudos sobre nasalidade vocálica em termos acústicos, conforme já referido na Seção 4.

Dessa forma, os limites de F1 da vogal /a/, registrados pelas médias F1 ~ 728hz e F1 ~ 848hz deveriam estabelecer que os sons com F1 mais baixos (F1 ~ 728hz) fossem interpretados como vogal nasal e os sons com F1 mais altos (F1 ~ 848hz), como oral. Entretanto, os

²³ As Restrições de Pista da duração foram utilizadas para explicar a duração baixa do estímulo da palavra ‘manera’.

resultados apresentados nos Quadros 2 e 3 parecem mostrar que outras variáveis acústicas, ou mesmo fonológicas, também podem influenciar na percepção da vogal em contexto nasal. Destaca-se, assim, o registro da duração como outro parâmetro acústico, ou pista acústica, também relevante para formalizar a percepção da vogal em contexto de nasal, neste estudo, pois os valores da duração da locutora na palavra ‘*manera*’ ficaram muito abaixo do esperado para uma vogal nasal, mesmo em contexto heterossilábico.²⁴

6 Simulações de Gramáticas

Em virtude de o BiPhon utilizar, para o mapeamento entre o *input* e o *output*, o modelo de avaliação de restrições da OT Estocástica, a qual inclui o GLA, conforme já anteriormente explicitado, os dados precisaram ser abordados por meio de simulações computacionais de gramáticas.

Diante do fenômeno objeto de análise na investigação aqui relatada – a nasalidade da vogal /a/ – brasileiros aprendizes de espanhol e uruguaios falantes nativos dessa língua apresentam diferentes gramáticas, o que está expresso na formalização dos *tableaux* de 1 a 4.

Como o foco deste estudo está na percepção, a análise ficou centrada no Módulo da Compreensão do BiPhon, modelo de gramática que propõe que as formas de *output* observadas na língua surgem da satisfação de um conflito de restrições (veja-se FIGURA 1).

Além disso, a partir deste Modelo Bidirecional, a gramática vai definir também a distribuição da probabilidade da ocorrência de cada *output*; os valores centrais das restrições (*ranking values*), mais altos ou mais baixos, vão representar aquelas restrições que vão estar, mais vezes, acima ou abaixo na hierarquia, possibilitando que se faça diferença na probabilidade de ocorrência levantada para a emergência dos candidatos na superfície (vogal oral ou nasalizada).

Nos “*Tableaux* de percepção” 1 e 2, apresentados a seguir, são mostradas duas rodadas dos dados obtidos junto aos brasileiros aprendizes de espanhol e, nos “*Tableaux* de percepção” 3 e 4, apresentados a seguir, trazem-se duas rodadas dos dados obtidos junto aos uruguaios. São aqui

²⁴ Como a metade das palavras incluídas no Teste de Identificação foi retirada do locutor do sexo feminino e a outra metade do locutor do sexo masculino, a palavra ‘*manera*’ inserida no teste foi a gravada pela locutora.

registradas duas rodadas de cada um dos dois grupos de informantes, a fim de exemplificar-se a escolha de diferentes *outputs* a partir de estímulos com a presença da vogal /a/ do espanhol no contexto de consoante(s) nasal(is). As diferentes rodadas para cada grupo de informantes mostram a variação linguística na percepção da nasalidade alofônica no espanhol por brasileiros e uruguaios. Observe-se ainda que os *tableaux*, todos apresentados na Seção 6.1, trazem apenas dois candidatos a *output*, ou seja, apenas as formas que, variavelmente, foram percebidas pelos informantes da pesquisa.

Reitera-se que, no modelo Biphon, tal como na Teoria da Otimidade, a gramática das línguas é um conjunto de restrições e o que as diferencia é a hierarquia. Assim, enquanto a escolha das restrições é fundamental na descrição do processo fonológico, a interação entre as restrições é fundamental na formalização dos fenômenos. A escolha pelo modelo Biphon na presente análise, com o uso OT Estocástica, que está vinculada a um Algoritmo de Aprendizagem Gradual, está na possibilidade de ficarem demonstradas as variações apresentadas nos *outputs* dos participantes da pesquisa, na percepção da nasalidade vocálica.

Conforme demonstrado nos Quadros 2 e 3, os participantes brasileiros, aprendizes de espanhol, apresentaram maior facilidade em perceber *inputs* nasalizados. Tal resultado se apresentará em forma de restrições que proíbem ou permitem a presença de vogais nasais no *output* da percepção e nas suas relações variáveis. Assim, em uma relação direta, quanto mais próximos os pesos centrais (*ranking value*) das restrições que proíbem e permitem a emergência da vogal nasal, maior é a variação dos *outputs* com e sem a vogal nasal. A informação sobre quão frequente é esta variação e qual *output* emerge como candidato ótimo mais vezes é explicada, também, pelo peso das restrições. Aquelas restrições com valores maiores no *ranking value* estarão mais vezes acima, na hierarquia, impedindo candidatos a *output* de emergirem.

6.1 A gramática da LE dos brasileiros aprendizes de espanhol

Apresenta-se, a seguir, a formalização do fragmento da gramática do espanhol como LE dos brasileiros aprendizes de espanhol, com relação ao foco do presente estudo, por meio dos *Tableaux* de percepção 1 e 2.

Na percepção da vogal nasalizada no espanhol, as possibilidades de candidatos esperadas foram extraídas dos percentuais das respostas do Teste de Identificação, expostas nos Quadros 2 e 3.

Os dados evidenciam que, diante das formas fonéticas ouvidas (sejam de vogal oral ou nasalizada), a percepção dos brasileiros pode levar à categorização como /Forma Fonológica/ oral (/a/) ou nasalizada (/ã/).

Os processos de alternâncias alofônicas nas línguas, seja em dados de variação ou dados de aquisição, são alvo de discussão à luz de modelos fonológicos. E quando é proposta uma análise a partir de um modelo com três níveis de representação, sendo dois fonológicos e um estritamente fonético, é assumida uma explicação menos tradicional em modelos fonológicos, conforme se verá a seguir.

Primeiramente é formalizada a simulação da percepção da vogal como segmento oral; veja-se o *Tableau* de Percepção 1 – 1ª Rodada.

TABLEAU DE PERCEPÇÃO 1 – Fragmento da gramática da LE dos Brasileiros – 1ª Rodada – percepção da vogal como segmento oral

	ranking value	dis/harmony	placidity					
*[F1-848Hz] /a+nasal/	100.419	103.854	1.000000					
*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	100.452	102.771	1.000000					
*[F1-728Hz] /a+nasal/	99.875	102.508	1.000000					
**VNASAL	100.294	101.555	1.000000					
*[F1-848Hz] /a/	99.581	100.622	1.000000					
*[F1-728Hz] /a/	100.125	99.995	1.000000					
**VORALN	99.644	99.817	1.000000					
*[Dur<0,1 ms] /a/	99.548	98.995	1.000000					

[ln]AudF	*[F1-848Hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[F1-728Hz] /a+nasal/	**VNASAL	*[F1-848Hz] /a/	*[F1-728Hz] /a/	**VORALN	*[Dur<0,1 ms] /a/
☞ m[̃]ntoAudF m /a/ ntoSF						*	*	
m[̃]ntoAudF m /ã/ ntoSF			*!	*				

[m]AudF	*[F1-848Hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[F1-728Hz] /a+nasal/	**VNASAL	*[F1-848Hz] /a/	*[F1-728Hz] /a/	**VORALN	*[Dur<0,1 ms] /a/
☞ p[̃]ntoAudF p /a/ ntoSF					*		*	
p[̃]ntoAudF p /ã/ ntoSF	*!			*				

[n]AudF	*[F1-848Hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[F1-728Hz] /a+nasal/	**VNASAL	*[F1-848Hz] /a/	*[F1-728Hz] /a/	**VORALN	*[Dur<0,1 ms] /a/
☞ p[̃]nicoAudF p /a/ nicoSF					*			
p[̃]nicoAudF p /ã/ nicoSF	*!			*				

[k]AudF	*[F1-848Hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[F1-728Hz] /a+nasal/	**VNASAL	*[F1-848Hz] /a/	*[F1-728Hz] /a/	**VORALN	*[Dur<0,1 ms] /a/
☞ m[̃]neraAudF m /a/ neraSF						*		*
m[̃]neraAudF m /ã/ neraSF		*!	*	*				

[a]AudF	*[F1-848Hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[F1-728Hz] /a+nasal/	**VNASAL	*[F1-848Hz] /a/	*[F1-728Hz] /a/	**VORALN	*[Dur<0,1 ms] /a/
☞ p[̃]dreAudF p /a/ dreSF					*			*

Fonte: As autoras

Esse primeiro *Tableau* de percepção representa uma simulação da formalização das restrições em um momento no qual os participantes do Teste de Identificação estão interpretando todos os sons [a] do espanhol como oral, mesmo que tenham sido produzidos como nasalizados pelos locutores.

O *input* está representado na primeira coluna do *Tableau*,²⁵ as restrições estão organizadas de acordo com o valor *disharmony* (valor de seleção) e o *output* ótimo está indicado, também na primeira coluna, com a notação \mathcal{E} , que representa um momento de produção linguística. As restrições, quanto mais à esquerda, mais acima no *ranking* estão, e foram organizadas automaticamente pelo *software* PRAAT, de acordo com os pesos *disharmony*, que podem variar a cada produção (rodada do sistema).

Neste caso, as restrições que proíbem a vogal nasal no *output*, impedindo a emergência deste tipo de candidato como ótimo, são promovidas; são Restrições de Pista e uma Restrição de Estrutura: *[F1~848hz]/a+nasal/; *[F1~728hz]/a+nasal/; *V_{NASAL}. A exceção desta organização nas restrições ocorre naquele *input* que teve o pequeno valor de duração para a vogal, no *input* ('*manera*'), aparentemente influenciando no resultado da percepção. Para os candidatos a *output* advindos deste *input*, a Restrição de Pista *[Dur<0,1s]/a+nasal/ foi relevante e assumiu uma posição alta no *ranking*.

De acordo com os pressupostos teóricos do Algoritmo de Aprendizagem Gradual (GLA), utilizado no modelo por estar vinculado à OT Estocástica, reforça-se aqui que os valores centrais devem permanecer os mesmos nas simulações dos diversos momentos de percepção; o que vai mudar são os pontos de seleção (*disharmony*), de forma a demonstrar como se dá a ocorrência de candidatos variáveis, motivo pelo qual se apresentam dois *Tableaux* de Percepção para formalizar tanto a percepção dos brasileiros, como, depois, a percepção dos uruguaios.

Destaca-se a inclusão do último *Tableau* com a palavra 'padre',²⁶ que atendeu ao objetivo de demonstrar que a versão nasal ocorre em

²⁵ O valor de plasticidade apresentado junto aos valores *disharmony* e *ranking value* representa a taxa de incremento/decremento do algoritmo. O valor utilizado, igual a 1,000000, é o valor *default* do *software* e pode ser alterado pelo pesquisador.

²⁶ Foram também gravadas pelos locutores palavras que não continham nenhuma consoante nasal próxima à vogal baixa, mas estas não foram usadas nos estudos de Brisolara e Matzenauer (2018a, 2018b).

contexto com a consoante nasal, mas que a versão oral ocorre em qualquer contexto. Neste caso, a opção será sempre pelo candidato fiel, definido pelas Restrições de Pista.

Em uma segunda rodada, o *Tableau* de percepção dos brasileiros vai representar um segundo momento na percepção dos sons, em que há outras possibilidades de *output* ótimo, ou seja, há variação na percepção (com a vogal nasalizada ou com a vogal oral), mesmo diante de *inputs* com a vogal oral.

TABLEAU DE PERCEPÇÃO 2 – Fragmento da gramática da LE dos Brasileiros – 2ª Rodada – percepção variável da vogal (ora como segmento oral, ora como segmento nasalizado)

	ranking value	disparity	plasticity						
*VORALN	99.644	104.517	1.000000						
*VNASAL	100.294	101.752	1.000000						
*[F1-728Hz]/a/	100.125	101.528	1.000000						
*[F1-728Hz]/a=nasal/	99.875	101.197	1.000000						
*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	100.452	100.924	1.000000						
*[F1-848Hz]/a=nasal/	100.419	99.595	1.000000						
*[F1-848Hz]/a/	99.581	97.878	1.000000						
*[Dur<0,1 ms]/a/	99.548	96.762	1.000000						

[ŋ]AuDF	*VORALN	*VNASAL	*[F1-728Hz]/a/	*[F1-728Hz]/a=nasal/	*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a/	*[Dur<0,1 ms]/a/
m[k]ntoAuDF m/a/ntoSF	*		*					
☞ m[k]ntoAuDF m/l/ntoSF		*		*				

[a]AuDF	*VORALN	*VNASAL	*[F1-728Hz]/a/	*[F1-728Hz]/a=nasal/	*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a/	*[Dur<0,1 ms]/a/
p[a]nfletoAuDF p/a/nfletoSF	*						*	
☞ p[a]nfletoAuDF p/l/nfletoSF		*				*		

[a]AuDF	*VORALN	*VNASAL	*[F1-728Hz]/a/	*[F1-728Hz]/a=nasal/	*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a/	*[Dur<0,1 ms]/a/
☞ p[a]nicoAuDF p/a/nicoSF							*	
p[a]nicoAuDF p/l/nicoSF		*				*		

[l]AuDF	*VORALN	*VNASAL	*[F1-728Hz]/a/	*[F1-728Hz]/a=nasal/	*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a/	*[Dur<0,1 ms]/a/
☞ m[k]neraAuDF m/a/neraSF			*					*
m[k]neraAuDF m/l/neraSF		*		*	*			

[a]AuDF	*VORALN	*VNASAL	*[F1-728Hz]/a/	*[F1-728Hz]/a=nasal/	*[Dur<0,1 ms]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a=nasal/	*[F1-848Hz]/a/	*[Dur<0,1 ms]/a/
☞ p[a]dreAuDF p/a/dreSF							*	*

Fonte: As autoras

Neste segundo *Tableau* de percepção, nos casos em que o *output* da percepção é vogal nasal (como em ‘*manto*’ e ‘*panfleto*’),²⁷ tem-se a restrição *V_{ORAL}^N promovida na hierarquia, marcando uma relação

²⁷ Nota-se que, no *Tableaux* de Percepção 2, mesmo em palavras que na língua espanhola não há nasalização, como em “panfleto”, o *output* da percepção é de uma vogal nasalizada.

entre as restrições, diferente da que foi apresentada na primeira rodada da percepção para os brasileiros²⁸ (*Tableau* de percepção 1).

Por outro lado, o fato de a Restrição de Marcação *V^{NASAL} (100.294) e as Restrições de Pista *[Dur<0,1s]/a+nasal/ (100.452) e *[F1~848hz]/a+nasal/ (100.419) apresentarem valores centrais mais altos informa que os candidatos com *output* oral são mais frequentes, pois têm menor possibilidade de ser proibidos, ou seja, têm mais chance de emergirem como ótimos.

Os dados dos estudantes brasileiros evidenciaram maior índice de variação na percepção de *inputs* com vogal nasalizada do que ao se depararem com *inputs* com vogal oral. Este resultado pode estar ligado ao fato de a vogal /a/, altamente não marcada nas línguas, ser perceptualmente menos desafiadora do que uma vogal nasal (CROSSWHITE, 2001; LINDBLOM, 1986), mas também pode ser explicado por, no português, a nasalidade poder ser fonológica no grupo VN (“*manta*”). Além disso, pode ser decorrente do fato de a duração das vogais nasalizadas no espanhol terem duração menor do que se verifica no português (veja-se Seção 4). Ainda pode estar vinculado à pressuposição, a partir de orientações generalizantes recebidas em sala de aula de espanhol, de que nessa língua não são produzidas vogais nasalizadas.

Tal situação está representada, na formalização dos *Tableaux* de percepção 1 e 2, na posição que as Restrições de Estrutura assumem no *ranking* correspondente à gramática da LE dos brasileiros aprendizes de espanhol. De forma muito sutil, a hierarquia de restrições que representa a gramática dos brasileiros para o fenômeno aqui estudado demonstra que as Restrições de Estrutura recebem pesos que permitem a emergência da vogal nasalizada no /output/ da percepção, ou seja, na /Forma Fonológica de Superfície/, especialmente naqueles casos em que o contexto é VN.

Nesse sentido, as Restrições de Estrutura, na gramática dos brasileiros, assumem posições mais centrais na hierarquia, de forma a permitir a emergência mais frequente de *outputs* da percepção com a vogal nasal. Interpreta-se, portanto, que esse resultado é motivado pelo fato de, ao se deparar com uma construção incomum no processo de aquisição de uma LE, o ouvinte a detectará e resolverá a questão de acordo com as normas de sua língua materna. Esse fato implica que a

²⁸ Ressalta-se que as diferenças com relação à hierarquia apresentada nos *Tableau* de percepção 1 e 2 somente ocorreram, porque a distância entre os valores centrais das restrições era inferior a 10 pontos.

percepção é fonológica e está representada pela interação entre Restrições de Pista e de Estrutura.

Passa-se agora à formalização da gramática dos uruguaios, com relação ao objeto de estudo aqui proposto, por meio dos *Tableaux* de percepção 3 e 4.

6.2 A gramática dos uruguaios

No nível da percepção dos participantes uruguaios, as possibilidades de candidatos esperadas foram extraídas das respostas do Teste de Identificação, expostas nos Quadros 2 e 3.

Formaliza-se, inicialmente, a simulação da percepção da vogal como segmento oral pelos informantes uruguaios; veja-se o *Tableau* de Percepção 3 – 1ª Rodada, que apresenta o fragmento da gramática relativa ao foco do presente estudo.

TABLEAU DE PERCEPÇÃO 3 – Fragmento da gramática dos Uruguaios – 1ª Rodada – percepção da vogal como segmento oral

	ranking value	dis-harmony	placidity
*VNASAL	101.024	102.342	1.000000
*VORALNT	100.737	101.127	1.000000
*[F1-728hz] /a+nasal/	100.844	100.858	1.000000
*[F1-848hz] /a+nasal/	100.181	100.381	1.000000
*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	101.352	98.509	1.000000
*[Dur<0,1 ms] /a/	98.648	97.688	1.000000
*[F1-728hz] /a/	99.156	96.050	1.000000
*[F1-848hz] /a/	99.819	95.314	1.000000

[m]AudF	*VNASAL	*VORALNT	*[F1-728hz] /a+nasal/	*[F1-848hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a/	*[F1-728hz] /a/	*[F1-848hz] /a/
☞ m[̥]nto:AudF m /a/ nto:SF		*					*	
m[̥]nto:AudF m /k/ nto:SF	*!		*					

[n]AudF	*VNASAL	*VORALNT	*[F1-728hz] /a+nasal/	*[F1-848hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a/	*[F1-728hz] /a/	*[F1-848hz] /a/
☞ p[a]nfto:AudF p /a/ nfto:SF		*						*
p[a]nfto:AudF p /k/ nfto:SF	*!			*				

[a]AudF	*VNASAL	*VORALNT	*[F1-728hz] /a+nasal/	*[F1-848hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a/	*[F1-728hz] /a/	*[F1-848hz] /a/
☞ p[a]nico:AudF p /a/ nico:SF								*
p[a]nico:AudF p /k/ nico:SF	*!			*				

[l]AudF	*VNASAL	*VORALNT	*[F1-728hz] /a+nasal/	*[F1-848hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a/	*[F1-728hz] /a/	*[F1-848hz] /a/
☞ m[̥]nera:AudF m /a/ nera:SF						*	*	
m[̥]nera:AudF m /k/ nera:SF	*!		*		*			

[a]AudF	*VNASAL	*VORALNT	*[F1-728hz] /a+nasal/	*[F1-848hz] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a+nasal/	*[Dur<0,1 ms] /a/	*[F1-728hz] /a/	*[F1-848hz] /a/
☞ p[a]dre:AudF p /a/ dre:SF						*	*	

Fonte: As autoras

Seguindo o mesmo tratamento dado à formalização da percepção da LE dos brasileiros aprendizes de espanhol, esse primeiro *tableau* de percepção dos uruguaios representa um momento no qual os participantes do Teste de Identificação estão interpretando todas as ocorrências de [a] como oral, mesmo que tenham sido produzidas como nasalizadas pelos locutores.

A identificação em maior número da vogal /a/ como oral, mesmo em contexto nasal, está representada pelo peso recebido pela Restrição de Estrutura *V_{NASAL} (101.024), que impede que os *outputs* da percepção com a vogal nasalizada apareçam, ou seja, que possibilite que *outputs* da percepção com a vogal oral emergjam de forma mais frequente.

Destaca-se, neste ponto, que a presença da categorização, no /output/ da percepção, de vogal nasalizada não implica que a gramática do espanhol tenha vogais nasais, mas que categoriza, como um movimento fonético-fonológico desse sistema linguístico, a possibilidade de nasalização da vogal em contexto de consoante nasal, isto é, argumenta-se a favor de a alofonia estar presente no nível fonológico de superfície, que reúne a passagem da informação estritamente fonética para a categorização fonológica, ainda sem acesso ao léxico.

O *Tableau* de Percepção 4 formaliza, em uma segunda rodada, a percepção variável que os uruguaios apresentam: mesmo diante de *inputs* com a vogal oral, variavelmente podem escolher diferentes /*outputs*/ da percepção com a vogal nasalizada ou com a vogal oral.

TABLEAU DE PERCEPÇÃO 4 – Fragmento da gramática dos Uruguaios
– 2ª Rodada – percepção variável da vogal (ora como segmento oral, ora como
segmento nasalizado)

	ranking value	dis/harmony	p/centricity					
*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	101.352	103.750	1.000000					
*[F1-848hz] /a/	99.819	101.828	1.000000					
*VNASAL	101.024	100.347	1.000000					
*[Dur<0,1 ms] /a/	98.648	99.920	1.000000					
*VORALNT	100.737	98.864	1.000000					
*[F1-728hz] /a/nasal/	100.844	98.732	1.000000					
*[F1-848hz] /a/nasal/	100.181	98.610	1.000000					
*[F1-728hz] /a/	99.156	98.408	1.000000					

[m]Auðf	*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/	*VNASAL	*[Dur<0,1 ms] /a/	*VORALNT	*[F1-728hz] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/nasal/	*[F1-728hz] /a/
m[ɫ]ntoAuðf m /a/ ntoSF					*			*
m[ɫ]ntoAuðf m /ɫ/ ntoSF			!			*		

[m]Auðf	*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/	*VNASAL	*[Dur<0,1 ms] /a/	*VORALNT	*[F1-728hz] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/nasal/	*[F1-728hz] /a/
p[ɫ]ntoAuðf p /a/ ntoSF		!			*			
p[ɫ]ntoAuðf p /ɫ/ ntoSF			*				*	

[n]Auðf	*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/	*VNASAL	*[Dur<0,1 ms] /a/	*VORALNT	*[F1-728hz] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/nasal/	*[F1-728hz] /a/
p[ɫ]nicoAuðf p /a/ nicoSF		!						
p[ɫ]nicoAuðf p /ɫ/ nicoSF			*				*	

[ɫ]Auðf	*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/	*VNASAL	*[Dur<0,1 ms] /a/	*VORALNT	*[F1-728hz] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/nasal/	*[F1-728hz] /a/
m[ɫ]nteraAuðf m /a/ nteraSF				*				*
m[ɫ]nteraAuðf m /ɫ/ nteraSF	!		*			*		

[a]Auðf	*[Dur<0,1 ms] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/	*VNASAL	*[Dur<0,1 ms] /a/	*VORALNT	*[F1-728hz] /a/nasal/	*[F1-848hz] /a/nasal/	*[F1-728hz] /a/
p[ɫ]draAuðf p /a/ draSF		*		*				

Fonte: As autoras

Na gramática dos uruguaios, as Restrições de Estrutura assumem posições um pouco mais altas no *ranking* (valores centrais maiores) em comparação com a gramática da LE dos brasileiros, informando que, nesta variedade do espanhol, a opção é pela vogal oral, menos marcada nas línguas.

Os dados mostraram que, diante de um [*input*] com uma vogal nasalizada, os uruguaios, na maioria das vezes, perceberam a vogal como oral, isto é, a fonologia da língua, com a promoção das Restrições de Estrutura no *ranking*, fez com que os uruguaios bloqueassem a possibilidade de */outputs/* da percepção fiéis à forma nasalizada.

Esse fato implica que, na passagem da *|Forma Fonológica de Superfície|* para a *|Forma Subjacente|* (módulo estritamente fonológico), a categorização da vogal, tanto no português como no espanhol, será exclusivamente oral.

Dessa forma, a representação aqui formalizada para a percepção das vogais com e sem a nasalização segue o princípio de que todas as restrições são relevantes para a análise e apresentam valores próximos, tendo em vista que todas as possibilidades de candidatos propostas são possíveis. No entanto, destaca-se que há uma relação marcada entre as Restrições de Pista e de Estrutura, que indica a relevância entre a escolha de uma ou outra forma.

Em síntese, têm-se, nos *Tableaux* de percepção 3 e 4, a formalização e a explicitação, por meio de restrições, dos resultados percentuais registrados nos Quadros 2 e 3, entendendo-se por que os uruguaiois percebem e categorizam na /Forma Fonológica de Superfície/ em grande parte das vezes um /output/ da percepção que é oral.

Há um destaque para a relevância das Restrições de Pista, que vão assumir os pesos com valores mais altos, evidenciando, portanto, que o fenômeno da nasalização, no espanhol, demanda o relacionamento importante com a manifestação fonética que ocorre em determinados contextos.

Ao mesmo tempo, observa-se a proximidade dos valores centrais apresentados pelas Restrições de Estrutura e de Pista, revelando que as restrições fonológicas também assumem papel em alguns momentos na explicação da nasalização da vogal /a/, especialmente diferenciando os resultados obtidos nos contextos tautossilábicos e heterossilábicos.

Pela variação que os dados mostraram, era de esperar-se que os valores centrais das restrições fossem tão próximos que possibilitassem a emergência de todos os candidatos. Assim, não há uma restrição altamente ranqueada, com valor central bem superior às demais restrições. Essa situação advém de dois fatos, um empírico e outro formal:

- (a) os acertos, no teste de percepção de vogais em contextos de nasalização, não alcançaram 100%, o que evidencia que realmente há variação na percepção de vogais nasalizadas;
- (b) na formalização dos dados por meio de *tableaux* não foi previsto nenhum candidato que não possa ser encontrado nos dados.

Como consequência do item (b), todos os candidatos efetivamente ocorrem de forma variável. Poderiam ter sido propostos candidatos impossíveis, para demonstrar que há, na gramática, alguma forma de dominância sem possibilidade de variação, entretanto a criação de mais

candidatos demandaria mais restrições fonéticas; por isso optou-se por manter, na análise, apenas os candidatos cuja escolha como ótimo é possível.

7 Conclusão

Com o suporte do Modelo BiPhon, foi respondida a primeira questão proposta para a pesquisa sobre a percepção de vogais nasalizadas no espanhol: falantes nativos do português do Brasil, no processo de aquisição do espanhol como LE, alcançaram maior sucesso na percepção de vogais nasalizadas presentes no espanhol do que uruguaios, falantes nativos desta língua; sendo assim, são evidenciados comportamentos distintos, quanto ao fato aqui estudado, entre uruguaios e brasileiros aprendizes de espanhol. A formulação dessa questão foi motivada pelo entendimento de que a percepção é fonológica, resultante, à luz do BiPhon, do mapeamento de [Forma Fonética] em /Forma Fonológica de Superfície/.

Sob a luz dos pressupostos desse modelo, também foi respondida a segunda questão, sendo formalizada a percepção como o mapeamento entre o *continuum* fonético e o discreto fonológico, caracterizando e representando a diferente gramática dos uruguaios e da LE dos brasileiros aprendizes de espanhol, quanto à percepção da vogal /a/ nasalizada, pela interação entre Restrições de Pista e Restrições de Estrutura.

Basicamente procurou-se mostrar que a diferença está no peso central das Restrições de Estrutura. Considerando que, no português, a nasalidade pode ser fonológica, como em “*manta*”, ou alofônica, como em “*pânico*”, distintamente do espanhol, a representação mostrou-se diferenciada em falantes de uma e de outra língua.

Este condicionamento fez com que a restrição que proíbe a vogal oral no contexto VN ($*V_{\text{ORAL}}N$) recebesse um peso diferenciado da restrição $*V_{\text{NASAL}}$, também no espanhol (Hierarquia (gramática) da LE dos brasileiros $\rightarrow *V_{\text{NASAL}}$ (100.294) e $*V_{\text{ORAL}}N$ (99.644); Hierarquia (gramática) dos uruguaios $\rightarrow *V_{\text{NASAL}}$ (101.024) e $*V_{\text{ORAL}}N$ (100.737)).

Assim, no BiPhon, o melhor desempenho dos brasileiros na percepção da vogal nasalizada do espanhol, em comparação com os uruguaios, pode ser interpretado pelos valores centrais das restrições, que vão permitir maior ou menor movimentação na hierarquia. A Restrição de Estrutura violada pelos *outputs* com vogal nasal ($*V_{\text{NASAL}}$), na gramática

da LE dos brasileiros, recebeu um peso central cuja distância é menor em relação às demais restrições, em comparação à hierarquia (gramática) dos uruguaiois, informando que os *outputs* variáveis ocorrem de forma mais frequente na percepção dos brasileiros aprendizes de espanhol.

Cumpra ressaltar o argumento do texto a favor da presença das formas alofônicas no nível fonológico de superfície, que ainda contém detalhes fonéticos. Tal pressuposto significa que a ausência de vogais nasais na gramática do espanhol estaria determinada no nível do reconhecimento, nível meramente fonológico (veja-se FIGURA 1).

A investigação também mostrou o caráter variável da percepção em brasileiros aprendizes de espanhol e em uruguaiois, com maior tendência, pelos uruguaiois, de perceber vogal oral mesmo quando o *input* ouvido está nasalizado. Esse fato pode ser somado às evidências da natureza fonológica da percepção linguística.

Contribuição das autoras

As autoras trabalharam de maneira conjunta em todas as seções que integraram este artigo, respondendo cada uma pelo percentual 33,33%.

Referências

ALVES, U. K. Teoria da otimidade estocástica e algoritmo de aprendizagem gradual: princípios de funcionamento e tutorial para simulação computacional. *ReVEL*, [S.l.], v. 15, n. 28, p. 202-234, 2017.

BAILEY, A. A. Similar, yet Different: Acquisition of Brazilian Portuguese Nasal Vowels by Spanish-English Bilinguals. In: AMARO, J. C. *et al.* (org.). *Selected Proceedings of the 16th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2013. p. 128-142.

BISOL, L. Estudos sobre nasalidade. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. VIII, p. 501-535.

BOERSMA, P. Prototypicality Judgments as Inverted Perception. In: FANSELOW, G.; FÉRY, C.; SCHLESEWSKY, M.; VOGEL, R. (org.). *Gradience in Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 167-184. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199274796.003.0009>

BOERSMA, P. Cue Constraints and their Interactions in Phonological Perception and Production. *Rutgers Optimality Archive*, Berlin, n. 944, p. 1-42, 2007.

BOERSMA, P. Modelling Phonological Category Learning. In: COHN, A. C.; FOUGERON, C.; HUFFMAN, M. K. (org.). *Handbook of Laboratory Phonology*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 207-218.

BOERSMA, P. A Programme for Bidirectional Phonology and Phonetics and their Acquisition and Evolution. In: BENZ, A; MATTAUSCH, J. (org.). *Bidirectional Optimality Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 33-72. Doi: <https://doi.org/10.1075/la.180.02boe>

BOERSMA, P.; HAMANN, S. Introduction: Models of Phonology in Perception. In: _____. (org.). *Phonology in Perception*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 1-24.

BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 32, n. 1, p.45-86, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1162/002438901554586>

BOERSMA, P.; PATER, J. *Convergence Properties of a Gradual Learning Algorithm for Harmonic Grammar*. Amsterdam: University of Amsterdam; UMass Amherst, 2008.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat. Doing Phonetics by Computer* (versão 5.3.84). 2013. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRISOLARA, L. B.; MATZENAUER, C. L. B. A percepção da vogal /a/ do espanhol, em contextos nasais, por brasileiros. *Gradus: Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 42-63, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20190002>

BRISOLARA, L. B.; MATZENAUER, C. L. B. A nasalidade vocálica em espanhol: um estudo de percepção. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 12-29, 2018b. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i45.1102>

BRISOLARA, L. B.; MATZENAUER, C. L. B.; SEARA, I. C. A vogal /a/ do espanhol em contexto nasal – a produção de brasileiros. *Linguística*, Montevideo, v. 35, n. 1, p. 11-34, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190002>

CAGLIARI, L. C. *An Experimental Study of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese*. 1977. 320f. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Linguistics and English Language, University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.

CÂMARA Jr, J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CROSSWHITE, K. *Vowel Reduction in Optimality Theory*. New York: Routledge, 2001.

DELATTRE, P. Les Attributs Acoustiques de la nasalité vocalique et consonantique. *Studia Linguistica*, Reino Unido, v. 8, n. 2, p. 103-109, 1954. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.1954.tb00507.x>

ESCUADERO, P. *Linguistic Perception and Second Language Acquisition: Explaining the Attainment of Optimal Phonological Categorization*. 2005. 348f. Tese (Doutorado em Linguística) – Utrecht University, Utrecht, Holanda, 2005.

GOUSKOVA, M. Optimality Theory in Phonology. In: BERND H.; NARROG, H. (org.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 531-553. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199544004.013.0021>

HARO, A. H. La percepción de la nasalidad en las vocales españolas. *Vida Hispánica*, Wollongong, v 44, p. 12-15, 2011.

HUALDE, J. I.; COLINA, S. *Los Sonidos del Español*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511719943>

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812408>

LINDBLOM, B. Phonetic Universals in Vowel Systems. In: OHALA, J. J.; JAEGER, J. J. (org.). *Experimental Phonology*. Orlando: Academic Press, 1986. p. 13-44.

NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación española*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1918[2004].

PASCA, M. A. *Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por estudantes de língua portuguesa: a questão da percepção*. 2003. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

QUILIS, A. *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

RAUBER, A.; RATO, A.; SANTOS, G.; KLUGE, D.; FIGUEIREDO, M. *TP - Testes de Percepção / Tarefas de Treinamento Perceptual*. 2012. Disponível em: http://www.worken.com.br/tp/tp_instala.html. Acesso em: 19 set. 2016.

RODRIGUES-ALVES, M. S. P. *A nasalidade vocálica em português e em espanhol*. 2014. 157f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

SANTOS, G. B. *Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português: Brasil e Portugal*. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SEARA, I. C. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do Português Brasileiro*. 2000. 271f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOUSA, E. M. G. *Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil*. 1994. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

SOUZA, L. C. da S. *Análise acústica das vogais nasais e nasalizadas do português do Brasil e suas implicações fonético-fonológicas*. 2013. 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

VAQUERO DE RAMÍREZ, M. *El español de América I: pronunciación*. 3. ed. Madrid: Arco/Libros, 2003.



Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico

Christian first names: constitution, etymology, motivation for anthroponimic choice and onomastic knowledge

Márcia Sipavicius Seide

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná / Brasil

marciaseda4@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2859-1749>

Resumo: O estudo exploratório apresentado ao longo deste artigo foca a antroponímia cristã, isto é, o conjunto de nomes próprios de pessoas que apresentam significado etimológico cristão e/ou estão relacionados à história do cristianismo e às religiões cristãs. Objetiva-se apresentar uma investigação preliminar sobre a existência, a constituição, a caracterização etimológica de repertório de nomes cristãos e o conhecimento onomástico acerca deles por parte de falantes do oeste do Paraná, especificamente, de alunos e professores de um curso de graduação ofertado por uma universidade pública da região. A análise do repertório antroponímico dos prenomes dos respondentes mostrou que quase a metade desses nomes está relacionada ao cristianismo. Este resultado confirma a importância cultural e histórica da análise diacrônica dos prenomes. Outro resultado foi alcançado mediante análise das informações fornecidas por portadores desses nomes e de quem os atribuiu a seus filhos: eles sabem a motivação que resultou na escolha de seus nomes, porém. Verificou-se, contudo, que há pouca convergência entre o significado e a motivação para a escolha dos nomes religiosos, tendo em vista que apenas um em cada quatro prenomes religiosos foi escolhido por motivação religiosa.

Palavras-chave: onomástica; antroponomástica; significado etimológico; conhecimento onomástico.

Abstract: The exploratory study presented throughout this article focuses on Christian anthroponomy, that is, the set of proper names of people who have Christian etymological significance and/or are related to the history of Christianity and Christian

religions. The objective is to present a preliminary investigation into the existence, the constitution and etymological characterization of repertoire of Christian names and the onomastic knowledge about them by speakers from western Paraná, specifically, of students and teachers from a undergraduate course offered by a public university in the region. The analysis of the anthroponomic repertoire of respondents first names showed that almost half of these names is names related to Christianity. This result confirms the cultural and historical importance of diachronic analysis of the first names. Other result was obtained by analysis of the information provided by bearers of these names and who attributed them to their children: they are aware of the religious meaning of the names of the repertoire and know the motivation that resulted in the choice of their names. About the relation between meaning and motivation for the choice of religious names, though, there is little convergence between meaning and motivation for the choice of religious names, considering that only one in four religious prenames was chosen by religious motivation.

Keywords: onomastics; anthroponomastics; etymological significance; onomastic knowledge.

Recebido em 11 de abril de 2020

Aceito em 25 de maio de 2020

1 Introdução

Dentre os estudos linguísticos, há aqueles que se voltam ao léxico, isto é, ao estudo das palavras de um ou mais idiomas. No bojo dessa área mais ampla da Lexicologia, estão as pesquisas que contemplam o estudo dos nomes próprios, a Onomástica. O estudo específico dos nomes próprios de pessoas é objeto de estudo da Antroponomástica e o dos nomes próprios que designam os lugares da Toponomástica. No âmbito internacional, os estudos onomásticos contam com uma larga tradição. Em alguns países, como a Inglaterra, a Suécia, a Itália e a Hungria, os nomes próprios começaram a ser estudados cientificamente no começo do século XIX, em outros, o interesse científico por eles data de meados do mesmo século. Este é o caso, por exemplo, dos Estados Unidos e da Rússia. Em outros países, os primeiros estudos sobre os nomes próprios foram publicados ao final da centúria, sendo este o caso da Escócia, da Romênia, da Lituânia, da Espanha, do México e de Portugal, entre outros (HAJDÚ, 2002, p. 22).

Em Portugal, Leite de Vasconcellos foi o primeiro a estudar os antropônimos (como são chamados, tecnicamente, os nomes próprios de pessoas). No Brasil, os estudos antroponímicos se tornaram mais conhecidos a partir dos estudos de Dauzat (1950), em meados do século passado (SEABRA; ISQUERDO, 2018). No Brasil, um dos primeiros linguistas a se dedicar aos antropônimos, foi o professor Mansur Rosário Farâni Guérios, da Universidade Federal do Paraná, cujo dicionário etimológico de nomes e sobrenomes (1981) é usado, ainda hoje, por vários pesquisadores da área.

Apesar de os nomes próprios serem há tantos anos estudados, não é uma tarefa fácil chegar a uma definição consensual sobre a sua constituição, e muito menos descrever todos os tipos de nomes próprios que existem em uma ou várias línguas. Os nomes próprios de pessoas (doravante antropônimos) podem ser descritos do ponto de vista fonético, ortográfico, morfológico, sintático, semântico ou pragmático. Do ponto de vista da pronúncia e da grafia, os nomes que integram o repertório antroponímico da língua portuguesa, em geral, seguem as mesmas regras e possibilidades de variação das demais palavras do idioma, com inclusão dos neologismos entre os quais estão os estrangeirismos (que podem ser mais ou menos adaptados à língua de acolhida). Com relação à morfologia, os antropônimos são suscetíveis aos processos que atingem os substantivos comuns. Com relação à sintaxe, para além da combinatória com verbos e adjetivos, há outras regras, pois diferentes são os padrões de combinação com artigos e pronomes demonstrativos conforme o tipo de antropônimo (prenome, sobrenome, apelido, etc.). Contudo, o componente mais importante para a delimitação e diferenciação entre substantivos comuns e substantivos próprios é o pragmático.

Pelo viés pragmático, importa descrever como são usados os antropônimos e para qual finalidade: os antropônimos são usados-para chamar a atenção de uma pessoa com a qual se quer falar (falar a alguém), para se referir a uma pessoa no curso de uma conversa-(falar de alguém) e também para inscrever o ser humano na ordem jurídica (no caso do registros de recém-nascidos em cartório) ou no âmbito religioso (por batismo e/ou conversão) ou, ainda, colaborar no processo de criação de personagens fictícios. Como bem apontam Seabra e Isquerdo, “em Onomástica a função referencial, seja ela voltada para o nome de pessoa ou para o nome de lugar é a que se destaca” (SEABRA; ISQUERDO, 2018, p. 994). Inclusive é uso referencial dos substantivos próprios que

justifica a descrição da gramática normativa tradicional segundo a qual eles se diferenciam dos substantivos comuns por não indicarem um elemento dentro de uma classe, mas sim um elemento único, singular. De fato,

A função referencial do nome próprio, dada a sua importância, é a única que existe na consciência do falante. No cotidiano, os nomes próprios são usados para fazer referência às pessoas, havendo um total esquecimento de sua carga semântica etimológica ou das conotações afetivas que o nome próprio possa ter para o designador que o escolheu entre outros. O mesmo não ocorre com os apodos e as alcunhas, os quais, apresentando a mesma função, preservam com mais facilidade e por mais tempo seu valor original. No interior de textos orais ou escritos, os nomes próprios são utilizados quer para introduzir um referente no discurso, quer para retomá-lo (...). (SEIDE, 2008, p. 28).

Há diferentes tipos de antropônimos os quais constituem uma classe bem heterogênea, pois abrange tipos bem diferentes de nomes como os sobrenomes, os apelidos, os pseudônimos e os nomes civis (nomes oficiais formados por um ou mais nomes seguidos de um ou mais sobrenomes). Dentre todos os tipos de antropônimos, interessa aos propósitos deste artigo os prenomes oficiais, isto é, a parte do nome civil dos cidadãos responsável pela identificação de uma pessoa no interior de uma família:

O prenome, ou primeiro nome, é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de sua intimidade. Também é denominado nome de batismo (...) Pode ser simples e composto. No primeiro caso, apresenta apenas um item lexical antroponímico (José) e, no segundo, mais de um (José Maria). De acordo com a legislação brasileira, o prenome, junto com o sobrenome, constitui o nome pessoal garantido por lei (AMARAL, 2011, p. 70).

O estudo exploratório apresentado ao longo deste artigo foca prenomes que apresentam significado etimológico cristão e/ou estão relacionados à história do cristianismo e às religiões cristãs. Objetiva-se apresentar uma investigação preliminar sobre o conhecimento onomástico de alunos e professores de um curso de graduação ofertado por uma universidade pública da região. Pretendeu-se verificar, mediante um

recorte de dados gerados via aplicação de questionários escritos, (1) em que medida portadores de nomes semanticamente cristãos ou com significado religioso cristão têm conhecimento do étimo dos seus nomes; (2) se eles sabem algo sobre a motivação que resultou da escolha de seus nomes e (3) se há convergência entre o significado etimológico e a motivação para a escolha dos nomes.

Os dados apresentados e analisados para atingir os objetivos deste artigo foram extraídos de uma amostra mais ampla.¹ Antes do início da geração de dados, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e aprovado.² O questionário aplicado aos participantes de pesquisa está reproduzido, em anexo, ao final deste artigo. A amostra brasileira contém 96 nomes diferentes alguns dos quais formados por dois prenomes. Desses 48 apresentam carga semântica e/ou etimológica cristã e os 52 nomes restantes apresentam outras características. Não cabe no escopo deste artigo analisar esses outros nomes.³

No Brasil, os dados foram aplicados pela autora deste artigo; enquanto os alunos responderam questionários impressos presencialmente, em sala de aula, os professores o fizeram escrevendo no questionário impresso ou digitando no questionário que lhes foi enviado por e-mail. Recolhidos os questionários, eles foram digitados e arquivados em documento único. Posteriormente, os dados registrados foram tabelados numa ficha de registro que continha os campos: prenome, data de nascimento, motivação e evidência textual, campo no qual há uma seleção das informações mais pertinentes entre as fornecidas no questionário. Para os propósitos desta pesquisa, foram selecionados dados relativos a portadores de nomes de étimo ou histórico religioso cristão e pertinentes aos objetivos da pesquisa, a saber, aferir o conhecimento

¹ A amostra foi constituída por questionário preenchido por 132 informantes (alunos e professores universitários de uma universidade estadual do Oeste do Paraná) e 100 informantes (alunos e professores da Universidade de Šiaulai, na Lituânia) para o projeto de pesquisa “Estudo contrastivo sobre a escolha antroponímica em Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil e em Šiaulai, Lituânia”.

² Esta informação pode ser confirmada no site Plataforma Brasil, disponível em: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf> pelo número de registro do projeto, a saber 84919518.6.0000.0107.

³ Quando se contam os nomes separando os nomes formados por mais de um prenome, chega-se ao total de nomes diferentes da amostra, 116 prenomes simples.

dos portadores sobre seu próprio prenome e verificar se esses nomes relacionados à religião cristã foram escolhidos por motivação religiosa.

Enquanto a primeira seção deste artigo apresenta a constituição e a análise etimológica dos prenomes cristãos encontrados na amostra, a segunda foca o conhecimento onomástico dos falantes que os portam e daqueles que escolheram nomes cristãos aos seus filhos, e a terceira e última seção do artigo faz algumas considerações sobre o estudo exploratório realizado.

2 Constituição e análise etimológica do repertório cristão de prenomes da amostra

Do ponto de vista histórico, a maioria dos antropônimos é proveniente de nomes comuns (ORTEGA-OJEDA, 1994) e, embora haja nomes comuns provenientes de nomes próprios, o contrário (nomes próprios provenientes de nomes comuns) é mais frequente (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 270). Assim, quando se remonta ao étimo do repertório de nomes próprios de línguas europeias, percebe-se que, como o constata Lopez-Franco, escondido nos nomes, pode haver um ou mais nomes comuns (substantivos ou adjetivos) e até sintagmas significativos (2014, p. 71).

O nome Pedro, por exemplo, etimologicamente provém de *petra*, pedra em latim (GUÉRIOS, 1981, p. 199). Para além de sua origem, esse nome pode ser relacionado ao fato de um dos apóstolos de Jesus Cristo ter este nome. Cumpre ressaltar que sobrenomes também apresentam um étimo e significado original e, muitas vezes, há uma explicação histórica que explica a origem de seu uso do nome de pessoa. Este é o caso do sobrenome italiano Boaventura. De acordo com Frosi (2014), a origem desse sobrenome está no sintagma latino *bōnu(m)* e *ventūra* que significa boa sorte, bom destino). Esse sobrenome era “usado com o sentido de que a criança recém-nascida constituísse “para a família boa ventura, sorte” e é atestado desde 1178 (FROSI, 2014, p. 409). Outro tipo de sobrenome foi criado para ser atribuído a crianças órfãs abandonadas, no caso a seguir, a concorrência de significado etimológico e circunstâncias históricas é clara: o sobrenome italiano Casagrande provem das palavras latinas *casa(m)* e *grande(m)*, contudo, sua origem histórica foi assim explicada por Frosi:

Este sobrenome tem como base uma relação toponímica: construção, edifício grande, mas *Casagrande* era também o Orfanato, no sentido de Casa Grande de Piedade. Portanto, também este sobrenome, assim como *Casadei*, *Casadio*, *Cadei*, *Casadidio* era dado às crianças enjeitadas pelos pais e adotadas, criadas num Orfanato, num Instituto religioso ou num Hospital de Caridade (FROSI, 2014, p. 406).

Como se sabe, nomes de profissões e apelidos são outras fontes de sobrenomes europeus. No caso dos apelidos, a origem comum e o significado original permanecem por mais tempo, se bem possa ocorrer, ainda que em menor grau, o processo de opacificação pelo qual o significado de uma palavra deixa de ser percebido pelos falantes ou deixa de ser pertinente. Esta possibilidade pode ser exemplificada pela seguinte análise do apelido flamengo *Suske de Verver* (Francis o Pintor) por Van Langendonck: caso a pessoa que recebeu este apelido não tenha mais o ofício de pintor, isto em nada diminui a função de nome próprio desse apelido, haja vista que o ex-pintor continuará a ser chamado por seu apelido (2007, p. 195).

Os estudos ora mencionados demonstram que prenomes, nomes, sobrenomes e inclusive apelidos apresentam um significado etimológico. Para os fins da pesquisa ora apresentada os nomes da amostra que apresentam significado etimológico cristão foram selecionados. Após a seleção dos dados, primeiramente, confirmou-se a inclusão dos prenomes na categoria de nomes com etimologia ou histórico religioso cristão via consulta a um dicionário etimológico de nomes e sobrenomes (GUÉRIOS, 1981) e ao dicionário de Olivier (2010). A consulta ao segundo dicionário citado foi feita apenas para o prenome *Keila*, único que não constava na obra lexicográfica de Guérios. Cumpre esclarecer que a escolha de uma única referência para a análise etimológica se deve ao fato de o dicionário de Guérios ter sido elaborado com base em uma ampla pesquisa em dicionários etimológicos europeus e em várias pesquisas filológicas e históricas. A qualidade e precisão das informações do dicionário de Guérios foi atestada em pesquisa anterior na qual a consulta ao seu dicionário resultou nas mesmas informações coletadas mediante consulta a um dicionário etimológico da língua lituana (SEIDE; PETRULIONĖ, 2018).

A quantificação dos prenomes informados pelos respondentes brasileiros indicou haver, na amostra, 96 nomes diferentes, dos quais 48

são formados ao menos por um nome religioso, de acordo informação disponível no dicionário etimológico de nomes e sobrenomes de Guérios (1981) e de Olivier (2010), conforme se mostra no Quadro 1. Cumpre esclarecer que, nos casos de portadores de dois prenomes com apenas um deles com significado religioso, a posição do nome (n1 ou n2) foi indicada entre parênteses.

QUADRO 1 – Portadores de nomes com significado religioso

1. Ana (n1)	17. Daniele	33. Lucas Matheus
2. Ana (n1)	18. Danielly (n1).	34. Maria (n1)
3. Ana (n1)	19. Elisângela	35. Maria (n2)
4. Ana (n1)	20. Emanoeli (n2)	36. Maria (n2)
5. Ana (n1)	21. Emanueli	37. Maria (n2)
6. Ana (n1)	22. Emanueli (n2)	38. Maria José
7. Ana (n2)	23. Ester (n2)	39. Mariana Teresinha
8. Ana Regina	24. Gabriela (n1)	40. Mariany (n2)
9. Angela (n1)	25. Gabriela (n1)	41. Mirian
10. Anna (n1)	26. Giovana (n1)	42. Paula (n 2)
11. Cristina (n2)	27. Giovana (n2)	43. Paulo (n1)
12. Cristina (n2)	28. Joana	44. Raquel (n2)
13. Cristina(n2)	29. João (n1)	45. Rebeca Cristina
14. Christian	30. Keila	46. Regina (n2)
15. Cristiane	31. Lucas	47. Rita
16. Daniel (n1)	32. Lucas Benjamim	48. Theo

Fonte: elaborado pela autora.

A análise mais pormenorizada do significado etimológico e/ou da origem desses nomes, por sua vez, possibilitou sua organização em cinco categorias, a saber, (1) nomes hebraicos, gregos ou latinos com significado etimológico religioso; (2) nomes hebraicos que remetem a personagens do Antigo ou do Novo Testamento; (3) nomes relacionados a Jesus Cristo ou sua família; (4) nomes relacionados aos apóstolos; (5) nomes de santos da Igreja Católica. Esses resultados estão apresentados nos Quadros 2 a 6.

QUADRO 2 – Nomes hebraicos com significado religioso

Nome	Significado	Fonte
Emanueli, Emanoeli	Deus é conosco	GUÉRIOS, 1981, p. 101
Ângela, Elisângela (Elisa +Ângela)	anjo, mensageiro de deus	GUÉRIOS, 1981, p. 58
Rafael, Rafaela	curada por Deus	GUÉRIOS, 1981, p. 185
Theo	Deus ⁴	GUÉRIOS, 1981, p. 205.

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 3 – Nomes hebraicos que remetem a personagens bíblicos

Nome	Significado	Fonte
Ana	graça, clemência, mercê”	GUÉRIOS, 1981, p. 57
Ester	nome da Estrela de Vênus e da deusa Istar	GUÉRIOS, 1981, p. 102
Daniel, Daniele, Danielly	meu Juiz é Deus”	GUÉRIOS, 1981, p. 100
Gabriela	De Gabriel, homem herói de Deus	GUÉRIOS, 1981, p. 113
João, Joana, Giovana	É cheio de graça	GUÉRIOS, 1981, p. 135
Keila	aquela que reúne membros de uma congregação (assembleia religiosa)	OLIVER, 2010, p. 423
Benjamim	Filho da mão direita, filho da felicidade	GUÉRIOS, 1981, p. 67

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 4 – Nomes relacionados a Jesus Cristo ou sua família

Nomes	Significado	Fonte
Cristina, Chirstian, Cristiane	Cristão	GUÉRIOS, 1981, p. 86
Maria, Mariana, Mariany	predileta de Javé	GUÉRIOS, 1981, p. 152
Mirian	de Maria	GUÉRIOS, 1981, p. 158
José	Deus aumente	GUÉRIOS, 1981, p. 135
Regina	Rainha em referência à Nossa Senhora	GUÉRIOS, 1981, p. 210

Fonte: elaborado pela autora.

⁴ No dicionário de Guérios (1981), o nome Teo não é registrado como prenome, mas sim como formante de nomes como Teócrito e Teodoro.

QUADRO 5 – Nomes relacionados aos apóstolos

Nome	Significado	Fonte
Lucas	da Lucânia, natural da Lucânia	GUÉRIOS, 1981, p. 147
Mateus	Presente de Javé	GUÉRIOS, 1981, p. 154
Paulo, Paula, Paola	Pequeno	GUÉRIOS, 1981, p. 175
Pietro	Pedra	GUÉRIOS, 1981, p. 176

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 6 – Nomes de santos da Igreja Católica

Nome	Significado	Fonte
Teresinha	Nascida na ilha de Thera, “O n. tornou-se popular desde Santa Teresa de Jesus (séc. XVI) e, atualmente, por Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897)	GUÉRIOS, 1981, p. 206
Rita	hip.de Margherita, cujo significado é pérola, “Difundido graças a Santa Rita de Cássia”.	GUÉRIOS, 1981, p. 187 e p. 152

Fonte: elaborado pela autora.

Do ponto de vista quantitativo, observa-se que a maioria dos nomes está na categoria dos nomes hebraicos, que remetem a personagens bíblicas (11 prenomes), seguido dos nomes que remetem a Jesus Cristo ou sua família (9 prenomes), dos nomes hebraicos com significado religioso (7 prenomes), dos nomes de apóstolos de Cristo (6 prenomes) e dos nomes de santos católicos (2 prenomes).

Do ponto de vista qualitativo, percebe-se que a diversidade de categorias de nomes de significado ou histórico religioso acompanha a história da religião cristã. Os nomes da primeira categoria remetem ao legado da civilização judaica para a constituição do cristianismo. O mesmo pode ser dito dos nomes da segunda categoria, os quais são originários do Antigo Testamento, o qual, como se sabe, reúne os textos judaicos. Em sua origem, o Cristianismo era considerado uma seita judaica tanto por judeus – tendo em vista que, ao redor do Mediterrâneo a prática proselitista cristã ocorria nas sinagogas – quanto por romanos, na época do Império Romano (HURBUT, 2007, p. 40; CASTOLDI, 2014, p. 23). A terceira e a quarta categorias também apresentam carga semântica cristã por remeterem a Jesus Cristo, a sua família e a seus apóstolos

A última categoria, por sua vez, remonta à história do Catolicismo, pois se refere ao culto dos santos e à prática de fazer e cumprir promessas, ambas muito comuns no catolicismo popular, no qual se promove “a humanização do divino, o uso de símbolos mediadores faz parte do conjunto de ações características do meio popular, a imanência presente, o intimismo que se faz presente, a relação do devoto com o santo padroeiro e mesmo as ações feitas por estes como agradecimento a alguma graça alcançada (promessas)” (MELO; SANTOS, 2015, p. 161).

A existência desses nomes no repertório antroponímico do Português do Brasil, como se sabe, explica-se por razões históricas: a colonização inicial do país por Portugal, país onde até hoje predomina a religião católica e, posteriormente, por pessoas oriundas de outras nações europeias católicas (como é o caso dos migrantes italianos) ou não (como é o caso dos imigrantes alemães, em sua maioria luteranos), e também por ter se desenvolvido, no Brasil, um catolicismo colonial peculiar, com características próprias (CHAHON, 2014).

Esta breve incursão na história do cristianismo e do catolicismo foi motivada pelo estudo etimológico dos prenomes o qual mostra que as marcas de civilizações passadas estão inscritas nos antropônimos haja vista que “Os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares” (GUÉRIOS, 1981, p. 18). Esta análise confirma também o ponto de vista defendido por Carvalinhos, para quem os antropônimos constituem um “um manancial rico para conhecimento não apenas da língua, mas também permite apreender um pouco da cultura, religião e até ideologia do povo que o criou em determinada época” (CARVALINHOS, 2007, p. 16).

Não obstante a pertinência do estudo etimológico dos antropônimos, este tipo de abordagem não possibilita qualquer análise sobre o processo nomeador pelo qual os prenomes são atribuídos às pessoas e nada informa sobre o conhecimento onomástico do falante. Essas questões são tratadas na próxima seção deste artigo.

3 Competência onomástica e motivações para a escolha de nomes cristões

Enquanto componente do sistema linguístico de uma língua particular, a categoria dos nomes próprios também integra os

conhecimentos que um falante nativo tem sobre sua língua materna.⁵ A parte relativa aos nomes próprios, por sua vez, constitui a competência onomástica ou conhecimento onomástico do falante (COSERIU, 1985; ORTEGA-OJEDA, 1994; LÓPEZ-FRANCO, 2014).

Faz parte do conhecimento onomástico do falante o conhecimento sobre as características linguísticas dos nomes próprios em sua língua materna e sobre como eles são usados na comunidade linguística à qual ele pertence. Ressalte-se que este conhecimento pode ou não incluir àqueles relacionados ao estudo do significado etimológico dos nomes próprios, mas, com certeza, inclui as crenças e atitudes do falante a respeito desses nomes, principalmente no que se refere às duas subclasses mais prototípicas: a dos nomes próprios de lugares (topônimos) e a dos nomes próprios de pessoas (antropônimos). Enquanto as crenças dizem respeito a como cada um concebe o modo como os nomes devem ou podem ser, e inclui critérios subjetivos responsáveis pela avaliação (positiva, neutra ou negativa) de nomes próprios, as atitudes indicam se os nomes próprios são vistos como sendo semanticamente opacos ou transparentes, isto é, se apresentam algum significado ou têm, meramente, uma função referencial ou identificatória. Com relação a como os nomes próprios são usados, no que respeita os antropônimos, este conhecimento inclui, necessariamente, as maneiras como eles são atribuídos tanto na comunidade à qual o falante pertence, quanto no país onde ele mora ou reside e, opcionalmente, por quais motivos e por quem as pessoas são nomeadas. Eventualmente, também pode ocorrer de o falante ter algum conhecimento sobre a etimologia dos nomes e seu significado original.

Com relação à descrição da competência onomástica dos falantes, há a pesquisa pioneira de Gonzalo Ortega-Ojeda (1994). Inspirado pelos estudos de Coseriu (1985), o pesquisador espanhol se propôs a descrever a competência onomástica dialetal dos habitantes das Ilhas Canárias, na Espanha (ORTEGA-OJEDA, 1994). A competência onomástica faz parte de uma competência mais ampla: a competência linguística ou saber linguístico (COSERIU, 1985, p. xxvi).

É preciso esclarecer que, neste artigo, adota-se o conceito de competência utilizado por Coseriu (1985) que não tem relação com

⁵ Também há a competência onomástica em língua estrangeira que é aprendida quando se aprende uma língua estrangeira e também quando o falante nativo aprende nomes próprios em língua estrangeira quando usados ou mencionados no seu cotidiano.

a noção chomskiana de *competence*, e tampouco se relaciona com a dicotomia *langue-parole* de Saussure. Para se entender o conceito de conhecimento linguístico de Coseriu é necessário levar em consideração sua concepção de linguagem a qual é descrita em três níveis: o da linguagem em geral – ou seja, aquilo que é independente de uma língua em particular e por isso mesmo universal, isto é, compartilhado por todas as línguas – o de uma língua particular e o nível expressivo, o qual responde pelo uso individual da língua e é orientado pelo discurso.

Como se sabe, cabe à linguística o estudo científico daquilo que diz respeito à linguagem como todo, isto é, ao que corresponde a todas as línguas. Também cabe a este campo de estudo a investigação, descrição e análise das características linguísticas relativas a uma língua em particular e também daquelas que se referem ao uso expressivo e criativo de uma língua particular por parte de um falante numa situação específica. Como mostram os exemplos dados por Coseriu (1985, p. xxviii) reproduzidos no quadro 7, os falantes conseguem perceber os três níveis de estudo linguístico acima aludidos.

QUADRO 7 – Exemplos de percepção dos níveis da linguagem pelo falante

Nível	Exemplos dados por Coseriu
1.	Quando concluímos que duas pessoas estão discutindo numa situação na qual ouvimos um diálogo, mas não conseguimos enxergá-las, nem entender o que estão falando.
2.	Quando nos damos conta que uma língua determinada (inglês, francês ou alemão, por exemplo) está sendo falada, percebemos o nível da língua, como uma língua histórica em particular .
3.	Quando chegamos à compreensão de que um delas está pedindo algo, dando uma ordem ou fazendo uma determinada pergunta, nós percebemos o nível individual da língua como discurso. ⁶

Fonte: Coseriu (1985, p. xxviii) (tradução nossa).

⁶ “When listening to a dialogue between persons whom we are unable to observe and whom we do not understand, we might, by instance, conclude that these persons are engaged in an argument. If we realize that English, French, or German is being spoken, we perceive the historical level of language, and if we understand that X utters, by instance, a request, gives an order, or asks a certain question, we perceive the individual level of language as discourse.” (COSERIU, 1985, p. xxviii.)

Os exemplos fornecidos por Coseriu descrevem apenas uma parte do conhecimento linguístico do falante, pois se referem às chamadas habilidades passivas (audição, leitura e interpretação). O pesquisador romeno esclarece que há também o conhecimento elocucional, o conhecimento idiomático e o conhecimento orientado pelo discurso. No trecho reproduzido a seguir, há definições que incluem as chamadas habilidades ativas (fala e escrita) do uso linguístico. A capacidade universal de fazer uso da linguagem corresponde à capacidade igualmente universal do saber-fazer, é isto, ao que ele chama de saber elocucional (nível 1). A capacidade de fazer uso de uma língua histórica em particular, por sua vez, corresponde ao que ele chama de saber idiomático (nível 2). Por fim, corresponde ao que ele chama de saber expressivo a capacidade de saber como determinados discursos devem ser construídos em determinada situação (nível 3) (COSERIU, 1985, p. xxxix).⁷

Inspirado nessas distinções, Ortega-Ojeda (1994) se propôs a descrever o conhecimento onomástico dos habitantes das Ilhas Canárias a partir de um falante nativo ideal. Esta decisão de pesquisa, reconhece o autor, torna necessária a realização de pesquisas de campo para que se faça uma descrição empírica do que realmente um falante conhece sobre os nomes próprios (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 303).

Correspondendo aos níveis propostos por Coseriu (1985), Ortega-Ojeda (1994) distingue três subcompetências do conhecimento onomástico do falante: conhecimento onomástico em sentido estrito, conhecimento geral ou dialetal e competência histórica e cultural. O pesquisador espanhol adverte que, a cada uma delas, quando se consideram os falantes concretos, pode haver um não saber ou um saber equivocado. De fato, há muita variação no conhecimento onomástico de uma pessoa para o outra: há os que pouco sabem, aqueles que, por curiosidade, investigam e descobrem o significado etimológico de alguns nomes próprios (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 293), aqueles que, por sua profissão ou interesse pessoal se tornam “especialistas no assunto”.

⁷ In the case of language as knowledge (...) the universal level of speaking in general corresponds to an equally universal knowing-how which I call “elocutional knowledge; the historical level of particular language to an “idiomatic knowledge” and the individual level of the discourse to a discours-oriented knowledge, a knowledge how certain discourses should be constructed in certain situations, a kind of which we choose to call “expressive knowledge”. (COSERIU, 1985, p. xxxix.)

Segundo o pesquisador são “especialistas” no assunto comentaristas esportivos, críticos musicais, taxistas, cobradores e carteiros os quais costumam ter, em decorrência do próprio ofício, uma competência onomástica mais desenvolvida. O mesmo ocorre com pessoais que se interessam mais pelos nomes das pessoas, não por dever da profissão, mas por *hobby* ou predileção. (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 303)

Não obstante as limitações de seu estudo (não tem respaldo empírico, tendo em vista a ausência de pesquisa de campo e a descrição feita ao longo de seu artigo se basear em um falante ideal, motivo pelo qual não abrange a diversidade do conhecimento linguístico dos falantes), a descrição de Ortega-Ojeda (1994) esclarece em que consiste a competência onomástica em geral e especialmente, a antropônima,⁸ conforme se vê no Quadro 8. Apesar de fazer menção à possibilidade de haver falantes que tenham conhecimento da etimologia dos nomes, em princípio, este saber não foi incluído em sua descrição.

QUADRO 8 – Descrição do conhecimento antropônimo do falante

Competência	Descrição
1. Competência onomástica em sentido estrito (funcional)	conhecimento de um nome e de seu referente
2. Competência geral ou dialetal	conhecimento de 1) nomes civis ou nomes de batismo 2) hipocorísticos. 3) sobrenomes – em especial quando há homonímia com nomes comuns – 4) apelidos individuais; 5) gentílicos; 6) apelidos gentílicos ⁹
3. Competência histórico-cultural	conhecimento da causa histórica pela qual ao referente A se atribuiu o nome X. – em especial quando se trata de apelidos --. ¹⁰

Fonte: elaborado pela autora, baseado em informações de Ortega-Ojeda (1994).

⁸ A competência onomástica toponímica também é mencionada pelo autor, contudo, de forma secundária, ao final de seu artigo.

⁹ No original, consta o termo em espanhol *apodo gentílico* (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 300).

¹⁰ No original, consta o termo em espanhol *apodo personal* (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 294).

Além de Ortega-Ojeda, há outros estudiosos que mencionam ou utilizam o conceito de competência onomástica em suas pesquisas. Os quadros 9, 10 e 11 sintetizam a proposta de descrição de López-Franco (2014, p. 76-77) sobre os conhecimentos linguísticos envolvidos nos níveis na língua, da norma e da fala dentro da qual se inclui o nível procedural proposto por Kleiber (1995). Para que se entenda melhor a proposta de López-Franco, cumpre retomar as noções coserianas de língua, norma e fala. Para o linguísta romeno, o sistema é o grau mais alto de abstração linguística.¹¹ Fazem parte do sistema as oposições funcionais, as regras e as potencialidades de uso do idioma. Da norma, as oposições não funcionais formadas pelos hábitos linguísticos da comunidade de fala na qual o indivíduo se encontra e, na fala, estão os usos que são fruto da utilização individual da linguagem, atos pautados tanto por características sociais da situação de uso, quanto por peculiaridades idiossincráticas do falante.

QUADRO 9 – Proposta de López-Franco para o nível da língua

Significados	Descrição
1. Significado categórico pressuposto	indica se o portador do nome é homem ou mulher
2. Significado gramatical	indica o número, o gênero, a pronúncia e a grafia do nome.
3. Etimológico	pode ser transparente ou opaco

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 10 – Proposta de López-Franco para o nível da norma

Informações referentes a	Função
1. Fatores sociolinguísticos	permite saber se um nome determinado é tradicional ou não, por exemplo, ou pressupor qual a idade e/ou classe social daqueles que escolheram o nome
2. Imaginários etno-socioculturais	permite situar os nomes no tempo e no espaço e possibilitam o emprego figurado nas figuras de retórica metafóricas e metonímicas

¹¹ Cumpre informar que o pesquisador romeno reconhece a existência de um grau ainda mais abstrato, porém linguisticamente vazio a que corresponderia o conceito *hjelsleviano* de esquema, onde estariam as funções puras (COSERIU, 1985).

3. Fatores pragmáticos	Permite a percepção de a) casos de multidenotação (muitos portadores de um mesmo nome; b) polinomia (muitos nomes para um mesmo portador; e a distinção entre subcategorias antroponímica (i.e. se um determinado nome é um hipocorístico, um apelido ou um aposto)
------------------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 11 – Proposta de López-Franco para o nível da fala

Significados	Funções
1. Associativo	fixação da referência que torna possível a descrição do portador
2. Emotivo	fator de seleção do nome de batismo (LÓPEZ-FRANCO, 2010), percepção do significado do nome como opaco ou transparente conforme reatualização do nome no discurso
3. Denominativo procedural (KLEIBER, 1995)	permite ligar o nome ao seu referente quando se escuta o nome durante uma iteração verbal cotidiana.

Fonte: elaborado pela autora.

Aquilo que, na proposta da pesquisadora mexicana, se situa no nível da norma inclui os conhecimentos que fazem parte da subcompetência onomástica dialetal descrita pelo pesquisador espanhol. Cumpre ressaltar que, para a pesquisadora, a consciência metalinguística precientífica dos falantes médios faz parte da norma (LÓPEZ-FRANCO, 2014, p. 76).

Em comparação com a proposta do pesquisador espanhol, há, na descrição da pesquisadora mexicana, a inclusão de aspectos importantes do significado dos nomes da perspectiva do usuário do idioma e uma descrição detalhada sobre como os nomes são usados cotidianamente, com inclusão daquilo que o falante sabe a respeito do portador do nome.

Cumpre ressaltar que, enquanto Ortega-Ojeda (1994) não descarta a possibilidade de que haja falantes que conheçam o significado etimológico de alguns nomes, López-Franco (2014) o situa no nível da língua. Cumpre esclarecer que faz parte do conhecimento linguístico do falante os conhecimentos relativos à língua, a qual é concebida não como um sistema fechado que pré-determina totalmente os usos linguísticos, mas sim como um sistema dinâmico e funcional. A concepção linguística de Coseriu (1985) é assim esclarecida por Uchôa:

Coseriu se afasta de Saussure, que opunha apenas a *langue* à *parole* (fala, discurso). O mestre genebrino não considerou o nível ainda abstrato da norma, que vem a ser aquilo que se diz habitualmente numa comunidade, um modo de agir verbal. Mas é a língua, como sistema funcional, que se apresenta como um sistema de possibilidades, logo sistema na sua condição de saber criativo, que irá permitir ao falante desrespeitar o uso fixado, particularmente quando o intento expressivo se torna altamente elaborado na criação estética, promovendo, na feliz expressão de Manoel de Barros, os versos “Porque eu não sou da informática/ eu sou da invencionática” (Barros, 2003, IX). Graças a tal conceito de língua como sistema de possibilidades, tão bem fixado por Coseriu, fica mais fundamentada a noção de que saber uma língua não é só saber o que se diz, mas também saber o que possa ser dito (UCHÔA, 2018, p. 44).

A análise crítica e a reformulação das propostas de Ortega-Ojeda (1994) e de López-Franco (2014) resultaram na descrição de competência onomástica relativa ao prenome utilizada neste artigo, a qual está visualizada no quadro 12. Trata-se de um conjunto de quinze componentes do conhecimento sobre o prenome que abrange os níveis da língua, da norma e da fala e considera o nome tanto como produto quanto como processo. Cumpre ressaltar que esse conhecimento contempla do saber necessário ao uso proficiente do idioma até o saber opcional, isto é, daquilo que não sendo estritamente necessário ao uso do prenome pode ser conhecido pelo usuário do idioma. Aquém do contemplado estão os afásicos que apresentam déficits severos nos três primeiros componentes listados são indicadores de afasia (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 106-113), e no ponto máximo de conhecimento onomástico estão, por exemplo, um crítico literário especializado nos usos ficcionais dos prenomes. Estão em diferentes graus da escala os conhecedores do significado etimológico dos nomes em geral e os que sabem contar a história da escolha de um prenome, seja o de si mesmo ou de outrem.

QUADRO 12 – Competência onomástica relativa ao prenome

1. significado denominativo procedural na linguagem cotidiana (como os nomes próprios são usados)
2. relação entre nome e referente conhecidos ou mencionadas no cotidiano (que nomes as pessoas e os lugares têm)
3. repertório (conjunto de nomes próprios conhecidos, pode incluir nomes em outros idiomas)
4. pronúncia dos nomes conhecidos e regras supostas para pronúncia de nomes desconhecidos (como os nomes são pronunciados)
5. grafia segundo as regras ortográficas do idiomas (pode incluir conhecimento sobre a grafia de nomes de outros idiomas).
6. informação gramatical (como gênero e número dos nomes próprios) ¹²
7. constituição (número de nomes de pode haver em um prenome ou em um topônimo)
8. significado associativo (forma-se de acordo com as vivências do falante com os referentes dos nomes)
9. significado emotivo (presente por exemplo nos hipocorísticos nos quais há uma conotação afetiva nos nomes)
10. fatores sociolinguísticos (presunção sobre a classe social e o gêneros dos nomes de pessoas, por exemplo)
11. imaginários etnosocioculturais (presunção sobre qualidades atribuídas aos nomes como a de que nomes de pessoa em língua inglesa tem mais prestígios do que nomes na língua portuguesa)
12. processo de nomeação: quem nomeia e quando (pode incluir os aspectos legais da nomeação oficial)
13. motivação da nomeação(conhecimento sobre a história da escolha do nome, do porquê um determinado nome foi escolhido)
14. usos e valores de prenomes no mundo ficcional (literatura, cinema, mini-séries, telenovelas, <i>games</i> , etc.)
15. significado etimológico e/ou histórico

Fonte: elaborado pela autora

Considerando os componentes 12, 13 e 15 da competência onomástica dos falantes sobre o prenome, procurou-se investigar o

¹² A informação gramatical depende da língua em questão, no caso de línguas declinatórias, com a língua lituana, há também informação sobre os casos e suas declinações.

que eles sabem sobre seus próprios nomes e verificar se nomes com significado (histórico ou etimológico) religioso cristão são escolhidos por motivação religiosa, isto é, em que medida estas informações são conhecidas por seus portadores, ou seja, se o conhecimento descrito na seção anterior faz parte da competência onomástica dos participantes brasileiros da pesquisa. Se, de um lado, o conhecimento do significado religioso do nome é um indício indireto do conhecimento do respondente sobre a religião professada e/ou a cultura cristã em geral, de outro, o desconhecimento do significado do nome e/ou de sua conotação religiosa evidencia o processo de opacificação dos nomes próprios já descrito por estudiosos da área (CARVALINHOS, 2007; FROSI, 2014; GUÉRIOS, 1981; LÓPEZ-FRANCO, 2014, entre outros).

Dentre os portadores de nomes com significado religioso, é preciso distinguir aqueles que receberam o nome daqueles que o atribuíram aos filhos. Na primeira categoria, há 29 portadores, dos quais 23 mencionaram o significado etimológico dos nomes e, quando foi o caso, também sua conotação religiosa, 5 mencionaram o significado, mas não a conotação, e 1 mencionou a conotação, mas não deu informação sobre o significado etimológico do nome. Na segunda categoria, há 7 filhos de respondentes. Na segunda categoria, há 6 mães que informaram que escolheram o nome em decorrência do seu significado, sendo que uma delas forneceu informação sobre o significado que não condiz com a real etimologia do nome. Em termos percentuais, 79% dos portadores e 86% dos designadores demonstraram conhecer o significado religiosos dos nomes, dos que lhes foram dados no primeiro caso e daqueles que foram escolhidos para os filhos no segundo.

Esses resultados confirmam o previsto por Ortega-Ojeda (1994): para cada saber sobre os nomes corresponde a um não-saber e a competência onomástica varia muito de sujeito a sujeito. Contudo, em desacordo com suas previsões de que apenas, eventualmente, os falantes saberiam apontar o significado etimológico dos nomes, no caso da amostra analisada, houve uma parcela significativa com conhecimento do significado e da etimologia dos nomes (79% dos portadores e 86% dos designadores). Esse resultado pode ser relacionado à facilidade de acesso a esse tipo de informação via consulta a sites da internet que fornecem a etimologia e o significado dos nomes próprios de pessoa, assim não se pode descartar a hipótese de que alguns dos informantes possam ter consultado algum desses sites seja em momento anterior à geração

de dados, seja no momento mesmo em que estavam respondendo ao questionário. Em todo caso, com relação a este aspecto do conhecimento onomástico dos falantes, Lopez-Franco (2014) o havia colocado no nível da língua, contudo, considerando a consciência linguística dos informantes da amostra analisada, os dados mostram que, para esses participantes da pesquisa, este conhecimento está situado no nível da norma.

Apesar da possibilidade de uma parte dos informantes ter procurado o significado etimológico de seus nomes somente em decorrência da necessidade de responder ao questionário, é inegável que este aspecto da competência onomástica do falante não tem uma importância secundária ou marginal para os portadores de prenomes religioso o que pode indicar que há um conhecimento religioso compartilhado na sociedade brasileira, provavelmente decorrente das tradições religiosas do país. Essa característica cultural, contudo, não se relaciona à questão da motivação real pela qual esses nomes foram escolhidos conforme mostram os resultados apresentados a seguir.

Nesta última etapa da pesquisa, verificou-se em que medida os nomes de significado religioso foram escolhidos por seu significado religiosos, isto é, por motivação religiosa. Conforme as informações fornecidas pelos respondentes, dos 48 prenomes portadores, 14 foram escolhidos por motivação religiosa. O quadro 13 traz evidência textual extraída dos relatos escritos nos questionários bem como o ano de nascimento dos nomeados.

QUADRO 13 – Prenomes escolhidos por motivação religiosa

Nome	Nascido em	Evidência textual
1. Cristina (n.2)	1969	24 de julho é dia de Santa Cristina.
2. Gabriela (n.1)	1998	Minha mãe quem escolheu o “Gabriela” por conta do anjo Gabriel.
3. Elisângela	1990	Em segundo lugar, minha mãe, apesar de pouco alfabetizada, sempre ligou o nome Ângela a tudo aquilo que vem de Deus, àquilo que é celestial, iluminado, etc.
4. Ester n.2	1997	Este nome foi escolhido (...) por causa da “personagem” bíblica.
5. Emanueli n.2	1999	Minha avó paterna escolheu Emanueli devido ao seu significado, pois ela é muito religiosa.

6. Lucas	1996	porque é um nome bíblico
7. Lucas (n1)	2016	Eu escolhi o nome Lucas, porque eu havia dito que o chamaria por um nome de um Evangelista.
8. Lucas Matheus	2000	A família da minha mãe é bem religiosa, ela me conta que, por não conseguir engravidar, fez uma promessa à Nossa Senhora, e, como conseguiu engravidar, colocou dois nomes bíblicos.
9. Maria n.1	1999	teve interferência religiosa
10. Maria n.1	1993	“Maria” foi escolhido também por minha mãe, por complicações na gravidez. Ela fez promessa a Nossa Senhora “Maria” para que eu viesse com saúde
11. Maria n2	1986	Meu segundo nome, Maria (...)foi escolhido por meus pais devido ao fato de serem devotos de Nossa Senhora Aparecida
12. Rita Maria	1967	O uso de Maria se deu porque minha mãe fez uma promessa que, se tivesse um parto bom e fosse menina, teria Maria no nome.
13. Rebeca (n1)	1999	Minha mãe escolheu porque Rebeca era uma das mulheres mais bonitas do reino e seu amor por Isaque era muito verdadeiro, ou seja, é uma das histórias de amor mais bonitas da Bíblia.
14. Keila	1996	Minha mãe, juntamente com a minha avó materna escolheram esse nome por ser bíblico = está localizado no antigo testamento no livro I Samuel, capítulo 23, com uma pequena mudança de grafia.

Fonte: elaborado pela autora.

Os relatos dos informantes sobre a motivação da escolha dos nomes também evidenciam a variação subjetiva do componente onomástico: enquanto os das informantes 13 e 14 são bem detalhados, o do informante 9 é bastante vago; já os de número 2, 4 e 6 se limitam a informar a origem bíblica dos seus nomes. Outros apontam para o hábito católico de nomeação em cumprimento de uma promessa (relatos dos informantes 8 e 10), escolha do nome segundo o calendário dos nomes de Santos (relato do informante 1), ou escolha por devoção (relato 11). Há também um relato de escolha pelo significado histórico do nome (relato 7) e outro que informa que a escolha ocorreu por conta de seu significado etimológico (relato 5).

Do ponto de vista quantitativo, observa-se que, dos 48 nomes religiosos, apenas 14 foram escolhidos por motivação religiosa, perfazendo cerca de 29% desta categoria de nomes. Considerando-se toda amostra, a escolha antroponímica por motivação religiosa corresponde a 8,6% das motivações mencionadas. Esse resultado pode ser comparado com os de uma pesquisa anterior realizada na mesma universidade na qual os questionários foram aplicados. Na pesquisa anterior foi utilizado um *corpus* mais limitado composto por 19 questionários aplicados em 2013 e 23 relatos narrativos elaborados em 2012 a alunos universitários nascidos nas décadas de 1980 e 1990, mas os resultados foram semelhantes: dos 42 prenomes coletados, 16 apresentavam significado religiosos e deste conjunto apenas 2 nomes foram escolhidos por motivação religiosa perfazendo 4,76% (SEIDE, 2016). Esse aumento na utilização de motivação religiosa na amostra maior em comparação com a utilizada em pesquisa anterior pode estar relacionado à maior abrangência da amostra quantitativamente mais ampla a qual inclui informantes nascidos antes e depois das décadas de 1980 e 1990.

Não obstante o aumento nas menções à motivação religiosa nesta pesquisa, de modo geral, para ambas, é válida a interpretação segundo a qual, atualmente, não é frequente a escolha de prenomes com significado religioso por motivação religiosa. Em outras palavras, a hipótese explanatória formulada, em 2016, parece adequada para também explicar o resultado obtido nesta pesquisa: a atitude de se evitar atribuir um nome ao filho pode ser relacionada a uma opção por não determinar previamente a religião do filho ao nascimento. Trata-se de uma atitude que parte da concepção de religião como sendo uma “escolha que pode dar-se com base num elenco cada vez mais amplo de alternativas e que pode ser também uma escolha provisória, haja vista haver, hoje em dia, a possibilidade de um indivíduo mudar de religião várias vezes ao longo de sua vida” (SEIDE, 2016, p. 348).

4 Considerações Finais

A pesquisa apresentada neste artigo teve por objetivo desenvolver um estudo inicial sobre o conhecimento onomástico de portadores de prenomes com significado etimológico ou histórico cristão. Para tanto, foi analisado um recorte de uma amostra formada por questionários escritos respondidos por alunos e professores de um curso de graduação de uma universidade estadual do oeste paranaense.

Em primeiro lugar, foi feita uma descrição do repertório de prenomes religiosos e respectiva análise do seu significado etimológico e/ ou histórico. Esta etapa de pesquisa mostrou uma correlação entre carga semântica dos nomes, história do cristianismo, do catolicismo e da história do Brasil colonial, resultados que corroboraram o há previam Guérios (1981) e Carvalinhos (2007): se encontram inscritas na antroponímia as marcas da da histórica, da cultura e da ideologia da sociedade que os criou.

Em seguida, explicitada a carga semântica e histórica da antroponímia religiosa, procedeu-se à análise dos dados relativos ao conhecimento que seus portadores tinham sobre o seus próprios prenomes. Verificou-se que 79% dos portadores e 86% dos designadores tinha conhecimento do significado etimológico e/ ou histórico de seus nomes. Este indica que, ao menos para os respondentes do questionário, o conhecimento do significado etimológico do prenome não ocupa um papel marginal e secundário conforme postulara Ortega-Ojeda (1994), nem se situa no nível da língua, conforme propusera López- Franco (2014), mas sim no nível da norma, onde se situa a consciência metalinguística pré-científica dos falantes. Não se pode desconsiderar, contudo, que o maior conhecimento do significado etimológico do prenome pode ser decorrente da facilidade de acesso a dicionários etimológico *on-line* e que se tivessem sido feitas entrevistas orais sem possibilidade de acesso a esses dicionários talvez se obtivessem resultados diferentes dos obtidos pela pesquisa ora apresentada.

Como quer que seja, a análise das informações conseguidas mediante aplicação de questionários escritos reuniu evidências de que os respondentes dos questionários (1) têm conhecimento do significado religiosos de seus nomes, (2) sabem a motivação que resultou na escolha de seus nomes; a informação sobre a motivação da escolha antroponímica, contudo, mostrar haver pouca convergência entre o significado e a motivação para a escolha dos nomes religiosos, tendo em vista que apenas um em cada quatro prenomes religiosos foram escolhidos por motivação religiosa.

Não obstante este estudo exploratório ter alcançado os seus objetivos, não se pode negar as limitações da pesquisa empreendida. Considerando todos os aspectos do conhecimento onomástico do falantes descritos no quadro 5 neste artigo, o estudo exploratório apresentado, além de se limitar ao próprio prenome do respondente, abrangeu apenas

três dos quinze componentes propostos a saber: (1) os relativos ao processo de nomeação: quem nomeia e quando, (2) a motivação da nomeação e (3) o conhecimento etimológico ou histórico do nome. Essas limitações indicam a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas de campo para que se consiga abranger todos os aspectos do conhecimento onomástico dos falantes não apenas sobre o seu próprio prenome, mas também sobre outros tipo de antropônimos e sobre os nomes das pessoas com as quais o falante convive.

Apesar de limitada, acredita-se que a pesquisa apresentada neste artigo possa contribuir para um melhor entendimento das diferenças existentes entre o significado etimológico do prenome e a motivação para sua escolha e uma melhor compreensão sobre em que consiste o conhecimento onomástico do falante.

Referências

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4168/3766>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CARVALINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2007.

CASTOLDI, T. S. S. *A Igreja que conquistou um império: história da ascensão do cristianismo no império romano*. 2014. 96f. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

CHAHON, S. Visões da religiosidade católica no Brasil Colonial. *Revista Digital Simonsen*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Simonsen_N1_Sergio-Chahon.pdf. Acesso: 28 set. 2019.

COSERIU, E. Linguistic Competence: What Is It Really? *The Modern Language Review*, [S.l.], v. 80, n. 4, p. 25-35, 1985. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0026-7937%28198510%2980%3A4%3Cxxv%3ALCWIIR%3E2.0.CO%3B2-X>. Acesso em: 12 set. 2019.

DAUZAT, A. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.

FROSI, V. M. Sobrenomes italianos. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 17, n. 2, p. 389-412, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2014v17n2p389>

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HAJDÚ, M. The History of Onomastics. *Onomastica Uralica*, Helsink, Finlândia, v. 2, p. 7-45, 2002. Disponível em: <http://nevtan.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

HURLBUT, J. *História da igreja cristã*. 2. ed. Trad. J. Batista. São Paulo: Vida, 2007.

KLEIBER, G. Sur la définition des noms propres: une dizaine d'années après. *In*:

NOAILLY, M. (ed.). *Nom propre et nomination*. Actes du Colloque de Brest. Toulouse: Université de Toulouse-Le-Mirail; URA 1033; CNRS, 1995. p. 11-36.

LÓPEZ FRANCO, Y. G. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz. Estudio lexicológico y sociolingüístico*. México: UNAM-Plaza y Valdés, 2010. LÓPEZ-FRANCO, Y. G. El semanticismo de los nombre propios. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v.10, n. 20, p. 69-81, 2014.

MELO, A. B.; SANTOS, M. R. S. Catolicismo popular e suas performances coletivas. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, RN, v. 14, n. 28, p. 157-171, 2015.

OLIVER, N. *Dicionário de nomes: todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

ORTEGA-OJEDA, G. La competencia onomástica dialectal, a propósito del caso canario. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, San Cristóbal de La Laguna, Espanha, n. 13, p. 291-307, 1994. DOI: <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

SEABRA, M. C. T. C.; ISQUERDO, A. N. A Onomástica em diferentes perspectivas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SEIDE, M. S. Usos de antropônimos como elementos coesivos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 23-35, 2008. ISSN 1984-8412. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2008v5n2p23>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p23>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SEIDE, M. S. A identidade religiosa na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p.333-352, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.24.1.167-186>

SEIDE, M. S.; PETRULIONĖ, L. Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian and Brazilian Masculine Anthroponyms. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1201-1226, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1201-1226>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12745>. Acesso em: 24 fev. 2020.

UCHÔA, C. E. F. Eugeniu Coseriu no quadro da linguística moderna. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 42-53, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i55.273>

VAN LANGENDONCK, W. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

ANEXO

INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS

PARTE 1

Nome completo:

Data e local de Nascimento:

Idade:

Profissão:

Nome do pai e data de nascimento:

Nome da mãe data de nascimento:

Profissão do pai:

Profissão da mãe:

Religião do pai:

Religião da mãe:

Sua religião:

Se não tem religião, escolha uma das alternativas abaixo

() sem religião, () ateu () outro, especifique: _____

Você tem filhos? Se tem, informe seu(s) nome (s) e ano de nascimento

PARTE 2

Incluindo ao menos as informações abaixo solicitadas, escreva a seguir um relato pessoal sobre a história da escolha de seu nome. Se tiver filhos, conte também como seus nomes foram escolhidos, por quais motivos e por quem.

Você sabe se o seu nome tem algum significado? Se sim, o que ele significa?

Você sabe quem e por qual (quais) motivo(s) ele foi escolhido?



Ordenação de constituintes sintagmáticos no português dos séculos XIX e XX

The ordering of syntagmatic constituents in centuries XIX and XX in portuguese

Ana Carolina Teixeira Peres

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
anacarol_peres@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3110-9768>

Erotilde Goretí Pezatti

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil
erotilde.pezatti@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a ordenação dos Operadores e Modificadores de Subatos do Nível Interpessoal, tomando como suporte teórico a proposta de Pezatti (2014), que, por sua vez, se baseia nos princípios da Gramática Discursivo-Funcional, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008). O objetivo principal consiste em investigar a ordenação de marcadores interpessoais (gramaticais e lexicais) dentro do sintagma. Para tanto, toma-se como universo de pesquisa o *corpus* do Projeto para a História do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>), mais especificamente cartas manuscritas particulares, cartas de leitor e de redator dos séculos XIX e XX. Os dados analisados revelam que, dentro do sintagma, quando se trata dos operadores, os de Mitigação, de Contraste (restritivo e expansivo), de Exemplificação e de Ênfase se colocam em P^I; o de Ênfase *é que* coloca-se sempre em P^F do sintagma; o de Contraste *apenas* ocupa geralmente a posição P^I do sintagma, exceto em ocorrências do século XX. Já os marcadores lexicais de Exemplificação, de Ênfase, de Atitudes e de Contraste (restritivo e seletivo) vêm, na maioria dos casos, em P^I do sintagma, com exceção do de Exemplificação *por exemplo* que se coloca em P^I ou P^F.

Palavras-chave: gramática funcional; ordem de palavras; sintagma.

Abstract: Taking as theoretical support the proposal of Pezatti (2014), which, in turn, is based on the principles of Functional Discourse Grammar, developed by Hengeveld and Mackenzie (2008), this paper aims at analyzing the ordering of interpersonal markers (grammatical and lexical) within the phrase. To this end, the corpus of the Project for the History of the Brazilian Portuguese (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>) is taken as database, but more specifically private handwritten letters, reader's letters and editor's letters from the 19th and 20th centuries. The analyzed data reveal that, within the phrase, Operators of Mitigation, Contrast (restrictive and expansive), Exemplification and Emphasis are placed in P^I; the Operator of Emphasis *é que* is always placed in P^F and the one of Contrast *apenas* is usually inserted into the P^I position, except in the 20th century. The lexical markers of Exemplification, Emphasis, Attitudes and Contrast (restrictive and selective) are placed into P^I in most cases, with the exception the Modifiers of Exemplification *for example*, that is placed into P^I or P^F.

Keywords: functional grammar; constituent ordering; phrase.

Recebido em 14 de abril de 2020

Aceito em 22 de junho de 2020

Introdução

Relacionando os termos dentro de uma oração e a ordem das orações dentro de um período, Bechara (1999, p. 485) afirma que “a colocação, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam”. Da mesma forma, Cunha e Cintra (2008) consideram que existem dois tipos de inversões de ordem de constituintes, as de natureza estilística e as de natureza gramatical. As de natureza estilística servem, na maioria dos casos, para enfatizar algum elemento da oração. Já as de natureza gramatical tratam da posição do verbo em relação ao sujeito e ao predicado.

Bechara (1999), ao tratar da ordenação dos advérbios, chama a atenção para o ritmo ascendente no português, explicando que, por causa desse ritmo, o advérbio de negação *não* precederá o verbo, como em (1):

(1) Não quero.

Com relação à ordem dos adjetivos, Bechara (1999) considera três tipos de colocação: do adjunto preposicionado depois do substantivo;

do adjunto adjetivo depois do seu substantivo e do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo, conforme mostram os exemplos (2), (3) e (4) respectivamente:

- (2) a casa **de Vera**.
- (3) Homem **rico**
- (4) **O** homem rico; **meu** tio rico.

Azeredo (2008), por seu turno, trata da posição do sintagma adjetivo e não apenas do adjetivo. Segundo ele, a função do sintagma adjetivo é a de adjunto adnominal, tendo como função delimitar, restringir, posicionando-se depois do substantivo, como em (5). Essa função, porém, pode mudar: quando anteposto, sua função é de explicitador, como em (6). Para Azeredo (2008), tal como para Bechara (1999), quando há dois adjetivos se referindo ao mesmo substantivo, o descritivo virá após o substantivo, como em (5), e o afetivo, antes do substantivo, como em (6). Afirma o autor que é obrigatório o sintagma adjetivo se pospor ao substantivo quando o adjetivo vier com um complemento.

- (5) Rosas **vermelhas**.
- (6) **Velhos** sapatos da rainha.

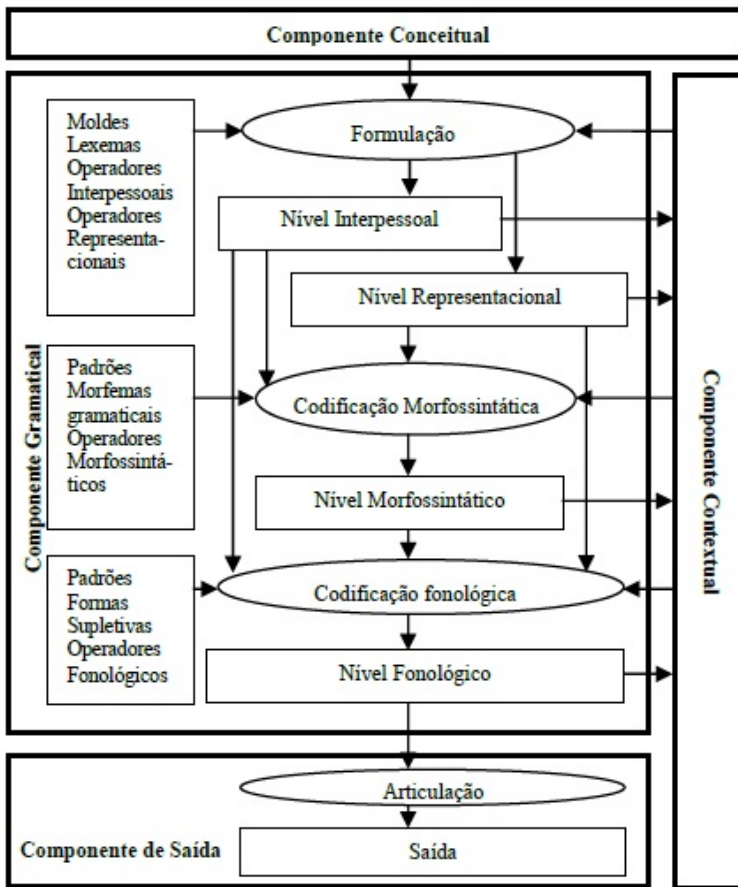
O objetivo deste artigo é investigar a ordenação de constituintes do sintagma, tradicionalmente denominados adjuntos adnominais e adjuntos adverbiais, que expressam informações pragmáticas ou interacionais. Sob o arcabouço teórico aqui utilizado, o da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), trataremos dos marcadores (Operadores e Modificadores) de Subatos do Nível Interpessoal, em cartas manuscritas particulares, cartas de leitor e de redator dos séculos XIX e XX. A análise, de viés apenas qualitativo, baseia-se na proposta de ordenação de constituintes de Pezatti (2014).

Este artigo encontra-se dividido em quatro partes: primeiramente apresentamos de modo breve o modelo teórico da GDF; a seguir, a ordenação de constituintes conforme proposta pela GDF; em seguida, a análise dos operadores e depois a dos modificadores. Por fim, são apresentadas algumas considerações.

1 Gramática Discursivo Funcional

A GDF, apresentada em Hengeveld (2004) e em Hengeveld e Mackenzie (2008), cujo *layout* encontra-se na Figura 1, é uma teoria funcional, de base tipológica, bastante abrangente, uma vez que inclui aspectos interacionais (pragmáticos), semânticos, morfossintáticos e fonológicos.

FIGURA 1 – Arquitetura geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

Cada um desses aspectos (pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos) constitui um nível, que, por sua vez, é composto de camadas próprias a cada um. Essa estrutura em níveis e camadas permite uma explicação tipológica, pragmática e psicologicamente adequada a qualquer língua, já que é formulada em termos de regras e princípios que podem ser aplicados a qualquer tipo de língua natural (adequação tipológica); permite entender como as expressões linguísticas podem ser efetivamente usadas na interação comunicativa (adequação pragmática) e é compatível com o mecanismo psicológico envolvido no processamento de língua natural (adequação psicológica).

Esse modelo distingue, então, no Componente Gramatical, quatro níveis interatuantes de organização na seguinte ordem hierárquica: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico. A GDF é o Componente Gramatical de uma teoria mais abrangente de interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de comunicação.

O Nível Interpessoal (NI), que será detalhado na próxima seção, trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte.

No Nível Representacional (NR), são tratados os aspectos semânticos das unidades linguísticas que envolvem tanto o modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve quanto os significados de unidades lexicais simples e complexas, independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação. Nesse nível, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação.

O Nível Morfossintático (NM), por outro lado, trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados pelos princípios de Iconicidade, Integridade de Domínio e Preservação de Relações de Escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados

O Nível Fonológico (NF), por sua vez, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático.

Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este lida com questões relacionadas à frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, já que, em paralelo com os outros níveis, contém representações em fonemas baseadas em oposições fonológicas binárias.

2 A ordenação de constituintes na GDF

A GDF tem seus princípios fundamentados no funcionalismo linguístico, e isso significa que este modelo teórico assume o pressuposto de que as propriedades de enunciados linguísticos são adaptáveis aos objetivos comunicativos que o usuário de língua, na interação com outros usuários, procura alcançar ao usar tais enunciados (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.26).

Pezatti (2014) observa que, nos modelos teóricos holandeses, a Gramática Funcional (DIK, 1997) e a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a questão da *ordem das palavras* dá espaço ao termo *ordenação dos constituintes*, devido à dinamicidade que envolve.

Tomando por base a Gramática Funcional (DIK, 1997), que se baseia em princípios pragmáticos, semânticos e estruturais e considera que não existe uma ordem fixa de constituintes, já que, de acordo com as condições, necessidades e propósitos dos falantes da língua em questão, a ordenação varia, servindo, portanto, como um dos meios de expressão formal de relações da estrutura subjacente. Para Dik (1997), há três domínios de ordenação de constituintes: o da oração como um todo, o do sintagma nominal e o do sintagma adjetival. Cada um desses domínios tem um núcleo; o que vem antes dele é denominado pré-campo, e o que vem depois dele, pós-campo.

A GDF, por sua vez, explica a variação da forma entre as línguas em termos tanto de cognição quanto de comunicação humana. A ordenação de constituintes ocorre no Nível Morfossintático e depende de informações vindas dos níveis Representacional e Interpessoal.

O Nível Interpessoal (NI) trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte. Na interação, cada participante tem um objetivo em mente, que determina a estratégia adotada pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo.

Nesse nível, todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. A unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Movimento* (M). Um *Movimento* pode conter um ou mais atos de discurso (A). Um Ato Discursivo consiste em uma *Ilocução* (F), um ou mais *Participantes* (P) do ato de fala e o *Conteúdo Comunicado* (C) apresentado pelo falante. O *Conteúdo Comunicado*, por sua vez, pode conter um número variável de *Subatos*. Os *Subatos* são assim chamados porque são hierarquicamente subordinados ao Ato Discursivo e cada um constitui uma forma de ação comunicativa do Falante, que pode representar a tentativa de evocar uma propriedade (*Subato de Atribuição*), ou a tentativa de evocar um referente (*Subato de Referência*), ou seja, um conjunto nulo, único ou múltiplo de entidades. Não há um número máximo, mas o número de *Subatos* depende do tipo de evento comunicativo.

Neste estudo, como já observado, interessam-nos os *Subatos*, já que, por *default*, um *Subato* (do NI) corresponde a um sintagma, no Nível Morfossintático. Um sintagma (*phrase – p*) se caracteriza por ter como núcleo um item lexical e potencialmente consiste em uma configuração sequenciada de palavras, de outros sintagmas e de orações encaixadas (subordinadas), como respectivamente em *cores diferentes, aquela igreja de Santo Antônio, dois aspectos que têm que se fazer*.

Tomando como arcabouço teórico a GDF, Pezatti (2014) propõe três posições básicas para explicar a ordenação de constituintes oracionais no português: P^I (posição inicial), P^M (posição medial) e P^F (posição final), e várias outras posições relativas derivadas dessas três (P^{I+n}, P^{M+/-n}, P^{F-n}), já que, quando um elemento é colocado, em qualquer posição, novas posições relativas tornam-se possíveis. Essas posições relativas só podem ser preenchidas quando a posição absoluta já estiver preenchida, conforme a representação a seguir, em que as três posições absolutas estão em negrito.

P^I	P ^{I+1}	P ^{I+n}	P ^{M-n}	P ^{M-1}	P^M	P ^{M+1}	P ^{M+n}	P ^{F-n}	P ^{F-1}	P^F
----------------------	------------------	------------------	------------------	------------------	----------------------	------------------	------------------	------------------	------------------	----------------------

Considerando as fortes evidências entre as línguas de que funções, operadores e modificadores são colocados centripetamente, partindo das margens para o centro, Pezatti (2014, p. 91) propõe que, em português, as posições dos domínios de P^I e P^F são reservadas para constituintes hierárquicos (funções, operadores e modificadores) das várias camadas,

ficando a posição P^M (e suas relativas) reservada para constituintes não-hierárquicos (predicado e seus argumentos), conforme segue:

P^I	P^{I+1}	P^{I+n}	P^{M-n}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+n}	P^{F-n}	P^{F-1}	P^F
hierárquicos			não-hierárquicos				hierárquicos			

Uma vez que os constituintes pertencem a camadas diferentes, a ordenação hierárquica baseia-se em considerações de escopo, sendo, então, as posições atribuídas com fluxo descendente aos elementos hierarquicamente relacionados, que são funções, operadores e modificadores. Dentro de cada camada, operadores e modificadores são expressos depois de funções, uma vez que são externos às unidades às quais se aplicam, obedecendo assim ao Princípio de Iconicidade das unidades hierarquicamente relacionadas.

Sendo a posição P^M e suas relativas reservadas para o predicado e seus argumentos, operadores e modificadores das diferentes camadas assumem os domínios de P^I e P^F . Se essas posições já estiverem ocupadas por constituintes com função pragmática, os operadores e os modificadores das diferentes camadas assumirão as posições relativas ($P^{+/-n}$), caso contrário, assumem as posições absolutas (P).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a ordenação de constituintes do Sintagma segue as mesmas regras e princípios da ordenação de constituintes da Oração. Assim, para a análise dos constituintes sintagmáticos, consideramos as mesmas posições, P^I , P^M e P^F e suas relativas, tendo como ponto de referência o núcleo do sintagma, que assumirá sempre a posição P^M , ficando a posição P^I e a P^F reservadas para constituintes hierárquicos (do NI ou do NR) ou com função interpessoal, conforme se exemplifica a seguir, em que o operador de definitude, o artigo *o*, bem como o adjetivo ‘afetivo’ *pobre*, por veicularem uma informação do NI, ocupam posições no domínio de P^I ; o núcleo nominal, a P^M ; o modificador adjetivo *branco* e o sintagmático *de pelo escuro*, por serem descritivos, assumem a P^F . Essa tendência, no entanto, pode não ser seguida, se houver outros fatores atuantes, como é o caso de *velhos sapatos da rainha*. Nesse sintagma, há dois modificadores do NR, *velhos* e *da rainha*, restringindo o núcleo. Como não são interpessoais e nem hierárquicos entre si, o mais complexo vai para P^F e o menos complexo assume a P^{M-1} , preservando assim a tendência do português de língua de núcleo medial.

P^I	P^{I+1}	P^{M-1}	P^M	P^F
o			cachorro	branco
um			cachorro	de pelo escuro
o	pobre		do João ¹	
		velhos	sapatos	da rainha

3 Ordenação de constituintes gramaticais

Na GDF, *operadores* constituem estratégias gramaticais que especificam uma camada e se aplicam a uma unidade em si mesma, diferentemente de função, que é relacional e ocorre entre unidades da mesma camada. Esses operadores são expressos, no Nível Morfossintático, por palavras gramaticais. Constituem operadores do Nível Interpessoal, que aqui nos interessam, os que indicam Contraste, Ênfase, Aproximação, Exemplificação e Mitigação, pois operam na camada do Subato, seja de Atribuição seja de Referência. Nos *corpora* analisados, foram encontrados 82 marcadores, indicativos apenas de Ênfase, Exemplificação, e da função retórica Contraste, descritos a seguir.

De acordo com Pezatti (2014), a Ênfase é uma forma de salientar constituintes e, exatamente por isso, acaba sendo confundida com a função pragmática Foco. Para a GDF, entretanto, são estratégias distintas utilizadas pelo falante com objetivos distintos. Foco sinaliza, na interação, a seleção estratégica do falante de uma informação nova, avaliada como essencial para ser integrada na informação pragmática do ouvinte, preenchendo assim uma lacuna de informação ou corrigindo uma informação do Ouvinte; em outros termos, constitui uma instrução de atualização do destinatário. A função Foco é aplicada ao sintagma que, em construções Apresentativas, não é argumento de nenhum predicado, já que esse tipo de construção não constitui uma predicação, servindo apenas para indicar a emergência de uma entidade nova no discurso, conforme mostra (7). Em construções Téticas, por outro lado, que não

¹ Obviamente esse sintagma terá a sua própria ordenação, assim como *de pelo escuro e da rainha*.

têm Tópico mas apenas Comentário (VALLDUVÍ; ENGBAHL, 1996, p. 466), toda oração é Foco, conforme exemplifica (8). Constitui também uma estratégia para destacar elementos novos, a construção denominada por Braga (2009) de Foco-ser, em que o constituinte Foco é marcado pelo verbo *ser* flexionado, conforme se observa em (9). Pezatti (2014, 2016) defende que o Foco, em português, é marcado pela posição que ocupa na oração, ou seja, a posição final, como se observa nas representações a seguir.

(7) P^I_{TOP} cada três meses também P^M tem: P^F_{Foco} **jantar dançante** (DID-POA-45)

(8) P^{F-1}_{Foco} **acontece** P^F_{Foco} **o seguinte** (D2-SSA-98)

(9) P^I_{TOP} a gente... P^M Anda P^{F-1} assim de:: de diversão P^F_{Foco} **é com esta TURma da diretoria** (DID-POA-45)²

A Ênfase, por outro lado, é a intensificação de um constituinte ou de uma expressão linguística inteira, por meios lexicais ou gramaticais. É uma categoria pragmática que perpassa todas as camadas do Nível Interpessoal.

No *corpus* investigado, observa-se que a intensificação de subatos pode ser marcada por *já*, *ainda* e *é que*. Os dois primeiros, como mecanismos de intensificação, ocorrem apenas no século XX, conforme exemplifica (10), em que o modificador temporal *no próximo ano* é salientado, e em (11), em que o modificador de modo *assim* é intensificado por *ainda*. Como intensificadores, *já* e *ainda* vêm em posição P^I , escopando o sintagma, conforme se representa em (10a) e (11a).

(10) [**já** no próximo ano], teremos mais 90 | mil crianças (CarRedatorXX2CE Crise da Educação)

² As ocorrências (7), (8) e (9) foram extraídas do *corpus* do Projeto NURC.

	P^I	P^{I+1}	P^M
(10a)	já	em	o próximo ano

(11) Encontra-se minha esposa em | franca convalescencia e [**ainda** as- | sim continua o illustre clinico a | visital-a] uma vez por outra. (CarLeitorXX1CE Como testemunho de gra-tidão)

	P^I	P^M
(11a)	ainda	assim

Por outro lado, *é que*, também referido como marcador de Foco por meio de pseudoclivagem, é entendido aqui como marcador de ênfase, conforme propõe Pezatti (2013, p. 125). Para a autora, construções-(*é*) *que* permitem ao Falante intensificar um Subato dentro do Conteúdo Comunicado, veiculando a categoria interacional Ênfase. Esse operador, no entanto, diferentemente dos anteriores sempre se posiciona em P^F, marcando seu escopo para trás, conforme (12), exemplo do século XIX, e (13), do século XX, representados respectivamente em (12a) e (13a).

(12) O Joaõhim não pôde [seguir] na [Terça-feira] porque [n'es-] | [se dia **é que**] o Corrêa recebeo a carta, e dêo a resposta de- | pois da Barca ter sahido. (5CARPartXIX1RJ)

(13) [Por falta de critica imparcial **é que**] os go- | vernos se desregram. (CarLeitorXX1CE)

	P^I	P^M	P^F
(12a)	em	esse dia	é que
(13a)	por	falta de crítica imparcial	é que

A palavra gramatical *como* pode ser usada para indicar uma exemplificação, conforme se observa em (14), representado em (14a), em que *como* introduz os locativos coordenados e focalizados Londres, Nova York, Berlim e Amsterdam, exemplos das praças internacionais que foram avassaladas pela crise. A posição desse operador é sempre em P^I do sintagma, independentemente da posição do sintagma na oração.

- (14) Delles todos, entretanto, foi exactamente o café o que melhor e com mais eficiencia pôde reagir aos efeitos da crise que avassallou as maiores praças internacionaes, [**como** Londres, Nova York, Berlim e Amsterdam], tendo ante-hontem registrado, por exemplo, na Bolsa new-yorkina, uma nova alta de 65 pontos. (CAREditorXIXSP)

P^I **P^F**

- (14a) **como** Londres, Nova York, Berlim, Amsterdam³

A GDF, diferentemente de outros modelos teóricos, considera Contraste uma função pragmática juntamente com Foco e Tópico.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), Contraste constitui uma função pragmática (...) que assinala o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações contextualmente disponíveis. (PEZATTI, 2014, p.109).

Segundo Pezatti (2014, p. 109-10), há quatro tipos de Contraste: o Expansivo, o Restritivo, o Substitutivo e o Seletivo. No *corpus*, no entanto, foram encontrados, nos dois séculos mencionados, apenas dois tipos, expansivo e restritivo, conforme se verá a seguir.

Por Contraste expansivo entende-se, de acordo com Pezatti (2014, p. 109), uma função pragmática que especifica todo o Conteúdo Comunicado, adicionando uma informação a outra pressuposta ou já mencionada. Essa função é representada pela partícula gramatical *também*, conforme expressa em (15) a (18).

- (15) Comtudo mandarei uns pós vermifugo[s]. [A tua afilhadinha **também**] deve ser contida na [inint.] boa despozição gastronomica. (8CARparticularXIX2RJ)
- (16) O sr. Francisco Glycerio telegraphou [**tambem** ao chefe de policia], que recebeu outras comunicações. (CARredXIXAPSP1889)
- (17) Quanto ao seu estado de espírito atual, eu posso compre[en]mder, pois já tenho sentido [**tambem** a enormidade desse vácuo] à que você se refere, (CarparticularXX1BAAAnaSartori01/09/49-RO – fol. 1 – r)

³ Por serem Focos, ocupam a posição PF do Sintagma.

- (18) Mas, para chegarmos à tal perfeição, na valorização do dinheiro arrecado, aos trancos e barrancos, do contrário, é preciso [**também** uma ordenação] | na maneira de comprar (CarRedatorXX2CE Processo Vergonhoso)

Essas ocorrências mostram que *também* pode ocupar diferentes posições. Em (15), o sintagma *a tua afilhadinha* está posicionado em P^I da oração, e *também* ocupa a posição P^F do sintagma, conforme mostra (15a). Já em (16a), (17a) e (18a), *também* ocupa a posição P^I dos sintagmas *ao chefe de polícia*, *a enormidade desse vácuo* e *uma ordenação*, que se encontram depois de P^M da Oração.

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M	P ^F
(15a)	a	tua	afilhadinha	também

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M
(16a)	também	a	o chefe de polícia
(17a)	também		a enormidade desse vácuo
(18a)	também		uma ordenação

A partícula *até*, no entanto, posiciona-se sempre no início do sintagma que introduz, independentemente de o sintagma estar antes ou depois de P^M na oração, conforme mostram respectivamente (19), representada em (19a), e (20), representada em (20a).

- (19) [...] e espero poder com aplicação vencer a espécie de repugnância instintiva que **até** hoje tenho tido | ao comércio (5CARparticularXIX2RJCasimirodeAbreuRJ)

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M
(19a)	até	hoje	tenho tido

- (20) É de opinião e acordo com tudo mais [**ate** mesmo com a vossa candidatura], que a-cha venha servir-nos bastante, ainda mesmo que tudo mais falhe, porque o Arthur Rios ficará sem ação; | (CARparticularXIX2BA)

	P^I	P^{I+1}	P^M
(20a)	até	mesmo	com a vossa candidatura

A função *Contraste restritivo*, conforme Pezatti (2014, p. 110), é atribuída a um constituinte para corrigir a informação pragmática do destinatário, restringindo um conjunto de itens pressupostos àqueles que considera ser adequados para a posição envolvida. No português dos séculos XIX e XX, essa estratégia é comumente representada pelos operadores *só*, *apenas* e *somente*, que se colocam de modo geral em P^I do sintagma, independentemente da posição que o sintagma escopado ocupa na oração, como podemos notar nas ocorrências em (21) a (23), conforme representadas respectivamente em (21a) a (23a).

- (21) Para sacudir o jugo da metrópole foi preciso provar nossas fôrças, foi necessario combater os inimigos com homens de sentimento generosos, [e **só** homens livres os-tem]; era commum o apêrto; (CAReditorXIXSP)
- (22) Desejo também que [**só** você], exclusivamente você leia (Carta 20/12/48-RO – fol.1–r)
- (23) Longe de nós duvidar que o Governo não queira unir-se cordialmente com as Camaras, mas notaremos, que no Relatorio tambem muito bonito do Sr. Marquez de Queluz, muitas esperanças brotarão, mas [**apenas** brotadas marcharão, morrerão], porque suas obras desdizião totalmente suas palavras. (CAReditorXIXSP)

	P^I	P^M
(21a)	só	homens livres
(22a)	só	você
(23a)	apenas	brotadas

O operador *apenas*, por outro lado, em cartas do século XX, aparece em P^F, conforme mostram (24) e (25).

- (24) De onde se conclue que, [em doze anos **apenas**], a consumo desse combustível quadripliou. [CarRedatorXX2CE Crise da Educação]

- (25) Por enquanto vou me contentan[t]do com fatos esparsos que [por instantes **apenas**], me (dão) levam a acreditar que vivo. (Carta 01/09/49-RO – fol. 1 – r)

	P^I	P^M	P^F
(24a)	em	doze anos	apenas
(25a)	por	instantes	apenas

4 Ordenação de constituintes lexicais

Modificadores interpessoais, na GDF, são constituintes lexicais que refletem o papel de uma unidade linguística na interação entre Falante e Ouvinte. Os modificadores podem atuar sobre um Ato Discursivo, uma Ilocução, um Conteúdo Comunicado e podem também modificar um Subato. Interessam-nos aqui os modificadores de Subato, que, no nível Morfossintático, posicionam-se dentro do sintagma.

Na análise do *corpus*, encontramos modificadores de Exemplificação nos séculos XIX e XX; e modificadores de Mitigação, Comparação, Contraste restritivo, Contraste seletivo, Aproximativo e Atitudinal, apenas no século XX.

Para Pezatti (2014), o marcador de **Exemplificação** indica o estatuto do Subato dentro do Conteúdo Comunicado. São de modo geral seguidos de quebra entonacional. Esses modificadores, tais como os operadores de exemplificação, ocupam sempre a posição P^I do sintagma, como em (26), uma ocorrência do século XIX, em que o sintagma ocorre na forma de uma oração adjetiva.

- (26) Ao “Estado” não interessa a prosperidade de São Paulo: o que lhe interessa é o homem, consoante o programa que vem desenvolvendo, só pôde ser aquelle que souber desorganizar o trabalho paulista: um dos revolucionarios, [**por exemplo**, que mais se tiver recommendado pelas suas façanhas politicas]...] (CAReditorXIXSP)

	P^I	P^M
(26a)	por exemplo	que mais se tiver recommendado pelas suas façanhas politicas

No século XX, porém, esse modificador ocorre tanto em P^I como em P^F do sintagma. Observa-se que, se o sintagma estiver em P^M ou P^F na oração, o modificador se coloca em P^I do sintagma, conforme mostra em (27); se o sintagma, por outro lado, estiver em P^I na oração, o modificador estará em P^F do sintagma, como se observa na ocorrência (28), representadas respectivamente em (27a) e (28a).

(27) Quanto a certas perguntas *que* você faz, [como **por exemplo**; “como eu forcei você”], não posso responder. (Carta 03/05/50-OR – fol. 1 – r)

(28) [Hontem, á noite, **por exemplo**], era I 21,50 e sobre um Bond de Tigipió (CarLeitorXX1PEAndréa Columnas do povo/ Sobre um Bond de tigio’/ Maus hábitos)

Oração	P^I	P^M	P^{M+1}	
	você	faz	como por exemplo; “como eu <u>forcei</u> você”	
Sintagma		P^I	P^{I+1}	P^M
(27a)		como	por exemplo	eu <u>forcei</u> você

Oração	P^I	P^{I+1}		P^{M+1}	P^M
	hontem	á noite, por exemplo		era	I 21,50
Sintagma		P^I	P^M	P^F	
(28a)		a	a noite	por exemplo	

O Modificador de **Mitigação** estabelece uma forma de “preservação da face”, pois o Falante, ao mesmo tempo que se descompromete com a afirmação (pedido, pergunta etc.) que faz, compromete-se ao realizar uma avaliação subjetiva, que só pode ser ligada a ele. Em (29), ao afirmar que “a realização dos propósitos, pelo menos em parte, propiciará uma margem orçamentária que permitirá o aumento dos vencimentos de todos os servidores do Estado”, o Falante se descompromete com a realização total dos propósitos, mas se compromete com a possibilidade de aumento dos vencimentos de todos os servidores. Esse tipo de modificador coloca-

se na posição inicial (P^I) do sintagma, neste caso antes da preposição que introduz o sintagma preposicionado.

- (29) Realizados que sejam, | **pelo menos em parte**, es- | tes propósitos, haverá mar- | gem satisfactoria para se | proceder a majoração de | vencimentos de todos os | servidores do Estado [CarLeitorXX1CE).

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M
(32a)	pelo menos	em	parte

Há, no entanto, casos em que *pelo menos* traz uma avaliação objetiva, não sendo, portanto, do NI, conforme (30). Desse modo, parece que o uso interpessoal ou representacional de *pelo menos* depende de contexto.

- (30) De facto, a coisa está | pintada com uma clare- | za, com uma viveza de tin- | tas que só mesmo tendo si- | do escripto por alguém em - | pregado de trezentos mil | reis, ou, **pelo menos**, por | alguém muito condoído | da situação dolorosa [espaço] do | empregado de balcão [espaço] de | Fortaleza. [CarLeitorXX1CE Vida de cachorro]

A função **Contraste** restritivo pode ser marcada também por meios lexicais. Foram encontrados no *corpus* marcadores como *unicamente*, *exclusivamente* e *somente* indicativos dessa função, que se posicionam sempre em P^I do sintagma, como mostram (31), (32) e (33):

- (31) Não tenho ido às festas, nem por causa dos estudos nem pela necessidade de reaprender a dansar, (agradeço a franqueza) mas [**unicamente** por isto:] “estou farta”. (Carta 01/09/49-RO – fol. 1 – r)
- (32) Desejo também que só você, [**exclusivamente** você] leia (Carta 20/12/48-RO–fol.1–r)
- (33) [**Somente** hoje] me animei a responder à sua carta (Carta 25/01/49-OR–fol. 1–r)

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M
(31a)	unicamente	por	isso

- (32a) **exclusivamente** você
 (33a) **somente** hoje

A função pragmática **Contraste** seletivo indica a percepção do Falante de que o Ouvinte considera mais de uma informação como correta; por isso ele precisa selecionar a informação mais adequada (PEZATTI, 2014, p.110). O marcador mais apropriado para indicar essa função é *principalmente*, que se posiciona em P^I do sintagma, em todos os casos encontrados, conforme exemplificam (34) e (35):

- (34) as atividades produtivas, [**principalmente** em nossa re- | gião], pode a agricultura e a pecuária ainda se desenvolve- | vem por conta do azar (CarRedatorXX2CE Vigilância meteorológica)
- (35) foi a falta de uma visão mais atua- | lizada sobre o papel da impren- | as, [**principalmente** da parte de | um homem] que profissional- | mente lida com o amo há mui- | to tempo. (CarRedator XX2CE Pluralismo e Poder)

- | P ^I | P ^{I+1} | P ^M |
|-----------------------------|------------------|---------------------|
| (34a) principalmente | em | nossa região |
| (35a) principalmente | de | a parte de um homem |

Os Modificadores **Atitudinais** são expressões lexicais de natureza subjetiva que indicam um comprometimento por parte do Falante com relação à entidade designada dentro do Subato Referencial, como em (36), em que o adjetivo *pobre* expressa uma avaliação do falante e não uma pessoa sem recursos financeiros.

- (36) [Unicamente um **pobre** bôbo] permaneceria acreditando desta forma num romance tão cruel [Carta 16/03/48-OR – fol. 2 - r]

Como todo Modificador atitudinal, o adjetivo *pobre* antecede seu núcleo, posicionando-se nos domínios de P^I. Em (36) ocupa a posição P^{I+2}, já que é antecedido pelo marcador de Contraste restritivo, que assume a P^I, e pelo operador de indefinidade *um*, que se coloca em P^{I+1}. O adjetivo *pobre*, quando modificador descritivo, coloca-se em posição P^F do sintagma, como representado em (36a) e (36b).

	P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^M
(36a)	unicamente	um	pobre	bobo

	P^I	P^{I+1}	P^M	P^F
(36b)	unicamente	um	bobo	pobre

Considerações finais

Neste estudo, investiga-se, em dados dos séculos XIX e XX, a ordem dos advérbios e dos adjetivos dentro do sintagma, ou seja, da ordenação de constituintes que escopam Subatos (operam no NI), expressando uma ação do Falante para conseguir seu objetivo comunicativo.

A análise do *corpus* mostra que, dentro do sintagma, os marcadores de Mitigação, de Contraste Restritivo e Expansivo, de Exemplificação e de Ênfase se colocam em P^I, como representado no Quadro 1.

QUADRO 1 – Marcadores gramaticais

P ^I	P ^M	P ^F
Mitigação Contraste restritivo Contraste expansivo Exemplificação Ênfase	núcleo	

Fonte: Elaboração própria.

O operador de Ênfase *é que*, por seu turno, coloca-se sempre em P^F do sintagma, escopando o núcleo num movimento para trás, independentemente da posição que o sintagma ocupa na oração, conforme Quadro 2.

QUADRO 2 – Operador *é que*

P ^I	P ^M	P ^F
	núcleo	é que

Fonte: Elaboração própria.

O operador de Contraste restritivo *apenas* ocupa geralmente a posição P^I do sintagma. Em ocorrências do século XX, no entanto, esse operador pode-se colocar em posição P^F do sintagma quando escopa um sintagma preposicionado, não tendo sido encontrado nessa posição em ocorrências do século XIX. O século XX encontra-se resumido no Quadro 3.

QUADRO 3 – Operador *apenas*⁴

	P ^I	P ^M	P ^F
Np	apenas	núcleo	
Prep		núcleo	apenas

Fonte: Elaboração própria.

Já os marcadores de Exemplificação, Atitudes e de Contraste restritivo e seletivo vêm, na maioria dos casos, em P^I do sintagma, independentemente da posição que o sintagma ocupa na oração, conforme resume o Quadro 4.

QUADRO 4 – Marcadores lexicais

P ^I	P ^M	P ^F
Exemplificação Atitudinal Contraste restritivo Contraste seletivo	núcleo	

Fonte: Elaboração própria.

O marcador de Exemplificação *por exemplo*, por outro lado, coloca-se em P^I ou P^F, a depender da posição que o sintagma por eles escopado ocupa na oração. Ou seja, se o sintagma estiver em P^I da oração, o marcador irá para P^F do sintagma, e se o sintagma estiver em P^M ou P^F da oração, o marcador irá para P^I do sintagma, como mostra o Quadro 5.

⁴ A GDF usa Np (*Noun phrase*) para designar o sintagma nominal, e Prep (*preposition phrase*), para sintagma preposicionado.

QUADRO 5 – Marcador *por exemplo*

Oração	P ^I			P ^M	P ^F		
Sintagma	P ^I	P ^M	P ^F		P ^I	P ^M	P ^F
		núcleo	por exemplo		por exemplo	núcleo	

Fonte: Elaboração própria.

Como se vê, o estudo da ordenação de operadores e modificadores dentro do sintagma em cartas dos séculos XIX e XX indica que não houve muita diferença no uso dos marcadores interpessoais (operadores e modificadores) nesses dois séculos. A diferença encontrada refere-se ao uso de *apenas*, que aparece em posição final de sintagma no século XX.

Contribuição dos autores

O artigo foi desenvolvido conjuntamente pelas autoras, uma vez que é parte da pesquisa de Iniciação Científica de Ana Carolina Teixeira Peres, sobre a ordenação de operadores e modificadores de subatos no português dos séculos XVIII, XIX e XX, durante o período de 2015 a 2016, sob a orientação de Erotilde Goreti Pezatti.

Agradecimentos

Somos gratas aos pareceristas anônimos, cujas observações contribuíram sobremaneira para o aperfeiçoamento do texto que aqui se apresenta. Erotilde Goreti Pezatti agradece ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq Proc. No. 301257/2017-5.

Referências

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. C. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 173-196, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part II. Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110218374>

HENGEVELD, K. The Architecture for Functional Grammar. In: MACKENZIE, L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ (org.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1-21.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>

PEZATTI, E. G. Clivagem e construções similares sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 112-126, 2013.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PEZATTI, E. G. Motivações discursivas na ordenação de constituintes em português: a função pragmática Contraste. In: ANDRADE, C. A. B. DE; MICHELETTI, G.; SEARA, I. R. (org.). *Memória, discurso e tecnologia*. São Paulo: Terracota Editora, 2016. p. 121-142.

VALLDUVÍ, E.; ENGD AHL, E. The Linguistic Realization of Information Packaging. *Linguistics*, Antwerp, v. 34, p. 459-519, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.1996.34.3.459>



Las marcas diafásicas y diastráticas de las locuciones en los diccionarios generales y fraseológicos

Diaphasic and diastratic marks of idioms in general and phraseological dictionaries

Mohammed Boughaba

Université Mohammed V de Rabat, Rabat / Marruecos

boughaba.md@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3653-1287>

Resumen: El uso de marcas diafásicas y diastráticas tiene una tradición muy arraigada en la lexicografía española. De hecho, es posible, ya en las primeras versiones del *Diccionario de la lengua española* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014), localizar varias etiquetas que se refieren al nivel y al estilo de lengua. No obstante, la consulta de los distintos diccionarios muestra que el interés por el establecimiento de tales marcas no ha sido respaldado por bases teóricas y procedimientos sistemáticos. Los escollos aumentan más cuando las unidades objeto de descripción son combinaciones pluriverbales, caracterizadas por la fijación y la idiomaticidad: las locuciones. La presente contribución trata de averiguar cómo está descrita la marcación diafásica y diastrática aplicada a las locuciones. El objetivo del trabajo es examinar diversos diccionarios, generales y fraseológicos, para comprobar una serie de cuestiones, como la presentación de estas marcas en el prólogo de las obras estudiadas, la pluralidad de denominaciones usadas para referirse a los distintos microsistemas de marcación diafásica y diastrática, la subjetividad en su aplicación, etc. Al final, se presentan algunas propuestas para resolver los escollos descritos en el trabajo.

Palabras clave: diccionario; registros de uso; marca diafásica; marca diastrática; locuciones.

Abstract: The use of diaphasic and diastratic marks has a deep-rooted tradition in Spanish lexicography. In fact, it is possible, already in the first versions of the *Dictionary of the Spanish language* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014), to locate several

labels that refer to the level and style of the language. However, the consultation of the different dictionaries shows that the interest in the establishment of such marks has not been supported by theoretical bases and systematic procedures. The problems derived from the description of these marks increase more when it comes to the idioms, units characterized by their fixation and idiomaticity. The present contribution tries to find out how diaphasic and diastratic marking applied to idioms is treated. The objective of this work is to examine various dictionaries, general and phraseological, to find out a series of questions, such as the description of these marks in the prologue of the works studied, the plurality of names used to refer to the different diaphasic and diastratic marking microsystems, subjectivity in its application, etc. At the end, some proposals will be presented to resolve the pitfalls described in the work.

Keywords: dictionary; registers of language; diaphasic marks; diastratic marks; idioms.

Recibido el 18 de mayo de 2020

Aceptado el 18 de junio de 2020

1 Introducción

Son varias las marcas diasistemáticas que figuran en los artículos lexicográficos, las cuales aportan una serie de informaciones que permiten al usuario interpretar y seleccionar óptimamente las unidades y adecuarlas al contexto en el que se desenvuelve el acto comunicativo. Se trata de etiquetas que emplean los diccionaristas para indicar que una unidad es propia de un nivel de uso determinado (diafásicas), un estrato social específico (diastráticas), una zona geográfica precisa (diatópicas) o un campo de conocimiento especializado (diatécnicas). Existen también otras indicaciones que proporcionan información de carácter pragmático y gramatical, y otras etiquetas que aportan datos sobre la frecuencia de uso. Todas estas marcas preceden siempre al enunciado definitorio.

La descripción de la marcación lexicográfica ha sido objeto de estudio de varios trabajos. Si bien algunos han tratado distintas etiquetas conjuntamente, como el trabajo de Casares (1950), el de Fajardo Aguirre (1996-1997), los de Garriga Escribano (1997, 2019), el de Porto Dapena (2002), el de Barahona Novoa (2005) y el de Climent de Benito (2006), otros han sido más específicos al abordar un tipo de marcación bien

delimitado, como el de Fajardo Aguirre (1994) sobre la marcación técnica, los de Garriga Escribano (1994, 1994-1995) sobre las marcas *vulgar* y *despectivo*, respectivamente, el de Cundín Santos (2001) sobre los conceptos *coloquial* y *vulgar*, entre otros. Además de las investigaciones antes mencionadas, enfocadas principalmente a las unidades léxicas simples, han salido a luz otros estudios que abordan la marcación lexicográfica aplicada a las unidades pluriverbales, principalmente las locuciones. Así, mientras algunos tratan todas las marcas utilizadas en la representación lexicográfica de las locuciones, como las obras de Olímpio de Oliveira Silva (2007) y Penadés Martínez (2015), otros se han centrado en una clase de marcación determinada, como los trabajos de Penadés Martínez (2013) y Ruiz Martínez (2013) sobre la marcación diafásica, el de Olímpio de Oliveira Silva (2008) sobre la marcación de transición semántica y los de Penadés Martínez (2012, 2018) sobre la marcación gramatical y la información pragmática, respectivamente.

La consulta de las distintas investigaciones elaboradas sobre la marcación lexicográfica refleja una serie de cuestiones:

- todos los autores han manifestado la falta de sistematicidad y la incoherencia en el tratamiento de la marcación.
- la mayoría de los estudios se han publicado recientemente, y es lo que, quizá, explica por qué los diccionarios aún no han aplicado los resultados obtenidos a partir de ellos.
- gran parte de estos trabajos van orientados a las unidades lexemáticas simples, lo que puede explicarse por el hecho de que la fraseología es una disciplina reciente y, por tanto, la mayoría de las investigaciones en torno a sus aspectos se ha elaborado últimamente.
- las locuciones constituyen la clase más estudiada de las unidades fraseológicas.

Ahora bien, la presente contribución se suma a los trabajos dedicados al tratamiento de la marcación lexicográfica de las locuciones, con la diferencia de abordar específicamente dos marcas: la diafásica y la diastrática. La elección de estas marcas viene determinada, en primera instancia, por su papel central en la comprensión de las connotaciones de las unidades, sean simples o complejas. Por otro lado, dichas marcas plantean, a lo largo de la historia, serios escollos en su descripción,

escollos que no se han resuelto hasta el momento debido a que los especialistas no han conseguido normalizar su uso. Además, debido a las interferencias entre las marcas diafásicas y las diastráticas, una misma etiqueta, como ya veremos más adelante, puede considerarse diafásica o diastrática, dependiendo del punto de vista desde dónde se mire. Otro punto a destacar es el hecho de que la indicación sobre la marcación diafásica y diastrática tiene una tradición muy arraigada en la lexicografía española. De hecho, ya en la primera edición del *Diccionario de la lengua castellana* (2008 [1780]), podemos encontrar en su “Explicación de varias abreviaturas que se ponen en este Diccionario para denotar la calidad y censura de las voces” etiquetas como *voz familiar (fam.)*, *voz, ó frase baxa (bax.)* y *voz, ó frase vulgar (vulg.)* (DLC, VII).

El trabajo plantea alcanzar los siguientes objetivos:

- desvelar las incongruencias en el tratamiento de las marcas diafásicas y diastráticas aplicadas a las locuciones.
- presentar la maraña terminológica referente a cada marcación.
- demostrar que las decisiones sobre la marcación responden más a la tradición y a criterios meramente subjetivos, que a procedimientos sistemáticos.
- exponer los límites superfluos que separan las marcas diafásicas de las diastráticas.
- averiguar si los diccionarios fraseológicos tratan la marcación diafásica y diastrática de la misma manera que los diccionarios generales.
- esclarecer los métodos más eficientes para el tratamiento de la marcación diafásica y diastrática de las locuciones.

2 Marcación diafásica

De acuerdo con Coseriu (1981, p. 12) la *diafasía* refleja las “diferencias entre los tipos de modalidad expresiva, según las circunstancias constantes del hablar (hablante, oyente, situación u ocasión del hablar y asunto del que se habla)”. De ahí, las marcas diafásicas hacen referencia a los diferentes estilos o registros de lengua, los cuales son determinados por el contexto comunicativo.

La aparición de las etiquetas diafásicas, en los artículos lexicográficos, adquiere una importancia capital para el usuario, puesto que le permiten establecer los límites entre los distintos registros de lengua (formal, informal, vulgar, ...) que condicionan el uso de los fraseologismos en el discurso. Además, otro aspecto que corrobora la pertinencia de las indicaciones diafásicas es su aparición en prácticamente todos los diccionarios estudiados, aunque, como ya veremos a continuación, su establecimiento dista mucho de ser uniforme.

Es deficiente e insatisfactorio el tratamiento que recibe la marcación diafásica en los distintos diccionarios por varias razones. Por un lado, es palpable la escasez de información sobre los registros de uso en las partes introductorias, puesto que no se suele especificar los criterios adoptados para asignar las marcas correspondientes a cada unidad, o el alcance que tiene cada una de ellas (FAJARDO AGUIRRE, 1996-1997, p. 43; RUIZ MARTÍNEZ, 2016, p. 598), pues los lexicógrafos se limitan, en muchas ocasiones, a presentar el tipo de marca con su equivalente abreviado sin aclarar su significado. Así, por ejemplo, el *DLE*, bajo el epígrafe “Voces o acepciones marcadas por otros motivos”, distingue entre 1) **niveles de uso de la lengua**: «vulg.» (‘nivel vulgar’), «jerg.» (‘jergal’), «infant.» (‘infantil’), «cult.» (‘nivel especialmente culto’), y 2) **registros de habla** —«coloq.» (‘registro coloquial’), pero no incluye ninguna aclaración complementaria que especifique qué se entiende exactamente por cada marca. Este estado de la cuestión se puede explicar por el hecho de que en el establecimiento del sistema de marcación suele prevalecer la tradición¹, es decir, en la confección de las obras lexicográficas se toman como punto de partida otros repertorios ya existentes, de modo que siguen el mismo estilo de marcación, sin añadir mejoras en cuanto a la explicación de los criterios y el valor de cada marca. En este sentido, Fajardo Aguirre (1996-1997, p. 43) señala la existencia de marcas tan abundantes en la lexicografía española, como **fam.** (familiar), que no tienen ninguna definición en los diccionarios.

¹ Azorín Fernández (2010, p. 252) afirma que «a lo largo de sus 22 ediciones, el *DLE* ha mantenido –con los ajustes pertinentes– el sistema de marcación heredado de *Autoridades* y, siguiendo su ejemplo, la mayoría de los diccionarios del español han venido empleando sin apenas cuestionar su pertinencia las marcas lexicográficas consolidadas por la tradición académica».

Los diccionarios fraseológicos constituyen una excepción en este aspecto, puesto que definen las marcas que usan en sus partes introductorias. En este sentido, el *DFDEA* (SECO *et al.*, 2004, p. XXIX-XXXII) ha elaborado un glosario en el que explica el valor de cada término. Así, *coloquial* hace referencia al “uso propio de la conversación informal o de una situación distendida”, *popular* refleja el “uso propio de un nivel cultural bajo” y *vulgar* alude a toda “expresión malsonante o de mal gusto que no debe emitirse ante personas de cierto respeto”. La ausencia de alguna marca significa que la locución es de uso normal o general. Por su parte, el *DiLEA* (PENADÉS MARTÍNEZ, 2019) ha explicado el valor de las tres marcas diafásicas que utiliza:

- infor. (informal): locuciones que se dan con naturalidad en una situación conversacional prototípica de mínima formalidad y resultan disonantes, muy poco frecuentes o marcadas de algún modo en una situación prototípica de máxima formalidad.
- for. (formal): locuciones que se sitúan en el polo opuesto a informalidad en el *continuum* informalidad – formalidad.
- vulg. (vulgar): locuciones que se sitúan en el polo negativo, trasgresor, en relación con la actitud social del hablante.²

El sistema de marcación adoptado por el *DFDEA* no ha sido exento de críticas. De acuerdo con este diccionario, la marca *literario* hace referencia a varias restricciones: “uso propio, en general, de obras literarias, o de la lengua escrita, o de situaciones formales; en especial, de la expresión voluntariamente elegante o elevada” (*DFDEA*, 2004, p. XXX). Ciñéndonos tan solo a esta definición, resulta difícil saber si una locución como *en extremo*, marcada con la abreviatura *lit.*, es “propia de un estilo de lengua formal, de obras literarias o de la modalidad escrita” (RUIZ MARTÍNEZ, 2016, p. 599). En la misma línea, algunas locuciones aparecen marcadas con dos etiquetas aparentemente opuestas, como el caso de las siguientes construcciones marcadas en el *DFDEA* con las abreviaturas “*lit* o *rur*” (literario o rural):

² Tomado de: <http://www.diccionariodilea.es/presentacion>. Fecha de consulta: 4 mayo 2020.

Haber menester [una cosa]. v (*lit* o *rur*) ‘Necesitar[la]’.

Hacerse menester [una cosa]. v (*lit* o *rur*) ‘Hacerse necesaria’.

Ser menester [una cosa]. v (*lit* o *rur*) ‘Ser necesaria’.

Siguiendo el *DFDEA*, la marca *literario* se refiere, como hemos mencionado antes, a la expresión elegante o elevada utilizada en situaciones formales, mientras que *rural* alude al “uso propio de un nivel cultural bajo, restringido al ámbito rural” (*DFDEA*, 2004, p. XXXII). A partir de ahí, resulta difícil determinar si una locución como *haber menester* pertenece al uso elevado, a un nivel cultural bajo o puede utilizarse indistintamente en diversas situaciones de comunicación. Las dudas aumentan más cuando nos percatamos de que la misma unidad no lleva ninguna marca en otros diccionarios como el *DLE* y el *CLAVE* (MALDONADO, 1996), lo que da a entender que su uso no es literario ni rural, sino general:

haber menester algo

loc. verb. Necesitarlo (*DLE*).

{**haber/ser**} **menester** algo loc.verb. Ser necesario o imprescindible (*CLAVE*)

Por otro lado, se reprocha la profusión terminológica usada para referirse a la marcación diafásica, pues se habla de “marcas de uso” en el *DSLE* (GUTIÉRREZ CUADRADO, 1996), de “niveles de uso de la lengua” en el *DLE*, de “registros de uso” en el *CLAVE*, de “informaciones de naturaleza sociolingüística y estilística” en el *DIPELE* (MORENO FERNÁNDEZ, 1995), de “acotaciones de uso” en el *DUE* (MARÍA MOLINER, 1969), de “niveles de comunicación” en el *DEA* (SECO *et al.*, 1999), del “nivel de uso” en el *DFDEA*, de “marcación diafásica” en el *DiLEA*, etc. Otros diccionarios, como el *DICLOCVER* (PENADÉS MARTÍNEZ, 2002), el *DICLOCADV* (PENADÉS MARTÍNEZ, 2005) y el *DICLOCNAP* (PENADÉS MARTÍNEZ, 2008) han optado por no asignar ninguna denominación específica para referirse a la marcación diafásica.

La profusión terminológica se extiende también a las denominaciones que describen cada etiqueta diafásica: *formal*, *informal*, *culto*, *semiculto*, *coloquial*, *vulgar*, *familiar*, *elevado*, *literario*, *poético*, *refinado*, *solemne*, *respetuoso*, *popular*, *restringido*, *malsonante*, etc. En este sentido, Fajardo Aguirre (1996-1997, p. 31) indica que la abundancia

de marcas, abreviaturas, signos, etc., pueden resultar molestas para algunos lectores.

Asimismo, el uso de estas marcas en los diccionarios no es, en muchas ocasiones, coincidente. Efectivamente, una misma locución puede recibir marcas distintas o aparecer sin ninguna marca según el diccionario tomado como referencia:

<i>DFDEA</i>	<i>DLE</i>	<i>DiLEA</i>
confundir el culo con las témporas. (<i>col</i>). llevar al altar. (<i>lit</i>). meter la gamba. (<i>juv</i>). poner puertas al campo. (<i>lit</i>).	confundir el culo con las témporas. <i>malson, coloq.</i> llevar al altar. meter la gamba. <i>coloq.</i> poner puertas al campo. <i>coloq.</i>	confundir el culo con las témporas. <i>vulg.</i> llevar al altar. <i>for.</i> meter la gamba. <i>infor.</i> poner puertas al campo.

Los ejemplos presentados reflejan, con claridad, la falta de homogeneidad en el sistema de marcación diafásica adoptado por los diccionarios examinados. En primer lugar, destaca el hecho de que algunas obras usan marcas inexistentes en otros, como *informal*, solo recogida en el *DiLEA*, *malsonante*, que aparece exclusivamente en el *DLE*, y *literario*, utilizada únicamente por el *DFDEA*. Se nota también el uso de doble marcación en algunos diccionarios, como el caso de la locución *confundir el culo con las témporas*, etiquetada con *malsonante* y *coloquial* en el *DLE*. Asimismo, se pone de manifiesto que los diccionarios no coinciden en la asignación de las marcas, pues una locución como *meter la gamba* aparece marcada como *juvenil* en el *DFDEA*, *coloquial* según el *DLE*, mientras que el *DiLEA* la concibe como *informal*. De ahí, los límites entre una y otra marca no son lo suficientemente clarificados, de modo que “unas marcas en unos diccionarios parecen identificarse con otras, caso de coloquial con informal, informal con familiar o vulgar con familiar” (DACOSTA CEA, 2004, p. 258). Además, algunas unidades pueden ser etiquetadas en algún diccionario y no recibir ninguna marca en otras obras, como el caso de *llevar al altar*, marcada como *literario* y *formal* en el *DFDEA* y el *DiLEA*, respectivamente, y carente de etiqueta en el *DLE*, lo que da a entender que pertenece al estilo neutro o estándar. El ejemplo más curioso y el que muestra claramente las disensiones en los criterios de la marcación diafásica es la locución *poner puertas al campo*, que recibe la etiqueta *literario* en el *DFDEA*, al mismo tiempo

que aparece como *coloquial* según el *DLE*. Los diccionarios antes mencionados conciben la construcción *poner puertas al campo* de modo contradictorio, puesto que una locución no puede pertenecer al estilo literario, más característico del nivel culto, y al mismo tiempo ser de uso coloquial. El *DiLEA* opta por no asignar ninguna etiqueta a esta clase de unidades porque considera que

tienen un uso general; o sea, pueden utilizarse en una gran variedad de situaciones y aparecer indistintamente en una amplia diversidad de contextos, no tipificados específicamente como informales ni formales, además de usarse en casos en los que el hablante no mantiene ninguna actitud transgresora³.

Estamos ante tres marcas diferentes empleadas para describir la misma locución. Ello quiere decir que los diccionarios usan distintos criterios a la hora de establecer la marcación diafásica. Los ejemplos antes citados no son casos aislados, sino que existen numerosas unidades que revelan las diferencias en la concepción diafásica entre uno y otro diccionario. En este aspecto, Garriga Escribano afirma que

las indicaciones que se utilizan en los diccionarios raramente están explicadas, con frecuencia son implícitas y dependen del juicio del lexicógrafo, que se ve influido por factores subjetivos como su propia competencia lingüística, su formación u otros criterios extralingüísticos que utiliza para establecerlas (GARRIGA ESCRIBANO, 1994-1995, p. 114).

Existen otros ejemplos que muestran la subjetividad en el tratamiento de la marcación diafásica, como la distinción entre las acepciones de una misma locución. Por ejemplo, el *DLE* recoge cinco acepciones para la locución *cerrar los ojos*, y todas aparecen sin etiquetas:

cerrar alguien los ojos

1. loc. verb. Dormir, entrar o estar en sueño.
2. loc. verb. Morir (|| llegar al término de la vida).
3. loc. verb. Sujetar el entendimiento al dictamen de otro.
4. loc. verb. Obedecer sin examen ni réplica.
5. loc. verb. Arrojararse temerariamente a hacer algo sin reparar en inconvenientes.

³ Tomado de: <http://www.diccionariodilea.es/presentacion>. Fecha de consulta: 4 mayo 2020.

El *DICLOCVER* registra 4 acepciones, las tres primeras no llevan ninguna marca, mientras la cuarta aparece etiquetada con *informal*:

- cerrar los ojos v. 1.** [alguien] Morir.
- 2.** [alguien, a/ante algo] No querer enterarse de una cosa.
- 3.** [alguien] Lanzarse a hacer una cosa sin pensar en los inconvenientes.
- 4. *infor.*** [alguien] Dormir.

El *DFDEA* recoge tres acepciones para *cerrar los ojos*, de modo que la primera aparece marcada con *coloquial*, y las otras sin marca:

- 1. cerrar el ojo (o los ojos).** *v* (col) Morir.
- 2. cerrar los ojos** [ante algo]. *v* No querer reconocer[lo] o enterarse [de ello].
- 3. cerrar los ojos.** *v* Decidirse a hacer una cosa dejando a un lado los inconvenientes.

A partir de los ejemplos presentados se desprenden algunas observaciones. En primer lugar, se deja notar que los diccionarios no recogen las mismas acepciones para la locución *cerrar los ojos* (cinco en el *DLE*, cuatro en el *DICLOCVER* y tres en el *DFDEA*). En segundo lugar, mientras el *DLE* ha optado por no incluir ninguna marca, dando a entender que todas las acepciones tienen un uso estándar o general, el *DICLOCVER* ha abogado por marcar la cuarta acepción (‘dormir’) con *informal*, mientras que el *DFDEA* ha etiquetado la primera acepción (‘morir’) como *coloquial*.

El análisis llevado a cabo en este apartado nos conduce a sacar las siguientes conclusiones:

- Todos los diccionarios, generales y fraseológicos, utilizan marcas diafásicas, aunque el número de etiquetas empleado puede ser distinto según el diccionario tomado como referencia.
- Los diccionarios generales, como el *DLE*, no explican el valor de las marcas diafásicas que recogen.
- Todos los diccionarios fraseológicos consultados describen los límites de las etiquetas que usan en sus partes introductorias.
- La marcación diafásica recibe distintas denominaciones según cada diccionario (registros de uso, nivel de uso, acotaciones de uso, ...).

- Las denominaciones usadas para referirse a las diferentes clases de marcas son múltiples y varían de un diccionario para otro (*formal, informal, culto, coloquial, vulgar, familiar, elevado, ...*).

Cada diccionario tiene su propia forma de concebir la marcación diafásica, lo que se ha traducido en marcar iguales locuciones con distintas etiquetas. De ello, se desprende que su establecimiento responde a criterios subjetivos y no a procedimientos científicos. Las incongruencias en el establecimiento de las marcas diafásicas pueden ser muy dispares, de modo que una misma locución, como *poner puertas al campo*, puede pertenecer al uso *coloquial, literario* o *general* dependiendo de la concepción de cada diccionario.

La confusión terminológica existente, así como la heterogeneidad que afecta la asignación de marcas, traduce la necesidad de concretar una teoría que establezca los criterios para la utilización de un sistema de marcación coherente en las obras lexicográficas. En este aspecto, nos parece conveniente recurrir a los ejemplos de uso en contextos reales, para averiguar con qué dimensión estilística se utiliza cada construcción. Las muestras de la lengua oral y escrita pueden ser de gran ayuda para comprobar en qué tipo de discursos se usa cada unidad y a qué modalidad de la lengua pertenece. Sirven de gran ayuda, en este sentido, los *corpora* de la RAE: el *Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)*, el *Corpus Diacrónico del Español (CORDE)* y el *Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES)*.

Por su parte, Penadés Martínez (2015, p. 165-171) propone seis criterios para marcar diafásicamente las locuciones en los diccionarios: 1) la imagen que una locución evoca; 2) la amenaza a la imagen pública de alguno de los interlocutores o de la 3.^a persona que conlleva la interpretación literal de una locución; 3) la propia marcación, si la tienen, de las unidades léxicas que constituyen una locución; 4) la relación entre locuciones eufemísticas y las correspondientes disfemísticas; 5) la percepción del hablante, y del lexicógrafo en cuanto usuario de la lengua, sobre el tipo de situaciones en que se usa una locución; y 6) la tendencia de una locución a aparecer en un determinado tipo de texto. De ahí, se deduce que el establecimiento de la marcación diafásica requiere un estudio meticuloso en varios niveles, y es lo que explica por qué algunos diccionarios han decidido descartar algunas etiquetas, como *formal* que no aparece en el *DICLOCNAP*, “dada la situación en que se encuentran

los estudios sobre variación diafásica en fraseología y la consiguiente dificultad a la hora de ofrecer este tipo de datos” (*DICLOCNAP*, 2008, p. 15).

3 Marcación diastrática

A diferencia de la marcación diafásica, relacionada con el estilo de lengua, la marcación diastrática se vincula con el nivel de lengua, el cual remite a “la pertenencia de un individuo a un determinado grupo social (sexo, generación, educación, profesión, etc.)” (SANTAMARÍA PÉREZ, 2001, p. 151). Se trata, pues, de diferencias establecidas por la estratificación social.

De acuerdo con Bajo Pérez (2000, p. 27), el establecimiento de la marcación diastrática se basa en los siguientes criterios:

- raza o etnia.
- diferencias de edad.
- diferencias de sexo.
- la clase socioeconómica y diferentes profesiones, ocupaciones y actividades.
- nivel educativo y formación cultural del hablante.

Otros autores incluyen las diferencias antes mencionadas dentro de la marcación diafásica. En esta línea, Casas Gómez distingue entre:

Marcas diafásicas “diasexuales” entre el lenguaje de los hombres y el de las mujeres y “diageneracionales” en el lenguaje infantil (usado por los niños o por los mayores cuando nos dirigimos a ellos) frente al de los jóvenes, adultos o viejos (CASAS GÓMEZ, 1993, p. 101).

De lo anterior se desprende que la distinción entre *diastratía* y *diafasia* y, por consiguiente, entre nivel de lengua y estilo de lengua, respectivamente, no es categórica. Existe, pues, una clara confusión sobre su concepción por parte de los autores, una confusión que se extiende al plano lexicográfico, donde los criterios de marcación adoptados por los distintos diccionarios tienden a ser divergentes y poco uniformes.

Efectivamente, los diccionarios no dejan bien clara la diferencia entre los dos conceptos, pues muchas veces no sabemos si una marca

es diastrática o diafásica. El *DFDEA*, por ejemplo, no establece ninguna distinción entre marcas diastráticas y diafásicas en sus páginas preliminares, puesto que las incluye todas dentro de lo que denomina **nivel de uso: coloquial, popular, vulgar, jergal, juvenil y literario**.

Por su parte, el *DSLE* tampoco presenta una distinción entre los dos conceptos, puesto que incluye todas las marcas diastráticas y diafásicas dentro de lo que denomina **marcas de uso: restringido, vulgar, coloquial, elevado, rural, jergal, literario, afectado**.

El *DLE* hace una pequeña distinción, pero tampoco es esclarecedora, entre **los niveles de uso de la lengua**, en los que inserta las marcas *vulgar, jergal, infantil y culto*, y **los registros de habla** en los que incluye únicamente la marca *coloquial*.

Por otro lado, se deja entrever que mientras el *DLE* registra la marca *malsonante* dentro de lo que denomina **valoración del hecho lingüístico**, el *DFDEA* la descarta de su sistema de marcación, porque la considera como sinónimo de *vulgar*, lo cual se desprende de algunos ejemplos, como *pasarlas putas* que aparece marcada como *malsonante* en el *DLE* y *vulgar* en el *DFDEA*, y también de la definición de la marca *vulgar*: “expresión malsonante” (*DFDEA*, 2004, p. XXXII)

Ahora bien, si nos atenemos a los criterios establecidos por Bajo Pérez (2000, p. 27), llegamos a la conclusión de que las marcas *juvenil e infantil* deberían ser integradas en el registro de lengua, porque remiten a un criterio diastrático: diferencias de edad. Del mismo modo, serían diastráticas las marcas *popular y jergal*, porque responden a criterios diastráticos relativos al estrato social y profesional. *Vulgar, coloquial y literario* serían, en cambio, marcas diafásicas, debido a que reflejan distintos estilos de lengua.

La distinción que hemos establecido tampoco es tajante, puesto que se plantea el problema de que una misma marca puede ser concebida como diastrática o diafásica según la óptica desde donde se mire:

Los límites entre el nivel y el estilo de lengua no están suficientemente clarificados, desde el momento en que una misma variante puede recubrir tanto una dimensión social como de estilo e interpretarse, en consecuencia, desde una perspectiva diastrática o diafásica (CASAS GÓMEZ; ESCORIZA MORERA, 2009, p. 156).

Por su parte, Fajardo Aguirre sostiene lo siguiente:

La adscripción de muchas de estas marcas [de nivel y estilo] a un determinado grupo es problemática, así mientras A. Rey (1967) clasifica la marca *fam.* entre las diastráticas, Coseriu (1981) incluye lo *fam.* entre las variedades diafásicas, es decir, entre los estilos de lengua. Algunos sociolingüistas llegan a negar la validez de esas marcas, así Bourdieu (1982) considera que su valor es tan variable que no tiene sentido incluirlas en el diccionario (FAJARDO AGUIRRE, 1996-1997, p. 43).

En esta misma línea, una marca como *vulgar* puede remitir tanto al uso propio de personas de un nivel social bajo (marca diastrática), como a una situación comunicativa donde la confianza entre los hablantes favorece el uso de formas *vulgares* (marca diafásica). Lo mismo pasa con la marca *culto*, que puede considerarse diafásica si se refiere a un estilo utilizado en ciertos contextos, los formales por ejemplos, como diastrática, si alude al nivel educativo. De ahí, una misma unidad puede recubrir una dimensión social como estilística, lo que refleja, a su vez, la existencia de marcas que se encuentran a caballo entre la diafasia y la diastratía. Todo ello nos conduce a adoptar la opinión de Nomdedeu Rull (2014, p. 275): “las palabras no pertenecen a un nivel o a un registro, sino que se usan en uno de ellos”.

Debido a la problemática que entraña la delimitación del concepto de la diastratía, así como la falta de estudios sociolingüísticos que proporcionen datos sobre el uso de las locuciones en relación con los valores sociales, muchos diccionarios han decidido no incluir marcas diastráticas en sus repertorios. Algunos ejemplos son los diccionarios de locuciones elaborados por Penadés Martínez, el *DICLOCVER*, el *DICLOCNAP*, el *DICLOCADV* y el *DiLEA*, en los que se ha decidido prescindir de las marcas diastráticas, porque “sin llevar a cabo investigaciones de carácter sociolingüístico, es difícil documentar variantes de una invariante de contenido que estén marcadas en función de las características sociales de los hablantes” (PENADÉS MARTÍNEZ, 2015, p. 174).

Entre los pocos diccionarios que recogen marcas diastráticas, aunque sin mencionarlo explícitamente, se encuentran el *DFDEA* y el *DLE*. En el primero aparecen las marcas *juvenil* y *popular* en ejemplos como *coger un globo* y *de nación*, respectivamente. El segundo registra la etiqueta *infantil* en locuciones como *a upa*. La marca *jergal* tiene presencia

tanto en el *DLE*, en unidades como *achantar la mui y darle a la mui*, como en el *DFDEA* en locuciones como *hacer la gamba y tener gato*.

Las marcas diastráticas basadas en diferencias de género no tienen cabida en ninguno de los diccionarios examinados, lo que puede explicarse por el hecho de que son muy escasas las unidades pluriverbales que presentan usos restringidos para las mujeres y otros para los hombres. No obstante, el *DCLEA* (PORTO DAPENA, 2008) sí refleja tal distinción en su microestructura:

[...] en este último caso [diferencias de carácter sexual] no usaremos ninguna marca en forma de abreviatura, sino que, si hubiere necesidad, se indicará mediante expresiones como *En lenguaje femenino, Entre varones*, etc.⁴

El *DFDEA*, si bien no usa marcas de este tipo, informa en el artículo lexicográfico de forma implícita sobre esta especificidad en ciertas locuciones, a veces lo menciona en el contorno como en la locución *de mujer a mujer*, o mediante notas informativas como en *hecho una facha*:

de mujer a mujer. [Hablando dos mujeres] con toda franqueza y sin intermediarios.

hecho una facha. Que presenta un aspecto ridículo. *Se usa esp en el habla femenina referido al arreglo personal.*

En suma, se puede decir que son varios los escollos que caracterizan la marcación diastrática en los diccionarios. En primer lugar, destaca la dificultad de delimitar con exactitud la distinción entre la *diastratía* y la *diafasía*, pues los autores aún no están de acuerdo en su definición y los diccionarios no hacen más que confirmar tal ambigüedad. En segundo lugar, se plantea el problema de las interferencias entre una y otra marcación, como el caso de la etiqueta *vulgar* que puede pertenecer al estilo de lengua, así como al nivel de lengua dependiendo de la concepción tomada como punto de partida. En tercer y último lugar, la falta de estudios, que den cuenta de las diferencias socioculturales, hace que la plasmación de los valores diastráticos en los diccionarios sea una tarea poco coherente.

⁴ Tomado de: <https://www.udc.es/grupos/lexicografia/diccionario/2-7-La-marcacion.htm>. Fecha de consulta: 1 mayo 2017.

4 Conclusiones

El examen de la marcación diafásica y diastrática en los distintos diccionarios, generales y fraseológicos, nos permite extraer las siguientes conclusiones:

El establecimiento de las marcas diafásicas y diastráticas responde más a la libre elección de cada diccionarista que a las características lingüísticas de la locución objeto de descripción. La subjetividad es claramente patente de modo que una misma unidad puede recibir marcas opuestas en cuanto a su connotación. Asimismo, las decisiones con respecto al número y a la tipología de las marcas seleccionadas dependen, en gran medida, de las directrices propias de cada autor. Por ejemplo, mientras algunos diccionarios, como el *DLE* y el *DFDEA*, emplean varias marcas diastráticas, otras compilaciones, como el *DiLEA* y el *DICLOCNAP*, han decidido descartar su uso.

Los límites que separan la marcación diafásica de la diastrática son muy fluctuantes, de modo que etiquetas, como *vulgar* y *culto*, pueden relacionarse con el estilo o el nivel de lengua, según la perspectiva tomada como referencia. La maraña conceptual se ha transmitido al plan lexicográfico, puesto que muchos diccionarios han optado por incluir las dos marcas en el mismo grupo, sin distinción alguna.

Para mitigar las disfunciones en el establecimiento de las marcas objeto de estudio, planteamos las siguientes propuestas:

Respecto a la marcación diafásica, proponemos limitar el número de marcas usadas, teniendo en cuenta que el uso de excesivas etiquetas no hace más que incidir en la confusión. Nos parece que marcas como *literario*, *poético*, *elevado*, *refinado*, *solemne* y *culto* pueden pertenecer, todas, al registro *formal*. Otras marcas como *popular*, *familiar* y *coloquial* pueden incluirse en el registro *informal*. De igual modo, se puede prescindir de marcas como *malsonante*, *ofensivo* y *grosero*, porque formarían parte del registro *vulgar*. Algunas unidades no llevarían ninguna marca, porque pertenecen al uso normal o estándar. A partir de ahí, las marcas quedarían limitadas a tres: *formal*, *informal*, *vulgar*.

En lo que se refiere a la marcación diastrática, proponemos eliminar la marca *popular*, porque es imprecisa y puede referirse a un abanico amplio de niveles de uso. Del mismo modo, descartamos la marca *infantil*, porque el número de unidades cuyo uso es *infantil* no

es tan representativo como para asignarle una marca. Efectivamente, la única locución *infantil* que hemos localizado es *a upa*. Queda descartada también la marca *argot*, cuyo significado se confunde con el de *jerga* e, incluso, los dos pueden utilizarse indistintamente. Prueba de ello, varios diccionarios, como el *CLAVE*, presentan la misma definición para los dos conceptos:

argot:

Variación de lengua que usan entre sí las personas pertenecientes a un mismo grupo profesional o social: argot juvenil (*CLAVE*).

jerga:

Variación de lengua que usan entre sí las personas pertenecientes a un mismo grupo profesional o social: La jerga médica es difícil de entender si no eres médico (*CLAVE*).

Las marcas diastráticas que, en nuestro parecer, sí merecen ser representadas en los diccionarios son: *rural* (uso restringido al ámbito rural), *juvenil* (uso propio del lenguaje juvenil) y *jergal* (uso propio de personas pertenecientes a un mismo grupo social o profesional).

La selección de las marcas diafásicas y diastráticas tiene que aplicarse siempre con posterioridad al estudio de la variación de estilo y de nivel. Queda patente, pues, la necesidad de realizar investigaciones fraseológicas enfocadas en estos aspectos. Todo ello implica que la perfección de los sistemas de marcación lexicográfica, aplicados a las locuciones, está íntimamente relacionada con los avances de los estudios fraseológicos y fraseográficos.

Referencias

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. Las marcas de uso en los diccionarios monolingües destinados a la enseñanza de ELE con fines profesionales y académicos”. In: VERA, A.; MARTÍNEZ, I. (org.). *El español en contextos específicos: enseñanza e investigación*. Comillas: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera-Fundación Comillas, 2010. v. 1, p. 249-268.

BAJO PÉREZ, E. *Los diccionarios: introducción a la historia de la lexicografía del español*. Gijón: Ediciones Trea, 2000.

BARAHONA NOVOA, A. La marcación en la lexicografía actual. *Káñina, Revista Artes y Letras*, San José, v. 29, p. 29-52, 2005.

CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: CSIC, 1950.

CASAS GÓMEZ, M. Consideraciones sobre la variación diafásica. *Pragmalingüística*, Cádiz, España, v. 1, p. 94-124, 1993. DOI: <https://doi.org/10.31819/9783964566126-008>

CASAS GÓMEZ, M.; ESCORIZA, L. Los conceptos de diastratía y diafasía desde la teoría lingüística y la sociolingüística variacionista. In: CAMACHO-TABOADA, M. V. (org.). *Estudios de lengua española: descripción, variación y uso*. Homenaje a Humberto López Morales. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009. p. 151-178.

CLIMENT DE BENITO, J. *Las informaciones de carácter general: grafía, pronunciación, categoría gramatical. Las marcas de uso*. Alicante: Liceus, Servicios de Gestión y Comunicación, 2006.

COSERIU, E. Los conceptos de ‘dialecto’, ‘nivel’ y ‘estilo de lengua’ y el sentido propio de la dialectología. *Lingüística Española Actual*, Barcelona, v. 3, n. 1, p. 1-32, 1981.

CUNDÍN SANTOS, M. La norma lingüística del español y los conceptos coloquial y vulgar en los diccionarios de uso. *Revista de lexicografía*, Coruña, v. 8, p. 43-102, 2001. DOI: <https://doi.org/10.17979/rlex.2002.8.0.5586>

DACOSTA CEA, V. Las marcas de uso de los diccionarios de español con vistas al desarrollo pragmático de los alumnos de español L2. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE, XV., Sevilla. *Actas [...]*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 2004. p. 252-258.

FAJARDO AGUIRRE, A. La marcación técnica en la lexicografía española. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, La Laguna, v. 13, p. 131-143, 1994.

FAJARDO AGUIRRE, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la lexicografía española. *Revista de Lexicografía*, Coruña, v. 3, p. 31-57, 1996-1997.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La marca de ‘vulgar’ en el DRAE: de ‘Autoridades’ a 1992. *Sintagma*, Lérida, v. 6, p. 5-13, 1994.

GARRIGA ESCRIBANO, C. Las marcas de uso: *despectivo* en el *DRAE*. *Revista de Lexicografía*, Coruña, v. 1, p. 113-147, 1994-1995. DOI: <https://doi.org/10.17979/rlex.1995.1.0.5697>

GARRIGA ESCRIBANO, C. Las “marcas de uso” en los diccionarios del español. *Revista de Investigación Lingüística*, Murcia, v. 1, p. 75-110, 1997.

GARRIGA ESCRIBANO, C. De nuevo sobre las marcas de uso: del pasado inmediato al futuro imperfecto. In: SANTAMARÍA SÁEZ, J.; QUILIS MERÍN, M. (org.). *Retos y avances en lexicografía: los diccionarios del español en el eje de la variación lingüística*. Valencia: Asociación Española de Estudios Lexicográficos, 2019. [Anejo de *Normas. Revista de Estudios Lingüísticos Hispánicos*, v. 10, p. 17-40.]

GUTIÉRREZ CUADRADO, J. (org.). *Diccionario Salamanca de la lengua española*. Madrid: Santularia/ Universidad de Salamanca, 1996.

MALDONADO, C. (org.). *Clave. Diccionario de uso del español actual*. Madrid: S.M, 1996.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1969.

MORENO FERNÁNDEZ, F. (org.). *Diccionario para la enseñanza de la lengua española*. Barcelona: Biblograf/ Universidad de Alcalá, 1995.

NOMDEDEU RULL, A. Bases para la sistematización de los niveles y registros en un diccionario pragmático. In: GARCÉS GÓMEZ, M. P. (org.). *Lexicografía teórica y aplicada*. Coruña, Universidade da Coruña, 2014. [Anexo da *Revista de Lexicografía*, n. 26, p. 275-290.]

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. *Fraseografía: teoría y práctica*. Frankfurt: Peter Lang, 2007. DOI: <https://doi.org/10.3726/978-3-653-01515-7>

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. Las marcas de transición semántica en el tratamiento de las locuciones verbales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LEXICOGRAFÍA HISPÁNICA: EL DICCIONARIO COMO PUENTE ENTRE LAS LENGUAS Y CULTURAS DEL MUNDO, II., 2008, Alicante. *Actas* [...]. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. p. 843-849.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco/Libros, 2002. DOI: <https://doi.org/10.17979/rlex.2003.9.0.5578>

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco/Libros, 2005.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Diccionario de locuciones nominales, adjetivas y pronominales para la enseñanza del español*. Madrid: Arco/Libros, 2008.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. La marcación gramatical de las locuciones verbales en el diccionario a partir del análisis de su valencia sintáctica. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LEXICOGRAFÍA HISPÁNICA, V., 2012, San Millán de la Cogolla. *Actas [...]*. San Millán de la Cogolla: La Asociación Española de Estudios Lexicográficos, 2012. p. 569-581.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. La imagen subyacente a las locuciones como criterio de marcación diafásica. In: OLZA, I.; MANERO RICHARD, E. (org.). *Fraseopragmática*. Berlin: Frank & Timme, 2013. p. 23-47.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Para un diccionario de locuciones, de la lingüística teórica a la fraseografía práctica*. Universidad de Alcalá: Servicio de Publicaciones, 2015.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. La información pragmática sobre las locuciones en el diccionario. *Revista de Lexicografía*, XXIV, p. 89-106, 2018. Doi: <https://doi.org/10.17979/rlex.2018.24.0.5519>

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Diccionario de locuciones idiomáticas del español actual*, 2019. Disponible en: www.diccionariodilea.es. Fecha de consulta: 4 mayo 2020.

PORTO DAPENA, J. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

PORTO DAPENA, J. Á. *Diccionario Coruña de la lengua española actual: planta y muestra*. A Coruña: Universidade da Coruña, 2008.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE). *Corpus diacrónico del español*. Disponible en: <http://www.rae.es>. Fecha de consulta: 29 abr. 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORPES XXI). *Corpus del Español del Siglo XXI (CORPES)*. Disponible en: <http://www.rae.es>. Fecha de consulta: 3 mayo 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Corpus de referencia del español actual*. Disponible en: <http://www.rae.es>. Fecha de consulta: 4 mayo 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua castellana*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008 [1780]. Disponible en: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/diccionario-de-la-lengua-castellana--4/html/>. Fecha de consulta: 20 abr. 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2014. Disponible en: <http://www.rae.es>. Fecha de consulta: 29 abr. 2020.

RUIZ MARTINEZ, A. M. Sobre a marcación diafásica das locucions en español. *Cadernos de Fraseología Galega*, Barcelona, v. 15, p. 289-320, 2013.

RUIZ MARTÍNEZ, A. M. La marcación de las unidades fraseológicas a partir del examen de corpus. In: CORPAS PASTOR, G. (org.). *Fraseología computacional y basada en corpus: perspectivas monolingües y multilingües*. Geneva, Switzerland: Tradulex, 2016. p. 597-604.

SANTAMARÍA PÉREZ, M. I. *Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.

SECO, M. et al. (org.). *Diccionario del español actual*. Madrid: Aguilar, 1999.

SECO, M. et al. (org.). *Diccionario fraseológico documentado del español actual*. Locuciones y modismos españoles. Madrid: Aguilar, 2004.



A dicotomia implícito-explicito no ensino de línguas: uma proposta de atualização

The implicit-explicit dichotomy in language teaching: an update proposal

Graziele Altino Frangiotti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

grazielefrangiotti@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6087-7005>

Paula Garcia de Freitas

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

paulifreitas@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6121-8220>

Resumo: As discussões na área da Linguística têm sido fortemente influenciadas pela divisão do fenômeno linguístico em subconjuntos compostos por dois termos: as chamadas dicotomias. Contudo, se, por um lado, as dicotomias beneficiam o diálogo no interior dessa ciência, por outro, por vezes, parecem representar uma espécie de limitação ao pesquisador, que se vê obrigado a reduzir a complexidade linguística a parâmetros monolíticos. Esse parece ser o caso da dicotomia implícito-explicito no campo do ensino de línguas, contexto no qual técnicas didáticas muito heterogêneas entre si acabam necessariamente tendo de ser classificadas ou como implícitas ou como explícitas, como se não houvesse um caminho alternativo. Com base nisso, o presente trabalho visa a problematizar essa questão e a avançar uma perspectiva que vê as dicotomias como extremos de um *continuum*, o qual admite diferentes graus de explicitação intermediários.

Palavras-chave: dicotomias em Linguística; ensino de línguas; instrução implícita e explícita; técnicas implícitas e explícitas; continuum implícito e explícito.

Abstract: Discussions in the area of Linguistics have been strongly influenced by the division of the linguistic phenomenon into subsets composed of two terms: the so-called dichotomies. However, if, on the one hand, dichotomies benefit dialogue within that ciency, on the other, sometimes they seem represent a kind of limitation to the researcher, who is forced to reduce linguistic complexity to monolithic parameters. This seems to be the case with the implicit-explicit dichotomy in the field of language teaching, a context in which teaching techniques that are very heterogeneous among themselves necessarily end up having to be classified either as implicit or explicit, as if there was no alternative path. Based on this, the present work aims to problematize this issue and to advance a perspective that sees dichotomies as extremes of a *continuum*, which admits different degrees of intermediate explicitness.

Keywords: dichotomies in Linguistics; language teaching; implicit and explicit instruction; implicit and explicit techniques; implicit and explicit continuum.

Recebido em 1º de maio de 2020

Aceito em 24 de junho de 2020

Introdução

O nascimento da Linguística Moderna é marcado profundamente pela força de postulados que embasaram uma nova concepção de língua e de linguagem, traçando novos rumos científicos para a disciplina. Impulsionador fundamental desse processo, Ferdinand Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2000) alicerça os principais pontos de sua teoria em pensamentos construídos a partir de dicotomias.

O termo dicotomia provém do grego e significa “dividido em dois”. Desse modo, as dicotomias saussurianas estabelecem separações de um todo em duas partes fundamentais. É isso o que vemos ocorrer no caso dos conceitos de língua e fala, diacronia e sincronia, sintagma e paradigma, e significante e significado.

A língua é um conjunto organizado, então, por uma série de valores que se contrapõem e se excluem mutuamente. Dentro dessa ótica, os estudos da língua ou são diacrônicos ou sincrônicos; os elementos da língua estão situados ou no eixo sintagmático ou no paradigmático; um aspecto do signo linguístico pertence ou ao seu significante ou ao seu significado. Isso quer dizer que na teoria saussuriana não há espaço para

elementos intermediários. Como se fossem dois lados de uma mesma moeda, tudo deve pertencer a um termo ou a outro da bipartição, de tal modo que nenhuma parte de um dos termos está contida no outro.

Ao longo do século XX, diversas outras dicotomias como essas nasceram, como a de competência e desempenho formulada por Noam Chomsky (1965); a de competência linguística e competência sociolinguística elaborada por Dell Hymes (1962, 1966, 1972); além dos inúmeros outros debates estruturados, também eles, em grandes correntes antagônicas, como as teorias inatistas em oposição às ambientalistas, as funcionalistas em contraposição às formalistas, entre outras.

Em compasso com essa tendência, também a área de Ensino-aprendizagem de línguas é profundamente influenciada por conceitos estruturados a partir de binômios. Stephen Krashen (1982, 1985), por exemplo, opõe aquisição à aprendizagem de línguas. Nesse sentido, ele define a aquisição como sendo um processo subconsciente, no qual aqueles que adquirem uma segunda língua não têm ciência do fato de que a estão adquirindo, mas apenas de que a estão utilizando para se comunicar. A aprendizagem, por outro lado, compreende um conhecimento consciente por parte do aprendiz, o qual se torna capaz de falar *sobre* a língua.

Como se vê, também aqui, há apenas uma opção possível: ou o indivíduo adquire uma língua sem se dar conta de que o faz, isto é, de forma natural; ou ele aprende o seu funcionamento e as suas regras, sendo consciente do processo de aprendizagem.

Embora dicotomias como as tratadas acima sejam muito recorrentes e fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da área, acreditamos que o fenômeno linguístico seja extremamente complexo e que, portanto, muitas vezes, a adoção de visões diametralmente opostas acaba por excluir aspectos relevantes que não se encaixam nem em um polo nem em outro das dicotomias.

É com essa preocupação em mente que nos propomos a refletir neste artigo sobre outra divisão usual no ensino de línguas: a que diferencia instrução implícita e explícita, procurando avançar uma proposta de atualização, na qual essa dicotomia seja ampliada através da ideia de *continuum*, que parece mais fluida e mais coerente com nossa visão de língua e ensino.

Para tanto, nos inspiramos em trabalhos anteriores, como o de Bortoni-Ricardo (2004), que, centrada no ensino com foco na variação linguística, propõe a utilização de contínuos em substituição às dicotomias tradicionalmente operadas em modelos teóricos convencionais.

Como deixa claro na obra, a autora adota essa estratégia para eliminar a impressão de que existiriam fronteiras rígidas entre as variedades linguísticas que compõem o português brasileiro. Assim, ao invés de simplesmente opor registro formal a registro informal, por exemplo, ela se vale do conceito de “contínuo de monitoração estilística”, no qual estariam englobadas desde as interações totalmente espontâneas (grau mínimo de monitoração) até as interações previamente planejadas (grau máximo de monitoração), não deixando de lado, porém, toda a gama de interações que podem se situar entre um extremo e outro, ou seja, ao longo do contínuo.

Outro trabalho importante que embasa nossas reflexões a respeito da ideia de *continuum*, dessa vez da área da Linguística Aplicada, é o de Doughty e Williams, que já em 1998 discutiam estratégias pedagógicas para incentivar o Foco na Forma (LONG; ROBINSON, 1998), isto é, maneiras de induzir a atenção do aprendiz para algum aspecto que se mostrasse repetido, frequente ou saliente no *input*, em contexto comunicativo de língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2). Para as autoras, “exercícios” e “tarefas comunicativas” poderiam ser considerados os dois extremos de um *continuum* de técnicas de ensino, sendo o exercício uma técnica explícita, que levaria o aprendiz a treinar, deliberadamente, o uso da forma linguística que está sendo ensinada. O objetivo desse tipo de atividade é direcionar a atenção do aluno para um aspecto gramatical específico. No extremo oposto estaria a tarefa comunicativa, uma técnica implícita que fomentaria a percepção consciente do aprendiz (*noticing*) através de mecanismos que buscam atrair a atenção do aluno para a forma, evitando discussões metalinguísticas e minimizando qualquer interrupção na comunicação.

Com base nesses exemplos, procuraremos demonstrar, neste estudo teórico, que também as noções de instrução implícita e explícita não apresentam limites precisos, o que faz com que uma série de técnicas didáticas fiquem de fora dessa classificação, sendo colocadas ora como ligadas à perspectiva implícita ora como alinhadas à instrução explícita.

Essa indefinição suscita, como se verá, imprecisões e confusões em pesquisas teóricas e empíricas, comprometendo o rigor requerido no campo científico.

Do ponto de vista textual, o artigo está assim dividido: nesse primeiro momento, apresentamos nossas indagações diante das dicotomias formuladas pela Linguística e, em particular, nossa inquietação perante a dicotomia implícito-explicito no campo do Ensino e aprendizagem de línguas, na sequência, introduzimos nossa proposta de revisão bibliográfica fundamentada a partir da tese de que essa perspectiva monolítica pode ser alargada através da ideia de *continuum*. Na seção 1, tratamos do conceito de instrução e, na seção 2, apresentamos diversos estudos que se debruçam sobre tal conceito na tentativa de classificá-lo como explícito ou implícito. Levando em consideração esse levantamento, concluímos que os diferentes pontos de vista geram imprecisões e lacunas, as quais podem ser minimizadas se adotamos a ideia de *continuum*, proposta elucidada na seção 3. Para tanto, a partir dos momentos previstos para a instrução levantados por Ellis (1998), e de técnicas para o ensino de línguas descritas por vários autores, procuramos situá-las ao longo de quatro *continua* e, assim, avançar uma atualização do conceito.

1 O conceito de instrução

Na Linguística Aplicada, o termo *instruction* aponta para as escolhas pedagógicas a serem realizadas a fim de organizar, projetar e até analisar uma aula, um material de ensino ou uma atividade cujo objetivo é favorecer a aprendizagem por parte do aprendiz. No Brasil, foi por vezes traduzido como *ensino* (GAUTHIER *et al.*, 2014; FREITAS, 2014), *estratégia de ensino* (FREITAS, 2014) ou, literalmente, *instrução* (FRANGIOTTI, 2019). Adotaremos esta última correspondência para evitar confusões terminológicas.

Em nosso entendimento, a instrução constitui “qualquer tentativa sistemática que permita ou facilite a aprendizagem de uma língua através da manipulação de mecanismos de aprendizagem e/ou de condições sob as quais eles ocorrem” (HOUSEN; PIERRARD, 2005, p. 2).

Ellis (2009) conceitua a instrução como uma tentativa de agir sobre a interlíngua do aprendiz, buscando atrair a sua atenção de forma direta ou indireta sobre algum aspecto da língua.¹

Pesquisas realizadas no Brasil e no exterior (ANDREWS, 2007; BONGAERTS, 1999; FRANGIOTTI, 2019; FREITAS, 2014; NORRIS; ORTEGA, 2000; VANPATTEN; OIKKENON, 1996) parecem indicar que a intervenção pedagógica exerce, sim, um papel importante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Conforme Housen e Pierrard (2005), estudos demonstram que a instrução pode influenciar positivamente o ritmo e o estágio final da aprendizagem, mas que não é capaz de alterar o percurso da aquisição. Assim, aprendizes que recebem instrução podem progredir mais rapidamente e até mesmo atingir níveis de proficiência mais altos que aqueles que aprendem a língua em contexto espontâneo; porém, de acordo com esses estudos, todos terão de passar pelos mesmos estágios, respeitando as mesmas sequências de aquisição, o que sugere que a instrução é um recurso eficaz para catalisar a aprendizagem, mas não é fator suficiente para que o aprendiz salte etapas.

Admitindo a hipótese de que a instrução influencia o processo de aprendizagem, Housen e Pierrard (2005) dizem que seu grau de eficácia estaria intimamente relacionado a três conjuntos de fatores: *o que é ensinado, a quem se ensina e como a instrução ocorre.*

Começando pela análise da influência causada por *aquilo que se ensina* por meio da instrução, esses dois estudiosos afirmam que alguns conteúdos parecem ser mais “ensináveis” que outros. Isso se deve, em primeiro lugar, à recorrência e à saliência daquilo que é ensinado no *input*, pois uma estrutura da língua-alvo que aparece repetidas vezes, seja na fala do professor seja no material didático, pode por si só despertar a atenção e o interesse do aprendiz, fazendo com que a instrução do docente seja facilitada, não só porque o aprendiz estará mais motivado a prestar atenção nela, mas também porque ele já terá criado certa familiaridade

¹ A ideia de “forma direta” e “indireta” de atenção traz em seu bojo a dicotomia explícito-implícito, na medida em que a forma direta corresponderia a escolhas pedagógicas que incitam o conhecimento metalinguístico SOBRE a língua, ao passo que a forma indireta envolveria estratégias que ajudam o aluno a perceber determinada regra por meio, por exemplo, de sua saliência e frequência no texto, gerando, assim, um conhecimento DA língua, verificável no uso que o aluno faz dela em contexto comunicativo.

com o aspecto tratado, fazendo com que o processo de compreensão se torne mais simples.

Outro fator determinante é a transparência do objeto ensinado, logo, quanto mais próximo da língua materna do aprendiz e quanto mais simples for a regra subjacente ao fenômeno, mais fácil será, para o professor, explicá-lo, e, para o aprendiz, compreendê-lo.

Por outro lado, há características que podem fazer com que alguns conteúdos da língua-alvo sejam de difícil tratamento instrucional. A principal dessas características seria a complexidade. Nesse sentido, segundo Harley (1993), as formas complexas seriam aquelas que: 1) são diferentes das estruturas presentes na língua materna do aprendiz; 2) não são salientes no *input*; 3) não são importantes para a comunicação bem-sucedida; e 4) são mal compreendidas ou mal analisadas pelos alunos.

Passando nesse momento a considerar *a quem a instrução se dirige* como fator determinante para o sucesso da instrução, estamos diante de um dos conjuntos de variáveis mais complexos, porque diretamente relacionado ao perfil do estudante e a aspectos muito diversificados como: idade, nível de proficiência na língua-alvo, sexo, profissão, interesses, estratégias e estilos de aprendizagem, motivação pessoal, personalidade, atitudes perante a língua estrangeira, maturidade cognitiva, entre outros. Todos fatores inerentes a qualquer situação de sala de aula, que interferem inevitavelmente no nível de sucesso da instrução e que não podem ser controlados pelo professor.

Finalmente, quando lidamos com o *como* realizar a instrução, chegamos a um ponto crucial no processo de ensino, pois, levando em consideração todos os aspectos anteriores, o professor precisa decidir qual das diferentes perspectivas de instrução adotar. E, então, aparece um espectro bastante amplo de opções, abarcando desde alternativas mais gerais, tal qual a adoção de métodos de ensino, como o Método Gramática-Tradução, o Método Direto, o Método Audiolingual, até a aplicação de técnicas mais específicas, como o uso de exercícios de tipo *cloze*, a promoção de atividades comunicativas como *role-plays*, a tradução de textos da língua estrangeira para a língua materna, a correção por meio de pedidos de reformulação, entre tantas outras.

Por trás da visão de que é possível fazer com que o aprendiz aprimore seu conhecimento por meio da instrução, há a ideia de que ela incita esse aprendiz a começar a perceber elementos no *input* que, sem a instrução, dificilmente seriam notados. Contudo, é óbvio que há grande

distância entre o momento de fornecimento de informações sobre a língua da parte do professor e o momento da consolidação dessas informações em forma de *output* pelo aprendiz, ou seja, não se pode dizer que a instrução ative um mecanismo automático que transforme tudo o que o professor diz em conhecimento e, imediatamente, se torne parte do repertório ativo do aprendiz. Com base nisso, partimos do pressuposto de que nem tudo o que o professor trata em sala de aula é notado e compreendido pelo aprendiz, da mesma maneira como é possível que o aluno aprenda aspectos que não foram explicados pelo professor.

Diante de todo esse leque de opções disponíveis e das inúmeras escolhas a serem realizadas pelo docente, na próxima seção, abordaremos como pesquisas desenvolvidas dentro e fora do país têm operacionalizado a oposição entre instrução implícita e explícita, para que possamos identificar os efeitos da adoção dessa dicotomia para o campo dos estudos linguísticos.

2 Perspectiva de instrução implícita e explícita em pesquisas anteriores

Ao se levar em conta a quantidade de variáveis envolvidas no ensino de uma língua, seja ela materna ou não, é fácil depreender que os estudiosos que se dedicam a essa temática não partirão sempre da mesma visão sobre esse processo, tampouco irão operacionalizar, todos, da mesma maneira sua metodologia de pesquisa. Para visualizarmos exemplos práticos dessas divergências, nos deteremos a seguir em demonstrar como isso vem ocorrendo em estudos voltados à investigação dos efeitos da instrução implícita e explícita em âmbito de ensino/aprendizagem de LE/L2.

Catherine Doughty e Jessica Williams (1998, p. 257-258), por exemplo, ao admitirem que o principal objetivo da instrução é ensinar língua *para* a comunicação, discutem diferentes maneiras de aproximar os alunos de estruturas linguísticas com as quais poderiam ter alguma dificuldade. Nesse sentido, segundo as autoras, as escolhas pedagógicas – implícitas ou explícitas – do professor de LE dependerão da observação de alguns fatores, tais como as evidenciadas no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 – Fatores que influenciam o Foco na Forma

- a) A atenção do aluno: serão atividades “mais” explícitas aquelas que direcionam a atenção dos alunos para a forma e “mais” implícitas aquelas que atraem a atenção dos alunos para determinada estrutura.
- b) O envolvimento dos alunos: as atividades que pedem manipulação da forma por parte dos alunos, como exercícios de completamento de lacunas, estão no grupo das atividades “mais” explícitas, enquanto as que focam no uso da língua sem muita intervenção do professor estariam entre as atividades “mais” implícitas.
- c) As condições de ensino/aprendizagem: se o ensino é dedutivo, isto é, se o objetivo é apresentar deliberadamente a forma, esse ensino é “mais” explícito. Por outro lado, se o objetivo é incentivar o uso da língua em situações reais de comunicação, pode-se dizer que as atividades são “mais” implícitas.
- d) Integração: se é prevista uma sequência de atividades para a prática isolada de uma forma, pode-se dizer que elas são “mais” explícitas; em contrapartida, se essa forma é apresentada ao aluno em contexto comunicativo, diz-se que a forma está integrada a essa atividade comunicativa e que, portanto, é uma atividade “mais” implícita.
- e) Inclusão de informações metalinguísticas: quando a atividade prevê a apresentação ou sistematização do conteúdo por meio da metalinguagem, pode-se dizer que se trata de uma atividade “mais” explícita, enquanto que aquelas atividades que não preveem a descrição de uma regra estariam alinhadas com uma perspectiva “mais” implícita.
- f) Modo: envolve a maneira como determinada estrutura aparecerá ao longo da atividade: se no *input*, em atividades de compreensão, no *output*, em atividades de produção, ou em ambos.
- g) Provedores: diz respeito a quem está fornecendo o *input* com a estrutura-alvo; se o professor, o material ou os próprios alunos. Quando o professor ou o material de ensino é o principal agente, então a instrução é “mais” explícita; quando, por outro lado, os alunos podem testar suas hipóteses, interagir entre eles, com o professor ou até mesmo com o material de ensino, então a instrução é “mais” implícita.

Fonte: A autoria própria, a partir da Tabela 4 de Doughty e Williams (1998, p. 258).

Embora no primeiro item seja mencionada “a atenção do aluno”, nota-se que os demais critérios estão mais diretamente associados à ação do professor e, em específico, ao tipo de atividade que ele proporá à classe. Assim, estarão na base da instrução explícita aquelas atividades que direcionam a atenção do aluno para estruturas da LE/L2, envolvem a intervenção do professor, requerem que o aluno manipule as formas, apresentam deliberadamente a forma de modo dedutivo e preveem tratamento metalinguístico; enquanto a instrução implícita abrangerá as atividades que atraem a atenção do aluno para as estruturas, não contam

com a intervenção do professor, não orientam metalinguisticamente o aluno e enfocam o uso receptivo e produtivo da língua.

Com isso, a perspectiva de Doughty e Williams (1998) vincula a dicotomia implícito-explicito quase exclusivamente ao agir docente. Semelhantemente, Housen e Pierrard (2005) também contribuem para a discussão, construindo o seguinte quadro:

QUADRO 2 – Diferenças entre instrução explícita e implícita

Instrução explícita com foco na forma	Instrução implícita com foco na forma
Direciona a atenção para as formas-alvo	Atrai a atenção para as formas-alvo
É predeterminada e planejada (p. ex.: é o foco e objetivo principal da atividade do professor)	É oferecida espontaneamente (p. ex.: em atividades orientadas para a comunicação)
É invasiva (interrupção da comunicação do significado)	É discreta (mínima interrupção da comunicação do significado)
Apresenta as formas-alvo de forma isolada	Apresenta as formas-alvo em contexto
Usa terminologia metalinguística	Não faz uso de metalinguagem
Envolve práticas controladas das formas-alvo	Estimula o uso livre das formas-alvo

Fonte: Housen e Pierrard (2005, p. 10).

É relevante observar que o número e a tipologia de critérios capazes de operar a distinção entre instrução explícita e implícita nesse modelo são similares aos do modelo de Doughty e Williams (1998). Porém, aqui dá-se maior ênfase ao caráter predeterminado e invasivo da instrução explícita. Com isso, se, de um lado, na instrução implícita, não há interrupção do fluxo da comunicação para a explicitação das regras por meio de metalinguagem, as formas são apresentadas espontaneamente apenas por meio das amostras de língua-alvo e a produção dos alunos é livre, ou seja, não são oferecidos exercícios de prática sobre um determinado ponto gramatical; de outro, na perspectiva explícita, o professor planeja com antecedência os objetos de ensino, interrompe as atividades com foco na comunicação para isolar o aspecto gramatical e explicitar as regras subjacentes a ele através de metalinguagem, e propõe exercícios para a consolidação das formas focalizadas.

Na direção oposta, Ellis (2009) compreende da seguinte maneira a dicotomia:

A instrução implícita é dirigida para capacitar os alunos a inferir regras sem consciência. Ou seja, procura propiciar aos alunos experiência com exemplares específicos de uma regra ou padrão enquanto eles não estão tentando aprendê-lo (por exemplo, eles estão focados, ao invés disso, no significado). Como resultado, eles internalizam a regra/padrão subjacente sem que sua atenção esteja focada explicitamente nele. [...] A instrução explícita envolve algum tipo de regra sendo pensada durante o processo de aprendizagem. Em outras palavras, os alunos são encorajados a desenvolver consciência metalinguística da regra. (ELLIS, 2009, p. 16-17.)

A partir dessa definição, há uma mudança significativa em relação aos critérios classificatórios propostos nos dois modelos precedentes. Como é possível observar, os adjetivos “explícito” e “implícito” são utilizados, nessa passagem, tendo como referente o aluno e o seu grau de consciência quanto a regras e padrões estruturais da língua-alvo. Desse modo, se os alunos não refletem conscientemente sobre as regras que estão aprendendo, logo, trata-se de instrução implícita; se, ao contrário, são encorajados a pensar nas regras da língua-alvo, então, estamos diante de instrução explícita. Adquirem maior peso, portanto, a figura do aluno e o grau de consciência, em detrimento do papel do professor e do tipo de atividade construída por ele.

Para Spada (2011), que segue as definições fornecidas por Norris e Ortega (2000), esses dois tipos de instrução podem ser diferenciados da seguinte maneira:

a instrução foi considerada [por Norris e Ortega, 2000] como sendo explícita se incluía explicações de regras linguísticas e se a atenção dos alunos estava principalmente nas formas. A instrução foi codificada como implícita se não havia explicação de regras ou se os estudantes não eram chamados a prestar atenção nas formas. (SPADA, 2011, p. 231.)

É curioso perceber que, enquanto Ellis coloca a consciência dos alunos sobre as formas linguísticas como fator determinante para a diferenciação da dicotomia de Doughty e Williams (1998) e Housen e Pierrard (2005) situam como cerne da classificação as escolhas pedagógicas do professor, Spada (2011) mescla essas duas vertentes, posicionando a explicação das regras – exemplo de atividade docente –

ao lado da atenção dos discentes, atribuindo peso idêntico a esses dois fatores.

Como fica evidente pelos exemplos trazidos acima, a área de ensino/aprendizagem de línguas não apresenta uma compreensão unívoca do que é instrução implícita e explícita. De fato, ora se coloca como critério primordial a atenção do aluno (DEKEYSER, 2003; ELLIS, 2009; SCHMIDT, 1990; VANPATTEN; OIKKENON, 1996), ora se atribui maior importância à atividade do professor (ANDREWS, 2007; DOUGHY; WILLIAMS, 1998; FRANGIOTTI, 2019; HOUSEN; PIERRARD, 2005), ora misturam-se os fatores levados em consideração, colocando-os, ambos, no mesmo patamar (FREITAS, 2014; SPADA, 2011).

Na contramão dessa pluralidade de vozes e visões, há, contudo, pesquisas que não definem o que entendem pelos termos “implícito” e “explícito”, tomando-os como se fossem conceitos incontrovertidos e absolutos. Esse parece ser o caso de trabalhos como Saugera (2011), Moskver (2008), Lyster (1994), em que apenas se informa que os estudos enfocam a instrução implícita ou explícita, sem que sejam dadas maiores especificações de como esses conceitos são interpretados, como se eles fossem totalmente claros para o leitor, o que, como evidenciado acima, não condiz necessariamente com a realidade.

A nosso ver, justamente em virtude da variação na interpretação desses conceitos, essa última opção deve ser amplamente evitada no campo científico, já que inviabiliza que leitores, familiarizados ou não com essa terminologia, atinjam uma compreensão mais efetiva do desenho metodológico do estudo e, por conseguinte, dos resultados e conclusões obtidos. Para nós, a ausência de uma definição explícita de como a dicotomia foi posta em prática gera uma lacuna que pode comprometer a transparência e fiabilidade da investigação.

Como se viu ao longo da presente seção, embora seja muito recorrente na literatura da área de Ensino-aprendizagem de línguas, a dicotomia instrução explícita e implícita não é de simples definição. Em virtude disso, a seguir, proporemos um caminho para a sua operacionalização, de modo que seus potenciais usuários contem com mais recursos para classificar com maior precisão as técnicas que optem por empregar em suas pesquisas ou em sala de aula.

3 A instrução implícita e explícita: proposta de atualização

Para avançarmos nossa proposta de atualização, retomaremos a perspectiva de Ellis (1998, p. 42-43), segundo a qual a instrução em sala de aula pode intervir em quatro pontos do desenvolvimento da interlíngua: 1) na apresentação do *input*; 2) no tratamento explícito do funcionamento da forma linguística; 3) no momento da produção dos alunos; e 4) na correção dessas produções.

Assim como Ellis (1998), entendemos que a instrução não se restringe apenas ao momento da aula, no qual o professor se dirige à lousa e se detém na explicação de fenômenos e regras linguísticas, mas sim que ela se dá por meio dos textos levados pelo professor à sala de aula, através do oferecimento de oportunidades de interação significativa e nos momentos de fornecimento de *feedback* corretivo, uma vez que todos esses são mecanismos pensados pelo professor para permitir ou facilitar o processo de aprendizagem.

Com base nesse conceito mais amplo de instrução, descreveremos a seguir como enxergamos essas quatro etapas e como podemos relacioná-las ao *continuum* da instrução implícita-explícita.

Segundo a terminologia proposta por Ellis (1998), quando a instrução se volta para o trabalho com o *input*, ela é denominada *structured input*. De acordo com esse tipo de instrução, textos orais e escritos autênticos são manuseados previamente pelo professor, de modo a favorecer que os alunos notem estruturas linguísticas enquanto estão envolvidos na compreensão de seu significado.

Em artigo publicado em 2007, Vidal se baseia no texto de Ellis (1998) e acrescenta algumas técnicas possíveis para a promoção do *structured input*. Ela situa um primeiro conjunto de técnicas, denominado *input enrichment* e, posteriormente, define uma segunda técnica: o *input processing*.

O conjunto de técnicas abarcadas pelo *input enrichment* se refere à manipulação dos textos com os quais os alunos entram em contato em sala de aula com a finalidade exatamente de “enriquecê-los”, no sentido de tornar os aspectos gramaticais-alvo da instrução mais evidentes aos olhos dos alunos. Duas técnicas são mencionadas nessa direção: o *input enhancement* e o *input flood*.

O *input enhancement* consiste na alteração gráfica de partes dos textos selecionados pelo professor. Assim, exemplos de estruturas

gramaticais e de léxico podem ser propositalmente sublinhados, colocados em itálico ou terem suas cores da fonte alteradas para despertarem a atenção dos alunos. Essa técnica, evidentemente, é mais facilmente adotada em contextos onde são trabalhados textos escritos. No trabalho com textos orais, para colocar em destaque partes da língua falada, o professor pode se valer da mudança de tom de fala quando pronunciar determinados aspectos, colocando propositalmente ênfase sobre as formas-alvo.

O *input flood*, por outro lado, refere-se a textos, normalmente construídos ou manipulados previamente, que contêm um grande número de exemplos da forma gramatical focalizadas na instrução. Com essa técnica, assume-se que a alta frequência de ocorrência da estrutura-alvo constituiria um importante recurso para o aumento da saliência da forma, favorecendo sua percepção.

Já o *input processing* pode ser assim descrito: para começar, o professor faz uma breve apresentação linguística/gramatical da estrutura-alvo e, em seguida, informa os alunos sobre como determinadas estratégias de processamento de insumo costumam afetar negativamente a compreensão de textos orais ou escritos por parte de alunos de LE/L2. Em um terceiro momento, atividades são propostas para que os alunos possam relacionar forma e significado em contexto de uso comunicativo (Cf. NEUPANE, 2009; VANPATTEN, 2002). Nesse tipo de instrução proposto por VanPatten (2002), os alunos são convidados a ler ou ouvir textos na língua-alvo para poderem processar forma e significado e, assim, mostrarem seu entendimento do *input*.

As estruturas candidatas a esse tipo de abordagem são aquelas que (a) diferem consideravelmente da língua materna do aluno e (b) são suscetíveis de serem “ignoradas” quando o aluno lê ou ouve textos na LE/L2, como itens gramaticais com pouco valor comunicativo, como preposições, artigos e adjetivos, os quais têm pouca carga semântica no discurso (VANPATTEN, 2002). Daí a necessidade de um ensino mais explícito, segundo VanPatten (2002).

Wong (2004), seguindo as hipóteses de VanPatten (2002), propõe que o processamento do *input* deve, em primeiro lugar, considerar *input* oral e escrito; além disso, deve-se apresentar uma coisa de cada vez, mantendo o foco no significado. Os alunos devem ser levados a fazer algo com o *input*, por exemplo, dizer se concordam ou não com as ideias veiculadas.

Apesar de Wong (2004) não especificar o que compreende quando diz que os alunos devem fazer algo com o *input*, acreditamos que esse processamento possa ocorrer em forma, por exemplo, de perguntas de compreensão textual, as quais possibilitariam que os alunos, após uma primeira leitura mais global, voltassem ao texto procurando as respostas aos questionamentos. Isso representaria uma nova oportunidade para que os alunos notassem significados e formas presentes no insumo.

Nesse sentido, embora o *input processing* seja, em sua essência, uma técnica para a instrução explícita, haveria técnicas mais implícitas que poderiam favorecer o processamento do insumo, como as que elencamos acima, ou ainda, as tarefas de interpretação (*interpretation tasks*), de acordo com Vidal (2007), as quais são desenhadas para “focar a atenção dos alunos sobre uma estrutura-alvo presente no insumo e possibilitar a sua identificação e compreensão de seu significado(s)” (ELLIS, 1995, p. 88).

Se pensarmos nos critérios que ajudam a estabelecer o grau de explicitude das técnicas a partir do modelo de Housen e Pierrard (2005), por exemplo, teremos que as técnicas envolvidas no tratamento do *input* descritas até aqui não podem ser classificadas todas ou como explícitas ou como implícitas.

Assim sendo, a divisão em apenas dois termos não reflete com exatidão o real cenário. Talvez por essa razão, ao elaborarem uma taxonomia das técnicas e tarefas para o Foco na Forma, das onze atividades analisadas por Doughty e Williams (1998), apenas duas tenham sido consideradas totalmente implícitas (*input flood* e *task-essencial language*), com base no grau de obstrução de cada uma delas. Apenas uma era essencialmente explícita (*garden path*), enquanto as demais teriam características que permitiram situá-las ao longo de um *continuum* de atividades mais ou menos implícitas, como mostra a Imagem 1 a seguir.

IMAGEM 1 – Graus de obstrução do Foco na Forma

	← Unobtrusive	→ Obtrusive
<i>Input flood</i>	X	
<i>Task-essential language</i>	X	
<i>Input enhancement</i>		X
<i>Negotiation</i>		X
<i>Recast</i>		X
<i>Output enhancement</i>		X
<i>Interaction enhancement</i>		X
<i>Dictogloss</i>		X
<i>Consciousness-raising tasks</i>		X
<i>Input processing</i>		X
<i>Garden path</i>		X

Fonte: Doughty e Williams (1998, p. 258).

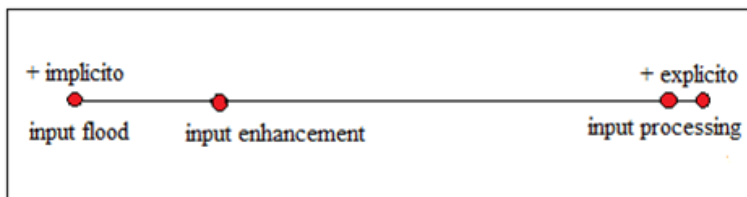
Na esteira dessas reflexões de Doughty e Williams, consideramos que as técnicas *input flood*, *input enhancement* e *input processing* anteriormente descritas, estariam em pontos distintos no *continuum* das técnicas que envolvem o *input*. Assim, dado que *input enhancement* e *input flood* não são invasivas, não envolvem o uso de metalinguagem e não permitem que os alunos consigam reconhecer o que de fato lhes está sendo ensinado, elas podem ser colocadas no rol das técnicas mais implícitas. No entanto, o *input enhancement*, ao envolver a manipulação do texto do ponto de vista visual, passa a ser menos implícito que o *input flood*, uma vez que sugere muito mais claramente ao aluno o fenômeno linguístico alvo de instrução, ou seja, com os grifos e alterações gráficas, é como se fosse colocada uma lanterna sobre aquilo que está sendo ensinado, o que evidencia para o estudante, em primeiro lugar, que técnicas didáticas estão sendo aplicadas, e, em segundo, que aquele determinado tópico colocado em destaque gráfico é o alvo da instrução.

Finalmente, no que diz respeito ao *input processing*, temos que, em sua essência, trata-se de uma técnica mais próxima ao polo explícito, pois envolve a intervenção do professor, requer que o aluno manipule as formas apresentadas a ele, apresenta deliberadamente a estrutura e prevê tratamento metalinguístico. Contudo, na medida em que os alunos podem ser chamados a fazer “coisas com o texto” (WONG, 2004), abre-

se espaço para que também técnicas menos invasivas e, portanto, mais implícitas sejam conjuntamente aplicadas.

Com isso, podemos pensar em uma gradação entre as diferentes técnicas, o que é mostrado na figura a seguir:

FIGURA 1 – O *continuum* implícito-explicito no *structured input*



Fonte: Autoria própria.

Vale ressaltar que a atualização do conceito de explícito e implícito que propomos não tem a finalidade de ser uma classificação exaustiva das técnicas que podem ser levadas à sala de aula, apenas pretendemos que se considerem os critérios que as definem, de modo a possibilitar a identificação de seu maior ou menor grau de explicitude em relação àquilo que está sendo ensinado. Claramente, a definição exata de seu lugar ao longo do *continuum* vai depender das inúmeras variáveis já discutidas anteriormente, inclusive das possíveis adaptações operadas pelo professor. Assim, os *continua* que apresentamos situam as técnicas em posições aproximadas, com base em suas características fundamentais.

3.1 A instrução aliada à explicação gramatical

Ellis (1998, p. 47-48) descreve que a instrução explícita, entendida como o momento de explicação gramatical provida pelo professor, envolve essencialmente duas escolhas: “explicitar as regras diretamente”, que constituiria uma técnica de tipo dedutivo, ou “desenvolver atividades que levem os alunos a descobrirem a regra autonomamente”, que seria uma técnica de tipo indutivo. Ambas podem ser acompanhadas (ou não) de exercícios de fixação do conteúdo gramatical, nos quais os alunos são chamados a testar seu entendimento sobre as regras apresentadas.

De acordo com o modelo de instrução explícita conhecido como APP (ou *PPP* na língua inglesa), que se divide em apresentação, prática

e produção (em inglês, *presentation, practice e production*), a etapa de apresentação da regra gramatical é feita de modo dedutivo, partindo da etapa de modelagem, isto é, a demonstração do funcionamento da estrutura-alvo pelo professor (GAUTHIER *et al.*, 2014). Nessa fase, o docente, por meio de estratégias diversificadas, introduz a forma alvo da instrução, colocando um exemplo retirado do texto na lousa. Em seguida, ele executa uma tarefa na frente dos seus alunos e descreve passo-a-passo o que estiver fazendo.

Após a modelagem, o professor inicia a próxima fase: a prática, assumindo que a repetição de exercícios possa facilitar a compreensão e a automatização do elemento ensinado. Como logo em seguida à modelagem o aluno ainda não teria total segurança para realizar os exercícios de maneira autônoma, cabe ao professor apoiá-lo e ajudá-lo a apreender novas noções, promovendo a prática guiada.

Após a prática guiada, os alunos já teriam de ter desenvolvido segurança, estando aptos a realizarem tarefas por conta própria e podendo, portanto, passar à prática autônoma, que termina apenas quando o professor verifica que a maioria dos alunos atingiu um bom número de acertos. Com o término da prática, passa-se à produção, quando o aluno tem a oportunidade de, interagindo livremente com colegas ou por meio de tarefas orais ou escritas planejadas pelo professor, utilizar as estruturas praticadas nas fases anteriores.

Se na instrução dedutiva temos essa configuração geral, com a técnica indutiva à qual alude Ellis (1998), o professor, antes de realizar a etapa de modelagem, oferece exemplos da forma a ser aprendida e estimula os alunos a raciocinarem e a formularem por conta própria hipóteses sobre o seu funcionamento e função. Normalmente, o professor orienta previamente os alunos através de questões que possam, pelo menos, direcionar as reflexões e, em seguida, organiza o trabalho em pequenos grupos, individualmente ou ainda combinando, num primeiro momento, trabalho individual e, depois, em grupo. Somente após a finalização dessa etapa e da discussão das hipóteses levantadas pelos alunos é que o professor passará à etapa de modelagem e, posteriormente, à prática guiada, à prática autônoma e à produção.

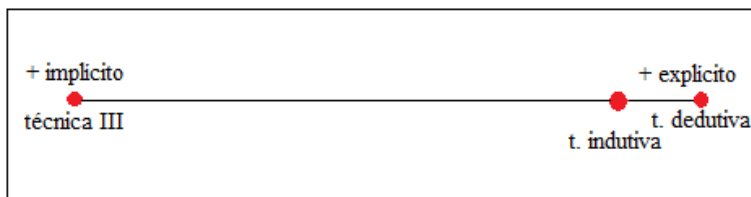
Quanto à classificação ao longo do *continuum* de técnicas implícitas e explícitas, a nosso ver, comparando-se as duas técnicas – explicação gramatical dedutiva e indutiva – ao quadro fornecido por Housen e Pierrard (2005), temos que ambas direcionam a atenção

dos alunos para as formas-alvo; são invasivas, isto é, constituem uma interrupção da interação com foco no significado; preveem a utilização de metalinguagem e apresentam as formas linguísticas de modo isolado. Características que nos permitem, portanto, situá-las entre as técnicas de instrução de tipo explícito. No entanto, a técnica indutiva tende a ser um pouco menos invasiva, pois permite ao aluno pensar por conta própria, sem a intervenção do professor, o que pode situá-la como ligeiramente menos explícita que a dedutiva.

No polo oposto do *continuum*, poderíamos enquadrar a técnica dos três Is (*Illustration-Interaction-Induction*) idealizada por Carter e McCarthy (1995) como representante da perspectiva implícita. Tal técnica, oriunda dos estudos de Linguística de Corpus, prevê, primeiramente, a Ilustração de determinado conteúdo em *corpora* reais. Nesse momento, os extratos de textos contextualizam uma dada estrutura, cujo levantamento de observações e padrões da LE/L2 poderão suscitar a segunda fase da técnica, a Interação, na qual os alunos discutem e trocam impressões sobre o que observaram anteriormente, criando, assim, o hábito de perceber regularidades na LE/L2, apreender suas funcionalidades-chave e utilizá-las nos contextos em que normalmente se verificam. A terceira e última fase dessa técnica, a Indução, requer que o professor estimule os alunos a criarem uma regra para a estrutura-alvo, cuja aprendizagem será cada vez mais refinada e aperfeiçoada à medida em que mais dados linguísticos forem analisados. Trata-se, portanto, de uma técnica que encoraja o aluno a pesquisar e a compreender que a aprendizagem deve ser autônoma e, ao mesmo tempo, guiada pelo acesso a dados reais da língua estrangeira e pela reflexão sobre eles.

Essas técnicas podem ser distribuídas ao longo do *continuum* implícito-explícito como na imagem a seguir:

FIGURA 2 – O *continuum* implícito-explícito na explicação gramatical



Fonte: Autoria própria.

3.2 A instrução aliada às oportunidades de produção

A produção tem ganhado lugar de destaque no Ensino-aprendizagem de LE/L2, principalmente em decorrência dos estudos de Swain (1985, 1995, 2000, 2005, 2006) sobre o *output* compreensível.

Formulado pela primeira vez em 1985, o conceito de *output* compreensível nasce como resultado da constatação de Swain (1985) quanto à insuficiência da hipótese de *input* compreensível, segundo a qual este último seria o único fator capaz de desencadear a aquisição.

Em sua pesquisa, Swain (1985) avalia a competência comunicativa de crianças aprendizes de francês em contexto de imersão na cidade de Toronto, no Canadá. Nos testes realizados, os aprendizes são chamados a produzir textos adequados a diferentes contextos situacionais, respeitando o seu grau de formalidade. Ao final, as produções dos aprendizes são comparadas àquelas de falantes nativos, com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças nas escolhas gramaticais e discursivas realizadas. A partir dos resultados encontrados, Swain percebe que as escolhas dos aprendizes, mesmo após sete anos de imersão no Canadá e, portanto, em constante contato com *input* autêntico, são significativamente diferentes daquelas presentes nos textos dos falantes nativos, o que a leva a refutar parcialmente a hipótese do *input* compreensível de Krashen (1978).

Como explicação para os resultados, Swain formula a hipótese de que os alunos não desenvolveram suficientemente sua competência, em razão de não terem tido ocasião de se engajar em interações comunicativas nas quais os aspectos focalizados nos testes fossem requeridos. Assim, ela argumenta que, além de *input* compreensível, os alunos precisariam de *output* compreensível, isto é: “*output* que expande o repertório linguístico do falante quando ele ou ela tenta criar precisamente e apropriadamente o significado desejado” (SWAIN, 1985, p. 252).

Nessa ótica, o *output* não é visto simplesmente como o resultado da fala ou da escrita dos alunos, mas sim como um processo no qual se engajam com a intenção de se fazer entender pelos demais, sendo, nessa dinâmica, forçado a refletir sobre as formas que deve usar para a construção do significado que deseja transmitir.

A produção, como entendida por Swain (1985), seria então responsável por fomentar diversos processos, como: o *noticing*, o *noticing the gap*, o *noticing the hole* e o teste de hipóteses. O *noticing* (SCHMIDT; FROTA, 1986) é definido como a etapa na qual o aluno

nota conscientemente algo novo na língua-alvo, sendo considerado um momento crucial para o desenvolvimento da competência comunicativa, já que, a partir dele, o aluno começaria a procurar compreender o aspecto notado e a integrá-lo progressivamente à sua produção. Já o *noticing the gap* envolve a ideia de que o aprendiz, em interação com falantes nativos ou com falantes mais competentes que ele, é capaz de identificar que a forma linguística utilizada por ele difere da forma empregada pelo falante mais competente, fazendo-lhe perceber que há certa distância entre a sua própria produção e a produção desse outro falante. O terceiro aspecto favorecido pelo *output* do aprendiz, o *noticing the hole* (SWAIN, 1995), diz respeito à sua capacidade de perceber que não consegue formular oralmente ou por escrito aquilo que gostaria de expressar, seja porque não conhece ou porque não se lembra de como certa estrutura é construída.

Finalmente, as interações entre aprendizes ou entre o aprendiz e um falante mais competente teria um papel importante para abrir espaço para o teste de hipóteses, que seria “na perspectiva do aprendiz, uma importante ‘trilha’ refletindo as hipóteses de como dizer (ou escrever) sua intenção” (SWAIN, 2005, p. 476).

Além de todos esses fatores, a produção se conectaria profundamente ao conceito de diálogo colaborativo. De fato, em texto de 2000, Swain esclarece que várias de suas reflexões sobre a relação entre linguagem e pensamento se alicerçam sobre a afirmação de Vygotsky (1978, 1987), segundo a qual o desenvolvimento das funções cognitivas é mediado pela linguagem. Para Swain (2000), no momento em que a produção dos alunos deixa de ter o papel de troca interacional e passa a assumir a função de mediar a construção do conhecimento, há o “diálogo colaborativo”, expressão que será mais tarde substituída pelo termo *languageing* (SWAIN, 2006), visto como “língua enquanto ferramenta cognitiva” (p. 96) e exemplificado da seguinte maneira:

quando a língua é usada para mediar soluções de problemas, se o problema é sobre qual palavra usar, ou sobre como melhor estruturar uma sentença para que ela signifique aquilo que você quer que ela signifique, ou sobre como explicar os resultados de uma experiência, ou como explicar a ação de outro, ou... o *languageing* acontece. [...] Esse é o fenômeno do “vir a saber enquanto se fala”. Ou seja, enquanto estamos falando (ou escrevendo), nós podemos atingir uma nova ou mais profunda compreensão sobre algo (SWAIN, 2006, p. 96).

Desse modo, com Swain e com os inúmeros estudos decorrentes de suas reflexões, como Figueiredo (2006), Figueiredo e Assis (2006), Carvalho (2006), entre outros, a produção dos alunos, antes vista apenas como um mero exercício de prática ou como um instrumento para o aumento da fluência, passa a desempenhar um papel muito mais amplo e complexo no ensino-aprendizagem de línguas, chegando a ser considerada um dos objetivos centrais da instrução.

Fica claro, portanto, que a instrução, como apresentada aqui, deve prever momentos de produção linguística significativa, nos quais as atividades didáticas sejam formuladas para que os alunos interajam ativamente e colaborativamente uns com os outros em situações que poderiam facilmente ocorrer fora da sala de aula, como em discussões, narrativas de experiências, resolução de conflitos, entre outros.

Segundo Vidal (2007), o estímulo à produção escrita pode ser oferecido por meio de atividades de manipulação de texto (*text manipulation*), isto é, através de propostas em que os alunos completam lacunas, ordenam frases e completam diálogos, com o objetivo de serem preparados para produzirem o seu próprio texto. Parte-se, assim, de tarefas mais controladas que envolvem diretamente os conteúdos vistos em sala e vai-se em direção àquelas menos controladas, como a criação livre de um texto.

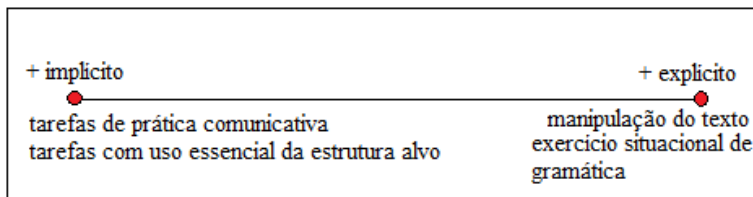
Já o estímulo à produção oral pode ser oferecido por meio de tarefas que requeiram uma determinada estrutura-alvo para o seu êxito. Esse tipo de técnica, é denominada por Xavier (2011) *task essentialness*. Como alerta a própria autora, tarefas desse tipo devem ser muito bem desenhadas, uma vez que os alunos podem encontrar estratégias comunicativas que “driblam” o uso da estrutura esperada. Caso o professor revele a estrutura necessária para a execução, então passa-se a outra técnica, denominada *exercício situacional de gramática*.

A instrução baseada na produção oral pode ainda se beneficiar de tarefas de prática comunicativa (*communicative practice tasks*), definidas por Xavier (2011, p. 151) como atividades que “pressupõe[m] a prática de falas contendo a estrutura-alvo, de modo que os alunos possam adquiri-la através de seu uso repetitivo em contexto comunicativo”. Diferentemente da *task essentialness*, com as tarefas de prática comunicativa, a estrutura-alvo não necessariamente deve aparecer. Desse modo, o que se estimula com esse tipo de atividade é a comunicação em sentido amplo e assim, eventualmente, incentivado pelo anseio em realizar um dado escopo

comunicativo, o aluno pode sentir a necessidade de produzir uma determinada forma, podendo ela ser mais facilmente percebida por ele.

Do ponto de vista da explicitude das atividades, a tarefa de manipulação de texto com o completamento de trechos com estruturas vistas em sala de aula, assim como o exercício situacional de gramática podem ser colocados como atividades mais próximas ao polo explícito, uma vez que o aluno tem consciência daquilo que lhe está sendo requerido. Já as tarefas de prática comunicativa e as tarefas com uso essencial da estrutura-alvo têm natureza mais implícita, pois o aluno não tem ciência das estruturas linguísticas que constituem o foco das tarefas (FIGURA 3).

FIGURA 3 – O *continuum* implícito-explícito e as atividades de produção



Fonte: Autoria própria.

É de se observar que, na Figura 3, as técnicas tratadas nesta seção foram colocadas nos dois extremos, já que não foi possível identificar o exato grau de explicitude de cada uma delas. Isso posto, as técnicas foram classificadas como “mais” implícitas ou “mais” explícitas. Há estudos que tentaram elaborar mecanismos para medir quanto uma atividade pode ser considerada explícita/implícita (SANCHEZ *et al.*, 2010; DOUGHTY; WILLIAMS, 1998), mas esse não foi o objetivo deste trabalho.

3.3 A instrução aliada ao *feedback* corretivo

Segundo Lyster e Ranta (1997, p. 38), a maneira de nomear a reação de um falante aos erros nas produções de aprendizes de LE/L2 depende principalmente da perspectiva do observador da interação. Desse modo, se a observação é feita no âmbito das pesquisas em Linguística, a reação aos erros é denominada *negative evidence* (evidência negativa); se no campo da Análise do discurso, será chamada de *repair* (reparo). Na Psicologia, é denominada *negative feedback* (feedback negativo),

enquanto na área de Ensino-aprendizagem de línguas, tem sido chamada de *corrective feedback* (*feedback* corretivo).

Além das diferenças mais superficiais ligadas à nomenclatura, a maneira de enxergar o erro e a função da correção muda consideravelmente de acordo com as crenças e os objetivos de cada pesquisador.

Na tentativa de fazer um inventário das técnicas utilizadas em sala de aula para o tratamento do erro, Lyster e Ranta (1997) observaram seis grupos de alunos de francês em contexto de L2 e analisaram as interações orais entre eles e seus professores. Como resultado das análises empreendidas, as pesquisadoras identificam as seis técnicas mais utilizadas pelos docentes: 1) a correção explícita; 2) os *recasts* (ou pedidos de reformulação); 3) os pedidos de esclarecimento; 4) o *feedback* metalinguístico; 5) a eliciação da forma; e 6) a repetição.

Na correção explícita, o professor oferece a forma correta em substituição à forma utilizada pelo aluno. Assim, são normalmente empregadas expressões como “Você queria dizer...”, “O correto seria...”.

Nos *recasts* ou reformulações, essas expressões não são empregadas, sendo que o *feedback* é oferecido como uma paráfrase do enunciado proferido pelo aluno, excluindo o erro e inserindo a forma correta. O professor pode reformular toda a sentença do aluno ou apenas parte dela, inclusive valendo-se da tradução para a língua materna do aluno, num nítido esforço de fazê-lo compreender aquilo que errou, sem dizê-lo, no entanto, explicitamente.

Com os pedidos de esclarecimento, os professores procuram fazer com que os alunos encontrem o erro e que o reformulem. Isso se dá através da indicação de que não entenderam o enunciado ou de que ele não está bem construído. Os pedidos de esclarecimento se manifestam com expressões como “Desculpe, não entendi”, “Como?”, “O que você quis dizer com...?”.

O *feedback* metalinguístico é construído com base em comentários que explicam a regra por trás da forma, sem o fornecimento da forma correta. Com essa estratégia, o professor procura levar o aluno a se lembrar da regra com a qual entrou em contato em um momento anterior, fazendo-lhe reconstruir seu enunciado. Normalmente, esse tipo de *feedback* é acompanhado por referências metalinguísticas, como «essa palavra é masculina», «o sujeito da oração está no plural», entre outras.

A eliciação da forma se refere à repetição parcial do enunciado do aluno com uma pausa antes do erro, ou seja, o professor cria

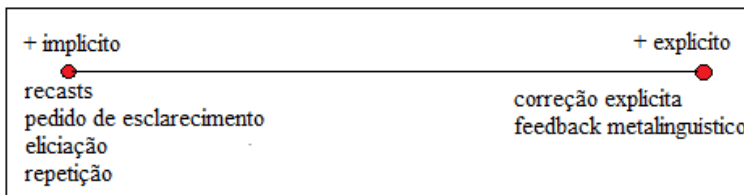
intencionalmente uma lacuna na oração e solicita que o aluno a complete, chamando sua atenção para o fato de ter cometido um erro justamente na parte faltante.

Finalmente, a técnica da repetição se baseia no isolamento do erro cometido pelo aluno e pela sua repetição pelo professor. Em alguns casos, a repetição pode ocorrer com uma entonação interrogativa para que o aluno perceba que a repetição constitui, na realidade, um pedido de reformulação, e não a concordância com o que ele acabou de dizer.

Além dessas técnicas, nossa experiência em sala de aula e a observação da prática de professores de língua estrangeira, permitem dizer que, no caso de produções escritas, há ainda outra técnica utilizada: a criação de símbolos indicadores do tipo de erro cometido. Por exemplo, pode-se adotar o símbolo: “MS”, como sigla para erros morfossintáticos, “Or”, para erros ortográficos, “L”, para léxico, entre outros. Levando em conta as tipologias fornecidas por Lyster e Ranta (1997), acreditamos que esse tipo de reação ao erro possa se enquadrar na técnica de *feedback* metalinguístico, dado que indica o âmbito ao qual o erro está ligado, mas não fornece a forma correta.

Embora os autores tenham se detido apenas na tipologia de *feedback* fornecido por professores, em um ambiente em que se estimule o trabalho em duplas e grupos, é de se esperar que o *feedback* corretivo seja oferecido também pelos próprios alunos. Com isso, durante a realização das atividades, os alunos podem notar os erros contidos nas produções (orais e escritas) dos colegas e procurar ajudá-los. Dessa maneira, além do professor, também eles podem executar as técnicas listadas acima.

Assim como nos outros tipos de técnicas de ensino de LE/L2, também no caso da instrução a partir do *feedback* corretivo, é possível trabalhar ao longo do *continuum* implícito-explicito (FIGURA 4). Haveria então técnicas mais implícitas, como o *recast*, o pedido de esclarecimento, a eliciação, a repetição e a reformulação. Nessas técnicas, o professor não trata a forma do ponto de vista metalinguístico, e o aluno não é informado *se* e *sobre* o que exatamente errou. Haveria também técnicas mais explícitas, como a correção explícita e o *feedback* metalinguístico, por meio das quais o aluno identifica exatamente o elemento linguístico que não soube utilizar de forma adequada. Mais uma vez, assim como na Figura 3, por não conseguirmos identificar o grau exato de explicitação, optamos por colocá-las nos extremos do *continuum*.

FIGURA 4 – O *continuum* implícito-explicito e os tipos de *feedback* corretivos

Fonte: Autoria própria

Tendo tratado os quatro momentos sobre os quais a instrução pode se fundamentar, nos parece relevante notar a impossibilidade em se falar de instrução explícita e implícita de um ponto de vista geral, sem considerar as técnicas que serão de fato implementadas em sala de aula.

Na pesquisa científica, âmbito no qual as metodologias devem ser detalhadamente descritas, faz-se necessário que os termos utilizados sejam definidos de maneira a evitar equívocos e ambiguidades. Assim, quando falamos em instrução explícita ou instrução implícita, estamos nos referindo a um conjunto de práticas selecionadas pelo professor e/ou pesquisador, e não apenas nos restringindo ao tipo de explicação dos fenômenos linguísticos fornecido aos alunos.

Considerações finais

Neste estudo traçamos um percurso que partiu do conceito mais amplo de instrução para chegar à classificação de técnicas pedagógicas ao longo do *continuum* implícito-explicito.

Em um primeiro momento, mostramos como as dicotomias são construções fundamentais para a área da Linguística de modo geral e, mais especificamente, para o campo do Ensino-aprendizagem de línguas. Em seguida, nos concentramos na conceituação de instrução, definindo-a como a adoção de mecanismos pedagógicos direcionados à intervenção na aprendizagem e apresentando os três fatores fundamentais nesse processo: *o que se ensina*, *a quem se ensina* e *o como se ensina*.

A partir das múltiplas opções disponíveis no que se refere ao modo de ensinar algo, refletimos sobre como o binômio implícito e explícito tem sido compreendido em pesquisas científicas a partir dos anos 1990 e sobre como, em alguns desses estudos, falta um detalhamento dos procedimentos práticos adotados para operacionalizar o conceito teórico.

Finalmente, com base, sobretudo, no modelo de Housen e Pierrard (2005), que parte principalmente de fatores voltados à atividade docente para diferenciar os dois tipos de instrução, formulamos quatro *continua* baseados nos quatro momentos em que a instrução pode intervir: na apresentação do *input*, na explicação gramatical, nas atividades de estímulo ao *output* e no *feedback* corretivo. Com isso, assumimos que, para cada um desses quatro momentos, se deverá pensar no grau de explicitude das técnicas adotadas, utilizando como referência o *continuum* previsto para aquela determinada etapa didática.

Do ponto de vista prático, isso significa dizer que para que dado estudo investigue os efeitos da instrução explícita, a instrução deverá prever somente ou preponderantemente técnicas situadas no polo explícito do *continuum*; por outro lado, para ser implícita, deverá privilegiar técnicas postas em seu outro extremo, o implícito. Caso haja, em um mesmo estudo, a adoção de técnicas implícitas em alguns momentos e explícitas em outros, então seria importante que se problematizasse essa situação e que se levasse em conta essa configuração na análise dos resultados.

Por meio da proposta apresentada, almejamos que cada vez mais pesquisas deixem claro como delineiam a instrução em classe, elucidando a maneira como operacionalizam seus quatro momentos centrais. Acreditamos que somente assim se poderá atingir maior lucidez sobre como esse *continuum* está sendo entendido e, por conseguinte, sobre quais seus efeitos na aprendizagem.

Contribuição das autoras

O presente trabalho foi construído a partir do diálogo e reflexão conjunta das duas autoras. Grazielle Frangiotti formulou o desenho geral do artigo, bem como a redação inicial das seções. Paula Garcia de Freitas contribuiu para a redação das seções e possibilitou o aprofundamento de questões teóricas a partir da inserção de referências bibliográficas relevantes.

Referências

- ANDREWS, K. L. Z. The Effects of Implicit and Explicit Instruction on Simple and Complex Grammatical Structures for Adult English Language. *TESL-EJ*, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 1-13, 2007. Disponível em: <http://tesl-ej.org/ej42/a5.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BONGAERTS, T. Ultimate Attainment in L2 Pronunciation: The Case of Very Advanced Late L2 Learners. In: BIRDSONG, D. (org.). *Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates. 1999. p. 133-159.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CARTER, R.; MCCARTHY, M. J. Grammar and the Spoken Language. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 16, n. 2, p. 141-158, 1995.
- CARVALHO, G. O. Os efeitos da revisão colaborativa em textos escritos em língua inglesa por alunos iniciantes do curso de Letras. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006. p. 201-230.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1965.
- DEKEYSER, R. Implicit and Explicit Learning. In: DOUGHTY, C.; LONG, M. (org.). *Handbook of Second Language Acquisition*. Malden:Blackwell, 2003. p. 313-349.
- DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. *Focus on Form in Classroom*. Second Language Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- ELLIS, R. Interpretation Tasks for Grammar Teaching. *Tesol Quarterly*, Virginia, v. 29, n. 1, p. 87-105, 1995.
- ELLIS, R. Teaching and Research: Options in Grammar Teaching. *Tesol Quarterly*, Virginia, v. 32, n. 1, p. 39-60, 1998.
- ELLIS, R. Implicit and Explicit Learning, Knowledge and Instruction. In: ELLIS, R.; LOEWEN, S.; ELDER, C.; ERLAM, R.; PHILIP, J.; REINDERS, H. (org.). *Implicit and Explicit Knowledge in Second Language Learning, Testing and Teaching*. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters, 2009. p. 3-25.

FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.) *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

FIGUEIREDO, F. J. Q.; ASSIS, N. A auto-estima e a atitude quanto à escrita na revisão colaborativa. In: FIGUEIREDO, F. (org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006. p. 165-199.

FRANGIOTTI, G. A. *A competência sociolinguística em italiano: da análise de dados de falantes nativos ao ensino implícito e explícito para brasileiros*. 2019. 474f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

FREITAS, P. G. *Os efeitos de duas estratégias de ensino, uma implícita e outra explícita, na aprendizagem do presente e do passado próximo do italiano como língua estrangeira*. 2014. 336f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

GAUTHIER, C.; BISSONNETTE, S.; RICHARD, M. *Ensino explícito e desempenho dos alunos: a gestão dos aprendizados*. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARLEY, Birgit. Instructional Strategies and Second Language Acquisition in Early French Immersion. *Studies in Second Language Acquisition*, Virgínia, v. 15, p. 245-259, 1993.

HOUSEN, A.; PIERRARD, M. (org.). *Investigations in Instructed Second Language Acquisition*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005.

HYMES, D. H. The Ethnography of Speaking. In: GLADWIN, T.; STURTEVANT, W. (org.). *Anthropology and Human Behavior*. Washington: American Anthropology Association, 1962. p. 13-53.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: RESEARCH PLANNING CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT IN DISADVANTAGED CHILDREN, 1966. Nova York. *Proceedings* [...]. Nova York: Yeshiva University, 1966. p. 1-23. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED027346.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (org.). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

KRASHEN, S. D. Individual Variation in the Use of the Monitor. In: RITCHIE, W. (org.). *Principles of Second Language Learning*. New York: Academic Press, 1978. p. 175-183.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. London: Pergamon, 1982.

KRASHEN, S. D. *The Input Hypothesis: Issues and Implications*. 4. ed. New York: Longman, 1985.

LONG, M.; ROBINSON, P. Focus on Form: Theory, Research and Practice. In: DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. (org.). *Focus on Form in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 15-41.

LYSTER, R. The Effect of Functional-Analytic Teaching on Aspects of French Immersion Students. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 15, n. 3, p. 263-287, 1994.

LYSTER, R.; RANTA, L. Corrective Feedback and Learner Uptake: Negotiation of Form in Communicative Classrooms. *Studies in Second Language Acquisition*, Cambridge, v. 20, p. 37-66, 1997.

MOSKVER, K. Register and Genre in Course Design for Advanced Learners of Russian. *Foreign Language Annals*, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 119-131, 2008.

NEUPANE, M. Processing Instruction: an Input Based Approach for Teaching Grammar. *Journal of Nelta*. Kathmandu, v. 14, n. 1-2, p. 111-118, 2009.

NORRIS, J; ORTEGA, L. Effectiveness of L2 Instruction: a Research Synthesis and Quantitative Meta-Analysis. *Language Learning*, [S.l.], v. 50, p. 417-528, 2000.

SANCHEZ, R.; PEREZ, A. S.; GOMEZ, P. C. An Attempt to Elaborate a Construct to Measure the Degree of Explicitness and Implicitness in ELT Material. *International Journal of English Studies*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 103-129, 2010. DOI: 10.6018/ijes.10.1.114001

SAUGERA, V. Scriptwriting as a Tool for Learning Stylistic Variation. *Foreign Language Annals*, [S.l.], v. 44, n. 1, p. 137-152, 2011.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHMIDT, R. The Role of Consciousness in Second Language Learning. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 11, n. 2, p. 129-158, 1990.

SCHMIDT, R.; FROTA, S. Developing Basic Conversational Ability in a Second Language: A Case Study of an Adult Learner of Portuguese. In: DAY, R. (org.). *Talking to Learn: Conversation in Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House, 1986. p. 237-326.

SPADA, N. Beyond Form-Focused Instruction: Reflections on Past, Present and Future Research. *Language Teaching*, Cambridge, v. 44, n. 2, p. 225-236, 2011.

SWAIN, M. Communicative Competence: Some Roles of Comprehensible Input and Comprehensible Output in Its Development. In: GASS, S.; MADDEN, C. (org.). *Input in Second Language Acquisition*. Cambridge: Newbury House, 1985. p. 235-253.

SWAIN, M. Three Functions of Output in Second Language Learning. In: COOK, G.; SEIDLHOFER, B. (org.). *Principle and Practice in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 125-144.

SWAIN, M. The Output Hypothesis and Beyond: Mediating Acquisition Through Collaborative Dialogue. In: LANTOLF, J. (org.). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 97-114.

SWAIN, M. The Output Hypothesis: Theory and Research. In: HINDEL, E. (org.). *Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning*. Yahweh: Lawrency Erlbaum Associates, 2005. p. 471-483.

SWAIN, M. Linguaging, Agency and Collaboration in Advanced Second Language Learning. In: BYRNES, H. (org.). *Advanced Language Learning: The Contributions of Halliday and Vygotsky*. London, New York: Continuum, 2006. p. 96-108.

VANPATTEN, B. Processing Instruction: An Update. *Language Learning*, California, v. 52, n. 4, p. 755-803, 2002.

VANPATTEN, B; OIKKENON, S. Explanation Versus Structured Input in Processing Instruction. *Studies in Second Language Acquisition*, Cambridge, v. 18, p. 495-510, 1996.

VIDAL, R. Ensino-aprendizagem do foco na forma: retorno ou recomeço? *The Especialist*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 159-184, 2007.

VYGOTSKY, L. *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L. *The Collected Works of Lev. S. Vygotsky: Problems of General Psychology*. New York: Plenum Press, 1987.

XAVIER, R. P. *Metodologia do ensino de inglês*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.

WONG, W. The Nature of Processing Instruction. In: VANPATTEN, B. (org.). *Processing Instruction: Theory, Research, and Commentary*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2004. p. 33-63.



40 anos de *Metaphors we live by*: considerações sobre a teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson

40 years of *Metaphors we live by*: remarks on Lakoff and Johnson's theory of conceptual metaphors

Gustavo Augusto Fonseca Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

fonsecaugusto@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7427-4504>

Resumo: No ensaio “Cognitive linguistics and autonomous linguistics”, publicado em 2007 no *Oxford handbook of cognitive linguistics*, John R. Taylor sugere o diálogo e mesmo a integração da linguística cognitiva com outras vertentes de estudos da linguagem. Seguindo essa linha argumentativa, reanalisa-se neste artigo a teoria das metáforas conceituais de George Lakoff e Mark Johnson. O objetivo é explicitar os excessos empíricos e retóricos cometidos por esses autores desde a publicação do livro *Metaphors we live by*, há 40 anos, como consequência em grande medida de seu ataque à gramática gerativa de Noam Chomsky. Com isso, espera-se facilitar a aproximação entre o gerativismo e o cognitivismo, já iniciada por pesquisadores como o próprio Taylor, Ray Jackendoff, Peter Culicover, Alan Prince e Paul Smolensky.

Palavras-chave: Linguística cognitiva; metáforas conceituais. George Lakoff; Mark Johnson; *Metaphors we live by*.

Abstract: In his essay *Cognitive Linguistics and Autonomous Linguistics*, published in the 2007 *Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, John R. Taylor suggests dialogue and even integration between cognitive linguistics and other approaches in language studies. Following Taylor's line of argument this article reviews George Lakoff and Mark Johnson's theory of conceptual metaphor. This study intends to address both authors' empirical and rhetorical excesses since publishing *Metaphors we live by* forty years ago as an outcome of their rejection of Noam Chomsky's generative grammar. Thus, it is expected to further converge generativism and cognitivism, as already initiated by researchers such as Taylor, Ray Jackendoff, Peter Culicover, Alan Prince, and Paul Smolensky.

Keywords: Cognitive linguistics; conceptual metaphors. George Lakoff; Mark Johnson; *Metaphors we live by*.

Recebido em 18 de abril de 2020

Aceito em 27 de maio de 2020

As propostas da gramática cognitiva de Langacker para a teoria e descrição da linguagem quase não geraram respostas negativas de outros pesquisadores que trabalham no campo da linguística cognitiva, nem daqueles de fora. Em comparação com essa estabilidade relativa, é marcante que as propostas de Lakoff encontraram muito mais críticas internas e externas referentes a um conjunto de seus *insights*, princípios e ferramentas, com o resultado de que certas mudanças de orientação e alianças se seguiram (DIRVEN, 2005, p. 50-51).

Introdução

Em 2020, completam-se 40 anos da publicação do livro *Metaphors we live by* (*Metáforas da vida cotidiana*, 2002), escrito pelo linguista George Lakoff em parceria com o filósofo Mark Johnson. Sem risco de incorrer em exageros, pode-se dizer que, com a defesa nessa obra da ideia de que as metáforas não são meros floreios literários ou estilísticos, e sim um recurso linguístico tão poderoso a ponto de estruturar a linguagem, a percepção da realidade, o pensamento e as ações humanas – daí a alegação de que vivemos por metáforas –, Lakoff e Johnson não apenas estabeleceram um dos marcos inaugurais da linguística cognitiva como impulsionaram todo um importante campo de pesquisas sobre aspectos semânticos e pragmáticos da linguagem que ainda hoje não para de crescer. Tendo em vista esse cenário, propõe-se neste artigo rediscutir o trabalho de Lakoff e Johnson. O objetivo maior ao fazê-lo é desconstruir a concepção desses dois autores de que as metáforas são algo como os blocos construtores da cognição humana. Para isso, inicialmente, analisa-se o contexto histórico em que *Metaphors we live by* foi publicado, destacando-se que a linguística cognitiva surge justamente entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1980, em meio aos escombros da semântica gerativa – a corrente teórica alternativa à teoria padrão gerativista que acabou derrotada nas chamadas “guerras

linguísticas” (HARRIS, 1993; NEWMeyer, 1996). Em seguida, passa-se ao exame das posições assumidas por Lakoff e Johnson ao longo das últimas décadas em defesa da suposta natureza metafórica do pensamento humano. O intuito é mostrar como Lakoff e Johnson acabaram por adotar noções empiricamente frágeis sobre a mente/cérebro em consequência de seu ataque sem tréguas (e frequentemente precipitado) ao gerativismo chomskiano. Com isso – é importante deixar claro –, não se almeja reafirmar o programa de pesquisa lançado por Chomsky em detrimento da linguística cognitiva. Na verdade, com as críticas que aqui são feitas a Lakoff e Johnson, espera-se facilitar a aproximação do cognitivismo a outros quadros teóricos, inclusive o gerativista, como aliás já vêm defendendo alguns cognitivistas, entre os quais John R. Taylor (2007).

1 Da semântica gerativa à linguística cognitiva: as raízes gerativistas do cognitivismo

Uma cortina de ferro desceu sobre a gramática gerativa no fim dos anos 1960. De um lado, Noam Chomsky e seus seguidores desenvolviam a chamada teoria padrão, sintetizada pelo próprio Chomsky nos *Aspects of the theory of syntax (Aspectos da teoria da sintaxe)*, de 1965. De outro, um grupo de dissidentes liderado por Paul Postal, James McCawley, John “Háj” Ross e George Lakoff, todos ex-alunos de Chomsky, propunha uma nova vertente teórica, que seria denominada de semântica gerativa. Nela, alguns dos pilares da teoria padrão foram atacados, com destaque à hipótese da autonomia da sintaxe em relação à semântica. Em contra-ataque, Chomsky e seus partidários golpearam o ponto-chave da semântica gerativa: a hipótese de que a estrutura profunda é a própria representação semântica. Tendo extrapolado a mera divergência científica, as discussões entre os dois grupos intensificaram-se tanto que, posteriormente, seriam batizadas de “guerras linguísticas”. A despeito, porém, do furor dos envolvidos, que muitas vezes se ofendiam pessoalmente, os confrontos foram relativamente breves. No fim dos anos 1970, já era claro à comunidade linguística que Chomsky e seus companheiros haviam derrubado as principais ideias dos semanticistas gerativistas – em especial sua concepção do componente semântico – e, conseqüentemente, saíam vencedores do conflito. No entanto, como em todo pós-guerra, as sequelas daqueles embates perdurariam por muitos anos. Na realidade, mesmo hoje os efeitos nocivos daquelas batalhas

ainda se fazem sentir tanto na gramática gerativa quanto na linguística cognitiva, que, derivando da semântica gerativa, carrega em seu DNA a marca de oposição ao gerativismo. De fato, como bem observa Peter Harder (2007, p. 1248), desde o início a linguística cognitiva se pautou por ser o que a gramática gerativa não é: não formal, não modular, não baseada em condições de verdade, etc., etc. Considerando-se esse papel de antagonista ao gerativismo assumido pela linguística cognitiva, fica nítida a importância de voltar às suas raízes gerativistas para melhor entender seus fundamentos, bem como seus equívocos.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a semântica gerativa essencialmente recusava a hipótese chomskiana da autonomia da sintaxe em relação à semântica e identificava a estrutura profunda com a representação semântica. “O cerne da semântica gerativa era uma obliteração do limite sintaxe-semântica no nível mais profundo da gramática – o axioma de que a estrutura profunda real *era* a representação semântica, não um *input* sintático para o componente semântico”, sintetiza Randy Allen Harris (1993, p. 105). O modelo teórico de Paul Postal (1972), intitulado *Homogeneous I*, talvez seja a formulação mais bem desenhada dessa ideia. De forma um tanto simplificada, pode-se dizer que para Postal, no lugar da estrutura profunda, no sentido de Chomsky (1975), há o conteúdo semântico da sentença, que é associado ao pensamento não linguístico. Este, por sua vez, após ser submetido a transformações, aproximadamente no sentido de Chomsky (1975), resultaria na sentença propriamente dita. Assim, se de um lado Chomsky insistia que a sintaxe é independente da semântica, afirmando por exemplo que “a relação entre sintaxe e semântica (...) pode ser estudada apenas depois que a estrutura sintática tenha sido determinada em bases independentes” (CHOMSKY, 2015, p. 23, n. 4), por outro os semanticistas gerativistas, como Postal, argumentavam que a sintaxe só pode ser investigada considerando-se sua relação com o componente semântico. Portanto, diferentemente de Chomsky, que atribuía à semântica o papel de tão somente interpretar o sentido das sentenças formadas na derivação puramente sintática, os semanticistas gerativistas defendiam que a semântica também era um componente gerativo, não apenas a sintaxe. Ironicamente, o que levou os semanticistas gerativistas a esse posicionamento foi a radicalização de um pressuposto teórico assumido na obra *Aspectos da teoria da sintaxe*: a chamada hipótese Katz-Postal, segundo a qual a estrutura profunda determina completamente o sentido (KATZ; POSTAL, 1964). Levada

às últimas consequências por Postal, Lakoff, Ross e McCawley, essa hipótese resultou na ideia de que a estrutura profunda é o sentido.

Em entrevista a Mitsou Ronat no fim dos anos 1970, na qual Ronat já podia dizer com segurança que a semântica gerativa àquela altura estava “virtualmente abandonada” (CHOMSKY, 1977, p. 135), Chomsky resumiu suas divergências em relação a essa corrente teórica e rebateu as principais críticas que lhe foram feitas por seus adeptos, sobretudo em relação ao componente semântico da linguagem. Na ocasião, Chomsky enfatizou que desde o início do gerativismo dava à semântica um lugar central, opondo-se apenas à ideia de que a sintaxe é baseada na semântica (CHOMSKY, 1977, p. 126-127). “Sempre neguei e rejeitei de modo explícito uma posição completamente diferente, a qual com frequência me foi erroneamente atribuída: ou seja, que o estudo do sentido, da referência e da utilização da linguagem está fora do campo da linguística”, afirmou Chomsky (1977, p. 127). Especificamente em relação à ideia defendida pela semântica gerativa de que a estrutura profunda é o sentido, Chomsky (1977, p. 137-138) lembrou que nos *Aspectos da teoria da sintaxe* é observado que ao menos certos aspectos da representação semântica, como os ligados a foco e tópico, parecem mais relacionados à estrutura superficial do que à estrutura profunda.¹ Além disso, destacou que as pesquisas posteriores sobre o papel da estrutura superficial na determinação do sentido resultaram na teoria padrão estendida. De fato, ainda no âmbito da teoria padrão, Chomsky e Halle (1968, p. 6-7) já afirmavam que a estrutura superficial tinha algum papel na determinação semântica. Na teoria padrão estendida, por sua vez, foi proposto que, diferentemente do que havia sido defendido antes, a estrutura superficial também determina o sentido. Essa mudança de perspectiva, é claro, representou um problema fatal à semântica gerativa. De qualquer maneira, conforme Chomsky (1977, p. 138), a melhor crítica à teoria padrão não foi aquela feita pelos semanticistas gerativistas, e sim a formulada por Ray Jackendoff, em meados dos anos 1960, ao mostrar que a estrutura superficial realmente desempenha um papel importante na interpretação semântica. As evidências que Jackendoff apresentou para sustentar essa posição derivavam de sentenças com foco e pressuposição e de sentenças com negação e quantificadores. No primeiro caso, Jackendoff demonstrou que fenômenos fonológicos

¹ Ver Chomsky (1975, p. 319, n. 32 e p. 323, n. 9).

– portanto, em estrutura superficial – como entonação, acento (*stress*) e altura (*pitch*) estão relacionados ao componente semântico. Vejam-se exemplos retirados de Jackendoff (1980, p. 229):

- (1a) Is it JOHN who writes poetry?
(É o JOÃO que escreve poesia?)
- (1b) No, it is BILL who writes poetry.
(Não, é o BILL que escreve poesia.)
- (1c) No, it is JOHN who writes short stories.
(Não, é o JOÃO que escreve contos.)

Como esclarece Jackendoff (1980), (1b) é uma resposta “natural” para (1a), mas não (1c). Isso porque, detalha Jackendoff (1980, p. 230), em (1a) pressupõe-se que alguém escreve poesia, ou seja, o falante assume que essa informação é compartilhada por ele e pelo ouvinte. “John”, por sua vez, é o foco da sentença, isto é, o falante assume que essa informação não é compartilhada por ele e pelo ouvinte. Mas tanto aquilo que é pressuposto quanto aquilo que é focalizado na sentença são denotados fonologicamente e, portanto, não são informações semânticas contidas em estrutura profunda. Com isso, desmente-se a hipótese Katz-Postal.

No segundo caso, Jackendoff evidenciou que o conteúdo semântico de sentenças com negação e quantificadores pode ser alterado com operações de transformação, o que igualmente derruba a hipótese Katz-Postal. Em “Pedro chutou a bola” e “A bola foi chutada por Pedro”, por exemplo, a operação de passivização não altera o conteúdo semântico das sentenças, determinado na estrutura profunda. Dessa forma, esses exemplos atestam a hipótese Katz-Postal de que o sentido é completamente determinado em estrutura profunda. As sentenças (2), no entanto, apresentadas por Jackendoff (1980, p. 325-326), refutam essa generalização:

- (2a) Not many of the arrows hit the target.
(Não muitas das flechas atingiram o alvo.)
- (2b) Many of the arrows didn’t hit the target.
(Muitas das flechas não atingiram o alvo.)

(2c) The target wasn't hit by many of the arrows.

(O alvo não foi atingido por muitas das flechas.)

Com base na hipótese Katz-Postal, argumenta Jackendoff (1980, p. 326), a sentença passiva (2c) deveria ser ambígua, expressando o conteúdo semântico tanto da sentença (2a) como da sentença (2b). No entanto, a única interpretação possível de (2c) é sinônima de (2a) – a não ser que se enfatize a palavra “many” (muitas). Dessa maneira, as sentenças (2a), (2b) e (2c) representam mais um contraexemplo fatal à hipótese Katz-Postal e, conseqüentemente, à sua radicalização feita na semântica gerativa de que a estrutura profunda é o sentido.

Para não deixar margem a dúvidas quanto à vitória da sua vertente teórica sobre a semântica gerativa, Chomsky chama a atenção ainda de Ronat para a então nova teoria dos traços, chegando a afirmar com base nela que “*toda* a semântica, inclusive as relações temáticas, está ligada à estrutura superficial” (1977, p. 150) e que, “com a teoria dos traços, podemos dizer que somente a estrutura superficial está ligada à representação semântica” (1977, p. 156). Vale lembrar que na teoria padrão assumia-se que os papéis temáticos (agente, paciente, instrumento, etc.) eram atribuídos na estrutura profunda. Conforme a teoria dos traços, porém, o papel temático é deslocado junto com o nome. Veja-se um exemplo dado por Chomsky a Ronat (1977, p. 151):

(3) *A quem Pedro ensina latim t?*

Em (3), o papel temático de objetivo, atribuído ao sintagma preposicional “a quem” em estrutura profunda, desloca-se junto com ele até a topicalização em estrutura superficial. Assim, conclui Chomsky (1977, p. 150-151), com a teoria dos traços é possível atribuir a relação temática à estrutura superficial, em vez de atribuí-la à estrutura profunda.

Todos esses argumentos contrários à semântica gerativa apresentados por Chomsky e por seus discípulos nunca foram devidamente respondidos pelos semanticistas gerativistas. Por isso, a despeito de Lakoff ter declarado a vitória da semântica gerativa em 1973 (HARRIS, 1993, p. 197), Givón não exagerava ao dizer poucos anos depois que o movimento da semântica gerativa já era àquela altura “história antiga” (GIVÓN, 1979, p. 19). Compartilhando dessa interpretação, Harris (1993, p. 215) explica que, mais do que seus ataques à semântica gerativa,

foram as possibilidades de pesquisa abertas por suas novas propostas teóricas que levaram Chomsky a vencer a “guerra linguística” contra os semanticistas gerativistas já nos anos 1970. É importante, porém, acrescentar a essa análise o fato de que, independentemente dos avanços teóricos na gramática gerativa, a semântica gerativa, que pouco a pouco acabou sob a liderança de Lakoff, já havia caído em descrédito naquele período em determinados círculos teóricos por conta de seus próprios excessos – originados e divulgados, em grande medida, por Lakoff. “Com Lakoff ao leme”, afirma Harris (1993, p. 227-228), “promovendo sua muito ampla concepção de teoria linguística (...), a percepção geral se tornou de que a semântica gerativa era promíscua teoricamente, incapaz de dizer não.” Na verdade, com Lakoff à sua frente, a semântica gerativa supostamente iria englobar

não apenas sintaxe-semântica, fonética-fonologia, linguística histórica, linguística antropológica, etc., que formam o núcleo da maioria dos programas acadêmicos neste país, mas também o papel da linguagem em interação social, em literatura, em ritual e em propaganda, assim como o estudo da relação entre linguagem e pensamento, produção e percepção de fala, transtornos linguísticos, etc. (LAKOFF, *in* PARRET, 1974, p. 151 *apud* HARRIS, 1993, p. 228).

Como ironizou Harris (1993, p. 228), “fica-se com a impressão de que Lakoff parou a lista mais porque ele ficou sem fôlego do que porque ele ficou sem visão, cuidadosamente lembrando-se de jogar aquele *etc.* antes de tomar algum ar”. Dessa forma, avalia Harris (1993, p. 228), a semântica gerativa sob a liderança de Lakoff quis fazer muito e acabou sem pé nem cabeça. Com efeito, para Harris (1993, p. 230), dois traços em particular talvez tenham sido decisivos para a debacle da semântica gerativa: sua ampla gama de interesses e sua autodefinição primária contra Chomsky. Nos dois casos, mesmo não tendo sido uma voz solitária entre os semanticistas gerativistas, Lakoff certamente foi a mais estridente. Para piorar sua situação individual, como recorda Newmeyer (1996, p. 126), nesse período Lakoff apresentava praticamente de ano em ano uma nova teoria – ao menos um novo nome de teoria –, como a “fuzzy grammar” (1973), a “global transderivational well-formedness grammar” (1974), a “cognitive grammar” (1975), a “dual-hierarchy grammar” (1975), a “linguistic gestalt theory” (1977) e a “experimental linguistics” (1977). Apesar de todas essas teorias terem em comum uma oposição visceral

ao gerativismo chomskiano, nenhuma delas despertou muito interesse entre os críticos de Chomsky. Talvez porque elas sempre foram vistas mais como um amontoado de observações do que como um quadro teórico bem definido. Isso, porém, iria mudar radicalmente em 1980, com a publicação do livro *Metaphors we live by* por Lakoff em parceria com o filósofo Mark Johnson.

2 A teoria de que vivemos por metáforas: polêmicas e objeções

Seguindo a análise de Harris (1993) e de Newmeyer (1996) a respeito das circunstâncias em que a gramática gerativa triunfou sobre a semântica gerativa ao fim das guerras linguísticas dos anos 1960 e 1970, observou-se acima que o movimento dissidente liderado por Postal, McCawley, Ross e Lakoff acabou caindo em descrédito devido à sua falta de foco. Além disso, ainda de acordo com a interpretação feita por Harris e por Newmeyer daquele importante capítulo da história da linguística no século 20, pontuou-se que os excessos cometidos pela semântica gerativa se originaram em boa medida do trabalho de Lakoff. Dando continuidade a essa discussão, volta-se agora à investigação do que Lakoff fez depois das guerras linguísticas. O intuito é demonstrar que, assim como havia acontecido com a semântica gerativa, com Lakoff ao leme a linguística cognitiva tentou fazer muito e acabou à deriva. Como não poderia deixar de ser, o eixo central desta reflexão é a teoria de Lakoff e Johnson de que as metáforas não somente estruturam a linguagem, mas também a percepção da realidade, o pensamento e as ações humanas (2003, p. 3-4).

De acordo com o próprio Lakoff,² seu trabalho sobre a natureza metafórica do pensamento teve início em um curso de graduação que ele ministrou na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1978. No dia em que seria discutido um artigo sobre metáforas, lembra Lakoff, uma de suas alunas chegou atrasada e estava chorando. Tomada pela tristeza, ela teria dito, em meio à análise do texto, que não poderia participar da atividade porque tinha um problema metafórico com o namorado. Para explicar por que estava tão triste, a estudante contou que, a caminho da aula, seu namorado havia lhe dito: “Our relationship has hit a dead end street” (“Nossa relação chegou a uma rua sem saída”). Ela, então, teria

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eu-9rpJITY8>. Acesso em: 6 dez. 2018.

pedido ajuda aos presentes para melhor entender o que seu namorado queria dizer com isso. Então, recorda Lakoff, todos começaram a sugerir à jovem que, já que seu relacionamento tinha atingido uma rua sem saída, ela não poderia seguir em frente e, portanto, tinha de voltar. Para além disso, enfatiza Lakoff, em meio àquela conversa, a turma se deu conta de que a língua inglesa está repleta de expressões em que o amor (*love*) é visto como um tipo de jornada (*journey*): “We are going in different directions” (“Nós estamos indo em direções diferentes”), “We have a crossroads in the relationship” (“Temos uma encruzilhada no relacionamento”), “The marriage is off the track” (“O casamento saiu dos trilhos”), etc., etc. Após anotar uma longa lista com exemplos semelhantes, conta Lakoff, o passo seguinte foi tentar encontrar algum tipo de generalização da lista. A conclusão foi que, em todos os exemplos listados, o amor era visto como uma jornada e os amantes, como viajantes. Mais precisamente, o relacionamento amoroso era retratado como um veículo (um carro, um barco, um trem, um avião...); os objetivos de vida do casal eram tidos como os destinos a serem atingidos nessa jornada; dificuldades de relacionamento, dificuldades na jornada, eram explicitadas como percalços na viagem, obstáculos que impediriam o casal de atingir o destino (uma rua sem saída, por exemplo). À luz dessa esquematização, afirma Lakoff, ficou claro que havia de fato um padrão nas expressões listadas naquela aula. Indiferente a tudo isso, porém, relembra Lakoff, sua aluna com problemas amorosos teria dito: “I don’t care about your generalization. My boyfriend is breaking up with me. He is thinking in terms of this metaphor” (“Eu não me importo com sua generalização. Meu namorado terminou comigo. Ele está pensando em termos dessa metáfora”). Com base nessa afirmação, revela Lakoff, teria lhe saltado aos olhos que as teorias clássicas sobre metáforas não lidam com a ideia de pensar em termos de uma metáfora. Quando se diz, por exemplo, “We are spinning our wheels in this relationship” (“Nós estamos girando nossas rodas nesse relacionamento”/“Nós estamos cantando pneus nesse relacionamento”/“Nós estamos patinando nesse relacionamento”), argumenta Lakoff, a expressão “spinning the wheels” (“girando as rodas”/“cantando pneus”/“patinando”) sugere a imagem de um carro cujas rodas estão girando, mas que não sai do lugar – ou seja, detalha Lakoff, o veículo não se move, apesar da enorme energia que você gasta com essa finalidade, e, como consequência do fracasso, você fica frustrado. Em se tratando de um relacionamento amoroso, prossegue

Lakoff, dizer que se está “spinning the wheels” em uma relação significa não ir a lugar algum; não atingir os objetivos de uma vida a dois; pôr muita energia com o intuito de atingir esses objetivos, mas sentir-se frustrado por fracassar. Assim, conclui Lakoff, o raciocínio que se faz sobre viajar é mapeado, é estendido ao raciocínio que se faz sobre o amor.

Levando adiante essas reflexões sobre o grande número de metáforas que são encontradas na linguagem cotidiana e sobre a ideia de que se pensa em termos de uma metáfora, Lakoff acabou por elaborar, em parceria com Johnson, sua teoria sobre as metáforas conceituais e seu papel na estruturação da linguagem, do pensamento, da percepção e das ações humanas. Uma metáfora conceitual, conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 45), é o mecanismo cognitivo que permite ao ser humano usar seu domínio físico – sobretudo seu sistema sensorio-motor – para conceitualizar, pensar (raciocinar) e visualizar experiências subjetivas de desejo, afeição, intimidade e realização (*achievement*). Dito de outra forma, uma metáfora conceitual é o mecanismo cognitivo pelo qual o ser humano conceitualiza uma ideia (experiência subjetiva) em termos de contato com um objeto (experiência sensorio-motora. Mais: uma metáfora conceitual é uma metáfora tácita, subjacente, da qual derivaria um sem-número de expressões metafóricas. Assim, se da metáfora conceitual LOVE IS A JOURNEY (O AMOR É UMA JORNADA) derivariam expressões da linguagem cotidiana como “We are going in different directions” (“Nós estamos indo em direções diferentes”), “We have a crossroads in the relationship” (“Temos uma encruzilhada no relacionamento”) e “The marriage is off the track” (“O casamento saiu dos trilhos”), da metáfora conceitual ARGUMENT IS WAR (DISCUSSÃO É GUERRA), exemplificam Lakoff e Johnson (2003, p. 4), derivariam expressões como “Your claims are *indefensible*” (“Suas alegações são *indefensáveis*”), “He attacked *every weak point* in my argument” (“Ele atacou *cada ponto fraco* de meu argumento”), “His criticisms were *right on target*” (“Suas críticas foram *direto ao alvo*”), etc. Em todos esses casos, conforme a teoria de Lakoff e Johnson (2003), conceitualiza-se, pensa-se, visualiza-se uma experiência subjetiva (amar e participar de uma discussão, respectivamente) em termos de uma experiência concreta, física, sensorio-motora (alguém seguir um caminho; um trem que sai dos trilhos; uma flecha ou um projétil que atinge um alvo, etc., etc.).

Com base nessa teoria das metáforas conceituais e do papel delas na estruturação da linguagem, do pensamento, da percepção e das ações

humanas, Lakoff e Johnson desenvolveriam ainda sua teoria da “mente corpórea” (*embodied mind*). Segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 16-17), os conceitos e a própria razão são corpóreos – quer dizer, são moldados pelos sistemas perceptual e sensorio-motor humanos. Dessa forma, os conceitos de cor, por exemplo, seriam moldados pela percepção humana das cores, assim como os conceitos espaço-relacionais – “o coração de nosso sistema conceitual” (1999, p. 30) –, como “em”, “sobre”, “atrás”, “em frente”, “através”, etc., seriam moldados pela percepção espaço-relacional humana dos objetos no mundo. Essa teoria da mente corpórea, enfatizam Lakoff e Johnson (1999, p. 3-8), desafia a visão tradicional, que segundo eles remontaria à Grécia Antiga e fundamentaria toda a ciência moderna, de que a razão é separada e independente daquilo que o ser humano faz com o corpo – sobretudo a percepção e o movimento corporal. Mais que isso: essa teoria da mente corpórea, conforme Lakoff e Johnson (1999, 2003), põe abaixo a concepção predominante na filosofia e na ciência ocidentais de que existe uma realidade objetiva acessível ao ser humano por meio da razão e de que a própria razão é não corpórea, universal e literal.

No novo “Afterword” publicado na edição de 2003 de *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson fazem um balanço da recepção de todas essas ideias e apontam quatro falácias que impediriam o entendimento da natureza do pensamento metafórico, bem como a sua profundidade: (1) a falácia de que a metáfora é uma questão de palavras, não de conceitos; (2) a falácia de que a metáfora é baseada em similaridade; (3) a falácia de que todos os conceitos são literais e que nenhum pode ser metafórico; (4) a falácia de que o pensamento racional não é moldado de forma alguma pela natureza de nossos cérebros e de nossos corpos (2003, p. 244). Essas supostas falácias, de acordo com Lakoff e Johnson (1999), na verdade remontam ao menos à filosofia de Aristóteles. Assim, os *insights* de Lakoff e Johnson sobre o papel das metáforas na cognição humana representariam uma grande revolução no pensamento ocidental. Não obstante, porém, a magnitude atribuída por Lakoff e Johnson às suas próprias ideias, só se pode percebê-las com tamanha relevância se se desconsiderar que uma série de autores, incluindo filósofos, psicólogos, linguistas e antropólogos, anteciparam os principais aspectos da concepção cognitiva das metáforas apresentada em *Metaphors we live by* – a começar por Aristóteles (cf., p. ex., JÄKEL, 1999; LEEZENBERG, 2001; NERLICH; CLARKE, 2000, 2001, 2007; SCHRÖDER, 2004,

2008, 2014, 2017; SINHA, 2007). Mas mais importante do que constatar a existência dos muitos precursores de Lakoff e Johnson é refutar a teoria de que as metáforas estruturam a linguagem, o pensamento, a percepção e as ações humanas – isto é, a teoria de que vivemos por metáforas.

Na abertura do novo “Afterword” mesmo, Lakoff e Johnson afirmam que nosso pensamento metafórico pode “determinar” (*determine*) questões de guerra e de paz, de política econômica, decisões legais e do dia a dia. Um ataque militar, exemplificam os autores, é um “estupro” (*rape*), “uma ameaça a nossa segurança” ou “a defesa de uma população contra o terrorismo”? E o seu casamento, prosseguem Lakoff e Johnson, é uma parceria, uma jornada juntos pela vida ou a união de duas pessoas constituindo uma terceira entidade? “A escolha entre essas formas comuns de conceitualizar o casamento pode determinar aquilo em que seu casamento se torna”, afirmam Lakoff e Johnson (2003, p. 243). “Diferenças metafóricas drásticas podem resultar em conflito marital.” Para fundamentar essa conclusão, Lakoff e Johnson (1999, p. 243-244) convidam o leitor a imaginar um casamento que é visto por um dos cônjuges como uma parceria e pelo outro como um “refúgio” (*haven*). Segundo Lakoff e Johnson, as responsabilidades de uma parceria podem estar em desacordo com o alívio de responsabilidades característico de um refúgio, o que abre a possibilidade de o casal vir a ter sérios desentendimentos. Realmente, o fato de os cônjuges terem visões diferentes sobre o que significa um relacionamento pode resultar em conflitos entre eles. No entanto, não parece plausível que a simples escolha entre formas de conceitualizar o casamento pode determinar aquilo em que o casamento se torna. Afinal, como certamente endossaria o ex-namorado da aluna de Lakoff, não é uma metáfora que pode determinar aquilo em que seu relacionamento se torna, e sim aquilo em que seu relacionamento se torna que determina a metáfora com a qual você o conceitualiza. Prova disso é que mesmo uma metáfora conjugal geralmente empregada em sentido positivo pode derivar uma metáfora negativa para expressar uma crítica à relação ou mesmo ao cônjuge. Um exemplo divertido desse fato é dado no filme *Whatever works* (no Brasil, *Tudo pode dar certo*), de Woody Allen. Depois de anos de desentendimento com a elitista e ambiciosa esposa, o protagonista da história, o misantropo e desapegado Boris Yelnikoff, diz a ela pouco

antes de se atirar pela janela: “Nosso casamento não tem sido um jardim de rosas. Botanicamente falando, você está mais para uma dioneia”.³

Igualmente cética quanto às alegações de Lakoff e Johnson sobre o papel das metáforas na percepção do que seja o casamento, a antropóloga Naomi Quinn (1987, 1991, 1996, 1997) vale-se de suas pesquisas com 11 casais norte-americanos para afirmar que o entendimento que se tem do casamento se baseia em um modelo cultural, não em metáforas (1987, p. 174), e que a visão que uma pessoa tem do próprio casamento e do cônjuge é que estrutura as metáforas com que ela fala da relação e/ou do parceiro ou parceira, e não o contrário (1987, p. 174-175). Na realidade, com base na análise de dezenas de horas de discurso das 22 pessoas com quem conversou em seus estudos sobre a percepção norte-americana do casamento, Quinn demonstra que as metáforas que seus entrevistados usaram fornecem pistas sobre o modelo cultural de casamento prevalecente em seu país (1987, p. 174). Mais precisamente, conforme a pesquisadora (1987, p. 179), a noção norte-americana de casamento pode ser resumida em oito metáforas conceituais – as quais ela chama de “proposições-esquemas”: MARRIAGE IS ENDURING (CASAMENTO É DURADOURO), MARRIAGE IS MUTUALLY BENEFICIAL (CASAMENTO É MUTUAMENTE BENÉFICO), MARRIAGE IS UNKNOWN AT THE OUTSET (CASAMENTO É INICIALMENTE DESCONHECIDO), MARRIAGE IS DIFFICULT (CASAMENTO É DIFÍCIL), MARRIAGE IS EFFORTFUL (CASAMENTO É ESFORÇO), MARRIAGE IS JOINT (CASAMENTO É COMPARTILHADO), MARRIAGE MAY SUCCEED OR FAIL (CASAMENTO PODE DAR CERTO OU ERRADO) e MARRIAGE IS RISKY (CASAMENTO É ARRISCADO). Para chegar a essa conclusão, Quinn (1987) mapeou as metáforas utilizadas por seus entrevistados para se referir ao casamento, em linha com o trabalho de Lakoff e Johnson sobre as metáforas conceituais. Assim, de descrições metafóricas do casamento como uma “unidade” (“unit”) ou um “par” (“pair”), como estar “juntos nisso” (“together in this”) ou de apresentá-lo como um “front unido” (“united front”), por exemplo, Quinn chegou à proposição-esquema MARRIAGE IS JOINT (CASAMENTO É COMPARTILHADO) (1987, p. 179-180). Diferentemente de Lakoff e Johnson (2003), porém, Quinn (1987, p. 189-191) não acredita que metáforas conceituais como essas oito

³ A dioneia (Venus flytrap) é uma planta carnívora.

possam estruturar um modelo cultural do casamento. Muito pelo contrário, para Quinn (1987, 1991), um modelo cultural do casamento – ou do que quer que seja – é que estrutura as metáforas com as quais as pessoas se expressam.

Esta surpreendente descoberta de que as metáforas superficialmente variadas que as pessoas usam para falar sobre casamento são redutíveis a um número muito pequeno de classes sugere que a metáfora, longe de produzir entendimento, é na verdade altamente restringida pelo entendimento (QUINN, 1991, p. 66).

Adiante, Quinn (1991, p. 66) completa afirmando que em seu trabalho de 1987 havia postulado que as metáforas para casamento fazem sentido em termos de um modelo subjacente compartilhado por seus entrevistados, sendo que as oito classes de metáforas refletiam os elementos conceituais que juntos, e em interação, definiam esse modelo. Na verdade, em “The cultural basis of metaphor”, Quinn (1991) adota uma postura ainda mais combativa em relação à teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson do que em textos anteriormente publicados por ela. Nesse ensaio, Quinn não apenas defende que “o entendimento cultural subjaz o uso de metáforas” (1991, p. 56-57) como – um tanto exageradamente (cf., p. ex., LAKOFF; JOHNSON, 2003, cap. 5; LAKOFF, 1987, cap. 18) – critica linguistas e outros cientistas cognitivos que “negligenciam completamente” o papel organizacional da cultura no pensamento humano (p. 57). Seja como for, Quinn critica os autores de *Metaphors we live by* por inflarem o papel cognitivo das metáforas em detrimento da cultura (1991, p. 56-57 e p. 65). Contrária a essa atitude e baseando-se em suas pesquisas antropológicas sobre a visão norte-americana do casamento, Quinn (1991) insiste que as metáforas, em vez de constituir o entendimento, são selecionadas para se encaixar em um modelo preexistente e compartilhado culturalmente (p. 60). Sendo assim, conclui Quinn (p. 91), respaldada por seu trabalho empírico, um papel maior na constituição de nosso entendimento do mundo é desempenhado por nossos modelos culturais em comparação com nossas metáforas. Como reflexo disso, pondera Quinn (1997), no ensaio “Research on shared task solutions”, que as metáforas que as pessoas empregam para falar das características esperadas de um casamento refletem tais características, em vez de as fundamentarem, como acreditam Lakoff e Johnson. Como destaca Quinn (1997, p. 146),

Recorre-se a produtos manufaturados, coisas duráveis, possessões e jornadas repetidamente como fontes de metáforas para casamentos duradouros não porque eles constituem nosso entendimento de casamento, mas simplesmente porque eles são os maiores exemplares culturais, em nosso mundo, de coisas que tipicamente duram.

Tomando por referência os estudos antropológicos conduzidos por Quinn, bem como as conclusões a que ela chegou depois de anos de pesquisas, parece seguro afirmar que não são as metáforas que estruturam a linguagem, o pensamento, a percepção e as ações humanas, e sim o pensamento, a percepção e as ações humanas que estruturam as metáforas. Isto é, as metáforas não estruturam nenhum aspecto cognitivo humano, mas são uma forma de expressar o pensamento, a percepção e as ações humanas, entre tantas outras – linguísticas e não linguísticas. Com base nessa constatação, pode-se dizer que Lakoff e Johnson (2003), sem se apoiarem em qualquer evidência empírica, inverteram a ordem entre o pensamento e a expressão do pensamento com sua teoria das metáforas conceituais. Mais: considerando a alta produtividade das metáforas na linguagem humana, deduziram sem respaldo científico algum que “nós raciocinamos em termos de metáfora” (2003, p. 244); que “nós pensamos metafóricamente” (2003, p. 245); que “a metáfora estrutura o nosso pensamento” (2003, p. 249). Além disso, com base nessas premissas, Lakoff e Johnson concluíram que “as metáforas que usamos determinam boa parte de como vivemos as nossas vidas” (2003, p. 244). De fato, tomando como referência o conceito ARGUMENT IS WAR (DISCUSSÃO É GUERRA), por exemplo, Lakoff e Johnson (2003, p. 4) sustentam que muito do que é feito em uma discussão é parcialmente estruturado pelo conceito de guerra, havendo uma batalha verbal constituída de ataque, defesa, contra-ataque, etc. Assim, concluem os autores, o conceito metafórico ARGUMENT IS WAR estrutura nossas ações em uma discussão, sendo, portanto, uma metáfora pela qual vivemos em nossa cultura. A fim de reforçar essa conclusão, Lakoff e Johnson convidam o leitor a tentar imaginar uma cultura na qual discussões não são vistas em termos bélicos, não havendo vencedores e perdedores, nem o sentido de ataque e de defesa. Indo adiante, Lakoff e Johnson (2003, p. 5) convidam o leitor a imaginar uma cultura na qual uma discussão é vista como uma dança, os participantes como “artistas” (*performers*) e o objetivo é “realizar” (*to perform*) a atividade de uma

maneira balanceada e esteticamente agradável. De acordo com Lakoff e Johnson (2003, p. 5), nessa cultura as pessoas veriam e vivenciariam discussões de uma forma diferente da nossa, e nós provavelmente não interpretaríamos a atividade delas como uma discussão. À parte o fato de que Lakoff e Johnson não apresentam qualquer evidência empírica de que em culturas diferentes as pessoas veriam o ato de discutir de maneiras diferentes porque o conceitualizariam de maneiras diferentes, não parece arriscado dizer que é justamente o contrário que acontece: as pessoas de certa cultura veem e vivenciam discussões de uma maneira específica e, conseqüentemente, sua linguagem expressa essa maneira de ver e vivenciar as discussões – ou ao menos alguns de seus aspectos. Dessa forma, não seria o conceito metafórico que estruturaria como essas pessoas perceberiam uma discussão, como a pensariam e o que fariam em uma, e sim o modo como elas percebessem uma discussão, como a pensassem e o que fizessem em uma é que estruturaria suas expressões sobre essa atividade, inclusive as metafóricas.

Em “Argument is argument: an essay on conceptual metaphor and verbal dispute”, O antropólogo James Howe (2007) sustenta exatamente essa posição. Seguindo a linha argumentativa de Quinn e igualmente fundamentando suas afirmações em ampla análise discursiva, Howe (p. 2) defende que o uso do termo “argument” (“discussão”) por falantes nativos de inglês não depende de metáfora e que o entendimento dessa categoria só é, na melhor das hipóteses, parcialmente condicionado por metáfora. Em se tratando da metáfora ARGUMENT IS WAR (DISCUSSÃO É GUERRA), Howe (2007) sublinha que não é provada a alegação feita por Lakoff e Johnson de que o entendimento do que sejam conflitos verbais é baseado na experiência prévia de guerra e de violência física. Mais que isso: em oposição à ideia de que o entendimento do que seja uma discussão é dependente do conhecimento do que seja uma guerra, Howe (p. 6) endossa os argumentos apresentados por David Ritchie contra esse raciocínio. Com efeito, no influente artigo “ARGUMENT IS WAR – or is it a game of chess? Multiple meanings in the analysis of implicit metaphors”, Ritchie (2003) põe em xeque a concepção de Lakoff e Johnson de que as “metáforas pelas quais vivemos” se originam de nossas experiências físicas e sociais ponderando, por exemplo:

Dado o pequeno número de pessoas nos Estados Unidos que experienciaram a guerra diretamente, não é fácil ver como “DISCUSSÃO É GUERRA” pode ser baseado na experiência

física ou social direta (...). Por outro lado, muitas das outras atividades desse grupo de conceitos inter-relacionados são baseados em experiência física e social direta e assim são diretamente disponíveis para o entendimento metafórico de discussão – e de guerra. Desde muito novas, as crianças se envolvem em disputas acaloradas que levam a violência verbal e ocasionalmente física. Elas se envolvem em contendas e jogos competitivos, e em contendas de desejo com irmãos, colegas, parentes e outros adultos. Apesar de ser duvidoso que as crianças tenham um conceito realista de “guerra” antes da adolescência (se é que o têm nessa fase), elas certamente têm esquemas bem desenvolvidos para jogos, disputas e brigas físicas e verbais (RITCHIE, 2003, p. 132).

Ainda que sem citar Ritchie, Lakoff e Johnson (2003) admitem no novo “Afterword” da edição de 2003 de *Metaphors we live by* que é correta a observação de que “a maioria das pessoas aprende sobre discussão antes de aprender sobre guerra” (p. 265). Por conta disso, Lakoff e Johnson (2003) substituem a metáfora ARGUMENT IS WAR (DISCUSSÃO É GUERRA) pela metáfora ARGUMENT IS STRUGGLE (DISCUSSÃO É CONFLITO). Mas não convencido da validade dessa mera alteração, Howe mantém-se cético quanto ao suposto poder estruturante das metáforas na cognição humana. “Há razões fortes para acreditar que não podemos entender ou identificar o conceito em seus próprios termos sem recorrer a transferências metafóricas ou que o combate físico é experienciado antes ou de forma mais básica do que discordância verbal?”, questiona Howe (2007, p. 7). “A evidência sugere que não” (2007, p. 7), prontamente responde. Realmente, como argumenta Howe (2007) seguindo Ritchie, falantes de inglês têm desde a infância muitas experiências de discordância, contestações e conflitos verbais com pais, amigos, colegas de escola, etc., etc. e todas elas são tão importantes quanto experiências de violência ou coação física. Não por acaso, prossegue Howe (2007), falantes de inglês podem decidir imediatamente se uma interação se qualifica como uma discussão ou se uma troca amigável de palavras se transforma em uma discussão valendo-se tão somente de critérios específicos a uma interação verbal. Assim, conclui Howe (2007, p. 9) em consonância com Quinn e com Ritchie, “americanos sem dúvida alguma usam metáforas de guerra, entre outras, para caracterizar ou analisar discussões (...), mas eles não precisam de metáfora para reconhecer uma discussão quando ouvem uma”.

Quanto à “fantasia” (p. 10) construída por Lakoff e Johnson (2003) de que numa cultura em que uma discussão fosse vista como uma dança as pessoas veriam e vivenciariam discussões de uma forma diferente da nossa, Howe é taxativo: “A noção de que outra cultura poderia metaforizar discussão como dança é falaciosa e, na verdade, oximorônica” (2007, p. 2). Para respaldar essa afirmação, Howe apoia-se em seu extenso trabalho com os kunas do Panamá. De acordo com Howe (2007, p. 13), apesar de o povo Kuna não ter uma palavra equivalente à inglesa “argument” (“discussão”), sua língua é plena de termos que designam formas de discurso público que falantes de inglês reconheceriam como argumentativas e/ou baseadas em “argumentação” (*argumentation*). Os kunas, esclarece Howe, possuem um lugar para debates que designam de *onmakennega* – que ele traduz como “gathering house” (“casa/câmara de reunião”). Lá, eles debatem muitas noites por semana as questões relativas à comunidade. Conforme Howe, a maioria dos termos que os kunas usam para os discursos que se dão nesse ambiente se baseiam na palavra polissêmica *igar*, *igal*, *igala*, cuja raiz significa “path” (“trilha”) ou “way” (“caminho”). Em várias expressões, detalha Howe, *igar* tem o sentido de “case, issue, matter, point of discussion” (“caso, questão, assunto, ponto de discussão”), como em *igar dummad/igar bibigwa* (“major/minor issue”, ou “assunto maior/menor”), *igar dargwen* (“problem”, ou “problema”) e *igal abalusad* (“messed up, bad case”, ou “bagunçado, caso ruim”). Em outro grupo semântico, porém, completa Howe, *igar* tem o sentido de “way, law, norm, precedent, decision, correct thinking” (“caminho, lei, norma, precedente, decisão, pensamento correto”), como em *igal amie* (“find a way, decide or resolve something”, ou “achar um caminho, decidir ou resolver algo”), *igar maye* (“clear a trail, initiate understanding, set a precedent or norm”, ou “abrir uma trilha, iniciar entendimento, estabelecer um precedente ou norma”) e *igar mai* (“the way lies, a norm, law, or precedent exists”, ou “o caminho assentado, uma norma, lei ou existe precedente”). Todas essas expressões baseadas em *igar* caracterizam as atividades discursivas dos kunas em termos amplamente positivos e benignos, ou ao menos neutros, destaca Howe. Assim, se Lakoff e Johnson (2003) tivessem razão, adverte, as discussões entre os kunas seriam leves e delicadas, o que nem sempre acontece. Tendo presenciado centenas de vezes as reuniões dos kunas, Howe garante que o tom da discussão entre eles varia bastante, passando da conversa amigável e rotineira a embates ferozes e intransigentes –

assim como acontece entre norte-americanos. Levando isso em conta, Howe conclui sem meias palavras:

A noção [de Lakoff e Johnson] de uma cultura verdadeiramente boa na qual as pessoas discutem como dançarinos segue uma longa tradição de romantização utópica do *Outro* – significando o maravilhosamente igualitário, não exploratório, intocado e imaculado Alter, cujas virtudes expõem os limites e vícios de nosso próprio pensamento e conduta (2007, p. 15-16).

Não obstante o vigor dessas críticas de Howe (2007) a suas ideias, Lakoff e Johnson nem sequer se deram ao trabalho de rebatê-las – como tampouco responderam às objeções levantadas por Quinn à teoria das metáforas conceituais, tendo cabido a alguns de seus adeptos reafirmar suas premissas diante dos ataques dessa autora (e.g. GIBBS Jr., 1994, 1999; KÖVECSES, 1999, 2005, 2017). De qualquer maneira, o fato é que estudos antropológicos como os de Quinn (1987, 1991, 1996, 1997) e os de Howe (2007) apresentam sérios problemas relacionados à concepção de que as metáforas estruturam a linguagem, o pensamento, a percepção e as ações humanas. Com isso, parece certo dizer que Lakoff e Johnson (2003) superestimaram – e muito – o poder cognitivo das metáforas.

Reforçando a ideia de que pensamos metaforicamente e de que as metáforas que usamos determinam boa parte de como vivemos as nossas vidas, Lakoff e Johnson (2003, p. 51) também afirmam que ao usarmos expressões metafóricas como “The odds are against us” (“As chances estão contra nós”) e “We’ll have to take our chances” (“Vamos ter de arriscar a sorte”) nosso jeito de falar, conceber e vivenciar as respectivas situações são estruturados metaforicamente. Além disso, Lakoff e Johnson (2003, p. 55) argumentam que expressões como “wasting time” (“perdendo tempo”), “attacking positions” (“atacando posições”) e “going our separate ways” (“irmos em caminhos separados”) são reflexos de conceitos metafóricos que estruturam nossas ações e nossos pensamentos. Adiante, levando ao extremo essa teoria, Lakoff e Johnson declaram:

Muitas de nossas atividades (discutir, resolver problemas, administrar o tempo, etc.) são metafóricas por natureza. Os conceitos metafóricos que caracterizam essas atividades estruturam nossa realidade presente. Novas metáforas têm o poder de criar uma nova realidade (2003, p. 145).

Convencidos de que uma nova realidade pode ser criada a partir de novas metáforas, Lakoff e Johnson (2003, p. 156) afirmam que uma metáfora pode guiar uma ação futura, resultando assim em profecias que se autorrealizam. Com base nesse entendimento, Lakoff passaria a defender ao longo dos anos seguintes à publicação de *Metaphors we live by* que as metáforas têm o poder de transformar a própria sociedade. No livro *Moral politics: what conservatives know that liberals don't*, por exemplo, Lakoff (1996) apresenta a ideia de que o conservadorismo norte-americano, de um lado, é baseado em um modelo de pai rigoroso, enquanto o liberalismo, de outro, é baseado em um modelo de pai provedor. “Esses dois modelos de família dão origem a sistemas morais diferentes e formas de discurso diferentes, isto é, escolhas diferentes de palavras e diferentes modos de raciocinar”, argumenta Lakoff (1996, p. 12). Por conta disso, prossegue Lakoff, esses dois modelos de família determinam a maneira como conservadores (base do eleitorado republicano) e liberais (base do eleitorado democrata) veem questões como programas sociais, impostos, controle de armas e o meio ambiente. A ideia é que, devido a suas respectivas metáforas conceituais de um pai rigoroso e de um pai provedor, conservadores e liberais teriam percepções diferentes da realidade. Com isso, exemplifica Lakoff, conservadores julgam imorais redes de proteção social porque elas vão contra a autodisciplina e a responsabilidade, enquanto liberais consideram imoral o corte de impostos para a área da saúde porque isso ajuda pessoas que não precisam de ajuda e prejudica pessoas de que dela necessitam. Mais uma vez, no entanto, ao que parece Lakoff inverteu a ordem entre causa e efeito. Afinal, como atestariam Quinn, Howe e Ritchie, não é que o modelo de pai rigoroso determine a maneira como os conservadores veem questões de moralidade e de políticas públicas, ou que o modelo de pai provedor determine as posições assumidas pelos liberais, mas são as convicções morais e ideológicas de conservadores e de liberais que os levam a se identificar com o primeiro e o segundo modelo de família, respectivamente. Assim, não é que essas metáforas constituam ou estruturam o pensamento e as percepções políticas e morais do eleitorado americano; essas metáforas são uma forma de expressão do pensamento e das percepções políticas e morais desse eleitorado, entre tantas outras – linguísticas e não linguísticas.

Em linha com essa interpretação, o escritor americano William Saletan ressalta em resenha ao livro de Lakoff *Whose freedom?: the*

battle over America's most important idea, publicado em 2006, que os eleitores americanos são totalmente capazes de julgar se o modo como os políticos usam certas palavras e expressões para referir-se a fatos e a eventos históricos é adequado ou não. Por isso, observa Saletan (2008), eles não poderiam ser manipulados tão facilmente como acredita Lakoff (2006), que basicamente afirma nessa obra que o Partido Republicano mantinha o poder político nos Estados Unidos, naqueles anos de governo de George W. Bush, controlando a mente das pessoas pela maneira como emoldurava/enquadrava a realidade. Ao declarar “guerra ao terrorismo” (*war on terror*), por exemplo, argumenta Lakoff (2006, p. 11), o presidente Bush conseguiu uma ampla margem de manobra militar e política por ter nomeado um inimigo elusivo e amorfo. Além disso, sublinha Lakoff (2006, p. 3-9), ao sequestrar o uso da palavra “liberdade” para justificar seus atos políticos, Bush colocou-se em uma posição difícil de atacar, já que atacá-lo seria como atacar o próprio valor supremo da nação americana. Saletan, no entanto, não se deixou convencer pelo que chamou de “neuroliberalismo” (*neuroliberalism*) de Lakoff, cujo objetivo ao escrever *Whose freedom?* (2006), assim como *Don't think of an elephant!* (2004) e *The political mind* (2008b), era ajudar os democratas a vencer os republicanos na corrida eleitoral seguinte, mudando sua maneira de emoldurar/enquadrar os fatos. “É difícil levar tudo isso a sério se você conhece quaisquer conservadores”, afirma Saletan (2008), “assim como é difícil levar a sério o neurodeterminismo de Lakoff se você conhece alguma ciência.” Para Saletan, a proposta de Lakoff de “reprogramar” a cabeça das pessoas alterando o modo de falar sobre a realidade subestima a inteligência alheia, além de não ser democrática nem cientificamente comprovada. E Saletan não é o primeiro a questionar a validade científica das teorias de Lakoff, que a despeito das evidências em contrário segue afirmando-as e reafirmando-as sem responder de forma consistente a seus muitos críticos, seja no campo político (e.g. LAKOFF; WEHLING, 2012), seja no campo neurolinguístico (e.g. LAKOFF, 2008a, 2012, 2016).

3 Dogmatismo empírico

No ensaio “The cognitive linguistics enterprise: an overview”, que abre a coletânea *The cognitive linguistics reader*, Vyvyan Evans, Benjamin K. Bergen e Jörg Zinken (2007b) admitem que a linguística

cognitiva vem sendo criticada desde os seus primeiros anos devido à percepção de que falta a ela rigor empírico (p. 28). Corroborando essa avaliação, muitos dos mais influentes teóricos cognitivistas da atualidade não apenas reconhecem essa falha como vêm defendendo maior rigor empírico nas pesquisas realizadas nesse campo (e.g. BERGEN, 2007; GIBBS Jr., 2007). Em certo sentido antecipando-se a essa discussão, Lakoff já havia declarado no artigo “The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?”, de 1990, que a linguística cognitiva deve ser fiel a descobertas empíricas sobre a mente/cérebro (p. 39) e que o cognitivismo tem o compromisso de fazer considerações sobre a linguagem de acordo com o que se sabe a respeito da mente e do cérebro (p. 40). Dando prosseguimento a essa linha argumentativa, Lakoff e Johnson (1999) ponderam, no livro *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*, que a obra trata primordialmente do conflito entre filosofias *a priori* e descobertas empíricas na ciência cognitiva (p. 496). No “Afterword” da edição de 2003 de *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson reafirmam essa postura e observam, com toda a razão, que as questões relativas à natureza da significação, à conceitualização, ao raciocínio e à linguagem demandam estudo empírico, não podendo ser adequadamente respondidas pelo pensamento filosófico *a priori* (p. 246). Na mesma toada, Lakoff e Johnson (2003, p. 244 e 272) ressaltam que pesquisas empíricas recentes sustentam ou mesmo aprofundam as ideias centrais relativas às metáforas publicadas em *Metaphors we live by*, quais sejam:

- Metáforas são fundamentalmente conceituais por natureza; linguagem metafórica é secundária.
- Metáforas conceituais são baseadas em experiência cotidiana.
- Pensamento abstrato é em grande parte metafórico, ainda que não inteiramente.
- Pensamento metafórico é inevitável, ubíquo e, em grande parte, inconsciente.
- Conceitos abstratos têm um núcleo literal, mas são estendidos por metáforas, frequentemente por metáforas mutuamente inconsistentes.
- Conceitos abstratos não são completos sem metáforas. Por exemplo, o amor não é amor sem metáforas de magia, atração, loucura, união, estímulo e assim por diante.

– Nossos sistemas conceituais não são consistentes em geral, já que as metáforas usadas para raciocinar sobre conceitos podem ser inconsistentes.

– Nós vivemos nossas vidas com base em inferências que fazemos via metáfora (2003, p. 272-273).

No entanto, em prejuízo ao discurso adotado por Lakoff e Johnson (2003), a comunidade científica de modo geral não endossa as “evidências empíricas” que ambos afirmam sustentar ou aprofundar sua teoria das metáforas conceituais. O físico e estatístico Cosma Shalizi (2003), por exemplo, afirma no texto “Analogy and metaphor” que o trabalho de Lakoff é “profundamente, puramente especulativo” e que seu jeito de escrever é “muito dogmático (e.g. ele frequentemente escreve ‘a ciência cognitiva mostrou que’ quando o que ele quer dizer é ‘como eu frequentemente aleguei e muitos outros negaram veementemente’)”. Igualmente crítico da obra de Lakoff, Pinker (2006) enfatiza em sua resenha de *Whose freedom?*, intitulada “Block that metaphor!”, que o uso que Lakoff faz da neurociência cognitiva extrapola qualquer consenso nesse campo e que suas posições não se justificam nem pela ciência cognitiva, nem pela ciência do cérebro. Ademais, reiterando a crítica feita por Jackendoff e David Aaron (1991, p. 321-322) e pelo filósofo Michiel Leezenberg (2001, p. 136-137) de que Lakoff e seus coautores raramente atribuem ideias e doutrinas específicas a autores específicos, Pinker afirma que o livro de Lakoff não tem notas de rodapé ou referências, mas apenas uma lista genérica de leituras, nem cita estudos de ciência política ou de economia, mal mencionando a própria linguística. Em vista dessas limitações, não parece injusto dizer que a obra de Lakoff e Johnson é dotada do que se poderia chamar de “dogmatismo empírico”.

Essa expressão, claro, remete à observação feita por Shalizi (2003) de que Lakoff escreve de modo dogmático e repetidamente afirma que a ciência cognitiva fez descobertas que corroborariam suas ideias, quando, na verdade, essas supostas descobertas não são reconhecidas por grande parte da comunidade científica. Exemplificando essa situação, logo na abertura de *Philosophy in the flesh*, Lakoff e Johnson sentenciam:

A mente é inerentemente corpórea.

O pensamento é em larga medida inconsciente.

Conceitos abstratos são em grande parte metafóricos.

Essas são três grandes descobertas da ciência cognitiva. Mais de dois milênios de especulação filosófica *a priori* sobre esses aspectos da razão estão encerrados. Devido a essas descobertas, a filosofia não pode nunca mais ser a mesma.

Quando tomadas juntas e consideradas em detalhe, essas três descobertas da ciência da mente não são coerentes com partes centrais da filosofia ocidental (1999, p. 3).

O fato de boa parte do pensamento ser inconsciente é realmente uma grande descoberta da ciência cognitiva das últimas décadas – e se deveu em boa medida à gramática gerativa, não à linguística cognitiva (cf., p. ex., GARDNER, 2003; HARRIS, 1993; NEWMAYER, 1996; PINKER, 2002). Contudo, as “descobertas” de que a mente é inerentemente corpórea e de que conceitos abstratos são em grande parte metafóricos são, na verdade, declarações que vêm sendo feitas dogmaticamente por Lakoff e Johnson há décadas, sem embasamento empírico e sem respaldo da academia. Leezenberg (2001, p. 140-141 e 145), por exemplo, questiona a afirmação de Lakoff e Johnson de que a metáfora conceitual é logicamente anterior à metáfora linguística, tese para a qual nunca apresentaram qualquer evidência empírica. Em acordo com Leezenberg, Pinker (2008, p. 286-288) destaca que estudos realizados pelos psicólogos Boaz Keysar, Yeshayahu Shen, Sam Glucksberg e William S Horton (2000) demonstraram que as pessoas entendem metáforas convencionais (“Nós estamos indo em direções diferentes”, “Temos uma encruzilhada no relacionamento”, “O casamento saiu dos trilhos”, etc.) independentemente de uma pretensa metáfora conceitual (O AMOR É UMA JORNADA) subjacente a elas. Com base nessa constatação empírica, Pinker critica a alegação de que os conceitos abstratos são em grande parte metafóricos. Isso porque, observa Pinker (2008, p. 287), as pessoas podem ignorar e questionar as metáforas, bem como perceber quais aspectos delas se aplicam e quais são descartáveis a certas situações. “(...) as pessoas não poderiam analisar as metáforas se não dominassem um meio de pensamento subjacente que seja mais abstrato que as próprias metáforas”, argumenta Pinker (2008, p. 288).

Quando se raciocina sobre um relacionamento, não tem problema ruminar em cima do equivalente metafórico do destino comum, da velocidade com que se avança para ele e dos obstáculos pelo caminho. Mas a pessoa ficaria perdida se começasse a questionar se tem tempo para fazer as malas ou onde fica o próximo posto de gasolina.

A teoria dos filtros duplos do linguista e psicólogo alemão Karl Bühler talvez ajude a deixar mais clara a posição de Pinker. Partindo da constatação de que uma analogia, uma metáfora, nada mais é do que a superposição de características reais e/ou de características imaginárias entre conceitos ou ideias, Bühler (1950, p. 392-395) frisa que pela analogia, pela metáfora, é estabelecida alguma relação de semelhança entre o plano real e/ou o plano imaginário de um conceito ou de uma ideia e o plano real e/ou o plano imaginário de outro conceito ou outra ideia. Nesse processo, afirma Bühler, as características dos conceitos ou ideias superpostas são filtradas, ou seja, nem todas as características dos respectivos conceitos ou ideias superpostas são consideradas. Ao superpor o conceito de homem ao conceito de leão, por exemplo, na velha metáfora de dizer que algum homem é um leão, a característica do homem de ser bípede e a característica do leão de ter juba, entre tantas outras, são desconsideradas, já que as características “leoninas” do homem realçadas nessa analogia são a força, a coragem, a virilidade, etc., etc. Dado que há um filtro para cada um dos conceitos ou ideias superpostas, Bühler refere-se a eles como filtros duplos. Algo como esses filtros duplos corresponde àquilo que Pinker chama de “um meio de pensamento subjacente que seja mais abstrato que as próprias metáforas”. Sem esse meio de pensamento, constatam Bühler e Pinker, as pessoas não poderiam analisar as metáforas, livrando-se das partes irrelevantes – quer dizer, filtrando as características dos conceitos ou ideias superpostas.

Considerando-se, portanto, que as pessoas podem analisar as metáforas, deduz-se que elas tenham uma capacidade cognitiva anterior às próprias metáforas. Tendo em vista a anterioridade dessa capacidade cognitiva, desse meio de pensamento, em relação às metáforas, fica comprometida a afirmação de Lakoff e Johnson de que conceitos abstratos são em grande parte metafóricos, assim como a concepção de que as metáforas estruturam o pensamento humano. Apoia essa conclusão a descoberta do neurocientista David Kemmerer (2005), citada por Pinker (2008, p. 288-289), de que certos pacientes com lesões cerebrais podem perder a capacidade de entender preposições que expressam noções espaciais, como “Ela está em um canto” e “Ela correu pela floresta”, mas não podem perder a capacidade de entender preposições que expressam noções temporais, como “Ela chegou à 1h30” e “Ela trabalhou por toda a noite”. E o inverso também se verifica, conforme Kemmerer – ou seja, existem pacientes que perderam a capacidade de entender preposições

que expressam noções temporais, mas não a capacidade de entender preposições que expressam noções espaciais. Com isso, pondera Pinker (2008, p. 289), fica enfraquecida a hipótese de que a metáfora conceitual TEMPO É ESPAÇO pressupõe a ideia de que a noção de tempo esteja literalmente instalada no território neural usado pela noção de espaço, o que igualmente debilita as afirmações de Lakoff e Johnson sobre o papel das metáforas na cognição humana.

A despeito da robustez desses questionamentos de Leezenberg (2001) e de Pinker (2006, 2008) à sua teoria das metáforas conceituais e da contundência das evidências empíricas apresentadas por Keysar *et al.* (2000) e por Kemmerer (2005) contra suas posições a respeito da linguagem e da mente/cérebro humano, Lakoff e Johnson seguem afirmando-as sem terem de fato respondido a seus críticos. Pelo contrário, Lakoff e Johnson (e.g. 2003, p. 245-246) limitam-se a descartar as objeções levantadas por seus opositores, dizendo que eles não conseguem reconhecer a validade e a importância de suas descobertas por estarem profundamente comprometidos com a visão tradicional de verdade, objetividade e razão desincorporada, que, segundo eles, remontaria à Grécia Antiga e fundamentaria toda a ciência moderna. Nesse processo, Lakoff e Johnson “distorcem seriamente as perspectivas que eles criticam com numerosos erros de natureza bem elementar” (LEEZENBERG, 2001, p. 137), o que leva à falsa impressão de que suas ideias são revolucionárias. A “tradição objetivista” que eles atacam, exemplifica Leezenberg (2001), simplesmente não existe. Com efeito, a fim de legitimar sua teoria da mente corpórea em detrimento daquilo que alegam ser a “tradição objetivista” – quer dizer, a pretensa concepção predominante na filosofia e na ciência ocidentais de que existe uma realidade objetiva acessível ao ser humano por meio da razão e de que a própria razão é não corpórea, universal e literal –, Lakoff e Johnson desconsideram ou mesmo deturpam páginas inteiras da história do pensamento ocidental.

Conforme Lakoff e Johnson (2003, p. 195), “o mito do objetivismo na filosofia e linguística ocidentais” remonta aos pré-socráticos e é dominante na cultura ocidental até hoje. De acordo com os autores (2003), “a visão de que nós temos acesso a verdades absolutas e incondicionais é a pedra angular da tradição filosófica ocidental” e perpassa tanto a escola racionalista como a empirista, além de fundamentar a obra de pensadores tão diversos quanto Kant, Frege, Husserl, os positivistas lógicos do

Círculo de Viena e, claro, Chomsky. Não é difícil, porém, encontrar declarações desses mesmos autores (e de outros tantos) contrárias a algo como o “objetivismo” tal qual descrito por Lakoff e Johnson. O pai do racionalismo, René Descartes, por exemplo, abre *O mundo ou Tratado da luz* ressaltando a diferença existente entre os “sentimentos” humanos (i.e., as sensações humanas) e as coisas que os produzem:

Propondo-me a tratar aqui da luz, a primeira coisa da qual quero vos advertir é que pode haver diferença entre o sentimento que dela temos, isto é, a ideia que dela se forma em nossa imaginação por intermédio de nossos olhos, e o que nos objetos há que produz em nós esse sentimento, isto é, o que há na flama ou no Sol que se chama pelo nome de “luz”. Pois, embora cada um comumente se persuada de que as ideias que temos em nosso pensamento sejam inteiramente semelhantes aos objetos dos quais procedem, não vejo, contudo, razão alguma que nos assegure de que assim o seja (...) (2009, p. 15).

Em acordo com Descartes, o empirista inglês John Locke (2012, p. 132) afirma que as cores não existem propriamente nos objetos e dependem de quem os percebe. “(...) cor é uma propriedade interacional de objetos, o que Locke chamou de ‘qualidade secundária’ que não existe no objeto em si”, observam Lakoff e Johnson (1999, p. 25), contrariando sua própria construção do “mito do objetivismo”. De fato, Locke frisa em seu *Ensaio sobre o entendimento humano* que nós não temos nem poderíamos ter acesso a verdades absolutas e incondicionais porque nosso conhecimento das coisas é necessariamente mediado por “nossos sentidos, faculdades e órgãos” (2012, p. 312). Assim, pondera Locke,

(...) não parece da intenção de Deus termos um conhecimento perfeito, claro e adequado das coisas, que provavelmente não cabe à compreensão de nenhum ser finito. As faculdades que nos foram dadas, obtusas e fracas, descobrem o suficiente nas criaturas para nos conduzirem ao conhecimento do criador e de nosso dever: nossas habilidades predispõem ao provimento das conveniências da vida. (...) Fossem nossos sentidos alterados, ganhassem mais perspicácia e acuidade, a aparência ou esquema externo das coisas se mostraria com outra face, que, sou dado a pensar, seria inconsistente com nossa existência ou ao menos com nosso bem-estar nesta parte que habitamos do universo (2012, p. 312-313).

Retomando pontos da argumentação tanto de racionalistas como Descartes quanto de empiristas como Locke, Immanuel Kant (2013) expõe com clareza na *Crítica da razão pura* sua posição de que o conhecimento humano deriva da sensibilidade humana – isto é, da percepção humana do mundo – e, por causa disso, o homem nunca terá acesso a verdades absolutas e incondicionais:

Nós procuramos dizer (...) que toda a nossa intuição não é senão a representação dos fenômenos; que as coisas que intuímos não são em si mesmas tal como as intuímos, nem as suas relações constituídas em si mesmas tal como nos aparecem; e que, se suprimíssemos o nosso sujeito, ou simplesmente a constituição subjetiva dos sentidos em geral, toda a constituição, todas as relações dos objetos no espaço e no tempo, e mesmo o espaço e o tempo desapareceriam, não podendo, como fenômenos, existir em si mesmos, mas apenas em nós. O que poderiam ser os objetos em si mesmos, apartados de toda essa receptividade de nossa sensibilidade, permanece inteiramente desconhecido para nós. Nós conhecemos apenas o nosso modo de percebê-los, que nos é próprio e que, embora presente em todo homem, não tem de sê-lo em todo ser (2013, p. 59-60).

Longe, portanto, de ser um adepto do “objetivismo” de Lakoff e Johnson, Kant (2013), na realidade, é um de seus maiores críticos. Consciente disso, e familiar ao papel exercido por Kant como um dos precursores daquilo que Lakoff e Johnson (1999, p. 97) vieram a chamar de “realismo incorporado” (*embodied realism*), Tim Rohrer (2007, p. 26) afirma com precisão que “uma das perguntas mais centrais que a linguística cognitiva faz (...) tem uma certa aura kantiana: como o próprio aparato corpóreo molda nossa conceitualização e categorização linguística?”. Igualmente dotada de uma certa aura kantiana, a obra de Edmund Husserl tampouco é “objetivista”. Sustenta essa afirmação, por exemplo, o fato de que Husserl sublinha na *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* que

Kant está seguro de que a sua filosofia viria derrubar o racionalismo dominante pela demonstração da insuficiência dos fundamentos deste racionalismo. Censura-lhe, com razão, a omissão de questões que, segundo Kant, devem ser as fundamentais. Censura-lhe, nomeadamente, o fato de não aprofundar jamais a estrutura subjetiva da nossa consciência do mundo antes do e em meio ao conhecimento científico e, em consequência, de jamais questionar como o mundo que, sem mais nos aparece, como homens e como

cientistas, nos vem a ser cognoscível *a priori*; ou seja, o fato de não questionar como é possível a ciência exata da natureza, para a qual a matemática pura e o restante *a priori* puro é, incondicionalmente e para todo o ser racional (todo aquele que pensa racionalmente), o instrumento de todo o conhecimento objetivo válido (2012, p. 83).

Indiferente, porém, a todas essas declarações de Descartes, Locke, Kant e Husserl, que poderiam ser facilmente multiplicadas, Johnson reitera seu ataque ao “objetivismo” argumentando que, de acordo com essa concepção epistemológica, “o mundo consiste em objetos que têm propriedades e estão em várias relações independentemente do entendimento humano” (JOHNSON, 1987, p. x). Na visão objetivista, prossegue Johnson (1987, p. x), “o mundo é como ele é, a despeito do que qualquer pessoa acredita sobre ele, e há um ‘olhar divino’ correto sobre como o mundo é realmente”. Indo adiante em sua explicação do que seria o objetivismo, Johnson (1987, p. x), assim como Lakoff (1987, p. xii-xiii), afirma ainda que, para os seus partidários, a língua é constituída de símbolos arbitrários que ganham significado dada a sua correspondência com as coisas no mundo, sendo o pensamento racional tido como a manipulação de tais símbolos, sem a influência do corpo humano. Para sintetizar sua ideia do que seja tanto o “objetivismo” como a “semântica objetivista” (JOHNSON, 1987, p. xi), Johnson elege a filosofia da linguagem de Frege como “a visão objetivista do significado em sua forma mais pura” (1987, p. xxxi). Contudo, a fim de corroborar sua avaliação do intrincado pensamento de Frege, Johnson (1987, p. xxx-xxxii) tão somente apresenta uma breve análise do famoso artigo “Sobre o sentido e a referência”, em que Frege distingue o sentido de um nome (i.e., o modo de apresentação daquilo que ele denota) da sua referência (i.e., aquilo que ele denota no mundo). Uma leitura mais cuidadosa dos textos de Frege, no entanto, permite atestar que esse autor nunca partilhou de algo parecido com a “semântica objetivista” de que fala Johnson. No prefácio do *Begriffsschrift (Conceitografia)*, por exemplo, obra de 1879 em que primeiro publicou os resultados de sua busca por uma linguagem lógica perfeita (isto é, sem as ambiguidades, vagezas, redundâncias, etc., etc. próprias à linguagem ordinária), Frege (2009) não apenas afirma que sua linguagem é bastante diferente da que se usa na vida cotidiana, como ressalta que ela não teria qualquer utilidade prática:

Creio que a melhor maneira de elucidar a relação que se dá entre minha conceitografia e a linguagem corrente seria compará-la com a relação que ocorre entre o microscópio e o olho. Este último, pela extensão de sua aplicabilidade e pela versatilidade de sua adaptação às mais diversas circunstâncias, é em muito superior ao microscópio. Contudo, como um instrumento óptico, o olho possui, por certo, muitos inconvenientes, que passam comumente despercebidos por força de seu estreito relacionamento com a nossa vida mental. De fato, se um objetivo científico exigir grande acuidade de resolução, o olho se mostra insuficiente. Por outro lado, o microscópio se afigura perfeitamente adequado para tais fins, embora seja por isso mesmo inadequado para outros. De modo similar, minha conceitografia foi concebida como um instrumento para servir a determinados fins científicos, e não deve ser descartada pelo fato de não servir para outras finalidades (2009, p. 46).

Assim, estando seguro de que “não se pode confiar na linguagem no que tange a problemas lógicos” e que “não é a menor das tarefas do lógico indicar que ciladas a linguagem prepara ao pensador” (FREGE, 2002, p. 53), Frege investigou a linguagem ordinária com a expressa finalidade de elaborar sua conceitografia, com a qual pretendia descrever a aritmética. Nunca, porém, afirmou que a linguagem ordinária é constituída de símbolos arbitrários que ganham significado dada a sua correspondência com as coisas no mundo, sendo o pensamento racional a manipulação de tais símbolos.

Outros lógicos igualmente interessados em construir uma linguagem lógica perfeita tampouco abraçaram a “semântica objetivista” de Johnson, muito menos defenderam a ideia de que a língua é constituída de símbolos arbitrários que ganham significado dada a sua correspondência com as coisas no mundo, sendo o pensamento racional a manipulação de tais símbolos. Em relação especificamente à linguagem lógica, esclarece Bertrand Russell, por exemplo, que ao lado de Frege foi um dos fundadores do logicismo – isto é, o projeto de reduzir a matemática, ou partes dela, à lógica: “Se estamos empenhados num trabalho de análise lógica, precisamos de uma linguagem bastante diferente da que usamos na vida diária, mas precisamos dela apenas para tal propósito” (RUSSELL, 1960, p. 200). Logo na introdução de *Principia mathematica*, obra em três volumes escrita por Russell e Alfred North Whitehead e publicada entre 1910 e 1913, esse ponto é explicitado em detalhes:

A estrutura gramatical da linguagem é adaptada a uma grande variedade de usos. Assim, ela não tem nenhuma simplicidade única ao representar os poucos simples, mas altamente abstratos, processos e ideias decorrentes dos encadeamentos de raciocínios dedutivos empregados aqui. Na verdade, a própria simplicidade abstrata das ideias deste trabalho invalida a linguagem. A linguagem pode representar mais facilmente ideias complexas. A proposição “uma baleia é grande” representa a linguagem em sua melhor medida possível, dando expressão concisa a um fato complicado; enquanto a análise verdadeira de “um é um número” nos conduz na linguagem a uma prolixidade intolerável. Assim, obtém-se concisão pelo uso de um simbolismo especialmente destinado a representar as ideias e os processos de dedução que ocorrem nesta obra (1950, I, p. 2).

Décadas depois da publicação de *Principia mathematica*, Russell reforçaria: “Achava eu que a construção de uma tal linguagem seria um grande auxílio para o raciocínio claro, embora jamais me parecesse que uma linguagem lógica fosse adequada aos propósitos da vida cotidiana” (RUSSELL, 1960, p. 144). Os lógicos que deram continuidade à obra de Frege e de Russell ao longo do século 20 não poderiam concordar mais com essa afirmação. Discípulo de Frege, de quem foi aluno na Universidade de Jena, e profundo conhecedor do trabalho de Russell, o positivista lógico Rudolf Carnap, por exemplo, nunca professou algo semelhante à “semântica objetivista” de Johnson. Atesta-o o fato de que, logo no primeiro capítulo da coletânea *Meaning and necessity*, de 1947, Carnap explicita as diferenças entre um sistema formal e a linguagem ordinária, ressaltando que o sentido técnico (lógico ou científico) de um termo não coincide, nem poderia coincidir, com seu sentido comum, próprio da linguagem ordinária. Além disso, estando ciente – assim como Frege, Russell e tantos outros pensadores da linguagem (e.g. BRÉAL, 1992, p. 151; BÜHLER, 1950, p. 394; PAUL, 1983, § 21) – de que a semântica verifuncional não abrange a riqueza semântica da linguagem natural, Carnap observa no artigo “Meaning and synonymy in natural languages” (1988b), também publicado em *Meaning and necessity*, que a análise do significado de expressões se dá fundamentalmente de duas formas: uma pragmática, concernente às linguagens naturais, e outra semântica, concernente à lógica simbólica.

Sempre considerando, como seu mentor, Carnap, as diferenças entre as linguagens naturais e a lógica simbólica, o lógico e filósofo norte-americano W. O. Quine contrasta no famoso artigo “Dois dogmas do empirismo” (2011) as linguagens artificiais elaboradas pelos lógicos com a linguagem que as pessoas empregam no dia a dia. Mais que isso: em sintonia com seus predecessores lógicos, Quine reconhece que a lógica não apenas é uma linguagem artificial como é mais restrita que a linguagem ordinária:

A simplificação de teoria é um motivo central também das extensas artificialidades da notação na lógica moderna. Com certeza, seria um disparate sobrecarregar uma teoria lógica com usos idiossincráticos que podemos corrigir. É parte da estratégia manter a teoria simples onde podemos e, então, quando queremos aplicar a teoria a frases particulares da linguagem ordinária, transformar tais frases em uma “forma canônica” adaptada à teoria. Se fôssemos conceber uma lógica da linguagem ordinária para uso direto em frases como se apresentam, teríamos que tornar nossas regras de inferência mais complexas, de maneiras diversas, não esclarecedoras (QUINE, 2010, p. 205-206).

Ex-aluno de Quine na Universidade de Harvard, Chomsky também sempre considerou as diferenças entre as linguagens naturais e a lógica simbólica – sobretudo em seu uso de ferramentas técnicas da lógica matemática para descrever gramáticas de línguas naturais. Não por acaso, Chomsky declina veementemente no artigo “Logical syntax and semantics: their linguistic relevance”, de 1955, a sugestão feita pelo matemático e linguista Yehoshua Bar-Hillel (1954) de que os resultados obtidos na sintaxe e semântica lógicas fossem incorporados à linguística teórica. Na verdade, com base na constatação feita por Carnap de que estava lidando em seu trabalho lógico com uma linguagem artificial, não com línguas naturais, e que estas têm uma natureza inteiramente diferente daquela (CHOMSKY, 1955, p. 38, n. 8), Chomsky argumenta em seu artigo que a construção de sistemas de linguagem artificial é tão útil à linguística quanto a construção de um mundo artificial o é para a física (p. 42): “(...) no caso das ‘línguas’ artificiais investigadas por Carnap em seu laboratório lógico há pouca, se há alguma, razão antecedente para considerá-las de algum modo comparáveis às línguas reais do mundo lá fora”, afirma Chomsky (1955, p. 43). “A bola rola no plano inclinado exatamente como rola, os ratos se comportam exatamente como

se comportam; mas uma língua artificial tem quaisquer propriedades que seu criador determina que ela tenha”, conclui Chomsky (1955, p. 43), que ao fim do artigo cuidadosamente assinala que a aplicação da lógica na construção de uma teoria linguística clara e rigorosa, como se pretende na gramática gerativa, é algo diferente de ter a expectativa de que a lógica ou qualquer outro sistema formal seja um modelo para o comportamento linguístico (1955, p. 45). Coerente com essa posição, Chomsky reafirmaria em suas palestras na Nicarágua nos anos 1980 as diferenças entre a linguagem humana e as línguas formais dos lógicos-matemáticos, frisando por exemplo que nestas se assume que um verbo transitivo simplesmente relaciona dois termos – seu sujeito e seu objeto – sem nenhuma assimetria estrutural, diferentemente do que acontece na linguagem humana (CHOMSKY, 1988, p. 54). “As línguas formais são construídas dessa forma por questões de simplicidade e facilitação em operações computacionais como as inferências”, afirmou Chomsky (1988, p. 54), retomando a argumentação de Quine. “Mas a evidência indica que as línguas humanas não adotam os princípios familiares na lógica moderna. Em vez disso, elas aderem à clássica concepção aristotélica de que uma sentença tem um sujeito e um predicado, em que o predicado pode ser complexo: ele pode consistir de um verbo e seu objeto (...) ou um verbo e uma oração complementar (...)” Mais recentemente, em sua entrevista sobre o Programa Minimalista a Adriana Belletti e Luigi Rizzi, Chomsky reiteraria sua análise das diferenças entre as linguagens lógicas e as línguas naturais (CHOMSKY, 2006, p. 134ss), desfazendo de vez qualquer possibilidade de vinculá-lo à “semântica objetivista”.

Em vista de todo o exposto acima, é imperativo concordar com Leezenberg (2001, p. 137) que o ataque de Lakoff e Johnson à “semântica objetivista” é “pouco mais do que uma luta heroica contra moinhos de vento”. Nem um pouco heroica, no entanto, é a atitude de Lakoff de atribuir ao gerativismo não apenas uma abordagem objetivista da semântica (LAKOFF, 1987, p. 466), mas também uma abordagem objetivista da cognição como um todo (1987, p. 463 e 466). Na verdade, deturpando completamente o trabalho dos lógicos-matemáticos, Lakoff (1987, p. 219) chega a afirmar que a lógica matemática tem sido utilizada para justificar uma abordagem objetivista das ciências cognitivas em geral e da linguística e da filosofia da linguagem em particular. Com base nesse pressuposto, Lakoff (1987, p. 225) distorce o gerativismo chomskiano declarando que “a ideia de que a sintaxe da linguagem

natural é independente da semântica deriva dessa tentativa de impor a estrutura da lógica matemática ao estudo da linguagem humana e do pensamento humano em geral”. Contudo, como explicitado acima, Chomsky – que para Lakoff e Johnson (2003, p. 195 e 205) é um dos representantes máximos do “objetivismo” – rejeita há décadas a ideia de impor a estrutura da lógica matemática ao estudo da linguagem humana e do pensamento humano em geral. Mais: diferentemente do que sustentam Lakoff e Johnson, Chomsky também rejeita há décadas algo como o “objetivismo” construído por esses autores. Na entrevista concedida a Mitsou Ronat, por exemplo, Chomsky afirma:

Podemos perguntar-nos (...) qual é a intersecção da classe das teorias possíveis e da classe das teorias verdadeiras, isto é, que teorias pertencem ao mesmo tempo à classe das teorias acessíveis e à classe das teorias verdadeiras, em princípio. Onde existe uma tal intersecção, este organismo particular que é o ser humano pode atingir um conhecimento real. E inversamente, ele só pode produzir conhecimentos reais nesta intersecção (CHOMSKY, 1977, p. 71).

Adiante, Chomsky arremata, deixando claro que nunca compartilhou do “objetivismo” tal qual definido por Lakoff e Johnson: “(...) são as limitações do espírito humano que permitem a aquisição de um conhecimento tal como a grande riqueza de qualquer saber científico” (1977, p. 78).

A conclusão a que se chega diante de todas essas considerações é que Lakoff e Johnson desfiguram não somente as ideias de Chomsky, mas a própria história do pensamento ocidental, para no fim das contas atacar o gerativismo – em especial, a hipótese da autonomia da sintaxe e a teoria modular da mente humana (e.g. LAKOFF, 1987, p. 582-585). Em *Philosophy in the flesh*, por exemplo, como destaca John Sowa (1999) em sua resenha do livro, Lakoff e Johnson dedicam 44 páginas a Chomsky, mas percorrem toda a filosofia analítica em apenas 29 páginas, desconsiderando as profundas diferenças entre pensadores tão diversos quanto Frege, Russell, Carnap e o Círculo de Viena, Quine, Goodman, Davidson, Putnam, Kripke, Montague, Lewis, Strawson, Austin e Wittgenstein. “Em vez de desafiar toda a filosofia ocidental”, comenta Sowa (1999, p. 631) em referência à leitura superficial que Lakoff e Johnson apresentam na obra não apenas dos filósofos analíticos, mas

também de autores clássicos como Platão e Aristóteles, “eles deveriam ter se concentrado em seu maior oponente, Noam Chomsky e sua filosofia da linguagem”. De fato, em lugar de tentar cobrir uma tradição tão rica e complexa como a da filosofia ocidental em poucas dezenas de páginas, Lakoff e Johnson teriam feito melhor em se restringir a Chomsky, discutindo seus textos a fundo. Com isso, teriam no mínimo evitado o constrangimento de abrir o primeiro capítulo de *Philosophy in the flesh* dando por encerrados “mais de dois milênios de especulação filosófica *a priori*” em decorrência de suas “descobertas”.

4 Do determinismo linguístico ao determinismo metafórico

Na seção de agradecimentos de *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (2003) reconhecem que suas observações sobre como a língua refletiria o sistema conceitual de seus falantes derivavam do trabalho de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, bem como de outros que haviam trabalhado “naquela tradição” (p. xi). A tradição a que Lakoff e Johnson se referem, claro, é a dos estudos de antropologia linguística inaugurados nos Estados Unidos por Franz Boas entre o fim do século 19 e o início do século 20 e levados adiante por seus discípulos, entre os quais Sapir (LEAVITT, 2015; LUCY, 1992b, cap. 1-2; PALMER, 1996, cap. 2). Mais exatamente neste caso, Lakoff e Johnson referem-se à corrente teórica da antropologia linguística norte-americana que culminou na chamada hipótese Sapir-Whorf, que se divide em duas versões: uma “forte” – o determinismo linguístico –, que diz que os pensamentos e as percepções das pessoas são *determinados* pela língua que elas falam; e uma “fraca” – o relativismo linguístico –, que diz que os pensamentos e as percepções das pessoas são *influenciados* pela língua que elas falam (AU, 1983, p. 155-156; CARROLL, 1987, p. 23; DEDRICK, 2015, p. 273-274; HARLEY, 1995, p. 339-340; PINKER, 2002, p. 61-62). “Seres humanos não vivem no mundo objetivo sozinhos, nem sozinhos no mundo de atividade social como ordinariamente entendido, mas estão profundamente à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão de sua sociedade”, afirma Sapir em texto que abre o artigo “The relation of habitual thought and behavior to language”, escrito por Whorf em 1939 e publicado na coletânea *Language, thought and reality*, de 1956. “A verdade é que o ‘mundo real’ é em grande medida construído inconscientemente pelos hábitos linguísticos do grupo. (...) Nós vemos e

ouvimos e temos outras experiências em grande medida como o fazemos porque os hábitos linguísticos de nossa comunidade predis põem certas escolhas de interpretação”, completa Sapir (WHORF, 1987, p. 134). Como se sabe, Whorf levou adiante essas ideias de seu mentor, que foi um dos maiores antropólogos linguistas de seu tempo, investigando línguas ameríndias como o hopi e o apache. Com base nessas pesquisas, Whorf acabou por desenvolver a ideia de que a língua falada por uma pessoa molda o seu pensamento e sua percepção da realidade (CHASE, 1987, p. v-vi). Um falante de hopi, por exemplo, argumenta Whorf no controverso artigo “An american indian model of the universe”, “não tem nenhuma noção ou intuição geral do TEMPO como um contínuo que suavemente flui, no qual tudo no universo procede à mesma velocidade, afastando-se de um futuro, através de um presente, rumo a um passado (...)” (WHORF, 1987, p. 57). O que levou Whorf a essa conclusão foi seu parecer de que a língua hopi “não contém palavras, formas gramaticais, construções ou expressões que referem diretamente àquilo que chamamos ‘tempo’, ou passado, presente ou futuro, ou duradouro ou prolongado (...)” (1987, p. 57). Confrontando Whorf, porém, o linguista Ekkehart Malotki detalharia à exaustão nas mais de 600 páginas do livro *Hopi time: a linguistic analysis of the temporal concepts in the hopi language*, de 1983, como a avaliação de Whorf sobre a língua hopi é equivocada, já que esta possui variados modos de expressar tempo e noções correlatas ignorados por Whorf, incluindo as ideias de passado, presente e futuro. Assim, parece incorreto afirmar, como o fez Whorf a partir de seu estudo de hopi, que um falante dessa língua não tem nenhuma noção ou intuição geral do fluir do tempo porque ela não contém expressões de tempo.⁴

Este, evidentemente, foi um duro golpe contra a hipótese Sapir-Whorf. Mas não o único. Na verdade, muito antes do lançamento do livro de Malotki sobre a língua hopi, essa hipótese já havia sofrido críticas contundentes. A maior delas talvez tenha vindo com a publicação em 1969 do livro *Basic color terms: their universality and evolution*, do antropólogo Brent Berlin e do linguista Paul Kay. Nessa obra, Berlin e Kay (1969) desafiam a hipótese Sapir-Whorf, argumentando que existem restrições universais (portanto, independentemente de diferenças linguísticas) quanto ao número de termos básicos de cores que uma língua

⁴ Para críticas de caráter neowhorfiano ao trabalho de Malotki sobre a língua hopi, ver, por exemplo, Dinwoodie (2006), Leavitt (2010) e Lee (1996).

pode apresentar (1969, p. 1-2). Por “termos básicos de cores” Berlin e Kay (1969, p. 6) entendem aqueles termos que se caracterizam por (1) serem monolexicais, como verde e azul, em vez de compostos, como verde-claro e azul-escuro; (2) não terem significação incluída em outros termos de cores, como em amarelo-manga ou verde-musgo; (3) serem aplicados a uma ampla classe de objetos; (4) serem psicologicamente salientes, ou seja, são facilmente reconhecíveis e aceitos pelos falantes. Partindo dessa definição de termos básicos de cores e apoiando-se na avaliação de informantes de 20 línguas de diferentes famílias linguísticas, bem como em dados escritos de outras dezenas de línguas, Berlin e Kay (1969) identificaram 11 possibilidades de cores básicas: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza (p. 1-2). Mais: tendo apresentado amostras similares mas não idênticas das cores básicas aos informantes, Berlin e Kay apontaram aquilo que chamaram de “pontos focais” (*focal points*), ou “cores focais” (*focal colors*), que seriam os melhores exemplos de cada uma das cores básicas, os quais foram mais facilmente reconhecidos pelos informantes (p. 5 e p. 7). Além disso, considerando todos esses dados, Berlin e Kay concluíram que uma língua não precisa apresentar todas as 11 categorias de cores básicas, mas deve necessariamente respeitar essa ordem (1969, p. 2-4). Assim, uma língua não poderia, por exemplo, ter a categoria “marrom” sem apresentar a cor vermelha, ou ter a categoria “rosa” sem apresentar a cor amarela.

Como seria de se esperar, *Basic color terms* imediatamente recebeu todo tipo de críticas. Apontou-se, por exemplo, que não havia no livro evidências empíricas sobre a relação entre linguagem e pensamento, mas tão somente o relato de alguns resultados sobre a padronização de cores em diferentes culturas (DEDRICK, 2015, p. 271). Logo, porém, essa lacuna seria preenchida com novas pesquisas conduzidas por Eleanor Rosch. De fato, complementando o ataque de Berlin e Kay à hipótese Sapir-Whorf, Rosch publicou uma série de estudos nos anos 1970 sobre a categorização e a percepção de cores mostrando a independência de ambas em relação à linguagem (e.g. HEIDER,⁵ 1971; HEIDER, 1972; HEIDER; OLIVIER, 1972). Para chegar a essa conclusão, Rosch (Heider) (1972) e Rosch (Heider) e Donald Olivier (1972), por exemplo, realizaram uma série de pesquisas tanto com falantes da língua inglesa, que apresenta

⁵ Trata-se da mesma Eleanor Rosch, que assinou Heider em seus trabalhos até 1972.

os 11 termos básicos de cores, quanto com falantes da língua dani, de Nova Guiné, que apresenta apenas dois termos básicos de cores: *mola*, para claro, frio, branco; e *mili*, para escuro, quente, preto. Conforme a hipótese Sapir-Whorf, os danis deveriam perceber apenas as cores de acordo com esses dois termos, não podendo diferenciar uma cor escura como a vermelha de outra cor escura, como a marrom; ou uma cor clara como a azul-clara de outra cor clara, como a verde-clara. No entanto, não foi isso o que Rosch e Olivier (1972) verificaram em suas investigações. Pelo contrário, os falantes de dani não apenas conseguiam fazer essas diferenciações como aprenderam melhor os termos para cores focais criados pela equipe de Rosch e de Olivier do que os termos para cores não focais também criados por eles. Ou seja, assim como os falantes da língua inglesa e das demais línguas analisadas por Berlin e Kay (1969) e por Rosch e Olivier (1972), os falantes de dani identificaram mais facilmente os melhores exemplos (prototípicos) de cada uma das cores básicas do que os exemplos periféricos (não prototípicos). De posse desses resultados, Rosch deduziu que a identificação dos exemplares prototípicos das cores básicas deriva da fisiologia da visão humana e independe da língua falada pelas pessoas (HEIDER, 1972, p. 20). Assim, argumenta Rosch (1972, p. 20), “longe de ser um domínio apropriado para o estudo dos efeitos da linguagem no pensamento, o espaço cromático parece ser um exemplo primordial da influência de fatores cognitivos perceptuais subjazendo a formação e a referência de categorias linguísticas”. Dito de outra forma, para Rosch, não é a linguagem que determina, ou ao menos influencia, a percepção humana das cores, mas sim a percepção humana das cores que determina, ou ao menos influencia, a linguagem – quer dizer, a categorização linguística das cores.

Dada a importância e repercussão desses trabalhos de Malotki, de Berlin e Kay e de Rosch e Olivier contra a hipótese Sapir-Whorf, seria esperado que Lakoff e Johnson os discutissem detalhadamente, posicionando-se contra eles, ao elaborar sua teoria das metáforas conceituais. Em vez disso, porém, Lakoff e Johnson praticamente os ignoram em seus textos, restringindo as referências a Berlin e Kay e a Rosch à discussão sobre categorização e prototipicidade (cf., p. ex., LAKOFF, 1987, cap. 2). Dessa maneira, entre a “responsabilidade empírica” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 551) e a alegação sapirianowhorfiana de que as metáforas estruturam a linguagem, a percepção da realidade, o pensamento e as ações humanas, Lakoff e Johnson preferiram

a segunda opção sem ao menos se darem ao trabalho de justificar por que não aceitaram os resultados obtidos por Berlin e Kay e por Rosch e Olivier contra a hipótese Sapir-Whorf. Reafirmando essa escolha, Lakoff e Johnson escreveram no “Afterword” da edição de 2003 de *Metaphors we live by*: “Dado que nós raciocinamos em termos de metáfora, as metáforas que nós usamos *determinam* uma boa parte de como nós vivemos nossas vidas” (p. 244; grifo nosso). E, dado que Lakoff e Johnson se utilizam dos trabalhos de Berlin e Kay e de Rosch sobre categorização e prototipicidade para atacar o “objetivismo”, ao qual vinculam a “teoria clássica de categorização” (e.g. JOHNSON, 1987, p. xi; LAKOFF, 1987, p. xiv), sua teoria das metáforas conceituais acaba sendo fundamentada numa mistura entre ideias explicitamente antiwhorfianas de Berlin e Kay e de Rosch com ideias do próprio Whorf. No livro *Women, fire, and dangerous things* (LAKOFF, 1987), encontra-se aquele que talvez seja o melhor exemplo das consequências dessa combinação inusitada. No sexto capítulo da obra, Lakoff apresenta uma explicação sobre o suposto sistema classificatório da língua dyirbal com base no trabalho de Robert M. W. Dixon (1982) sobre essa língua aborígene em vias de extinção. Segundo Dixon (1982), afirma Lakoff (1987, p. 92-93), todo substantivo em dyirbal deve ser precedido por uma destas quatro palavras: *bayi*, *balan*, *balam* e *bala*. Com isso, conforme Dixon, os falantes de dyirbal categorizam os objetos em quatro grupos, assim exemplificados:

Bayi: para homens, cangurus, morcegos, muitas serpentes, muitos peixes, muitos insetos, alguns pássaros, as tempestades, a Lua, algumas lanças, etc.

Balan: para mulheres, cães, algumas serpentes, escorpiões, muitos pássaros, grilos, ornitorrinco, cada coisa ligada ao fogo e à água, Sol e estrelas, algumas árvores, etc.

Balam: para todas as frutas comestíveis e plantas nas quais crescem, maçãs, cigarros, vinho, doces, etc.

Bala: para partes do corpo, carne, abelhas, vento, algumas lanças, erva, linguagem, muitas árvores, etc.

Partindo desses dados, esclarece Lakoff (1987, p. 93), Dixon afirma que o primeiro grupo refere-se a machos (humanos) e animais; o segundo, a fêmeas (humanas), água, fogo e lutas; o terceiro, a alimentos que não são carne e, o quarto, a tudo aquilo que não se enquadra

nos grupos anteriores. Complementando a análise de Dixon (1982), Lakoff (1987, p. 93) propõe que um princípio geral sustenta o “sistema classificatório” em dyirbal: o “princípio de domínio de experiência” (*domain-of-experience principle*), segundo o qual, “se há um domínio básico de experiência associado com A, então é natural que as entidades desse domínio estejam na mesma categoria de A”. Se os peixes estão no primeiro grupo, exemplifica Lakoff com base nesse princípio, material de pesca (anzol, linhas, etc.) também está, ainda que sua classificação esperada fosse no quarto grupo. Adiante, Lakoff (1987, p. 94) afirma que a descoberta mais surpreendente de Dixon, com a qual este buscou explicar os casos mais aberrantes de classificação em dyirbal, talvez tenha sido sua observação de que, se um substantivo tem uma característica X (com a qual se enquadraria em um grupo), mas é conectado por meio de crenças ou de mitos a outra característica Y, então ele é enquadrado no grupo correspondente a Y, não a X. Pássaros, ilustra Lakoff, são seres animados, mas pertencem ao segundo grupo, não ao primeiro, porque se acredita na comunidade dyirbal que eles são os espíritos de humanas fêmeas mortas. É bom dizer, no entanto, que, mesmo por esses e outros princípios estabelecidos por Dixon ou por Lakoff, há exceções em dyirbal, como ambos reconhecem. Dinheiro, por exemplo, está no primeiro grupo, enquanto cachorros e ornitorrincos estão no segundo grupo. Contudo, apesar desses contraexemplos ao suposto sistema classificatório em dyirbal, Lakoff (1987, p. 95-96) não se intimida em sugerir que as classificações nessa língua seguem a lógica de categorização revelada pelas pesquisas de Berlin e Kay (1969) e de Rosch (1971, 1972), havendo em cada um dos quatro grupos membros prototípicos e não prototípicos. Mais: a despeito dos contraexemplos ao suposto sistema classificatório em dyirbal, Lakoff (1987, p. 95) não se contém em dizer que a realização de Dixon é notável. “Ele mostrou que o que pode parecer superficialmente, para o olhar ocidental, uma classificação fantástica (...) é, da perspectiva do povo que faz a classificação, um modo relativamente regular e assentado em princípios de classificar as coisas”.

Outros pesquisadores, porém, tiveram uma avaliação bem diferente sobre o trabalho de Dixon. Umberto Eco (1998), por exemplo, chama a atenção no livro *Kant e o ornitorrinco* para o fato de que, em uma experiência de classificação, aquele que experimenta propõe uma subdivisão em classes baseadas em um modelo cultural, tendendo a eliminar as formas de classificação do povo estudado (“selvagem”) e

a pressupor uma classificação na qual provavelmente existam apenas “acidentes morfológicos isentos de contraparte semântica” (p. 172). Para embasar sua opinião, Eco cita justamente a explicação do suposto sistema classificatório da língua dyirbal feita por Dixon e Lakoff – os quais, deve-se ressaltar, assim como Whorf em relação aos falantes de hopi, atribuem aos falantes de dyirbal características culturais e psicológicas não confirmadas por pessoas da própria comunidade. Como enfatiza Eco (1988, p. 172), Lakoff (1987) não apenas se mostra espantado que as quatro “categorizações” em dyirbal sejam utilizadas automática e (quase) inconscientemente pelos falantes da língua como procura razões semânticas e simbólicas as mais diversas para justificá-las. Não convencido, porém, da pertinência dessa empreitada, Eco (1988, p. 172), com uma pitada de ironia, convida o leitor a investigar as “categorizações” feitas pelos falantes de uma língua falada “numa península mediterrânea” que tem “o curioso hábito de antepor a cada nome duas palavras, IL (com a variante LO) e LA, com os seguintes efeitos ‘categoriais’”:

IL se aplica a homens, cangurus, morcegos, muitas serpentes (jiboia, pítia, cobra), muitos peixes (robalo, lúcio, peixe-espada, tubarão), muitos insetos (zangão, besouro), Sol, temporal, arco-íris, bumerangue, fuzil, metralhadora, dia, ornitorrinco, rinoceronte.

LA se aplica a mulher, tigre, algumas serpentes (víbora, cobra-d’água), alguns peixes (dourado, truta), muitos pássaros (andorinha, toutinegra), insetos (vespa, mosca), água, Lua, estrela, couraça, pistola, lança, algumas árvores (carvalho, palmeira), girafa, doninha, etc.

Não satisfeito, Eco (1988, p. 173) propõe ainda ao leitor imaginar que ao norte daquela península viva uma população que antepõe a cada termo três palavras: DER, DIE e DAS. Nessa língua, ressaltava Eco (1988, p. 173), “o fato de que Sol seja *die* como a mulher, a Lua *der* como o leopardo e o tigre, e o ornitorrinco, a orelha e o ouro sejam todos *das*, não tem nenhum valor categorial”. Tendo em vista essas considerações sobre as línguas italiana e alemã, Eco confessa:

Não me sinto à vontade em dizer que na língua dyirbal aconteça algo semelhante àquilo que acontece em italiano, alemão, francês e tantas outras línguas. Apresento apenas a suspeita de que os fenômenos gramaticais sejam com frequência discutidos como fenômenos de classificação – o que joga uma suspeita sobre tantas investigações, em que se pressupõem classificações familiares pelo experimentador, mas que os sujeitos delas não compartilham, ou o experimentador se cansa, em vão, deduzindo classificações em que os sujeitos não classificam nada e seguem apenas automatismos gramaticais (1988, p. 173).

De fato, há o sério risco de que as pesquisas de fenômenos gramaticais como fenômenos de classificação, na esteira dos trabalhos de Whorf, de Dixon e de Lakoff (e.g. BORODITSKY, 2012; LEVINSON, 1996, 2003a, 2003b; LUCY, 1992a), digam respeito muito mais aos pesquisadores do que aos falantes das línguas em investigação. Alerta a esse risco, Eric Pederson (2007, p. 1031) frisa que hoje em dia o ônus da prova sobre pesquisadores que querem demonstrar “qualquer ausência potencial (ou ‘deficiência’)” de uma comunidade por motivos linguísticos é bem pesado, cabendo-lhes em especial a árdua tarefa de isolar a língua de outros fatores (ambientais, etários, educacionais, etc.) a fim de sustentar suas teses (2007, p. 1024ss). Dada a dificuldade de seguir esse preceito, não admira a observação de Pederson (2007, p. 1013 e p. 1036) de que a questão a respeito de a língua determinar ou influenciar o pensamento está sendo substituída por questões a respeito de certos traços de línguas específicas influenciar ou não operações cognitivas particulares. Pelo mesmo motivo, tampouco admira que já há décadas neowhorfianos – isto é, adeptos mais recentes da hipótese Sapir-Whorf – defendam que Sapir e Whorf na verdade tinham uma posição muito mais próxima do relativismo linguístico do que do determinismo linguístico (e.g. LEE, 1996; LUCY, 1992b; SMITH, 1996). Sem entrar nos méritos desse debate exegético, o fato é que o determinismo linguístico foi praticamente abandonado há tempos pelos neowhorfianos em favor do relativismo linguístico, como assinalam Pederson (2007, p. 1012-1013), Don Dedrick (2015, p. 274) e Trevor A. Harley (1995, p. 346-347). Ciente dessa tendência, que Lakoff e Johnson ignoram com seu “determinismo metafórico”, Richard Hudson (2010, p. 861) já vislumbra novas possibilidades de pesquisa que essa mudança pode acarretar:

(...) a conexão íntima entre a gramática e o resto da cognição possibilita que a gramática influencie o desenvolvimento cognitivo não linguístico como predito pela hipótese Sapir-Whorf (...). Uma possível consequência dessa influência é uma área especial da cognição fora da linguagem que só é usada quando nós processamos a linguagem – o “pensar para falar” de Slobin (1996). Mais genericamente, um modelo em rede prediz que algumas partes da cognição são “mais próximas” à linguagem (i.e., são mais diretamente relacionadas a ela) do que outras, e que, quanto mais próxima a linguagem estiver, maior será a sua influência.

Evidentemente, em se tratando dessas alegações, o ônus da prova também tem de ser pesado, cabendo a seus proponentes a igualmente árdua tarefa de isolar a língua, a gramática, de outros fatores cognitivos e não cognitivos. Por não terem feito esse isolamento, os partidários tanto do determinismo linguístico quanto do relativismo linguístico acabaram se prendendo numa argumentação circular. Um dos maiores críticos da hipótese Sapir-Whorf na atualidade, Pinker (2002, p. 66) ataca justamente a circularidade dos argumentos de Whorf. Ao investigar a língua apache, por exemplo, comenta Pinker, Whorf destacou que nessa língua “O barco está encalhado na praia” é expresso como “Ele está na praia a pique em consequência de um movimento de canoa”; “Ele convida pessoas para uma festa” é expresso como “Ele, ou alguém, vai atrás de comedores de alimento cozido”; “Ele limpa a arma com uma vareta” é expresso como “Ele dirige um lugar seco e oco que se move por movimento de ferramenta”. “Isso tudo, é claro, é muito diferente do nosso modo de falar”, sublinha Pinker (2002). “Mas como sabemos que é muito diferente de nosso modo de pensar?” A fim de responder a essa pergunta, Pinker (2002, p. 66) lembra que os psicolinguistas Eric Lenneberg (1953, 1967, p. 363-365) e Roger Brown (1957, 1958), críticos de primeira hora do determinismo linguístico, bem observaram que as asserções de Whorf sobre a psicologia dos apaches basearam-se totalmente na gramática apache, o que acabou tornando sua argumentação circular. Com base, por exemplo, no fato de que “Esta primavera está chuvosa” é expresso em apache como “Como água, ou primaveras, a brancura move-se para baixo”, lembra Pinker (2002), Whorf concluiu que os apaches não seccionam os fatos em objetos e ações distintos. Assim, conforme Whorf, arremata Pinker (2002, p. 66-67), “apaches falam de maneira diferente, portanto devem pensar de maneira diferente. Como sabemos que pensam de maneira diferente? Basta escutar a maneira como falam!”

No artigo “On metaphoric representation”, Gregory L. Murphy também destaca a circularidade das evidências apresentadas em favor da hipótese Sapir-Whorf, seguindo outros pesquisadores, como Terry K. Au (1988). Para ilustrar sua exposição, Murphy (1996, p. 183) retoma o mito de que a percepção que os esquimós têm da neve não apenas é determinada pelas múltiplas palavras que eles têm para representar diferentes tipos de neve como é diferente da percepção de povos cujas línguas só tem uma palavra para neve, como o norte-americano (para uma crítica dessa interpretação da cognição dos esquimós, ver Pinker (2002, p. 70-72; 2008, p. 152)). Ao questionamento de um cético quanto a essa avaliação, pondera Murphy (1996, p. 1983), um defensor diria que uma evidência em seu favor é o fato de os esquimós terem múltiplas palavras para neve. Assim, conclui Murphy, o argumento é circular e restrito à linguagem, sem o apoio de evidências psicológicas ou neurológicas, por exemplo. Além disso, com perspicácia, Murphy (1996, p. 182-184) aponta que Lakoff e Johnson (2003) também se prenderam numa argumentação circular e essencialmente restrita à linguagem ao defenderem sua teoria das metáforas conceituais. De fato, como anteriormente discutido, partindo da constatação milenar de que as metáforas são altamente produtivas na linguagem humana, Lakoff e Johnson deduziram sem respaldo empírico algum que as metáforas estruturam a linguagem, a percepção da realidade, o pensamento e as ações humanas. E como sabemos que as metáforas têm esse papel na cognição e na vida das pessoas? Basta perceber como elas permeiam a linguagem humana, essencialmente dizem Lakoff e Johnson.

Com efeito, os neowhorfianos perceberam há décadas a necessidade de quebrar a argumentação circular e restrita à linguagem que marca o trabalho de seus precursores (PEDERSON, 2007). Assim, para rebater a afirmação de Rosch de que a identificação dos exemplares prototípicos das cores básicas deriva da fisiologia da visão humana e independe da língua falada pelas pessoas, Debi Roberson, Ian Davies e Jules Davidoff (2000) e Roberson, Davidoff, Davies e Laura Shapiro (2005), por exemplo, replicaram com falantes de línguas que só têm cinco termos de cores básicas – berinmo (Nova Guiné) e himba (Namíbia), respectivamente – os experimentos que Rosch havia feito com os danis. Da mesma forma, a fim de sustentar a hipótese sapiriano-whorfiana de que a língua falada pelas pessoas influencia sua percepção espacial, pesquisadores como Penelope Brown e Stephen C. Levinson

(1993a, 1993b) e Jürg Waissmann e Pierre R. Dasen (1998) realizaram experimentos com falantes de línguas que categorizam o espaço de formas diferentes – tendo ou não a terra como referência, por exemplo. Mas, claro, todos esses experimentos favoráveis à hipótese Sapir-Whorf foram igualmente rebatidos por experimentos desfavoráveis a essa hipótese, tanto em se tratando da percepção das cores (e.g. REGIER *et al.*, 2005) quanto em se tratando da percepção do espaço (e.g. LI *et al.*, 2011). E a disputa segue em aberto, com a multiplicação de experimentos contrários, favoráveis e mesmo parcialmente favoráveis ao relativismo linguístico (cf., p. ex., BROWN, 2015; DEDRICK, 2015; LEVINSON; WILKINS, 2006; REGIER; KAY, 2009).

5 Considerações finais

Na introdução deste artigo, afirmou-se que as críticas aqui feitas à teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson visam, em última instância, a facilitar a aproximação do cognitivismo a outros quadros teóricos, inclusive o gerativista, como o defendem cognitivistas como John R. Taylor (2007). De fato, no ensaio “Cognitive linguistics and autonomous linguistics”, publicado no *Oxford handbook of cognitive linguistics*, Taylor evita situar a linguística cognitiva em termos de oposição a outras vertentes teóricas. Pelo contrário: Taylor cita vários linguistas que incorporam ideias apresentadas tanto no gerativismo quanto na linguística cognitiva, como Prince e Smolensky (1993), Jackendoff (1997) e Peter Culicover (1999), e ressalta:

Em vista desses desenvolvimentos no campo da linguística autônoma, muitas das velhas polêmicas que definiram a empreitada da linguística cognitiva em seus primeiros dias estão perdendo a atualidade. Conforme a linguística cognitiva se torna *mainstream* (...), vai ficar cada vez mais anacrônico que ela se enquadre em termos de oposição a outras abordagens. Diálogo – e, eu ousa sugerir, integração – com outras abordagens talvez se torne a ordem do dia (TAYLOR, 2007, p. 583).

Mais de 10 anos depois de Taylor ousar sugerir o diálogo e a integração da linguística cognitiva com outras abordagens, é tempo de deixar definitivamente para trás o enquadre anacrônico dessa corrente teórica em termos de oposição à gramática gerativa e encerrar de vez a

última batalha das guerras linguísticas. Um bom começo para isso talvez seja o reconhecimento dos excessos cometidos por Lakoff e Johnson em sua cruzada particular contra Chomsky com a teoria das metáforas conceituais. Excessos esses que se tornam ainda mais claros à luz de outros modelos linguísticos propostos inclusive por autores cognitivistas.

Em sua semântica cognitiva, por exemplo, Leonard Talmy – um dos três “pais fundadores” (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007a, p. 8) da linguística cognitiva, ao lado de Lakoff e Ronald Langacker (1987, 1991) – adota uma perspectiva modular da linguagem e da mente humana, afirmando não somente que o sistema semântico é um dos sistemas cognitivos (TALMY, 2000, I, p. 4) como assumindo um “modelo de sistemas sobrepostos” (TALMY, 2000, p. 15) da cognição humana, no qual diferentes sistemas cognitivos, próprios à linguagem, à percepção, à razão, à memória, ao controle motor, etc., têm propriedades estruturais unicamente deles; propriedades adicionais que compartilham com apenas um ou com alguns outros sistemas cognitivos e propriedades fundamentais que têm em comum com todos os outros sistemas cognitivos. Coerente com sua concepção modular da linguagem e da mente humana, Talmy (2000) esclarece, logo na introdução aos dois volumes do livro *Toward a cognitive semantics*, que a obra se dedica à investigação da estrutura conceitual, com especial interesse pelo modo como a linguagem molda conceitos (I, p. 1). Assim, mais uma vez se afastando de Lakoff e Johnson, Talmy faz um recorte bem preciso de seu objeto de pesquisa, reconhecendo se tratar de um fenômeno referente a um componente em particular da linguagem – qual seja, a estrutura conceitual. Não é à toa, portanto, que, novamente se apartando de Lakoff e Johnson, Talmy prefira empregar a expressão *cognitive semantics* (semântica cognitiva) em lugar de *cognitive linguistics* (linguística cognitiva).

Como sublinha Talmy (2000) em crítica indireta à gramática gerativa, a estrutura conceitual havia sido muito pouco explorada até o advento da linguística cognitiva, que a seu ver é um quadro teórico complementar a outros. Na verdade, para Talmy (2000), a linguística cognitiva é parte de um conjunto de estudos da linguagem que pode ser dividido em três grandes abordagens, não se incluindo entre elas a fonologia: (1) a abordagem formal, (2) a abordagem psicológica e (3) a abordagem conceitual. De acordo com Talmy (2000, p. 2), a abordagem formal investiga os padrões estruturais da forma linguística abstraíndo-os do significado veiculado. Seu grande representante, afirma Talmy

(2000), é a gramática gerativa, que analisa as estruturas morfológica, sintática e lexical, mas praticamente ignora a estrutura conceitual, dado que se limita às propostas da semântica formal ao tratar do componente semântico. Já a abordagem psicológica, prossegue Talmy (2000), tem uma longa tradição de examinar a linguagem como parte dos sistemas cognitivos gerais, relacionando-a à percepção, à memória, à atenção e ao raciocínio. Apesar da importância dos estudos realizados por psicólogos sobre tópicos como a memória semântica, a associatividade de conceitos e a construção de inferências, pondera Talmy (2000), os elementos propriamente linguísticos, que são o cerne das pesquisas realizadas nas abordagens formal e conceitual, não recebem na abordagem psicológica a devida atenção. Por sua vez, a abordagem conceitual, explica Talmy (2000, p. 2-3), dedica-se aos padrões e processos pelos quais o conteúdo conceitual é organizado na linguagem. Segundo Talmy (2000, p. 2-3), a linguística cognitiva se insere nessa abordagem, ocupando-se da investigação de categorias conceituais básicas como as de espaço e tempo, cenas e eventos, entidades e processos, movimento e localização, força e causalidade. Em sua esfera, detalha Talmy, são também pesquisados temas como as categorias afetivas atribuídas a agentes cognitivos, como atenção e perspectiva, volição e intenção, expectativa e afeto (*affect*), bem como a estrutura semântica de formas lexicais e morfológicas e de padrões sintáticos. Além disso, complementa Talmy (2000, p. 3), a linguística cognitiva trata das inter-relações das estruturas conceituais, presentes por exemplo em mapeamentos metafóricos, em enquadramentos semânticos (*semantic frames*) e em texto e contexto. Adiante, Talmy (2000, p. 3) ressalta ainda que a linguística cognitiva analisa, em seu enfoque conceitual, as propriedades formais da linguagem, buscando explicações sobre as funções exercidas pela estrutura gramatical na representação da estrutura conceitual. Por fim, Talmy (2000) destaca aquela que considera ser uma das principais características da linguística cognitiva: a meta de relacionar suas descobertas sobre a linguagem às estruturas cognitivas examinadas na abordagem psicológica.

Feita toda essa exposição, Talmy (2000, p. 4) reitera que a linguística cognitiva é complementar a outras abordagens teóricas, já que lida com fenômenos linguísticos que são insuficientemente ou apenas indiretamente pesquisados em outros campos de estudos. Por conta disso, argumenta Talmy (2000), o crescimento da linguística cognitiva é um passo necessário para chegar-se a uma maior compreensão da linguagem.

De fato, como alerta o cognitivista Charles Fillmore (1979) no ensaio “Innocence: a second idealization for linguistics”, a sub-representação de qualquer componente linguístico em um quadro teórico implica a constituição de um falante-ouvinte aquém de um usuário pleno de uma língua. Em crítica ao gerativismo chomskiano, que àquela altura saía vencedor das guerras linguísticas contra a semântica gerativa, Fillmore mostra nesse texto que a minimização do componente semântico nos modelos gerativistas resulta no acréscimo de uma segunda idealização ao falante-ouvinte ideal de uma comunidade linguística homogênea proposto por Chomsky (1975): a de um falante-ouvinte que conjugaria altas habilidades gramaticais com baixas habilidades comunicativas. Um “falante-ouvinte inocente”, como o denomina Fillmore (1979, p. 63), seria capaz de reconhecer e utilizar as estruturas semânticas, morfossintáticas e fonológicas de sua língua com perfeição. No entanto, seu discurso seria lento, chato e pedante (p. 63-64). Além disso, um falante-ouvinte inocente não empregaria nem entenderia expressões idiomáticas e figuras de linguagem, já que estaria limitado à interpretação literal das palavras e a uma semântica composicional (p. 65-67). Como bem observa Renata Mousinho (2003, 2010), Fillmore basicamente retrata uma pessoa com síndrome de Asperger ou com autismo de alto desempenho ao caracterizar um falante-ouvinte inocente. Dessa maneira, a fim de evitar a constituição de um falante-ouvinte atípico, é absolutamente imprescindível, conforme indica Talmy, que teorias específicas a cada um dos componentes linguísticos sejam desenvolvidas e percebidas como mutuamente complementares. Levar adiante esse entendimento, compartilhado por gerativistas como Jackendoff (1997, 2003), talvez venha a se mostrar a principal tarefa da linguística teórica no século 21.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às professoras doutoras Ulrike Schröder (UFMG), Heliana Mello (UFMG) e Arabie Hermont (PUC Minas) pelas críticas, comentários e sugestões a uma versão anterior deste trabalho. Também gostaria de agradecer a dois pareceristas anônimos por suas valiosas observações, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento deste texto. A responsabilidade pelas posições aqui assumidas, claro, é inteiramente minha.

Referências

AU, T. K. Chinese and English Counterfactuals: the Sapir-Whorf Hypothesis Revisited. *Cognition*, [S.l.], v. 15, p. 155-187, 1983. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(83\)90038-0](https://doi.org/10.1016/0010-0277(83)90038-0)

AU, T. K. Language and Cognition. In: SCHIEFELBUSCH, R. L.; LLOYD, L. L. (ed.). *Language Perspectives: Acquisition, Retardation, and Intervention*. 2. ed. Austin: Pro-Ed, 1988. p. 125-146.

BAR-HILLEL, Y. Logical Syntax and Semantics. *Language*, Washington, DC, v. 30, n. 2, p. 230-237, 1954. DOI: <https://doi.org/10.2307/410265>

BERGEN, B. Empirical Methods in Cognitive Linguistics. In: EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. (ed.). *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres; Oakville: Equinox, 2007. p. 37-39.

BERLIN, B.; KAY, P. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley; Londres: University of California Press, 1969.

BORODITSKY, L. How the Languages We Speak Shape the Ways We Think: the FAQs'. In: SPIVEY, M.; MCRAE, K.; JOANISSE, M. F. (ed.) *The Cambridge Handbook of Psycholinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 615-632. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139029377.042>

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Educ, 1992.

BROWN, P. Language, Culture, and Spatial Cognition. In: SHARIFIAN, F. (ed.). *The Routledge Handbook of Language and Culture*. Abingdon; Nova York: Routledge, 2015. p. 294-308.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Linguistic and Nonlinguistic Coding of Spatial Arrays: Explorations in Mayan Cognition*. Nijmegen: Cognitive Anthropology Research Group, 1993a. (Max Planck Institute for Psycholinguistics, Working Paper, n. 24)

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. "Uphill" and "Downhill" in Tzeltal. *Journal of Linguistic Anthropology*, New York, v. 3, p. 46-74, 1993b. DOI: <https://doi.org/10.1525/jlin.1993.3.1.46>

BROWN, R. Linguistic Determinism and Parts of Speech. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Washington, DC, v. 55, p. 1-5, 1957. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0041199>

BROWN, R. *Words and Things*. Nova York: Free Press, 1958.

BÜHLER, K. *Teoria del lenguaje*. Madrid: Revista de Occidente, 1950.

CARNAP, R. *Meaning and Necessity: A Study in Semantics and Modal Logic*. 2. ed. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1988a.

CARNAP, R. Meaning and Synonymy in Natural Languages. In: _____. *Meaning and Necessity: A Study in Semantics and Modal Logic*. 2. ed. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1988b. p. 233-247.

CARROLL, J. B. Introduction. In: WHORF, B. Lee. *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1987. p. 1-34.

CHASE, S. Foreword. In: WHORF, B. L. *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1987. p. v-x.

CHOMSKY, N. Logical Syntax and Semantics: Their Linguistic Relevance. *Language*, Washington, DC, v. 31, n. 1, p. 36-45, 1955. DOI: <https://doi.org/10.2307/410891>

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press 1965.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armenio Amado, 1975.

CHOMSKY, N. *Diálogos com Mitsou Ronat*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Language and Problems of Knowledge: the Managua Lectures*. Cambridge, Mass.; Londres: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Nova York: Harper & Row, 1968.

CULICOVER, P. *Syntactic Nuts: Hard Cases, Syntactic Theory, and Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DEDRICK, D. Colour Language, Thought, and Culture. In: SHARIFIAN, F. (ed.). *The Routledge Handbook of Language and Culture*. Abingdon; Nova York: Routledge, 2015. p. 270-293.

DESCARTES, R. *O mundo ou tratado da luz: O homem*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

DINWOODIE, D. W. Time and the Individual in Native North America. In: KAN, S.; STRONG, P. T.; FOGELSON, R. (ed.). *New Perspectives on Native North America: Cultures, Histories, and Representations*. Lincoln; Londres: University of Nebraska Press, 2006. p. 327-348.

DIRVEN, R. Major strands in cognitive linguistics. In: RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, F. J.; PEÑA CERVEL, M. S. *Cognitive linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interaction*. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 17-68.

DIXON, R. M. W. *Where Have All the Adjectives Gone?* Berlim: Walter de Gruyter, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110822939>

ECO, U. *Kant e o ornitorrinco*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1998.

EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. (ed.). *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres; Oakville: Equinox, 2007a.

EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. The Cognitive Linguistics Enterprise: An Overview. In: _____. (ed.). *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres; Oakville: Equinox, 2007b. p. 2-36

FILLMORE, C. J. Innocence: A Second Idealization for Linguistics. In: BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 5^{th.}, 1979, Berkeley. Berkeley: University of California, 1979. p. 63-76. DOI: <https://doi.org/10.3765/bls.v5i0.3255>

FREGE, G. *Investigações lógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FREGE, G. Prefácio da *Conceitografia*. In: _____. *Lógica e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009. p. 43-49.

GARDNER, H. *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: _____. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007a. p. 3-21.

GIBBS Jr., R. W. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS Jr., R. W. Taking Metaphor Out of Our Heads and Putting It into the Cultural World. In: GIBBS Jr., R. W.; STEEN, D. (ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics: Selected Papers from the Fifth International Cognitive Linguistics Conference*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1999. p. 145-166. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.175.09gib>

GIBBS Jr., R. W. Why Cognitive Linguists Should Care More About Empirical Methods. In: EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. (ed.). *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres; Oakville: Equinox, 2007. p. 2-56. DOI: <https://doi.org/10.1075/hcp.18.06gib>

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. Nova York; San Francisco; Londres: Academic Press, 1979.

HARDER, P. Cognitive Linguistics and Philosophy. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1241-1265.

HARLEY, T. A. *The Psychology of Language: From Data to Theory*. Hove, UK: Psychology Press, 1995.

HARRIS, R. A. *The Linguistics Wars*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDER, E. R. "Focal" Color Areas and the Development of Color Names. *Developmental Psychology*, Washington, DC, v. 4, p. 447-455, 1971. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0030955>

HEIDER, E. R. Universals in Color Naming and Memory. *Journal of Experimental Psychology*, Washington, DC, v. 93, n. 1, p. 10-20, 1972. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0032606>

HEIDER, E. R.; OLIVIER, D. C. The Structure of the Color Space in Naming and Memory for Two Languages. *Cognitive Psychology*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 337-354, 1972. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(72\)90011-4](https://doi.org/10.1016/0010-0285(72)90011-4)

HOWE, J. Argument is Argument: an Essay on Conceptual Metaphor and Verbal Dispute. *Metaphor and Symbol*, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 1-23, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926480701723516>

HUDSON, R. Word Grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 857-885.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1980.

JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004373167_003

JACKENDOFF, R. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0140525X03000153>

JACKENDOFF, R.; AARON, D. Review of *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. *Language*, Washington, DC, v. 67, p. 320-338, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1991.0079>

JÄKEL, O. *Kant, Blumenberg, Weinrich: Some Forgotten Contributions to the Cognitive Theory of Metaphor*. In: GIBBS Jr., R. W.; STEEN, G. (ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics: Selected Papers from the Fifth International Cognitive Linguistics Conference*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1999. p. 9-27. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.175.02jak>

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226177847.001.0001>

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KATZ, J.; POSTAL, P. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge, MA: MIT Press, 1964.

KEMMERER, D. The Spatial and Temporal Meanings of English Prepositions Can Be Independently Impaired. *Neuropsychologia*, [S.l.], v. 43, n. 5, p. 797-806, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2004.06.025>

KEYSAR, B.; SHEN, Y.; GLUCKSBERG, S.; HORTON, W. S. Conventional Language: How Metaphorical Is It? *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 576-593, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1006/jmla.2000.2711>

KÖVECSES, Z. Metaphor: Does It Constitute or Reflect Cultural Models? In: GIBBS Jr., R. W.; STEEN, G. (ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics: Selected Papers from the Fifth International Cognitive Linguistics Conference*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1999. p. 167-188. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.175.10kov>

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511614408>

KÖVECSES, Z. *Where Metaphors Come From: Reconsidering Context in Metaphor*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2017.

LAKOFF, G. Fuzzy Grammar and the Performance/Competence Terminology Game. In: CORUM, C. T.; SMITH-STARK, C./ WEISER, A. (ed.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Meeting Society*, 1973. p. 271-291.

LAKOFF, George. *Notes Toward a Theory of Global Transderivational Well-Formedness Grammar*. Universidade da Califórnia, 1974. [Manuscrito inédito]

LAKOFF, George. *Dual-Hierarchy Grammar*. Universidade da Califórnia, 1975. [Manuscrito inédito]

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *Chicago Linguistic Society*, Chicago, v. 13, p. 236-287, 1977.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas? *Cognitive Linguistics*, Birmingham, UK, n. 1, v. 1, p. 39-74, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.1990.1.1.39>

LAKOFF, G. *Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals Don't*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1996.

LAKOFF, G. *Don't Think of an Elephant!: Know Your Values and Frame the Debate*. White River Junction, Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, G. *Whose Freedom?: The Battle Over America's Most Important Idea*. Nova York: Picador, 2006.

LAKOFF, G. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS Jr., R. W. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Nova York; Cambridge: Cambridge University Press, 2008a. p. 17-38. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802.003>

LAKOFF, G. *The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century American Politics with an 18th-Century Brain*. Nova York: Viking, 2008b.

LAKOFF, G. Explaining Embodied Cognition Results. *Topics in Cognitive Science*, [S.l.] v. 4, p. 773-785, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1756-8765.2012.01222.x>

LAKOFF, G. Language and Emotion. *Emotion Review*, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 269-273, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1754073915595097>

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. Nova York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EdUC; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>

LAKOFF, G.; WEHLING, E. *The Little Blue Book: The Essential Guide to Thinking and Talking Democratic*. Nova York: Simon and Schuster, 2012.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 2: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEAVITT, J. *Linguistic Relativities: Language Diversity and Modern Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975059>

LEAVITT, J. Linguistic Relativity: Precursors and Transformations. In: SHARIFIAN, F. (ed.). *The Routledge Handbook of Language and Culture*. Abingdon; Nova York: Routledge, 2015. p. 18-30.

LEE, P. *The Whorf Theory Complex: A Critical Reconstruction*. Amsterdã: John Benjamins, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1075/sihols.81>

LEEZENBERG, M. *Contexts of Metaphor*. Amsterdã; Nova York: Elsevier, 2001.

LENNEBERG, E. H. Cognition and Ethnolinguistics. *Language*, Washington, DC, v. 29, p. 463-471, 1953. DOI: <https://doi.org/10.2307/409956>

LENNEBERG, E. H. *Biological Foundations of Language*. Nova York: Wiley & Sons, 1967. DOI: <https://doi.org/10.1080/21548331.1967.11707799>

LEVINSON, S. C. Frames of Reference and Molyneux's Question: Cross-Linguistic Evidence. In: BLOOM, P.; PETERSON, M.; NADEL, L.; GARRETT, M. (ed.). *Language and Space*. Cambridge, MIT Press, 1996. p. 109-169.

LEVINSON, S. C. Language and Mind: Let's Get the Issues Straight! In: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (ed.). *Language in Mind: Advances in the Study of Language and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 2003a. p. 25-46.

LEVINSON, S. C. *Space in Language and Cognition: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511613609>

LEVINSON, S. C.; WILKINS, D. (ed.). *Grammars of Space: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge; Nova York: Cambridge University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486753>

LI, P.; ABARBANELL, L.; GLEITMAN, L.; PAPAFRAGOU, A. Spatial Reasoning in Tenejapan Mayans. *Cognition*, [S.l.], v. 120, p. 33-53, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.02.012>

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LUCY, J. A. *Grammatical Categories and Cognition: A Case Study of the Linguistic Relativity Hypothesis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992a. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620713>

LUCY, J. A. *Language Diversity and Thought: A Reformulation of the Linguistic Relativity Hypothesis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992b. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620843>

MALOTKI, E. *Hopi Time: A Linguistic Analysis of the Temporal Concepts in the Hopi Language*. Berlim; Nova York; Amsterdã. Mouton Publishers, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110822816>

MOUSINHO, R. *Aspectos linguístico-cognitivos da síndrome de Asperger: projeção, mesclagem e mudança de enquadre*. 2003. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MOUSINHO, R. O falante inocente: linguagem pragmática e habilidades sociais no autismo de alto desempenho. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 27, n. 84, p. 385-394, 2010.

MURPHY, G. L. On Metaphoric Representation. *Cognition*, [S.l.], v. 60, p. 173-204, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(96\)00711-1](https://doi.org/10.1016/0010-0277(96)00711-1)

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. Semantic Fields and Frames: Historical Explorations of the Interface Between Language, Action and Cognition. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 32, p. 125-150, 2000. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00042-9](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00042-9)

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. Mind, Meaning, and Metaphor: The Philosophy and Psychology of Metaphor in Nineteenth-Century Germany. *History of the Human Sciences*, [S.l.], v. 14, p. 39-61, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/09526950122120952>

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. Cognitive Linguistics and the History of Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 589-607.

NEWMeyer, F. J. *Generative Linguistics: A Historical Perspective*. Londres; Nova York: Routledge, 1996.

PALMER, G. B. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.

PARRET, H. *Discussing Language*. Haia: Mouton, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110813456>

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEDERSON, E. Cognitive Linguistics and Linguistic Relativity. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1012-1044.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINKER, S. Block That Metaphor! *The New Republic*, New York, 9 out. 2006. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/77730/block-metaphor-steven-pinker-whose-freedom-george-lakoff>. Acesso em: 28 nov. 2018.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POSTAL, P. The Best Theory. In: PETERS, S. (ed.). *Goals of Linguistic Theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1972. p. 131-170.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar. *Rutgers University Center for Cognitive Science, Technical Report*, Piscataway, NJ, n. 2, p. 1-262, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470756171.ch1>

QUINE, W. O. *Palavra e objeto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

QUINE, W. O. Dois dogmas do empirismo. In: _____. *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 37-71.

QUINN, N. Convergent Evidence for a Cultural Model of American Marriage. In: HOLLAND, D. C.; QUINN, N. (ed.) *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge; Nova York, Cambridge University Press, 1987. p. 173-192. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511607660.008>

QUINN, N. The Cultural Basis of Metaphor. In: FERNANDEZ, J. W. (ed.) *Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 56-93.

QUINN, N. Culture and Contradiction: The Case of Americans Reasoning about Marriage. *Ethos*, [S.l.], v. 24, p. 391-425, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1525/eth.1996.24.3.02a00010>

QUINN, N. Research on Shared Task Solutions. In: STRAUSS, C.; QUINN, N. (ed.) *A Cognitive Theory of Cultural Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 137-188. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139167000.009>

REGIER, T.; KAY, P. Language, Thought, and Color: Whorf Was Half Right. *Trends in Cognitive Sciences*, [S.l.] v. 13, n. 10, p. 439-446, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2009.07.001>

REGIER, T.; KAY, P.; COOK, R. S. Focal Colors Are Universal After All. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States*, Washington, v. 102, n. 23, p. 8386-8391, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.0503281102>

RITCHIE, D. ARGUMENT IS WAR – or Is It a Game of Chess? Multiple Meanings in the Analysis of Implicit Metaphors. *Metaphor and Symbol*, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 125-146, 2003. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327868MS1802_4

ROBERSON, D.; DAVIES, I. R.; DAVIDOFF, J. Color Categories Are Not Universal: Replications and New Evidence from a Stone-Age Culture. *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, DC, v. 129, n. 3, p. 369-398, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1037/0096-3445.129.3.369>

- ROBERSON, D.; DAVIDOFF, J.; DAVIES, I. R.; SHAPIRO, L. R. Color Categories: Evidence for the Cultural Relativity Hypothesis. *Cognitive Psychology*, [S.l.], v. 50, n. 4, p. 378-411, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cogpsych.2004.10.001>
- ROHRER, T. Embodiment and Experientialism. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 25-47.
- RUSSELL, B. *Meu pensamento filosófico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- RUSSELL, B.; WHITEHEAD, A. N. *Principia Mathematica*. 2. ed. Cambridge: At The University, 1950. 3 v.
- SALETAN, W. Neuto-liberalism. *New York Times*, Nova York, 22 jun. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/06/22/books/review/Saletan-t.html>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- SCHRÖDER, U. A. Os precursores filosóficos da teoria cognitiva das metáforas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 46, n. 2, p. 243-252, 2004. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v46i2.8637171>
- SCHRÖDER, U. A. Antecipações da metáfora cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 39-54, 2008. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.16.2.39-54>
- SCHRÖDER, U. A. A abordagem cognitiva da metáfora em perspectiva pragmática nos séculos dezoito e dezenove: as contribuições de Lambert e Wegener a discussões atuais. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 58, n. 1, p. 115-136, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942014000100005>
- SCHRÖDER, U. A. Uma volta para as fundamentações filosóficas de uma teoria cognitiva da metáfora. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 11, p. 34-62, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL28-v11n1a2017-3>
- SHALIZI, C. R. *Analogy and Metaphor*, Feb. 2003. Disponível em <http://bactra.org/notebooks/analogy.html>. Acesso em: 2 dez. 2017.
- SINHA, C. Cognitive Linguistics, Psychology, and Cognitive Science. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1266-1294.

SLOBIN, D. I. From “Thought and Language” to “Thinking for Speaking”. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (ed.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 70-96.

SMITH, M. V. Linguistic Relativity: on Hypotheses and Confusions. *Communication & Cognition*, [S.l.], v. 29, p. 65-90, 1996.

SOWA, J. F. Review of *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought* by George Lakoff and Mark Johnson. Basic Books, 1999. *Computational Linguistics*, Cambridge, v. 25, n. 4, p. 631-634, 1999.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000. 2 v. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/6847.001.0001>

TAYLOR, J. R. Cognitive Linguistics and Autonomous Linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 566-588.

WAISSMANN, J.; DASEN, P. R. Balinese Spatial Orientation: Some Empirical Evidence of Moderate Linguistic Relativity. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 689-711, 1998. DOI: <https://doi.org/10.2307/3034828>

WHORF, B. L. *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1987.



Frequency effects of L2 English on the processing of the passive in L1 Brazilian Portuguese

Efeitos de frequência da L2 inglês no processamento da passiva em L2 português brasileiro

Mara Passos Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
maraguimaraes@ufmg.br

<http://orcid.org/0000-0003-0251-3013>

Abstract: This study investigated the influence of experience with L2 English in the processing of passives in L1 Brazilian Portuguese (BP) by high-proficiency bilinguals and BP monolinguals. Based on the premise that high L2 proficiency is indicative of widespread representational sharing (BERNOLET; HARTSUIKER; PICKERING, 2013) and on the observation that the passive is significantly more productive in English than in BP (GUIMARÃES; SOUZA, 2016), bilinguals' processing of the construction is expected to be facilitated by L2 exposure. Subjects performed an acceptability judgment task and two sentence elicitation tasks. Both groups considered the passive as acceptable as the active, with no significant differences between the two groups' judgments of the passive. Differences were found in the oral production of passives between bilinguals and monolinguals, but not in written production: task type influenced the production of monolinguals in that passive productivity fell significantly from the written to the oral task. The difference in productivity levels of the passive between bilinguals and monolinguals is attributed to bilinguals' exposure to the construction's distributional properties in the L2, supporting models of bilingual shared representations (HARTSUIKER; PICKERING; VELTKAMP, 2004).

Keywords: bilingualism; frequency effects; L2 proficiency; passive construction; acceptability judgment; written production; oral production.

Resumo: Este estudo investigou a influência da experiência com L2 inglês no processamento de passivas em L1 português brasileiro (PB) por bilíngues de alta proficiência e monolíngues do PB. Baseando-se na premissa de que alta

proficiência em L2 é indicativa de compartilhamento generalizado de representações (BERNOLET; HARTSUIKER; PICKERING, 2013) e na observação de que a passiva é significativamente mais produtiva em inglês do que no PB (GUIMARÃES; SOUZA, 2016) propomos uma visão construcional da construção, na qual ela é tomada como entidade teórica independente. Apesar de sintaticamente congruente no português brasileiro (PB, espera-se que o processamento da construção por bilíngues seja facilitado pela exposição à L2. A compreensão da construção foi observada através de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade de sentenças, enquanto a produção foi observada a partir de duas tarefas de descrição de imagens (uma escrita e outra oral). Tanto bilíngues quanto monolíngues julgaram a passiva tão aceitável quanto a ativa, sem diferença significativa nos julgamentos entre os dois perfis linguísticos. Apesar de as passivas terem sido menos frequentes do que as ativas nas tarefas de produção, o tipo de tarefa influenciou o número de ocorrências de passivas dentre os monolíngues: sua produção foi similar à dos bilíngues na tarefa escrita, mas significativamente menor na tarefa oral. A diferença nos níveis de produtividade de passivas entre bilíngues e monolíngues é atribuída à exposição dos bilíngues às propriedades distribucionais da construção na L2, corroborando modelos de compartilhamento representacional bilíngue (HARTSUIKER; PICKERING; VELTKAMP, 2004).

Palavras-chave: bilinguismo; efeitos de frequência; proficiência em L2; construção passiva; julgamento de aceitabilidade; produção escrita; produção oral.

Submitted on June 03th, 2020

Accepted on August 10th, 2020

1 Bilingual representational sharing

The study of psycholinguistics of bilingualism has long departed from the monolingual view (GROSJEAN, 1989) and has shifted towards the analysis of the bilingual linguistic system as a unique mental repository where representations from both first and second languages (L1 and L2) are available and interactive. The nature of this interaction has been widely investigated, and, in fact, there has been substantial evidence to suggest that representations are shared between L1 and L2. Much of the evidence in support of bilingual representational sharing comes from studies of cross-linguistic priming, in terms of syntax (BERNOLET; HARTSUIKER; PICKERING, 2013; BOCK *et al.*, 2007; DUSSIAS; SAGARRA, 2007; HARTSUIKER; PICKERING; VELTKAMP, 2004),

semantics (BENTIN; MCCARTHY; WOOD, 1985; SPÄTGENS; SCHOONEN, 2019; VAN HELL; DIJKSTRA, 2002), phonology (KIM; DAVIS, 2003) and pragmatics (REES; BOTT; SCHUMACHER, 2019).

However well-documented these effects may be, the bilingualism effects that support accounts of bilingual representational sharing are far from being considered universal: they may vary according to the language pair, the linguistic feature, or the bilingualism type. Therefore, this study focused on the effects of cross-linguistic influence on the comprehension and production of the passive construction by high-proficiency bilingual speakers of Brazilian Portuguese (BP) as L1 and English as L2, who acquired the L2 after the establishment of the L1 (i.e. late bilinguals) and live in a non-immersion environment (i.e. L1 dominant). Specifically, we intend to investigate whether the distributional properties of the construction in L2 causes the bilingual linguistic system as a whole to adjust its distributions, manifesting in L1 processing (ELLIS, 2002).¹

Given the significantly higher productivity level of the passive construction in English in relation to BP, attested by Guimarães and Souza (2016) *propomos uma visão construcional da construção, na qual ela é tomada como entidade teórica independente. Apesar de sintaticamente congruente no português brasileiro (PB,*² we expect the processing of passives by high-proficiency bilinguals to differ significantly from that of monolinguals. These expected effects of the passive distribution are based on the model of bilingual sentence production proposed by Hartsuiker *et al.* (2004),³ in which syntactic and pre-syntactic (lemma level) representations are shared so that the activation of a lemma node in either L1 or L2 activates combinatorial possibilities in both languages. The higher productivity levels of the passive in L2 English are expected to lead to stronger combinatorial activation and, consequently, to influence the processing of passives in the L1.

Bernolet *et al.* (2013) added a proficiency level to the model of bilingual sentence production, claiming that representations are “actually shared” only in high-proficiency bilinguals. According to the authors,

¹ This paper presents the results from the author’s unpublished MSc thesis “A análise da influência translinguística entre o PB e o inglês através da construção passiva” (2016). The original thesis was nested under a broader research project vetted by the university’s Ethics Committee.

² Detailed below.

³ Based on Levelt *et al.* (1999).

learners first store L2 representations as item- and language-specific, and then move on to more abstract and generalizable representations as the speaker increasingly experiences episodes of L2 processing. Proficiency is in fact a fundamental construct for psycholinguistics of bilingualism; however, it presents two major issues that should be tackled before any analysis can be done. The first concerns the very nature of L2 knowledge: what is it that is known when a speaker “knows” a second language? Departing from the Declarative/Procedural model proposed by Ullman (2004) despite its uniqueness, language likely depends on brain systems that also subserve other functions. The declarative/procedural (DP, L2 proficiency is understood as the automatization of grammatical and morphophonological encoding processes; automatization meaning that the shift from declarative to procedural memory may have taken place as a result of frequency of exposure to the L2. This definition is also in line with the proficiency timeline delineated by Bernolet *et al.* (2013), in which representations become generalizable as a function of L2 exposure.

The second issue concerns the operationalization of proficiency measuring. Many studies in bilingualism classify their bilingual subjects as low- or high-proficiency based on self-assessment. However, this is not a feasible method of categorization for the bilinguals analyzed in this study because of the lack of uniformity in the availability of L2 instruction for Brazilians, whose effects are unlikely to be captured in measures of time of formal study or self-assessed skills on categorical scales, for instance. As Valadares (2017) observed, the patterns of L2 use in non-immersion environments directly influence proficiency levels. Because the bilingualism effects we predict strongly depend on effects of L2 distribution on L1 production, it was essential for a validated measure to be employed. Therefore, we relied on a standardized (and cross-validated) measure to classify subjects as high-proficiency bilinguals: the Vocabulary Levels Test (VLT), first proposed by Nation (1990) and validated for bilingualism studies by Soares-Silva (2016).

2 The passive construction

The passive has been chosen as the target construction based on characteristics informative to the bilingualism effects under investigation in this study. First, the passive is syntactically and morphologically identical in BP and in English. The construction presents a promoted

object, a copula verb, the main verb in the participle form and an optional agentive by-phrase in both languages, providing a baseline that allows us to make inferences on aspects other than its surface form. Sentence (1) in BP corresponds directly to sentence (2) in English:

1. A igreja foi atingida pelo raio.
2. The church was struck by lightning.

Note that the morphosyntactic similarity of the construction in BP and English alone cannot be taken to assume that the passive in both languages are entirely equivalent constructions. Goldberg and Suttle (2010) use the passive to illustrate the virtual impossibility of finding constructions sharing form, function and distributional properties in two different languages. Specifically, the authors argue that these constructions called “passive” can differ in ways “including the presence or choice of auxiliary; the presence or choice of adposition or case that marks the agent argument, possible semantic or discourse restrictions, and overall frequency in the language” (p. 472). The linguistic pair analyzed in this study is of special interest because any discrepancies found must be related to semantic-pragmatic or overall distributional properties, given the co-occurrence of lexical items, morphological processes, word order, object promotion and agent postposition.

Second, the passive has been used as a target construction in a number of previous studies (e.g. BOCK, 1986; BOCK; GRIFFIN, 2000; HARTSUIKER *et al.*, 2004; JAEGER; SNIDER, 2013; JAEGER; SNIDER, 2007; PICKERING; BRANIGAN, 1998), offering data from other languages to which it will be possible to compare our results. Finally, Guimarães and Souza (2016) reported a discrepancy in the productivity levels of the passive construction in BP and English despite its morphosyntactic identity: speakers of L1 English produce the passive almost twice as much as speakers of L1 BP.⁴ This distributional difference provided the starting point for the analysis of crosslinguistic interference proposed in this study.

It is important to highlight that the passive is not taken as a byproduct of transformational processes, but as a construction according

⁴ See Guimarães and Souza (2016) for a detailed description of the productivity status of the passive construction in BP.

to Goldberg (2006): an independent theoretical entity represented in the procedural memory of the speaker (ELLIS, 2005; GOLDBERG, 2006). Thus, the meaning of propositions in the passive does not depend solely on the lexical items occurring in them but are instead a combination of the prototypical meaning of the construction and the semantic properties of the verb. Particularly, the passive is considered a complex construction that relates directly to the speaker's pragmatic knowledge and is motivated by the perception and categorization of the world (ELLIS, 2005).

The hypothesis that L2 distributions of the passive construction influence its processing in L1 by high-proficiency bilinguals was tested through an acceptability judgment task and two sentence elicitation tasks, described in the sections below. These experiments answer to two main purposes. First, we intend to explore bilingualism effects in this specific configuration of language pair, construction and bilingualism profile, and add to the bulk of experimentation under the shared representation account of the bilingual linguistic system. Second, we wish to observe BP speakers' processing of the passive construction in BP, so that the results we find in psycholinguistic of bilingualism studies including languages other than BP are correctly compared to ours. We will observe the familiarity and acceptability of the passive for L1 BP speakers, as well as its productivity levels in sentence elicitation tasks without any sort of manipulation such as masked priming (as in GLEITMAN *et al.*, 2007) or lexical item indication – and consequently manipulation of passive verbs bias (e.g. HARTSUIKER *et al.*, 2004).

3 Experiment 1 – Acceptability Judgment

In order to assess the influence of the distributional properties of the passive construction in English (as described in GUIMARÃES; SOUZA, 2016) on the speaker of L1 BP, we performed a speeded acceptability judgment task dividing subjects according to their linguistic profile. The markedness, relative productivity, and grammaticality status of the passive construction led us to make three predictions. First, we believe passives will rate at an intermediate acceptance level, receiving lower scores than actives and higher scores than ungrammatical descriptive sentences. Second, we predict that bilinguals' scores for active constructions will not differ from monolinguals' scores, while passive constructions will be considered more acceptable to bilinguals

than to monolinguals because of exposure to the productivity level of the construction in L2 English. Third, we expect response times to be faster for actives than for passives, and both to be faster than for ungrammatical descriptions.

Participants

The 24 subjects who took part in this task were volunteers recruited mostly among college undergraduates from the Languages and Humanities departments of the university. Ahead of the experiment itself, the volunteers were informed of the type of the task, its expected duration, and the choice to refuse or interrupt participation at any given time. Participants were divided into two groups. The first group of subjects consisted of 12 BP monolinguals and, the second, of 12 highly proficient L1 BP L2 English bilinguals.⁵ The bilinguals' level of L2 proficiency was measured using a timed version of the Vocabulary Levels Test or the VLT (NATION, 1990), a vocabulary range task that reflects speakers' overall English language knowledge. The test is composed of 90 word-definition matching items gradually decreasing in frequency (from the 2,000 to the 10,000 most frequent words), and subjects who scored 80% in the test were considered highly proficient. It is important to mention that subjects were given a time limit of 10 minutes to answer the VLT, as an effort to tap into their more automatic responses to English language items and yield a more reliable measure of L2 proficiency.

Materials

The stimuli presented 96 sentences in BP, controlled for lexical frequency and length (in syllables).⁶ The experimental items were 16 sentences in the passive construction, either 14 or 15 syllables long. They were designed using the 10 most frequent verbs occurring in the passive in BP and English oral corpora as listed by Guimarães and Souza (2016)⁷

⁵ Henceforth, this linguistic profile will be referred to only as "bilinguals".

⁶ The complete list of sentences is available in the Appendix.

⁷ Their analysis was based on data from two spoken corpora: C-Oral-Brasil I (RASO; MELLO, 2012), for BP, and the Santa Barbara Corpus of Spoken American English (DU BOIS *et al.*, 2000-2005), for English.

so that relative frequency⁸ was accounted for in both languages. There were 16 rather than 20 items in the experimental set because the verb lists shared the items “do”, “use”, “build”, and “put” (“fazer”, “usar”, “construir” and “colocar”, in BP). Subject animacy was controlled in that the subjects were animate in half of the sentences and inanimate in the other half, to examine subject animacy⁹ would influence acceptability levels of the construction. Sentences (3) and (4) below illustrate the set:

3. O adolescente foi preso por transportar drogas.
the teenager was arrested for transporting drugs
'The teenager was arrested for transporting drugs.'
4. As fantasias foram colocadas no porão.
the costumes were put in-the basement
'The costumes were put in the basement.'

The control items were 16 grammatical sentences in the active construction, either 12 or 13 syllables long. The active sentences presented the same verbs as the ones in the experimental set so that subjects would be exposed to the same verb in both the active and the passive constructions. However, unlike the passive sentences, this set presented only animate subjects to avoid the marked assignment of the agent role to inanimate entities:

5. O homem colocou os livros na mala.
the man put the books in-the suitcase
'The man put the books in the suitcase.'
6. Os policiais prenderam o suspeito.
the policemen arrested the suspect
'The policemen arrested the suspect.'

Additionally, a set of 16 ungrammatical sentences was used to gauge the acceptability status of the passive in the language:

⁸ The occurrence of the verbs in the passive over the overall occurrence of the verb in the corpus.

⁹ For a detailed discussion of the relation between animacy and voice, see Dewart (1979).

7. *A menina estava isolada dos amigos pelo pai.
 the girl was isolated from-the friends by-the father.
 ‘The girl was isolated from her friends by her father.’

Although their correspondent in English is licensed, BP presents two mappings for the verb “be”: “ser”, with a permanent reading, and “estar”, with a temporary reading. Only the verb “ser” can be used to form a licensed sentence in the passive. Sentence (8) can be translated to BP successfully as both (9), a passive without agent indication (verb “ser”), and (10), a descriptive indicating the state of the subject at the time of the utterance (verb “estar”):

8. The window was broken.
 9. A janela foi quebrada.
 10. A janela estava quebrada.

However, the sentence with “estar” becomes unlicensed if an agent is added:

11. The window was broken *by the heavy rain*.
 12. A janela foi quebrada *pela chuva forte*.
 13. ?A janela estava quebrada *pela chuva forte*.

Because of the morphosyntactic identity of BP descriptives L2 English passives, it could be expected that bilinguals would rate these descriptive sentences as less unacceptable than would monolinguals. We do not make this prediction. We understand that L1 restrictions constrain the mapping of these sentences to passives because the constructional representation evoked by the L2 English passive already maps onto an available and licensed mapping in BP. Instances where L1 restrictions were weakened for unlicensed L1 constructions have been observed for constructions such as the induced movement alternation, which shares representations but not morphosyntactic structure (SOUZA *et al.*, 2014). Unlicensed sentences such as (14) were considered more acceptable by bilinguals than by monolinguals:

14. *O capitão marchou os soldados pelo campo.
 the captain marched the soldiers around-the field
 ‘The captain marched the soldiers around the field.’

Finally, there were 48 filler items divided equally between grammatical and ungrammatical sentences of four types: problems with subject-verb agreement, causativization of unergative verbs, induced movement alternation and adjectival resultatives.¹⁰

15. O cachorro vieram para casa molhados.
 the dog came-PL to home wet-PL
 ‘The dog came home wet.’
16. O fazendeiro caiu o pêssego da árvore.
 the farmer fell the peach from-the tree
 ‘The farmer fell the peach from the tree.’
17. O instrutor correu os meninos pelo parque.
 the instructor ran the boys through-the park
 ‘The instructor ran the boys through the park.’
18. O garçom arrumou a mesa e a esfregou seca.
 the waiter cleaned the table and it-OBL wiped dry
 ‘The waiter cleaned the table and wiped it dry.’

Procedures

The items were pseudo-randomized so that no more than two sentences of the same type were shown in a row and no two subjects read the sentences in the same order. The stimuli were presented using PsychoPy (PEIRCE *et al.*, 2019), with sentences shown in black font on white background on the computer screen. Subjects were instructed to read the sentences silently and judge their level of acceptability on the computer keyboard following a 5-point Likert scale, where 1 indicated a completely unacceptable sentence and 5 a completely acceptable one.

¹⁰ For a detailed account of the licensing status of resultative constructions in BP, see Souza and Oliveira (2014).

The acceptability judgment task was timed: subjects had a time limit of 6 seconds to indicate their scores on the keyboard. The decision to perform a speed version of this widely used task was based on (SOUZA *et al.*, 2015), who reported that speakers were able to emit reliable judgments in up to 4 seconds. This time limitation intends to avoid subjects' use of metalinguistic information or even prescriptive grammar rules. In this experiment, if subjects failed to provide a score within the time limit, the next sentence appeared automatically.

Results

Due to a programming issue, data relative to one of the sentences from the experimental set were not recorded, resulting in the analysis of 15 experimental items and 32 controls. We eliminated answers faster than 200ms because we understand that they most likely reflect subjects' lack of attention or mechanical error rather than their conscious evaluation of the sentences. Therefore, we analyzed 1,106 answers: 379 judgments for actives, 353 judgments for passives, and 374 judgments for descriptives. We registered subjects' scores for the sentences as well as response times (RTs) for the judgments, and processed the data using R (R Core Team, 2017).

Judgment scores

The means, standard deviations and medians for bilinguals' and monolinguals' judgments of passives, actives and descriptives are shown in Table 1:

TABLE 1 – Scores by bilinguals and monolinguals

Construction	Bilinguals			Monolinguals		
	mean	sd	median	mean	sd	median
passive	4.7151	0.7878	5	4.6591	0.8265	5
active	4.8438	0.4871	5	4.8095	0.6152	5
descriptive	3.1257	1.2752	3	3.4541	1.3143	4

Source: Produced by the author

Although Table 1 shows the scores as numeric data to facilitate the understanding of their distribution, they were not considered a continuous variable. This Likert scale refers to discrete judgments and does not have

the property of equal intervals – a sentence rated 5 is not 2.5 times more acceptable as a sentence rated 2, for example.¹¹

Therefore, an ordinal logistic regression was fitted using the CLMM function from the ordinal package (CHRISTENSEN, 2019) in R, with subjects and items as random effects; type of construction (passive, active, descriptive), linguistic profile (bilingual, monolingual) and subject animacy (animate, inanimate) as fixed effects; and score as the ordinal categorical response variable. A nested models comparison showed no effects of subject animacy ($\chi^2 = -0.3783$, $Z = -0.688$, $p = .4916$) or linguistic profile ($\chi^2 = 0.0639$, $Z = 0.149$, $p = .8812$) on sentence ratings; the comparison also showed that the best fitted model presented only construction type as the fixed effect ($\chi^2 = 1.538$, $Z = 5.282$, $p = 1.28e^{-07}$).

A post-hoc analysis of interactions revealed that neither bilinguals nor monolinguals judged passives as less acceptable than actives ($p = .6079$ for bilinguals and $p = .2928$ for monolinguals). Actives and passives were judged similarly by bilinguals and monolinguals ($p = .9998$ for actives and $p = .9925$ for passives). Both groups judged ungrammatical descriptives as less acceptable than actives and passives ($p < .0001$ for both groups and construction comparisons).

These results indicate that bilingualism did not have an effect on BP speakers' acceptance of the passive construction; indeed, the fact that monolinguals considered it as acceptable as did bilinguals indicates that the passive is fully available in BP despite its productivity differences in comparison to English. Additionally, the absence of animacy effects suggests that passives are not favored in presence of an inanimate subject, as predicted. It remains to be seen whether this holds true for production preferences, which will be the focus of experiments 2 and 3.

Response times

Subjects' response times were registered as a possible indicator of the processing cost of the sentences, in that the different levels of availability of the representations of the constructions are reflected on the time necessary to retrieve and comprehend them (MCELREE; JIA; LITVAK, 2000) speed-accuracy tradeoff (SAT). The means, standard deviations and medians for bilinguals' and monolinguals' RTs of judgments of passives, actives and descriptives are shown in Table 2:

¹¹ For a detailed description of the use of mixed models over ANOVA, see Jaeger (2008).

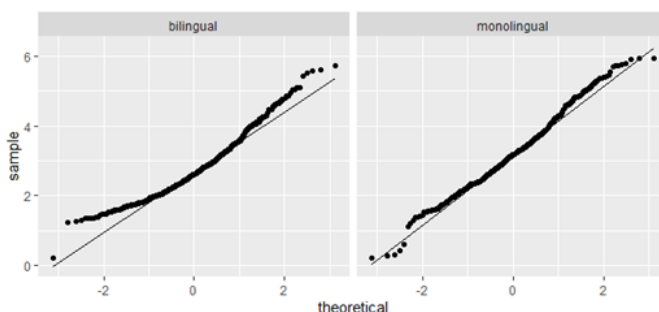
TABLE 2 – Judgment RTs by bilinguals and monolinguals in ms

Construction	Bilinguals			Monolinguals		
	mean	sd	median	mean	sd	median
passive	2732	802	2603	3259	958	3189
active	2424	832	2283	2751	897	2641
descriptive	3087	841	2924	3662	1006	3567

Source: Produced by the author

The distribution of the RTs can be observed in Figure 1:

FIGURE 1 – Distribution of judgment RTs



Source: Produced by the author

The RT data was fitted using an LMER model (KUZNETSOVA; BROCKHOFF; CHRISTENSEN, 2017) including subjects and items as random effects, as well as fixed effects of linguistic profile, construction and subject animacy. The dependent variable was the response times of the judgments. A nested models comparison showed no effect of subject animacy ($\chi^2 = 0.029, p = .7906$). We found effects of linguistic profile ($\chi^2 = 4.811e^{-01}, p = .8812$), construction type ($\chi^2 = 5.594e^{-01}, p = 9.69e^{-12}$) and their interaction ($\chi^2 = 1.72e^{-01}, p = .0251$).

A post-hoc analysis of the interaction between linguistic profile and construction type showed that the actual significant difference in RTs refers to the judgments of descriptives in relation to the other constructions: the interaction between linguistic profile and construction can thus be interpreted as the effect of ungrammatical status of the descriptives. It would be therefore inaccurate to interpret the results as bilinguals rating sentences faster than monolinguals. Indeed, bilinguals' and monolinguals' response times did not differ in relation to the construction types ($p = .999$ for actives, $p = .9925$ for passives, and $p = .6927$ for descriptives).

Discussion

Our predictions for the score assignment were not proven true. We did not find a difference in acceptance levels of the passive as a function of linguistic profile, nor was the construction considered less acceptable than the active. Our predictions for the RTs, on the other hand, were partially correct. Neither group showed differences in RTs for actives and passives, but both groups showed differences in RTs for descriptives. The RT results and the score analysis indicate that the status of acceptability of the passive construction is the same as that of the active and that its infrequent occurrence in BP (and consequently marked status in the language) does not impose major processing difficulties. The main factor for score assignment and speed of responses was grammaticality: the unlicensed descriptive sentences with agent indication were considered less acceptable and therefore more difficult to process. Note that the RTs for passives do not suggest such processing difficulties.

These results have implications on two aspects of the passive construction in BP. First, its remarkably low productivity is not a reflection of L1 BP speakers' processing issues (as listed in the PDC account by MacDonald (2015), for example). The disregard for the passive by BP speakers, as shown in the corpus study (GUIMARÃES; SOUZA, 2016), must be related to the alternatives to achieve the same semantic-pragmatic effects available, namely the "se" particle (also called synthetic passive) and constructions with argument promotion (CYRINO, 2007; GABRIEL, 2001). Such options are illustrated in sentence 19 and 20:

19. Vende-se muitos biquinis no verão.
 sell-PART many bikinis in-the summer
 'People sell many bikinis in the summer.'
 'Many bikinis are sold in the summer.'
20. A revista está xerocando.
 the magazine is copying
 'The magazine is being copied.'

Although the mapping of the distribution of these alternatives to the passive construction could help describe the productivity status of the passive in BP, this analysis goes beyond the scope of this study. The information most relevant to our issue at hand is that, in terms of comprehension, there

is no impediment for the occurrence of the passive construction – neither in terms of acceptability nor in terms of processing cost.

4 Experiment 2 – Written Image Description

This experiment was designed to observe whether L1 BP speakers would produce written passive constructions, modulated by their linguistic profile and the position of the patient in the image. We predicted bilinguals would produce more passives than monolinguals because of exposure to L2 English. We also predicted that images with patients placed on the left would favor the production of passives in comparison to those with the patient on the right, as the reading direction of both BP and English runs from left-to-right and speakers of these languages tend to first direct their gaze to the upper left corner of a display (BERENDS; BROUWER; SPRENGER, 2015). We conjectured that this first gaze would give representational salience to the patient and, consequently, force the choice of construction to the passive (GLEITMAN *et al.*, 2007).

Participants

The subjects in this experiment were recruited following the same protocols as in Experiment 1. Their classification as either bilinguals or monolinguals was also identical. There was a total of 20 bilinguals and 20 monolinguals, aged between 18 and 30 years old. The bilinguals and the monolinguals were further subdivided into two groups, each exposed to a different stimuli list. Therefore, 10 bilinguals and 10 monolinguals saw items from list one, and the other 10 bilinguals and 10 monolinguals saw items from list two.

Materials

Stimuli consisted of 30 images and its 30 mirrored versions depicting transitive events. Thus, each event was presented twice: once with the agent on the left and the patient on the right of the image, and another with reverse positions. One version of the image belonged to list one and the other to list two, so that the same event did not appear twice in the same list and each list presented 15 images showing the patient on the left and 15 showing the patient on the right.

Each of the 30 drawings depicted an event corresponding to a verb from the previously selected list, which included verbs that could be easily represented and recognizable in image form. The events selected

were the transitive interpretations of *arrest*, *baptize*, *bite*, *breastfeed*, *catch*, *choke*, *electrocute*, *feed*, *film*, *fire*, *help*, *hit*, *hug*, *kick*, *kidnap*, *kiss*, *lick*, *lift*, *measure*, *mug*, *point*, *push*, *put make-up on*,¹² *scold*, *shoot*, *splash*, *step*, *throw*, *trip*, and *weigh*. Images were based on those used by (GLEITMAN *et al.*, 2007) in their active/passive alternation study,¹³ and selected according to clarity of the event depicted, drawing style and sharpness of lines and colors. Additionally, both agents and patients in all images were [+animate]. Figure 2 illustrates the image referring to the verb *arrest* and its mirrored version:

FIGURE 2 – Image used to depict the event “arrest”



Source: Lila Gleitman and John Trueswell

Procedures

Stimuli were presented using the EasyTestMaker platform.¹⁴ Prior to the beginning of the task, subjects were instructed to explain what they saw in each of the images with the first expression that came to mind, as if they were answering the question “What was happening?”. They were informed that they did not need to concern themselves with spelling problems, grammatical rules, or even the appropriate nouns to refer to the characters in the image (as long as they could be distinguished from one another in the description). The stimuli consisted of the image on a white background, without any text. Upon seeing the picture centered on the screen, subjects wrote a description on the box below it, using the computer keyboard. Once they were satisfied with their description, they clicked the “next” button with the mouse to see the following picture.

¹² In BP, “to put make-up on [someone]” translates as the one-word verb “maquiar”.

¹³ We thank Lila Gleitman and John Trueswell for sharing the images.

¹⁴ Available at: www.easytestmaker.com. Accessed on: March 21st, 2020.

Although the task was self-paced, they were given a time limit of 40 minutes to describe all the images; there was a countdown clock on the screen so they could manage their time.

Results

For the experimental items to be included in the analysis, they had to meet two basic requirements. First, more than 50% of the descriptions of a given image should refer to the event intended, otherwise we could not assure that the event had been correctly expressed in the image. Second, more than 50% of the descriptions should present a verb with a transitive argument structure, indicating that the role of the participants in the image were clearly interpreted as agent and patient. All descriptions of images corresponding to the verbs *point*, *push*, *scold*, *shoot*, *splash*, and *throw* were eliminated because more than 50% of participants failed to reference the intended event; all descriptions of images related to the verbs *electrocute*, *hit*, *step*, and *trip* were eliminated for failing to express a transitive event in more than 50% of the times. Therefore, only descriptions of 20 out of the 30 images presented were included in the analysis.

There was a level of tolerance regarding the lexical choices in the descriptions of the remaining 20 experimental items: descriptions were accepted if the verbs expressed the same event and occurred in the same argument structure construction. Examples of use of semantic correlates are found in the descriptions of *catch* (“pegar”, “capturar”) and *fire* (“demitir”, “desligar”, “despedir”). Semantic correlates in different argument structures such as for the verb *hug* in sentence 21, although similar in meaning, were considered invalid for constituting a construction different from actives or passives:

21. A pata está dando um abraço no pato.
 The duck.FEM is giving a hug on.the duck.MASC
 ‘The female duck is giving a hug to the male duck.’

With the exception of the images related to the verbs *bite*, *fire*, and *lift*, all experimental items had instances of descriptions presenting semantically congruent but syntactically distinct lexical items. However, these amounted to fewer than 50% of descriptions of each image, allowing

them to be included in the analysis. The final list of experimental items were descriptions of the images for *arrest*, *baptize*, *bite*, *breastfeed*, *catch*, *choke*, *feed*, *film*, *fire*, *help*, *hug*, *kick*, *kidnap*, *kiss*, *lick*, *lift*, *measure*, *mug*, *put make-up on*, and *weigh*.

The descriptions were classified as “active”, “passive” or “other”. A sentence was considered active if it presented a transitive verb, an agent and a patient. Passives presented a patient followed by the morphosyntactic structure of the analytic passive (verb “ser” followed by a participle) with or without an explicit agent.¹⁵ Participial clauses were also classified as actives or passives, as they clearly assign the roles of agent and patient to the participants in the event depicted. Sentences 22-25 are examples of descriptions in the active, passive, active participial clauses, and passive participial clauses:

22. O patrão está despedindo o empregado.
the boss is firing the employee
'The boss is firing the employee.'
23. Um homem está sendo demitido.
a man is being fired
'A man is being fired.'
24. Chefe demitindo o empregado.
boss firing the employee
'Boss firing the employee.'
25. Homem sendo demitido de seu emprego.
man being fired from his job
'Man being fired from his job.'

¹⁵ As opposed to English, the ambiguity between a passive and a descriptive sentence is resolved in BP through the copula verb “ser”, for passives, or “estar”, for descriptives. Therefore, the agent indication was not a requirement for classifying a description as a passive.

The descriptions categorized as “other” included reflexives, intransitives,¹⁶ structures with prepositional complements, noun phrases without participial phrases, perspective predicates (e.g. *catch* vs. *flee*), and bare present participles. These are illustrated in sentences 26-31, respectively: There was a total of 642 descriptions. Table 3 shows the distribution of types of descriptions among bilinguals and monolinguals:

TABLE 3 – Types of written descriptions by linguistic profile

Description	Bilinguals	Monolinguals	Total
passive	53	52	105
active	245	170	415
other	38	84	122
Total	336	306	642

Source: Produced by the author

After removing the invalid data points, we were left with 520 descriptions. Table 4 presents the overall descriptions Bilinguals produced a total of 298 valid descriptions (53 passives and 245 actives), whereas monolinguals produced a total of 222 valid descriptions (52 passives and 170 actives). Table 4 presents the number of descriptions in the active and in the passive provided by bilinguals and monolinguals according to the position of the patient in the image:

TABLE 4 – Written descriptions per profile and patient position

Construction	Bilinguals		Monolinguals		Total
	left	right	left	right	
passive	31	22	26	26	105
active	130	115	87	83	415
Total	161	137	113	109	520

Source: Produced by the author

We ran a total of four chi-square tests of independence to examine whether there was a relation between choice of construction in the descriptions (active or passive) and linguistic profile (bilingual

¹⁶ All verbs which did not present an NP complement were considered intransitives, regardless of their usual argument structure.

or monolingual), patient position in the image (left or right), or the combination between both factors (whether the position of the patient would have a stronger influence – if any at all – in either the bilingual or the monolingual groups). The four tests showed no significant association between the factors. Bilingualism did not interfere with the choice of structure ($\chi^2 = 2.172$, $df = 1$, $p = .1405$), and neither did the position of the patient for the descriptions as a whole ($\chi^2 = 0.0659$, $df = 1$, $p = .7974$), for the bilinguals' descriptions ($\chi^2 = 0.3216$, $df = 1$, $p = .5706$), or the monolinguals' ($\chi^2 = 2.970^{e-31}$, $df = 1$, $p = 1$).

Discussion

Bilinguals and monolinguals showed statistically similar production of the passive construction. Although the bilingualism effects we predicted in the beginning of this study were not found in either Experiments 1 or 2, we still did not have enough data to claim that L2 English has no effects on L1 BP. The fact that such influence was not observed in Experiment 1 was not extraordinary, given that the licensing status of the passive construction in BP – and not necessarily exposure to it in L2 English – was reflected in monolingual subjects' familiarity and acceptance of it. Experiment 2, however, manipulated subjects' L1 written production – which carries some particularities that cannot be overlooked.

First, the task did not demand great efforts from subjects' processing systems and working memory: they had a time limit of 40 minutes, of which an average of 14 was used. Thus, subjects were able to spend as much or as little time as they felt necessary depending on the ease of describing each of the images. Second, the written mode tends to favor the standard variant of the language, as it allows speakers to retract any deviations commonly regarded as “mistakes”. The possibility to plan and edit the descriptions allowed subjects to restructure them and, consequently, potentially mask their first choice of construction. The expressive use of the passive by both bilinguals and monolinguals may reflect the tendency of the construction to occur more frequently in written than in oral BP. In fact, the corpus analysis conducted by Duarte (1990) showed that the passive represents 4.7% of finite verb forms in written language, whereas Guimarães and Souza (2016) reported passives to represent 0.8% of finite verb forms in oral language. The written task has

also affected the study conducted by Maia and Cunha Lima (2014). The authors failed to observe tendencies in spoken language reflected on written tasks: in their study of coreference in BP, their initial experimental items showed subject pronouns in object position, which, while more frequent than the grammatically prescribed clitics in oral BP, increased reaction times and caused noise in their data for being exhibited in written form. Their solution was to modify experimental items to conform to standard BP. In this study, the experimental items remained similar in nature, but the answer type changed from written to oral, resulting in Experiment 3.

5 Experiment 3 – Oral Image Description

The change in the form of delivery in Experiment 3 intended to eliminate recanting or editing of any kind: we aimed for speakers' first and rawest expressions of the event apprehended. Although there were minor changes in the procedures (as detailed below), the task was essentially the same: describing the events depicted in the images. Our predictions included the ones listed in Experiment 2, with an addition of a prediction based on RT data. Not only do we expect more passives to be produced by bilinguals and in descriptions of images presenting the patient on the left, but we also predict speakers will show higher response times when using the passive construction to describe images whose patient is on the right, possibly modulated by linguistic profile.

This interaction between response times and patient position stems from the aforementioned preference for subjects to direct first gaze to the upper left corner of the display (BERENDS; BROUWER; SPRENGER, 2015); thus, passive descriptions whose patient is located on the right would imply that the subject apprehended the first participant (the agent), overlooked it and moved on to the second (the patient). It is important to clarify that the expected delay for this trial configuration does not entail that the passive is costlier to process for being a byproduct of transformational processes (CHOMSKY, 1965). We follow the notion that the passive is an independent construction that represents the speaker's focus on the patient subject upon event apprehension (ELLIS, 2005; GOLDBERG, 2006; TANNENBAUM; WILLIAMS, 1968).

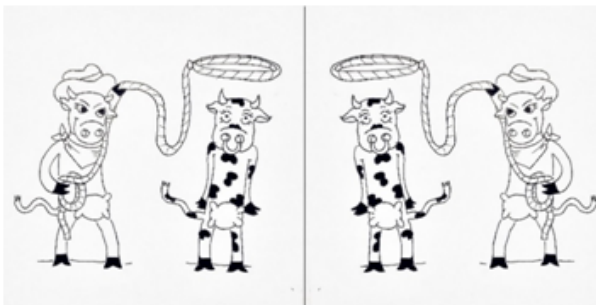
Participants

There were 24 participants in this experiment, aged between 18 and 30 years, forming two groups of 12 according to their linguistic profile: bilingual or monolingual. The criteria for recruitment and linguistic classification were the same as those of Experiment 1.

Materials

Stimuli consisted of 24 images depicting transitive events and their mirrored counterparts. The items were divided into two lists so that subjects were exposed to all the events only once, and each list presented an equal number of images with the patient on the left and on the right side. These 24 images were drawn by an illustrator according to the following guidelines: images should present animate (or personified) participants, clear black lines on a white background, and easily recognizable scenes, without any text on them. The events depicted were associated with the transitive readings of the verbs *arrest*, *bite*, *carry*, *chase*, *dress*, *dry*, *fan*, *film*, *fire*, *help*, *hold*, *kick*, *kidnap*, *kiss*, *lick*, *mug*, *noose*, *paint*, *pinch*, *pull*, *push*, *spy on*,¹⁷ *stab*, and *wake*. The list of verbs included the most successfully identified ones from Experiment 2, as well as new instrumental verbs that we expected would be easily represented in drawing. Figure 3 shows the image used for the verb *noose* and its mirrored version:

FIGURE 3 – Image used to depict the event “noose”



Source: Produced by the author

¹⁷ The verb “spy on” maps onto the single-word verb “espiar” in BP.

Procedures

Stimuli were presented using PsychoPy (PEIRCE *et al.*, 2019); the screen showed the image against a white background, without any text. Before the beginning of the task, subjects were instructed to describe the images shown as if they were answering the question “What’s happening?” with the first expression that came to mind. In the task, they were encouraged to start speaking as soon as the image appeared and to include as many details as they could in their descriptions. After they finished, they pressed a button on the computer keyboard and a new image was shown. The images changed automatically if the subjects did not press the button within 6 seconds.

Results

Items were validated following the same requirements as in Experiment 2: the correspondence between the event depicted in the image and the verb used in its description and descriptions expressing transitive events in at least 50% of the items. Additionally, descriptions whose audio files were corrupted or incomplete (precluding us from identifying the subject’s choice of construction) were also eliminated. All descriptions of images related to the verbs *dry*, *fire*, *pull*, *hold*, *push*, *stab*, and *wake* were eliminated because more than 50% of them failed to reference the event intended; all the descriptions of the image depicting the verb *chase* were eliminated because more than 50% of them failed to express a transitive event. Thus, out of the 24 initial experimental images, descriptions of only 16 were included – the ones that referred to the verbs *arrest*, *bite*, *carry*, *dress*, *fan*, *film*, *help*, *kidnap*, *kiss*, *lick*, *mug*, *noose*, *paint*, *pinch*, and *spy on*. Descriptions of each of these items reported the event intended in more than 50% of the times, although, as in Experiment 2, some of the descriptions included semantically and syntactically equivalent lexical items such as “espiair” and “observer”, for the item *spy on*, and “vestir” and “trocar”, for the item *dress*, for example.

The descriptions were classified as “active”, “passive”, or “other” following the same parameters as in Experiment 2. Descriptions under the label of “other” included reflexives, intransitives, structures with prepositional complements, and noun phrases without participial phrases. Overall, subjects produced 382 descriptions. Table 5 shows the distribution of types of descriptions by bilinguals and monolinguals:

TABLE 5 – Types of oral descriptions by linguistic profile

Description	Bilinguals	Monolinguals	Total
passive	21	6	27
active	154	129	283
other	16	56	72
Total	191	191	382

Source: Produced by the author

After removing the invalid data points, we were left with a total of 310 descriptions, categorized as “passive” or “active” following the criteria described in Experiment 2. Bilinguals produced a total of 175 descriptions (154 actives and 21 passives), while monolinguals produced a total of 135 descriptions (129 actives and 6 passives). Table 6 presents the number of descriptions in the active and in the passive provided by bilinguals and monolinguals according to the position of the patient in the image:

TABLE 6 – Oral descriptions per profile and patient position

Construction	Bilinguals		Monolinguals		Total
	left	right	left	right	
passive	9	12	2	4	27
active	78	76	61	68	283
Total	87	88	63	72	310

Source: produced by the author

Choice of structure

We ran the same four tests of independence as in Experiment 2. First, we examined whether position of the patient in the image had an association with the overall choice of construction. The chi-square test indicated no such association ($\chi^2 = 0.3976$, $df = 1$, $p = .5283$). Similar results were found when examining this association within the linguistic profiles, with inexpressive results among both bilinguals ($\chi^2 = 0.1915$, $df = 1$, $p = .6619$) and monolinguals ($\chi^2 = 0.0631$, $df = 1$, $p = .8017$). We did, however, find a significant association between linguistic profile and choice of structure ($\chi^2 = 4.5626$, $df = 1$, $p = .0327$), indicating that bilinguals produced significantly more passives than did monolinguals.

Response times

The response times in this experiment referred to the time between stimulus presentation and speech onset. The audio files were analyzed using the software Audacity (AUDACITY TEAM, 2019), which provided the time stamp of the speech onsets in milliseconds. Table 7 presents the means, standard deviations and medians of the RTs in Experiment 3:

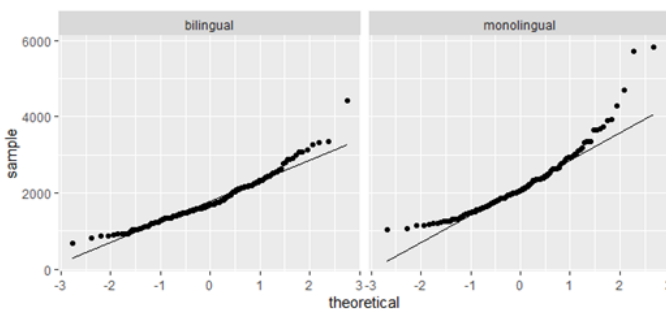
TABLE 7 – Description RTs of bilinguals and monolinguals in ms

Description	Bilinguals			Monolinguals		
	mean	sd	median	mean	sd	median
passive	1656	476	1531	2270	563	2102
active	1814	594	1719	2233	851	2054

Source: produced by the author

The distribution of the RTs for speech onset are shown in Figure 4:

FIGURE 4 – Distribution of description RTs



Source: produced by the author

The RT data was fitted using an LMER model (KUZNETSOVA; BROCKHOFF; CHRISTENSEN, 2017) including subjects and items as random effects, as well as fixed effects of linguistic profile (bilingual or monolingual), construction choice (active or passive) and patient position (left or right). The dependent variable was the response times of the speech onsets. A nested models comparison showed no effect of construction choice ($\chi^2 = -46.2, p = .7478$) or patient position ($\chi^2 = -86.35, p = .1680$). We did, however, find an effect of linguistic profile ($\chi^2 = 457.58, p = .0238$), indicating that monolinguals presented

overall longer times than bilinguals to start their descriptions, regardless of the construction they chose or the position of the patient in the image.

Written vs. oral tasks

Comparing the production from the written task in Experiment 2 and the oral task in Experiment 3, we observed no difference in the production of passive constructions by bilinguals ($\chi^2 = 2.3749$, $df = 1$, $p = .1233$), but there was a significant decrease in the number of passives produced by monolinguals in the oral task ($\chi^2 = 20.85$, $df = 1$, $p = 4.967e^{-06}$). Finally, the oral task in Experiment 3 presented significantly fewer passive descriptions overall in relation to the written task ($\chi^2 = 18.298$, $df = 1$, $p = 1.889e^{-05}$).

Discussion

The relation between the number of active and passive descriptions observed in the tasks in experiments 2 and 3 is aligned with what has been described in the literature: the passive construction is widely disfavored in relation to the active, and its occurrence requires additional (possibly pragmatic) motivation (GLEITMAN *et al.*, 2007; GOLDBERG, 2006; GUIMARÃES; SOUZA, 2016). Experiment 3 was based on an oral task as an attempt to neutralize effects of writing on speakers' descriptions observed in Experiment 2. In fact, results from Experiment 3 were different: bilinguals produced significantly more passives than did monolinguals, indicating that bilingualism was the main effect on choice of construction. However, the results from Experiment 3 should not be interpreted solely as a reflection of a solution for a methodological impairment or as a way to uncover the bilingualism effects under investigation in this study. The very fact that the results from experiment 2 and 3 differed is informative concerning the peculiarities of written and oral production.

Writing and speaking, though not dichotomic aspects of language production (MARCUSCHI, 2001), present fairly different features. Olson (2014) argues that the written mode provides potential for the occurrence of linguistic expressions that may be rare or even not at all present in speaking because of the differences in the circumstances of production: while speaking takes place in real-time mode, writing allows for careful planning, revision, and editing. Writing, thus, "takes language offline"

and, consequently, increases potential for language complexity – highly restricted in speaking (BIBER, 2009; OLSON, 2014). Based on an analysis of corpora of spoken and written texts, Biber (2009) observed that the range of typical linguistic characteristics of speaking is highly constrained in comparison to that of writing, since spoken registers share production circumstances – speech consists largely of unplanned,¹⁸ real-time interactions. According to the author, conversations are linguistically much more similar to classroom teaching than written fiction is to academic papers, for instance.

Normative grammar restrictions are also more present in writing than speaking, so much so that psycholinguistic experiments are constantly adapting to circumvent this issue to be able to extract reliable data from tasks involving writing (e.g. MAIA; CUNHA LIMA (2014), discussed before). A clear example of such attempt is the change from “grammaticality judgments” to “acceptability judgments” to try to prevent subjects’ judgments from being influenced by metalinguistic knowledge or normative grammar (BAUER, 2014; LANGSFORD *et al.*, 2019). Ideally, the shift to the term “acceptability” should prompt judgments based on linguistic experience rather than explicit knowledge.

These features of written language are acquired and developed with literacy (OLSON, 2014) and, with these peculiarities in mind, the different levels of productions of the passive construction by monolinguals are understood to reflect the writing mode. The higher number of passives produced by monolinguals in Experiment 2 is attributed to the affordances of the writing mode, which eliminated time constraints on language production as subjects used an average of 14 of the 40 minutes allotted to the task) and provided the possibility of editing their descriptions. Speaking, on the other hand, imposed time constraints inherent to the mode and forced monolinguals to rely on more easily retrievable representations (ELLIS, 2002).

An interesting occurrence took place in descriptions in both the written and the oral tasks: some verbs presented clear passive biases. The results from the sentence elicitation tasks indicate that patient location did not motivate subjects to produce descriptions using the passive, as it showed no effects on the choice of structure in either experiments 2

¹⁸ Less so in scripted speech (e.g. news broadcast), which presents characteristics of written texts.

or 3, or on the response times in the oral task. Furthermore, there is no evidence to posit a purely semantic motivation (or restriction) to the occurrence of verbs in the passive construction. Indeed, Ciriaco (2011) performed an analysis of the passive in BP which concluded that the only restriction for transitive verbs to be passivized is a compatibility with the construction's meaning of directed eventuality; that is, the unidirectional action, causation, process or state of experience expressed by the verb is inverted to fit the subject-goal in the passive construction (p. 182-183).

We therefore posit that at least some of the experimental verbs may be stored via chunking, i.e. a representational process in which co-occurring low-level features can be associated and consequently referred to as a single entity (ELLIS, 2005, p. 76). Table 8 shows the frequency of descriptions in the passive given the verb in Experiment 2:

TABLE 8 – Frequency of passive occurrence per verb (exp. 2)

Verb	Passive Frequency	Verb	Passive Frequency
arrest	0.35	kick	0.3
baptize	0.8	kidnap	0.26
bite	0	kiss	0
breastfeed	0.04	lick	0
catch	0	lift	0.13
feed	0.16	measure	0
film	0.16	mug	0.41
fire	0.7	put make-up on	0.24
help	0.11	strangle	0.1
hug	0.11	weigh	0.13

Source: produced by the author

The biases that first led us to conjecture chunking were the descriptions presenting the verbs “baptize” and “fire”, used in the passive 80% and 70% of the times, respectively. The substantially higher frequency of the passive given these verbs¹⁹ in a task where the

¹⁹ More than two standard deviations over the mean ($m = 0.2$, $sd = 0.2245$).

only manipulation (patient location) has proven ineffective supports the hypothesis that the chunks may have been activated, rather than the verb alone. However, the observation of a tendency for these verbs to occur more frequently in the passive than in the active construction in the written task is not enough to provide evidence of chunking. Given the planning and editing possibilities of this mode, this phenomenon could simply reflect the tendency of written language to present more passives than speech.

Let us then turn to the frequency of descriptions in the passive given the verb in Experiment 3. Table 9 shows the relative frequency of the construction for each of the experimental verbs, detailed by linguistic profile:

TABLE 9 – Frequency of passive occurrence per verb (exp. 3)

Verb	Bilinguals	Monolinguals
arrest	0.17	0.18
bite	0	0
carry	0.09	0.06
dress	0.1	0.05
fan	0.17	0.09
film	0.33	0.19
help	0	0.04
kick	0.08	0.1
kidnap	0.25	0.15
kiss	0.09	0.05
lick	0	0
mug	0.18	0.21
noose	0.09	0.05
paint	0.09	0.06
pinch	0.1	0.06
spy on	0.1	0.06

Source: Produced by the author

Only the verb “film” occurred in the passive with higher frequency than the overall tendency in bilinguals’ descriptions

($m = 0.12$, $sd = 0.089$). In monolinguals' descriptions, only the verb "mug" showed such tendency ($m = 0.08$, $sd = 0.065$). We understand that the decrease in the standard deviation in this sample, compared to that of the written task, reflects the impossibility of reanalysis imposed by the oral modality of the task. Although there have been hesitations (false starts) and reformulations in the oral descriptions (usually indicated by words such as "no" or "wait"), only the first choice of argument structure was considered for analysis. Further investigation is required to explore the question raised concerning chunked representations in L1 BP speakers.

Finally, our predictions about the response times did not find support in the data: descriptions presenting the passive construction did not result in higher RTs. In fact, there were no effects of either construction type, patient position, or the interaction between these factors in either bilinguals' or monolinguals' responses. The only significant difference was between bilinguals' and monolinguals' overall response times, with bilinguals starting their descriptions earlier than monolinguals. Although bilinguals have been observed to show lower response times in the literature in tasks demanding cognitive control (BIALYSTOK; CRAIK; LUK, 2012), they show higher RTs than monolinguals in production tasks, such as the one in Experiment 3, as a consequence of competition from L2 possibilities (KROLL; GOLLAM, 2014). A possible explanation to these contradicting results would be to attribute bilinguals' faster performance not to bilingualism effects per se, but to the socioeconomic status attributed to second language learning possibilities, which, in turn, correlates with better cognitive development (PETRILL *et al.*, 2004; WEISSHEIMER; FUJII; SOUZA, 2019). This, however, is a conjecture that needs further investigation.

6 General Discussion

This study investigated the relation between bilingualism and the behavior of the L1 BP speaker towards the passive construction. We departed from the representational sharing between a bilingual's languages, evidenced in many studies comprehending different language pairs, linguistic aspects and bilingualism types. More specifically, we intended to examine whether the distributional properties of the passive in L2 English, as reported by Guimarães and Souza (2016), affect its processing in L1 BP.

The results from our experiments allow us to make inferences concerning both comprehension and production aspects of the passive construction. From the acceptability judgment task, we can conclude that the passive construction is well established among BP speakers. Its acceptance levels among bilinguals and monolinguals showed that the passive is considered as acceptable as the active and significantly more so than the unlicensed descriptive with agent indication – with which the passive shares a morphosyntactic structure in L2 English. Additionally, the acceptance levels of the passive were statistically similar between bilinguals and monolinguals, as well as their judgments' RT. The similarity between the performances of the two groups in the task leads us to believe that the construction poses no processing difficulties for speakers of L1 BP. Thus, we argue that the acceptability judgment task could not possibly provide data on bilingualism effects because the apparent ease of comprehension and high levels of acceptance of the passive construction reflect the status of the construction in BP itself.

Experiment 2 was designed to shift the type of response from speakers from comprehension to production. We believe that the apparent absence of bilingualism effects was caused by the increased production of passives by monolinguals due to the affordances of the written mode. We argued in the discussion above that the features of written language – mainly the possibility of planning and editing – did not allow us to observe speakers' immediate expressions of the events apprehended. Therefore, their final responses were susceptible to revision and adjustment to the standard variant of BP and could not be trusted to reflect their first choices of descriptions. Experiment 2 further contributed to this research in that it also served as a pre-test to Experiment 3. We were able to observe what aspects of the images yielded relevant data, and which events were more accurately interpreted by the subjects.

Experiment 3 eliminated the aspect of the task we believed to be fogging our observations: as subjects provided oral descriptions, their responses were more spontaneous and reflected more accurately both the availability of their linguistic representations and the different productivity levels of the construction in English and BP. We were able to attest that the patient position in the image did not have an effect on subjects' choice of structure for the descriptions, suggesting that speakers did not necessarily choose the construction based on the salience of the participant – as proposed by (GRIFFIN; BOCK, 2000). Note that the

manipulation of patient location was based on the assumption that a language's reading patterns (left-to-right, in the case of BP) influence subjects' tendencies of interpreting the visual world; indeed, this was the motivation to include this experimental control in the tasks. Only data from an eye-tracking experiment can base any conclusions regarding language production being word- or structure-driven (BOCK; FERREIRA, 2014; GLEITMAN *et al.*, 2007; KUCHINSKY; BOCK; IRWIN, 2011).

The results from Experiment 3 suggest that bilingualism did influence choice of construction: bilinguals produced a significantly higher number of descriptions using the passive than did monolinguals. The main hypothesis of this study is that frequency distributions from the L2 cause adjustment to the frequency distributions of the linguistic system of the high-proficiency bilingual as a whole, not only for L2 processing. As the manipulation of patient location did not influence the production in either of the sentence elicitation tasks, the descriptions collected show that passive production is closely related to register and, ultimately, bilingualism. BP monolinguals hardly employed the passive in their oral descriptions (only in 0.04% of them), and the results from the acceptability judgment rules out the explanation of the construction's higher processing costs. Bilinguals, on the other hand, employed the construction in their written and oral descriptions at a statistically similar level in both tasks. Overall, 9.5% of descriptions by the subjects in Experiment 3 presented the passive construction, in line with the rate of 8% observed in C-Oral-Brasil I (GUIMARÃES; SOUZA, 2016; RASO; MELLO, 2012) and the rate of 10.5% observed in a similar production task (TEIXEIRA, 2016).

The model of bilingual sentence production proposed by Hartsuiker *et al.* (2004) and complemented by Bernolet *et al.* (2013) claims that lemma representations are available for both languages, more strongly so in high-proficiency bilinguals. We therefore interpret the results from Experiment 3 as a reflection of the strengthening of the combinatorial nodes of the passive representation in the bilingual's mind as a result of accumulated episodes of L2 processing. As the L1 BP speaker is increasingly exposed to the frequency distributions of the passive in L2, its node is more frequently activated than in the absence of the L2, resulting in the increase in the availability of the representation and, therefore, the increase in frequency of use.

Usage-based theories of language acquisition and processing such as the Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; GOLDBERG; SUTTLE, 2010) and bilingual shared representations adopted in this study understand that language is shaped at each and every instance of use. Our results provide support to these accounts, having shown that high-proficiency bilinguals' processing of the passive construction is altered by their L2 experience without any of the facilitators the tasks provided, and in an entirely monolingual environment. In fact, the only occasion when the subjects were exposed to English was in the levelling test; all the other instances of interaction during data collection took place in BP.

This study contributes to the literature of psycholinguistics of bilingualism by providing evidence in favor of representational sharing and frequency-based accounts of language acquisition. It remains to be seen whether these results would be encountered in attention manipulation tasks or in the visual world paradigm (e.g. GLEITMAN *et al.*, 2007) for BP, which would shed light on matters of pre-syntactic processes and, ultimately, on the relation between mechanisms of L1 and L2 processing and acquisition.

Although we recognize the contribution to the theory, as in most bilingualism studies, we exert caution in terms of the generalizability of these results; specifically, concerning the number of subjects analyzed and the availability of verbs easily recognizable in images, and, generally, concerning the known differences in bilingualism effects involving types of constructions, bilingual profiles, task types, and linguistic pairs (HARTSUIKER; PICKERING; VELTKAMP, 2004). The choice of the passive construction to investigate bilingualism effects in speakers of L1 BP and L2 English was especially informative due to the morphosyntactic identity of the construction in the two languages. Indeed, the feature that is believed to have caused the difference in passive productivity between bilinguals and monolinguals is its L2 frequency distribution. Future directions lead us to investigate cross-linguistic influences of typologically distinct languages on L1 BP, as well as the addition of attention manipulation to the production experiments to compare results available from other language pairs.

References

AUDACITY TEAM. *Audacity* ®: *Free Audio Editor and Recorder* (Version 2.3.3) [Computer software], 2019. Available at: <https://audacityteam.org/>. Accessed on: March 14th, 2019.

BAUER, L. Grammaticality, Acceptability, Possible Words and Large Corpora. *Morphology*, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 83-103, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11525-014-9234-z>

BENTIN, S.; MCCARTHY, G.; WOOD, C. C. Event-Related Potentials, Lexical Decision and Semantic Priming. *Electroencephalography and Clinical Neurophysiology*, [S.l.], v. 60, n. 4, p. 343-355, 1985. DOI: [https://doi.org/10.1016/0013-4694\(85\)90008-2](https://doi.org/10.1016/0013-4694(85)90008-2)

BERENDS, S. M.; BROUWER, S. M.; SPRENGER, S. A. Eye-Tracking and the Visual World Paradigm. In: MACWHINNEY, B.; O'GRADY, W. (org.). *The Handbook of Language Emergence*. Malden: Wiley-Blackwell, 2015. p. 81-99. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-11529-0_5

BERNOLET, S.; HARTSUIKER, R. J.; PICKERING, M. J. From Language-Specific to Shared Syntactic Representations: The Influence of Second Language Proficiency on Syntactic Sharing in Bilinguals. *Cognition*, [S.l.], v. 127, n. 3, p. 287-306, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2013.02.005>

BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. I. M.; LUK, G. Bilingualism: Consequences for Mind and Brain. *Trends in Cognitive Sciences*, Cambridge, v. 16, n. 4, p. 240-250, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2012.03.001>

BIBER, D. Are There Linguistic Consequences of Literacy? Comparing the Potentials of Language Use in Speaking and Writing. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (org.). *The Cambridge Handbook of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 75-91. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511609664.006>

BOCK, K. Syntactic Persistence in Language Production. *Cognitive Psychology*, [S.l.], v. 18, p. 355-387, 1986. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(86\)90004-6](https://doi.org/10.1016/0010-0285(86)90004-6)

BOCK, K.; DELL, G. S.; CHANG, F.; ONISHI, K. H. Persistent Structural Priming from Language Comprehension to Language Production. *Cognition*, [S.l.], v. 104, n. 3, p. 437-458, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2006.07.003>

BOCK, K.; FERREIRA, V. S. Syntactically Speaking. In: GODRICK, M.; FERREIRA, V. S.; MIOZZO, M. (org.). *The Oxford Handbook of Language Production*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 21-46.

BOCK, K.; GRIFFIN, Z. M. The Persistence of Structural Priming: Transient Activation or Implicit Learning? *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, DC, v. 129, n. 2, p. 177-192, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1037/0096-3445.129.2.177>

CHRISTENSEN, R. H. B. *Ordinal --- Regression Models for Ordinal Data*. R package version 2019.12-10. Available at: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>. Accessed on: May 7th, 2019.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1965. DOI: <https://doi.org/10.21236/AD0616323>

CIRÍACO, L. S. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. 226 f. Dissertation (Doctorat) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CYRINO, S. M. L. Construções com se e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 85-116, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v6i2.52625>

DEWART, M. H. The Role of Animate and Inanimate Nouns in Determining Sentence Voice. *British Journal of Psychology*, [S.l.], v. 70, n. 1, p. 135-141, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.2044-8295.1979.tb02151.x>

DUARTE, Y. As passivas do português e do inglês: uma análise funcional. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 139-167, 1990.

DU BOIS, J. W.; CHAFE, W. L.; MEYER, C.; THOMPSON, S. A.; ENGLEBRETSON, R.; MARTEY, N. *Santa Barbara Corpus of Spoken American English, Parts 1-4*. Philadelphia: Linguistic Data Consortium, 2000-2005.

DUSSIAS, P. E.; SAGARRA, N. The Effect of Exposure on Syntactic Parsing in Spanish – English Bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 101-116, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1366728906002847>

ELLIS, N. C. Constructions, Chunking, and Connectionism: The Emergence of Second Language Structure. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (org.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell Publishing, 2005. p. 63-103. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470756492.ch4>

ELLIS, N. C. Frequency Effects in Language Processing: A Review with Implications for Theories of Implicit and Explicit Language Acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, Cambridge, v. 24, n. 2, p. 143-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0272263102002024>

GABRIEL, R. *A aquisição das construções passivas em português e inglês: um estudo translingüístico*. 2001. 209 f. Dissertation (Doctorat) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2001.

GLEITMAN, L. R. *et al.* On the Give and Take Between Event Apprehension and Utterance Formulation. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 57, n. 4, p. 544-569, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jml.2007.01.007>

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E.; SUTTLE, L. Construction Grammar. *WIREs Cognitive Science*, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 468-477, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1002/wcs.22>

GRIFFIN, Z. M.; BOCK, K. What the Eyes Say About Speaking. *Psychological Science*, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 274-279, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00255>

GROSJEAN, F. Neurolinguists, Beware! The Bilingual Is Not Two Monolinguals in One Person. *Brain and Language*, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989. DOI: [https://doi.org/10.1016/0093-934X\(89\)90048-5](https://doi.org/10.1016/0093-934X(89)90048-5)

GUIMARÃES, M. P. *A análise da influência translinguística entre o PB e o inglês através da construção passiva*. 2016. 79f. Thesis (Master) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GUIMARÃES, M. P.; SOUZA, R. A. Divergências entre a construção passiva no português brasileiro e no inglês: evidências de corpus oral. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 262, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p262>

HARTSUIKER, R. J.; PICKERING, M. J.; VELTKAMP, E. Is Syntax Separate or Shared Between Languages? Cross-Linguistic Syntactic Priming in Spanish-English Bilinguals. *Psychological Science*, [S.l.], v. 15, n. 6, p. 409-414, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00693.x>

JAEGER, T. F. Categorical Data Analysis: Away from ANOVAs (Transformation or Not) and Towards Logit Mixed Models. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 59, n. 4, p. 434-446, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jml.2007.11.007>

JAEGER, T. F.; SNIDER, N. Implicit Learning and Syntactic Persistence: Surprisal and Cumulativity. *University of Rochester Working Papers in the Language Sciences*. Rochester, NY, v. 3, n. 1, p. 26-44, 2007.

JAEGER, T. F.; SNIDER, N. Alignment as a Consequence of Expectation Adaptation: Syntactic Priming is Affected by the Prime's Prediction Error Given Both Prior and Recent Experience. *Cognition*, [S.l.], v. 127, p. 57-83, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2012.10.013>

KIM, J.; DAVIS, C. Task Effects in Masked Cross-Script Translation and Phonological Priming. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 49, n. 4, p. 484-499, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0749-596X\(03\)00093-7](https://doi.org/10.1016/S0749-596X(03)00093-7)

KROLL, J. F.; GOLLAN, T. H. Speech Planning in Two Languages: What Bilinguals Tell Us about Language Production. In: GOLDRICK, M.; FERREIRA, V. S.; MIOZZO, M. (org.). *The Oxford Handbook of Language Production*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 165-181.

KUCHINSKY, S. E.; BOCK, K.; IRWIN, D. E. Reversing the Hands of Time: Changing the Mapping From Seeing to Saying. *Journal of*

Experimental Psychology: Learning Memory and Cognition, Washington, DC, v. 37, n. 3, p. 748-756, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0022637>

KUZNETSOVA, A.; BROCKHOFF, P. B.; CHRISTENSEN, R. H. B. lmerTest Package: Tests in Linear Mixed Effects Models. *Journal of Statistical Software*, Insbruck, Austria, v. 82, n. 13, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18637/jss.v082.i13>

LANGSFORD, S. *et al.* In Search of the Factors Behind Naive Sentence Judgments: A State Trace Analysis of Grammaticality and Acceptability Ratings. *Frontiers in Psychology*, Brussels, Belgium, v. 10, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02886>

MACDONALD, M. C. The Emergence of Language Comprehension. In: MACWHINNEY, B.; O'GRADY, W. (org.). *The Handbook of Language Emergence*. Malden: Wiley-Blackwell, 2015. p. 81-99. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118346136.ch3>

MAIA, J. D. C.; CUNHA LIMA, M. L. Referenciação e técnicas experimentais: aspectos metodológicos na investigação do processamento correferencial em português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 67-93, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.67-93>

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

MCELREE, B.; JIA, G.; LITVAK, A. The Time Course of Conceptual Processing in Three Bilingual Populations. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 42, n. 2, p. 229-254, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1006/jmla.1999.2677>

NATION, I. P. *Teaching and Learning Vocabulary*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

OLSON, D. R. Writing Systems, Language Production, and Modes of Rationality. In: GOLDRICK, M.; FERREIRA, V. S.; MIOZZO, M. (org.). *The Oxford Handbook of Language Production*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 329-337.

PEIRCE, J. *et al.* PsychoPy2: Experiments in Behavior Made Easy. *Behavior Research Methods*, [S.l.], v. 51, n. 1, p. 195-203, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13428-018-01193-y>

PETRILL, S. A. *et al.* Chaos in the Home and Socioeconomic Status Are Associated with Cognitive Development in Early Childhood: Environmental Mediators Identified in a Genetic Design. *Intelligence*, [S.l.], v. 32, n. 5, p. 445-460, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.intell.2004.06.010>

PICKERING, M. J.; BRANIGAN, H. P. The Representation of Verbs: Evidence from Syntactic Priming in Language Production. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 633-651, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1006/jmla.1998.2592>

RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*. Vienna, Austria, 2017. Available at: <https://www.R-project.org/>. Accessed on March 8th, 2018.

REES, A.; BOTT, L.; SCHUMACHER, P. B. Event-Related Potentials in Pragmatic Priming. *Neuroscience Letters*, [S.l.], v. 712, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neulet.2019.134435>

SOARES-SILVA, J. *Exploring a Vocabulary Test and a Judgment Task as Diagnoses of Early and Late Bilinguals' L2 Proficiency*. 2016. 145f. Dissertation (Doctorat) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUZA, R. A.; OLIVEIRA, C. S. The Learnability of the Resultative Construction in English L2: A Comparative Study of Two Forms of the Acceptability Judgment Task. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 375-410, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v13i2.39624>

SOUZA, R. A.; OLIVEIRA, C. S.; GUIMARÃES, M. P.; ALMEIDA, L. Efeitos do bilinguismo sobre a L1: evidências em julgamentos de aceitabilidade e no processamento online de bilíngues em imersão na L2 ou não. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 193-212, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v13i2.39624>

SOUZA, R. A.; OLIVEIRA, C. S.; SOARES-SILVA, J.; PENZIN, A.; SANTOS, A. A. Estudo sobre um parâmetro de tarefa e um parâmetro

amostral para experimentos com julgamentos de aceitabilidade temporalizados. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 211-244, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.23.1.211-244>

SPÄTGENS, T.; SCHOONEN, R. Individual Differences in Reading Comprehension in Monolingual and Bilingual Children: The Influence of Semantic Priming During Sentence Reading. *Learning and Individual Differences*, [S.l.], v. 76, p. 1-42, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2019.101777>

TANNENBAUM, P. H.; WILLIAMS, F. Generation of Active and Passive Sentences as a Function of Subject or Object Focus. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 246-250, 1968. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(68\)80197-5](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(68)80197-5)

TEIXEIRA, M. T. *O efeito de priming sintático no processamento de sentenças ativas e passivas do Português Brasileiro*. 2016. 142f. Thesis (Master) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ULLMAN, M. T. Contributions of Memory Circuits to Language: The Declarative/Procedural Model. *Cognition*, [S.l.], v. 92, n. 1-2, p. 231-270, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2003.10.008>

VALADARES, M. *Padrões emergentes de dominância linguística em português e inglês: O impacto de práticas socioculturais de letramento (digital) na amplitude lexical de brasileiros falantes de língua inglesa como L2*. 2017. 148f. Dissertation (Doctorat) –Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VAN HELL, J. G.; DIJKSTRA, T. Foreign Language Knowledge Can Influence Native Language Performance in Exclusively Native Contexts. *Psychonomic Bulletin & Review*, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 780-789, 2002. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03196335>

WEISSHEIMER, J.; FUJII, R. C.; SOUZA, J. G. M. The Effects of Cognitive Training on Executive Functions and Reading in Typically Developing Children with Varied Socioeconomic Status in Brazil. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, n. 3, p. 85-100, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p85>

APPENDIX – Sentences for acceptability judgment task

Passive target sentences

1. Algumas perguntas foram feitas ao palestrante.
2. O vestido de noiva nunca mais foi usado.
3. As fantasias foram colocadas no porão.
4. A cidade foi construída sobre ruínas.
5. O adolescente foi preso por transportar drogas.
6. Muita informação foi gerada nas palestras.
7. O cabo foi promovido a soldado em abril.
8. Picasso foi considerado um grande pintor.
9. Tudo foi produzido na casa da fazenda.
10. A conversa entre as amigas foi gravada.
11. Eu fui chamado para terminar o trabalho.
12. A missão de receber doações foi dada à igreja.
13. O competidor foi inserido na corrida.
14. O réu e o advogado foram sentados à direita.
15. O cavalo foi aposentado no último outono.
16. As pessoas foram trazidas para a diretoria.

Active target sentences

1. O menino fez as comidas da festa.
2. A mulher usou seu cartão de crédito.
3. O homem colocou os livros na mala.
4. O pássaro construiu seu próprio ninho.
5. O policial prendeu o suspeito.
6. A fala do professor gerou dúvidas.
7. O gerente promoveu seu subordinado.
8. Considero minha irmã uma mãe.
9. A empresa produz sementes de trigo.
10. A pesquisadora gravou as conversas.
11. A menina chamou o pai para almoçar.
12. A sogra deu um fogão para o casal.

13. O homem inseriu os dados no sistema.
14. A avó sentou o neto no colo.
15. Os diretores aposentaram o presidente.
16. A cozinheira trouxe o caldo de feijão.

Ungrammatical descriptive sentences with agent indication

1. O homem estava apavorado pelo seu chefe.
2. As crianças estavam empolgadas pelos palhaços.
3. O cantor está envolvido com o show pelo empresário.
4. A mulher está casada com o marido pelo padre.
5. O paciente está acordado pela enfermeira.
6. Os amigos estavam embriagados pelo garçom.
7. O rapaz estava confuso pela sua namorada.
8. O motorista estava contrariado pelo motoqueiro.
9. A menina estava isolada dos amigos pelo pai.
10. O jogador está incluído na partida pelo juiz.
11. A menina está vestida com jeans pela mãe.
12. O pai estava cansado pela filha adolescente.
13. Os refêns estavam presos pelos sequestradores.
14. Os alunos estavam perdidos pelos professores.
15. O suspeito estava morto pelos investigadores.
16. A dona de casa está maquiada pela sua amiga.

Filler sentences: ungrammatical causativization of unergative verbs

1. O cientista apareceu seu artigo anos depois.
2. O diretor falou o artista sobre o espetáculo.
3. A mulher brincou as crianças até a hora de dormir.
4. O fazendeiro caiu o pêssego da árvore.
5. O adolescente chegou seu amigo ao seu compromisso.
6. O jardineiro floriu o jardim antes do inverno.
7. O presidente renunciou o ministro depois do ocorrido.
8. O homem riu as meninas durante a festa.

Filler sentences: ungrammatical subject-verb agreement

1. O cachorro vieram para casa molhados.
2. O político voltaram a favor da nova medida.
3. O computador facilitaram os processos da empresa.
4. A secretária participaram da reunião de ontem.
5. A faxineira limparam todas as salas da escola.
6. A vendedora ofereceram seus produtos ao cliente.
7. O cientista descobriram uma nova cura para a doença.
8. A médica caminharam pelo novo hospital.

Filler ungrammatical induced movement sentences

1. O instrutor correu os meninos pelo parque.
2. A mulher andou seu pai na rua.
3. O homem nadou seu filho até o barco.
4. O treinador pulou o cavalo sobre a cerca.
5. A cientista voou seu balão pelo céu.
6. O capitão marchou a tropa para dentro da cidade.
7. A criança flutuou seus brinquedos na piscina.
8. A senhora dançou seu marido pelo salão.

Filler ungrammatical adjectival resultatives

1. O garçom arrumou a mesa e a esfregou limpa.
2. O menino pintou a unha e a soprou seca.
3. O artista cortou a madeira e a lixou lisa.
4. O bombeiro amarrou a corda e a puxou reta.
5. A artesã limpou o metal e o martelou plano.
6. O garoto conferiu a janela e a puxou fechada.
7. A frentista abriu o tanque e o abasteceu cheio.
8. O caseiro limpou a piscina e a drenou vazia.

Filler descriptive resultatives

1. O japonês fatiou o salmão e o comeu cru.
2. A velhinha perdeu o celular e o encontrou quebrado.
3. O jovem comprou a pizza e a comeu fria.
4. O atleta ensopou a camisa e a usou molhada.
5. A vizinha perdeu o cão e o encontrou morto.
6. A gata pegou o rato e o comeu vivo.
7. Rui descarregou a caixa e a trouxe vazia.
8. A moça preparou o café e o bebeu quente.

Filler adverbial resultatives

1. A jovem pintou o cabelo e o cortou curto.
2. A aluna colocou o sapato e o amarrou apertado.
3. A cozinheira pegou o queijo e o fatiou fino.
4. A cozinheira lavou a salsa e a picou fina.
5. A menina escovou o cabelo e o amarrou alto.
6. O vizinho assou a carne e a cortou grossa.
7. A criança pegou o papel e o cortou redondo.
8. O menino pegou o travesseiro e o bateu forte.



Aportes al estudio de la variación en wichi/weenhayek (mataguaya). Diferencias dialectales en el léxico

Contributing to the study of variation in Wichi/Weenhayek (Mataguayan). Dialectal differences in the lexicon

Verónica Nercesian

Consejo Nacional de Investigación Científica y Tecnológica (CONICET) y Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina

vnercesian@conicet.gov.ar

<https://orcid.org/0000-0002-5008-1748>

Mónica Amarilla

Universidad Nacional de Formosa (UNaF), Formosa / Argentina

amarillamonica794@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5949-0591>

Resumen: En este trabajo se analiza la variación dialectal en el léxico wichi/weenhayek (familia mataguaya). Se distinguen, por un lado, diferencias que son correlato de la variación en la fonología y la morfología. Las primeras tienen consecuencias en la representación fonémica o pronunciación de los ítems léxicos, y las segundas, en su configuración morfológica (palabras complejas). Por otro lado, se distinguen las diferencias que atañen exclusivamente al léxico, es decir, la alternancia de palabras para un mismo concepto según las zonas geográficas. Asimismo, se analiza el recorrido histórico de la variación de los términos que designan ‘agua’, en tanto aporta pistas para la comprensión del cambio y la difusión léxica en el territorio wichi/weenhayek. Los datos utilizados en este estudio provienen de fuentes primarias (un diccionario bilingüe de creación colectiva con participación de hablantes nativos de distintas zonas geográficas) y fuentes secundarias (gramáticas descriptivas y vocabularios). El resultado del análisis aquí presentado arroja nuevos elementos que fortalecen la división en dos complejos dialectales, pilcomayeño y bermejeño, identificados en estudios previos sobre la base de rasgos fonológicos y gramaticales, y que se especula tienen mayor tiempo de divergencia. Al mismo tiempo, abre nuevos interrogantes respecto del

comportamiento del léxico y la configuración de los complejos dialectales en relación con las redes sociales e históricas.

Palabras clave: variación dialectal; léxico; fonología; morfología; wichi/weenhayek.

Abstract: This paper analyzes the dialectal variation in the Wichi/Weenhayek language (Mataguayan). On the one hand, we distinguish differences that result from phonological and morphological variations. The phonological variation impacts on the phonemic representation or pronunciation of the lexical items, and the morphological variation impacts on the morphological configuration of the words (complex words). On the other hand, we distinguish differences that have exclusively to do with the lexicon, that is, the alternate words for the same concept distributed in different geographical areas. In addition, we analyze the historical variation of the words for ‘water’, since it gives us hints for the understanding of lexical change and diffusion through the Wichi/Weenhayek territory. The data analyzed in this study come from primary sources (a bilingual Wichi/Weenhayek-Spanish dictionary created collectively together with Wichi native speakers from different geographical areas) and from secondary sources (descriptive grammars and vocabularies). The results of this study contribute new elements to the division into two dialectal groups, Pilcomayéño and Bermejeño, identified previously on the basis of phonological and morphological features, which are speculated as having the longest time of divergence. At the same time, it opens new questions about the behavior of the lexicon and the setting of the two dialectal groups in relation to the historical and social nets.

Keywords: dialectal variation; lexicon; phonology; morphology; Wichi/Weenhayek.

Recibido el 25 de junio de 2020

Aceptado el 21 de agosto de 2020

1 Introducción

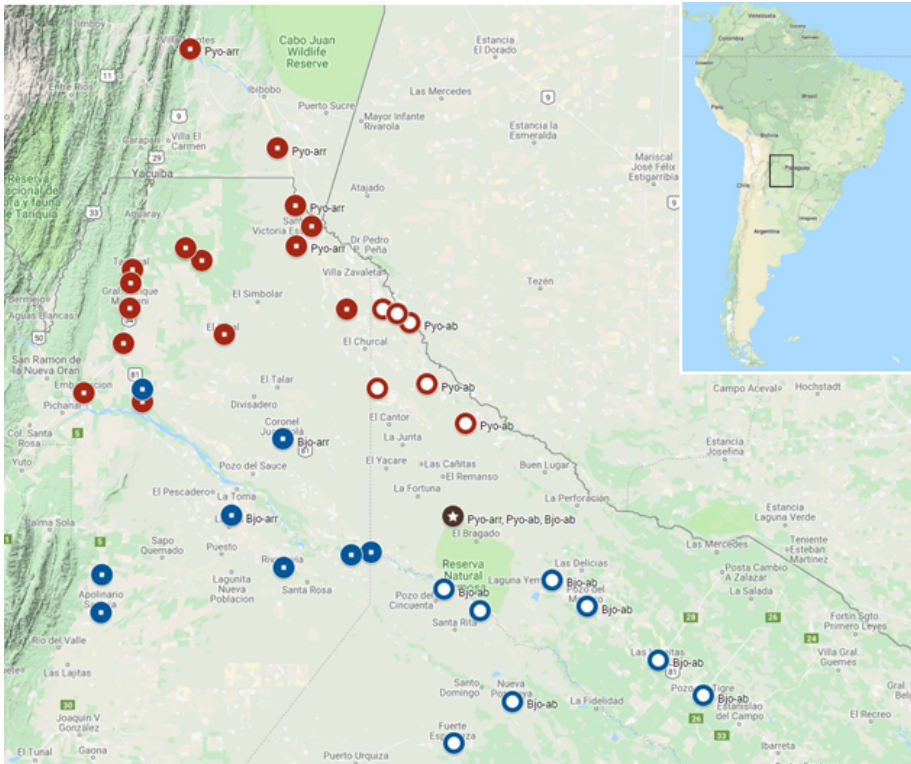
El léxico (o lexicón) es un área en la que se suelen manifestar las diferencias dialectales rápidamente, dicho de otro modo, es un área muy sensible a la variación y a la incorporación de préstamos. Por un lado, exhibe la variación que emerge en el inventario fonológico, en la morfología y en la formación de palabras, si las hubiere en la lengua; y por el otro, presenta la variación en el uso de ítems léxicos distintos, que en muchos casos no se trata de una variación en términos de presencia/ausencia de un término, sino de selección y frecuencia de uso de una variante léxica en lugar de otra. Este trabajo es una primera

aproximación al estudio de la variación dialectal en el léxico en wichi/weenhayek¹ (familia mataguaya), teniendo en cuenta estos dos aspectos mencionados. El objetivo de este trabajo es analizar los tipos de variación dialectal que se manifiestan en el léxico y con ello, aportar a los estudios dialectológicos, en tanto, hasta el momento, estos abordaron aspectos de la fonología y la morfología, pero no se había estudiado sus implicancias en el léxico, ni las variantes léxicas para un mismo concepto. Se estudiarán las diferencias dialectales relativas a la representación fonológica de un mismo ítem léxico (algunas de las cuales son correlato de diferencias en el sistema fonológico), otras relativas a la configuración morfológica de un mismo ítem léxico, y otras diferencias de selección léxica (ítems léxicos distintos para un mismo concepto). Sobre este último aspecto, se analiza, además, el recorrido histórico de la variación de la palabra que significa ‘agua’, en tanto aporta pistas para la comprensión del cambio y la difusión léxica en el territorio wichi/weenhayek.

El wichi/weenhayek pertenece a la familia mataguaya junto con el chorote, el nivaêle y el maká. El número de hablantes se estima en 29.066 en Argentina (INDEC, 2004/2005) y 4.115 en Bolivia (ORCAWETA, 2011, p. 18), alcanzando un total de aproximadamente 33.180. Además del alto número de hablantes, la transmisión intergeneracional y la adaptación de términos wichi/weenhayek para nombrar conceptos que son culturalmente nuevos, son evidencias del alto grado de vitalidad de la lengua. Geográficamente, el pueblo wichi/weenhayek habita en dos países sudamericanos, Argentina (en las provincias de Chaco, Formosa y Salta, a lo largo y entre los ríos Bermejo y Pilcomayo) y el Estado Plurinacional de Bolivia (en la margen del río Pilcomayo desde Villamontes hasta Crevaux, Departamento de Tarija). En la Figura 1 presentamos un mapa con la distribución de los grupos en el territorio de habla wichí. La localización geoespacial corresponde a los pueblos y ciudades en torno a los cuales se sitúan las comunidades.

¹ Los códigos de Glottolog para el wichi/weenhayek son: wich1264, wich1262, wich1263, berm1242.

FIGURA 1 – Distribución de variedades en torno a las principales localidades: pilcomayeño (rojo), bermejeño (azul), pilcomayeño y bermejeño (marrón)



Dada la extensión territorial de habla y la concentración de pueblos en el área del Gran Chaco, el wichi/weenhayek está en contacto con diversas lenguas originarias de la misma familia lingüística o no, además del castellano, según las zonas geográficas:

Villamontes (Tarija, Bolivia): wichi/weenhayek (mataguaya), guaraní y tapiete (tupí-guaraní), quechua (quechua), aymara (aymara)

Crevaux (Tarija, Bolivia): wichi/weenhayek (mataguaya), tapiete (tupí-guaraní), quechua (quechua), aymara (aymara)

Tartagal (Rivadavia banda norte, Salta, Argentina): wichi/weenhayek, chorote y nivaçle (mataguaya), tapiete (tupí-guaraní)

Misión La Paz (Rivadavia banda norte, Salta, Argentina): wichi/weenhayek, chorote y nivaçle (mataguaya)

Departamento de Ramón Lista (Formosa, Argentina): wichi/weenhayek y nivaçle (mataguaya), qom o tobas del oeste (guaycurú)

Las Lomitas (Patiño, Formosa, Argentina): wichi/weenhayek (mataguaya), pilagá (guaycurú)

En efecto, este es un escenario propicio para los préstamos léxicos, pero también fonológicos y gramaticales. Algunos rasgos de variación podrían ser por contacto, por ejemplo, el desarrollo de la palatalización en el bermejeño abajeño, como veremos más adelante. En cuanto a la influencia de estas lenguas en la variación dialectal del léxico, aún no hemos encontrado pruebas suficientes para afirmarlo.

Este trabajo está organizado de la siguiente manera. En la sección 2, describimos la metodología empleada para el estudio del léxico; en 3, se repasan los rasgos de variación dialectal identificados hasta el momento que definen los complejos dialectales y sus diferencias internas. La sección 4 está centrada en la variación en el léxico, en 4.1 se analizan variaciones en la representación fonémica de los lexemas, en 4.2, variaciones en la configuración morfológica de los lexemas, y en 4.3, la variación léxica, es decir, la alternancia entre términos distintos. En la sección 5, se analiza el cambio histórico de variación léxica a variación en la pronunciación de la palabra “agua”. Finalmente, en la sección 6, se presentan las conclusiones.

2 Metodología

Este estudio se realizó a partir de una base de datos léxica de confección propia para un diccionario general bilingüe wichi-español. La misma contiene un total de 3500 palabras con términos de al menos 24 campos semánticos (según HASPELMATH; TADMOR, 2009): mundo físico, parentesco, animales, cuerpo, comida y bebida, vestimenta, hogar, agricultura y vegetación, acciones básicas y tecnología, movimiento, posesión, relaciones espaciales, cantidad, tiempo, percepción, emociones y valores, cognición, lenguaje, relaciones políticas y sociales, caza, leyes, religión y creencia, mundo moderno, palabras funcionales y misceláneas. La base de datos incluye todas las clases de palabras de esta lengua: las clases mayores de sustantivos (alienables e inalienables), verbos y adverbios; y las clases menores de pronombres, partículas o proformas interrogativas, partículas ilocutivas, conjunciones, cuantificadores y

numerales. Las propiedades, atributos y estados que en otras lenguas se expresan mediante adjetivos, en wichi/weenhayek se expresan mediante una clase particular de verbos de estado. Además, incluye palabras simples y complejas (derivadas, compuestas y con incorporación nominal), entre las que también se encuentran los ideófonos. La base también contiene préstamos léxicos y palabras complejas lexicalizadas (aquellas que ya no pueden ser creadas siguiendo las reglas normales de formación de palabras; cf. Bauer (1983, p. 48)). Las formas irregulares verbales y nominales son entradas coindexadas con la entrada principal en la forma de cita de verbos y sustantivos. En cuanto a la variación dialectal, el diccionario contiene ítems de los dos complejos dialectales, pilcomayeño y bermejeño.

Este diccionario fue creado a partir de una lista nuclear de 1500 palabras, que luego fue ampliada con términos extraídos de textos semi-espontáneos y fuentes secundarias. Se incorporaron términos recogidos en otros vocabularios (BRAUNSTEIN, 2008; FRANCESCHI; DASSO, 2010; SPAGARINO; LÓPEZ; RUIZ; NERCESIAN, 2013) y en estudios etnobotánicos (ARENAS, 2003). Tanto las entradas como la traducción al español y el contenido de cada entrada léxica fueron discutidas en dos equipos de trabajo formado por cinco y cuatro hablantes nativos de wichí de distintas zonas, junto con las autoras de este trabajo, hablantes nativas de español. Además, las entradas del diccionario fueron revisadas y/o completadas por otros miembros del pueblo de comunidades de las provincias de Chaco, Formosa y Salta, Argentina. Desde un punto de vista cronolectal, participaron jóvenes, adultos y ancianos en el completado y en la revisión de la base de datos. En las diversas instancias de revisión y corrección con hablantes de distintas zonas dialectales, se estableció la adscripción de cada término al complejo dialectal. La información lexicográfica de cada entrada consiste en la traducción al español, la variedad y variante dialectal correspondiente, la clase de palabra, la información gramatical (formas verbales y nominales irregulares), el ámbito académico (botánica, zoología, apicultura, ornitología, etc), el nombre científico y la información etimológica de los préstamos léxicos.

Para el análisis de los datos en este estudio en particular, primeramente, se realizó una lista con los ítems léxicos que presentaban algún tipo de variación y se clasificaron según las siguientes categorías, siguiendo a Chambers y Trudgill (1994): *variación de pronunciación* (variación en la representación fonémica del lexema), *variación*

morfológica (variación en la morfología de la palabra compleja), *variación léxica* (ítems léxicos distintos). A partir de esta clasificación, se analizaron las particularidades de cada subconjunto de palabras en relación con los rasgos fonológicos y morfológicos de variación dialectal identificados en estudios previos. Para los casos de variación léxica, se tuvieron en cuenta los campos semánticos a los que los ítems de ese conjunto pertenecían para identificar aquellos más sensibles a la variación. Además, se comparó esta tendencia con la que se reconoció en el estudio de los préstamos léxicos de Vidal y Nercesian (2009b, 2009c). A modo de cotejo, se consultaron fuentes secundarias que permitieron complementar los datos propios. Estas son las gramáticas descriptivas de Viñas Urquiza (1974), Terraza (2009a) y Claesson (2016, 2017), y el diccionario bilingüe weenhayek-castellano de Claesson (2008).

3 Las variedades wichi/weenhayek y los rasgos de variación

Las variedades del wichi/weenhayek han sido un tema de interés hace tiempo, desde el siglo XIX al menos, y desde entonces se han dado diversas versiones respecto del panorama dialectal de la lengua sin llegar a un acuerdo. Pero las diferentes propuestas no debatieron entre sí contrastando rasgos lingüísticos que permitan defender las distintas posturas, por eso, recién con el estudio en curso empezamos a esclarecer un poco más la realidad dialectal del wichi/weenhayek (NERCESIAN 2013, 2019, en prensa a, en prensa b). Se identificó un primer conjunto de rasgos fonológicos y morfológicos a partir de los cuales se delinearon las isoglosas para cada uno, y con ello, se reconocieron dos complejos dialectales que habrían de tener mayor tiempo de divergencia: el pilcomayeño y el bermejeño. Esta denominación proviene de la distribución territorial histórica de los grupos en torno a los ríos Pilcomayo y Bermejo, respectivamente, en el Gran Chaco. No obstante, la difusión geográfica de las formas lingüísticas no es completamente homologable a la distribución de los grupos: según las variables fonológicas y morfológicas analizadas hasta el momento, los de la zona de Embarcación, provincia de Salta, forman parte del grupo que denominamos pilcomayeño, a pesar de que actualmente las comunidades se encuentren en la margen del Bermejo, río arriba. En la misma zona, sin embargo, una comunidad como El Carboncito forma parte del complejo lingüístico bermejeño. Estas son familias que fueron

trasladadas para trabajo en las actividades principalmente agrícolas, pero también de carpintería y fabricación de carbón, en la misión. Ambos complejos dialectales se configuran por un conjunto de rasgos compartidos, pero no se asumen como homogéneos. La variación que encontramos en ellos configura el continuum dialectal que comúnmente encontramos en las lenguas. Al interior de los complejos pilcomayeño y bermejeño se configuran, a su vez, subdivisiones que, siguiendo los antecedentes en el tema, denominamos ‘arribeño’ y ‘abajero’, según su ubicación geográfica en relación al curso de los ríos.

Los complejos pilcomayeño y bermejeño varían en cinco variables estructurales que, según nuestra especulación, suponen un tiempo de mayor de divergencia. Una de estas variables es la presencia/ausencia de una serie de consonantes aspiradas con valor fonémico. En el pilcomayeño, las consonantes aspiradas [p^h], [t^h], [k^h] ~ [q^h] son alófonos de los fonemas oclusivos plenos correspondientes /p/, /t/ y /k/ ~ /q/. En cambio, en el bermejeño, la serie aspirada tiene valor fonémico y contrasta con las plenas (aunque mayormente se encuentran pares cuasi mínimos, lo que indica que el proceso de fonologización no es del todo estable). En Rivadavia, Banda Sur (zona alta del río Bermejo), esta serie está experimentando un proceso de retracción y el contraste plena/aspirada puede verse neutralizado en el habla de los jóvenes (TERRAZA, 2009a, 2009b). La segunda variable de variación es la cantidad de vocales en el inventario fonológico. Mientras que el pilcomayeño presenta un contraste entre las vocales bajas central y posterior, /a/ y /ɑ/, configurando un inventario de seis /i, e, a, ɑ, o, u/, en el bermejeño, ese contraste está neutralizado y presenta un inventario de cinco vocales /i, e, a, o, u/. En este grupo dialectal, [ɑ] es un alófono de /ɑ/ que ocurre en contacto con las consonantes posteriores [q] y [χ]. En zonas del pilcomayeño, como Misión La Paz (Salta), [ɑ] es una variante de /ɑ/, y en San Andrés, Embarcación y Misión Chaqueña (Salta), /a/ y /ɑ/ se neutralizan en contacto con la consonante velar. Estas son consideradas zonas de transición. La tercera variable corresponde al plano morfológico, es el pronombre libre y prefijo pronominal sujeto de primera persona. En el grupo pilcomayeño se usan las formas *olham* ~ *'olhaam* y *o-* ~ *'oo-*, que denominaremos ‘formas en *o-*’, mientras que en el grupo bermejeño, los pronombres son *n'lhām* y *n'-*, que denominaremos ‘formas en *n'-*’. Como ocurre con los rasgos fonológicos, hay zonas de transición que presentan la coexistencia de formas en *o-* y formas en *n-*. En San Andrés

y Embarcación (Salta) y en El Palmarcito y María Cristina (Formosa), se usa el pronombre libre *olham*, pero para los pronombres ligados, se usa *o-* y *no-*, en las localidades salteñas, y *o-* y *n'-*, en las localidades formoseñas. La variable cuarta, también morfológica, consiste en el pronombre ligado que indica persona poseedora indefinida. En el complejo pilcomayeño, la forma de este pronombre es *'noo- ~ n'o-* (por ejemplo, *n'oko* 'madre de alguien'), mientras que en el grupo bermejeño, es *to-* (por ejemplo, *toku* 'madre de alguien'). Finalmente, la quinta variable de variación es el objeto pronominal en los verbos. Cuando el pronombre que expresa el objeto de la oración es de primera persona, siempre es un sufijo *-n'o* (Pyo) *~ -n'u* (Bjo); pero cuando el pronombre es de segunda persona, ese es un prefijo en el pilcomayeño y un sufijo en el bermejeño. Es decir, el bermejeño regularizó la marcación del objeto pronominal a la forma sufijante para todos los contextos.

Otras cinco variables lingüísticas definieron el subgrupo bermejeño abajeño diferenciado del arribeño y del complejo pilcomayeño, las cuales parecen haberse originado en un estadio más reciente. Una variable es la serie de consonantes nasales y semiconsonantes glotalizadas, que se registra actualmente sólo en la zona baja del río Bermejo en Formosa y Chaco, Argentina. Al igual que con las consonantes aspiradas, los pares mínimos contrastivos entre las plenas /n/, /m/, /j/, /w/ y las glotalizadas /'n/, /'m/, /'j/, /'w/ son cuasi mínimos. Las secuencias glotal-nasal/glotal-semiconsonante, en cambio, se encuentran como grupo consonántico en el extremo norte de la cadena dialectal, en Villamontes, Bolivia, y como combinación fonotáctica posible en otras zonas del grupo pilcomayeño, como Misión La Paz y Misión Chaqueña. Quiere decir que existían en la lengua contextos favorables para el desarrollo de esta serie. Otro rasgo fonológico que parece ser introducido por el grupo bermejeño abajeño es la fonologización de /f^w/. Existen al menos tres variantes para este sonido [f^w] *~* [x^w] *~* [h^w]: en el pilcomayeño y bermejeño arribeño predominan las realizaciones posteriores labializadas como fonema, la velar /x^w/ o la glotal /h^w/, en cambio, en el bermejeño abajeño se produjo un adelantamiento del punto de articulación hacia el labial, /f^w/, en el que predomina el rasgo anterior, y el velar, [x^w], es un alófono de /f^w/. En tanto, en San Andrés y Embarcación (Salta), Tovar (1981) analizó las realizaciones velar labializada y bilabial labializada como fonemas, y en Rivadavia Banda Norte (Salta), /x^w/ alterna con [f^w] en posición inicial de palabra, y con [h^w] en posición intervocálica (FERNÁNDEZ GARAY; SPINELLI,

2009). En cuanto a la tercera variable, la distribución de las variantes [č] y [kʲ] es similar a la de [fʷ] y [xʷ]. En las mismas zonas en las que el punto velar de [xʷ] se adelantó al labial [fʷ] (como fonema o como alófono), el punto velar de [kʲ] se adelantó al palatal [č], aunque la variante africada palatal parece haberse difundido mucho más que la fricativa labiodental/bilabial labializada y haber alcanzado un grado de fonologización mayor. Esta tendencia al adelantamiento del punto de articulación se observa en el bermejeño abajeño que presenta palatalización, y es la cuarta variable identificada. Las consonantes velares [x] y [k] que se encuentren entre dos vocales y precedidas por las vocales anteriores [i] o [e] palatalizan: [x] → [ç] y [k] → [kʲ]. La quinta variable identificada en la subdivisión dialectal es el morfema de negación del modo realis. En el bermejeño arribeño y el pilcomayeño, el morfema de negación es *-hit'e* ~ *-hit'a*. En el bermejeño abajeño, en cambio, si bien se encontraron ocurrencias de este morfema, la forma más frecuente es *ha-...-hi*. En síntesis, sobre la base de diversas evidencias, se concluye que el grupo bermejeño abajeño es el grupo innovador del cambio, algunos de los cuales, los más antiguos, han llegado a difundirse río arriba en el bermejeño arribeño. Se observa, además, que en la mayoría de los casos, pueden encontrarse en la lengua contextos favorables para los cambios internos que se originan en este grupo. Asimismo, la regularización y tendencia a la simetría es lo que caracteriza la mayoría de estos cambios.

La variación en estos rasgos estructurales fonológicos y morfológicos tiene correlatos en el léxico, algunos en la representación fonémica de los lexemas, otros en su configuración morfológica. Este cuadro de variación se complementa, además, con la variación léxica.

4 ¿En qué varía el léxico wichi/weenhayek?

Distinguimos en el léxico diferencias dialectales de distinto orden. Por un lado, un mismo término, por ejemplo, *tunte* ~ *tente* 'piedra', se pronuncia de dos modos distintos: [tunte] en el pilcomayeño y [tente] en el bermejeño. La diferencia entre estas dos formas es de representación fonémica. Por otro lado, un mismo concepto, por ejemplo 'maíz', se expresa mediante dos términos o ítems léxicos distintos *ijpät* en el pilcomayeño y *siputka* en el bermejeño. En efecto, como señalan Chambers y Trudgill (1994, p. 149ss), estos dos casos de variación, aunque se manifiestan en el léxico, no pueden considerarse como de

un mismo tipo. Las diferencias de pronunciación tienen que ver con diferencias en la representación fonémica de un mismo ítem léxico, mientras que las variantes léxicas de un concepto son diferencias de los elementos que constituyen la variedad (ítems léxicos). En este sentido, las primeras serían menos superficiales que las segundas. Algo similar a la representación fonológica, ocurre con la variación en la configuración morfológica de las palabras. En esta sección, analizaremos estos tres tipos de diferencias que se encuentran en el léxico wichi/weenhayek en relación con las diferencias dialectales en otras áreas de la lengua. En algunos casos, la variación en la representación fonológica de los ítems léxicos es correlato de la variación en el sistema fonológico, pero tampoco es completamente predecible. En otros casos, la variación en la pronunciación no responde a diferencias del sistema fonológico. Asimismo, la variación en la configuración morfológica de las palabras complejas, en algunas ocasiones es correlato de variación morfológica en la lengua, y en otras, no. La importancia de examinar conjuntamente la evolución léxica y fonológica para la comprensión de la variación dialectal y la historia de la lengua ha sido señalada desde los estudios dialectológicos de Guilléron (BYNON 1977, p. 189), y la confección de atlas lingüísticos sobre palabras y pronunciación proliferó en el siglo XX (véase *Linguistic Atlas Project/LAP*, iniciado en 1929, y el *Atlas Lingüístico de Iberoamérica*, entre otros). En este trabajo se presenta un análisis general (no exhaustivo) de los tipos de variación que se manifiestan en el lexicón: de pronunciación, de configuración morfológica y de palabras alternantes para un mismo concepto. Este primer acercamiento a la variación en el léxico abre nuevas líneas de investigación sobre la variación dialectal que deberán ser ampliadas y profundizadas.

4.1 Variación en la representación fonémica de un mismo ítem léxico

Las diferencias de pronunciación que atañen a la representación fonémica de los ítems léxicos pueden ser o no consecuencia de variaciones en el sistema fonológico. Por ejemplo, la conjunción del modo realis presenta tres variantes fonémicas [ta], en el pilcomayeño, [to] y [tox], en el bermejeño arribeño y [toχ] en el bermejeño abajeño. Las diferencias de pronunciación entre las tres formas se deben en parte a la variación en el inventario de vocales, como veremos, y en parte a

diferencias en la pronunciación, ya que no hay diferencias dialectales en cuanto a la distribución de la velar/uvular fricativa en posición final de sílaba y de palabra.

Otro tipo de diferencias de pronunciación, en cambio, son consecuencia de las diferencias en el inventario fonológico. Nos centraremos en estas particularmente. Tratándose de variaciones estructurales, pueden encontrarse las correspondencias léxicas entre los complejos dialectales. Una de las más importantes por el fuerte impacto que representa en el léxico es la variación en el inventario de vocales. Como se explicó, el complejo pilcomayeño presenta un contraste fonémico entre las vocales central baja y posterior baja, mientras que en el complejo bermejeño, ese contraste está neutralizado. En el Cuadro 1 de vocales, se presenta el inventario completo de la lengua, entre ángulos se indicó la representación ortográfica de las vocales.

CUADRO 1 – Inventario fonémico de vocales del wichi/weenhayek

i < <i>i</i> >		u < <i>u</i> >
e < <i>e</i> >		o < <i>o</i> >
	a < <i>a</i> >	ɑ < <i>ä ~ à</i> > (pyo)

La reducción de una vocal en el inventario en la variedad bermejeña produjo una alteración en la representación fonémica de prácticamente todos los ítems del léxico. No obstante, las correspondencias entre las variedades son bastante predecibles puesto que el desplazamiento vocálico ha seguido algún patrón, como puede observarse en el Cuadro 2. La vocal posterior baja del pilcomayeño fue reemplazada por la vocal posterior media en el bermejeño, manteniendo de ese modo el contraste léxico que existía entre /a/ y /ɑ/ y produciendo un desplazamiento en el resto de las correspondencias. La ausencia de una sexta vocal y el desplazamiento generado provocó, además, que las vocales anterior media y posterior media del inventario bermejeño se correspondieran con más de una vocal del pilcomayeño: *bjo* /e/ = *pyo* /e/, /u/ (e /i/ en mucha menor frecuencia) y *bjo* /o/ = *pyo* /u/, /ɑ/. La alternancia /e/~i/ también se da a nivel fonético al interior de los complejos dialectales, como ocurre con el coordinante *wit ~ wet*. Además, en casos como el sufijo de plural nominal, la alternancia es inversa: /-el/ en zonas pilcomayeñas y /-il ~ -il/ en zonas bermejeñas.

CUADRO 2 – Correspondencias de la representación fonémica léxica entre complejos dialectales

Variedad	Correspondencias vocálicas	Correspondencias léxicas		
<i>Pyo</i>	/a/	tataj ‘perderse’	ʔahat ‘espíritu’	lapes ‘final’
<i>Bjo</i>	/a/	tatoj	ʔahot	lapes
<i>Pyo</i>	/a/	ʔinat ‘agua’	lačak ^w , lakiak ^w ‘antorcha’	ʔitaχ ‘fuego’
<i>Bjo</i>	/o/	ʔinot	lačok ^w	ʔitox ʔitoχ
<i>Pyo</i>	/o/	towex ‘olla’	ʔamo ‘anguila’	lopen ‘ser delgado’
<i>Bjo</i>	/u/	tuwex	ʔamu	lupen
<i>Pyo</i>	/u/	tunte ‘piedra’	sulax ‘oso hormiguero’	jahumin ‘amar’
<i>Bjo</i>	/e/	tente	selax ~ selaχ	jahemin
<i>Pyo</i>	/e/	tewok ‘río’	hat’es ‘bebida alcohólica’	(i)we’la ‘luna’
<i>Bjo</i>	/e/	tewuk [˘]	hat’es	we’la
<i>Pyo</i>	/i/	hilu ‘yica’	kʲi ‘CONJ.IRR’	
<i>Bjo</i>	/e/	hele	če	

La situación con las consonantes aspiradas es bastante diferente a la de las vocales. Por un lado, la cantidad de léxico afectado por la fonologización de la serie de aspiradas es radicalmente menor que el afectado por la reducción de una vocal del inventario. Por otro lado, el proceso que se dio fue el de fonologización de los grupos consonánticos que ya existían, por simetría con la serie de consonantes eyectivas. Recordemos las variantes: en el pilcomayeño arribeño, hay grupos consonánticos de C_{obs} h; en el pilcomayeño abajeño, consonantes aspiradas como alófono de las plenas; y en el bermejeño, consonantes aspiradas con estatus fonémico. Entonces, las correspondencias entre los complejos pilcomayeño y bermejeño se mantuvieron como C_{obs} h y C^h. Tratándose de la fonologización del grupo consonántico, no se encuentran pares mínimos que contrasten claramente con la serie de consonantes plena; aunque sí se encuentran pares contrastivos aspirada/eyectiva con mayor facilidad (por ejemplo, /lap^hi/ ‘bolso, yica’ vs. /lap’i/ ‘comadreja’). Por eso, en algunas zonas, además, el grupo consonántico derivó en una consonante aspirada como alófono de la plena y como resultado, términos

como ‘ahora’ tienen las formas alternantes [athana] y [at^hana]. En los ejemplos que se presentan en (1) [-pha] ~ [-p^ha] ~ [-p^ho] es un sufijo derivativo que indica dirección hacia arriba. La ocurrencia de [th] y [t^h] en los ejemplos es en interior de raíz.

(1)	<i>grupo consonántico</i> (CLAESSON, 1994, p. 29)	<i>variantes aspiradas de las plenas en habla lenta o enfática</i> (VIÑAS URQUIZA, 1974a, p. 23)	<i>serie aspirada fonologizada</i> (TERRAZA, 2009a, p. 28ss; NERCESIAN, 2014, p. 46ss)
Pyo.arr.	ʔo.nec.phaʔ ‘me paro, me levanto’ (CLAESSON, 1994, p. 29) ʔa.thaa.nah ‘ahora’ (CLAESSON, 2008)		
Pyo.ab.		ti.jah.pa ~ ti.jah.p ^h a ‘salta en alto’ (VIÑAS URQUIZA, 1974a, p. 82) a.tha.na ‘ahora’ (VIÑAS URQUIZA, 1974a, p. 97)	
Bjo.arr.			n.ne.p ^h o ‘me paro, me levanto’ (TERRAZA, 2009a, p. 28) la.ti.jox.po.li ‘saltás en alto repetidamente’ (TERRAZA, 2009a, p. 148)
Bjo.ab.			ʔn.ne.p ^h o ‘me paro, me levanto’ ti.jox.p ^h o ‘salta en alto’ a.tha.na ‘ahora’

El ejemplo /tijahpa/ ‘salta en alto’ de Viñas Urquiza (1974a, p. 82), no está aspirado, pero en la descripción fonológica de la bilabial oclusiva la autora explica que la variante aspirada puede aparecer en el habla lenta o enfática. Al mismo tiempo, la autora registra el adverbio /at^hana/ ‘ahora’ con aspiración (VIÑAS URQUIZA, 1974a, p. 97) sin añadir ninguna aclaración respecto del motivo por el cual en un caso el ejemplo se registra en la forma no marcada y en el otro, en la forma que supone un uso enfático. Ante este tipo de alternancias en la documentación especulamos que algún uso no alofónico se registra en algunos ítems léxicos de esa zona dialectal de Misión Chaqueña y Tartagal (Salta). La variación plena/aspirada que contemporáneamente se encuentra en Rivadavia (Salta), en cambio, es de otro orden; se debe a un proceso de retracción lingüística en el habla de los jóvenes en la

que la distinción entre las dos series tiende a desaparecer (TERRAZA, 2009a, p. 30).

Las diferencias que separan el bermejeño abajeño del arribeño y el pilcomayeño señaladas en la sección anterior, a saber, la fonologización de la serie de sonorantes glotalizada en el bermejeño abajeño, la variación oclusiva velar palatalizada (en el pilcomayeño y bermejeño arribeño) y africada palatal (en el bermejeño abajeño), la variación fricativa velar labializada (en el pilcomayeño y bermejeño arribeño) y fricativa labiodental labializada (en el bermejeño abajeño), y el bloqueo de la palatalización (en el pilcomayeño y bermejeño arribeño) frente a la palatalización de las consonantes oclusiva y fricativa velar (en el bermejeño abajeño), también tienen impacto en la representación fonémica de algunos ítems léxico, cada uno en diferente grado. Véase una síntesis en (2).

(2)	SONORANTES	DORSALES	LABIALIZADAS	Bloqueo palatalización ~ Palatalización
	ʔC ~ C ~ ʔC 'hombre'	[k] ~ [č] 'wichi' 'gente, pueblo'	[x] ~ [f] 'frutos de algarrobo'	V _{ant} -V, hV / [k] → [č], [x] → [j] (NERCESIAN, 2014) [-hen] 'plural'
Pyo.arr.	/hi.ʔnoʔ/	/wi.kiʔ/	/x ^w a.ʔaayh/	/ʔojik+hen/→/o.ji.khen/ 'nos vamos' (CLAESSON 2016b, p. 10) /ʔolex+hen/→/ʔo.lee.xen/ 'los lavo' (CLAESSON 2016b, p. 18)
Bjo.arr.	/hi.no/	/wi.ki/	/x ^w a.ay/	/tah ^w i.lamex+hen/→/ta.h ^w i.la.me.xen/ 'conversan entre todos' (TERRAZA, 2009a, p. 153)
Bjo.ab.	/hi.'nu/	/wi.či/	/f ^w a.'ay/	/ʔnjik+hen/→/ʔ.n.ji.č ^h en/ 'nos vamos' /ʔnlex+hen/→/ʔ.n.le.ʃen/ 'los lavo' /latsef ^w elex+hen/→/la.tse.f ^w e.le.ʃen/ 'se abrazan entre sí'

En relación con la fonologización de la serie de sonorantes glotalizadas en el bermejeño abajeño, se da un fenómeno similar al de la serie de consonantes aspiradas en todo el complejo dialectal. Los grupos consonánticos ʔC_{SON} son fonemas preglotalizados en el bermejeño abajeño, pero la emergencia de consonantes glotalizadas como alofónos de las plenas no se difundió tanto como ocurrió con las aspiradas. En el

bermejeño arribeño no se registraron estos alófonos. Las variaciones *Pyo*, *Bjo.arr.* [k] ~ *Bjo.ab.* [č] y *Pyo*, *Bjo.arr.* [x^h] ~ *Bjo.ab.* [f] tienen en común el adelantamiento del punto de articulación de la consonante oclusiva velar al palatal y fricativa del velar al labiodental respectivamente, un fenómeno que se dio con bastante regularidad. En el bermejeño abajeño, no obstante, pueden encontrarse realizaciones fonéticas en los puntos velares. Finalmente, el proceso de palatalización que se da en límites morfológicos en el bermejeño abajeño ilustrado en (2) mediante un sufijo flexivo de plural verbal, tiene impacto en el léxico derivado, por ejemplo, /ilex-hu/ ‘lavar-LOC.adentro’ → /ileʃu/ ‘lavar por dentro (un objeto cóncavo)’, en los compuestos (incorporación nominal morfológizada), por ejemplo, /iwu-tenek-a/ ‘hacer-canción-cierre.incorporación’ → /iwuteneča/ ‘adorar’, /jen+hesek-a/ ‘hacer-espíritu-cierre.incorporación’ → /jenheseča/ ‘recordar/mantener en el pensamiento (el espíritu de alguien)’, y en los préstamos adaptados a la lengua receptora que cumplen el patrón V_{ant-}V, por ejemplo, /tixera/ → /tiʃelis/.

4.2 Variación en la configuración morfológica de un mismo ítem léxico

La variación en el plano morfológico también tiene impacto en el léxico, desde el momento en que se trata de formantes léxicos. Una de esas diferencias tiene impacto en los pronombres personales. Como se explicó en la sección 3, el grupo pilcomayeño presenta las variantes *olham* ~ *'olhaam* /ʔoɫam/ y el grupo bermejeño, *n'lham* /nɫam/ para la primera persona del singular. Si bien la estructura morfológica de estas proformas es actualmente oscura, una observación al paradigma completo deja reconocer la presencia de un límite morfológico en el interior de los pronombres morfológicamente complejos: ‘1sg.’ *olham* ~ *'olhaam* ~ *n'lham*, ‘2sg.’ *am*, ‘3sg.’ *lham* (para las formas del plural se añade el sufijo de plural nominal *-ilh* ~ *-il* a estas mismas bases). En consecuencia, la variación de los pronombres de primera persona es léxica pero es consecuencia de una variación en su configuración morfológica. A partir de registros más antiguos que contamos de la lengua hasta el momento, podemos saber que esta variación proviene de la forma antigua *n'olham* registrada desde al menos el siglo XIX (LAFONE QUEVEDO, 1895, 1896, 1897). Se especula que durante la segunda mitad de ese siglo se desarrollaron las variantes que encontramos estables en sincronía.

Otra variación morfológica de impacto en el léxico es la negación. Existen dos variantes de la negación del modo realis, el sufijo *-hit'e ~ -hit'a /-hit'e ~ -hit'a/*, que se usa en el grupo pilcomayeño y bermejeño arribeño, y las formas de prefijación-sufijación *ha-...-hi /ha...hi/*, que se usa en el bermejeño abajeño. En wichi/weenhayek, la negación puede considerarse un formante léxico en la medida que crea algunos antónimos del tipo *rápido/lento (no rápido)*, *bueno/malo (no bueno)*. Estos ítems forman parte del léxico, y emergen en cualquier elicitación de listas de palabras. Dado que la variación es estructural, las correspondencias entre las variedades son bastante regulares. En (3), se presentan algunos ejemplos.

(3)	<i>Pilcomayeño, Bermejeño arribeño</i>	<i>Bermejeño abajeño</i>
‘ser fácil’	<i>athahit'a ~ athahit'e</i>	<i>ha-'atha-hi</i>
‘ser pequeño, poco’	<i>wujw-hit'a ~ wejw-hit'e</i>	<i>ha-wefw-(h)i</i>
‘ser malo, estar mal’	<i>'is-(h)it'a ~ is-(h)it'e</i>	<i>ha-is-(h)i</i>
‘ser débil’	<i>t'un-hit'a-kye ~ takajay-hi>lhi<t'a</i>	<i>ha-t'en-hi-che</i>
‘ser lento’	<i>lofwel-hit'a ~ takajän-hi>lhi<t'a</i>	<i>ha-lofwel-hi</i>

En algunos casos, como *ser malo, estar mal* también se usa la forma negativa del modo irrealis (*nii-'is-a' ~ ni-'is-a*), que es la misma en todas las variedades, y se usa quizá con más frecuencia que la del modo realis. Además, no todos los antónimos se forman con la negación del término positivo, pares opuestos de palabras que expresan colores y estados temporales de temperatura, por ejemplo, como rojo/azul y frío/caliente, se constituyen a partir de formas distintas: *'ikyàt ~ ichot* ‘rojo’ / *'watshanh ~ w'atshan* ‘azul/verde’ ~ *asul* ‘azul’; *kyaayo' ~ ni-kyayu ~ ni-chayu* ‘es/está caliente’ / *teekyàj ~ ni-tekyoj ~ ni-techoj* ‘es/está frío’, pero entre variedades no se registra variación léxica ni de composición morfológica en dichas formas. En el caso de *frío* y *caliente*, la ausencia/presencia del prefijo *ni-* es de orden flexivo que aún no está del todo claro. Algunos análisis proponen la hipótesis de que se trate de una marca de voz media (TERRAZA, 2009a), pero es un fenómeno que por su irregular comportamiento (sólo se indica en la tercera persona) no está aún del todo claro que sea en efecto una marca de voz; es un aspecto morfológico que requiere mayor análisis.

4.3 Variación léxica

Los complejos dialectales pilcomayeño y bermejeño también presentan variación léxica, es decir, el uso de términos distintos para un mismo concepto. Desde la dialectología, se asume que las diferencias léxicas son más superficiales que las de pronunciación, porque las primeras pueden ser más susceptibles de control autoconsciente o de cambio por parte de los hablantes que las segundas (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 150). Lo mismo se aplica para las diferencias de configuración morfológica de los ítems léxicos. Por este motivo, no pueden por sí solas determinar grupos o complejos dialectales. Sin embargo, hemos encontrado variaciones léxicas que se corresponden con las variaciones en los niveles fonológico y morfológico descritos en la sección 3, y en este sentido, confirman las divisiones dialectales que se propusieron en trabajos anteriores.

La variación léxica entre los complejos pilcomayeño y bermejeño se encuentra en palabras funcionales, como las proformas interrogativas, y en palabras con contenido léxico. Para las preguntas abiertas o de contenido, el wichi/weenhayek utiliza proformas que encabezan la cláusula interrogativa y sirven como base para la formación de las distintas partículas o frases interrogativas. Los complejos pilcomayeño y bermejeño varían en la proforma que sirve como base para la formación de dichas partículas o frases: *kyi* ~ *chi* y *hàats 'i* ~ *atsi* en el pilcomayeño y *hat 'e(p)* ~ *at 'e(p)* en el bermejeño; véase (4). Es interesante notar que, en la zona de San Andrés y Embarcación, provincia de Salta, la forma *atsi* 'qué, quién' alterna con una abreviada *at* (cf. TOVAR, 1981), que a su vez es constitutiva de las formas *at + 'e* del bermejeño. La forma *t 'ep* es empleada en el pilcomayeño abajeño, en la zona de Embarcación y Misión Chaqueña (cf. VIÑAS URQUIZA, 1974a, 1974b), como equivalente a la forma *kyi* 'cómo' del pilcomayeño arribeño. Es decir, la variación en las proformas interrogativas presenta una distribución geográfica similar a la de los rasgos fonológicos y morfológicos identificados como variables de variación hasta el momento. Se ha observado que San Andrés, Embarcación y Misión Chaqueña, constituyen zonas de transición del pilcomayeño arribeño al abajeño, y del pilcomayeño al bermejeño arribeño. Nótese además que el bermejeño abajeño utiliza las formas *e'* y *ep* ~ *ap* como equivalentes de *(a)t 'e(p)* del bermejeño arribeño.

(4)	<i>Pilcomayeño arribeño</i> (CLAESSON, 2008)	<i>Pilcomayeño abajeño</i> – San Andrés, Embarcación (TOVAR, 1981, p. 192) <i>qi</i> forma arcaica de <i>chi</i> todavía en uso	<i>Pilcomayeño abajeño</i> – Embarcación, Misión Chaqueña (VIÑAS URQUIZA, 1974a, p. 106ss)	<i>Bermejeño arribeño</i> (TERRAZA, 2009a, p. 241)	<i>Bermejeño abajeño</i> (NERCESIAN, 2014)
qué, quién	<i>hàats 'i' ~ hat' ~ 'at' 'àp hàats 'i' (más usado)</i>	<i>atsi ~ at</i>	<i>atsi</i>	<i>hat'ep</i>	at'e (a la vista) at'ep (no a la vista, desconocido)
cómo	<i>kyi' iwóoyeh ~ kyi' màànhyej</i>	<i>Tsi</i>	<i>t'ep</i>	<i>t'ep</i>	<i>e' ~ ep ~ ap</i>
dónde		<i>chi ta ihi chip</i>	<i>chi ta ihi</i>	<i>t'ep ihi</i>	<i>e' ihi ~ ep ihi ~ ap ihi</i>
de dónde		<i>chi ta + talh 'provenir de'</i>	<i>chi ta + talhe 'provenir de'</i>		
a dónde			<i>chi ta + hohine 'dirigirse a'</i>		<i>e' ihuye</i>
por qué	<i>kyi' hàateh</i>	<i>qi ne hate ~ chi hate</i>	<i>chihate ta ~ chyate ta</i>	<i>hat'ij</i>	<i>ats'iyej</i>
cuándo	<i>kyi' naj hàate tà</i> (pasado cercano) <i>kyip' ante hàate tà</i> (pasado remoto)	<i>chila</i> o <i>chilahate</i> (futuro)	<i>chilahate</i>	<i>t'enaj</i> (pasado cercano) <i>t'ela hote</i> (futuro)	<i>e' hotenajhi ~ ep hotenajhi ~ ap hotenajhi</i> (pasado cercano) <i>e' ~ ep ~ ap hotehlak</i> <i>at'e fwala toj '¿qué día, cuándo?'</i>
cuánto, cuántos		<i>chilhatefwaj</i> o <i>chilatefwaj</i> (sg.) <i>chilhatefwas</i> o <i>chilatefwas</i> (pl.)	<i>chihatehwah</i> (sg.) <i>chihatehwas</i> (pl.)	<i>t'ep hote to</i>	<i>e' hote toj ~ ep hote toj ~ ap hote toj</i>

La alta variación en este tipo de partículas, que no son pronombres interrogativos, puede deberse a que tienen una clara función pragmática, la de la interrogación. Según Wichmann y Holman (2009), los rasgos pragmáticamente sensibles tienden a ser más inestables que los rasgos estructurales básicos.

En relación con la variación en las palabras con contenido léxico, hasta el momento, hemos visto que representa un porcentaje bajo en el lexicón: de nuestra base de 3500 entradas, sólo un 0,5% tienen una variante, véanse ejemplos en (5).

(5) Español	Pilcomayéño	Bermejeño	campo semántico
‘maíz (grano)’	<i>’ijpaat ~ ijpät</i>	<i>siputka</i>	agricultura y vegetación
‘maíz (árbol)’	<i>’ijpaat lhiile ~ ijpät lhile</i>	<i>siputka lhile</i>	agricultura y vegetación
‘polenta, sémola’	<i>’ijpaat mook ~ ijpät mok</i>	<i>siputka mukw</i>	agricultura y vegetación
‘fumar’	<i>wunej ~ iwunej</i>	<i>iwuts’ekwa</i>	agricultura y vegetación
‘avestruz’	<i>afwoj ~ wänlhäj</i>	<i>wonlhoj</i>	animal
‘víbora’	<i>’amlhàäj ~ amlhäj</i>	<i>fwotsaj</i>	animal
‘viborón’	<i>’amlhààtaj ~ amlhataj</i>	<i>fwotsetaj</i>	animal
‘tuquito gris’	<i>miislutaj ~ mislutaj</i>	<i>n’esletaj</i>	animal
‘flatulencia’	<i>itjuy</i>	<i>t’efwtey</i>	cuerpo humano
‘hamaca’	<i>jwunthi’ ~ fwunti</i>	<i>fweyek</i>	objetos personales
‘Este (punto cardinal)’	<i>’ijwaalapajthi’ (Pyo)</i>	<i>fwala tolhche (Arr) tewukw choslhele (Ab)</i>	relaciones espaciales
‘mujer criolla, mujer blanca’	<i>suulujw ~ sulufw</i>	<i>sivele</i>	relaciones sociales y políticas
‘invierno’	<i>jwi’yeetilh ~ jwiy’etil</i>	<i>naylos</i>	tiempo

Más de la mitad de este pequeño grupo pertenece a los campos semánticos *agricultura/vegetación* y *animales*, el resto se distribuye en distintos campos semánticos: cuerpo humano, objetos personales, relaciones espaciales, relaciones sociales y políticas, tiempo, vivienda. Si comparamos este resultado con el comportamiento del léxico en contacto con el español, en particular, la incorporación de préstamos del español al bermejeño abajeño (cf. VIDAL; NERCESIAN, 2009b, 2009c), se observa que el campo semántico *animales* es uno de los que presenta menor permeabilidad a la incorporación de conceptos nuevos, pero uno de los que presenta mayor variación léxica dentro de la lengua.

Este dato es importante para el rastreo del origen de la variación, según este patrón sería más probable especular que la variación léxica es un cambio interno a la lengua más que un fenómeno de contacto. Pero dado el estado de conocimiento incluso de los fenómenos de contacto con otras lenguas chaqueñas, no podemos descartar que el complejo bermejeño o pilcomayeño haya recibido influencia léxica de otra lengua indígena. En cuanto a los términos del campo semántico agricultura y vegetación, y relaciones sociales y políticas, en cambio, se trata de conceptos que son culturalmente nuevos para el pueblo wichí. El maíz y la polenta son alimentos que se introdujeron a partir del contacto con la población no indígena o “blanca”, así como también el término empleado para la denominación de la “mujer blanca o criolla”. Es esperable que en zonas distintas emerjan formas distintas para denotar un concepto que ha sido introducido a la práctica cotidiana del pueblo en circunstancias similares, pero no idénticas. El maíz y la polenta son alimentos de cultivo, práctica que no es tradicional del pueblo wichí (cazador-recolector) y que se realizaba fundamentalmente en la zona norte de la provincia de Salta en las misiones religiosas y algunos ingenios.

Una de las conclusiones a las que arribamos con este primer análisis de términos del vocabulario wichi/weenhayek que presentan variación léxica, es que este tipo de variación también responde a la división en los dos complejos dialectales pilcomayeño y bermejeño que habrían de tener mayor tiempo de divergencia. Dada la escasez de materiales antiguos por ahora no estamos en condiciones de datar esta variación, pero sabemos que a mediados del siglo XIX, al menos los elementos de cultivo ya se habían incorporado por el contacto con la población blanca, por lo que es posible que se haya originado en la segunda mitad de ese siglo. Este período coincide con cambios estructurales, como el prefijo de primera persona singular (cf. NERCESIAN, 2019), el cual para la segunda mitad del siglo XIX presentaba variación con condicionamiento fonético según las zonas geográficas, y a fines del siglo XX, ya estaban estabilizadas las dos variantes en cada complejo dialectal (*o-* en el pilcomayeño y *n'-* en el bermejeño). Estas especulaciones podrán ser confirmadas o desestimadas en la medida que se logre avanzar tanto en los estudios dialectales como históricos de la lengua wichi/weenhayek.

5 Variación léxica, cambio y variación en la representación fonémica: la palabra para ‘agua’ *waj* > *waj* ~ *inät* ~ *inot* > *inät* ~ *inot*

La mirada histórica sobre la variación de algunos términos, especialmente aquellos que forman parte del conjunto de conceptos básicos como ‘agua’, aporta elementos para la comprensión de la emergencia de variantes léxicas en las distintas zonas geográficas y su difusión, pero también de la historia de la lengua. Según los registros del siglo XIX, la palabra para ‘agua’ presentaba variación léxica entre los términos *waj* o *guag*² e *inät* o *inot*. En Embarcación (provincia de Salta, Argentina), en donde el grupo es reconocido en las fuentes como *vejoces*, la forma *guag* está registrada desde fines de siglo XVIII en notas y vocabularios de los Franciscanos, y según testimonios de otras zonas geográficas, esta pareciera ser la forma antigua. Es decir que, hasta donde sabemos, el término *inät* ~ *inot* reemplaza la forma antigua en algunas zonas. Como se observa en (6), lista adaptada de Najlis (1968), para la segunda mitad del siglo XIX coexisten las dos variantes y se registra variación léxica, es decir, dos palabras distintas para un mismo concepto. Se incluyeron las denominaciones dialectales antiguas, que son las que retomó la autora para organizar los datos, y las denominaciones actuales según a la agrupación dialectal que emerge del estudio de los rasgos fonológicos y morfológicos descriptos arriba.

(6) Denominación actual	Denominación en las fuentes	Formas de 2° mitad s. XIX
Pyo.arr.	Noctén	<i>innat</i> (MASSEI, 1895) <i>innat, naatti</i> (CARDÚS, 1886)
Pyo.ab.	Vejoces	<i>guag</i> (D’ORBIGNY, 1896)
Pyo.ab.	Matacos a secas o en general	<i>huàj</i> ~ <i>inót</i> (REMEDÍ, 1896) <i>elot</i> (FONTANA, 1881) <i>inót</i> (PELLESCHI, 1897)

Thouar (1891) también había registrado la variante *guaaj*, pero como señala Najlis (1968, p. 6), su registro ofrece unas pocas notas sobre datos que alternan rasgos de distintos dialectos, por lo que no podemos determinar en qué zona geográfica se usaba esta forma para el autor.

² Esta variación es ortográfica, a partir de las intuiciones de los misioneros y viajeros que hicieron el registro.

En el siglo XX la forma [ʔinat] ~ [ʔinot] seguía coexistiendo como variante de [wax] ~ [waxɣ]; véase (7). Sin embargo, se observa una alternancia de ambas formas en el grupo vejoz en el que hasta entonces sólo se usaba la forma antigua, *waj*, esto es, la zona de Embarcación y Misión Chaqueña, provincia de Salta.

(7) Denominación actual	Denominación en las fuentes	Formas de 1º mitad s. XX	Formas de 2º mitad s. XX
Pyo.arr.	Noctén		'inät, 'inäät (ALVARSSON, 1984)
Pyo.ab.	Guisnai		waj (TOVAR, 1981) waj (LUNT, 1999)
Pyo.ab.	Vejoz	waj (HUNT, 1913)	inät (VIÑAS URQUIZA, 1974b) waj (TOVAR, 1981) inät (LUNT, 1999)
Pyo.ab.	Matacos a secas o en general	inót (LEHMANN-NITSCHKE, 1910) inót (MAYNTZHUSEN, 1911)	
Bjo.ab.			inot (GOLLUSCIO, 1980)

Es decir que entre los siglos XVIII y XIX, se desencadena un proceso de cambio lingüístico de reemplazo del término *waj* por *inät* o *inot*. El siglo XIX y parte del XX constituye un período de variación léxica en el que en algunas zonas geográficas coexisten las dos variantes. Hacia fines del siglo XX, la difusión del término *inät* ~ *inot* parece haber alcanzado la totalidad del territorio de habla wichi/weenhayek y estabilizado el uso de este término, aunque quedando registro de la forma antigua en el conocimiento de los hablantes e incluso todavía usado por algunos ancianos. En las fuentes contemporáneas se observa que la forma [ʔinat] ~ [ʔinot] está difundida prácticamente en todo el territorio, y la variación léxica parece haber desaparecido prácticamente por completo, como se muestra en (8).

(8)	<i>Formas en la actualidad</i>
Pyo.arr.	<i>'inàt</i> (CLAESSON, 2008)
Pyo.ab.	<i>inät</i> (DIRLI, 2003; AVRAM, 2008)
Bjo.arr.	<i>inot</i> (TERRAZA, 2009a)
Bjo.ab.	<i>inot</i> (NERCESIAN, 2014)

La difusión y estabilización de este nuevo término conllevó, no obstante, una variación en la representación fonémica del ítem léxico, respondiendo a los cambios y variación fonológica que evolucionó en el sistema de vocales. En consecuencia, en sincronía ya no se registra la variación léxica de los términos para ‘agua’, sino una variación en la representación fonológica del nuevo ítem léxico difundido en todo el territorio. En suma, la variación dialectal en la palabra para ‘agua’ evolucionó del siguiente modo: *waj* > *waj* ~ *inät* ~ *inot* > *inät* ~ *inot*. Sabemos que se difundió primeramente en el pilcomayeño y en el bermejeño abajeño, y que en pilcomayeño medio (zona próxima a la ciudad de Embarcación, provincia de Salta, Argentina) fue una de las últimas zonas en la que la forma antigua fue reemplazada por el nuevo término. Esto quizá pueda deberse a la influencia de la Misión y las traducciones de los materiales bíblicos al wichí que tienden a fijar formas lingüísticas en uso. Lo que desconocemos, al menos por ahora, es el origen de la forma que se impuso, [ʔinat] ~ [inot].

6 Conclusiones

El análisis de la variación en el léxico aportó nuevos elementos al conocimiento de la variación dialectal y de la identificación de los complejos dialectales pilcomayeño y bermejeño. Hemos visto que la variación en el sistema fonológico y en la morfología tiene consecuencias en la representación fonémica y en la configuración morfológica de las palabras. Así pues, por un lado, el léxico presenta diferencias que responden a otras áreas de la lengua, y por otro lado, palabras alternantes para un mismo concepto, es decir, variación léxica que es independiente de las variaciones fonológicas y gramaticales. Estas últimas, tal como hemos visto, responden a la división en los dos complejos dialectales

que se especula tienen mayor tiempo de divergencia y, según hemos alcanzado a explorar hasta el momento, el conjunto de palabras con variación dialectal representa un porcentaje bajo en el lexicón. Palabras funcionales, como las proformas interrogativas, también son permeables a la variación dialectal, y se analizaron las dos formas base que alternan en los dos complejos dialectales, aunque en este caso, hemos observado una variación también al interior del grupo bermejeño. Hemos notado que la alta variación en este tipo de partículas se debe al carácter pragmático que esas tienen, a diferencia de las palabras con contenido. Finalmente, hemos presentado un primer recorrido de la variación de los términos para ‘agua’ en tiempo y espacio que podría dar pistas para la comprensión de los patrones de cambio léxico interno de la lengua. Hemos visto que, en una primera etapa, se desarrolló una variación léxica entre lo que aparentemente es la forma más antigua, *waj*, y el nuevo término *inät ~ inot*. La incorporación y reemplazo de la variante que se impuso, se difundió siguiendo los patrones de variación de pronunciación que sigue el resto del vocabulario, y la variación léxica diatópica pasó a ser exclusivamente de representación fonémica: *waj* > *waj ~ inät ~ inot* > *inät ~ inot*. La forma antigua se mantuvo con mayor frecuencia de uso hasta el siglo pasado en la zona de Embarcación y Misión Chaqueña, enclave histórico de las misiones religiosas franciscana y, más tarde, anglicana.

La distribución geográfica de las formas o variantes léxicas sin dudas debe ser profundizada y pormenorizada. En este trabajo hemos tomado como referencia nuestro propio relevamiento y el de las descripciones gramaticales publicadas. Sin embargo, no cubre de manera exhaustiva la localización geográfica de cada una de las formas; el delineamiento de isoglosas léxicas es una tarea pendiente.

Agradecimientos

Agradecemos a los evaluadores de este artículo por los comentarios. Asimismo, extendemos un especial agradecimiento al equipo de trabajo wichi por sus contribuciones y apreciaciones. También agradecemos a la Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica, del Ministerio Nacional de Ciencia y Tecnología, Argentina, institución financiadora del proyecto en el que se enmarca este estudio: “*Lengua y territorio wichi/weenhayek: isoglosas, variedades dialectales y procesos sociohistóricos en el norte de Argentina y sur de Bolivia*”, y al Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas Argentina.

Contribución de las autoras

Las autoras trabajaron conjuntamente en todas las secciones que componen este artículo y en la investigación aquí presentada. Esta forma parte de una investigación mayor sobre variación en wichi-weenhyek enmarcada en el Proyecto *Lengua y territorio wichi/weenhyek: isoglosas, variedades dialectales y procesos sociohistóricos en el norte de Argentina y sur de Bolivia* (PICT 2016-0593), dirigido por Verónica Nercesian. Parte de este trabajo es fruto de la investigación de Iniciación Científica de Mónica Amarilla en el marco del proyecto citado.

Referencias

- ALVARSSON, J. *Wenhyek lhamet*. Cochabamba: Misión Sueca Libre, 1984.
- ARENAS, P. *Etnografía y Alimentación entre los Toba-Nachilamole#ek y Wichi-Lhuku'as del Chaco Central (Argentina)*. Buenos Aires: Edición del Autor, 2003.
- AVRAM, M. L. Z. *A Phonological Description of Wichí: The Dialect of Misión La Paz, Salta, Argentina*. 2008. 127f. Tesis (Maestría) – Department of English Language and Literature. Eastern Michigan University, Ypsilanti, MI, 2008. Disponible en: http://etnolingüística.wdfiles.com/local--files/tese%3Aavram-2008/avram_2008_wichi.pdf. Acceso en: 20 jun. 2020.
- BAUER, L. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BYNON, T. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BRAUNSTEIN, J. Matako-Dialecto bazanero (1989). In: KEY, M. R. (org.). *Intercontinental Dictionary Series Wordlist*. Hacia una nueva carta étnica del Gran Chaco. Irvine: Universidad de California en Irvine, 2008. v. VIII, p. 3-92.
- CARDÚS, J. *Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia*. Barcelona: Librería de la Inmaculada Concepción, 1886.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectología*. Barcelona: Visor Libros, 1994.

- CLAESSON, K. A Phonological Outline of Mataco-Noctenes. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 60, n. 1, p. 1-37, 1994.
- CLAESSON, K. *Estudios de la gramática del idioma 'weenhayek 1*, 2016. Disponible en: <http://noctenes.org/onewebmedia/Gram%C3%A1tica%20'weenhayek%201%2003.2017.pdf>. Acceso en: 20 jun. 2020.
- CLAESSON, K. *Estudios de la gramática del idioma 'weenhayek 2*, 2017. Disponible en: <http://noctenes.org/onewebmedia/Gram%C3%A1tica%20'weenhayek%202%2003.2017.pdf>. Acceso en: 20 jun. 2020.
- CLAESSON, K. *Notas sobre el Vocabulario 'Weenhayek*. Cochabamba: Sociedad Bíblica Boliviana, 2008.
- D'ORBIGNY, A. Vocabulario y apuntes. Dialecto Vejoz. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, La Plata, Buenos Aires, v. XVII, cuadernos 4, 5 y 6, p. 121-176, 1896.
- DIRLI (Programa de Desarrollo Indígena en Ramón Lista). *Gramática escolar de la lengua wichí*. Formosa: Departamento Ramón Lista, Subprograma de Educación, 2003.
- FERNÁNDEZ GARAY, A.; SPINELLI, S. Sincronía dinámica del sistema fonológico del wichí hablado en la banda norte del departamento Rivadavia, Salta. In: FERNANDEZ GARAY, A.; CENSABELLA, M. (org.). *Estudios fonológicos de continua dialectales mapuche y wichí*. La Pampa: Universidad Nacional de La Pampa, 2009. p. 145-173.
- FONTANA, L. J. *El Gran Chaco*. Buenos Aires: Impr. Ostwald y Martínez, 1881.
- FRANCESCHI, Z.; DASSO, M. *Etnografías*. La escritura como testimonio entre los wichi. Buenos Aires: El Corregidor, 2010.
- GOLLUSCIO, L. *Descripción del núcleo gramatical de la lengua wichí (mataco)*: Variedad hablada en el Teuco (El Sauzalito, Chaco y zona de influencia). Informe de Avance. Buenos Aires: Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, 1980.
- HASPELMATH, M.; TADMOR, U. (ed). *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2009.

HUNT, R. El vejoz ó aiyo. *Revista del Museo de La Plata*, La Plata, v. 22, p. 7-214, 1913.

INDEC (Instituto Nacional De Estadística y Censos). *Encuesta Complementaria de Pueblos Indígenas*. Disponible en: http://www.indec.mecon.ar/webcenso/ecpi/index_ecpi.asp 2004-2005. Acceso en: 20 jun. 2020.

LAFONE QUEVEDO, S. Introducción y notas. Grupo mataco-mataguayo del Chaco. Dialecto noctén por Inocencio Massei. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, v. XVI, n. 9-12, p. 343-390, 1895.

LAFONE QUEVEDO, S. Introducción, notas y comentarios. Grupo mataco-mataguayo del Chaco. Dialecto vejoz. Con vocabulario y apuntes de d'Orbigny. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, v. XVII, n. 46, p. 121-176, 1896.

LAFONE QUEVEDO, S. Introducción y notas. Los indios mataguayos y su lengua por Giovanni Pelleschi. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, v. XVIII, n. 46, p. 173-350, 1897.

LEHMANN-NITSCHKE, R. Vocabulario chorote ó solote, *Revista del Museo de La Plata*, La Plata, v. 17, p. 111-130, 1910.

LUNT, J. *Wichi lhämtes*. Slata: Hanne, 1999.

MASSEI, I. Dialecto Noctén. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, La Plata, Buenos Aires, v. XVI, cuadernos 9-12, p. 343-390, 1895.

MAYNTZHUSEN, F. Los indios maticos del Sudeste de Paraguay. *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, Buenos Aires, v. 15, p. 333-344, 1911.

NAJLIS, E. *Dialectos del mataco*. Anales n. 4. Buenos Aires: Universidad del Salvador, 1968.

NERCESIAN, V. Bases lingüísticas y sociohistóricas del estudio dialectal del wichi/weenhayek. In: BOLIVIAN STUDIES ASSOCIATION INTERNATIONAL CONGRESS, VII., 2013, Sucre. Sucre: Bolivian Studies Association, 2013. p. 1-18.

NERCESIAN, V. Isoglosas fonológicas wichi/weenhayek (mataguaya): consonantes eyectivas, glotalizadas y aspiradas. *Lingüística*, Montevideo, v. 37. (en prensa a).

NERCESIAN, V. Lengua y territorio: variación histórica y dialectal del wichi/weenhayek (familia mataguaya). *Revista del Museo de Antropología*, Córdoba. (en prensa b).

NERCESIAN, V. Procesos fonológicos en el dominio de la palabra wichi (mataguaya). *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 121-147, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v0i14.1523>

NERCESIAN, V. Variación dialectal y diacrónica del objeto pronominal en wichi/weenhayek (mataguaya): paradigmas prefijante y sufijante. *Cuadernos de Lingüística de El Colegio de México*, México, v. 6, n. 1, p. 1-73, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.24201/clecm.v6i1.127>

NERCESIAN, V. *Wichi lhomtes*. Estudio de la gramática y la interacción fonología-morfología-sintaxis-semántica. München: Lincom, 2014.

ORCAWETA (Organización Capitanía Weenhayek y Tapiete). Resultados del censo Weenhayek. In: *Plan Estratégico de desarrollo del pueblo weenhayek 2011-2015*. Tarija, Bolivia: [s.n.], 2011. p. 18-22.

PELLESCHI, G. Los indios mataguayos y su lengua (con nota de Lafone Quevedo). *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, La Plata, Buenos Aires, v. XVIII, cuadernos 4, 5 y 6, p. 173-350, 1897.

REMEDÍ, J. Los indios maticos y su lengua. Con vocabulario ordenado por Lafone Quevedo. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, Tirada Aparte, 1896.

SPAGARINO, C.; LÓPEZ, F; RUÍZ, P.; NERCESIAN, V. *Nomenclatura wichi de aves*. 2013. Disponible en: <http://lenguawichi.com.ar/cultura/nomenclatura-wichi-de-aves>. Acceso en: 20 jun. 2020.

TERRAZA, J. *Grammaire du Wichi: Phonologie et Morphosyntaxe*. 2009. 295f. Tesis (Doctorat en Linguistique) – Universidad de Québec, Québec, 2009a.

TERRAZA, J. El repertorio fonológico del wichi de Rivadavia. In: FERNÁNDEZ GARAY, A.; CENSABELLA, M. (org.). *Estudios fonológicos de continua dialectales: mapuche y wichi*. Santa Rosa: Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de La Pampa, 2009b. p. 41-82.

THOUAR, A. *Explorations dans l'Amérique du Sud*. París: Hachette, 1891.

TOVAR, A. *Relatos y diálogos de los maticos*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1981.

VIDAL, A.; NERCESIAN, V. Estudio del léxico wichí (mataco-mataguaya): Aportes al conocimiento de algunas situaciones de contacto y desplazamiento lingüístico en el Chaco argentino. *Cuadernos Interculturales*, Valparaíso, v. 7, n. 12, p. 141-158, 2009a.

VIDAL, A.; NERCESIAN, V. Loanwords in Wichí, a Mataco-Mataguayan Language of Argentina. In: HASPELMATH M.; TADMOR, U. (org.). *Loanwords in the World's Languages. A Comparative Handbook of Loanword Typology*. The Hague: Mouton de Gruyter, 2009b. p. 1015-1034.

VIDAL, A.; NERCESIAN, V. Wichí vocabulary, (1187 entradas). In: HASPELMATH M.; TADMOR, U. (org.). *World Loanword Database*. Munich: Max Planck Digital Library, 2009c. Disponible en: <http://wold.clld.org/vocabulary/40>. Acceso en: 20 jun. 2020.

VIÑAS URQUIZA, M. *Lengua Mataka I*. Buenos Aires: Centro de Estudios Lingüísticos, 1974a.

VIÑAS URQUIZA, M. *Lengua Mataka II*. Buenos Aires: Centro de Estudios Lingüísticos, 1974b.

WICHMANN, S.; HOLMAN, E. W. *Assessing Temporal Stability for Linguistic Typological Features*. Munich: Lincom Europa, 2009.



Dimensões da violência na linguagem: articulando cenários e perspectivas

Dimensions of violence in language: articulating scenarios and perspectives

Daniel do Nascimento e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

dnsfortal@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6098-5185>

Anabella Machado Rocha

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

bellarocha03@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0970-0308>

Alvaro Monteiro Carvalho Arcanjo

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ),
Valença, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

alvaro.monteirocarvalho@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-0412-6500>

Clarissa Rodrigues Gonzalez¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

gonzalezclariss@yahoo.es

<http://orcid.org/0000-0002-3521-897X>

¹ Bolsista de Doutorado - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir dimensões da violência em três contextos empíricos em que as facetas física e simbólica da violência diferentemente se manifestaram: um relato de uma mulher vítima de violência sobre sua tentativa de realizar um boletim de ocorrência sobre ameaças sofridas pelo então marido; as declarações de um executivo sobre o pouco valor da vida de favelados no contexto da pandemia de Covid-19; uma capa jornalística em que a cabeça da ex-presidenta Dilma Rousseff aparece em chamas. O artigo invoca os conceitos de escala, comunicabilidade e indexicalidade para produzir sentido sobre como a violência foi percebida e enquadrada no primeiro contexto, sobre como ela circulou viralmente no segundo e sobre como ela participou da semiotização e contextualização de uma imagem no terceiro. Metodologicamente, o artigo combina abordagens etnográficas e documentais, diferentemente empregadas em cada contexto empírico. Além de promover uma discussão situada dessas três manifestações da violência, apontamos para formas de resistência à violência, algumas delas inscritas na própria produção da atividade reflexiva sobre a manifestação e os efeitos da violência.

Palavras-chave: escalas; comunicabilidade; indexicalidade; violência empírica; violência simbólica.

Abstract: This article aims at discussing dimensions of violence in three empirical scenarios in which physical and symbolic violence differently surfaced: an account of a female victim of violence about her attempt to press charges about threats made by her then husband; the comments by a businessman about the lack of value of the lives of favela residents in the context of the Covid-19 pandemics; a newspaper cover displaying the head of the former Brazilian president Dilma Rousseff on fire. The article builds on the concepts of scales, communicability and indexicality in order to render intelligible the ways in which violence was perceived and framed in the first context; in addition to how it virally spread in the second, and to how it participated in the semiotization and contextualization of an image in the third. Methodologically, the paper combines ethnographic and documental approaches, and applies them differently in each empirical context. In addition to providing a situated discussion of these three manifestations of violence, we point to modes of resistance to violence, some of which are inscribed in the very production of reflexive activity about the manifestation and effects of violence.

Keywords: scales; communicability; indexicality; empirical violence; symbolic violence.

Recebido em 18 de junho de 2020

Aceito em 03 de setembro de 2020

1 Violência, linguagem e resistência

Este artigo aborda diferentes dimensões da violência em três cenários empíricos diferentes. Os cenários são: o relato de uma mulher vítima de violência doméstica sobre sua tentativa de denunciar o agressor em uma delegacia; as declarações de um executivo sobre o pouco valor da vida de favelados no contexto da pandemia de Covid-19; uma capa jornalística em que a cabeça da ex-presidenta Dilma Rousseff aparece em chamas. Nosso principal objetivo é oferecer uma reflexão situada sobre a relação entre violência e significação, em especial sobre como os participantes produzem sentido sobre violência e seus efeitos, no primeiro cenário; sobre como as palavras que ferem participam de um processo de comunicabilidade (BRIGGS, 2005) ou circulação infecciosa, no segundo cenário, e sobre a força do enquadramento da imagem fotográfica na produção de violência contra uma mulher, no terceiro cenário.

A literatura especializada sobre o tema da violência tem apontado que, apesar de sua natureza destrutiva e desorganizadora, a violência mantém estreitas relações com a produção de significado (ver BUTLER, 1997; CALDEIRA, 2000; SCARRY, 1987; SILVA, 2017). Butler (1997, p. 4), por exemplo, argumenta que “ser ferido pela fala é sofrer uma perda de contexto, isto é, não saber onde você está” (tradução nossa). A autora complementa que a violência na linguagem coloca o sujeito que foi endereçado violentamente “fora de controle. A capacidade de circunscrever a situação do ato de fala é obliterada no momento da enunciação injuriosa” (p. 4, tradução nossa). Há, além disso, evidências empíricas de que o silêncio e a desarticulação enunciativa podem resultar da violência: Primo Levi (1988) testemunha que, em campos de concentração, alguns sujeitos tornavam-se mudos, solitários, destituídos de laços comunicativos com os outros; Veena Das (2007, p. 87-91) elabora sobre o caso de Manjit, uma mulher que, vitimizada por sucessivos ataques e estupros no contexto da violência da Guerra da Partição entre Índia e Paquistão, ficou desarticulada e incapaz de verbalizar. Não obstante essa destruição do significado, o ato violento em si tende a ser direcionado, regrado e ordenado. Violência simbólica e física também extrapolam sua dimensão “irracional” ao revelarem dimensões semióticas em seu desdobrar no espaço e no tempo: na violência genocida em Ruanda, por exemplo, as varas com as quais as pessoas da etnia tutsi eram empaladas tinham uma altura que variava entre 1,80m e 2m – o equivalente à altura

de um tutsi (ver MALKKI, 1995, p. 92). Atos de terror e violência são, portanto, situados em sistemas de símbolos.

A reorganização prática e psíquica daqueles que sofrem a violência é também regida por regras – por exemplo, sujeitos podem criar redes de solidariedade para narrar o trauma e buscar possibilidades de cura (FREUD, 1920); Estados fraturados pela violência podem estabelecer comissões da verdade e projetos de reconciliação (VERAS, 2011). Por mais que desorganize indivíduos e comunidades, “a experiência da violência sempre provoca mudanças” (CALDEIRA, 2000, p. 28), e o ato posterior de narrar, falar, em suma, tornar o ato violento como símbolo tem consequências performativas diversas – muitas das quais contrárias à própria violência.

Dada essa relação entre violência, sentido e sobrevivência à violência, propõe-se aqui uma reflexão redigida por quatro autores/as interessados/as em criar inteligibilidade sobre essas relações no Brasil contemporâneo. Mais especificamente, propomos uma comparação de nossos objetos de pesquisa com vistas a endereçar questões relevantes no campo dos estudos sobre a violência e significação: Que dimensões ou escalas a violência assume quando generificada, racializada e territorializada? Como circula a violência no interior da linguagem? Em que medida palavras e imagens violentas são citacionais, isto é, como acumulam e condensam condições de violência vindas de outros espaços e temporalidades? Como os sujeitos podem resistir à violência que os atinge?

Essas questões, obviamente, precisam ser situadas e respondidas no espaço e no tempo. Daí nossa proposta situada de reflexão. A seguir, portanto, delineamos três contextos em que a violência e a resistência a esta são diferentemente instanciados. Na reflexão que se segue, inicialmente apontamos a teoria geral de base, que orientará a compreensão sobre a violência nos cenários empíricos. Na seção seguinte, discutiremos o enredamento da violência em escalas – em dimensões do discurso e da vida social (CARR; LEMPERT, 2016) – no contexto do relato de uma vítima de violência sobre sua tentativa de prestar queixa na delegacia acerca das ameaças que vinha sofrendo do então marido. Em seguida, partimos para o tema da circulação da violência no discurso, mais especificamente no contexto da violência simbólica contra pessoas negras e moradoras de periferia, durante a intensa circulação de discursos sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil. Na seção seguinte, retornamos à violência contra a mulher, elaborando sobre a dimensão semiótica

da violência simbólica contra Dilma Rousseff durante o processo de impeachment por ela sofrido. Finalmente, apresentamos as considerações finais, em que comparamos os três contextos empíricos.

2 Base teórica

Embora a teoria que fundamenta a presente reflexão seja, em grande parte, apresentada à medida que realizamos as análises dos contextos empíricos, convém aqui ressaltar a perspectiva teórica comum às abordagens empíricas da violência que apresentaremos adiante. A proposta teórica mais ampla é aquela que encontra sua melhor expressão na formulação de John L. Austin de que a linguagem não é mera representação de um mundo exterior e independente, mas sim uma forma de ação neste mundo (AUSTIN, 1962). Como a extensa e frutífera pesquisa de Rajagopalan (2010) apontou, Austin ofereceu as bases para uma visão performativa da linguagem. Em sua reflexão indômita e cuidadosa, Austin apontou que a fronteira entre os performativos e os constativos – termos que ele próprio inventou – são muito tênues, de forma que o constativo, aquele enunciado que verifica um estado de coisas no mundo, passa a ser um tipo de performativo – isto é, aquele enunciado verdadeiro (ou falso) que foi confirmado (ou desautorizado) como tal (ver MEY, 2001). Como Latour e Wolgar (1997) demonstrariam em sua etnografia da ciência, um enunciado verdadeiro na ciência precisa ser “autenticado” como verdadeiro: uma proposição em um artigo científico, por exemplo, passa por uma longa cadeia de verificação, teste e autenticação por pares e pelas instituições que irão aferir a esse enunciado o status de “verdadeiro” ou “falso”. Duranti (1997), baseado em sua etnografia da linguagem com samoanos, viria a concluir que a “verdade é uma conquista interacional” (p. 230, tradução nossa). A especificação da tese de Austin neste artigo é a de que, se a linguagem é uma forma de ação, essa ação pode ser violenta.

Outro construto fundamental para os três trabalhos aqui comparados é o de indexicalidade. Em sua forma mais básica, a indexicalidade pode ser compreendida como o “meio pelo qual, em diferentes níveis, signos linguísticos ou outros direcionam os usuários desses signos às condições envolventes específicas em que esses usuários os utilizam” (SILVERSTEIN, 2006, p. 14, tradução nossa). Embora o conceito não seja explicitado em todas as análises, ele subjaz a todas elas, na medida em que compartilhamos a visão de que indexicalidade

é pragmática (SILVERSTEIN, 1993). As análises que apresentaremos sobre a narrativa de uma vítima da violência, sobre a violência simbólica que circula numa *live* do Estadão e sobre a violência explicitamente gráfica produzida pelo mesmo veículo jornalístico são realizadas de forma a evidenciar a indexicalidade desses eventos e das camadas e cadeias de outros eventos neles encaixadas. Trata-se, em resumo, de mostrar como os signos utilizados indexicalmente – isto é, pragmaticamente – pressupõem certos contextos e, ao mesmo tempo, afetam tais contextos (ver SILVERSTEIN, 2006).

Os demais conceitos mais salientes – escala e comunicabilidade – serão detalhados adiante. Por ora, no entanto, antecipamos que escala, segundo Marilyn Strathern (2004, p. XV), pode ser definida como “a organização de perspectivas sobre objetos de conhecimento e investigação”. Esse conceito, bastante central para campos como a geografia e a antropologia, tem recebido atenção crescente dos estudos da linguagem. Na obra recente, *Scales: Discourse and Dimensions of Social Life (Escala: Discurso e Dimensões da Vida Social)*, os estudiosos da linguagem, Summerson Carr e Michael Lempert (2016), explicam que escalas se referem aos processos por meio dos quais perspectivas e compreensões acerca de processos sociais e de nós mesmos são forjadas em nossas práticas interacionais. De acordo com os autores, escalas ajudam as pessoas a orientarem suas ações e organizar suas experiências e, com efeito, funcionam como alicerce da maneira como nos engajamos em práticas semióticas diversas. Atividades escalares são aquelas em que os atores sociais realizam ações como medir, pesar, comparar objetos ou grupos de objetos de forma a torná-los socialmente significativos. Comunicabilidade, por seu turno, é um processo metapragmático² – isto

² A partir da noção de metalinguagem discutida por Jakobson, seu orientador de doutorado, Silverstein (1993) propõe o termo ‘metapragmática’ para se referir à imaginação realizada pelos usuários da pragmática do discurso. Para Silverstein, a metapragmática anda lado a lado da pragmática. A função metapragmática arregaça os índices do discurso em “eventos interpretáveis de tal-e-tal tipo que a língua em interação constitui ([e] na qual consiste)” (SILVERSTEIN, 1993, p. 37). No limite, para Silverstein, compreender é compreender metapragmaticamente: “Compreender a interação discursiva como evento de tal-e-tal tipo é precisamente ter um modelo de texto interacional” (p. 37). Neste artigo, utilizamos ‘metapragmática’ nesse sentido proposto por Silverstein e preferimos não fazer distinção entre esse termo e ‘metalinguagem’, ‘metadiscurso’ ou ‘metacomunicação’.

é, um processo de imaginação da pragmática do discurso – por meio dos quais os participantes criam modelos da produção, circulação e recepção dos discursos (BRIGGS, 2007). Briggs faz um trocadilho como o termo ‘comunicável’, que em medicina se refere a doenças que são transmissíveis, e com a noção de ‘comunicação’, em certas formações ideológicas, como processo transparente e linear. Comunicabilidade seria, em sua forma mais básica, a imaginação sobre a infecciosidade dos textos, os quais, em sua viralização social, carregariam informação transparente sobre o mundo. Como Briggs (2007) argumenta, certos textos são mais infecciosos e penetram mais rapidamente o tecido social, espalhando-se e comunicando-se entre as pessoas com muito mais facilidade. Em linhas gerais, certas ideologias são extremamente “contagiosas” e viajam mais intensamente por diferentes tempos-espacos, projetando certas ideias acerca do mundo como representações fiéis e verídicas da realidade e, como tal, possibilitam o tráfego de certas crenças como transparentes, neutras, livres de ideologias (BRIGGS, 2007).

Passemos, adiante, aos contextos em que a violência se manifestou.

3 Escalas da violência

O primeiro contexto empírico que trazemos para reflexão gira em torno da própria definição para os participantes de uma interação do que seja violência. Apresentaremos inicialmente o dado de pesquisa, para em seguida elaborarmos teoricamente sobre ele. O dado em questão foi extraído da pesquisa de campo de Alvaro Arcanjo, que, durante os anos de 2017 e 2018, realizou, em uma cidade de pequeno porte do interior do Rio de Janeiro, uma etnografia com mulheres vítimas de violência, com ativistas e com agentes do Estado responsáveis pelo atendimento a essas vítimas (ARCANJO, pesquisa em andamento).³ A narrativa abaixo

³ A pesquisa foi registrada e aprovada na Plataforma Brasil, com registro CAAE sob o número 19121119.0.0000.8160. Os/As participantes da pesquisa assinaram um Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido, que esclarecia os objetivos da pesquisa, bem como assegurava o anonimato de seus participantes, conforme as resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Aos/As participantes também foi garantida a retirada dos dados de entrevistas em caso de desistência, com a consequente destruição do material fornecido. No comitê de ética, esclareceu-se que um dos potenciais prejuízos da pesquisa é a rememoração de experiências traumáticas, o que poderia ser compensado pelo benefício de expor para a sociedade tais problemas e buscar modos de ressignificação.

é o excerto de uma entrevista em que Cecília,⁴ mulher negra, de 54 anos, moradora de um bairro pobre dessa cidade, relata ao pesquisador uma cena por ela vivida quando procurou uma delegacia para registrar um boletim de ocorrência relativo a ameaças feitas pelo marido.

Excerto 1

- 01 Cecília Ele muito enjoado, eu peguei, lá no baile, ele
 02 começou a falar, aí nós viemos embora, aí ele
 03 começou falar as coisas comigo, me ameaçar, aí eu
 04 peguei, no outro dia eu peguei e fui lá dar parte
 05 dele levei até a faca, uma faca que ele tinha
 06 amolado falando que ia me matar, o- o rapaz que
 07 tava lá o delegado sei lá o que que é, falou
 08 comigo, na frente dele, falou na frente dele, você
 09 guarda isso, não deixa nem ele ver, porque vai pôr
 10 no lugar onde você tirou pra ele não ver, porque
 11 deixa lá
- 12 Alvaro Falando para você
- 13 Cecília Porque não vai adiantar nada, falando comigo, não
 14 vai adiantar nada você é:: é mostrar isso aí
- 15 Alvaro Mas ele explicou
- 16 Cecília Isso não adianta nada
- 17 Alvaro Ah
- 18 Cecília Eu falei com ele mas é a faca que ele me ameaçou,
 19 aí ele falou assim isso aí não vai dizer nada
 20 guarda isso, põe no mesmo lugar que você tirou
 21 para ele não saber que você mexeu, aí, aí depois
 22 ele- ele virou, aí eu falei assim, mas ele me
 23 ameaçou me xingou, aí o rapaz falou assim, mas a
 24 senhora tá com ele ainda? na frente dele, tô, mas
 25 você vai me desculpar a mais sem vergonha é você
 26 de ainda tá com ele hoje
- 27 Alvaro Isso o rapaz da delegacia falou com a senhora na
 28 frente dele?

⁴ O nome dos participantes da etnografia e da cidade foram alterados ou omitidos com vista à manutenção do anonimato dos sujeitos da pesquisa. Na transcrição de dados de fala, optamos por utilizar símbolos da escrita, mantendo, na medida do possível, o ritmo da fala. Utilizamos convenções mínimas para marcar fenômenos da fala:

:: alongamento de vogal (ex. é::)

– hesitação (ex. ele– ele).

29 Cecília Na frente dele, mais sem vergonha é você, a
30 senhora está com ele até hoje, eu falei mas eu,
31 meus filhos não temos pra onde ir, aí ele falou,
32 então você aguenta as, as consequências então
33 aguenta o homem que tem, aí ele pegou e olhou
34 para mim, rindo do delegado, fala isso comigo,
35 delegado, sei lá o que que é
36 Alvaro [...]
37 Cecília É tá tudo guardado comigo lá, aí ele falou, aí ele
38 virou para esse rapaz e falou assim, viu é isso aí
39 que eu falo com ela tá comigo porque ela quer,
40 ninguém tá mandando, ela ficar comigo

Nesta narrativa, Cecília relata inicialmente que foi ameaçada pelo então marido depois de um desentendimento dos dois em um baile. Ela conta que depois procurou uma delegacia para prestar queixa da ameaça, levando consigo uma faca que o marido tinha utilizado para ameaçá-la. Na delegacia, ela conta que o inspetor de polícia mostrou-se pouco receptivo ao seu relato, discordou que a faca por ela levada serviria como prova da ameaça e, além disso, culpou-a por não ter deixado seu marido: “mas você vai me desculpar a mais sem vergonha é você de ainda tá com ele hoje” (linhas 24-26). Ela fala, então, sobre a dificuldade de deixá-lo em face de sua situação econômica: “eu falei mas eu, meus filhos não temos pra onde ir” (linhas 30-31), ao que o inspetor responde, segundo Cecília: “então você aguenta as, as consequências, então aguenta o homem que tem” (linhas 32-33). No excerto em tela, Cecília também dá a entender que seu marido a acompanhou na visita à delegacia: ela fala por exemplo que o (inspetor) “falou comigo na frente dele” e que seu marido, ao final, “virou para esse rapaz e falou assim, viu é isso aí que eu falo com ela tá comigo porque ela quer, ninguém tá mandando, ela ficar comigo” (linhas 38-40).

A priori, é importante entender a situação interacional em que este dado foi gerado, a própria complexidade de narrar a violência e os meandros institucionais do atendimento à mulher vítima de violência nessa cidade para que algumas lacunas na narrativa possam ser preenchidas. As lacunas são: o fato de Cecília relatar a ameaça a um inspetor de polícia homem (e não a uma mulher, em linha com o padrão das delegacias de atendimento à mulher, conforme descrito, por

exemplo, em OSTERMANN, 2003) e a aparente inconsistência de o agente da violência (o então marido) estar acompanhando a vítima em seu relato. Em primeiro lugar, essa interação se deu no contexto das onze entrevistas que foram geradas por Arcanjo durante sua etnografia. Cecília foi apresentada ao autor por uma amiga, que sabia do seu interesse de pesquisa e também ofereceu sua casa como um lugar seguro para a realização desta e de futuras entrevistas. Assim, a interação foi um esforço de criar condições para que uma mulher que sofrera violência doméstica narrasse sua experiência num contexto de efetiva escuta de seu sofrimento. Em segundo lugar, narrar a experiência com a violência – em linha com a atividade de narrar de modo mais amplo – é uma estratégia de orientação em relação a eventos ocorridos em outras temporalidades (ver DE FINA, 2003; FABRÍCIO, 2006).

O relato de Cecília pode ser visto também como testemunho, cuja narrativização constitui o enlace entre memória e história (SELIGMANN-SILVA, 2017). Olhando por essas lentes, o que Cecília conta não é um acesso direto aos “fatos”. Pelo contrário, a atividade narrativa-testemunhal da participante emerge dos destroços e ruínas deixados pela violência que sofreu e diz respeito a um trabalho criativo que reúne e relaciona fragmentos da história na reconstrução de suas vivências (SELIGMANN-SILVA, 2017). Vejamos: ao contar histórias, sempre nos engajamos em uma tarefa reflexiva para organizar o que contar, como contar, como e onde começar e terminar, que eventos, espaços e tempos privilegiar. Novamente, não se trata de um espelhamento de uma realidade. Como apontamos, a linguagem não espelha o mundo (AUSTIN, 1962), tampouco o faz a narrativa. Os estudos sobre narrativa, “[m]ais do que perscrutar por uma verdade imanente e natural dos acontecimentos e da vida das pessoas, (...) destacam que a experiência se torna significativa e acessível ao ser narrada pelos sujeitos [...]” (LOPES *et al.*, 2019, p. 34).

Além disso, a história narrada “só pode ser conhecida ao ser interpretada, (re)contextualizada e (res)significada pelos próprios pesquisadores” (LOPES *et al.*, 2019, p. 34). Em razão do caráter performativo da linguagem, Fabrício (2006, p. 191) explica que a narrativa “reúne eventos contingentes, imputa-lhes uma lógica causal explicativa, arrumando-os segundo uma ordem espaço-temporal”. Assim, a narrativização é um processo performativo de orientar, de perspectivar, de dimensionar segundo parâmetros espaço-temporais, determinado aspecto daquilo que compreendemos e chamamos de realidade. Nesse

sentido, a menção que Cecília faz ao então marido na visita à delegacia é inconsistente apenas se olharmos para o excerto em questão como uma totalidade em si mesma. Cecília estava, ao contrário, produzindo sentido sobre as fraturas que a violência do marido havia causado em sua vida. Além disso, o marido tinha o hábito de persegui-la, conforme relatado pela moça em momento posterior da entrevista, o que parece indicar que ele a tinha seguido até o local.

A presença pouco usual do agente da violência no relato em questão se liga à segunda complexidade da situação de interlocução narrada: o fato de Cecília ser atendida por um homem e não por uma policial mulher. Em sua etnografia, Arcanjo aponta que, devido ao seu número de habitantes (76.000) e de registros de casos de violência contra a mulher, a cidade em questão não tem uma Delegacia de Atendimento à Mulher, mas sim um Núcleo de Atendimento à Mulher (NUAM), que fica localizado no segundo andar da delegacia de polícia civil que Cecília visitou. Assim, o “andar de baixo” da delegacia funciona como uma certa triagem para o “andar de cima”, onde ficam as oficiais de polícia do NUAM. Embora sejam as policiais femininas as responsáveis pela condução de investigação de crimes contra a mulher, há casos (quando o NUAM não está aberto, por exemplo) em que policiais homens fazem o primeiro atendimento. Em entrevista a Arcanjo, um delegado da cidade deu um pouco mais de nuance à questão:

Excerto 2

o NUAM são policiais femininos policiais civis, investigadores e inspetores que atende exatamente essa demanda né, às vezes o registro é feito por um policial masculino mas o trabalho de investigação toda o atendimento aquela (...) é o lado social, você também tem que ver o lado social o lado policial é feito pelo policial feminino tá

Dadas essas considerações, agora passemos à questão de que a violência no Excerto 1 está enredada em múltiplas dimensões – históricas, situacionais, diferenciais. Aqui, aprofundaremos o conceito de escalas (CARR; LEMPERT, 2016), previamente definido, para entender essas dimensões da violência narrada por Cecília (e presentes no discurso do então marido e do oficial de polícia que atende Cecília). Para Carr e Lempert (2016), escala diz respeito aos processos de perspectivação,

dimensionamento, categorização e avaliação que constituem formas de perceber, de dizer e de agir. Muitas dessas formas de perceber-dizer-fazer são reiteradas em nossas práticas semióticas e cristalizam certos pontos de vistas que acabam por orientar as pessoas nos processos de construção de sentidos (MOITA-LOPES; FABRÍCIO; GUMARÃES, 2019). Não existiria, segundo Carr e Lempert (2016), conhecimento produzido fora de trabalhos escalares. Mobilizar projeções escalares envolve um trabalho semiótico bastante intenso: ancorar espaço-temporalmente, nomear, comparar, fazer analogias, mensurar, agrupar, diferenciar, criar oposições binárias, classificar/categorizar, territorializar (pessoas, comunidades, regiões, fenômenos sociais, línguas etc.), generalizar, expandir, limitar etc. (CARR; LEMPERT, 2016). Nesse sentido, nossas práticas de linguagem não ocorrem em um vácuo, não são lisas nem autônomas. Isso implica dizer também que, mesmo não tendo controle sobre os efeitos de nosso dizer, nossas produções discursivas são sempre orientadas ideologicamente, são ações performativas, que constroem posições sociais e engendram modos de dizer-fazer-perceber que, na repetição, se naturalizam. Com efeito, as escalas não são instâncias dadas, isto é, não preexistem ao discurso. Pelo contrário, nós utilizamos recursos semióticos diversos ao criar projetos escalares acerca do mundo ao nosso redor a partir de uma série de estratégias – como comparação, dicotomização, categorização, tracejo de distinções, hierarquizações, criação de binarismos e identidades etc. – que tem alto poder performativo. Em resumo, a (re)produção e a compreensão de sentidos acerca da realidade como a entendemos são efeitos da mobilização de recursos semióticos que colocam em jogo historicidades sedimentadas e a situacionalidade do nosso trabalho escalar (BLOMMAERT, 2015). É uma atividade semiótica do aqui e do agora que, ao mesmo tempo, incita ressonância de histórias de significação persistentes. Essa concepção é bastante frutífera no trabalho de desnaturalização de sentidos altamente estáveis e nos ajuda a olhar analiticamente para o modo como as pessoas produzem estratégias que guiam o nosso perceber-dizer-fazer (GONZALEZ; MOITA-LOPES, 2020).

A partir dessa perspectiva, o entendimento de uma dada ação como violenta ou não, como merecedora de atenção por parte do Estado ou não, é dependente da orientação ideológica a que os participantes da interação se alinham. Assim, Cecília busca a delegacia para fazer valer o direito de proteção a mulheres vítimas da violência. A Lei 11.340/2006

(BRASIL, 2006), também conhecida como Lei Maria da Penha, versa sobre a criação de mecanismos para se combater casos de violência doméstica e familiar contra a mulher e tem como objetivo a proteção de mulheres contra vários tipos de violência, que vão, inclusive, além da violência física. Contrariamente à determinação da lei, Cecília é desencorajada pelo inspetor de plantão a efetuar o registro de ocorrência contra seu então marido. Um poderoso processo escalar está em jogo, ecoando significações persistentes no Brasil, muitas delas documentadas em pesquisa acadêmica.

Como a extensa pesquisa sociolinguística de Ana Ostermann e suas colaboradoras têm demonstrado, o atendimento em Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher é informado por ideologias, assimetrias e dinâmicas de poder na condução do processo de atendimento às vítimas da violência que terminam por somar-se ao sofrimento das vítimas. Em sua etnografia em uma delegacia da mulher numa cidade do Sudeste do Brasil, Ostermann (2003) conclui que os encontros por ela documentados nesta delegacia da mulher “são caracterizados, na sua esmagadora maioria, pelo elevado grau de controle das agentes policiais sobre as interações, bem como pela distância em relação às vítimas” (p. 497-498, tradução nossa). A autora identifica que as agentes de polícia “atendem claramente menos às necessidades e desejos das vítimas (ou seja, sua face [no sentido de GOFFMAN, 1955]), fornecendo mínimo ou nenhum feedback quando as vítimas denunciam os seus problemas.” (p. 498). Ostermann (2003) compara os padrões interacionais do atendimento a vítimas de violência na Delegacia da Mulher com um centro feminista de atendimento à mulher (CIV-Mulher), localizado na mesma região, e percebe que, comparativamente, as oficiais da delegacia da mulher apresentam um índice alto de silêncio ao fim dos turnos no relato das mulheres (29% na delegacia, versus 7% no CIV-Mulher), um número menor de continuadores, como ‘*ahã*’, ‘*hmm*’, que tendem a marcar interesse pela conversa (7% na delegacia versus 29% no CIV-Mulher) e um alto índice de mudança de tópico nas respostas (23% na delegacia versus 6% no CIV-Mulher). Vistos no todo da etnografia de Ostermann, que conviveu com as oficiais da delegacia e as triagistas do CIV-Mulher, esses padrões interacionais se associam a questões de poder, afiliação e *habitus* nas comunidades de prática de que essas mulheres participam: enquanto a orientação feminista no CIV-Mulher tendia a escalar a interação entre triagista e vítima da violência para um nível mais

horizontal e participativo, o distanciamento das policiais de uma postura feminista e as características do “mercado simbólico” (BOURDIEU, 1991) da polícia civil – uma instituição de maioria masculina, hierárquica e calcada no terreno das desigualdades brasileiras – levavam essas agentes de Estado a demonstrarem menos solidariedade às vítimas da violência.

Em estudo mais recente, Ostermann e Costa (2012) verificam um padrão avaliativo no atendimento na delegacia da mulher semelhante ao relatado por Cecília. Lembremos que Cecília relata ter sido recriminada pelo inspetor de polícia por não ter se separado do marido ainda: “a mais sem vergonha é você de ainda tá com ele”. Nos termos da Análise da Conversa, este é um tipo não preferido de resposta em interações solidárias; quando uma pessoa faz um comentário negativo sobre si mesmo, por exemplo, a tendência preferida de um interlocutor que se identifica com essa pessoa é negar o comentário, em linha com o princípio da proteção da face dos participantes da interação (ver BROWN; LEVINSON, 1987; OSTERMANN; COSTA, 2012).

No Excerto 1, o inspetor, além de se negar a registrar a ocorrência de violência do então marido de Cecília, realiza uma ofensa ao reciclar um juízo moral, lançando mão do recurso “sem vergonha” para caracterizá-la. Em uma cadeia de iterabilidade (DERRIDA, 1991), essa expressão cita outras abordagens parecidas, deslocadas de outros espaços-tempos e condensadas no momento da injúria (ver BUTLER, 1997; SILVA, 2012). Em linha com o padrão percebido por Ostermann, o local que deveria ofertar serviço de proteção para Cecília reitera discursos patriarcais, produzindo violência simbólica adicional contra a vítima. Nos termos de De Lara *et al.* (2016, p. 174), o “sistema funciona, então, como uma *continuidade* da violência sofrida pela mulher no espaço privado, vítima de seu marido, pai, companheiro, chefe. A mulher recorre ao Estado buscando refúgio e é novamente violentada” (itálico no original). O ato de fala “a mais sem vergonha é você” alude a discursos sexistas que atuam na construção de vítimas de violência como culpadas (SAFFIOTI, 2004). Nessa lógica, como Cecília é “sem vergonha”, ela merece apanhar do marido. Esse é *modus operandi* da culpabilização da mulher pelo estupro e por outras formas de violência (DE LARA *et al.*, 2016).

A questão central relativa ao Excerto 1, portanto, diz respeito ao fato de que a violência está enredada em escalas ou dimensões da vida social. Ou seja, o inspetor de polícia encaixa ou escala a ação verbal do aqui-agora em certos modos convencionais de compreender

a desigualdade brasileira. Assim, sua ação da indiferença, produtora de condições para o silenciamento da violência contra a mulher, aponta para projetos escalares específicos no Brasil – por exemplo, a matriz escalar patriarcal, que “mensura” a ação feminina de conviver com um parceiro violento como “sem-vergonhice”. Além disso, essas construções escalares baseadas em discursos de culpabilização da vítima reiteram condições metapragmáticas (como as narradas por Cecília e por Ostermann (2003)) que impedem muitas mulheres de acessarem o Estado.

Na próxima seção, discutiremos que essas formas de escalar a violência – ou seja, de encaixar o aqui-agora da interação em uma matriz dominante, que desigualmente organiza percepções sobre pertencimentos identitários legítimos – se ligam a padrões de *circulação do discurso*. Sigamos.

4 Circulação da violência

Na seção anterior, olhamos para um relato da violência e discutimos a natureza escalar ou multidimensional da violência. Aqui, nos perguntamos: como *circula* a violência na linguagem? Partimos do influente trabalho do antropólogo e linguista Charles Briggs (2005, 2007, 2011) para dar sentido à noção de que, assim como os vírus, a violência que circula na linguagem é *infecciosa* e produz, à medida que circula, compreensões sobre o próprio processo de infecção. Por exemplo, como um vírus, o ato de violência simbólica “a mais sem vergonha é você” vem de um espaço-tempo anterior ao do inspetor de polícia e certamente infectará outros, contribuindo para a manutenção desse processo de naturalizar vítimas da violência como culpadas. Para dar nuance a esse modelo de compreensão da violência como infeccioso e metacomunicativo, enfocaremos nesta seção a viralização da violência simbólica contra negros e moradores de periferia no contexto de uma viralização que nos afeta a todos, a pandemia de Covid-19.

O mundo vive uma pandemia. A Covid-19 expande-se por todos os continentes, deixando um rastro de sofrimento, miséria e morte. Foi em 31 de dezembro de 2019 que a China anunciou o surgimento de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas alertaram a OMS sobre a identificação de uma nova cepa de coronavírus que ainda não havia sido detectada em humanos. Em 30 de janeiro de 2020, já se constituía numa

Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, menos de dois meses depois, em 11 de março de 2020, a OMS declarou o Covid-19, infecção causada pelo novo coronavírus, como uma pandemia.

De acordo com os dados do Ministério da Saúde, no dia 30 de agosto de 2020, o Brasil alcançou a marca de 3.862.311 infectados e 120.828 óbitos causados pela Covid 19, ocupando o segundo posto global em número de casos confirmados, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América.⁵ Vale ressaltar que no Brasil a subnotificação é alta e o Executivo tentou esconder os números de casos, o que gerou reações negativas diversas. O novo coronavírus mostra, com a rapidez que se dissemina e infecta, sua implacável potência de comunicabilidade. A disseminação da Covid-19 se dá de pessoa a pessoa pela projeção de perdigotos do nariz ou da boca. Os perdigotos contaminados não se projetam para além de dois metros, mas podem permanecer sobre as superfícies em que caem por até 72 horas, aguardando o próximo a ser contaminado ao tocá-los e conduzi-los ao nariz, boca ou olhos, criando um contexto de contaminação que impulsiona a disseminação, dispensando a presença física do infectado para o contágio. O novo coronavírus “pegou carona” e viajou por mar, terra e ar para alcançar todos os continentes. Minúsculo, avança sobre as populações sem distinguir seu alvo, mas se favorece das condições de desigualdade social e econômica criadas pelas sociedades humanas e encontra no mundo globalizado as condições ideais para se expandir. Não sendo tão letal como outros vírus que já assustaram a humanidade, como o Ebola, por exemplo, ele consegue construir o que precisa, tempo e condições para contaminar. Muitos já infectados podem apresentar sintomas leves ou mesmo ser assintomáticos, transformando-se em seu veículo de transporte. Invisível, o vírus transforma suas vítimas em seus principais aliados para alcançar o seu objetivo, circular para infectar.

A pandemia da Covid-19 surge e acontece num mundo afogado em informações. As novas tecnologias de comunicação e o ambiente virtual das redes sociais são um contexto potencializador de crescente aceleração em que circulam narrativas violentas sobre a desigualdade na pandemia, num processo de intensa contaminação de visões de mundo, ideologias e perspectivas de realidades.

⁵ Dados da COVID 19 no Brasil. (BRASIL, 2020a) Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 30 ago. 2020.

O processo de viralização da Covid-19, a um só tempo biológico e social, tem algum paralelo com a noção de ‘comunicabilidade’ – processo de infecção pela linguagem teorizado por Charles Briggs. Em suas abordagens críticas para explorar como a poética e as construções sociais da linguagem, comunicação e mídia estruturam e são estruturadas pela vida cotidiana em zonas de racialização, poder, perigo e, muitas vezes, morte, Briggs (2005) desenvolveu uma perspectiva analítica que se detém sobre a comunicabilidade: processos de construção social da produção, circulação e recepção do conhecimento e do discurso. O conceito de comunicabilidade inicialmente faz um jogo de palavras com o termo ‘comunicável’: segundo os dicionários, a acepção mais geral de comunicável remete àquilo que é transmissível em palavras, ecoando ideologias linguísticas sobre a comunicação como processo transparente; como segunda acepção, em medicina, comunicável é o adjetivo utilizado para vírus e bactérias contagiosas ou infecciosas (ver MICHAELIS, 2020; OXFORD, 2020). Assim, comunicabilidade é o processo em que discursos se tornam infecciosos e carregam ideologias linguísticas consigo, muitas das quais calcadas em crenças de linguagem como ato transparente, homogêneo e linear. Briggs trata da comunicabilidade como a forma contagiosa pela qual textos e discursos se disseminam, tornando socialmente significativas determinadas ideologias, concepções de mundo e formas de vida, por vezes mapeando-as como naturais e negando ou silenciando outros pontos de vista. A comunicabilidade funciona dentro do que Bourdieu (1993) chama de campos sociais: “áreas de organização social que produzem papéis sociais, posições, agência e relações sociais que moldam (sem determinar) como os indivíduos e as coletividades são por eles interpelados e os ocupam” (BRIGGS, 2007, p. 556; ver também HANKS, 2008, p. 43-48).

Dado esse cenário, consideremos a declaração dada por Guilherme Benchimol, um integrante do seletivo grupo de bilionários brasileiros, presidente da XP Investimentos, em entrevista ao vivo para o jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 5 de maio de 2020, quando emitiu sua opinião sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil: “Acompanhando um pouco os nossos números, eu diria que o Brasil está bem.” (ESTADÃO, 2020). Nesse mesmo dia, o Ministério da Saúde, em seu site oficial, notificava 114.715 casos confirmados e 7.921 mortes, tendo ultrapassado a marca de 600 casos/dia (BRASIL, 2020b). E acrescentou o economista: “Nossas curvas não estão tão exponenciais ainda, a gente vem conseguindo

achatar. Teremos uma fotografia mais clara nas próximas duas a três semanas. O pico da doença já passou quando a gente analisa a classe média, classe média alta. O desafio é que o Brasil é um país com muita comunidade, muita favela, o que acaba dificultando o processo todo.”

As opiniões do bilionário presidente da XP constroem uma narrativa que comunica interesses de classe e reproduz índices de uma visão de mundo que compartimentaliza a cidadania brasileira. *O Estado de S. Paulo* é um tradicional veículo da imprensa corporativa que tem como público alvo os setores de classe alta de São Paulo. A entrevista se deu numa *live* no Youtube, em programação composta por diversas *lives* com diferentes personalidades do universo da economia. Esses elementos compõem um campo social de nítidos contornos: com autoridade de bem-sucedido na economia, Benchimol comenta sobre as ações de saúde pública com o recorte que interessa a sua audiência, os de classes média e média alta que estão preocupados com as consequências da pandemia para o sistema financeiro.

Em linha com a pragmática linguística, nossa posição aqui é a de que a linguagem não é um reflexo do mundo “lá fora”; ao contrário, a proposta de Austin (1962) é a de que a linguagem é um modo de agir no mundo. O presidente da XP Investimentos, ao considerar: “(...) eu diria que o Brasil está bem”, mesmo com a divulgação de informações contabilizando milhares de mortes e em tendência crescente, não ignora a realidade, mas situa a realidade nos interesses de seu campo social – “O pico da doença já passou quando a gente analisa a classe média, classe média alta.”

Os campos sociais constituem-se no que Briggs chama de cartografias comunicáveis, isto é, “projeções com as quais os textos representam seus próprios pontos de origem, modos de circulação, audiências pretendidas e modos de recepção, contidos no próprio texto” (BRIGGS, 2007, p. 556). Cartografias comunicáveis são também cronotopos (BAKHTIN, 2018), ou seja, recortes de espaço-tempo em que os textos se projetam emergindo tanto de locais particulares como viajando através de locais e atividades específicas. Essas projeções podem se dar em temporalidades diretas e lineares ou em temporalidades múltiplas, como acontece com a Internet. Para Briggs, a ideia de comunicabilidade sugere que o poder dessas cartografias está em mapear processos discursivos particulares e constituir certas dimensões comunicativas e apagar outras, criando subjetividades, relações sociais,

buscando moldar como as pessoas serão interpeladas nesse processo. Assim, comunicabilidade se refere ao processo como os discursos se constituem em cartografias comunicáveis que estão inseridas nos campos sociais (telejornais, redes sociais etc.), na qual papéis e relações sociais se modelam. A comunicabilidade se refere ainda ao modo como textos viajam espaço-temporalmente, projetando-se por lugares como a televisão e a internet, por meio de gêneros como entrevistas ou postagens digitais, e tendo sua recepção imaginada em certos lugares e posições sociais.

A *live* do *Estadão*, assim, é realizada para circular socialmente e carregar consigo projeções sobre como sua audiência deve se posicionar em relação à pandemia. A participação de Benchimol estava situada, portanto, num enquadre metapragmático específico: a série de *lives* “Economia na quarentena” foi anunciada pelos repórteres de economia do *Estadão* Fernando Scheller e Monica Scaramuzzo como uma sequência de entrevistas ao vivo “em que empresários e executivos falam das dificuldades de lidar com a crise gerada pela Covid-19”. Ao contrário de outras *lives* na Internet que têm visado discutir a economia de forma mais sistêmica e sobretudo o impacto da crise na imensa parcela de pessoas na informalidade e na precariedade econômica, o *Estadão* imagina uma cartografia comunicável específica: aquela em que “empresários e executivos” falam – num circuito visto como linear e transparente – para a “sociedade” e para o “Estado”.

“O desafio é que o Brasil é um país com muita comunidade, muita favela, o que acaba dificultando o processo todo.” Em termos de conteúdo proposicional, esse enunciado de Benchimol indica que as favelas são o “desafio”, aqueles territórios que “dificulta[m] o processo todo”. Em termos de efeitos pragmáticos, no entanto, esse enunciado diz muito mais. No campo da desigualdade brasileira, as favelas são compostas por uma grande maioria de pessoas negras (IBGE, 2019). A violência da escravidão no Brasil não terminou com a Abolição. O tratamento dado pelo Estado aos descendentes dos escravizados tem a marca da negligência e do controle violento (MACCORD; SOUZA, 2018). Favela e periferia indiciam racialidade, haja vista que a grande maioria dos que as habitam são descendentes dos 350 anos de escravidão negra legalizada e cinco séculos de extermínio dos povos originários do Brasil.

Assim, os enunciados de Benchimol sobre o “problema” da favela podem ser considerados violentos. A violência dessas palavras é diferente da agressão física; trata-se, ao contrário, de uma forma de

violência simbólica (BOURDIEU, 1991, 2010), insidiosa, que se projeta por cartografias comunicáveis como um modo transparente e bem informado de falar sobre as “dificuldades de lidar com a crise gerada pela Covid-19”, como anunciou Scheller no início do debate. Nos termos de Geovani Freitas (2006, s/p), a violência simbólica é “tão ou mais cruel quanto a violência física”. Diz o autor:

Concomitantemente às práticas de violência física que fazem parte da dinâmica cotidiana atual, opera-se uma outra forma de violência que, embora não se revele na sua forma imediata, perceptível à consciência e à sensibilidade das pessoas, é tão ou mais cruel quanto a violência física. Chamamos de violência simbólica ou violência doce os modos de sentir e de pensar que reproduzem e legitimam, na prática, valores classificatórios sobre o outro sem que sejam percebidos como tais. Neste sentido, há formas de dominação cristalizadas que se reproduzem quase que inconscientemente na sociedade, assumindo posição de verdades naturais que se impõem de forma irrefletida. Exemplo disto pode ser referido em relação aos lugares no mundo social-histórico do masculino em relação ao feminino, do adulto em relação à criança, do saber erudito em relação ao saber popular, entre outras formas de oposição cognitivas presentes no saber-fazer de nossas práticas sociais.

Nesse sentido, a violência simbólica que circula nas palavras de Benchimol participa de processos de legitimação e naturalização da injusta distribuição econômica brasileira. É importante ter em mente que temos o 9º maior PIB do mundo, mas estamos entre os mais desiguais economicamente (NERI, 2019). Vejamos como a comunicabilidade da naturalização econômica se dá na sequência do discurso de Benchimol. Mais adiante na *live*, o presidente da XP comenta sobre a dificuldade de se manter a quarentena, a principal forma de se conter a pandemia, segundo especialistas e a OMS: “É um desafio você pedir que a população inteira fique presa em casa. Um terço da população vive de diária e se não trabalhar hoje não vai comer, no máximo, na semana que vem.” E ainda argumenta que no orçamento do Estado brasileiro não há espaço para auxílios robustos que permitam a esse segmento da população se resguardar em casa.

No entanto, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, anunciou um pacote de medidas para socorrer os bancos que

chega a R\$ 1,216 trilhão, ou 16,7% do Produto Interno Bruto brasileiro (PIB). Na crise financeira global de 2008, o montante aplicado com o mesmo objetivo foi de R\$ 117 bilhões, 3,5% do PIB, 10 vezes menor (BARBOSA; HESSEL, 2020). Segundo a economista Laura Carvalho (2020), as projeções sobre o auxílio emergencial de três meses dado aos trabalhadores que ficaram desempregados, informais ou precarizados apontam que o auxílio custou aproximadamente R\$ 155 bilhões, ou 2,1% do PIB. Fruto de pressão da sociedade civil, o auxílio emergencial ecoa a noção de renda básica, defendida pelo ex-senador Eduardo Suplicy desde os anos 1980 e atualmente empregada com grande êxito na Finlândia, Quênia, Canadá e algumas regiões dos Estados Unidos da América (ROQUE, 2018). Assim, a escolha de *O Estado de S. Paulo* de fazer *lives* apenas com “empresários e executivos” em sua discussão de economia na quarentena, deixando de lado o contraponto de vozes que defendem uma política econômica mais redistributiva, termina por atualizar a histórica perspectiva de que no orçamento governamental não há dinheiro para auxiliar os trabalhadores, mas sim os setores tradicionalmente beneficiados pelo governo.

Não podemos perder de vista que essas *lives*, como construções comunicáveis, são feitas para *infectar*, isto é, são projetadas para circular socialmente e produzir certa perspectiva de conhecimento sobre a economia e a constituição racial da sociedade. E os caminhos de entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990) dos enunciados de Benchimol – isto é, sua descontextualização e posterior recontextualização como unidades autônomas – se dá em campos sociais cada vez mais digitais e controlados por algoritmos que, a serviço de plataformas como Facebook e Twitter, transformam *likes* e visualizações em valor de mercado. E assim como o vírus, que parece chegar cada vez mais perto de nós, as notícias se multiplicam quando alcançam grupos de *WhatsApp* familiares ou laborais, ganhando autoridade e poder crescente de infecção. Essas unidades entextualizadas muitas vezes se transformam em mensagens com frases curtas e de impacto, com ilustrações montadas com objetivo de conduzir certas interpretações. Anteriormente ao cenário digital das *fake* e *junk news* contemporâneas, a própria imprensa corporativa já se utilizava de recursos como esses, como no caso de manchetes impactantes que não revelavam o exato conteúdo proposicional da reportagem, mas ressaltavam aquilo que se queria transmitir de forma rápida e fixadora. Muitos leitores de jornais não liam mais que as manchetes. Mas, nas redes

sociais, esse poder de comunicabilidade, em que gotículas de informação são passadas de pessoa a pessoa, se potencializa exponencialmente, atacando seus receptores com a mesma voracidade de um vírus atacando as células humanas. Rapidamente, uma verdade se constrói e se fixa, atualizando-se pela transmissão iterável de um texto em circulação.

Essa intensa circulação viral ativa crenças, ideologias e formas de ver o mundo hegemônicas pela transmissão pandêmica de certas construções metapragmáticas do discurso – como necessidade econômica, por exemplo. É nesse cenário que vozes e mãos se levantam em luta de resistência. No vácuo deixado pela ausência do Estado com políticas públicas de combate à pandemia e à desigualdade, constrói-se a auto-organização. No Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, por exemplo, a ONG Voz da Comunidade se uniu ao Coletivo Papo Reto e ao Mulheres em Ação para formar o Gabinete de Crise do Complexo do Alemão, responsável por campanhas de esclarecimentos sobre como combater a pandemia da Covid 19. As ações do Gabinete se expandiram por meio de campanhas solidárias de arrecadação e distribuição de alimentos e água, dada a ineficiência de políticas públicas que suprissem as carências de renda e condições de moradia na favela. Campanhas emergenciais solidárias são efetivadas por grupos auto-organizados dentro das próprias comunidades faveladas e periféricas. O enfrentamento não é só ao Covid 19, mas à desinformação e negligência estatal. *Lives* e vídeos circulam pelas redes sociais em plataformas como Youtube e Instagram, assim como nos carros de som que percorrem o bairro em campanhas emergenciais. A CUFA (Central Única das Favelas), que existe há mais de vinte anos, lançou a campanha “Doação Mães da Favela” com o intuito de ajudar às mulheres nesse momento de crise. Essa auto-organização é o antídoto ao veneno viral que circula há séculos, naturalizando mortes e desigualdade social. A crise econômica e sanitária mostrou, de maneira inquestionável, o fosso da desigualdade que direciona as políticas econômicas e prioridades do Estado, mas também expôs o potencial de luta e resistência dessas populações secularmente excluídas e seu poder de organização e de construir novas pautas que desafiam o discurso de ódio, o racismo de raça e classe. Como disse Preto Zezé, presidente da Cufa:

conectamos mais de cinco mil favelas, em 26 estados e Distrito Federal, tem gente do extremo Sul do Rio Grande Sul às tribos indígenas do Acre, indo de barco distribuindo cesta básica. Só que nós não estamos só distribuindo cesta básica, aí que tá,

nós estamos fazendo com que a solidariedade, a relação, a vida comunitária, a coletividade seja mais contagiosa que o vírus. Esse é o pulo do gato. Na seção seguinte, continuaremos discutindo o processo de comunicabilidade da violência simbólica, desta vez elaborando sobre o processo desigual e violento de construção pictórica de Dilma Rousseff pelo *Estadão*, durante a crise política que culminou com o impeachment de uma presidenta eleita.

5 Semiose da violência

Pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher ocupava o mais alto cargo do poder executivo. Dilma Rousseff, depois de participar ativamente dos governos Lula, estando a frente de dois ministérios (Minas e Energia, Casa Civil), elegeu-se presidenta em 2010. Em 2014, foi reeleita e, em 2016, sofreu impeachment.

Durante os seus dois mandatos presidenciais, especialmente no transcurso do processo de impeachment, Dilma foi capa de diversas publicações jornalísticas. Em muitas, foi acusada de pedaladas fiscais e de envolvimento em esquemas de corrupção. Em outras, foi exposta ao ridículo (DILMA..., 2013) e a cenas dantescas (CARUSO, 2015), enredada em atmosferas de solidão (A SOLIDÃO..., 2016) e de envelhecimento (GUERREIRO, 2015), associada à ideia de atraso (A MÁQUINA..., 2015), questionada quanto à sua performance de feminilidade e sexualidade (VIEIRA, 2015) e apontada como uma mulher dada a ataques de histeria e fúria (AS EXPLOSÕES..., 2016), além de ser apresentada como uma pessoa perigosa por conta de seu passado guerrilheiro (O PASSADO..., 2010).⁶ Em algumas dessas publicações,

⁶Na capa da edição 2317 da revista *Veja*, publicada no dia 16 de setembro de 2015, cuja manchete é “Dilma pisou no tomate”, a ex-presidenta é exposta ao ridículo. Em 2015, no dia 8 de março, data em que se comemora internacionalmente o dia da mulher trabalhadora, Chico, em sua charge, publicada em destaque na capa do jornal *O Globo*, desenha Dilma a ponto de ser executada por um membro do Estado Islâmico. Na capa da revista *Época*, número 931 (edição especial do Impeachment), publicada no dia 16 de abril de 2016, cuja manchete é “A solidão de Dilma”, a líder do executivo é mostrada isolada. O jornal *Folha de São Paulo*, no dia 11 de março de 2015, publica narrativa noticiosa assinada por Gabriela Guerreiro cujo título era “Presidente do Senado ataca Planalto e diz que governo Dilma ‘envelheceu’”. Em dezembro de 2015, a manchete da edição 2456 da revista *Veja*, “A máquina do atraso de Dilma”, projeta Dilma como

Dilma Rousseff era literal e multimodalmente atacada (ver BARONAS, 2015; CARDOSO, 2017; NEVES; NEVES, 2017; ZDEBSKYI; MARANHÃO; PEDRO, 2015).

Aqui, abordamos narrativas noticiosas⁷ (GONZALEZ, 2017) que constroem, exibem, incitam ou propagam cenas de violência simbólica, mais especificamente em sua feição semiótica, como aquela em que Dilma parecia arder na fogueira do *Estadão* (ver FIGURA 1). Essa narrativa, ao explorar ilusões óticas que determinadas objetivas fotográficas forjam, dá materialidade ao enunciado imagético proferido, performativamente criando aquilo que aparentemente apenas descreve: um ataque pirômano. Ao fazê-lo, combina diferentes recursos semióticos: afinal, toda narrativa noticiosa é multimodalmente urdida. Logo, a análise desse tipo de narrativa deve contemplar tanto os elementos lexicais como os imagéticos que dela fazem parte. Em outras palavras, há de se dedicar um olhar atento à relação léxico-imagética que se estabelece entre os elementos que a compõem.

Para dar conta de tal propósito, recorremos à noção de indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003). Esse construto, cuja origem remete à noção de índice de Charles S. Peirce (2005), nos permite identificar como signos, ao serem mobilizados numa dada prática discursiva, conectam-se com significados que trafegam em escala mais ampla. Essa conexão indexical, por força da repetição, pode adquirir estabilidade, naturalizando certas correlações históricas de sentido. Observemos a imagem em questão:

atrasada. O artigo “Dilma e o sexo”, publicado pela *Época* no dia 20 de agosto de 2015, questiona a sexualidade da ex-presidenta. A capa da edição 2417 da *Isto é*, publicada no dia 6 de abril de 2016, cuja manchete é “As explosões nervosas da presidente” constrói Dilma como uma mulher dada a ataques de fúria e histeria. A capa da edição 639 de *Época*, publicada no dia 16 de agosto de 2010, cuja manchete é “O passado de Dilma – Documentos inéditos revelam uma história que ela não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar” apresenta a ex-presidenta como uma mulher perigosa por conta de seu passado guerrilheiro.

⁷ Em linha com os estudos críticos do jornalismo, utilizamos, em lugar do termo ‘notícia’, a expressão ‘narrativa noticiosa’ para ressaltar o caráter narrativo e interpretativo desse tipo de produção (GONZALEZ, 2017; ALBUQUERQUE, 2000). Operamos, assim, numa chave que se afasta da distinção estanque entre ‘fato’ e ‘opinião’ e se aproxima de uma leitura performativa do jornalismo (RAJAGOPALAN, 2003).

FIGURA 1 – O Estado de S. Paulo, 4 de maio de 2016.



Fonte: O Estado de S. Paulo. Fotografia de Dida Sampaio/ Agência Estadão.

O Estado de S. Paulo, na capa da edição do dia 4 de maio de 2016, publicada durante o processo de *impeachment* movido contra a então presidenta, mostra Dilma aparentemente em chamas. Na foto, realizada por Dida Sampaio, o rosto de Dilma aparece através do fogo que emana da tocha olímpica. Na imagem, há o predomínio de duas cores: verde e amarelo. Esses índices cromáticos indiciam discursos nacionalistas que, desde as manifestações de junho de 2013, foram intensamente apropriados por grupos de direita para protestar contra o PT e pedir o impeachment da então presidenta (BECKER; CESAR; GALLAS; WEBER, 2016).

Uma breve análise do uso das cores pátrias na narrativa de capa em questão nos mostra como o *Estadão* endossa semioticamente o linchamento a que Dilma foi submetida. O amarelo, que abarca grande parte da imagem e aparece em destaque por conta de sua centralidade, provém do fogo que parece consumir Dilma. O verde, que ocupa a parte

inferior da fotografia, colore a base em que está a tocha e chega encobrir o queixo de Dilma. Por seu formato ovalado assemelhar-se ao de um prato, uma das leituras possíveis que a imagem projeta é a de que a cabeça da então líder do executivo está sendo colocada a prêmio, o que acontece durante um cerimonial festivo: à ocasião, celebrava-se o acendimento da tocha olímpica. Eis aí dois pontos a serem considerados: o primeiro remete ao fato de que os índices mobilizados na imagem apontam para discursos orientadores de ordem religiosa que promoveram a caça às bruxas e as fizeram arder no fogo inquisitorial; o segundo diz respeito à contextualização desses índices imagéticos: por mais que a imagem não evidencie detalhes do cerimonial realizado, os índices lexicais que compõem a legenda “Fogo olímpico” contextualizam a cena. Nela, uma mulher é aparentemente lançada à fogueira numa cerimônia realizada em praça pública, lugar reservado, durante a Inquisição, à punição daqueles que eram vistos como uma ameaça à sociedade.

Evocar outro espaço-tempo, como a Inquisição, no caso em questão, nos ajuda a entender como a indexicalidade opera. De acordo com Silverstein (2006, p. 756-757, tradução nossa), o signo indexical, ou seja, o índice, tal como Peirce sinalizava, estabelece uma relação de “contiguidade espaço-temporal” entre o signo e aquilo a que este remete. Isto implica, dentre outras coisas, que índices, ao serem mobilizados em uma dada narrativa, sempre a extrapolam, sempre excedem seu contexto de enunciação (SILVERSTEIN, 2003) ao se conectarem com outros espaços-tempos. Essa extrapolação, quando aponta para a mesma direção repetidas vezes, acaba cristalizando associações indexicais (i.e., mulheres-bruxaria), fazendo com que certos sentidos sejam socio-historicamente absorvidos (SILVERSTEIN, 2003), naturalizados.

Essa dimensão cronotópica-indexical da linguagem e da imagem também se faz notar na seção 3. Nela verificamos como o enunciado “sem vergonha” traz em si uma historicidade condensada (BUTLER, 1997) que aponta para o modo como juízos de valores conservadores são reciclados em uma prática situada, ecoando discursos sexistas que atuam em camadas da violência física – e não apenas simbólica – contra Cecília. De forma similar, o enunciado imagético aqui analisado opera: ao condenar Dilma Rousseff a arder no fogo inquisitorial, a narrativa noticiosa do *Estadão* conecta-se a um espaço-tempo anterior, ao mesmo tempo em que atualiza sentidos socio-historicamente já absorvidos que naturalizam – e atualizam – modos de punir a “ousadia” de certas mulheres.

Há de se ter em conta, além disso, que conforme discutimos na seção anterior, um processo comunicável de naturalização e legitimação está em curso aqui. Na narrativa do *Estadão*, o linchamento pirômano a que Dilma é exposta também pode ser interpretado como uma forma de frear avanços de certos sujeitos e tentativa de recuperar territórios. Mulheres, em lugar de ocupar a presidência da república, deveriam permanecer na esfera doméstica, desempenhando performances de belas e recatadas no lar.

Discursos que contribuíram para restringir a mulher ao âmbito privado e para subtrair-lhe protagonismo há muito tempo circulam (ZDEBSKYI; MARANHÃO; PEDRO, 2015). O mito grego indiretamente sugere isso ao propor uma clara divisão de tarefas: enquanto os homens se dedicariam a trabalhar fora, as mulheres ficariam em casa (SCHMITT-PANTEL, 2003). Tanto na tradição grega como na judaico-cristã, a mulher é criada como categoria secundária (SCHMITT-PANTEL, 2003). E, desde Pandora e Eva, a figura feminina é associada à introdução do pecado e do mal no mundo.⁸ Logo, torna-se passível de ser punida. Durante a Inquisição, como sinaliza Federici (2019), basicamente só mulheres eram acusadas de bruxaria. Muitas foram lançadas à fogueira sob essa acusação.

Esses discursos, que levam à inferiorização, culpabilização ou punição da mulher, vêm de longa data. Além de atuarem na justificativa da violência de gênero, também instauram naturalizações de determinadas formas de subjetividade. Tais discursos, por se repetirem, atualizam-se. Não por casualidade, ainda hoje, mulheres continuam sendo associadas a incertezas, ambiguidades, oscilações e mistérios. Essa percepção, que remonta ao Iluminismo, projeta e reforça cisões. Enquanto a masculinidade era associada à precisão e solidez da ciência, a feminilidade era associada à imprecisão e instabilidade da emoção. De um modo geral, tudo o que era abominado por esse movimento, fundamentado na lógica, na superioridade da razão, na certeza e precisão da ciência, é sintetizado na figura feminina.

⁸ Na mitologia grega, a mulher chega a ser encarada como um castigo. Zeus oferta Pandora a um mortal (Epimeteu) como forma de punir a humanidade pelo roubo do fogo. Ela, portanto, não é criada para fazer companhia ao homem, mas para levar a cabo uma vingança. Em contrapartida, “não se sabe como nem em que etapa os homens passaram a existir, eles simplesmente estão presentes, são uma categoria coletiva” (SCHMITT-PANTEL 2003, p. 131).

Os ideais iluministas, segundo Bauman e Briggs (2003), ganham imensa força no século XIX, graças à visada filosófica de autores como Locke e Bacon. Os dois contribuíram decisivamente para que o projeto da Modernidade Iluminista se concretizasse, destacando a importância de se operar com uma concepção de linguagem – e sociedade – livre de ambiguidades. Essa forma de se conceber a linguagem e a produção do conhecimento como algo neutro, imparcial, universal e livre de ruídos ainda ressoa nos dias atuais (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2016; MOITA LOPES, 2013). Influenciou, dentre outras coisas, a percepção de que a imprensa, inventada no século XV e impulsionada pela revolução industrial, seria um aparato enunciador da verdade (BAHIA, 2009).⁹ O mesmo se pode dizer da fotografia, que surge na primeira metade do século XIX, também sob os ecos da Modernidade e da revolução industrial. Segundo Fontcuberta (2011), essa invenção seria um emblema da sociedade industrial que a produziu. Essa nova tecnologia emerge como índice de credibilidade referencial. Essa ideologia referencialista impregnou a fotografia a ponto de Barthes (1984, p. 72) afirmar que “a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa”.

Um dos autores que mais contribuiu para pôr em xeque essa ideologia de linguagem foi John L. Austin (1962). Sua teoria sobre os atos de fala evidencia que a linguagem – o mesmo vale para a imagem (GONZALEZ, 2017) – não tem por função descrever ou representar uma dada realidade que existiria a priori. A linguagem age ativamente no mundo social, performativamente criando aquilo que parece apenas descrever. O modo como o/a fotógrafo/a constrói a imagem evidencia que linguagem e imagem não descrevem estados de coisa, mas os instauram. Dilma, de fato, não estava ardendo no fogo, por mais que a imagem sugira algo assim. Logo, o fotojornalista, ao buscar um determinado ângulo para a construção dessa ilusão ótica, não se limitaria a “representar” uma realidade de forma fidedigna, a simplesmente “transmitir” informação. O fotojornalista e a equipe editorial do jornal, ao enquadrarem a então presidenta na imagem analisada, lançam Dilma às chamas. Em outras palavras, performativamente, criam aquilo que descrevem.

⁹ Gutenberg inventa, no século XV, uma máquina (a prensa móvel) que permitiria a impressão gráfica. No século XVIII, embalada pela revolução industrial e pelo crescimento das urbes, esta máquina seria usada para a impressão de jornais e alavancaria a atividade jornalística (BAHIA, 2009).

Outro fato a ser considerado é que a fotografia em questão carece de ambientação, não havendo informação detalhada de fundo nem projeção de linhas de fuga. Pode-se vislumbrar aí uma metáfora do que estaria acontecendo com a então presidenta: assim como os índices imagéticos sugerem, ela estaria encurralada. Essa leitura é reforçada pelos índices lexicais mobilizados. O título “Janot denuncia Lula na Lava Jato e pede investigação contra Dilma”, em destaque acima da fotografia, colabora para criar um clima de cerco que se fecha. Curiosamente, o último dos subtítulos, abaixo do título principal, afirma não haver indícios contra o então vice-presidente (“PGR não vê indícios contra Temer”). Numa leitura pragmática, não podemos perder de vista os índices de pertencimento em questão. Estamos não apenas diante de um processo de impeachment que colocaria Temer no lugar de Dilma, mas também de um processo político que substituiria uma mulher – vista como desequilibrada, autoritária e de passado guerrilheiro – por um homem branco, heterossexual, cisgênero e rico. O perfil racial e econômico de Temer, iconizado pela maioria daqueles que o absolveram, desfruta dos privilégios que hegemonias interseccionadas de gênero, raça, classe e sexualidade lhe asseguram. Temer, em outras palavras, ocupa o mais alto patamar da escala social. Ele personifica o *status quo*. Dilma, apesar dos privilégios que sua cor, cisgeneridade e classe social lhe ofertam, não pertence ao mesmo clube. É vista como uma intrusa, como uma ameaça às hegemonias instituídas, como uma mulher que se recusa a desempenhar a performance de “categoria secundária” (SCHMITT-PANTEL, 2003), personificada, a posteriori, na figura de Marcela Temer, predicada – e exaltada – pela mídia corporativa como “bela, recatada e do lar”.

Para além da condução da política econômica do país, o fato de Dilma ser mulher, ao que parece, incomodou grupos que historicamente têm se favorecido dos diferentes tipos de desigualdade que assolam o país. A despeito de seu histórico de luta e sobrevivência, Dilma Rousseff, que foi presa e torturada durante a violenta ditadura brasileira, tal como as bruxas de outrora, foi consumida pelas chamadas inquisitoriais contemporâneas. O *Estadão* o fez combinando índices lexicais e imagéticos que, na narrativa noticiosa de capa analisada, criaram as condições de possibilidade – ou de felicidade (AUSTIN, 1962) – para que a enunciação imagética ganhasse a força de ferir. Força esta que inexistente no vácuo de um proferimento isolado. Sobre a violência na linguagem, Butler (1997, p. 51) foi enfática ao concluir: “nenhum termo

ou enunciado pode funcionar performativamente sem a acumuladora e dissimuladora historicidade da força”.

Do mesmo modo que a acumuladora e dissimuladora historicidade da força dá materialidade à violência, atos de resistência podem se insurgir contra essa sedimentação, mesmo em cenários pouco favoráveis. Em meio à crise financeira, motivada em grande parte pela entrada de novos *players* no mercado da informação (buscadores, blogs, redes sociais etc.), e à crise de credibilidade que a mídia corporativa enfrenta, dois fenômenos, dentre tantos outros, ganharam forma: a proliferação de sites de jornalismo independentes (por exemplo: Mídia Ninja, Jornalistas Livres, A Pública, AzMina¹⁰) e projetos como o ObjETHOS¹¹ (Observatório de Ética Jornalística). De diferentes propósitos e alcances, essas iniciativas constituem uma forma de resistência, seja por funcionarem à margem dos grandes conglomerados midiáticos, seja por sua proposta deontológica. Enquanto a Mídia Ninja funciona como uma rede colaborativa de produção e distribuição de informação e o coletivo Jornalistas Livres prima pela pluralidade de abordagens, sites como A Pública e AzMina dão protagonismo às mulheres. O primeiro é uma agência de jornalismo investigativo fundada por mulheres repórteres; o segundo, uma revista digital que visa combater a violência contra a mulher. Como vimos nas seções 1 e 3, desse tipo de violência não se veem livres nem mulheres como Cecília nem a autoridade máxima do poder executivo brasileiro. Diferentes ataques à ex-presidenta Dilma Rousseff, por certo, inspiraram o ObjETHOS a publicar textos sobre a (falta de) ética jornalística de alguns dos principais veículos de informação do país. Num deles, Moretzsohn (2016) se debruça sobre a mesma capa que Gonzalez analisa e, referenciando Lima (2014), lança um alerta: tais práticas não afetam ‘apenas’ a credibilidade de pessoas públicas e de certas instituições, acabam mermando a credibilidade da própria democracia. Daí a importância de iniciativas como as aqui mencionadas, as quais, como diz a canção,¹² demonstram ser possível acreditar em flores vencendo canhões.

¹⁰ Mídia Ninja. Disponível em: <https://midianinja.org/>. Acesso: 27 ago. 2020. Jornalistas Livres. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/>. Acesso: 27 ago. 2020. Pública. Disponível em: <https://apublica.org/>. Acesso: 27 ago. 2020. AzMina. Disponível em: <https://azmina.com.br/>. Acesso: 27 ago. 2020.

¹¹ ObjETHOS. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/>. Acesso: 27 ago. 2020.

¹² Pra não dizer que não falei de flores (Caminhando), autor: Geraldo Vandré, 1968.

6 Considerações finais: costurando os cenários de violência e resistência

Este artigo é resultado da colaboração de duas autoras e dois autores que mobilizaram sua pesquisa situada sobre linguagem e violência, de forma a produzir sentido e nuance sobre algumas dimensões da violência em três cenários particulares: a narrativa de uma vítima da violência, a violência simbólica contida numa *live* do Estádio e a violência explicitamente visual produzida pelo mesmo jornal.

Primeiramente, a partir da etnografia de Arcanjo, demonstramos que a violência, em suas feições física e simbólica, está enredada em escalas – em dimensões do discurso e da vida social (CARR; LEMPERT, 2016). Mostramos o peso que ideologias persistentes sobre desigualdade de gênero, bem como certos meandros burocráticos no encaminhamento de denúncias sobre parceiros violentos, podem impedir o acesso de vítimas da violência a seus direitos. Podem ainda amplificar a violência simbólica que essas vítimas já sofrem, num ciclo de legitimação do qual a violência física também participa.

Em seguida, no contexto da infecciosidade de narrativas durante a pandemia do novo coronavírus, que afeta todo o planeta, discutimos a circulação de enunciados violentos sobre moradores de favelas, grupo marcadamente racializado e minoritarizado no país. O ciclo de legitimação de classe e de naturalização de uma política econômica desigual, epitomizado pela fala de um rico empresário brasileiro em uma *live* do *Estádio*, se dissemina numa cartografia comunicável que mapeia o fluxo de capitais, palavras e corpos de acordo com desigualdades persistentes e com ideologias sobre a viabilidade de certas vidas e a indiferença a outras.

Depois, analisamos outro traço da comunicabilidade da violência simbólica também produzida pelo *Estádio*. A partir do estudo de uma capa em que Dilma Rousseff, a única mulher que chegou à presidência do Brasil, é aparentemente incendiada pela pira olímpica, demonstramos como elementos da histórica desigualdade de gênero no Brasil e de discursos mais gerais que situam mulheres como pertencentes à esfera privada, como desequilibradas ou como bruxas se acumularam naquela representação imagética da cabeça de Dilma sendo servida em chamuscas sobre um prato verde. A dimensão sutil e insidiosa da violência simbólica naquela capa foi enfocada em nosso estudo a partir de uma decomposição

dos elementos do registro fotográfico, bem como de manchetes que, compondo o cotexto da imagem, apontam para a inviabilidade de Dilma na presidência e para a suposta inocência de Michel Temer, o então vice-presidente que se movimentava para assumir o executivo.

Ancorados numa teoria mais ampla da ação na linguagem – i.e., a performatividade –, os aspectos teóricos que enfatizamos em cada contexto específico (escala, comunicabilidade e indexicalidade) podem ser entendidos como elementos participantes da violência que circulou nos três contextos. Na delegacia do interior do Rio de Janeiro, por exemplo, Cecília foi atingida não apenas pela violência que foi escalada para o espaço-tempo do patriarcado e dos valores “tradicionais”, que culpabilizam mulheres pela violência de seus companheiros, mas também pela circulação viral e insidiosa (i.e., a comunicabilidade) desse projeto escalar e pelo “apontar” (i.e., a indexicalidade) desse projeto para modos de contextualizar a linguagem e o pertencimento identitário. A escala, a comunicabilidade e a indexicalidade, como processos semióticos, participam da produção da violência na linguagem. Eles dizem respeito à percepção e ao enquadramento (i.e., escala), à circulação e às ideologias linguísticas correlatas (i.e., comunicabilidade) e à semiotização e contextualização (i.e., indexicalidade) da significação da violência.

Para concluir, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que essas facetas escalares, comunicáveis e indexicais da violência, a qual atinge sobretudo sujeitos racializados e generificados no Brasil, são também contestadas por aqueles que são afetados pela violência dos signos. No primeiro caso em tela, apontamos que o ato de narrar a violência num contexto de efetiva escuta e identificação tem efeitos contrários à destruição da violência. Cecília conversa com Arcanjo sabendo que terá um interlocutor que se interessa em ouvir seu sofrimento; sobretudo, ela sabe que sua narrativa se transformará em elementos de um estudo que pode se traduzir em um entendimento de como a violência circula e, possivelmente, fornecer elementos para o efetivo combate à violência. Na mesma seção, aludimos ao trabalho de Ostermann (2003) e Ostermann e Costa (2012), que comparam padrões interacionais de uma Delegacia da Mulher e de centros feministas de apoio a vítimas da violência. A conclusão que as autoras chegam – de que uma orientação feminista vem acompanhada de uma postura solidária na interação com mulheres afetadas pela violência de gênero – sinaliza para uma importante escala da resistência à violência: ao oferecer uma

postura ativa na co-construção de enunciados sobre o trauma e caminhos institucionais para o encaminhamento das denúncias, as triagistas do CIV-Mulher dão um exemplo claro de como agir linguisticamente no combate à violência contra a mulher.

Embora tenhamos dado mais ênfase à comunicabilidade da violência nos canais de *O Estado de S. Paulo* (i.e., Youtube e capa do jornal impresso) do que na resistência à violência que circula nos circuitos do jornal, gostaríamos de salientar que Charles Briggs entende que o processo de comunicabilidade, além de ser imbuído de poder e modelador de visões de mundo, é contestável. Diz o autor: “apesar de sua base em desigualdades materiais e institucionais, mapas comunicáveis adquirem efeitos à medida que pessoas respondem aos modos em que textos buscam interpelá-las” (BRIGGS, 2007, p. 556, tradução nossa). Algumas das respostas, aponta o autor, podem ser realizadas “pela recusa [das pessoas] a se localizarem nas posições oferecidas por esses textos, pela revisão crítica de tais posições ou pela rejeição completa dessas construções comunicáveis” (p. 556). Assim, apontamos para o importante trabalho do Gabinete de Crise do Complexo do Alemão, um agrupamento de coletivos de moradores dessa favela interessado em tornar a auto-organização das periferias em política de sobrevivência dos moradores, num território em que o Estado se faz presente sobretudo em sua faceta penal e policial. A CUFA vem fazendo um trabalho semelhante, atingindo muitas outras favelas do Brasil. Além disso, no universo do jornalismo não-corporativo, coletivos de comunicação como Mídia Ninja, Jornalistas Livres, A Pública e AzMina vêm oferecendo modelos comunicáveis alternativos àqueles oferecidos pelos veículos corporativos.

As iniciativas da sociedade civil em resistência à violência física e simbólica são muito mais numerosas e variadas do que as que listamos acima. Acreditamos, assim, que estudos adicionais que delineiem as escalas e a comunicabilidade da resistência à violência são fundamentais para a produção de sociabilidades menos desiguais e violentas no mundo contemporâneo.

Declaração de contribuição de cada autor

Todos os quatro autores participaram do planejamento e redação do presente manuscrito. Alvaro Arcanjo realizou a pesquisa de campo na qual se baseia a seção 3, por ele redigida. Anabella Rocha realizou a pesquisa documental na qual se baseia a seção 4, por ela redigida. Clarissa Gonzalez realizou a pesquisa documental na qual se baseia a seção 5, por ela redigida. Daniel Silva redigiu a introdução, seção 2 e conclusão. Todos os autores contribuíram com as seções dos demais colegas, seja por meio de revisão, de redação de alguns excertos ou de colaboração em seu desenho.

Referências

ALBUQUERQUE, A. A narrativa jornalística para além dos *faits-divers*. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 69-91, 2000.

AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

A MÁQUINA do atraso de Dilma. *Veja*, São Paulo, 16 dez. 2015. Capa.

A SOLIDÃO de Dilma. *Época*, São Paulo, 16 abr. 2016. Capa.

AS EXPLOSÕES nervosas da presidente. *Isto é*, São Paulo, 6 abr. 2016. Capa.

BAHIA, J. *História da imprensa brasileira*. Jornal, história e técnica. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BAKHTIN, M. As formas do tempo e do cronotopo. In: _____. *Teoria do Romance II*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 11-236.

BARBOSA, M.; HESSEL, R. Pacote anunciado pelo governo deve liberar R\$ 1,2 trilhão aos bancos. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/24/internas_economia,836224/pacote-anunciado-pelo-governo-deve-liberar-r-1-2-trilhao-aos-bancos.shtml. Acesso em: 9 jun. 2020.

BARONAS, R. L. A (des)ordem da imagem na comunicação política brasileira: possibilidades analíticas a partir da noção discursiva de relações intercenográficas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 401-413, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150304-2015>

BARTHES, R. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and Performances as Critical Perspectives on Language and Social Life. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, CA, v. 19, n. 1, p. 59-88, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.19.100190.000423>

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. *Voices of Modernity: Language Ideologies and the Politics of Inequality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486647>

BECKER, C.; CÉSAR, C. M.; GALLAS, D.; WEBER, M. H. Manifestações e votos sobre *impeachment* de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. *ALAIC – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 96-113, 2016.

BERNADINO-COSTA, J.; GROSFUGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>

BLOMMAERT, J. Chronotopes, Scales, and Complexity in the Study of Language in Society. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, CA, v. 44, p. 105-116, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-014035>

BOURDIEU, P. *Language & Symbolic Power*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BOURDIEU, P. *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*. New York: Columbia University Press, 1993.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 ago. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. COVID 19 no Brasil. 2020a. https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. *Painel Coronavírus do Ministério da Saúde*. 2020b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 11 jun. 2020.

BRIGGS, C. Communicability, Racial Discourse, and Disease. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, CA, v. 34, p. 269-291, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.34.081804.120618>

BRIGGS, C. Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Social Life. *Current Anthropology*, Chicago, v. 48, n. 4, p. 551-580, 2007. DOI: <https://www.https://doi.org/10.1086/518300>

BRIGGS, C. On Virtual Epidemics and the Mediatization of Public Health. *Language & Communication*, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 217-228, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2011.03.003>

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

BUTLER, J. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. London: Routledge, 1997.

CALDEIRA, T. *City of Walls. Crime, Segregation and Citizenship in São Paulo*. Berkeley: University of California Press, 2000.

CARDOSO, V. G. “As explosões nervosas da presidente”: uma análise do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff na revista semanal *Isto é*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., WOMEN’S WORLD CONGRESS, 13th., Florianópolis, 2017. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496529401_ARQUIVO_VivianeGarbeliniCardoso.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

CARR, S.; LEMPERT, M. (org.). *Scale: Discourse and Dimensions of Social Life*. Berkeley: University of California Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1525/9780520965430>

CARUSO, C. Charge do Chico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 mar. 2015. Capa.

CARVALHO, L. Governo e economia. In: SIMPÓSIO DIREITAS BRASILEIRAS, 2., 2020, Campinas. [Mesa: “Governo e economia”, com participação de Marcos Nobre e Sávio Cavalcante]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-bZ19AkrFhQ>. Acesso em: 9 jun. 2020.

DAS, V. *Life and words: Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DE FINA, A. *Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1075/sin.3>

DE LARA, B. *et al. Meu amigo secreto: feminismo além das redes*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

DERRIDA, J. Assinatura acontecimento contexto. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. In: _____. *Margens da filosofia*. Campinas. Papyrus. 1991. p. 349-373.

DILMA pisou no tomate. *Veja*, São Paulo, 17 abr. 2013. Capa.

DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511810190>

ESTADÃO. São Paulo, 4 mai. 2016. Capa

ESTADÃO. “*Estadão*” faz entrevista ao vivo com o presidente da XP Investimentos. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQYh2JKx-wc>. Acesso em: 9 jun. 2020.

FABRÍCIO, B. F. Narrativização da experiência: o triunfo da ordem sobre o acaso. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos, Claraluz, 2006. p. 191-210.

FEDERICI, S. *Mulheres e caça às bruxas*. São Paulo, Boitempo, 2019.

FONTCUBERTA, J. *La cámara de Pandora*. La fotografi@ después de la fotografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

FREITAS, G. Viver pela metade. *O Povo*, Fortaleza, 7 out. 2006.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. Trad. P. C. Souza. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 161-239.

GOFFMAN, E. On Face-Work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*, Washington, DC, v. 18, n. 3, p. 213-231, 1955. DOI: <https://doi.org/10.1080/00332747.1955.11023008>

GONZALEZ, C. *Foto-grafia: a monstrialização de performances de gênero não binárias*. Düsseldorf: NEA: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

GONZALEZ, C.; MOITA LOPES, L. P. da. The Maternity Dispositif in All About My Mother: Entextualization and Scalar Processes. *Alfa: Revista de Linguística*, Assis, v. 64, n. 1, p. 1-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11313>

GUERREIRO, G. Presidente do Senado ataca Planalto e diz que Dilma envelheceu. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1601243-presidente-do-senado-ataca-planalto-e-diz-que-governo-dilma-envelheceu.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

IBGE. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf; <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=publicacoes>. Acesso em: 15 maio 2020.

LATOUR, B.; WOLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEVI, P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA, V. A. de. Imprensa em questão. A capa do 'Correio Braziliense'. *Observatório da Imprensa*, Campinas, ed. 815, 9 set. 2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed815_a_capa_do_correio_braziliense/. Acesso em: 27 ago. 2020.

LOPES, L. *et al.* Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. In: LOPES, A. C.; FACINA, A.; SILVA, D. N. (org.). *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis: Insular, 2019. p. 31-57.

MACCORD, M.; SOUZA, R. Trabalhadores livres e escravos. In: SCHWARCZ, L.; GOMES, F. (org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 420-426.

MALKKI, L. *Purity and Exile: Violence, Memory, and National Cosmology Among Hutu Refugees in Tanzania*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226190969.001.0001>

MEY, J. *Pragmatics: An Introduction*. London: Blackwell, 2001.

MICHAELIS. *Dicionário de português brasileiro*. 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2020.

MOITALOPES, L. P. (org.). *Português no século XXI*. Cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F.; GUIMARÃES, T. F. Scaling Queer Performativities of Genders in Sexualities in the Periphery of Rio de Janeiro in Digital and Face-to-Face Semiotic Encounters. In: KROON, S.; SWANENBERG, J. (org.). *Language and Culture on the Margins*. New York: Routledge, 2019. p. 127-144. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781351244350-8>

MORETZSOHN, S. D. Ponto de vista: A bruxa na fogueira do Estadão, uma imagem e seus símbolos. *ObjETHOS*, Florianópolis, 5 maio 2016. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2016/05/05/ponto-de-vista-a-bruxa-na-fogueira-do-estadao-uma-imagem-e-seus-simbolos>. Acesso em: 27 ago. 2020.

NERI, M. *A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre a distribuição da renda e da pobreza?* Rio de Janeiro: FGV, 2019. Disponível em: <https://cps.fgv.br/desigualdade>. Acesso em: 9 jun. 2020.

NEVES, R. A.; NEVES, H. A. A representação da “mulher descontrolada” na capa da revista *Isto é* que retratou a presidenta Dilma “gritando”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., WOMEN’S WORLD CONGRESS, 13th., Florianópolis, 2017. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2017.

O PASSADO de Dilma. *Época*, São Paulo, 16 ago. 2010. Capa.

OSTERMANN, A. Communities of Practice at Work: Gender, Facework and the Power of Habitus at an All-Female Police Station and a Feminist Crisis Intervention Center in Brazil. *Discourse & Society*, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 473-505, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0957926503014004004>

OSTERMANN, A; COSTA, C. Gender and Professional Identity in Three Institutional Settings in Brazil: The Case of Responses to Assessment Turns. *Pragmatics*, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 203-230, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.22.2.02ost>

OXFORD. *Oxford English Dictionary*. 2020. Disponível em: <https://www.oed.com>. Acesso em: 8 jun. 2020.

PEIRCE, C. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, K. *A nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROQUE, T. Por causa de robôs, ideia de renda básica universal ganha mais adeptos. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17 fev. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/02/por-causa-de-robos-ideia-de-renda-basica-universal-ganha-mais-adeptos.shtml>. Acesso em: 8 jun. 2020.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SCARRY, E. *The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

SCHMITT-PANTEL, P. “A criação da mulher”: um ardid para a história das mulheres? In: MATOS, M. I.; SOIHET, R. (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Editora da Unesp, 2003. p. 129-156.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho In: COELHO, F.; MAGALHÃES, M.; CÊRA, F. (org.). *Literatura*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017. p. 249-268.

SILVA, D. *Pragmática da violência: o nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

SILVA, D. Investigating Violence in Language: An Introduction. In: _____ . *Language and Violence: Pragmatic Perspectives*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 1-29. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.279>

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. (org.). *Reflexive Language: Reported Speech and Metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511621031.004>

SILVERSTEIN, M. Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life. *Language & Communication*, [S.l.], v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)

SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing. In: MEY, J. L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, 2006. p. 756-759. DOI: <https://doi.org/10.1016/B0-08-044854-2/00381-3>

STRATHERN, M. *Partial Connections*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

VERAS, V. Verdade em tradução: um testemunho da dor das palavras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 50, n. 2, p. 459-478, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200014>

VÍDEO “Na favela, o Estado já é mínimo” – conversa com Preto Zezé. Canal Henry Bugalho. Disponível em: <https://youtu.be/1o7WEvPBMu8>. Acesso em: 29 ago. 2020.

VIEIRA, J. L. Dilma e o sexo. *Época*, São Paulo, 20 ago. 2015. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>. Acesso em: 9 jun. 2020.

ZDEBSKYI, J. F.; MARANHÃO, E. M de A.; PEDRO, J. M. A histórica e as belas, recatadas e do lar: misoginia à Dilma Rousseff na concepção das mulheres como costelas e dos homens como cabeça da política brasileira. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 38, p. 225-250, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2015.29077>



Aspectos fonológicos dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné

Phonological aspects of the Upper Guinea Portuguese Creoles

Shirley Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),
São Francisco do Conde, Bahia / Brasil

shirleyfreitas@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-6124-8067>

Manuele Bandeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),
São Francisco do Conde, Bahia / Brasil

manuelebandeira@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3163-0377>

Resumo: O presente trabalho compara aspectos fonológicos das variedades modernas do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu (os crioulos autóctones da Alta Guiné) com o objetivo de encontrar suas similaridades e diferenças. Para o guineense, recorreu-se aos dados e descrições de Chapouto (2014) e Costa (2014); já para o kabuverdianu e o papiamentu, foi utilizado o estudo de Freitas (2016). No que tange ao sistema vocálico, as três línguas têm as cinco vogais /i e a o u/; contudo o guineense não apresenta a distinção entre médias-altas e médias-baixas e o papiamentu possui vogais anteriores arredondadas. Com relação ao sistema consonantal, as três línguas não fazem distinção entre dois róticos e possivelmente não tinham /v z/ nos estágios iniciais. A partir dos dados, percebe-se que as três línguas, apesar de sua origem comum, seguiram caminhos diversos de desenvolvimento, com estratégias autônomas e recebendo influências das línguas com as quais estão em contato.

Palavras-chave: Crioulos portugueses da Alta Guiné; quadros fonológicos; aspectos convergentes e divergentes; origem comum; desenvolvimentos próprios.

Abstract: This research compares the phonological aspects of the modern varieties of Guinea-Bissau Creole, Cape Verdean Creole and Papiamentu (the Upper Guinea Portuguese Creoles) in order to find their similarities and differences. For the Guinea-Bissau Creole, we used data and descriptions of Chapouto (2014) and Costa (2014); for the Cape Verdean Creole and the Papiamentu, in turn, the study of Freitas (2016) was used. As far as the vowel system is concerned, the three languages have the five vowels /i e a o u/; however, the Guinea-Bissau Creole does not present the distinction between close-mid vowels and open-mid vowels and Papiamentu has front rounded vowels. Regarding the consonantal system, the three languages do not distinguish between two rhotic consonants and possibly did not have /v z/ in the initial stages. From the analysis, we can see that the three languages, despite their common origin, followed different paths of development, with their own strategies and receiving influences from the languages which they are in contact with.

Keywords: Upper Guinea Portuguese Creoles; phonological inventories; convergent and divergent aspects; common origin; own developments.

Recebido em 29 de maio de 2020

Aceito em 31 de agosto de 2020

1 Introdução

O *guineense* (falado na Guiné-Bissau e em Casamansa, no Senegal), o *kabuverdianu* (falado no arquipélago de Cabo Verde) e o *papiamentu* (falado, entre outros lugares, na ilha de Curaçao) formam uma família linguística: a dos crioulos portugueses da Alta Guiné. Tal agrupamento seria justificado pela origem dessas línguas (FREITAS, 2016; JACOBS, 2010). Considerando esse cenário, o presente artigo tem o objetivo de comparar as fonologias das variedades modernas das três línguas, mostrando as similaridades e as diferenças. Esse estudo constitui uma análise preliminar e enfocará aspectos segmentais, mais precisamente, vogais e consoantes. Pretende-se que tal estudo fomente um maior número de análises fonológicas no futuro.

O estudo se justifica na medida em que a comparação entre o *guineense*, o *kabuverdianu* e o *papiamentu* (especialmente em uma perspectiva sincrônica) não tem sido objeto de estudos sistemáticos, assentados em bases científicas. Além disso, apesar de o parentesco entre as línguas ser reconhecido, ainda não foi realizada a reconstrução

de seu ancestral comum. Diante desse cenário, a comparação fonológica preliminar realizada neste estudo mostra-se relevante uma vez que análises fonológicas das línguas-filhas constituem um primeiro passo para a reconstrução de sua protolíngua (CAMPBELL, 1998; KAUFMAN, 1990). É importante reiterar que a comparação dos sistemas vocálico e consonantal das três línguas constitui uma análise preliminar, inicial, contudo necessária, tendo em vista as poucas descrições que são realizadas sobre essas línguas, especialmente no âmbito fonológico. Diante disso, a fim de que se possa partir, por exemplo, para a reconstrução do protocrioulo que deu origem ao guineense, kabuverdiano e papiamentu, faz-se necessário definir os quadros fonológicos das três línguas-filhas, apontando os pontos convergentes e divergentes. Em seguida, de posse dessa descrição, será possível correlacionar esses resultados com outros dados linguísticos, como os relacionados a processos fonológicos, léxico e morfossintaxe, o que contribuirá para a reconstrução não só fonológica, mas também morfossintática.

Assim sendo, o texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, será feita uma breve caracterização das línguas crioulas de base lexical portuguesa da Alta Guiné, apontando aspectos gerais de cada língua do grupo, bem como as justificativas teóricas para seu agrupamento. Na segunda seção, são apresentados os materiais e métodos empregados para realização da pesquisa. Em seguida, é feita uma caracterização fonológica do guineense, do kabuverdiano e do papiamentu (separadamente) no que tange aos sistemas vocálico e consonantal. O objeto da quarta seção é a comparação dos quadros fonológicos das três línguas em suas variedades modernas, apontando aspectos convergentes e divergentes. Por fim, a última seção é destinada às considerações finais da pesquisa e aos seus desdobramentos futuros.

2 As línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné

O guineense, surgido a partir do contato entre línguas africanas e o português, atualmente é falado em Guiné-Bissau e em Casamansa, no Senegal. Esta pesquisa tem como foco a variedade falada na Guiné-Bissau, visto que é a mais antiga e goza de grande vitalidade entre a população.

Com relação ao país mencionado, berço do guineense, o número de habitantes atualmente é de aproximadamente 1.520.830 habitantes

(INEC, 2009). Essas pessoas se defrontam com uma situação linguística multifacetada: nesse pequeno país são faladas mais de 20 línguas autóctones (relacionadas a etnias diversas), além do português e do guineense. De acordo com Costa (2014), dentre as línguas autóctones, as mais faladas são (i) balanta (397.000 falantes, o que equivale a 26,1% da população); (ii) fula (265.000 falantes, correspondendo a 17,42%); (iii) manjaco (184.000 falantes, somando 12,09%); (iv) mandinga (167.000 falantes, o que corresponde a 10,9%); (v) papel (136.000 falantes, equivalendo a 8,94) (dados de 2006). Já o português é falado por menos de 1% da população como primeira língua e por cerca de 10% como L2, L3 ou L4; ao passo que o guineense é falado como L1 por 13,54% e como L2 por 39,45% dos habitantes (COSTA, 2014).

O estatuto das línguas que circulam na sociedade guineense é diverso. Há um intenso contato entre as línguas autóctones, que permanecem orais e não são línguas de ensino. Nas zonas rurais e entre as pessoas mais velhas, geralmente a língua materna é uma dessas línguas autóctones. Já o português é a língua oficial (mas não é a língua vernácula do país) e tem um uso limitado ao registro formal e escrito. Saber português é visto como meio de ascensão social e desenvolvimento do país. Além disso, aqueles que não sabem português encontram-se excluídos de muitos meios, já que os espaços jurídicos e administrativos fazem uso apenas dessa língua, assim como os meios de comunicação como televisão e imprensa escrita (no rádio, há transmissões em guineense e mesmo em outras línguas africanas). Ademais, o ensino é em português, havendo tentativas isoladas de ensino bilíngue em algumas regiões, como no arquipélago de Bijagós (SCANTAMBURLO, 2013). Por fim, o guineense é a língua nacional (a mais falada pelo povo) e fator de união e identidade. Nas cidades, é a língua materna da maior parte das pessoas.

Dentre as diversas variedades de kabuverdianu faladas nas ilhas do arquipélago de Cabo Verde (Santiago, Fogo, Maio, Brava, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista e Sal) e na diáspora, este trabalho enfoca o kabuverdianu falado em Santiago, que, segundo Quint (2000b), seria a variedade mais antiga (tendo dado origem às demais), mais conservadora e mais distante do português. A variedade santiaguense é a falada por quase metade dos habitantes de todo o arquipélago (cerca de 185 mil pessoas), que totaliza em média 491 mil habitantes, conforme o Censo de 2010 (INE, 2010).

A situação linguística de Cabo Verde é semelhante àquela da Guiné-Bissau (excetuando o caso das línguas autóctones): embora a maior parte da população tenha o kabuverdianu como língua materna, a língua oficial é o português, estando presente no ensino formal, nos meios de comunicação e nas instâncias formais. Em Cabo Verde e na Guiné Bissau, verifica-se, então, uma situação de diglossia na qual duas ou mais línguas coexistem dentro de uma mesma comunidade, mas possuem diferentes funções sociais e comunicativas.

O papiamentu, por seu turno, é uma língua de base ibero-românica (português e espanhol), cuja maioria dos falantes nativos vive em Curaçao – 150 mil pessoas de acordo com o censo de 2011 (CBS, 2012). O papiamentu é a língua oficial (ao lado do holandês) em Curaçao e atualmente tem um *status* social prestigioso quando comparado a outras línguas crioulas. Segundo Quint (2000a), dentre as línguas crioulas do mundo, o papiamentu é provavelmente a mais padronizada, já possuindo uma grafia definida e estando presente em diversas situações comunicativas; ademais, é a língua usada na produção literária, na mídia e nas escolas, sendo comum o ensino bilíngue (holandês e papiamentu).

Curaçao se constitui como uma comunidade multilíngue, com a presença de papiamentu, holandês, espanhol, inglês, entre outras línguas. O multilinguismo pode ser definido como uma situação na qual duas ou mais línguas faladas dentro de uma comunidade (ou por um mesmo indivíduo) gozam do mesmo estatuto, sendo usada em diferentes situações comunicativas e por diversos estratos sociais. Percebe-se, assim, que, a despeito de os três países apresentarem um cenário de convivência de diversas línguas, a situação vivenciada pelos habitantes de Curaçao é diferente daquela vigente na Guiné-Bissau e em Cabo Verde no que tange ao estatuto das línguas: no país caribenho, não há supremacia política no uso das línguas, enquanto que nos países africanos, a convivência entre as diversas línguas gera conflitos políticos (LOPES, 2011; SANTOS, 2015).

No que diz respeito à colonização de Curaçao, além da presença dos colonizadores holandeses, a partir de 1651, a ilha caribenha passou a receber inúmeros judeus sefarditas, oriundos de regiões diversas, como o Brasil (mais especificamente de Recife), Amsterdam, países da Europa, como Itália e Portugal. No decorrer dos séculos, a migração para Curaçao aumentou, com os judeus sefarditas correspondendo a mais de 36% da população branca curaçolense em 1816 (FREITAS, 2016). Esse segmento gozava de prestígio na sociedade, atuando inclusive no

comércio de escravos na região. Além disso, Curaçao recebeu inúmeros missionários falantes de espanhol, que atuaram na difusão da língua na ilha. A presença do espanhol justifica-se ainda em virtude da localização geográfica, circundada por países hispano-falantes.

No que tange ao agrupamento do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu em um único *cluster* (o dos crioulos portugueses da Alta Guiné), Quint (2000b) defende que essas línguas formariam uma família linguística. A fim de sustentar esse posicionamento, o autor primeiramente compara o kabuverdianu com o guineense, apontando similaridades e diferenças das duas línguas com relação a aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais. As semelhanças são tamanhas que o autor propõe uma origem comum (a partir de um protocrioulo hispânico da África ocidental, oriundo do contato do português dos séculos XV e XVI e línguas do oeste africano, notadamente o mandinga e o wolof) e considera, com base em alguns dados históricos, que a língua surgiu na ilha de Santiago, por volta de 1450 a 1550, em Cabo Verde, difundindo-se, mais tarde, para a Guiné (QUINT, 2000b). A separação entre as duas línguas ocorreu na primeira metade do século XVI, a partir do estabelecimento das primeiras feitorias portuguesas na costa ocidental da África e, desde então, as duas línguas têm se desenvolvido de forma independente. Uma das diferenças entre o kabuverdianu e o guineense apontada por Quint (2000b) diz respeito ao maior número de palavras africanas encontrado no crioulo do continente em comparação à língua falada no arquipélago. A explicação para esse quadro, segundo o autor, estaria no fato de que o guineense se manteve em contato com as línguas africanas faladas na região, ao passo que, em Cabo Verde, tal contato não foi conservado e o crioulo que ali se desenvolveu estava sujeito somente às pressões do português.

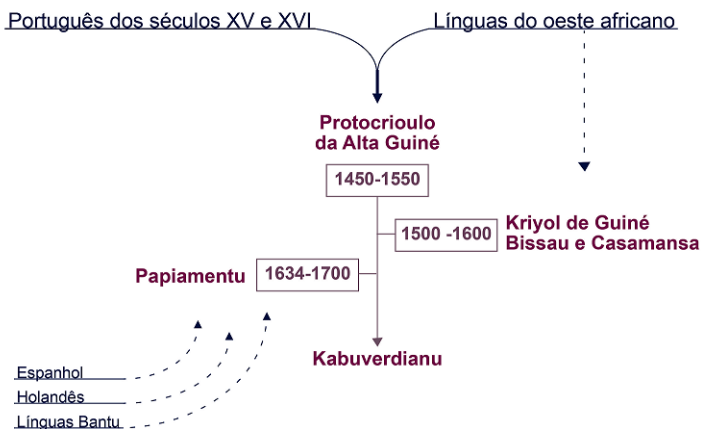
Após tratar das línguas da Alta Guiné, o autor se debruça sobre o papiamentu, que teria surgido a partir da variedade santiaguense do kabuverdianu, provavelmente em meados do século XVII, entre 1634 e 1700 (QUINT, 2000b). Demonstrando o parentesco entre o papiamentu e o kabuverdianu, aparecem alguns aspectos similares nos âmbitos da fonologia, morfologia, sintaxe e itens do léxico funcional. As diferenças entre as duas línguas também são abordadas, buscando-se explicações para elas. Conclui-se que o papiamentu se diferencia do kabuverdianu com relação a quatro características principais: (i) o sistema de tons; (ii) os fenômenos de metafonía; (iii) a ocorrência de vogais médias-altas e

médias-baixas; (iv) a inserção ou o apagamento de vogais em posição final (QUINT, 2000b). Segundo Quint (2000b), essas características divergentes ilustrariam dois traços fundamentais da língua caribenha. Em primeiro lugar, o papiamentu seria mais semelhante às línguas europeias (português, espanhol e holandês) do que o kabuverdianu (não apresentando, por exemplo, consoantes antecedidas por um traço nasal e tendo um número relativamente pequeno de palavras de origem africana), o que poderia ser explicado pelas influências que a língua recebe do espanhol e do holandês. Em segundo lugar, o papiamentu possui alguns elementos africanos provenientes das línguas bantu e kwa e similaridades (ainda que reduzidas em número) com as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné.

Por fim, o autor discute ainda o elemento espanhol no papiamentu e, para ele, a presença marcante de itens provenientes dessa língua no papiamentu se deve à relexificação parcial em virtude de o espanhol ser bastante usado nos contextos religiosos e possuir grande prestígio (QUINT, 2000b). Em síntese, para Quint (2000b), o kabuverdianu, o guineense e o papiamentu teriam uma origem comum: o protocrioulo da Alta Guiné. Essa asserção se sustenta pelas similaridades entre as três línguas (especialmente entre kabuverdianu e o guineense de um lado, e kabuverdianu e papiamentu de outro), que seriam tão numerosas, segundo o autor, que não poderiam ser tratadas como coincidência ou atribuídas ao acaso. Quanto às características do protocrioulo, o autor esboça uma breve reconstrução de alguns aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos mais gerais com base nos traços compartilhados pelas três línguas, contudo tal análise é feita de forma bem resumida, sendo ainda necessário um estudo que adote os critérios teórico-metodológicos da reconstrução linguística (CAMPBELL, 1998; KAUFMAN, 1990) a fim de caracterizar a protolíngua.

A Figura 1 – construída por Freitas (2016) com base em Quint (2000b, p. 199) – permite visualizar o posicionamento de Quint (2000b) acerca do agrupamento das três línguas:

FIGURA 1 – O grupo das línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné



Fonte: Freitas (2016, p. 334)

As linhas pontilhadas que ligam as línguas do oeste africano ao guineense (na figura, chamado de Kriyol de Guiné Bissau e Casamansa) indicam que tais línguas passaram a funcionar como adstrato para o guineense, exercendo influências ainda hoje. Já as influências posteriores ao papiamentu são assinaladas pelas linhas pontilhadas ligando o espanhol, o holandês e as línguas bantu à língua caribenha. A partir da figura, é possível conceber algumas das características atribuídas por Quint (200b) às três línguas do *cluster*: em virtude dos contatos com outras línguas, enquanto o guineense seria mais parecido com as línguas africanas de substrato, o papiamentu guardaria mais similaridades com as línguas lexicadoras europeias. Já o kabuverdianu remontaria ao protocrioulo e estabeleceria a ligação entre o papiamentu e o guineense.

Outro autor que também defende a existência do *cluster* das línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné é Jacobs (2012). Ainda que o foco do seu estudo sejam especificamente as origens do papiamentu, o autor traz argumentos para defender o agrupamento das línguas. Além da extensa quantidade de dados linguísticos que comparam o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné, sobretudo o kabuverdianu, Jacobs (2012) apresenta dados históricos que evidenciam que muitos dos escravos que chegaram a Curaçao nos primeiros anos de colonização da ilha eram provenientes da região da Alta Guiné. A região

de Cacheu deve ser mencionada por seus traços linguísticos. Essa foi a primeira área do continente em que os crioulos da Alta Guiné foram usados, adquirindo o caráter de uma língua franca. A difusão dessas línguas crioulas foi facilitada pelo fato de que muitos dos habitantes de Cacheu eram provenientes de Santiago, tendo migrado para lá em virtude da fome e da subsequente crise que atingiu a ilha no início do século XVII. De Cacheu, esses cabo-verdianos foram transportados como escravos para Curaçao, levando consigo o conhecimento linguístico em crioulos da Alta Guiné.

Neste artigo, advoga-se que o papiamentu, o guineense e o kabuverdianu fazem parte de um *cluster* linguístico (os crioulos de base portuguesa da Alta Guiné) e que o protocrioulo português da Alta da Guiné surgiu em Santiago aproximadamente no fim do século XV; em seguida, essa língua foi levada para Cacheu, de onde se difundiu para outras regiões (JACOBS, 2010). O papiamentu possui uma história de ramificação e desenvolvimento linguístico um pouco distinta do guineense e do kabuverdianu em virtude de seu maior deslocamento geográfico (da África para o Caribe) e da participação do elemento judeu em sua formação. Tais fatores, geográfico e social, influenciaram para que o papiamentu rumasse para outra trajetória de descendência. Desse modo, os estudos sobre a origem do papiamentu devem levar em consideração uma multiplicidade de fatores, além das semelhanças com o kabuverdianu (sobretudo a variedade de Santiago), a saber: as línguas faladas pelos judeus sefarditas e seus escravos – português e papiamentu sefardita –, as línguas africanas dos escravos, o espanhol falado nas regiões circunvizinhas, o holandês. Independentemente do nível maior ou menor de influência, todos esses elementos contribuíram para formar a língua caribenha (FREITAS, 2016).

3 Materiais e métodos

Para a realização deste estudo, foram adotados os seguintes passos. A primeira etapa consistiu na leitura e discussão de material bibliográfico sobre as línguas que compõem o grupo dos crioulos portugueses da Alta Guiné (guineense, kabuverdianu e papiamentu) – englobando aspectos como formação da língua, seu *status*, realidade sociolinguística dos locais em que essas línguas são faladas, entre outros – e, mais especificamente, sobre os sistemas fonológicos dessas línguas, com foco nos quadros

vocálicos e consonantais.¹ Para o guineense, as informações sobre os aspectos fonológicos foram retiradas de Chapouto (2014) e Costa (2014); já para o kabuverdianu e o papiamentu, recorreu-se a Freitas (2016). Como mencionado na introdução, observa-se uma escassez de estudos sobre a fonologia das três línguas de forma mais aprofundada. Diante disso, a seleção dos autores que discutem sobre o guineense se deve ao fato de esses realizarem os poucos estudos fonológicos conhecidos sobre a língua; já Freitas (2016) faz um apanhado de informações coletadas em diversos autores (que serão mencionados nas seções seguintes) acerca do kabuverdianu e do papiamentu.

Como etapa suplementar, foi feita uma consulta a falantes nativos das três línguas. Foram realizados encontros presenciais com os falantes de kabuverdianu, papiamentu e guineense, solicitando-os, na ocasião, que pronunciassem as palavras pertencentes ao *corpus* de análise em frases veículo (“Digo ____ baixinho”), sendo feita a devida gravação, seguida da transcrição fonética. No caso do guineense, os falantes são estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), do *campus* dos Malês. Essa etapa foi importante na medida em que falantes de guineense, em levantamentos anteriores, afirmam que algumas das realizações fonéticas apontadas não são de fato verdadeiras ou mesmo que uma determinada palavra não é realmente usada no guineense, sendo interferência direta do português. Com relação ao kabuverdianu, os dados foram verificados com falantes nativos da língua residentes em São Paulo e na Bahia. Por fim, no que tange ao papiamentu, uma pesquisa de campo com falantes nativos que vivem de Curaçao permitiu verificar as informações. Essa pesquisa foi realizada nos meses de outubro a dezembro de 2011 e entre julho e agosto de 2013.²

Em seguida, depois do estabelecimento dos quadros fonológicos das três línguas a partir dos estudos consultados, foi realizada a comparação desses aspectos, a fim de estabelecer seus elementos convergentes e divergentes e as razões para as diferenças.

¹ Outros aspectos fonológicos, como a estrutura da sílaba e o acento, serão abordados em estudos posteriores.

² Durante a coleta de dados, foram seguidos os seguintes procedimentos éticos básicos exigidos quando se fazem pesquisas com seres humanos: (i) os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constavam informações gerais sobre a pesquisa, concordando em participar do estudo; (ii) os nomes dos informantes foram omitidos na divulgação dos dados.

4 Análise de dados

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os quadros fonológicos vocálicos e consonantais do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu em suas variedades modernas com base na literatura sobre o tema. Além dos quadros, apresentam-se ainda algumas características que diferenciam essas línguas do português.³

4.1 Sistemas vocálico e consonantal do guineense moderno

No que tange ao quadro vocálico, de acordo com Chapouto (2014), o guineense apresenta cinco fonemas: /a, ε, i, ɔ, u/, que podem se manifestar foneticamente – isto é, ter como alofones – como [a ɐ e ε i ɔ o u] (no caso de vogais orais) e [ã ɐ~ e~ ε~ i~ ɔ~ õ u~] (no caso de vogais nasais). Costa (2014), por seu turno, apresenta um quadro um pouco diferente, apontando sete fonemas vocálicos (/a ε e i ɔ o u/). Já as vogais nasais seriam realizações fonéticas desses fonemas: [i~ e~ ã õ u~]. A principal diferença entre as duas abordagens diz respeito à série das vogais médias: na análise de Chapouto (2014), há apenas uma vogal média anterior e uma média posterior; enquanto que, para Costa (2014), há dois fonemas na série anterior e dois, na série posterior. Essas diferentes análises são sintetizadas no Quadro 1:

QUADRO 1 – Vogais do guineense segundo Chapouto (2014) e Costa (2014)

----	Chapouto (2014)	Costa (2014)
Vogais	/a ε i ɔ u/	/a ε e i ɔ o u/
Alofones – vogais orais	[a ɐ e ε i ɔ o u]	[a ɐ e ε i i ɔ o u o]
Alofones – vogais nasais	[ã ɐ~ e~ ε~ i~ ɔ~ õ u~]	[i) e) ã õ u]

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Chapouto (2014) e Costa (2014).

Dentre os pares mínimos que comprovariam o estatuto fonêmico, Costa (2014) menciona [sera] ‘cera’ *versus* [sɛra] ‘serra’ e [bota]

³ Apesar de a comparação ser feita com o português, não se deve assumir que o guineense, o kabuverdianu e o papiamentu descendem diretamente do português, mas do protocrioulo da Alta Guiné. A protolíngua ainda não foi reconstruída, o que deve ser feito em estudos futuros, e, por conta disso, neste artigo menciona-se o português, fazendo-se a ressalva de que é possível que muitas das diferenças apontadas já fossem verificadas no próprio estágio do protocrioulo.

‘abandonar’ *versus* [bɔtə] ‘bota’. Levantamentos com falantes nativos sugerem que, na verdade, não há oposição entre médias-altas e baixas tanto na série anterior quanto na posterior. Um estudo realizado por Matos (no prelo) comprova essa suposição na medida em que não foram encontrados pares mínimos entre as vogais médias. Na verdade, houve um caso de oposição: [kɔbrɛ] ‘cobra’/ [kobrɛ] ‘cobrar’. Contudo, tal oposição não foi realizada por todos os informantes, lançando dúvidas sobre sua produtividade. Assim sendo, o guineense apresenta cinco fonemas vocálicos, com as vogais médias funcionando como alofones entre si ([ɛ] e [e], [ɔ] e [o]):

QUADRO 2 – Vogais do guineense

Vogais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i		u
Médias-altas	e		o
Médias-baixas			
Baixas		a	

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Chapouto (2014).

Alguns pares mínimos e uma ocorrência de par análogo apontam o caráter fonológico desses elementos – exemplos retirados de Costa (2014) e Chapouto (2014):

- | | |
|---|---|
| (1) /u/ [kusɛ] ‘coisa’
/ɔ/ [kɔsɛ] ‘çoçar’ | (7) /ɛ/ [sɛkɔ] ‘seco’
/u/ [sukɔ] ‘suco’ |
| (2) /i/ [libɾi] ‘livre’
/ɛ/ [lɛbɾi] ‘lebre’ | (8) /i/ [fritɛ] ‘fritar’
/u/ [frutɛ] ‘fruta’ |
| (3) /a/ [bakɛ] ‘vaca’
/i/ [bikɛ] ‘tipo de peixe’
/ɔ/ [bɔkɛ] ‘boca’ | (9) /ɛ/ [pɛgɛ] ‘pegar’
/a/ [pagɛ] ‘pagar’ |
| (4) /ɛ/ [bɛlɛ] ‘vela’
/ɔ/ [bɔlɛ] ‘bola’ | (10) /o/ [rostɔ] ‘rosto’
/ɛ/ [restɔ] ‘resto’ |
| (5) /e/ [ka belɔ] ‘cabelo’
/a/ [ka balɔ] ‘cavalo’ | (11) /u/ [dudɔ] ‘doido’
/e/ [dedɔ] ‘dedo’ |
| (6) /ɛ/ [pɛrtɛ] ‘apertar’
/ɔ/ [pɔrtɛ] ‘porta’ | (12) /e/ [medɔ] ‘medo’
/i/ [midɪ] ‘medir’ |

Outro aspecto que foi despertado a partir desses levantamentos diz respeito às vogais com o traço nasal: em alguns casos, essas vogais parecem ser realizadas foneticamente com uma nasalização menor do que aquela verificada no português e, além disso, para algumas palavras, é possível supor que uma consoante nasal esteja presente. Tais realizações podem implicar diferenças na análise fonológica das vogais com o traço nasal. Ademais, de acordo com Scantamburlo (1981), as vogais nasais em itens de étimo português tendem a se realizar em guineense como uma sequência de vogal oral e consoante nasal (VN), contudo o autor encontrou também processos de desnasalização simples. Tal desnasalização se deve provavelmente às línguas atlânticas, em especial, e bantas, línguas que contribuíram para a formação de crioulos atlânticos como o guineense (PARKVALL, 2012).

Com relação ao sistema consonantal, o guineense apresentaria os seguintes fonemas:

QUADRO 3 – Consoantes do guineense

Consoantes	Labiais	Dentais/Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares
Oclusivas	p b	t d			k g
Nasais	m	n		ɲ	
Fricativas	f v	s z			
Africadas			tʃ dʒ		
Laterais		l			
Vibrante		r			

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Costa (2014).

O estatuto fonológico desses elementos pode ser depreendido a partir de alguns pares mínimos e uma ocorrência de par análogo – exemplos retirados de Costa (2014) e Chapouto (2014):

- | | |
|--|--|
| (13) /p/ [ka pas] ‘capaz’
/b/ [ka bas] ‘recipiente’ | (19) /v/ [vew] ‘véu’
/s/ [sɛw] ‘céu’ |
| (14) /t/ [tisi] ‘trazer’
/d/ [disi] ‘descer’ | (20) /s/ [sɛlɔ] ‘selo’
/z/ [zɛlɔ] ‘zelo’ |
| (15) /k/ [karɛ] ‘cara’
/g/ [garɛ] ‘agarrar’ | (21) /d/ [dudɔ] ‘doido’
/dʒ/ [dʒudʒɔ] ‘joelho’ |
| (16) /m/ [kamɛ] ‘cama’
/n/ [kanɛ] ‘cana, bambu’
/ɲ/ [kaɲɛ] ‘tipo de bolo’ | (22) /t/ [tomɛ] ‘tomar’
/tʃ/ [tʃomɛ] ‘chamar’ |
| (17) /f/ [fɛrɛ] ‘feira’
/s/ [sɛrɛ] ‘serra’ | (23) /tʃ/ [tʃubi] ‘chover’
/dʒ/ [dʒubi] ‘olhar’ |
| (18) /v/ [nɔvi] ‘nove’
/b/ [ɔbi] ‘ouvir’ | (24) /l/ [laɲɛ] ‘golpear’
/r/ [raɲɛ] ‘arranhar’ |

No âmbito das consoantes nasais, alguns autores, como Costa (2014), apontam a existência do fonema / /, consoante que, segundo a autora, seria proveniente das línguas de substrato. Para Costa (2014), esse seria um fonema da língua, já que os informantes o identificam dessa forma e não admitem variação. Contudo, o estatuto fonêmico da nasal velar é controverso. Chapouto (2014), por exemplo, defende que [] não seria fonema no guineense pelo fato de só ocorrer em uma posição específica (início de palavra) e em um número reduzido de palavras (geralmente mandingas). Para a autora, haveria então um único fonema /ɲ/, que pode ser realizado como [ɲ] ou [], sendo a escolha por representar o fonema como /ɲ/ guiada pelo fato de a realização com [ɲ] ser mais frequente e associada sempre à posição de onset. Diante dessa controvérsia, no presente estudo, optou-se por seguir a postura de Chapouto (2014), considerando somente a nasal palatal como fonema. Os argumentos para defender esse posicionamento seriam (i) o fato de não terem sido encontrados pares mínimos em que a presença da nasal velar fosse distintiva, levando a uma mudança de significado e (ii) a ocorrência da nasal velar em contextos específicos – final de palavra e final de sílaba com consoante velar na sílaba seguinte.

O inventário das consoantes fricativas também costuma provocar discussão entre os estudiosos. Para Chapouto (2014), apenas /f/ e /s/ seriam fonemas no guineense, uma vez que [v z ʒ ʒ] ocorrem apenas em palavras novas da língua e que variam com outras formas já existentes e

integradas à língua (como em [vɛrdi] ~ [bɛrdi] ‘verde’, [presu] ~ [prezu] ‘preso’, [ʃɔkɔ lati] ~ [tʃɔkɔ lati] ‘chocolate’, [ʒuve~ tudi] ~ [dʒuve~ tudi] ‘juventude’), sendo o uso destes fones uma influência (posterior) do português. Outro argumento apontado pela autora é a ausência destes segmentos em línguas de adstrato da Guiné-Bissau: [v], [ʃ] e [ʒ] não aparecem no manjaco e no pepel; apenas /ʃ/ tem estatuto de fonema no mancanha e o fula possui os fonemas /ʃ/ e /ʒ/.

Já Costa (2014) defende um quadro diferente, apontando como fonemas /f v s z/. Para a autora, /v z/ são fonemas da língua na medida em que aparecem em muitas ocorrências do *corpus* em oposição com outros segmentos, como em [vivi] ‘viver’ *versus* [bibi] ‘beber’ e [lizu] ‘liso’ *versus* [risu] ‘rijo, firme’. Ademais, os informantes relevaram que palavras pronunciadas por eles com [v z] estavam cristalizadas dessa forma na língua. No que tange ao /v/, há inclusive casos de variação entre [b] e [v] (como [vi~ɲu] ~ [bi~ɲu] ‘vinho’ e [livɾu] ~ [libɾu] ‘livro’) e casos de palavras produzidas sempre com [v] (como [arvori] ‘árvore’ e [nɔvi] ‘nove’) (COSTA, 2014).

Quanto ao [ʃ], Costa (2014) aponta que esse segmento funciona como alofone de /s/ em alguns vocábulos, como em [ʃkɔlɐ] ~ [skɔlɐ] ‘escola’, [fɛʃtɐ] ~ [festɐ] ‘festa’. No que tange a [ʃʒʌ], a autora traz três razões para não considerá-los como fonemas: i) ocorrências em casos isolados, como em [ʃa tiɐ] ‘chatear’ e [i greʒɐ] ‘filho’; (ii) não foram encontrados pares mínimos (própria escassez de dados); (iii) todas as ocorrências de [ʌ] variam com [dʒ] ou [dj], como em [fiʌu] ~ [fidjɔ] ~ [fidʒɔ] ~ [fidiv] ‘filho’.

Além desses segmentos, há ainda no guineense consoantes articuladas com um elemento nasal inicial: [mp mb nt nd k g ntʃ ndʒ nf nv ns nz], contudo tais consoantes não têm estatuto fonológico, sendo formadas por uma consoante nasal não especificada + consoante oral.

4.2 Sistemas vocálico e consonantal do kabuverdianu moderno

No que tange ao quadro vocálico, o kabuverdianu possui nove fonemas (BRÜSER *et al.*, 2002; LANG *et al.*, 2002):

QUADRO 4 – Vogais do kabuverdianu

Vogais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i		u
Médias-altas	e		o
Médias-baixas	ɛ	ɐ	ɔ
Baixas	a		

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002).

O carácter fonológico de tais segmentos é confirmado por alguns pares mínimos – exemplos retirados de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002):

(25) /e/ [fere] ‘feira’
/ɛ/ [fɛrɛ] ‘fera’

(26) /o/ [ore] ‘orar, rezar’
/ɔ/ [ɔrɛ] ‘hora’

(27) /ɐ/ [pɛrti] ‘partir’
/a/ [parti] ‘parte’

(28) /e/ [mes] ‘mês’
/o/ [mos] ‘rapaz’

(29) /ɛ/ [rɛsto] ‘resto’
/ɔ/ [rɔsto] ‘rosto’

(30) /e/ [le] ‘ler’
/ɐ/ [lɛ] ‘lá’
/i/ [li] ‘aqui’

(31) /i/ [ligɛ] ‘prestar atenção’
/u/ [lugɛ] ‘alugar’

(32) /a/ [bakɛ] ‘vaca’
/ɔ/ [bɔkɛ] ‘boca’

(33) /u/ [buli] ‘preocupar’
/o/ [boli] ‘tipo de cabaça’

(34) /ɛ/ [sɛko] ‘seco’
/a/ [sako] ‘saco’

(35) /ɐ/ [mɛ] ‘que’
/o/ [mo] ‘mão’

(36) /i/ [sinɛ] ‘perigo’
/ɛ/ [sɛnɛ] ‘1. cena, 2. sena’

Além das vogais orais, há ainda vogais nasais: [i~, e~, ɐ~, õ, u~]. Fonologicamente, defende-se que o kabuverdianu não possui vogais nasais, mas sim vogais foneticamente nasalizadas, consideradas, do ponto de vista fonológico, como uma combinação de vogal oral + uma consoante nasal. Tal análise se apoia no fato de a língua não apresentar oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas (como /õ/ *versus* /oN/, como se observa em francês, por exemplo).

Quanto à oposição entre as vogais médias e entre [a] e [ɐ], conjectura-se que se trata de um desenvolvimento recente (possivelmente os estágios mais antigos da língua não apresentavam tal oposição). O

fato de serem encontrados pares mínimos (conforme exemplos (27), (30), (32), (34) e (35)) justifica a inclusão desses elementos como fonemas do kabuverdianu. Ademais, Lang *et al.* (2002) trazem exemplos de pares mínimos e análogos de itens verbais e nominais que envolvem somente a altura das vogais tônicas – como [penɐ] ‘depenar’ *versus* [pɛnɐ] ‘pena’; [fogɐ] ‘afogar(-se)’ *versus* [fɔgɐ] ‘afogamento’; [sɛbi] ‘saber’ *versus* [sabi] ‘agradável’ –, o que pode apontar para uma produtividade da oposição entre as vogais médias altas e baixas e as vogais centrais.

No que tange ao quadro consonantal, seguindo Rodrigues (2007), há vinte fonemas no kabuverdianu:

QUADRO 5 – Consoantes do kabuverdianu

Consoantes	Labiais	Dentais/Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares
Oclusivas	p b	t d			k g
Nasais	m	n		ɲ	
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	
Africadas			tʃ dʒ ⁴		
Laterais		l		ʎ	
Vibrante		r			

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Rodrigues (2007).

⁴ A existência de consoantes africadas (ou melhor, a representação de tais consoantes como africadas –/tʃ/ e /dʒ/ – ou oclusivas palatais –/c/ e / /) no kabuverdianu (e mesmo no guineense) tem sido discutida por alguns autores. Quint (2000b) defende que o kabuverdianu possui as consoantes africadas, ao passo que o guineense apresentaria as oclusivas. Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002), por seu turno, em lugar das africadas, defendem a existência das consoantes oclusivas palatais /c/ e / / no kabuverdianu. Contudo, a realização realmente oclusiva de tais segmentos é questionada pelos próprios autores. Lang *et al.* (2002, p. 107) afirmam que “os dois fonema [sic] palatais /c/ e / / e as suas correspondências nasalizadas não são oclusivas em sentido estrito, mas africadas.” Para os autores, /c/ e / / seriam mais complexas do que as demais consoantes oclusivas e teriam uma realização mais próxima das africadas. Para os autores, a justificativa para o caráter oclusivo dessas consoantes seria o fato de se tratar de consoantes simples e verdadeiramente palatais. Nesse estudo, optamos por considerar os fonemas africados em virtude de (i) mesmo os autores que defendem o estatuto oclusivo apontarem a realização africada como a mais usual e (ii) os argumentos para o caráter oclusivo não serem, até então, apresentados de forma contundente.

Alguns pares mínimos e dois pares análogos justificam o estatuto fonológico dos segmentos consonantais – exemplos retirados de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002):

- | | |
|--|--|
| (37) /p/ [lapɐ] ‘gruta, lapa’
/b/ [labɐ] ‘lavar’ | (45) /s/ [sa gi] ‘sangue’
/z/ [za gɐ] ‘zangar(-se)’ |
| (38) /t/ [bɔti] ‘bote’
/d/ [bɔdi] ‘bode’ | (46) /s/ [misɐ] ‘missa’
/ʃ/ [miʃɐ] ‘urinar’ |
| (39) /k/ [sɛkɔ] ‘seco’
/g/ [sɛgɔ] ‘cego’ | (47) /ʃ/ [fɛrɐ] ‘cheirar’
/ʒ/ [zɛrɐ] ‘gerar’ |
| (40) /m/ [mos] ‘jovem, rapaz’
/n/ [nos] 1ª pessoa plural | (48) /tʃ/ [fitʃɐ] ‘fechar’
/dʒ/ [fidʒɐ] ‘filha’ |
| (41) /m/ [kemɐ] ‘queimar’
/ɲ/ [keɲɐ] ‘quem’ | (49) /ʃ/ [ʃuʃɐ] ‘sujar’
/tʃ/ [tʃutʃɐ] ‘namorada’ |
| (42) /f/ [fakɐ] ‘faca’
/v/ [vakɐ] ~ /b/ [bakɐ] ‘vaca’ | (50) /ʒ/ [zaɾɔ] ‘jarro’
/dʒ/ [dʒaɾ] ‘ilha’ |
| (43) /b/ [birɐ] ‘transformar (-se)’
/v/ [virɐ] ‘virar(-se)’ | (51) /l/ [ilɐ] ‘torar (milho)’
/ʎ/ [iʎɐ] ‘ilha’ |
| (44) /p/ [patɔ] ‘pato’
/f/ [fatɔ] ‘fato (roupa)’ | (52) /l/ [malɐ] ‘mala’
/r/ [marɐ] ‘amarrar’ |

Além dessas consoantes, de acordo com Quint (2000a), o kabuverdiano possui ainda uma nasal velar. Entretanto, nesse estudo adota-se o posicionamento de Lang *et al.* (2002), que consideram o [ŋ] como um fone que pode ocorrer em posição final de palavra ou anteceder uma consoante oclusiva, uma vez que nos registros coletados por esses autores a nasal velar costuma variar com outras realizações (como uma vogal oral + uma consoante nasal [m], [n] ou [ŋ]).

Dentre os fonemas consonânticos do kabuverdiano, as fricativas sonoras e a nasal palatal costumam ser tema de discussão. Lang *et al.* (2002) advogam que nos primórdios da língua, os fonemas /v z ʒ ʎ/ estavam ausentes; desse modo, é possível conjecturar que, no começo da colonização de Cabo Verde, em empréstimos do português, tais segmentos eram realizados respectivamente como [b s ʃ dʒ]. Com o desenvolvimento da língua, essas substituições cessaram e as fricativas

sonoras e a nasal palatal foram incorporadas ao quadro de fonemas da língua com a entrada de novos empréstimos, sendo hoje segmentos nativizados no kabuverdianu.

No âmbito fonético, o kabuverdianu apresentaria consoantes precedidas de uma realização nasal: [ᵐp ᵐb ᵐt ᵐd k g ᵐf ᵐv ᵐs ᵐz ᵐʃ ᵐʒ ᵐtʃ ᵐdʒ ᵐl ᵐr], cujo estatuto fonológico seria o de nasais silábicas com o traço nasal (N) assumindo o ponto de articulação da consoante seguinte. Assim sendo, a nasal silábica realiza-se como [ᵐ] diante das labiais /p b/, como [ᵐ] diante das alveolares /t d s z l n/, como [ᵐ] diante das velares /k g/, como [ᵐ] diante das palatais [ʃ ʒ tʃ dʒ] e como [ᵐ] diante das labiodentais /f v/.

4.3 Sistemas vocálico e consonantal do papiamentu moderno

Com relação ao sistema vocálico, o papiamentu possui nove fonemas (HARRIS, 1951; KOUWENBERG; MURRAY, 1994):

QUADRO 6 – Vogais do papiamentu

Vogais	Anteriores		Posteriores
	Arredondadas	Não-arredondadas	
Altas	i	y	u
Médias-altas	e	ø	o
Médias-baixas	ɛ		ɔ
Baixas	a		

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Harris (1951) e Kouwenberg e Murray (1994).

O estatuto fonológico das vogais é evidenciado pelos seguintes pares mínimos – exemplos retirados de Souza Neto (no prelo) e Ratzlaff-Henriquez (2008):

- (53) /e/ [bes] ‘vez’
 /ɔ/ [bɔs] ‘voz’
 /ø/ [bøs] ‘van, ônibus’
 /o/ [bos] ‘1. voz, 2. trovão’
- (54) /i/ [pis] ‘1. psiu, 2. adorno de carnaval’
 /y/ [pys] ‘lilás’
 /o/ [pos] ‘poço’
 /u/ [pus] ‘pus (substantivo)’
- (55) /o/ [dof] ‘chato, sem graça’
 /ɔ/ [dɔf] ‘surdo’
- (56) /ɛ/ [netʃi] ‘legal’
 /e/ [netʃi] ‘noz, avelã’
- (57) /i/ [misa] ‘missa’
 /e/ [mesa] ‘mesa’
- (58) /ɛ/ [dek] ‘prenhe’
 /ɛ/ [dɛk] ‘sola’
- (59) /u/ [buk] ‘comprar passagens’
 /ø/ [bøk] ‘1. abaixar, 2. reduzir’
- (60) /a/ [kama] ‘cama’
 /i/ [kima] ‘queimar’
- (61) /o/ [kor] ‘couro’
 /ø/ [kør] ‘inspecionar’
- (62) /u/ [skur] ‘escuro’
 /y/ [skyr] ‘lixar, polir’
- (63) /u/ [kura] ‘1. cura, 2. curar’
 /a/ [kara] ‘cara’
- (64) /e/ [kere] ‘crer’
 /o/ [kore] ‘correr’
- (65) /o/ [soru] ‘cuidar’
 /e/ [seru] ‘montanha’
- (66) /o/ [so] ‘sozinho’
 /u/ [su] ‘seu, sua’
- (67) /a/ [bala] ‘bala’
 /e/ [bela] ‘vela’
- (68) /a/ [patʃi] ‘pai’
 /ɛ/ [petʃi] ‘boné’

As vogais anteriores arredondadas ([y, ø]) ocorrem em palavras oriundas do holandês e do inglês e, com frequência, variam livremente com as suas correspondentes não arredondadas: [i, u] (no caso de [y]) e [e] (no caso de [ø]), como em (i) [hyr] ~ [hir] ‘alugar’; (ii) [vyr peʃl] ~ [vu peʃlu] ‘1. fogos de artifício, 2. foguete (em Curaçao)’; (iii) [brøj~()] ~ [brej~()] ‘1. marrom, 2. escuro’. O fato de as vogais arredondadas serem intercambiáveis com as variantes não arredondadas levou alguns autores (HARRIS, 1951; LENZ, 1928) a desconsiderarem as vogais arredondadas do quadro fonológico da língua. Essa postura, contudo, mostra-se precipitada, uma vez que Souza Neto (em elaboração), em trabalho de campo, registrou a ocorrência de pares mínimos, como apresentado nos exemplos (53), (54), (59), (61) e (62).

Com relação às vogais médias, autores como Andersen (1974) questionam o estatuto fonológico das médias-baixas, sugerindo que [ɛ] e [ɔ] seriam variantes das vogais [e] e [o]. Em trabalho de campo, foram encontrados casos de variação entre [ɛ] e [e] e entre [ɔ] e [o], como em (i) [mer dia] ~ [mer dia] ‘meio-dia’; (ii) [bɔf ta] ~ [bof ta] ‘tapa, bofetada’.

Entretanto, a existência de pares mínimos (conforme apresentado nos exemplos (55), (56) e (58)), mostrando o contraste entre /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, respectivamente, reafirma o caráter fonológico de tais vogais.

Além das vogais orais, há ainda as vogais realizadas foneticamente com nasalidade. Tais vogais não possuem estatuto fonológico (já que não há oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas, como entre /e~/ e /eN/), sendo consideradas como uma combinação de vogal oral + consoante nasal, tendo, assim, natureza bifonêmica.

No que concerne ao inventário consonantal, baseado em Kouwenberg e Murray (1994), o papiamentu possui vinte e um fonemas:

QUADRO 7 – Consoantes do papiamentu

Consoantes	Labiais	Dentais/ Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	p b	t d			k g	
Nasais	m	n		ɲ		
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	x	h
Africadas			tʃ dʒ			
Laterais		l				
Vibrante		r				

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Kouwenberg e Murray (1994).

Alguns pares mínimos e análogos permitem afirmar o estatuto fonológico dos segmentos consonantais – exemplos retirados de Souza Neto (no prelo) e Ratzlaff-Henriquez (2008):

- | | |
|---|--|
| (69) /p/ [para] ‘pássaro’
/b/ [bara] ‘barra’ | (77) /ʒ/ [ʃap] ‘mercadinho’
/z/ [ʒar] ‘louça de barro’ |
| (70) /t/ [tata] ‘pai’
/d/ [data] ‘datar’ | (78) /h/ [he~de] ‘gente’
/t/ [re~de] ‘render, dar’ |
| (71) /k/ [kãna] ‘caminhar’
/g/ [gãna] ‘ganhar’ | (79) /h/ [taha] ‘proibir’
/p/ [tapa] ‘tapar’ |
| (72) /m/ [kãma] ‘cama’
/n/ [kãna] ‘caminhar’
/ɲ/ [kãɲa] ‘cama’ | (80) /g/ [figu] ‘figo’
/x/ [fixo] ‘fixo’ |
| (73) /ɲ/ [ɲaɲa] ‘nada’
/p/ [ɲapa] ‘porção extra’ | (81) /ʃ/ [ʃɔp] ‘loja’
/tʃ/ [tʃɔp] ‘cortar, derrubar’ |
| (74) /f/ [fja] ‘emprestar’
/v/ [vja] ‘através de, por meio de’ | (82) /tʃ/ [tʃɛk] ‘checar, examinar’
/dʒ/ [dʒɛk] ‘levantar, içar’ |
| (75) /s/ [soja] ‘despelar’
/z/ [zoja] ‘balançar’ | (83) /l/ [lesa] ‘ler’
/r/ [resa] ‘rezar’ |
| (76) /s/ [sɛ~] ‘dinheiro, centavo’
/ʃ/ [ʃe~] ‘cem’ | (84) /r/ [mara] ‘amarrar’
/t/ [mata] ‘1. mato, 2. matar’
/s/ [masa] ‘massa’
/n/ [mana] ‘maná’ |

Em primeiro lugar, há um questionamento acerca do estatuto fonológico da série de fricativas sonoras ([v z ʒ]) devido ao fato de tais consoantes serem usadas em um número reduzido de palavras e frequentemente variarem com outras (suas contrapartes surdas ou a oclusiva com mesmo ponto de articulação no caso do [v]). Com relação ao fonema fricativo labiodental (/v/), por exemplo, em muitas palavras do papiamentu, há uma alternância entre [v] e [f], [v] e [b], como se vê em [fris] ~ [vris] ‘congelar’, [fa bor] ~ [fã vor] ‘favor’ (KOUWENBERG; MURRAY, 1994; exemplos retirados desses autores). Observando a fala das pessoas atualmente – conversando com falantes nativos e realizando gravações –, foi possível perceber que as fricativas sonoras [v z ʒ] ocorrem no papiamentu. Há grande variação, sobretudo na fala de pessoas mais velhas, mas não se pode negar a ocorrência de tais consoantes sonoras no papiamentu moderno. Dentre os exemplos de [v] colhidos com falantes curaçolênhos, foram encontrados os seguintes casos: (i) pares mínimos: a. [vis] ‘peixe (palavra holandesa usada no papiamentu de Curaçao) *versus* [fis] ‘sujo, nojento’; (ii) apenas um dos fonemas é possível: a. [frivoli dat] (*[frifoli dat], *[vrivoli dat], *[vrifoli dat])

‘frivolidade’; b. [divi divi] (*[dibi dibi]) ‘dividivi (espécie de planta) *Caesalpinia coriaria*’; (iii) variação entre [v] e [f]: a. [veft] ~ [feft] ‘campo’; b. [vru mu~()] ~ [fru mu~()] ‘parteira’.

No caso da fricativa sonora palatal (/ʒ/), é possível considerar que talvez esse fonema seja de fato característico dos judeus – como afirmado por Jacobs (2012) –, tendo se difundido no papiamentu a partir desse grupo. O vocabulário característico da variedade de papiamentu dos judeus sefarditas posteriormente se difundiu para a variedade geral da língua. No papiamentu moderno, o mesmo significado possui dois significantes (um deles relacionado aos sefarditas). É o caso, por exemplo, de (i) [ʒuʒu a] ~ [juna] ‘jejuar’; (ii) [ʒejtu] ~ [mōdu] / [ma nera] ‘jeito, modo, maneira’.

Por fim, com relação à fricativa sonora dental (/z/), em trabalho de campo, foi possível observar, em algumas palavras, variação entre formas com [s] e [z], como em [rasu] ~ [razu] ‘enfurecido, em frenesi, com muita raiva, rebelde’ e [usa] ~ [uza] ‘usar’, com uma maior preferência pelas formas com [s].

Com relação às fricativas velares e glotais, em algumas palavras, há alternância entre /x/ e /h/ em início de sílaba (como em *gèspo* [xespo] ~ *hèspu* [hespu] ‘fivela’). Essa variação, que ocorre em algumas palavras, distingue as pronúncias de Curaçao (que prefere usar /h/) e de Aruba (que opta preferencialmente por /x/) (KOUWENBERG; MURRAY, 1994). Assim sendo, são necessários estudos mais aprofundados para deslindar se de fato a língua possui dois fonemas ou se se trata de dois alofones de um mesmo fonema (como é o caso do português brasileiro).

Foneticamente, pode-se apontar ainda a existência de uma consoante nasal velar ([ɲ]), que ocorre em final absoluto de palavra e antes de uma consoante oclusiva velar, como em bo[ɲ] ‘bom’ e ra[ɲka] ‘puxar’, respectivamente. No primeiro caso, a realização velar da consoante é o padrão, exceto quando a palavra termina em [\n], como em hóben [ho.b \n] ‘jovem’. Já no segundo caso, a consoante nasal assimila os traços de ponto da consoante seguinte.

4.4 Comparação entre as fonologias das três línguas

Ao comparar os sistemas fonológicos do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu, é possível encontrar similaridades e diferenças. Antes de passar à discussão, é importante ressaltar que

essa primeira comparação, de caráter preliminar, não pretende atribuir taxativamente as similaridades ou divergências ao contato ou qualquer outra razão; o objetivo é simplesmente tentar estabelecer quais são os traços que convergem e divergem para, num segundo momento, de fato analisar tais aspectos com mais detalhes, entendendo os possíveis condicionamentos, como influência do substrato e das línguas faladas na Guiné-Bissau. É consabido que nem todos os traços de uma língua crioula podem ser atribuídos ao contato linguístico, sendo necessário considerar outras questões; é reconhecida também a dificuldade de abordar as línguas do substrato uma vez que ainda há poucas descrições científicas sobre tais línguas e o rótulo ‘substrato’ por vezes é usado desconsiderando a diversidade de línguas envolvidas.

No que tange ao quadro vocálico, o Quadro 8 compara os inventários das três línguas:

QUADRO 8 – Similaridades e diferenças entre as vogais das três línguas

	Guineense	Kabuverdianu	Papiamentu
Vogais compartilhadas pelas três línguas	/i e a o u/		
Vogais compartilhadas pelo kabuverdianu e papiamentu	----	/ɛ ɔ/	
Vogais privativas do papiamentu	----	----	/y ø/

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que as três línguas possuem as vogais /i e a o u/. O guineense, contudo, não possui fonologicamente a série das médias-baixas (/ɛ ɔ/), presentes no kabuverdianu e no papiamentu. Por outro lado, a partir da análise dos grupos linguísticos atlânticos e mandês, substratos dos crioulos portugueses da Alta Guiné, 67% das línguas do grupo atlântico e 75% do grupo mandês apresentam quatro graus de abertura vocálica, isto é, fazem distinção entre vogais semiabertas e semifechadas (PARKVALL, 2012, p. 61). Logo, era esperado que o guineense, tal como o kabuverdianu e papiamentu, tivesse preservado tais traços vocálicos de seu substrato.

Outra inovação recente seria a presença do /v/ em kabuverdianu, havendo inclusive questionamentos acerca do estatuto fonêmico desse segmento e sua difusão na língua. De acordo com Quint (2000a), a

oposição entre /a/ e /æ/ não seria difundida em kabuverdianu, sendo encontrada somente na variedade santiaguense.

Ainda com relação ao quadro vocálico, o papiamentu apresenta as vogais arredondadas /y ø/, ausentes da variedade setecentista e oitocentista da língua. A incorporação desses segmentos ao papiamentu (que figuram em um número pequeno de vocábulos com relação ao vocabulário total da língua) ocorreu em um período posterior à formação da língua sobretudo devido ao contato com o holandês nos últimos 200 anos. Uma razão para se entender tais vogais como incorporação recente é o fato de os falantes de papiamentu monolíngues nascidos antes de 1910 não apresentarem essas vogais nos dados coletados pelo autor em seus registros (BAUM, 1976, p. 86 *apud* PARKVALL, 2012, p. 67).

Passando ao sistema consonantal, o Quadro 9 traz a comparação entre as línguas:

QUADRO 9 – Similaridades e diferenças entre as vogais das três línguas

	Guineense	Kabuverdianu	Papiamentu
Consoantes compartilhadas pelas três línguas	/p b t d k g m n ɲ f v s z tʃ dʒ l r/		
Consoantes compartilhadas pelo kabuverdianu e papiamentu	----	/ʃ ʒ/	
Consoantes privativas do kabuverdianu	----	/k/	----
Consoantes privativas do papiamentu	----	----	/x h/

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que o guineense, o kabuverdianu e o papiamentu compartilham dezessete fonemas: /p b t d k g m n ɲ f v s z tʃ dʒ l r/. Esse é inclusive o quadro fonológico do guineense, não havendo nenhum segmento (vocálico ou consonantal) que seja privativo a essa língua, não aparecendo nas demais. Esse cenário permite sugerir que o guineense estaria mais próximo do protocrioulo que originou as demais línguas, tema que ainda carece de mais análises.

Um ponto compartilhado entre as três línguas que merece ser mencionado é a existência de um único fonema vibrante, não havendo a

distinção do português entre *caro* e *carro*. Observa-se que, em guineense, kabuverdianu e papiamentu, há variação entre a vibrante simples e a múltipla, com preferência por uma ou outra forma a depender do contexto. Costa (2014) afirma que o /r/ do guineense estaria em uma posição intermediária entre a vibrante simples e a múltipla. Essa ausência de oposição entre as vibrantes em línguas crioulas é discutida por Clements (2014). Em sua análise, o autor conclui que nenhum dos crioulos atlânticos analisados (kabuverdianu, guineense, santome,⁵ angolano, palenquero, papiamentu) apresenta oposição fonêmica entre /r/ e /r/. Esse quadro confirma a afirmação de Ladefoged e Maddieson (1996) de que a maior parte das línguas do mundo possui apenas um rótico em seus quadros fonológicos. No caso do guineense e do kabuverdianu, a ausência da distinção poderia ser explicada, de acordo com Clements (2014), por dois fatores: (i) a multiplicidade de línguas faladas nos dois espaços, o que dificultaria o acesso ao padrão de róticos da variedade portuguesa; (ii) a inexistência de contraste entre /r/ e /r/ no wolof, principal língua de substrato em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Já a inexistência de oposição entre as duas vibrantes em papiamentu é apontada pelo autor como podendo decorrer dos seguintes fatos: (i) o número de escravos nas plantations curaçolêneas era pequeno, não ultrapassando 300. Assim, a influência das línguas faladas pelos cativos (algumas delas apresentando a oposição entre as vibrantes) seria diminuta; (ii) o quicongo, uma das principais línguas maternas dos escravos, não possui róticos. Para o autor, a distinção entre a vibrante simples e a múltipla (ou, como observado, a variação entre as duas) teria sido introduzida posteriormente a partir do espanhol. Pode-se conjecturar ainda que tal diferenciação seja uma característica do português.

As diferenças entre as línguas situam-se principalmente no âmbito das consoantes fricativas: o kabuverdianu e o papiamentu possuem /ʃ ʒ/, ao passo que o papiamentu apresenta ainda /x h/. No quadro do kabuverdianu, se faz presente ainda /ʎ/.

A partir da discussão de Costa (2014), é possível conjecturar que havia uma flutuação no uso das fricativas palatais no português do século XVI (aquele que foi levado para a colonização do Novo Mundo e esteve

⁵ Nomenclatura conforme o dicionário santome-português (ARAÚJO; HAGEMEIJER, 2013).

presente na formação das línguas crioulas da Alta Guiné), as quais, por vezes, variavam com as fricativas dentais e as africadas. Essa pode ser uma explicação para a presença de /ʃʒ/ em apenas algumas das línguas, sendo uma incorporação posterior.

No que diz respeito ao /h/ do papiamentu, tal fonema não aparecia na variedade clássica (termo que abarca a variedade linguística entre 1825 e 1905), com o grafema <h> desse período sendo apenas gráfico. No papiamentu moderno, as palavras iniciadas por <h>, em geral, são pronunciadas com uma consoante aspirada ([h]), havendo também casos de variação com Ø – cenário também apontado por Lenz (1928).

Quanto ao /k/ do kabuverdianu, tal fonema não aparece nos estudos da variedade clássica (estágio da língua que se estende de 1880 a 1936). Segundo Coelho (1967 [1880]), em empréstimos do português que entraram no kabuverdianu, o /k/ passou a [j], como palha > paja. Já para Quint (2000a), o processo de adaptação do /k/ português passou inicialmente pela despalatalização da consoante (*lj), chegando ao /dz/. Atualmente, não ocorre mais a substituição de /k/ por /dz/ e a lateral palatal é um fonema do kabuverdianu. É possível encontrar casos de variação entre as duas formas, sendo a variante com a lateral palatal a mais recente: [moʎo] ~ [modʒo] ‘molho’ (exemplo retirado de BRÜSER *et al.*, 2002). Ademais, no século XVI, no contato entre o português e as línguas africanas, houve diferentes cenários para o /k/: (i) conservação do traço [palatal] – em especial quando as línguas africanas apresentavam a dada consoante em seus sistemas –, (ii) a preservação do traço [lateral], ou (iii) o uso combinado dos dois traços resultando em /lj/ (PARKVALL, 2012). Na Alta Guiné, conforme Parkvall (2012), contudo, o /k/ em itens de étimo português corresponde regularmente a /j/ (neste trabalho correspondente a /dz/), com algumas exceções como empréstimos recentes. Como isso não é registrado em nenhuma variedade de português, o autor considera menos plausível tal adaptação se justificar por interferência de um modelo de superestrato.

5 Considerações finais

Considerando o agrupamento do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu como os crioulos portugueses da Alta Guiné, este estudo observou os quadros fonológicos das três línguas, buscando mostrar como o parentesco entre elas se reflete em seus aspectos linguísticos.

Assim sendo, os quadros vocálicos e consonantais das três línguas foram apresentados e discutidos separadamente, passando em seguida para a comparação, trazendo seus aspectos convergentes e divergentes.

Muitos elementos são compartilhados entre as línguas, como as vogais /i e a o u/ e as consoantes /p b t d k g m n ñ f v s z tʃ dʒ l r/. Entretanto, as línguas também possuem diferenças, como a presença de /ɛ ʎ/ em kabuverdianu e de /y ø x h/ em papiamentu, bem como de /ʃ ʒ/ em kabuverdianu e papiamentu. Esse cenário mostra que as três línguas, a despeito de terem uma origem comum, seguiram diferentes caminhos de desenvolvimento, com estratégias próprias e recebendo influências das línguas com as quais estão em contato: o guineense, com o português, o francês e as línguas autóctones, como balanta, fula, manjaco, mandinga, papel, entre outras; o kabuverdianu, com o português e o francês; o papiamentu, com o espanhol, holandês e inglês.

Desdobramentos futuros desse estudo têm por objetivo analisar outros aspectos fonológicos, como a estrutura silábica e o acento. Além disso, pretende-se reconstruir a protolíngua que deu origem aos crioulos portugueses da Alta Guiné, observando ainda a situação do papiamentu.

Contribuição das autoras

As duas autoras do texto trabalharam juntas na escrita do artigo, discutindo os dados e as análises relacionadas à fonologia do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu, e, assim, comparando os aspectos fonológicos das três línguas. Manuele Bandeira inicialmente colaborou com a escrita das seções introdutórias e as considerações finais. Já Shirley Freitas deu início à análise dos dados e, após uma proposta preliminar dos quadros das duas línguas, passou à análise das similaridades e diferenças, junto com Manuele. Assim, a partir das discussões entre as duas autoras foi possível chegar à versão final da análise dos dados. A revisão da versão final a ser submetida, bem como a revisão do texto após os comentários dos avaliadores também foram realizadas em conjunto pelas duas autoras.

Referências

- ANDERSEN, R. W. *Nativization and Hispanization in the Papiamentu of Curaçao, N.A.: a Sociolinguistic Study of Variation*. 1974. 290f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade da Escola de Graduação, Universidade do Texas, 1974.
- ARAÚJO, G. A. de; HAGEMEIJER, T. *Dicionário livre santome/português*. São Paulo: Hedra, 2013.
- BAUM, P. The Question of Decreolization in Papiamentu Phonology. *International Journal of the Sociology of Language*, [S.l.], v. 7, p. 83-93, 1976.
- BRÜSER, M.; SANTOS, A. R.; DENGLER, E.; BLUM, A *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*. Tübingen: Narr, 2002.
- CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- CBS (Central Bureau of Statistics). *First Results Census 2011 – Curaçao*. 2012. Disponível em: [http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-201210 23105057.pdf](http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-201210%2023105057.pdf). Acesso em: 14 out. 2012.
- CHAPOUTO, S. M. da C. *Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2014.
- CLEMENTS, J. C. The status of Portuguese/Spanish /r/ and /r/ in some Iberian based creole languages. *PAPIA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 343-356, 2014.
- COELHO, A. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América I. 2ª série, nº 3. In: MORAIS-BARBOSA, J. (org.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967 [1880]. p. 1-108.

COSTA, P. M. *Descrição fonológica do crioulo guineense*. 2014. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

FREITAS, S. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. 2016. 671f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

HARRIS, C. C. *Papiamentu Phonology*. 1951. 67f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade da Escola de Graduação, Universidade de Cornell, 1951.

INE (Instituto Nacional de Estatística – Cabo Verde). *IVº Recenseamento Geral da População e de Habitação – Censo 2010*. 2010. Disponível em: <http://www.ine.cv/censo/censo2010.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2014.

INEC (Instituto Nacional de Estatística e Censos) – Guiné-Bissau. *Recenseamento Geral da População e Habitação Guiné-Bissau: III RGP/2009*. Bissau: INE Guiné-Bissau, 2009.

JACOBS, B. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Columbus, OH, v. 25, n. 2, p. 289-343, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/jpcl.25.2.04jac>

JACOBS, B. *Origins of a Creole: The History of Papiamentu and its African Ties*. New York: Walter de Gruyter, 2012. (Coleção Language Contact and Bilingualism). DOI: <https://doi.org/10.1515/9781614511076>

KAUFMAN, T. Language History in South America: What We Know and How to Know More. In: PAYNE, D. (org.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 13-31.

KOUWENBERG, S.; MURRAY, E. *Papiamentu*. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa, 1994.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LANG, J. et al. *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. [S.l.]: [S.n.], 2002. Cap. 1: p. 1-130. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6932543-Gramatica-do-crioulo-da-ilha-de-santiago-cabo-verde.html>. Acesso em: 12 nov. 2013.

- LENZ, R. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcels & Cia, 1928.
- LOPES, A. M. V. de M. *As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*. 2011. 586f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2011.
- MATOS, P. C. *O sistema vocálico do guineense moderno*. No prelo.
- PARKVALL, M. *Da África para o Atlântico*. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- QUINT, N. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L’Harmattan, 2000a.
- QUINT, N. *Le CapVerdien: origines et devenir d’une langue métisse*. Paris: L’Harmattan, 2000b.
- RATZLAFF-HENRIQUEZ, B. *Dikshonario Papiamentu-Ingles/Ingles-Papiamentu*. Bonaire: Jong Bonaire, 2008.
- RODRIGUES, U. *Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional*. 2007. 443f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2007.
- SANTOS, V. G. dos. *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro*. 2015. 228f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- SCANTAMBURLO, L. *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. 2013. 371f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013.
- SOUZA NETO, A. F. *Fonotática do Papiamentu de Curaçao*. No prelo.



Aggression as impoliteness in a Facebook discussion about class discrimination in a Brazilian university

Agressão como descortesia em uma discussão no Facebook sobre discriminação de classe em uma universidade brasileira

Mércia Regina Santana Flannery

University of Pennsylvania, Pennsylvania / United States

merciaf@sas.upenn.edu

<https://orcid.org/0000-0003-4206-1162>

Abstract: This paper exemplifies the use of aggression as impoliteness in computer-mediated, or digital communication in Brazilian Portuguese, while looking into the performance of such linguistic actions in the context of a discussion about class discrimination. Specifically, it investigates the relationship between linguistic aggression as impoliteness, and identity as observed in a Facebook campaign page about a Brazilian university. The page under consideration was devised as an open platform to disseminate and call attention to examples of discriminatory behaviors experienced by students from peripheric communities attending an elite university in Rio de Janeiro. These students were at the center of a controversy, as they were supposedly brought to this institution through social programs promoted by the previous, leftist oriented governments. This paper examines the use of linguistic aggression as impoliteness, such as name calling and overt disagreement (LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011), to communicate different opinions about, or argue against, the perceived instances of discrimination supplied by the students in the campaign and subsequently discussed by the participants in their posts. These impoliteness strategies ratify identities in the context of the discussion, marking in and outside group members, as the participants 1) align against, or 2) justify, the described behaviors.

Keywords: aggression; impoliteness; identity; narrative; discrimination; Facebook; digital communication.

Resumo: Este artigo exemplifica o emprego de agressão como descortesia na comunicação mediada, ou digital, no português brasileiro, observando-se o desempenho de tais ações linguísticas no contexto de uma discussão sobre discriminação de classe. Especificamente, investiga-se a relação entre agressão linguística como descortesia e identidade tal como observada em uma campanha em uma página do Facebook sobre uma universidade brasileira. A página sob consideração foi projetada como uma plataforma aberta para disseminar e chamar a atenção para exemplos de comportamentos discriminatórios vivenciados pelos estudantes de comunidades periféricas frequentando uma universidade de elite no Rio de Janeiro. Os membros desta comunidade estudantil estavam no centro de uma controvérsia, por supostamente terem sido admitidos na instituição por meio de programas sociais promovidos por governos anteriores, de tendência esquerdista. Este artigo examina o uso de agressão linguística como descortesia, tais como chamar nomes, i.e., dirigir-se a alguém empregando termos insultuosos, e discordar diretamente (LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011), para comunicar diferentes opiniões sobre, ou argumentar contra, as percebidas instâncias de discriminação supridas pelos estudantes na campanha e subsequentemente discutidas pelos participantes nas suas postagens. Estas estratégias de descortesia ratificam as identidades no contexto da discussão, marcando membros e não-membros do grupo, na medida em que os participantes 1) alinham-se contra, ou 2) justificam os comportamentos descritos.

Palavras-chave: agressão; descortesia; identidade; narrativas; discriminação; Facebook; comunicação digital.

Submitted on June 07th, 2020

Accepted on August 24th, 2020

1 Introduction

According to Sérgio Buarque de Holanda (1995, p.146-148), cordiality is one of Brazilians' defining attributes. This cordiality would entail both an aversion to formalities or confrontation in social settings, and a tendency to transfer the intimacy of close family relationships to the public sphere. Holanda's writings have been extensively drawn upon to explain Brazilians' conduct in social contexts, and perhaps a penchant for corruption in some politicians, but it has also been questioned as traditional norms of civility in public discourse have been broken more often, and as digital communication, particularly interactions through social media, can illustrate (see also FLANNERY, 2017; FLANNERY, forthcoming; SCHWARCZ, 2019).

As a brief consultation of Portuguese dictionaries will show, there are more than ninety words to define impoliteness in this language, or someone who is considered impolite. In line with Culpeper's discussion (2014) about the "what" and the "how" of impoliteness studies, the ideas most often associated with those terms in the Portuguese dictionaries reflect a connection between the perception of an aggressive, or impolite individual, and actions that show a "predisposition to hostile behavior." This is the kind of behavior under consideration in this article and being referred to with aggression as impoliteness as aggression. Specifically, this impolite and aggressive behavior is analyzed in the context of interactions involving Brazilian participants of a popular social media page whose main audience consists of university students.

The relationship between linguistic aggression as impoliteness and identity (BLITVICH; SIFIANOU, 2017; GEORGAKOPOULOU, 2013; UPADHYAY, 2010) is seen in the responses and reactions supplied by a group of participants of a Facebook page designed as a campaign against class discrimination in a university in Rio de Janeiro, Brazil. The page under consideration was started as a platform for students from underprivileged backgrounds, who had felt that they had experienced discrimination on campus, to disseminate and call attention to their stories. It was meant, according to the information supplied in its description, as a way to request action from the university's authorities against the manifestation of such class prejudice and discrimination toward this student population on campus.

The university is a well-known institution for its exclusive reach, for a long time being acceded only by students from the elites, as it is a private, catholic, and very expensive institution for the average middle-class family. However, during the left oriented government of Lula da Silva, and subsequently Dilma Rousseff, some measures made it possible for students from underprivileged backgrounds to gain admittance to universities such as this one.

The Facebook page, however, was intended to expose some discriminatory episodes involving the privileged and the underprivileged, which highlighted differences in their lifestyle, academic performance, perceptions of the world and of the other, and even questioned the appropriateness of the underprivileged students' admittance to the university. The page creators, also students from the same institution, requested the larger student community at the university to post their

testimonies containing personal narratives as evidence of a prevalent discriminatory attitude on campus.

The cases of linguistic aggression as impoliteness examined in this article were extracted from the reactions to such narratives of discrimination (FLANNERY, 2008a, FLANNERY, forthcoming), when the participants perform agreement, and disagreement with, or show solidarity toward, the narrators of these accounts (FLANNERY, 2017). This page was started in October of 2016 and received widespread national and international media attention¹, as the experiences posted brought to light cases of class discrimination in this very prestigious university.

As a subset of computer mediated or, more broadly, digital communication, the language employed in these responses shows specificities of Brazilian Portuguese, pointing to the perception of actions that are inappropriate for their context, while the participants also use conventional resources and strategies typical of the medium. Given the widespread use of such social media platforms in Brazil, which is both the country with the third highest number of subscribers to Facebook in the world, and the third highest number of hours spent online², the study of impoliteness in this context can be useful in adding to the body of work on language and social media, more broadly. Additionally, given how these online platforms have become such widespread means of divulging opinions and mobilizing groups for activism, those interested in the study of discrimination, prejudice and aggression in discourse can access a wealth of natural occurring data, as well as gain some insight into the kinds of strategies most often used by the participants of such platforms. This research on narratives of discrimination online and the reactions and discussions that ensue have made salient a widespread use of aggressive language in online discussion forums and social media in Brazil (see FLANNERY, 2015, 2017).

Such studies have the potential to illuminate important issues related to language, identity, discrimination and digital communication, by supplying a basis to consider the ways in which the strategies used to perform linguistic aggression as impoliteness are similar to, or different from, those in other languages and cultures. Furthermore, the study of

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37580943>;

² <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>

such linguistic strategies is useful in showing that the participants' identity in such contexts is performed *vis-à-vis* the context in which they interact (GRAHAM; HARDAKER, 2017; PERELMUTTER, 2015). Rather than projecting static ideas of self, which could lead one to consider, for example, notions such as cordiality and conflict-avoidance as main characteristics of a given people, the study of aggression as impoliteness and identity points to the fluid construction, and performance of, identity as a set of situated actions in interaction (GEORGAKOPOULOU, 2013).

2 Impoliteness as aggression in digital communication

For the purposes of this article, impoliteness is understood as behavior that conveys a negative (impolite) attitude, breaking with conventional and culturally accepted norms of conduct (CULPEPER, 2011, 2014; PERELMUTTER, 2015; GRAHAM; HARDAKER, 2017) in the context of the interaction where it occurs (GEORGAKOPOULOU, 2013, BLITVICH, 2010). Notions of linguistic im/politeness in Brazil, and in Brazilian Portuguese, have often been crossed with variables such as age, class, level of education and/or relations of power (see KOIKE, 2014). In the specific case of impoliteness in digital communication, regardless of the language or culture in which it is expressed, it is necessary to take into account both its context-based nature, and how the participants' actions affect one another, or generate next responses (GRAHAM; HARDAKER, 2017, p. 786). The interpretation of any given utterance as inadequate, aggressive or impolite is, thus, assessed in the ongoing exchanges amongst the several participants. There are also specificities of computer mediated communication (CMC) which are unique to the medium, such as the ability to like or dislike a post, or to use emoticons to express how one feels about a previous statement (GRAHAM; HARDAKER, 2017; VANDERGRIF, 2013). This context and participant-based interpretation of impoliteness highlights its evaluative essence (CULPEPER; HARDAKER, 2017; HAUGH, 2015; KÀDÁR, 2017). As the responses in the discussions under analysis are usually threaded, it is possible to follow the progression of any given line from its emission to the point where the participants perceive, evaluate, and react to it as an impolite action.

As Graham and Hardaker (2017, p. 786) show, the asynchronous nature of Facebook as a social media platform is one of the factors that make it more likely that a conflict will expand. This is so because the

platform allows multiple participants to join in the discussion at different times, creating chains of responses, which, at times, react not to the original triggering post on the Facebook page itself, but to comments added by the multiple participants, at different times. According to the authors, “any conflict, no matter how small, may expand and multiply if multiple participants join a discussion before the original poster becomes aware of and can explain/mitigate an act that is perceived as impolite (GRAHAM; HARDAKER, 2017, p. 787). In addition, the removal of face-to-face contact, or voice, limits the means of interpretation of a message. The participants of these interactions rely, mostly, on the written messages *per se*, or in the use of other typical digital communication resources, such as emoticons, exaggerated punctuation, or idiosyncratic orthography (MCCULLOCH, 2019).

There is, however, an expectation for the type of comments that should follow the narratives of discrimination (FLANNERY, 2008a, 2008b; GEORGAKOPOULOU, 2013; VAN DIJK, 1984) posted on the page under investigation, which can be accessed by considering the subsequent comments and others’ reactions. The participants of the page are members of a group that fights against discriminatory actions, and thus, the appropriate and expected responses for these stories would condemn such episodes and their purported perpetrators. The kinds of alignments that are performed during the interactions position the participants in two opposing groups, marking those who are for (or perhaps neutral) or against such discriminatory actions. These positions and alignments, in turn, contribute to inform the identity of the participants in the context of the interactions.

The next sections exemplify how such alignment is performed, and the kinds of resources that the participants employ to sanction and ratify each other’s rights *vis-à-vis* the interactional event. The assessments provided by the several participants in subsequent posts show varying degrees of aggression as impoliteness, which, in turn, enables them to establish who is an insider and who is an outsider, or antagonist, in the context of the post’s discussion. As previous studies have shown (KÁDÁR, 2017), impoliteness as aggression in discourse can fulfill a series of functions, such as reestablishing a moral order, and this repositioning appears to enable the participants to perform a similar action, as they assert or critique each other’s contribution, marking who is on their side, and who is not.

This paper aligns with other studies of impoliteness also by using an interdisciplinary approach, borrowing from interactional sociolinguistics, discourse analysis and social pragmatics. It seeks to illustrate how a discussion about narratives of discrimination in the context of a Facebook page in Brazil generates impolite and aggressive responses, which, in turn, contribute to create local identities for the participants. It also makes a contribution to the studies of impoliteness in Brazilian Portuguese, highlighting linguistic means to perform aggression as impoliteness in the context of an instance of computer mediated communication.

3 Data and methodology

The excerpts analyzed in this article are illustrative of the types of linguistic aggression as impoliteness in the polylogous context (LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011) where they originated, following two narratives of discrimination³ posted on the Facebook page. This data is part of a larger research project on language and discrimination in a Facebook discussion, which is comprised of seven narratives, collected in 2017. This Facebook page was created by students in a Brazilian institution of higher education as a way to bring attention to, and promote, a campaign against the type of class discrimination that the underprivileged students faced on campus in their day-to-day dealings with other students and faculty. The Facebook page presents the narratives as longer posts, and highlights the climax of the accounts, e.g., the discriminatory line uttered by the perpetrator of discrimination, through reported speech, an evaluation offered by the victim, stressing their perception of the event as discriminatory. These sections of the narrative are shown in white letters against a black background, and function as a call to the story. The content of these boxes is presented in the analytical section, and the language employed by the participants is maintained in its original form, including the idiosyncrasies in punctuation, spelling and/or unconventional orthography. In addition, following the original texts in Brazilian Portuguese, there is an English translation.

³ As the focus of this paper is on the discussions following the narratives, they are only paraphrased in the analytical section. The full text of the narratives of discrimination can be found in the appendix.

As some discussions have shown (GRAHAM; HARDAKER, 2017; LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011; PERELMUTER, 2015), while analyzing online text it is important to consider some categories of the participants' social identity as well as the nature of the site, i.e., whether it is private or public, and the type of communication being mediated, whether it is synchronous or asynchronous. The page under consideration is open to the public, and thus, visible to all, which means that an individual who contributes to this page is aware that their posts will be available to a larger audience. Despite the open nature of this page, destined as a campaign and as a tool to divulge information, to protect the identities of the contributors, their full names, which appear throughout the discussions, are omitted and only their initials are used in the analytical section. Additional contextualizing information, such as time or date of the postings, which could be used to identify their authors, was also removed to ensure privacy. Given the nature of pages like this one, where the social identity of the participants cannot be ascertained and confirmed (because the individuals have the ability to create virtual identities just for the sake of the interaction at stake) and of the medium itself, it is not possible to pinpoint contextual information such as their age group, location, or class identity. As Lorenzo-Dus, Blitvich and Bou-Franch (2011, p. 2581) discuss, "participants' identities in deindividuated, on-line contexts are mostly constructed in terms of their belonging to one or more social categories or groups." Thus, the face threats in such contexts are not necessarily directed at the participants themselves, but, rather, to the larger groups with which they choose to identify. In the case of the page, both its creators and target audience self-identify as university students, promoting a cause that is directly connected to a perceived problem in the institution that they attend, or have attended. The groups with which the participants identify in these interactions are pro and against the cases defended by the page, as outlined in its objectives.

The instances of aggression as impoliteness that were identified in the interactions analyzed were 1) direct disagreement – an interactant openly expresses a different point of view or idea, 2) confrontation – an interactant challenges another's position(s), and 3) name-calling – an interactant expresses a negative view of the other by means of a derogatory label, i.e., vulgar or stereotypical terms (CULPEPER, 2011; LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011). The excerpts

chosen for this qualitative analysis illustrate these features in the context of these discussions. As the participants take sides for or against the positions espoused in the stories, or show solidarity toward one another, or the victim of discrimination in the narratives, they employ strategies that can be interpreted within the interactions as instances of impoliteness as aggression. This perception of a post as an occurrence of impoliteness is viewed here as a function of the reactions, as comments and/or subsequent aggression, that follows. Indeed, it is possible to assert that the cases of discrimination under discussion are, themselves, examples of impoliteness as aggression. This is in line with other perspectives for the study of impoliteness, according to which for “an item to be charged as impolite, it must be challenged” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 211). In both narratives, the discriminatory offenses consist of the attribution of a negative trait, i.e., negative association, by the perpetrator to the victim, which are disputed both inside and outside of the story-world. Thus, when the participants react to the stories, they are already effectively exposing their evaluations of an action, which was already considered aggressive, impolite.

4 Reacting to discrimination: impoliteness as aggression and identity

The three interactional sequences analyzed in this section consist of reactions to two narratives of discrimination posted to the page, or to the comments that follow these posts. One of the strategies employed by the participants was open disagreement with a statement made in a previous post. In such cases, the authors of the posts expressing disagreement formulated a response that openly challenged the assumptions of veracity in the statements with which they disagree. Given that, in Brazil, open disagreements can be considered rude, (see KOIKE, 2014) and indirectness is preferred, such obvious manifestations of impoliteness can be considered aggressive.

The first sequence emerged after a narrative in which a university’s alumnus recounted an experience detailing how a professor, in class, provided a few examples of the kinds of expenses that an average middle-class Brazilian family usually has. While describing such expenses, the professor was interrupted by a student, who added that, in the shantytowns, or *favelas*, people could only access electric energy illegally. The student’s statement was interpreted as prejudicial, because it clearly drew on well-

known stereotypes of the country's poor communities' inhabitants, i.e., they lack resources to pay bills, while living illegally in land owned by others, and use public resources without paying for them, effectively stealing from the government. The highlighted lines in the black box are a typical resource of the page, to emphasize what is considered discriminatory, in this case, the student's statement, in reported speech, and which represents the climax of the story.

Impoliteness is also an index of identity construction in these examples (BLITVICH; SIFIANOU, 2017, p. 239), because it enables 1) those who are against the discriminatory action to show solidarity toward the victim, and 2) those who may question the veracity of the accounts to align against the victims and/or the ideals of the page (UPADHYAY, 2010).

Ex.1: Indirect disagreement



Translation: “[...] a student interrupted him to say that: ‘these people don’t pay for electricity. That everything is illegal in the shantytowns’”

Facebook dialogue:

DNP E se fosse gato, da pra pagar luz com salário mínimo e morando de aluguel?

And if it were illegal, is it possible to pay with minimum wages and paying rent?

Pra esse pessoal é mais digno morar na rua? deve ser

For these people is it more dignifying to live in the street? It must be.

In the first line of the response, the use of impoliteness by DPN (the Facebook participant) as direct disagreement challenges the rationale offered by the perpetrator of discrimination in the story being referenced in this discussion to justify the supposedly dishonest conduct of individuals from the periphery, undermining the offered assumption as a reason for the illegal access to public resources. This is accomplished

as DNP elaborates his response with a question in the conditional (“*And if it were illegal, is it possible to pay with minimum wages and paying rent?*”), which anticipates a negative answer, and thus, challenges the validity in the accusation made by the perpetrator of discrimination. DNP’s response also suggests that individuals from the shantytowns who are accused by the student perpetrator of discrimination of stealing public energy are victimized by a system that overburdens them, considering that, with their “minimum wages” and expenses such as “rent”, it would not be possible to pay the government for access to electricity.

As DNP further elaborates on his response, another example of aggressive language is put forth, also by means of a question (“*For these people is it more dignifying to live on the streets?*”). As with the first part of the excerpt (or the first question), the implied response to the proposed question here negates the validity of the assumption offered by the perpetrator of discrimination in the story being discussed. It also has the function of highlighting an unwanted, or negative, characteristic attributed to the student, contributing for her portrayal as unkind, ungenerous, and unreasonable, since it is assumed (“*It should be.*”) that she would prefer for the shantytown dwellers to live on the streets, rather than for them to have illegal, or any access thereof, to energy.

Notice, also the US X THEM (VAN DIJK, 2006, p. 126) positioning created as DNP refers to the perpetrator of discrimination in the story world with “these people” (VAN DIJK, 1984, p. 81). This reference establishes adversarial identities, suggesting that the student who uttered the discriminatory offense in the story-world is representative of a larger group, beyond the limits of the event described. The aggressive use of language in this response thus corroborates Blitvich and Sifianou (2017, p. 241), according to whom similar linguistic manifestations are “[h]ighly functional and ideologically loaded.”

Impoliteness as aggression in direct disagreement is also employed in these discussions to ratify participation and mark different degrees of affiliation with the ideals expressed on the page’s objectives and posts,⁴ which, in essence, is to “bring awareness to readers” and

⁴ The page objectives: “Our main objective is to bring awareness to readers, by means of accounts, about the reality of exclusion and social dichotomy in which the scholarship recipients/from the periphery of the University are inserted. We also want to create a strengthening and empowering network for scholarship recipients and peripheral [students], increasing ever more the members of the group Periféricxs [...]”

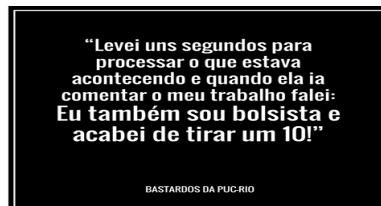
to align against the type of discrimination experienced (“to create a strengthening and empowering network”).

In the next sequence, the participants of the discussion react to a story describing the experience of a student who overheard her professor make a prejudicial comment, in an undertone, about another student asking for a paper’s deadline extension. The professor’s negative comment in reaction to the student’s request suggested that she could only be one of the recipients of the government’s educational incentives to underprivileged communities. This comment seems to imply that the requesting student 1) was attempting to obtain special treatment, or 2) didn’t perform in par with the colleagues who turned the paper on the established deadline. Upon hearing the professor’s ruminations about the requesting student, the student-narrator informs her of also being one of such underprivileged students, but having just earned the highest mark in her exam, a clear contrast with (and a challenge to) the prejudicial assumptions exposed in the professor’s utterance.

The ensuing discussion includes readers’ reactions to this story and exemplifies how impoliteness as aggression is used to build participants’ identities locally, as in and outside group members, depending on the perceived degree to which they align against, or show solidarity toward, the post’s author. More specifically, impoliteness as aggression indexes identity in these cases, helping to establish 1) who is perceived to occupy the positions of antagonist, and 2) who aligns with and shows solidarity toward the post’s author.

The next image shows a highlight of the story to which the next Facebook excerpt analyzed in this sequence reacts.

Ex. 02: identity and solidarity



Translation: “It took me a few seconds to process what was happening and when she was going to comment on my paper, I said: I am also a scholarship recipient and I have just earned a 100%.”

Facebook dialogue:

EG *Aí gente, vcs só reclamam*

Come on everyone, all you do is complain.

ER *É serio isso?*

Is this serious?

CM *A reclamação que estou vendo aqui é sua E. Além do mais, alguém de obrigou a estar aqui?*

The [only] complaint that I am seeing here is yours, E. Besides, did anyone obligated you to be here?

CS *não é possível... só pode ser sarcasmo.. e mesmo que seja, uma página dessa não é pra receber esse tipo de comentário. fala sério..*

This is not possible... it can only be sarcasm.... and even if it is, a page like this is not meant to receive these kinds of comments. Come on.

Impoliteness is employed in the first reaction to the narrative, as EG asserts that the participants of the page are complainers, employing a vocative in Brazilian Portuguese that conveys a tone of impatience (“*Aí gente*”/“*Come on everyone*”). The subsequent responses to EG’s post address the negative instance that his comment takes toward the story and the participants collective identity, by questioning its acceptability as a truthful statement. EG’s comment on Facebook is evaluated by the participants as inadequate, and, in this context, an impolite reaction to the narrative just told. As the participants address EG’s comment, they employ varying degrees of aggression, which also enables them to collectively attribute the position of antagonist to him. As the participants ER, CM and CS react to EG’s comment, they question the appropriateness of his response and his participation by targeting 1) the truth value of EG’s proposition itself (“*Is this serious?*”), 2) the content of his message (“*The only complaint that I am seeing here is yours*”), 3) his participation in the page’s discussion (“*Did anyone obligated you to be here?*”), and 4) by identifying his participation as inappropriate, thus excluding him as a ratified member to their community of practice (“*a page like this is not meant to receive these kinds of comments*”).

Despite the sequence of comments that collectively identify EG as an unwelcome participant in the discussion, and the antagonist, he reiterates his opinion (and position) about the story and, by extension, the community created through the page, with another impolite, aggressive comment, this time directly attacking the validity of the posted accounts

of discrimination, and their narrators perspectives. This is exemplified in the next sequence, which continues the interaction.

Ex. 3: direct disagreement

Facebook dialogue:

EG Adoram se fazer de vítima, meu dels do céu, por isto que as coisas não melhoram... Chega de mimimi

You love to victimize yourselves, my God, that's why things don't improve...

Enough with the whining

JL Só entende o que é preconceito quem já sofreu.

The only [people] who understand what prejudice is are those who have suffered it.

AR fácil falar quando vc não sofre na pele, né querido. Vamos ter empatia ao invés de chamar de mimimi?

[It's] easy to talk when you didn't suffer it in your own skin, right darling.

Let's have more empathy instead of calling it whining?

AC Também é por causa de gente como você, EG, que páginas como essa precisam existir!

It is also because of people like you, EG, that pages like this one need to exist!



In the previous sequence, EG's aggression is expressed with the reiteration of his initial position, which questions the merit of the posts reporting episodes of discrimination. This time, however, he 1) more directly accuses the participants of victimization (“*You love to victimize yourselves*”), while also 2) suggesting that they are responsible for their own difficulties and the status quo (“*my God, that's why things don't improve*”), and 3) concluding with a directive, which further enhances his

perspective about the participants as complainers, or whiners (*“Enough with the whining”*). The negative associations contained in EG’s reaction also reinforce a sense of us X them, which is marked by the use of the collective pronoun (Vocês/you) in the opening of his response. Further, EG employs a word that has surfaced frequently in recent online discussions in Brazil to characterize the supposedly oversensitive posture of the left (*“mimimi”*). The use of this word also confronts the motives of the participants who believe that they have been victimized by prejudice on campus, since it implies, as EG has confirmed thus far, that the students are exaggerating on their reactions to the episodes described.

This sequence of comments by EG spurs another chain of comments by means of which the participants align against him. While employing aggression and impoliteness to address EG’s accusation of whining, and improper conduct in the context of the activities being developed, the members of this community of practice reinforce the page’s goal to evoke sympathy with, and show solidarity toward, victims of discrimination on campus. This is accomplished as the participants, JL, AR and AC question the validity of the assumptions offered by EG regarding the self-identified victims of discrimination. JL implies that EG is not empathetic while directly asserting that, to understand prejudice, one needs to have “suffered it”, which is reaffirmed, through repetition in the next comment by AR (*“it’s easy to talk when you didn’t suffer it, right darling”*). Two points merit consideration in this sequence 1) the use of a discourse marker of confirmation (SCHIFFRIN, 1987) and an endearing term (*“right darling”*), but understood here as a sarcastic expression of false sympathy, in the structural construction of this aggressive response; and 2) the use of a question that surmises EG’s position as non-empathetic, at the same time that it shames him for exposing an opinion contrary to the one shared by the community of practice at play (PERELMUTTER, 2015, p. 170). AR also adds to EG’s face shaming by reinstating the purpose of the page and similar ones (*“It’s because of people like you, EG, that pages like this one need to exist!”*), using him as an example.

At the end of his comment, AR adds a cartoon, which references the famous line by Martin Luther King Junior (*“I have a dream”*), and indirectly identifies EG as a racist, as the cartoon purportedly represents a time travel by an “average Brazilian” who utters, after hearing the well-known anti-racist line, the word “whining” (*“mimimi”*). Interestingly,

in reacting to EG's comment, the subsequent contributors make use of the same term that he used to insult their position ("*mimimi*"), creating another context in which it acquires a different, negative meaning, this time directed at him. The use of this word in the fictitious scene created in the cartoon also enhances the sense of us X them, while symbolically attributing to EG the position of perpetrator of discrimination. These actions, taken in sequence by those participating in the discussion, reposition the interactants, assigning places as insiders and outsiders. Additionally, this repositioning, enacted by means of impolite, aggressive language, also contributes to the reestablishment of a moral order (KADAR, 2017), since it is possible to interpret EG's interference as a kind a "heckling", which disturbs the development of the actions expected, or sanctioned, in the interactional event at play.

Another resource employed by the participants to signal that EG's response had been inadequate, or impolite, for the context, was name calling, in a sort of tit-for-tat, as exemplified in the sequence below:

Ex. 4: name calling

Facebook dialogue:

IIF EG babaca

EG idiot

EG Vcs só querem bolsa

All you want is the scholarship

AA Que pena de gente como esse E, cara.

Velho, melhor ficar calado do que falar merda, de coração.

I feel sorry for people like this E, man.

Bro, [it's] better to keep quiet than to say shit, from [the bottom of my] heart.

In assessing EG's comments and respective position in relation to the story of discrimination told, considered by most of the participants as impolite and aggressive, IFF resorts to name calling ("*babaca*"/"*idiot*"), which is the most directly aggressive strategy used thus far. This seems to have had the effect of escalating the level of impoliteness in the discussion, as the following comments also contain more direct and aggressive language, both in EG's own reaction, which is an accusation and/or bad association ("*All you want is the scholarship*"), and in the assessment of his conduct by other participants, such as AA, who also employs a vulgar term ("*better to keep quiet than to say shit*").

Interestingly, while reacting to EG's comment, considered inappropriate in the context of this discussion for attacking the intentions of the storytellers and post discussants, IFF and AA escalate the argument, by employing more direct strategies of impoliteness, in the form of insults and name calling. These reactions confirm that there are types of responses, which are expected as contributions to this page, and that deviations from the appropriate conduct, expressed in form of agreement or disagreement with the positions of the victims in the story-world, warrant different levels of impolite responses.

5 Discussion: impoliteness, aggression and discriminatory discourse in digital communication in Brazil

In previous studies (KOIKE, 2014), degrees of polite/impolite strategies in Brazilian Portuguese in face-to-face interactions are frequently interpreted against a contextual background, encompassing age, level of education, and the degree to which the participants of a given interaction know each other. According to this perspective, whereas speakers tend to be more direct when addressing those they know, differences in relative power, age and education usually incur in more indirectness. However, in the context of the online discussions analyzed in this article, from a public Facebook page, open to individuals who may or may not know one another, impoliteness strategies were geared both toward the content of the accounts and their tellers themselves, on the one hand, and to those who figured in the story-world as perpetrators of the discriminatory action and participants who disagreed, on the other. The degree to which the participants of this discussion adhere to the ideals of the page, i.e., to promote a discussion about episodes of class discrimination on their university campus, can be apprehended by observing their reactions put forth through different impoliteness strategies. Thus, it is not the case that the *a priori* identity characteristics of the interactants influence their impoliteness/politeness strategies, but, rather, that the degree to which they employ such strategies indicates the groups with which they effectively identify.

By ignoring this insight, one would think that the use of aggressive and impolite language online in Brazil contradicts the very essence of a Brazilian national identity, whose main stereotype was, for a long time, that of a harmonious, cordial people, open to, and embracing

of, the other. However, the current politically and ideologically polarized climate in Brazil (SCHWARCZ, 2019), reflected in discussions such as the ones analyzed in this article, and the language used in these contexts, show that there is more at play, and, thus, deserve more attention, as they become more and more ubiquitous in online interactions. As the analysis presented in this article illustrates, the study of these impoliteness strategies and aggressive language must be observed by considering a fluid, rather than static, understanding of identity, marking a shift “away from essentialist views” to a “discursive and interactional” approach (GEORGAKOPOULOU, 2013, p. 56).

Impoliteness as aggression emerged in the interactions in the page while the participants reacted to narratives of discrimination, 1) supplying their opinions about the discriminatory actions portrayed in the story-world, 2) agreeing or disagreeing with the accounts in the narratives, or/and with one another, and 3) disputing their veracity. Whilst the participants reacted to the narratives in a group discussion, the categories of in and out-group affiliations are ratified, and instances of impoliteness as aggression index such identity status within the ongoing interactions.

The analysis of these interactional sequences in this article revealed that participants employed different strategies of impoliteness both 1) to position themselves for or against the discriminatory actions in the story-world, and, simultaneously 2) to establish different categories of (dis)affiliation with the purposes espoused in this community of practice. The interpretation of these strategies as instances of impoliteness as aggression is context-based, deriving from the observation of next responses and reactions to the subsequent threads.

The analysis also shows that the participants sanction the use of impoliteness depending on how it agrees or disagrees with their views regarding discriminatory actions directed at the students and described in the narratives.

6 Conclusion and directions for future research

This article exemplifies the use of aggression as impoliteness in digital communication in Brazilian Portuguese and the performance of such linguistic actions in a discussion about class discrimination in a Facebook page. Impoliteness fulfills specific functions and ratifies different positions in the context of the discussion. For example, although

those disagreeing with or criticizing the stories of discrimination or their narrators are perceived as acting inappropriately, the participants who defend against, and show a different position from the antagonists are sanctioned to use some degree of impoliteness. Linguistic impoliteness as aggression was manifested through overt disagreement, name calling, confrontation and sarcasm (LORENZO-DUS; BLITVICH; BOU-FRANCH, 2011) to communicate different opinions about, or argue against, the perceived instances of discrimination supplied in the students' campaign, and subsequently discussed on the participants' posts. This strategic use of impoliteness contributes to create positions and ratify identities in the context of the discussion, marking in and outside group members, as the participants: 1) align against, or 2) justify the behaviors described in the narratives of discrimination under consideration.

Given the widespread use of digital communication through social media in Brazil and the prevailing divisiveness that marks its current public discourse, studies of impoliteness as aggression can be fruitful in indicating how long-standing norms of politeness have been undercut (KOIKE, 2014). Such studies could illuminate other questions regarding linguistic and social norms in their relationship with digital communication. For instance, as individuals make ever more use of digital communication tools, is it expected that the manner by which agreement, disagreement and (im)politeness is performed across language and cultures will be more homogeneous? Because language understanding is indissociable from observing the context whence it originates, this apparent contrast with longstanding social norms of (im)politeness raises pertinent questions, given the prevalence of digital communication and the use of social media in societies like Brazil.

More studies can investigate impoliteness as aggression in different types of social media and/or interactions, trying to tease out whether such strategies appear more often in politically oriented or ideologically oriented sites, such as the Facebook page, or whether they are also common in other media. The kinds of linguistic and paralinguistic resources employed while the participants perform impoliteness as aggression can also be a fruitful site to investigate.

References

BLITVICH, P. A Genre Approach to the Study of Im-politeness. *International Review of Pragmatics*, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 46-94, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1163/187731010X491747>

BLITVICH, P.; SIFIANOU, M. (Im)politeness and Identity. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDAR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 227-256. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_10

CULPEPER, J. D. Epilogue: The “How” and the “What” of (Im) politeness. In: TERKOURAFI, M. (org.). *Interdisciplinary Perspectives on Im/politeness*. Amsterdam; Philadelphia: Johns Benjamins, 2014. p. 267-275. DOI: <https://doi.org/10.1075/aals.14.13cul>

CULPEPER, J. D. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CULPEPER, J. D.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDAR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9

FLANNERY, M. R. S. “Nós” versus “eles”: discurso discriminatório, preconceito e linguagem agressiva na comunicação digital no Brasil.” (In press).

FLANNERY, M. R. S. Language, Stigma and Identity: An Analysis of the Narrative Discourse of Racial Discrimination. *Luso-Brazilian Review*, Madison, WI, v. 45, n. 2, p. 154-176, 2008a. DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.0.0040>

FLANNERY, M. R. S. She Discriminated Against Her Own Race: Voicing and Identity in a Story of Discrimination. *Narrative Inquiry*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 111-130, 2008b. DOI: <https://doi.org/10.1075/ni.18.1.06fla>

FLANNERY, M. R. S. Triste realidade: construindo solidariedade em reação à discriminação racial no Facebook. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo, RS, v. 11, n. 2, p. 285-300, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4013/entr.2017.11.2.08>

FLANNERY, M. R. S. *Uma introdução à análise da narrativa oral*. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

GEORGAKOPOULOU, A. Small Stories and Identities Analysis as a Framework for the Study of Im/politeness-in-Interaction. *Journal of Politeness Research*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 55-74. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/pr-2013-0003>

GOFFMAN, E. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GRAHAM, S. L., HARDAKER, C. (Im)politeness in Digital Communication. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDAR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 785-814. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_30

HAUGH, M. *Im/politeness Implicatures*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110240078>

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KÁDÁR, D. Z. *Politeness, Impoliteness and Ritual: Maintaining the Moral Order in Interpersonal Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781107280465>

KOIKE, D. A. *Language and Social Relationships in Brazilian Portuguese. The Pragmatics of Politeness*. Austin: University of Texas, 2014.

LEECH, G. N. *The Pragmatics of Politeness*. Oxford: Oxford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195341386.001.0001>

LORENZO-DUS, N.; BLITVICH, G. P.; BOU-FRANCH, P. On-line Polylogues and Impoliteness: the Case of Postings Sent in Response to Obama Reggaeton YouTube video. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 43, n. 10, p. 2578-2593. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2011.03.005>

MCCULLOCH, G. *Because Internet: Understanding the New Rules of Language*. New York: Penguin Random House, 2019.

PERELMUTTER, R. Shaming, Group Face, and Identity Construction in a Russian Virtual Community for Women. In: TERKOURAFI, M. (org.). *Interdisciplinary Perspectives on Im/politeness*. Amsterdam; Philadelphia: Johns Benjamins, 2015. p. 149-180. DOI: <https://doi.org/10.1075/aals.14.08per>

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511611841>

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

UPADHYAY, S. R. Identity and Impoliteness in Computer-Mediated Reader Responses. *Journal of Politeness Research*, [S.l.], v. 6, p. 105-127. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2010.006>

VAN DIJK, T. A. Ideology and Discourse Analysis. *Journal of Political Ideologies*, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 115-140. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/13569310600687908>

VAN DIJK, T. A. *Prejudice in Discourse: An Analysis of Ethnic Prejudice in Cognition and Conversation*. Amsterdam: Johns Benjamins Publishing, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1075/pb.v.3>

VANDERGRIFF, I. Emotive Communication Online: A Contextual Analysis of Computer Mediated Communication (CMC) Cues. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 51, p. 1-12, 20013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.02.008>

APPENDIX

Narrative 1

“Entrei na [Universidade] em 2008, mas em 2010 mudei de curso para administração. Em um curso, não lembro qual, um professor estava explicando porquê do salário mínimo ser considerado tão ruim. Ele fez uma simulação de contas que as pessoas normalmente pagam com seus salários por exemplo aluguel e fatura de eletricidade, uma aluna o interrompeu para dizer que “essas pessoas não pagam eletricidade, que é tudo gato nas favelas”, ninguém a contestou, nem eu que nunca tive gato em casa.”

I entered [University] in 2008, but in 2010 I switched courses to business administration. In a class, I don't remember which one, a professor was explaining why the minimum wage is considered so bad. He did a simulation of bills that people usually pay with their salaries, for example rent and the electricity bill, a student interrupted him to say that “these people don't pay for electricity, that it's all illegal wirings in the shantytowns,” nobody challenged her, not even I who never had illegal wirings at home.’

Narrative 2

“Durante os anos da graduação em Design, eu como bolsista do Prouni acabei colecionando falas e situações desconfortáveis e desmotivadoras. A primeira que percebi foi no terceiro período no dia da entrega da g2. A segunda avaliação do semestre aconteceu em forma de trabalho. Os alunos iam um por um até a mesa da professora em questão buscar seus trabalhos, saber a nota, ouvir os comentários e eram liberados. Fiquei por último porque ela tinha uma dúvida sobre o meu trabalho. Abri o arquivo no computador, ganhei meu 10 e quando ela ia fazer os comentários entrou uma outra aluna na sala. Meio desesperada pediu licença e perguntou se tinha alguma outra data para ela entregar a g2. Não prestei atenção na conversa pq queria ser liberada logo, afinal se eu corresse talvez conseguisse chegar na minha casa em XXXXX sem pegar engarrafamento. A menina foi embora e voltei a prestar atenção ao que acontecia na sala. Foi quando ouvi um: “só podia ser bolsista!” Levei uns segundos para processar o que estava acontecendo e quando ela ia comentar o meu trabalho falei, -Eu também sou bolsista e acabei de tirar um 10!

During the undergraduate years in Design, I as a scholarship recipient of Prouni [a government program that sponsors underprivileged students], ended up collecting uncomfortable and discouraging speeches and situations. The first one that I noticed happened in my third semester on the day to turn the g2 [work for grade]. The second

evaluation of the semester was a paper. The students went one by one to the professor's table to gather their paper, to find out their grades, listen to the comments and they were dismissed. I was the last one because she had a question about my paper. I opened the document in the computer, got my 10 [highest grade] and when she was going to make comments another student came into the classroom. A little desperate she excused herself and asked whether there would be another date to turn in the g2. I didn't pay attention to the conversation because I wanted to be dismissed quickly, after all, if I ran perhaps I could get home in XXXXX [in the periphery and far away from the university] without hitting traffic. The girl left and I started to pay attention to what was happening in the classroom. It was then that I heard a "it could only be a scholarship recipient!" It took me a few seconds to process what was happening and when she was going to comment my paper I said, - I am also a scholarship recipient and I just receive a 10 [100%!]



Relação de sentidos entre a predicação e o sujeito sob o viés da enunciação

Meaningfulness relationship between predication and the subject under the enunciation line

Izaildes Cândida de Oliveira Guedes

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso / Brasil
izaguedes07@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5602-1175>

Neuza Benedita da Silva Zattar

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso / Brasil
neuza.zattar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8197-5018>

Resumo: À luz da Semântica da Enunciação desenvolvida por Dias (2015, 2018), este artigo apresenta uma análise de como se dá a relação de sentidos da predicação com o sujeito em enunciados institucionais. Como material analítico, adotamos os textos formulados pelo Ministério da Educação (MEC) para divulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como o próprio texto da BNCC. Entendemos que o sentido não nasce na factualidade da atualização do dizer, mas da relação estabelecida entre uma memória das discursividades que a enunciação evoca e a atualidade em que se situa a pertinência do enunciado no espaço da enunciação. Desse modo, a relação de significação construída na predicação, do ponto de vista da enunciação, consiste na articulação contraída no acontecimento da enunciação, ou seja, no confronto entre a memória do dizível e o presente do acontecimento.

Palavras-chave: predicação; sentido; enunciação.

Abstract: Guided by the Semantics of Enunciation developed by Dias (2015, 2018), this article presents an analysis of how the relation of meaningfulness among predication and the subject on institutional statements is established. As material of analysis, we adopted the texts formulated by the Ministry of Education (MEC) to the advertisement

of the National Common Curricular Basis (BNCC), as well as the BNCC text itself. We understand that meaning is not born in the factuality of the iteration of saying, but from the relation established between a memory of the discursivities that the enunciation evokes and the current situation that places the relevance of the statement in the space of enunciation. Thus, the relation of meaning constructed in the predication, from the point of view of enunciation, consists on the articulation acquired at the event of the enunciation, that is, in the confrontation between the memory of the saying and the present of the occurrence.

Keywords: predication; meaningfulness; enunciation.

Recebido em 21 de agosto de 2020

Aceito em 28 de setembro de 2020

1 Introdução

Neste estudo, propomos analisar como se dá a relação de sentidos da predicação com o sujeito em enunciados institucionais, na perspectiva da Semântica da Enunciação desenvolvida por Dias (2015, 2018), que concebe a língua na sua ordem enunciativa e não meramente na organização sintática como vista nas gramáticas normativas. Para a nossa análise, vamos utilizar como material analítico textos formulados pelo Ministério da Educação (MEC) para divulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse material foi escolhido por se tratar de política pública educacional que materializa uma das políticas de língua no país, constituindo, desse modo, objeto de interesse para investigação e reflexão.

O termo predicação tem sido objeto de estudo de várias correntes teóricas ditas tradicionais, formalistas e funcionais, até as mais contemporâneas, produzindo mudanças significativas no modo de se conceber a predicação. Assim, é possível encontrar teorias que a concebem a partir de uma inflexão sobre o sujeito,¹ como a Semântica da

¹ A inflexão sobre o sujeito diz-se “quando o predicado é captado a partir de um ponto de partida que se encontra no sujeito, seja porque o sujeito é o lugar da origem da ação/transmissão, seja porque no sujeito instala-se um lugar de identificação de um ente pela nomeação, ou seja porque no lugar do sujeito estaria um ente visado por um ato comunicativo, ou motivador de uma afirmação”. (DIAS, 2015, p. 109).

Enunciação desenvolvida por Dias. Na discussão que faz sobre o sujeito, o autor (2009, p. 20) diz que “a instalação do sujeito [...] rege a perspectiva da pessoalidade na predicação. A instalação do predicado é devida, então, à sua relação com o lugar de sujeito”. Este lugar sujeito refere-se ao lugar sintático que Dias (2009) formulou a partir da concepção de Milner (1989) sobre os *sites*.² Nessa perspectiva, as categorias linguísticas são tomadas como lugares sintáticos, passíveis de serem ocupados por referentes constituídos discursivamente pela inunção de recortes de sentido advindos de uma memória histórico-social.

Nessa direção, de acordo com Dias (2015), o sentido não nasce na factualidade da atualização do dizer, mas da relação estabelecida entre uma memória das discursividades que a enunciação evoca e a atualidade em que se situa a pertinência do enunciado no espaço da enunciação.

Dada a ligação sintática entre os termos sujeito e predicado, abordaremos inicialmente o predicado à luz das gramáticas brasileiras e, em seguida, na visão de teóricos que discutem esse termo sob o ponto de vista da enunciação. Em nossas análises, mobilizaremos os conceitos de lugar sintático, formação nominal, referencial histórico, pertinência enunciativa e rede enunciativa que são fundamentais para a nossa reflexão.

2 A predicação na perspectiva de algumas teorias

Nosso ponto de partida para abordar a predicação serão os estudos sistematizados pela gramática tradicional que influenciou as gramáticas modernas, bem como as diversas concepções da linguística moderna que conceituam a predicação.

Neste item, apresentaremos a predicação sob a concepção dos gramáticos Júlio Ribeiro (1881) e Maximino Maciel (1914), situados no período denominado “científico” da história de produção de gramáticas no Brasil, no final do século XIX, e dos gramáticos contemporâneos como Bechara (2009), Perini (2002) e Castilho (1994), no século XX.

A gramática de Júlio Ribeiro inaugura no Brasil uma visão da linguagem constituída “de preceitos científicos positivos, que devem ser

² O *site* concerne às propriedades relacionais determinantes da configuração sintática. A palavra “sítio” poderia, de forma rudimentar, ser utilizada como tradução de *site* para o português (DIAS, 2009, p. 14).

seguidos como normas prescritivas invariáveis” (MARINS, 2011, p. 30). Nessa linha, a predicação, para o autor, se dá na completude do dizer sustentado não fora do dizer, mas no “modo de dizer”. Os conceitos de sujeito e predicado, em Júlio Ribeiro, ainda são vistos nas gramáticas concebidas como “tradicionais”. Vejamos:

Toda a sentença consta de dous elementos:

- 1) o que representa a cousa a cujo respeito se falla: chama-se *sujeito*.
- 2) o que representa o que se diz a respeito do sujeito; chama-se *predicado* (RIBEIRO, 1881, p. 222).

Nessa concepção, a predicação consiste em expressar algo que incide, recai sobre uma base dessa expressão, que é o sujeito. E para se encontrar tanto o sujeito quanto o predicado é necessário observar o que se fala e de quem se fala numa relação estabelecida no fio da sintaxe.

Outro ponto importante no modo de conceber a predicação é relativo ao verbo. Para Ribeiro, o verbo enuncia, diz ou declara alguma coisa. Dessa maneira, “há uma predicação contida nos verbos (RIBEIRO, 1881, p. 67), ou seja, usar um verbo é predicar”. E como Júlio Ribeiro analisa a relação e não a função da predicação, o que se apresenta são as relações que as palavras ou grupos de palavras têm entre si. Ou seja, trata-se de uma relação direta, termo a termo, sob os nomes de relação subjetiva, predicativa, atributiva, objetiva e adverbial. Contudo, com exceção do verbo “ser”, todos os outros seriam atributivos, ou seja, guardam em si uma ideia predicativa do sujeito (RIBEIRO, 1881, p. 97). Ribeiro defende que os verbos teriam um complemento capaz de receber a ação predicativa do sujeito.

Maximino Maciel (1914) adota a concepção de língua como expressão do pensamento, pautada na lógica, e define a proposição (tomada como frase, oração por outros autores) como um pensamento expresso por uma ou mais palavras. Já Júlio Ribeiro (1881) analisa as relações entre as palavras enquanto Maciel trabalha com as funções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber: função subjectiva; predicativa; atributiva; objectiva; vocativa e adverbial.

Diferentemente de Ribeiro (1881), Maciel (1914) aborda a “incompletude” de significação no predicado, não na órbita do verbo, mas no âmbito da participação do verbo na predicação. Na perspectiva de Maciel, dentre outras funções, a função predicativa integra o predicado,

como “aquilo que se diz a respeito do sujeito e pôde ser constituído por um verbo de predicação incompleta, integralizado por adjunto predicativo, referente ao sujeito” (MACIEL, 1914, p. 256).

Para além das gramáticas do final do século XIX, interessamos observar também como a predicação é concebida nas gramáticas contemporâneas de Evanildo Bechara (década de 60) e de Mario Perini (década de 80), do século XX.

Para Bechara (2009),³ toda manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói a partir de unidades linguísticas que se denominam enunciado ou período. Por conseguinte, dentre os tipos de enunciados, aponta a oração que “representa o objeto mais propício à análise gramatical, por revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido” (BECHARA 2009, p. 407). Assim, para Bechara, a oração se caracteriza por ter o verbo como palavra essencial, indispensável, estabelecendo a relação predicativa sujeito e predicado.

Para o autor, o sujeito é a “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2009, p. 409). É, também, “uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*” (BECHARA, 2009, p. 409). Ou seja, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, mas pode ser representado pelo paciente desse processo.

Em Bechara, observa-se um deslocamento de sentidos em relação às noções de sujeito e predicado. Para ele, o sujeito “é uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal” (BECHARA, 2009, p. 409), ou seja, o sujeito gramatical já é explicitado na forma verbal e, “quando necessário ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto” (BECHARA, 2009, p. 409), o sujeito pode ser explicitado por formas léxicas. Assim, Bechara não fala em elipse de sujeito, em orações em que o sujeito é representado por pronomes, estando explicitado ou não

³ A primeira edição da gramática de Evanildo Bechara data de 1961. É denominada *Moderna Gramática Portuguesa* (Curso Médio) – Com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira, e foi publicada pela Companhia Editora Nacional em São Paulo.

na oração, a determinação desse sujeito acontece fora da gramática. Ou seja, a constituição do sujeito é pertinente à exterioridade da língua.

Como sujeito e predicado organizam a relação predicativa, na perspectiva de Bechara, trata-se de uma organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, o núcleo do predicado é sempre o verbo. E assim, as “orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva” (BECHARA, 2009, p. 414).

Quanto ao predicado, Bechara apresenta os predicados como simples e complexos, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Para ele, há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; “de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros léxicos adequados à realidade concreta” (BECHARA, 2009, p. 414).

Perini (2002) apresenta uma descrição abrangente da estrutura do português, mantendo um tom bastante “científico”. Apesar de preocupar-se em manter as análises da gramática portuguesa mais próximas possíveis da análise tradicional, as análises apresentadas pelo autor se diferem da tradicional, a começar pela definição da oração como um tipo de “frase que apresenta determinado tipo de estrutura interna, incluindo sempre um predicado e frequentemente um sujeito, assim como vários outros termos” (PERINI, 2002, p. 61).

O sujeito da gramática de Perini não é visto como o termo do qual se afirma alguma coisa, como se observa nas gramáticas de Ribeiro, Maciel e Rocha Lima, mas como “o termo com o qual o verbo concorda”, exprimindo desse modo um aspecto da organização formal da oração” (PERINI, 2002, p. 68).

Ao conceber o sujeito como o termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado, Perini se afasta dos conceitos que colocam o sujeito como provedor de afirmação. Da mesma forma, o predicado, para Perini, não trata das afirmações do que se diz do sujeito, mas de estabelecer a importância do fenômeno da concordância e da ordem dos constituintes entre esses dois termos essenciais da oração. Ainda, para o autor, o verbo desempenha, na oração, unicamente a função de núcleo do predicado e não da parte mais importante da oração.

Paralelamente aos estudos gramaticais sobre sujeito e predicado, existem correntes teóricas que apresentam um ponto de vista diferente do que os estudos tradicionalistas e/ou normativos mostram. Temos,

por exemplo, a gramática funcional de Castilho (2010), que postula a língua do ponto de vista do social. Ou seja, a língua existe não porque dispõe de uma estrutura, mas pela existência de sua estrutura em vista da necessidade de cumprir certas funções.

Nessa perspectiva, as relações sintáticas são concebidas sob duas bases: a predicação marcada pela concordância e a complementação não marcada pela concordância. Assim, a predicação é “definida como a relação entre um predicador e seu sujeito, ao passo que a complementação é a relação entre o predicador e seus argumentos internos” (CASTILHO, 1994, p. 80), diferentemente das gramáticas tradicionais que negam validade a esta distinção, unificando na predicação os dois processos.

Segundo Castilho (1994), a predicação pode ser vista sob diferentes caracterizações, como da semântica e do espaço sintagmático da sentença. Quanto ao aspecto semântico, a predicação é um processo de atribuição de traços semânticos: “Um predicador transfere traços semânticos ou papéis temáticos ao seu escopo” (CASTILHO, 2010, p. 243). No que diz respeito aos ambientes sintáticos, focalizando a sintaxe, “as propriedades semânticas da predicação têm por correlato a estrutura argumental da sentença. Projetando argumentos, a predicação cria a sentença e os sintagmas” (CASTILHO, 2010, p. 246).

Nos estudos sob o viés da teoria gramatical, observamos um modo de tratar a predicação sob a ordem do que se expressa, no ato de comunicar. Diante disso, concordamos com Dias (2015) quando historiciza os estudos sobre a predicação, destacando a importância da abordagem enunciativa na compreensão das articulações de unidades lexicais na constituição da sentença. Nessa linha, o autor procura responder questões como: qual a natureza das relações entre os itens lexicais? Em que se assenta a agregação entre eles? Dias (2015) mostra que este modo de conceber a predicação é posto em uma *perspectiva incidente*. Ou seja, nessa ordem, duas expressões se relacionam, sendo uma incidindo sobre a outra: essa incidência configura o fundamento da agregação sentencial. Assim, “o sujeito é um assunto sobre o qual incide uma asseveração” (DIAS, 2015, p. 106). Dito de outro modo, nessa predicação expressa-se algo que incide, recai sobre uma base dessa expressão, que é o sujeito.

Esse modo de conceber a predicação é visto em Júlio Ribeiro (1881), uma vez que, na gramática científica, “a perspectiva de agregação se concentra naquilo que se expressa, seja afirmando, interrogando,

duvidando, ordenando. Isto é, ela se concentra nas próprias direções que se toma na comunicação” (DIAS, 2015, p. 107).

A partir da exposição sobre a predicação na perspectiva gramatical, compreendemos que, desde os estudos gramaticais de Júlio Ribeiro, de Maximino até os estudos de Bechara, de Perini e de outras perspectivas como a funcionalista defendida por Castilho, e reservando os limites tênues de cada concepção, a predicação concentra-se na estrutura da sentença, quer seja simples ou complexa, tomando a palavra ou o verbo como essencial para a construção daquilo que se vai dizer.

Compreendemos também que a relação entre sujeito e predicado se dá na gramática, na relação entre termos lexicais, direcionado para a expressão do pensamento ou da comunicação. Desse modo, podemos afirmar que as relações que estabelecem a predicação se constituem dentro e não fora da gramática, apagando com isso a exterioridade da língua.

3 A predicação sob outras perspectivas teóricas

3.1 Arnauld e Nicole

A obra *La logique ou l'arte de penser*, reconhecida como a Lógica de Port Royal, e considerada uma das obras mais influentes, da época moderna, até o final do século XIX, foi publicada pelos franceses Antoine Arnauld e Pierre Nicole, em 1662. Para esses autores, a lógica é a arte de conduzir bem a razão no conhecimento das coisas, tanto para educar-se como instruir os outros. Esta é uma arte que consiste nas reflexões que os homens fazem sobre as quatro principais operações do pensamento: conceber, julgar, raciocinar e ordenar (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 33 tradução nossa).⁴

No que se refere à linguagem, os autores concebem os conceitos a partir das “ideias”, pois, para eles, as palavras referem-se a ideias. “O termo “ideia”, por ser um conceito básico, não pode ser definido, mas aproximadamente podemos entender por ideia qualquer coisa concebida

⁴ La logique est l'art de bien conduire sa raison dans la connaissance des choses, tant pour s'instruire soi-même que pour en instruire les autres. Cet art consiste dans les réflexions que les hommes ont faites sur les quatre principales opérations de leur esprit, concevoir, juger, raisonner et ordonner. (p. 33).

por nossa mente (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 36, tradução nossa).⁵ Na *Lógica*, as ideias estão no plano da representação. Como elas se relacionam com as coisas que estão fora da nossa mente é algo que a *Lógica* não esclarece com detalhe. Daí conceber a linguagem no plano da racionalidade humana.

Arnauld e Nicole pertenciam ao grupo de intelectuais racionalistas que tomavam o nome e a nomeação como base da concepção de predicação no pensamento sobre a linguagem. Para eles, “a constituição sintática se confunde com o próprio ‘mecanismo’ do pensamento, fundado no juízo humano, na relação com o mundo, configurando-se uma operação do pensamento” (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 34). Os autores defendem também que, na constituição sintática, o objeto do pensar encontra-se no sujeito da sentença, e o juízo está no predicado.

Os nomes são “palavras destinadas a significar, tanto as coisas, como os seus modos de ser” (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 96). Contudo, segundo eles, os homens “tinham mais necessidade de criar palavras que expressassem a afirmação, que é a principal forma de nosso pensamento, do que criar palavras que expressassem objetos de nossos pensamentos”⁶ (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 101, tradução nossa). Desse modo, as palavras que expressam a afirmação são os verbos,

[...] cujo principal uso é significar a afirmação, ou seja, marcar que o discurso em que essa palavra é usada é o discurso de um homem que concebe não apenas as coisas, mas que ousa e as afirma; nisto o verbo se distingue de alguns nomes, que também significam a afirmação, como *affirmans*, *affirmatio*, pois eles apenas o significam, pelo reflexo da mente, se tornou o objeto do nosso pensamento; e assim eles não marcam que quem usa essas palavras afirma, mas apenas que ele concebe uma afirmação. (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 101, tradução nossa).

Todo verbo, na concepção dos autores, cumpre a função de afirmar. Nisto, a base de toda predicação encontra-se no verbo *ser* em

⁵ Le mot d’idée est du nombre de ceux qui sont si clairs qu’on ne peut les expliquer par d’autres, parce qu’il n’y en a point de plus clairs et de plus simples. (ARNAULD; NICOLE, 1992, p. 36)

⁶ Les hommes, dit-il, n’ont pas eu moins besoin d’inventer des mots qui marquassent l’affirmation, qui est la principale manière de notre pensée, que d’en inventer qui marquassent les objets de nos pensées.

terceira pessoa do singular: *é*. Assim, em “Pedro vive”, haveria, segundo Arnauld e Nicole (1992, p. 101, tradução de DIAS, 2015), uma afirmação subjacente do tipo “Pedro é um ser vivente”. Por isso, ele é chamado de “verbo substantivo”, isto é, um verbo que participa do significado dos nomes, uma vez que ele expõe aquilo que o nome “abriga”. Se Pedro abriga o atributo “ser vivente”, a forma verbal “é” faz o papel de afirmar isso, em outros termos, de dar voz àquilo que o nome apresenta como latente, ou potencial, ao realizar a ponte entre “Pedro” e “ser vivente”.

Nesse sentido, para os autores (1992, p. 101, tradução de DIAS, 2015), “o verbo intrinsecamente marca a relação que nós fazemos no nosso pensamento entre dois termos de uma proposição”. Há, desse modo, um verbo de ligação, de natureza substantiva, que sustenta toda predicação, sendo isto que sustenta a relação entre o sujeito e o predicado.

3.2 Bally

Até o final do século XIX, constituir uma sentença seria situar frente à apreensão de uma entidade. Predicar era um gesto essencialmente de significação na relação da linguagem com o mundo, seja passando pela transmissibilidade, a partir de uma entidade de emissão, passando pela razão, a partir de uma entidade de nomeação ou passando pela comunicação, a partir de uma entidade de afirmação.

A partir de Bally (1944) é possível entender como a predicação foi sendo compreendida fora do formalismo, do fio da sintaxe estrutural. Para Bally, os fundamentos da linguagem seriam os fundamentos da comunicação, encontrando-se no conceito de “reação”. Ou seja, ao enunciarmos um pensamento, estamos reagindo a uma representação, sob a forma de constatação, de uma apreciação ou de um desejo. Daí a razão de Bally apresentar a modalidade como a alma da frase. Segundo ele, “a modalidade é a alma da frase/sentença; assim como o pensamento, é essencialmente constituído pela operação ativa do sujeito falante. Não podemos atribuir valor da sentença a uma enunciação até que tenhamos descoberto a expressão, qualquer que seja, a modalidade”. (BALLY, 1944, p. 36, tradução nossa).

Para Bally (1944), a sentença é uma forma simples de comunicação de um pensamento, uma vez que pensar é “reagir a uma representação observando, apreciando ou desejando”. (p. 36). Por isso, “acredita-se que chove ou não acredita, duvida ou se alegra por estar

chovendo, lamenta-se; deseja-se que chova ou que não chova” (BALLY, 1944, p. 37, tradução nossa).

Na concepção de Bally (1944), a sentença explícita compreende duas partes: uma correlativa do processo de representação (ex. chuva, cura) que denomina *dictum*; a outra trata-se do primado da sentença, como já citamos acima, pela qual sem ela não há sentença que é a expressão da modalidade, relacionada à operação do sujeito pensante. Nesse sentido, “a modalidade possui para a expressão lógica e analítica um verbo modal (por exemplo, cruzar, alegrar-se, desejar) e seu sujeito, o sujeito modal. Ambos constituem o *modus*, complementar ao *dictum*”. (BALLY, 1944, p. 36, tradução nossa). Em outras palavras, *dictum* é o conteúdo representado, ou seja, proposição primitiva expressa pela relação sujeito-predicado. E *modus*, diz-se da operação psíquica, tendo por objeto o *dictum*.

Nesse sentido, de acordo com Bally (1944), toda enunciação entende logicamente dois termos: do que se fala e do que se diz. O que é dito é o propósito ou predicado; o termo que é a ocasião do assunto é o tema. Assim, em “Galileu afirma que a Terra gira”, a *Terra gira* é uma ideia colocada na mente, na alma de Galileu, atribuído a ele pelo verbo “afirma”; o verbo ligado à *Terra gira* (sujeito) trata-se de uma ligação gramatical denominada cópula modal. Desse modo, “na sentença logicamente completa, todo *dictum* é o sujeito; a cópula modal é um verbo transitivo cujo *dictum* é o complemento de um objeto que são inseparáveis”. (BALLY, 1944, p. 101. Tradução nossa). Em “A Terra é redonda”, redonda é uma qualidade da qual a terra é a sede. O verbo *ser*, ou melhor, seu radical, é anexado ao adjetivo e o conecta ao sujeito *a Terra*.

Nas palavras de Bally, a frase é o produto de uma relação de interdependência gramatical estabelecida entre dois signos pertencentes a duas categorias complementares. Ou seja, todo sintagma é binário. Contudo, um sintagma pode constituir uma enunciação completa (uma sentença) ou uma parte apenas dessa enunciação. Todavia, essa distinção possui um valor diferente se considerar o ponto de vista discursivo, as realizações da fala ou o ponto de vista *mémoriel* associativo da linguagem.

3.3 A predicação em Guimarães

Eduardo Guimarães desenvolveu, no Brasil, a Semântica da Enunciação ou do Acontecimento, tendo como fundamento os estudos realizados por Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Todavia, se distancia

deles em vários aspectos. Buscando compreender a enunciação na perspectiva apresentada pelos linguistas franceses, Guimarães coloca a historicidade como um elemento fundamental para o processo enunciativo, e é a partir dessa perspectiva que o autor trata a questão da predicação.

Ao caracterizar a relação da predicação, Guimarães faz fora do domínio dos modelos lógicos que “coloca diretamente que todo enunciado tem um sujeito que refere a algo e um predicado que refere a algo” (GUIMARÃES, 2018, p. 137). Citando Dias (2009, p. 11), que apreende a diferença entre sujeito e predicado, Guimarães (2018, p. 138) argumenta que “as formas da língua são constitutivas da relação que se estabelece entre uma instância do presente do enunciar e uma instância de anterioridade”, e diz que é do ponto de vista enunciativo que se forma a relação predicativa, marcando seu posicionamento, qual seja, “o tratamento não homogêneo dos dois termos do enunciado com estrutura de predicação”. (GUIMARÃES, 2018, p. 138).

De acordo com o autor, antes de pensar a relação de predicação, é preciso definir o que é enunciado. Ou seja, é preciso compreender que o enunciado é como a “unidade de linguagem que apresenta uma consistência interna no seu funcionamento, aliada a uma independência relativa” (GUIMARÃES, 2018, p. 130) e que tanto a consistência interna quanto a independência relativa devem ser consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação. Assim, para Guimarães (2018, p. 130), o enunciado “por ser uma unidade que se caracteriza por integrar um texto é relativamente independente e é, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, uma unidade que apresenta uma consistência interna específica, e assim, significa”.

Nessa perspectiva, Guimarães apresenta a análise do seguinte enunciado “A resposta foi rápida e brutal: os dirigentes do movimento foram presos e a fraternidade foi dissolvida”.⁷ Trata-se de um enunciado, pois é um elemento linguístico em que há consistência interna – ou seja, há uma relação entre *a resposta ao protesto e foi rápida e brutal*. Há independência relativa porque é integrado a um texto. E, para o autor, a relação de predicação, nesse enunciado, se caracteriza por *conexão* que é “a relação de significação produzida pela justaposição de dois elementos

⁷ O texto faz parte do livro *O Brasil colonial*, de João Fragoso e Maria de Fátima Gouvea, 2014.

distintos que constroem uma unidade de sentido de nível superior de que fazem parte, constitutivamente, estes elementos”. (GUIMARÃES, 2018, p. 140).

De acordo com o autor, sujeito e predicado não são subordinados e não estão coordenados. Eles constituem uma unidade sintático-semântica que é o enunciado. E, nessa medida, o predicado não depende do sujeito nem o sujeito do predicado. Guimarães diz que a *conexão* se caracteriza por uma relação de *interconstituição* em que o sentido do sujeito é dado por sua relação com o predicado do enunciado e o sentido do predicado é dado por sua relação com o sujeito no mesmo enunciado.

Desse modo, o sujeito e o predicado se integram ao texto de modo diferente. O predicado integra o texto enquanto elemento do enunciado e o sujeito se integra de modo direto. Pode-se afirmar, segundo Guimarães, que há dois modos de integração. Um por alusão e outro por apresentação. No acontecimento, “*o lugar do dizer* (enunciador) menciona/alude o lugar social de dizer (al-x) e enuncia algo que apresenta uma disparidade relativamente ao enunciado de que o sujeito é parte”. (GUIMARÃES, 2018, p. 142). Ou seja, a significação do sujeito está como uma relação com as coisas, como se fosse independente da predicação.

Quanto à apresentação, a significação da predicação “é algo do dizer que está expressamente significado pela relação de alocação: a enunciação do enunciado é, especificamente, uma relação al-x – at-x. Isto nos leva a dizer que o predicado se caracteriza pela mesma relação de alocação do enunciado”. (GUIMARÃES, 2018, p. 144). Nesse sentido, em “A resposta ao protesto foi rápida e brutal”, há uma *conexão* que marca o lugar que diz (o locutor) e o lugar social de dizer (a al-x).

Dessa forma, enunciativamente, tem-se entre sujeito e predicado uma relação de semelhança, por um lado, e de diferença, por outro. Enquanto semelhantes, constituem conexão, produzindo o enunciado com relação predicativa; pela diferença, apresentam uma “disparidade entre o modo de se significar a enunciação do sujeito de um lado e a do predicado de outro” (GUIMARÃES, 2018, p. 150).

3.4 A predicação em Dias

Enunciativamente, a predicação é o ponto que liga a sentença à língua pela pertinência do dizer num campo de enunciação. Vale ressaltar que o conceito de pertinência enunciativa se fundamenta na ideia de adesão, ou seja, é a “demanda do presente”, segundo afirma Dias (2018).

Desse lugar teórico, Dias (2015, p. 121) mostra que a predicação “traz à luz e ao presente da enunciação parte daquele potencial de inquietude enunciativa que aos nomes se associaram, tendo em vista os espaços do dissenso que os afetaram em outras predicções nas relações sociais”. A predicação se assenta no lugar do sujeito.

Dias (2015), ao questionar a natureza das relações entre os itens lexicais e em que se assenta a agregação entre eles, faz um percurso histórico apresentando algumas abordagens voltadas para a concepção de agregação sintática, natureza da predicação e constituição da unidade sentencial. O autor mostra como algumas concepções sobre predicação deixaram resquícios nas definições contemporâneas como é o caso *da predicação acional* que define o sujeito como “o ser que pratica a ação” e o predicado como “ação praticada pelo sujeito”. Essa concepção é constituída a partir de uma mobilidade coesiva latente. Ou seja,

a predicação, nessa perspectiva de agregação sintática, encontra-se embutida na rede de mobilidade social. Ela estaria na passagem entre um ponto e outro da perspectiva: entre o fazer e emitir (do caso nominativo) e o sofrer ou ser afetado por essa ação (do caso acusativo). (DIAS, 2015, p. 103)

Para compreender as formações articulatórias - que constituem a sintaxe do enunciado, a sua constituição formal – de unidades sintáticas e observar a constituição da sentença em uma visão mais global, especialmente, sujeito e predicação, Dias produz um deslocamento do conceito corrente de forma linguística e, por conseguinte, de formação nominal. Assim, para o autor,

Uma forma linguística constitui-se como tal na conformação das palavras à regularidade sintática, tendo em vista o acionamento enunciativo da língua. Essa conformação ocorre na medida em que as palavras contraem modos de articulação em formações sintáticas. A palavra “casa”, por exemplo, se torna forma linguística ao contrair pertinência em uma formação nominal; por sua vez, “escorregou” assume essa condição ao sair do estado de infinitivo e se tornar pertinente em determinada predicação; e “de” se constitui em forma linguística, de modo mais determinativo, quando assume papel direcionador nos espaços sintáticos. Em sua, a forma linguística é relativa aos lugares de entrada do léxico na constituição da unidade sentencial. (DIAS, 2015, p. 119)

Nesse sentido, a forma linguística só o é porque significa em relação de pertinência com os espaços de enunciação e com os espaços sintáticos; “especificamente, com os espaços de enunciação pelos referenciais, com os espaços sintáticos, pelas especificidades da conformação lexical”. (DIAS, 2015, p. 119). Decorre daí a formação nominal, ou seja, quando os nomes deixam de ser concebidos como palavras isoladas para serem vistos como formadores do enunciado. Para Dias (no prelo b), “a formação nominal (FN) é o processo de entrada do nome no enunciado, participando assim do acontecimento da enunciação”. O autor afirma que a FN apresenta uma natureza condensadora, não de propriedades dos objetos da exterioridade, mas de referenciais. Assim, a concepção de formação nominal (FN) “está comprometida, portanto, com uma abordagem vertical das construções nominais, tendo em vista que privilegia o processo de formação dos nomes, isto é, o jogo de referenciais que sustentam um nome enquanto unidade de designação”. (DIAS, 2015, p. 120).

Diante disso, temos o sujeito como um elemento formador. Daí recorrermos ao que Dias (2009) argumenta sobre o lugar sintático, especificamente, sobre o lugar do sujeito, uma vez que, enunciativamente, o lugar sintático do sujeito é o responsável pela instauração da sentença. Dias (2013b) afirma a partir de Guimarães (2007) que uma língua adquire sua identidade na relação entre a dimensão do enunciável e a dimensão do materialmente articulável, sendo concebida como um sistema de regularidades que regula tal relação. Assim, (o grupo nominal sujeito),⁸ GN – sujeito, conforme Dias (2009), é o lugar que, afetado pelo cruzamento entre o virtual e o atual, aciona o verbo, isto é, arrebatada o verbo da sua condição de infinitivo.

Para Dias (2009, p. 19), “a constituição do lugar GN-sujeito é determinada por uma anterioridade de predicação. No âmbito do conceito de anterioridade de predicação, seria a partir do GN-sujeito que o verbo sai do “estado de dicionário” e se constitui como base de uma predicação”. Desse modo, a instalação do predicado, e logo de uma unidade mínima da sentença, se dá devido ao GN-sujeito. “Daí afirmarmos que o lugar do GN-sujeito se constitui nessa *anterioridade de predicação*” (DIAS, 2009,

⁸ Utilizamos o termo *Grupo Nominal (GN)* tal qual Dias (2009). Todavia, o autor, em seus últimos trabalhos, tem usado o termo *lugar sujeito* e *sujeito*.

p. 19), ou seja, o lugar de sujeito é a base de sustentação do predicado na constituição da sentença.

Não é o item lexical classificado como sujeito da sentença o responsável pela articulação, mas sim o lugar do sujeito, estando esse ocupado ou não materialmente na sentença. Daí que para compreendermos a predicação, na perspectiva enunciativa, é preciso, antes, compreender “que o enunciável se confronta com os movimentos de articulação na sintaxe”. (DIAS, 2009, p. 28).

4 Análise

Retomando a nossa proposta, buscamos compreender como se dá a relação de sentidos entre a predicação e o sujeito em enunciados institucionais retirados do texto oficial da Base Nacional Curricular – BNCC e de propagandas sobre o mesmo tema.

Vejamos o primeiro recorte do texto da BNCC.⁹

(R1) O QUE É A BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.¹⁰

O texto do R1 é introduzido por uma pergunta “O que é a BNCC?”, que tem como resposta a significação da sigla e o seu lugar institucional responsável pelas formulações (textos) das políticas de aprendizagem da Educação Básica no Brasil. Essas políticas se constituem nos espaços de enunciação oficiais do MEC, disponibilizados em sites próprios (página da BNCC) e que circulam também em propagandas. Nesse espaço constituído de falantes e de língua, temos o agenciamento

⁹ BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília. MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁰ BRASIL, Base Nacional Comum Curricular <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 28 out. 2019.

de um Locutor¹¹ que enuncia do lugar do governo federal, ou seja, do Ministério da Educação – MEC.

No enunciado em análise, temos, sob o viés da gramática tradicional, uma oração constituída de sujeito representado por “A Base Nacional Curricular” e de um predicado representado por “é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais [...]”. Trata-se de uma oração formada por um predicado nominal, uma vez que traz em sua formulação o verbo ser, classificado como verbo de ligação ou copulativo. Contudo, não nos interessa apenas descrever. É preciso ir além, ou seja, é preciso observar como se constitui a articulação da sentença para produzir sentido. Enunciativamente, temos nessa forma gramatical, que constitui o predicativo, uma formação nominal que participa do enunciado, explicitando o caráter da BNCC. A formação “um documento normativo” converge para o sujeito pelo referencial jurídico que confere às políticas públicas a função de regular, normatizar ações.

É por esse referencial, o do jurídico, que o enunciado se torna consistente, produzindo o sentido de que a BNCC possui regras a serem seguidas, ou seja, é uma diretriz posta para regular a educação, silenciando outros possíveis sentidos.

Como afirma Dias (2015), a predicação se assenta historicamente no lugar de sujeito, que se constitui com a participação das formações nominais. Dias (2015, p. 119) concebe a formação nominal como a que “apresenta uma natureza condensadora, não de propriedades dos objetos da exterioridade, mas de referenciais”. Logo, o referencial é o domínio em que a formação nominal se “ancora para produzir sentido e pertinência em um espaço de enunciação”. (DIAS, 2015, p. 120).

Assim, as formações nominais constitutivas do sujeito *A Base Nacional Comum Curricular* e do predicado (é) *um documento normativo* mantêm entre si uma relação sintática e uma relação semântica, visto que as FNs evocam o mesmo referencial histórico e se fazem pertinentes no presente da enunciação: a lei que define a educação brasileira.

Assim, conforme Dias,

¹¹ Locutor, aqui, não se trata de um indivíduo no sentido empírico, mas uma representação, ou seja, assumir a palavra, enunciar é colocar-se no lugar daquele que enuncia, o lugar do Locutor denominado por Guimarães (2002) como Locutor (com maiúscula), ou simplesmente L. Este Locutor é afetado por lugares sociais, ou seja, o que ele enuncia se mostra como origem do dizer porque, o Locutor, não é ele próprio, mas um lugar social de locutor.

a pertinência do enunciado no espaço de enunciação, concebida na relação entre recortes de memória de significação e a demanda de um presente pelos referenciais, movimenta as formações articulatórias que constituem a sintaxe do enunciado, a sua constituição formal. (DIAS, 2015, p. 129).

No enunciado do R1, tanto o sujeito *A Base Nacional Comum Curricular* quanto o predicado *é um documento normativo* são passíveis de mobilidade de novas construções tendo em vista a historicidade do texto. Tais mobilidades, capazes de qualificar as formas significativas na enunciação, podem ser observadas por meio de redes enunciativas que se prestam a estabelecer pontos de observação enunciativa, tendo em vistas as dimensões do sentido. Para Dias (no prelo b), a rede enunciativa demonstra as relações de retomada de enunciados no âmbito de um mesmo referencial histórico. Assim, a palavra, ao participar de um enunciado, mantém relação com referenciais históricos sociais. Isso é essencial para que elas sejam pertinentes nos textos em que elas ocorrem. Nesse sentido, o autor formula o conceito de *rede enunciativa* para se referir a um conjunto de dados reunidos em torno de um mesmo fenômeno linguístico ou de uma forma linguística, que são qualificados por diferentes possibilidades de articulação. Para ele,

A constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo de outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem ser buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. (DIAS, 2018, p. 36).

Desse modo, o lugar de observarmos as relações de sentido na perspectiva enunciativa está configurado com redes enunciativas. Para tanto, vejamos essa mobilidade:

- L1 – Você conhece o significado de *Base Comum Curricular*?
- L2 – A escola recebe bem as normas do MEC via Estado?
- L3 – *Base* significa imexível?
- L4 – Os Estados cumprem as determinações do MEC?

Essa mobilidade de construção dos lugares do sujeito constituídos pelas FNs com pronome Você, com as formas linguísticas *A escola, Base, Os Estados*, e as predicções elaboradas com os verbos *entender, receber, significar e cumprir* são necessárias para traçar a articulação básica que forma as predicções. (DIAS, 2015).

Vejam os outros enunciados, observando como a predicção se constitui, produzindo sentidos.

(R2) [...] **Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País** por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito! (BRASIL, Base Nacional Comum Curricular <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 28 out. 2019)

As predicções nominais são recorrentes nas enunciações da BNCC. Na composição do enunciado, “Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País” [...], temos uma sentença inteira agregando a formação nominal. No sujeito da sentença, “Seu principal objetivo” (o pronome possessivo “seu” diz dela, da BNCC), é predicado por “é ser a balizadora da qualidade da educação no País”. Vejamos as possíveis paráfrases desse enunciado:

- A) O objetivo da BNCC é balizar a qualidade da educação no Brasil;
- B) A BNCC é balizadora da qualidade da educação no País.

Tomamos o recurso utilizado por Dias (2015) para demonstrar a articulação sujeito e predicado. Consideramos insuficiente dizer, apenas, que temos um predicativo do sujeito que está declarando ou afirmando algo, como determinam os estudos tradicionalistas. Dizemos, enunciativamente, que a predicção incide sobre o sujeito (A BNCC) tendo em conta o referencial de regulação, de controle, de equilíbrio. Ou seja, a relação entre BNCC e aquilo que é dito dela se dá pelo referencial constituído em outras predicções existentes. Por isto, entendemos que a articulação se constitui na enunciação e não termo a termo como na sintaxe.

Para que a língua funcione, tomamos a formação nominal constituída da sigla BNCC que estabelece a relação com o mundo, e é qualificada na enunciação como um documento oficial que trará equilíbrio à Educação brasileira pelo adjetivo “balizadora”.

De acordo com Dias (2015, p. 117), “as formações sintáticas sustentam materialmente a memória da língua e ao mesmo tempo a memória das significações dos seus termos, isto é, das unidades que integram essas formações”. Nesse sentido, podemos dizer que, pela memória da língua, o termo *balizadora* torna-se pertinente ao enunciado que integra, tornando este enunciado pertinente na enunciação. Ou seja, ser pertinente é se colocar frente ao outro, não significando certo ou errado, mas aderindo ao dizer. Desse modo, Dias (2018) afirma que a pertinência enunciativa se fundamenta da ideia de adesão. “Enquanto seres de linguagem, constitutivamente históricos, nós somos instados a responder, a interpretar, a interferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam” (DIAS, 2018, p. 103). Encontramos na área da Educação um referencial histórico que sustenta o termo *balizadora* e que a torna pertinente. Podemos conferir isso nos enunciados que integram textos próprios da Educação. Vejamos alguns enunciados:

- (1) É hora de promover a **educação** também como **balizadora** da conduta dos cidadãos e das autoridades governamentais. (<https://pensaraeducacao.com.br/>).
- (2) [...] Não recusar a função adaptadora: a **educação** tem a ver com o processo de preparação das gerações mais novas às exigências da vida adulta / ideia **balizadora** para a construção das teorias da educação. (<https://www.passeidireto.com/arquivo/>).
- (3) Essas características marcantes da **educação filosófica** socrática naturalmente servem de referência **balizadora** para a compreensão da concepção filosófica ética e pedagógica e Platão no que tange à cura da alma pela experiência filosófica. (Trecho extraído do livro *Filosofia como cura da alma: A formação ética como terapia na atividade filosófica antiga*. (PASSOS, 2018).
- (4) A entrega do referido plano acontece após a aprovação do em junho deste ano, constituindo-se como importante **instrumento balizador** para as ações a serem adotadas pelo governo estadual em parceria com as prefeituras e a União. (<https://une.org.br>).
- (5) O século XXI sopra sobre a educação uma certeza implacável: nada nunca mais será como era antes. O surgimento de novas tecnologias foi o balizador da mudança. (<https://www.clipescola.com/nova-escola>).

Os enunciados (1), (2) e (3) relacionam *educação à balizadora*. Em (4) temos o termo *balizador* que constitui a formação nominal *instrumento balizador* que predica *Plano Nacional de Educação* e em (5) repete a forma *balizador* que predica a formação nominal *O surgimento de novas tecnologias*.

As formas da língua constituídas de *balizadora*, *instrumento balizador* e *balizador* evocam as novas tecnologias que devem permear a educação brasileira, buscando nivelá-la a outros países desenvolvidos e que se fazem pertinentes na enunciação de textos que dizem sobre a educação no Brasil.

Os enunciados, ao evocarem tanto a Educação quanto os documentos que servem de instrumento para nortear as ações educacionais, constituem a sustentação de algo. Em outras palavras, a Educação é o sustentáculo ou o marco referencial das mudanças na Educação brasileira, a partir dos aportes teóricos e tecnológicos e dos demais instrumentos necessários para operacionalizar o ensino nas instituições escolares municipal e estadual.

Vejamos um recorte do texto de apresentação da BNCC.

(R3) A aprendizagem de qualidade é uma meta que o País deve perseguir incansavelmente, e **a BNCC é uma peça central** nessa direção, em especial para o Ensino Médio no qual os índices de aprendizagem, repetência e abandono são bastante preocupantes. (BRASIL, 2017. p. 5)

O enunciado “a BNCC é uma peça central” integra um texto em que apresenta a BNCC, enfatizando o objetivo pelo qual ela é proposta: aprendizagem com qualidade. Analisando o enunciado *a BNCC é uma peça central*, observamos que este se constitui nas condições de predicação que se forma enunciativamente. Nessa direção, o que se diz do sujeito (BNCC) é uma afirmação sustentada num referencial de valoração. Ou seja, a BNCC ocupa um lugar central, de grande importância, que a coloca no centro, sendo peça central/fundamental. Podemos encontrar esse predicado em enunciados que avaliam ou determinam um grau de importância ao sujeito. Assim, vejamos na rede enunciativa com foco no sujeito, na terminologia formal, ou na ocupação do lugar, na perspectiva de Dias (2015).

- (6) ‘Rei Leão’ relembra a personagem Nala como peça central da história.
- (7) Colar da Cartier é a peça central do filme ‘Oito Mulheres e Um Segredo’
- (8) Peça central na prisão de Temer, Angra 3 tem dívida bilionária com BNDES.
- (9) Dessa forma, Veríssimo considerava que um dos principais caminhos da Educação Nacional era a reforma do livro infantil, em especial o chamado livro de leitura, peça central da Escola primária.¹²

Podemos observar, nos enunciados de (6) a (9), que o lugar sujeito é ocupado por diferentes termos, todavia são predicados por um mesmo referencial, o da valoração. Todos são tomados em um grau de importância considerando seus lugares sociais. Assim, vejamos como se apresentam nas paráfrases que construímos.

QUADRO 1 – Rede enunciativa

A BNCC	é peça central da educação brasileira.
O Rei Leão	é a peça central da história.
O Coar de Cartier	é a peça central do filme.
Angra 3	é peça central na prisão de Temer.
O livro infantil	é peça central na Escola Primária.

Fonte: Rede enunciativa construída pelas autoras.

Nessa rede enunciativa, colocamos na primeira coluna a formação nominal que está no R3 (BNCC) e outras FNs que retiramos dos enunciados extraídos do Google. Na segunda coluna, colocamos a predicação que mantém o mesmo verbo de ligação (ser), conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Notamos que, em todas as possibilidades, a articulação sintática é estabelecida pelo lugar de ocupação e não pelo termo que o ocupa. É nesse viés que Dias (2012, p. 175) defende com Milner (1989) “que a sintaxe não se constitui na

¹² Enunciados retirados do Google.

relação entre termos lexicais, mas na relação entre *sites*, isto é, lugares sintáticos qualificados para receber os termos lexicais”. Ou seja, os nomes projetam lugares a serem preenchidos sintaticamente. Assim, a sintaxe não se configura como uma associação entre itens lexicais, mas como uma associação entre lugares sintáticos. Em outros termos, a sintaxe é uma articulação entre lugares qualificados da sentença.

Desse modo, para compreendermos o funcionamento sintático, especificamente, a relação de sentidos é “necessário considerarmos as condições enunciativas da existência da sentença, e essas condições determinam a relação entre os lugares sintáticos” (DIAS, 2012, p. 176).

O próximo recorte que analisaremos trata-se de um slogan apresentado tanto nos documentos oficiais quanto nas propagandas sobre a BNCC. Assim, vejamos:

(R4)



O enunciado *Educação é a base* nos despertou para pensarmos os sentidos que se produzem a partir da predicação construída na enunciação. Para tanto, formulamos questões tais como: O termo ‘base’, no enunciado, apenas, fala algo do sujeito gramatical? Que memorável constitui a formação nominal “a base”? Ou seja, qual é o referencial posto para que a formação nominal “a base” signifique?

Aprendemos em Dias (2018) que as formulações recebem determinações das condições de enunciação e que, por sua vez, “a enunciação é o acontecimento da produção do sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social” (DIAS, 2018, p. 45). Em Guimarães (1996), entendemos que a enunciação é o lugar de funcionamento da língua movimentada pela memória do dizer. Daí compreendermos que o enunciado que compõe o slogan da BNCC não está no plano da organicidade estruturado no fio da sintaxe, mas no plano do enunciável ancorado em um referencial histórico que o constitui.

Como temos empreendido neste texto, a predicação, na perspectiva enunciativa, não se configura na relação termo a termo, mas sim de lugares sintáticos ocupados por termos que adquirem pertinência e por isso são qualificados na enunciação. Ou seja, a instalação do predicado é devida à sua relação com o lugar de sujeito. O que nos inquieta a pensar que razão enunciativa faz com que a palavra “base” tenha pertinência no enunciado da propaganda da BNCC?

Historicamente, o termo “base” permeia o campo semântico educacional. Em uma breve retomada na história, podemos perceber o quanto essa forma é cara ao processo educacional. Em busca de uma transformação social, a Educação foi tomada como base de um processo que mobilizou diversos setores sociais como, por exemplo, o segmento religioso com a adesão da Igreja católica e os movimentos sociais fomentados por organizações sindicais.

A exemplo dessa mobilização, na década de 60 surgiu o movimento de Educação de Base – MEB que, depois de passar por uma redefinição de trabalho, teve como um dos objetivos principais a conscientização entendida como processo educativo destinado a “formar no homem a consciência histórica, a partir da consciência crítica da realidade. A conscientização deveria ser dinâmica e provocar engajamentos que visassem à transformação radical da realidade” (FÁVERO, 2004, p. 8).

Na busca de uma base que desse conta de uma mudança social, tem-se ainda a Educação popular nascida na efervescência das lutas populares que buscavam, dentre outros fatores, a construção do saber. Enunciar a educação popular traz como memorável o conceito dado por Freire (1985)¹³ de que “a educação popular se delinea como um esforço no sentido da mobilização e da organização das classes populares com vistas à criação de um poder popular”. (TORRES, 1987, p. 74 *apud* GADOTTI, 2012, p. 23).

Na perspectiva que adotamos, o sentido é construído no acontecimento da enunciação. Assim, ao analisarmos o recorte 04, observamos o confronto entre a memória do dizível e o presente do acontecimento. A predicação “é a base” significa na relação com os referenciais históricos que evoca e os constitui.

¹³ Entrevista concedida por Paulo Freire, em 1985, à educadora Rosa Maria Torres. Torres (1987).

Como referido em Dias (2015), a predicação é o ponto que liga a sentença à língua pela pertinência do dizer em um campo enunciativo. É pertinente a formação nominal “a base” na atual configuração política que busca traçar ‘novas’ diretrizes para a Educação, uma vez que, historicamente, a Educação é concebida como saída, caminho para a “salvação” da sociedade. As relações, na sintaxe da sentença, estão dependentes de relações não visíveis, ou seja, as relações produzem sentido no cruzamento dos enunciados que integram o texto do slogan. É na demanda do presente que somos instados a dizer, a compreender e a dar sentido àquilo que nos faz pertinentes na corrente do cotidiano, conforme argumenta Dias (2018).

Tendo em vista o já exposto sobre a formação nominal preconizado por Dias, tomamos a formação nominal “a base” para análise. Para isso, desenvolveremos uma rede enunciativa¹⁴ centrada no lugar sintático em que está *a base*.

- (10) O governo não tem base sólida com que possa contar, diz Alcolumbre.
- (11) Alcolumbre diz que o governo “não tem base” para aprovar privatização da Eletrobrás.
- (12) 5 provas de que a educação é a base para um mundo melhor.

¹⁴ Seguem as fontes utilizadas para construção da rede enunciativa:

PODER 360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/governo-nao-tem-base-solida-com-que-possa-contar-diz-alcolumbre> Acesso em: 25 fev. 2020.

G1. POLÍTICA. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/19/alcolumbre-diz-que-governo-nao-tem-base-para-aprovar-privatizacao-da-eletronbras.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BLOG/LEITURINHA. Disponível em: <https://blog-production.dc.pkds.it/blog/5-provas-de-que-a-educacao-e-a-base-para-um-mundo-melhor/> Acesso em: 25 fev. 2020.

PENSADOR. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTczNzEyNA/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

TUDOIN. Disponível em: <https://www.tudo.in.com.br/artigos/educacao-base-da-sociedade.html>. Acesso em: 25 fev. 2020.

R7 NOTÍCIAS. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/desafio-da-vassoura-nao-tem-base-cientifica-diz-astronomo-da-unesp-08022020>. Acesso em: 25 fev. 2020.

- (13) Educação é a base de tudo!
- (14) Educação é a base de uma sociedade moderna, igualitária e combatente nas desigualdades.
- (15) ‘Desafio da vassoura’ não tem base científica, diz astrônomo da UNESP.

Temos acima seis enunciados com a palavra *base*. Em cada uso dela, nos enunciados, temos formação nominal que conclama sentidos. Em (10) e (11), temos *base sólida e não tem base*. Em (12), (13) e (14), *a base*; e em (15), *não tem base científica*.

A partir de um olhar bem geral dessas formações nominais, observamos que, apesar de abrangerem grupos sociais diferentes, elas mobilizam o mesmo referencial histórico, da sustentação, ou seja, de algo que é indispensável e que serve de estrutura.

Vejam os quadros sistematizados dessa rede enunciativa

QUADRO 2 – Rede enunciativa

O governo	não tem base sólida com que possa contar
O governo	“não tem base” para aprovar a privatização da Eletrobrás
A Educação	é a base para um mundo melhor
A Educação	é a base de tudo
A Educação	é a base de uma sociedade moderna, igualitária e combatente nas desigualdades
O desafio da vassoura	não tem base científica

Fonte: Rede enunciativa construída pelas autoras.

Na primeira coluna está o sujeito e na segunda coluna o predicado. Podemos notar que a primeira coluna apresenta variações quanto ao sujeito e a segunda coluna quanto à forma verbal. O que nos chama a atenção é que, na articulação dos lugares sintáticos, quando o sujeito é ‘o governo’ (10) e (11), ele não é tomado de forma afirmativa como sendo a base, mas como uma entidade que precisa de ‘base’. Da mesma forma, observamos em (15). O sujeito ‘Desafio da vassoura’ não é tomado como ‘base’, mas como algo que precisa de base.

Em (12), (13) e (14), o sujeito ‘Educação’ é alocado como sendo a ‘base’, por meio da forma verbal em terceira pessoa. À medida que se tem diferentes sujeitos, produzem-se sentidos outros. Assim, afirmamos, a partir de Dias (2015), que a predicação liga toda a sentença à língua, sendo pertinente ao sujeito. E ser pertinente é colocar-se frente ao outro. Não significa estar certo ou errado.

Guimarães (1996, p.32) diz que uma forma na língua “não é nem a soma de diversos seus passados, nem deriva de um étimo, nem algo em si: senão uma latência à espera do acontecimento enunciativo, onde o presente e o interdiscurso a fazem significar”. Na mesma direção, Dias (2015) afirma que a forma linguística é “uma unidade de língua concebida do ponto de vista das suas condições de articulação com outras unidades segundo razões enunciativas”. Daí advêm nossos questionamentos em torno da formação “a base”.

No enunciado “Educação é a base”, a significação de “a base” se ancora num referencial de sustentação, como já afirmamos. Ou seja, qualifica o sujeito *Educação* conferindo o sentido de que a Educação é o que sustenta toda uma formação humana, social. Por outro lado, a pertinência do dizer “a base” aponta para o próprio documento que o slogan refere. Nesse caso, a *Educação* é a própria *Base*. Ou seja, a BNCC é um texto que deve sustentar a Educação. Daí, dizemos com Dias (2013) que a formação nominal

[...] guarda uma potencialidade de observação da realidade, não a partir das eventuais propriedades informativas dos elementos discretos dessa realidade, mas a partir dos traços em função dos quais elementos do real adquirem pertinência para a realidade enunciada, ou seja, em termos foucaultianos, a partir do nível enunciativo da própria formulação. (DIAS, 2013a, p. 16).

De acordo com Dias (no prelo b), “só é possível haver enunciação porque as palavras possuem existência social, por meio da língua. É possível perceber, nos discursos que circulam, que a palavra ‘base’ apresenta pertinência à medida que compõe uma enunciação, pois, isoladamente, não aponta para significação alguma. Diante disso, notemos que, em (10) e (15), ‘base’ está modificada pelos adjetivos ‘sólida’ e ‘científica’, significando um tipo de ‘base’, todavia não escapa ao referencial de sustentação e/ou alicerce atribuído à formação nominal.

Ao trazermos as redes enunciativas, demonstramos a relação de sentido entre o sujeito e o predicado. Elas mostram as regularidades das construções linguísticas “que são os fundamentos da sintaxe, e as semelhanças e diferenças entre práticas de significação. Afinal, modos de enunciar são modos de significar”. (DIAS, no prelo a).

Podemos observar que os modos de enunciar os textos de propaganda da BNCC ou do próprio texto do documento produzem sentidos de que a Educação é sustentada pela base (BNCC), construindo, com isso, um imaginário de completude das demandas do aluno. Vejamos na rede enunciativa construída com fragmentos do texto da BNCC, do guia de orientação para o professor e de uma reportagem.¹⁵

¹⁵ Os trechos abaixo serviram para a construção da rede enunciativa. Eles foram retirados do texto da BNCC, do Guia de Orientação para o professor e de uma reportagem disponibilizada no site “movimento pela base”.

– [...] a Base é um documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro. BRASIL (2018).

– Com a Base, vamos garantir (MEC afirma) o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica, apoiando as escolhas necessárias para a concretização dos seus projetos de vida e a continuidade dos estudos. (BRASIL, 2018).

– A BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base. (BRASIL, 2018).

– A BNCC é um documento que define os conhecimentos, competências e habilidades que todas as alunas e alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Guia de orientação para o professor está disponível no site: <http://movimentopelabase.org.br/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

– A BNCC determina, por meio de competências e habilidades, o desenvolvimento integral dos estudantes da Educação Básica. Trecho extraído da reportagem “A base chegou” Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

QUADRO 3 – Rede enunciativa

A Base	é um documento que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro.
A Base	vai garantir o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica
A BNCC	é essencial para que a mudança (no quadro de desigualdade educacional) tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores
A BNCC	é um documento que define os conhecimentos, competências e habilidades que todas as alunas e alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica
A BNCC	determina, por meio de competências e habilidades, o desenvolvimento integral dos estudantes da Educação Básica

Fonte: Rede enunciativa construída pelas autoras.

Nessa rede enunciativa, temos ora a formação nominal “base”, ora a sigla “BNCC” como sujeito numa relação predicativa que apresenta um referencial normativo. O lugar sintático do sujeito, ocupado por ‘Base’ e ‘BNCC’, permite pela memória do dizer que se construa uma predicação pertinente, ou seja, que confira à Base o “caráter” de um documento que normatiza, determina, e é indispensável para atender às demandas do aluno. Produz-se, diante disso, um imaginário de completude do documento e do aluno, bem como um imaginário de que a base da Educação é a Base (BNCC).

Ao observarmos as relações de sentido por meio das articulações, configuradas nas redes enunciativas, trazemos o referencial histórico que direciona a significação das palavras, uma vez que o sentido não nasce do objeto, mas do referencial histórico que proporciona relações de sentido nos enunciados. Com isso, o recorte em análise suscita uma questão importante, qual seja, o modo como a formação nominal ‘base’ integra o texto:

(1) BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

(2) EDUCAÇÃO É A BASE

Diante de um olhar mais atento ao slogan, concluímos que estamos diante de uma forma linguística que se configura como metáfora, uma figura de linguagem explorada por diversas teorias linguísticas. A metáfora é vista como semelhança, como deslocamento de sentido para as concepções que a tomam como figura de linguagem. Na visão cognitivista, por exemplo, a metáfora estabelece uma relação associativa, de comparação. Contudo, enunciativamente, ela deve ser vista como processo de significação.

Guimarães (2011), ao analisar os processos enunciativos envolvidos em acontecimentos de enunciação que fazem significar expressões metafóricas, considera a metáfora como a fusão de reescrituração.¹⁶ Para o autor, é preciso observar não simplesmente a relação entre as palavras, mas também que mudança de sentido se dá em um acontecimento de enunciação. Guimarães (2011) considera que o que a metáfora funde não são comparações entre expressões e objetos. O que a metáfora funde são enunciações.

Ao tomar o enunciado ‘Educação é a base’ como metáfora, estamos considerando que o sentido da expressão ‘Base’ está relacionado ao sentido de outras enunciações com a palavra *base* no seu sentido estabilizado na língua. Ou seja, a palavra ‘Base’ (do slogan) significa na medida em que sua enunciação modifica o sentido da palavra ‘base’ (de sentido estabilizado).

A metáfora “Base” é produzida pelo modo como esse termo se articula no enunciado e, assim, nele se integra. “Base (2)” é uma predicação de Educação e reescritura por repetição “base” (1).¹⁷ Tal repetição no texto (slogan) constrói sentidos para o termo “base”. Este modo de repetir, jogando com a palavra, ou seja, colocando o termo ‘base’ no início e no final do slogan, produz o sentido de algo que não

¹⁶ [...] o procedimento de reescrituração consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração). E nessa medida a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento enunciativo. (GUIMARÃES, 2009, p. 53).

¹⁷ Guimarães (2009) apresenta várias formas de se reescrever uma palavra ou expressão. Uma dessas formas é *por repetição*, que consiste em retomar a mesma palavra ou expressão na reescritura.

pode ser esquecido, além de produzir uma polissemia concernente ao termo. Educação é a base. De que base se está falando?

Guimarães (2011) considera que a metáfora funde enunciações e não comparações entre expressões e objetos. E essa fusão de enunciações produz o movimento polissêmico. É nisto que o autor afirma que a significação se dá no acontecimento produzido pela enunciação.

5 Considerações finais

À luz da Semântica da Enunciação desenvolvida por Dias (2015, 2018), analisamos, neste trabalho, como se dá a relação de sentidos da predicação com o sujeito em enunciados institucionais. Para tanto, adotamos como material analítico textos formulados pelo Ministério da Educação (MEC) para divulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) bem como o próprio texto da BNCC. Nesse sentido, observamos em nossas análises que o sentido é construído no acontecimento da enunciação. Ou seja, no confronto entre a memória do dizível e o presente do acontecimento.

A partir dos conceitos de referencial histórico, pertinência enunciativa, rede enunciativa e formação nominal formulados por Dias, foi possível compreender que, na relação entre sujeito e predicação, os sentidos se formam para além do fio da sintaxe. Enunciativamente,

o fazer “sentido não está unicamente associado aos eventos, às entidades e ao tempo cronológico em que o dizer se manifesta materialmente. [...]mas associa a uma dimensão pressuposta e implícita da realidade objetiva, isto é, a uma instância de memória”. (DIAS, 2012, p. 179).

Ou seja, em nossa perspectiva, a realidade guarda uma relação com a interdiscursividade.

O percurso teórico que fizemos, partindo dos estudos da teoria gramatical até os estudos enunciativos, levou-nos a observar as articulações sintáticas para além do que é posto pela gramática normativa. Com o conceito de formação nominal, compreendemos como a BNCC é significada pelos/nos textos tanto da propaganda sobre a BNCC quanto no texto do próprio documento, uma vez que a formação nominal se ancora em um referencial e num espaço enunciativo para produzir sentido.

Enunciativamente, as articulações sintáticas que instituem o sujeito e o predicado, na construção dos textos da BNCC, se dão sustentadas nos referenciais da normatividade, da regulação, do controle e da valoração do documento sobre a Educação. Dessa forma, as formações nominais sustentadas pela memória da língua e, ao mesmo tempo, pela memória das significações de seus termos fazem com que os termos que integram os enunciados analisados, neste trabalho, tornem pertinentes na enunciação.

É desse modo que afirmamos, a partir de Dias (2012), que para compreendermos o funcionamento sintático, e, aqui, enfatizamos a predicação e suas relações de sentidos, precisamos considerar as condições enunciativas da existência da sentença que são determinadas na relação entre os lugares sintáticos. Para nós, a predicação não se configura na relação entre termos lexicais, mas sim de lugares sintáticos ocupados por termos que adquirem pertinência, sendo qualificados na enunciação.

Como vimos, no decorrer das análises, os modos de enunciar os textos da propaganda da BNCC ou do próprio texto do documento produz o sentido de que a Educação será sustentada pela Base (BNCC), construindo com isto um imaginário de completude das demandas do aluno, além de colocar a Base como sendo a própria Educação.

Por fim, concluímos que a relação de significação construída na predicação, do ponto de vista da enunciação, consiste na articulação contraída no acontecimento da enunciação, “na medida em que se fundamenta em referenciais históricos e em pertinências enunciativas no presente do enunciar, constituindo o domínio de mobilização do sentido da linguagem” (DIAS, 2018, p. 158).

Contribuição das autoras

Izaildes Cândida de Oliveira Guedes propôs o trabalho e realizou o desenvolvimento da escrita. Neuza Zattar delineou o procedimento teórico/metodológico, contribuindo na escrita das seções. O trabalho de revisão, de escrita e das concepções teóricas foi colaborativo.

Referências

- ARNAULD, A.; NICOLE, P. *La logique ou l'art de penser*. 5. ed. Paris: Gallimard, 1992.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 2. éd. entièrement refondue. Berne: Éditions Francke, 1944.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa: revista e ampliada*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília. MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 28 out. 2019.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.
- CASTILHO, A. T. de. (org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1994. v. I: A ordem.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p. 7-30, 2009. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v51i1.8637217>
- DIAS, L. F. Um lugar para o discursivo na relação entre o dispositivo lexical e o dispositivo sintático. *Synergies Monde*, [S.l.] v. 10, p. 173-181, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6443416.pdf>
- DIAS, L. F. A linguagem cidadã em questão: uma abordagem enunciativa. In: BRESSANIN, J. A.; ZATTAR, N.; KARIM, T. M.; RENZO, A. M. (org.). *Linguagem e interpretação: a institucionalização dos dizeres na história*. Campinas: Editora RG, 2013a. p. 211-222.
- DIAS, L. F. Enunciação e forma linguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n.1, p. 223-238, 2013b. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.223-238>

DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Belo Horizonte, n. 35, p. 99-138, 2015.

DIAS, L. F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, L. F. Fundamentos: enunciação e ensino. In: _____. *O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino*. No prelo-a.

DIAS, L. F. Fundamentos: formação de enunciados. In: _____. *O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino*. No prelo-b.

FÁVERO, O. MEB – movimento de educação de base primeiros tempos: 1961-1966. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, V., 2004, Évora. *Anais [...]*. Évora: Universidade de Évora, 2004. p. 1-15.

FRAGOSO, J.; GOUVEA, M. F. *O Brasil colonial*. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira. 2014.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: Pesquisa em Extensão Universitária*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 10-32, 2012.

GUIMARÃES, E. Enunciação, língua, memória. *Revista da ANPOLL*, [S.l.], n. 2, p. 27-33, 1996.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E. J.; MOLLICA, M.C. (org.). *Apalavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes/RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, E. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v51i1.8637219>

GUIMARÃES, E. Uma hipótese sobre a metáfora. In: CASTELLO BRANCO, L. K. A.; RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. (org.). *Análise do discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 359-371.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editora, 2018.

MACIEL, M. *Gramática descritiva*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

MARINS, A. R. A visão sintática de Júlio Ribeiro. *Solettras*, São Gonçalo, RJ, n. 21, p. 30-38, 2011. DOI: <https://doi.org/10.12957/solettras.2011.5292>.

MILNER, J-C. *Introduction à une Science du langage*. Paris. Éditions du Seuil, 1989.

PASSOS, Jose Davi. *Filosofia como cura da alma: a formação ética como terapia na atividade filosófica antiga*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2002.

RIBEIRO, L. *Grammatica Portugueza*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

TORRES, Rosa Maria (org.). *Educação popular: um encontro com Paulo Freire*. São Paulo: Loyola. 1987.



Com que se parece a Retórica da Guerra Cultural no debate sobre imigração

What does Culture Wars Rhetoric look like in the immigration debate?

Frederico Rios C. dos Santos¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

fredericodesantos@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0496-8452>

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de verificar como se manifesta a Retórica da Guerra Cultural no debate sobre imigração em dois dos maiores jornais cotidianos franceses, em termos de distribuição, o *Le Figaro* e o *Le Monde*, o primeiro mais à direita e o segundo mais à esquerda no espectro político. No lapso temporal de 2012 a 2017, período entre duas eleições presidenciais com resultados substancialmente distintos, foram selecionados todos os artigos de opinião que contivessem a palavra-chave “imigração” no mecanismo de busca, o que resultou em um total de 433 artigos, 345 do *Le Figaro*, e 88 do *Le Monde*. Chegou-se ao resultado de uma série de constantes retóricas encontradas que seriam típicas desse tipo de embate cultural sobre imigração, o que pode ser testado em outros contextos em futuras pesquisas.

Palavras-chave: retórica; discurso; guerra cultural; imigração; imprensa francesa.

¹ Doutor em Linguística do Texto e do Discurso (UFMG). Já realizou estágios de pesquisa na Sorbonne e na Sciences Po Paris. É membro da Associação Latino-Americana de Retórica, da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso, entre outras. Atua como pesquisador no Grupo Retórica e Argumentação, da UFMG, e no Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso, da USP. É autor dos livros “Cinema, Discurso e Relações Internacionais: perspectivas teóricas e princípios de análise” (Pimenta Cultural) e “A Retórica da Guerra Cultural e o Parlamento brasileiro: a argumentação no impeachment de Dilma Rousseff” (Brazil Publishing).

Abstract: This article aims to verify how the Rhetoric of Culture Wars manifests in the immigration debate in two of the largest French daily newspapers, in terms of distribution, *Le Figaro* and *Le Monde*, the first on the right and the second on the left of the political spectrum. In the period between two presidential elections with substantially different results (2012 and 2017), all opinion articles that contained the keyword “immigration” were selected, resulting in a total of 433 articles, 345 from *Le Figaro*, and 88 from *Le Monde*. The result was a series of rhetorical constants found that would be typical of this type of cultural clash on the immigration debate, which can be tested in other contexts in future researches.

Keywords: rhetoric; discourse; culture wars; immigration; French press.

Recebido em 20 de agosto de 2020

Aceito em 30 de setembro de 2020

1 Introdução

O termo “guerra cultural” se refere a um tipo de tensão social e política em determinada sociedade. Para Gross (1997), a expressão teria surgido na Alemanha do Segundo Reich, no final do século XIX, com o *KulturKampf*, uma política de Bismarck de promover uma campanha cultural contra o avanço do catolicismo no país recém-unificado.

Para Sayuri (2019), a menção a “guerra cultural” apareceu quando da inclusão de autores indígenas no curso de cultura ocidental da Universidade de Stanford nos Estados Unidos, o que fez com que políticos do partido Republicano reagissem à iniciativa, defendendo que se trataria de um sintoma da degeneração da cultura ocidental. Na mesma época, uma exposição sobre o universo *underground gay* do fotógrafo americano Robert Mapplethorpe na *Corcoran Gallery of Art*, em Washington, provocou rebuliço entre os conservadores. Assim como a mais recente exposição *Queermuseu*, de Porto Alegre, no Brasil, em 2017, a de Mapplethorpe também foi fechada por pressão de setores reacionários.

Dejean (1989) defende igualmente que a expressão “guerra cultural” teria sido concebida nos EUA do século XX, mas em outro contexto, na figura de Patrick Buchanan, um político do Partido Republicano. Buchanan incitou seus compatriotas conservadores à “guerra cultural pela alma americana”, uma espécie de cruzada moral que oporia liberais políticos/

seculares (mais identificados com a esquerda), de um lado, e conservadores/religiosos (mais identificados com a direita), de outro.

Os temas levantados na época por Buchanan, bem como o seu léxico empregado, constituem constantes dos embates culturais contemporâneos no Brasil e no mundo, sobre temas como os direitos da população LGBT, o movimento feminista e suas reivindicações (direito ao aborto, à inseminação artificial, à igualdade salarial etc.), o meio ambiente, a educação nas escolas, os movimentos de minorias étnicas e raciais, a imigração etc.

O sociólogo James Davison Hunter, por sua vez, em seu *Culture Wars* (1991), descreveu essa batalha que veicula questões de ordem moral e social, no que diz respeito a sexualidade, raça, comportamento, religiosidade etc., mas que igualmente remetem a temas econômicos e políticos.

Este artigo tem o objetivo de verificar como se manifesta essa Retórica da Guerra Cultural – desenvolvida por nós em outro trabalho (SANTOS, 2020) – no debate sobre imigração em artigos de opinião de dois maiores jornais franceses (em termos de distribuição),² o *Le Figaro*, mais à direita no espectro político (PERALVA, 2002), e o *Le Monde*, mais à esquerda (PIET, 2010). Ambos os veículos tradicionalmente não são associados ao extremismo, mas à direita e à esquerda parlamentares, respectivamente, como se verá.

O lapso temporal foi de 2012 a 2017, período entre duas eleições presidenciais substancialmente distintas em que houve uma mudança de um governo de esquerda (com eleição de François Hollande em 2012, do Partido Socialista), para uma eleição de 2017 em cujo segundo turno estava no páreo uma candidata de extrema-direita, Marine Le Pen, do *Rassemblement National*, antigo *Front National*, conhecida por sua retórica anti-imigração.

Foram selecionados todos os artigos de opinião de cada um dos jornais mencionados, nesse período, que contivessem a palavra-chave “imigração” no mecanismo de busca. Excluíram-se as reportagens, que,

² Segundo a Alliance pour les chiffres de la presse et des médias (ACPM) de 2015, o *Le Figaro*, detinha uma tiragem de 317.152 exemplares (Disponível em : <http://www.acpm.fr/Support/le-figaro>. Acesso em: 22 ago. 2016), figurando como o maior jornal francês, seguido pelo *Le Monde*, com tiragem de 267.897 exemplares (Disponível em: <http://www.acpm.fr/Support/le-monde>. Acesso em: 22 ago. 2016).

apesar de muitas vezes poderem expressar uma opinião, pela forma como ordena, conforma ou enfatiza a realidade, não se trata de um gênero textual por excelência em que aspectos avaliativos sejam de todo mostrados no texto. Conjugando os critérios de Pinto (2015) em relação aos gêneros persuasivos e os critérios de Charaudeau (2010) sobre os gêneros da imprensa, a pesquisa abarcou editoriais, assim, crônicas, tribunas de opinião ou de políticos, bem como a análise de especialistas, o que resultou em um total de 433 artigos, 345 do *Le Figaro*, e 88 do *Le Monde*.

No próximo tópico, procura-se explicar em que consistem as matrizes ideológicas implicadas na guerra cultural. Em seguida, desenvolve-se o esquema do contrato de comunicação do discurso político, tal como concebido por Charaudeau (2005). Nesse mesmo tópico, procede-se a um estudo das chamadas “instância política” e “instância cidadã” do discurso político sobre imigração na França. Por último, dedica-se um tópico à análise dos *corpora*, segundo alguns aspectos³ dóxicos próprios ao debate sobre imigração em quatro grandes temas: a) a responsabilidade pela integração; b) o neorracismo; c) a laicidade e; d) a Retórica da Conspiração.

2 As matrizes ideológicas envolvidas na guerra cultural

No que diz respeito às matrizes ideológicas do discurso político envolvidas na guerra cultural, na visão de Bobbio (2011), a diáde “esquerda-direita” ainda é relevante para tratar do discurso político, mesmo depois da queda do Muro de Berlim e do final da Guerra Fria. A despeito de o discurso de esquerda e o de direita poderem apresentar variações no tempo e no espaço, existiriam certas constantes de distinção. Para Bobbio (2011), a ideia mais compartilhada no discurso de esquerda é a da igualdade, e, no da direita, do mérito, o que, segundo o autor, pode ser observado verificável até mesmo nos discursos extremistas, quando, por exemplo, se fala em “mérito natural” de uma civilização ou de uma cultura.

Para Charaudeau (2016), existiriam também sistemas de crenças que poderiam ser chamados de matrizes ideológicas de direita e de

³ Como explicado *infra*, preferiu-se aqui o termo “aspectos dóxicos”, na tentativa de procurar um termo mais neutro que não refletisse a carga pejorativa de termos que Amossy (2018) denomina de “elementos dóxicos”, quais sejam, os clichês, os estereótipos, os lugares comuns etc.

esquerda. A primeira se caracterizaria por portar uma visão de mundo segundo a qual a natureza se impõe ao homem, o que implica afirmar que ele é submisso e, portanto, *a desigualdade é consubstancial à natureza humana*. Consequentemente, seriam naturais, da mesma forma, as relações de dominação do mais forte sobre o mais fraco.

Trata-se de um posicionamento que engendra a defesa de alguns valores, como: a) o valor da *família*, que se impõe pela tradição do *patriarcado*, uma hierarquia natural de desigualdade entre os homens; b) o valor do *trabalho* como *atividade vertical* de relação entre superiores (empresários) e inferiores (empregados), sem contestação possível; c) o valor *nação*, constituindo um patrimônio identitário e justificando a categoria do inimigo invasor (CHARAUDEAU, 2016).

Como ressalta Charaudeau (2016), esses valores podem ser configurados de forma diferente de acordo com o país, mas são uma tendência geral da matriz ideológica de direita, que tende: a) ao *conservadorismo*, já que, para se manterem as tradições familiares e de trabalho, repudiam-se as transformações sociais; b) ao *segregacionismo*, dividindo raças, etnias e religiões; c) ao *autoritarismo*, para se manter o *status quo* das tradições; d) ao *patriarcado*, para possibilitar a educação das gerações futuras segundo o “mérito natural” dos indivíduos.

Por outro lado, a matriz ideológica de esquerda, para Charaudeau (2016), caracteriza-se por apresentar a concepção de que *o homem é capaz de dominar a natureza*, o que torna pertinente a ideia progressista segundo a qual seria possível aplacar as desigualdades impostas pelo meio rumo a uma *sociedade igualitária*. Tal sistema de pensamento possibilitaria questionar os valores da direita como: a) a crítica à ordem hierárquica da sociedade, defendendo a *supressão de privilégios*; b) questionamento da discriminação, em defesa da *solidariedade social* (entre raças, credos, etnias, gênero, orientação sexual, etc.); c) confronto com as tradições religiosas, em prol da *laicidade*; d) ataque ao princípio da ordem, opondo o *princípio da contestação* e colocando em causa o poder político de diversas maneiras (pelo sindicato, pelas associações, etc.), em benefício do bem comum.

Nota-se que, segundo essa classificação de Charaudeau (2016), a matriz ideológica de direita possui em sua base o germen do conservadorismo e a matriz de esquerda, do progressismo. Daí a importância, tendo em vista esses critérios, de ainda se falar em esquerda e direita quando se trata de guerra cultural. A esquerda, em seu ímpeto

por se contrapor à ordem dada, questionando sua naturalização, possuiria uma tendência mais progressista, ao passo que a direita, com seu apreço pelas tradições, seria mais conservadora.

Passa-se em seguida à caracterização do contrato de comunicação do discurso político, com destaque para as instâncias política e midiática do debate sobre imigração na França.

3 O contrato de comunicação do discurso político: as instâncias política e midiática

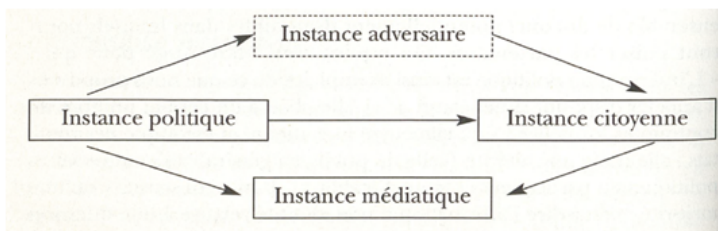
O ato de comunicar pressupõe a existência de pelo menos dois interlocutores, ou de um enunciador e um auditório, ambos regidos pelas limitações que o contexto lhes impõe. É por isso que se pode dizer que a emanação de um discurso é duplamente individual e coletiva. Cada sujeito possui sua singularidade, sua história de vida. No entanto, em sua relação com o outro, a palavra se estabelece a partir de uma série de especificidades e limitações impostas por um dado contrato de comunicação, composto por normas e convenções languageiras compartilhadas. Nas palavras de Charaudeau:

Não somos jamais livres [...]. Cada um de nós é um indivíduo com uma história singular. Mas essa individualidade e essa singularidade, nós a forjamos através de nossas relações com os outros, em comunidades mais ou menos constituídas, mais ou menos fechadas, e em ocasiões de situações de troca que são ao mesmo tempo diversas e recorrentes. Nós somos, portanto, seres duplamente coletivos e individuais [...]. Nós somos ao mesmo tempo constrangidos pelas normas e convenções languageiras que nós compartilhamos com o grupo e livres – ainda que relativamente – de adotar uma teatralização discursiva que nos caracteriza (CHARAUDEAU, 2005, p. 39, tradução nossa).⁴

⁴ On n'est jamais totalement libre [...]. Certes, chacun d'entre nous est un individu fait d'une histoire singulière. Mais cette individualité e cette singularité, nous les forgeons à travers nos relations avec les autres, dans des communautés plus ou mains constituées, plus ou moins fermées, et à l'occasion de situations d'échanges qui sont à la fois diverses et récurrentes. Nous sommes donc des êtres à la fois collectifs et individuels [...]. Nous sommes à la fois contraints par les normes et conventions langagières que nous partageons avec le groupe, et libres – quoique relativement – de procéder à une mise en œuvre discursive qui nous caractérise.

No caso do contrato de comunicação do discurso político, segundo Charaudeau (2005), existe uma interação entre duas instâncias: a instância política e a instância cidadã, relacionadas por meio da instância midiática e da instância adversária, como na imagem abaixo:

QUADRO 1 – O contrato de comunicação do discurso político



Fonte: Charaudeau (2005, p. 42).

A instância política é composta pelo chefe de Estado e de governo, pelos ministros, pelos deputados da coalização governamental etc. A instância adversária é representada basicamente pelos deputados de partidos oposicionistas (CHARAUDEAU, 2005). Neste trabalho, chamar-se-á indistintamente a instância política e adversária de “instância política” *lato sensu*.

A instância cidadã, por sua vez, em sociedades democráticas abertas, não se define por um pertencimento a uma etnia, a uma religião ou a um espaço geográfico, segundo Charaudeau (2005), mas pelo pertencimento simbólico dos indivíduos a uma mesma comunidade nacional dentro da qual se reconhecem, delegando o poder à instância política e adversária para a representação de seus interesses. Essa instância, heterogênea, é composta por sindicatos, corporações, grupos étnicos, diversos movimentos sociais, as diversas composições do eleitorado etc.

Charaudeau (2005) distingue a sociedade civil do que ele entende por sociedade cidadã. A sociedade civil é composta por pessoas físicas concretas, ao passo que a sociedade cidadã é uma construção que reúne indivíduos conscientes de exercerem um papel na organização política da vida social.

Por último, a instância midiática, assim como a instância cidadã, também se situa em um quadro extragovernamental. É aquela que liga a instância política à instância cidadã através dos mais diversos meios de comunicação. Os atores que compõem essa instância são legitimados na

sociedade como exercendo o papel de informadores (CHARAUDEAU, 2005).

Pela análise das instâncias política e cidadã na França, viu-se que a extrema-esquerda tem se mostrado não como a direita ou a extrema-direita, mas às vezes mais próxima destas do que a chamada “esquerda parlamentar” em assuntos afeitos ao instituto da imigração.

Ilustra esse caso o Partido Comunista Francês (PCF). No começo dos anos 1980, o então secretário geral do partido, Georges Marchais, denunciava a imigração massiva tendo em vista o interesse do patronato francês de realizar uma espécie de *dumping* social, ao reduzir o custo da mão de obra e favorecer a sua desmobilização através do uso de imigrantes na esteira de produção (ADRIAMANANA, 2012).

Depois da segunda metade dos anos 1980, a posição do PCF começou a se mostrar favorável à imigração (ADRIAMANANA, 2012). Em um comunicado de 2006, por exemplo, o partido procurou combater algumas ideias pré-concebidas no debate sobre imigração, afirmando que esta é uma chance excepcional para o país acolhedor. Seria a prova de que a França ainda faz sonhar, ainda pode seduzir. Além do mais, o PCF acrescentou que a imigração se tornou essencialmente familiar, e que os fluxos são menos importantes que no passado. Outras ações do partido vão no sentido de militar para o reforço dos centros de acolhimento e para a promoção de uma nova imagem da imigração na opinião pública (COMBATTRE, 2006).

Entretanto, alguns integrantes do PCF têm se mostrado, ultimamente, hostis à diversidade étnico-cultural. É o caso de Jacques Bourgoïn, prefeito de Gennevilliers pelo PCF, que suspendeu, em 2012, quatro animadores de uma colônia de férias por terem jejuado durante o Ramadan. O prefeito alegou a falta de condições físicas dos islâmicos para o trabalho. A medida foi saudada pelo FN, partido de extrema-direita, atual RN. No ano anterior, o mesmo prefeito havia imposto um toque de recolher aos menores imigrantes de sua cidade, depois da morte de um jovem ocorrida no interior de uma briga entre gangues rivais (ADRIAMANANA, 2012).

Patrice Carvalho, prefeito de Thourotte, outro eleito do PCF, no mesmo ano, opôs-se ao direito de voto dos estrangeiros de forma bastante incisiva, acusando um suposto lobby de “associações muçulmanas” e denunciando “as mulheres que possuem um véu sobre a cabeça e que não falam francês” (DESMOULIÈRES, 2012).

Há o exemplo ainda de André Gérin, ex-deputado de Vénissieux pelo PCF que, em junho de 2011, publicou uma nota em seu *blog* afirmando que a imigração não é uma oportunidade para a França e que seria preciso limitar a entrada de imigrantes, até mesmo os legais, diante de uma situação atual insustentável e “explosiva” em algumas centenas de regiões populares (ADRIAMANANA, 2012).

Jean-Luc Mélenchon, por sua vez, então membro do PCF, quando era candidato na eleição presidencial de 2012, apresentava uma visão sobretudo favorável à imigração, propondo medidas como o restabelecimento de um *titre de séjour* único de 10 anos, revogação de todas as leis restritivas votadas pela direita depois de 2002, regularização dos *sans-papiers*, fechamento dos centros de retenção, descriminalização da permanência irregular etc.

Entretanto, na eleição de 2017, a posição de Mélenchon mudou drasticamente. Não mais no PCF, mas no *La France Insoumise* (LFI), partido que havia fundado em 2016, ainda na extrema-esquerda, o então candidato, que posteriormente obteria 19,58% dos votos, em quarto lugar, começou a se mostrar anti-imigração, afirmando que “emigrar é sempre um sofrimento para aquele que parte [...]. A primeira tarefa é então a de permitir que cada um viva em seu próprio país” (BRÉVILLE, 2017 § 6, tradução nossa).⁵

No campo dos partidos da direita e da centro-direita, as propostas das políticas de imigração tradicionalmente procuram atender aos interesses do patronato francês com o envio de mão de obra barata e despolitizada. Não obstante, com o crescente fortalecimento da extrema-direita, com seu discurso identitário anti-imigração, partidos de direita mais moderada, como a *Union pour un Mouvement Populaire* (UMP), atual *Les Républicains* (LR), começaram a adotar a retórica típica do FN/RN.

Pode-se citar François Fillon, que, em 2017, pelo LR, prometeu endurecer as regras de reagrupamento familiar, condicionar as ajudas sociais a dois anos de presença no território francês, suprimir a ajuda médica do Estado e colocar em votação o polêmico projeto de se estabelecerem quotas anuais de imigrantes de acordo com suas origens, o que seria inconstitucional, uma vez que a assimilação dos estrangeiros não é baseada em critérios nacionais, mas individuais (BRÉVILLE, 2017).

⁵ Émigrer est toujours une souffrance pour celui qui part [...]. La première tâche est de permettre à chacun de vivre chez soi.

O campo da extrema-direita, por sua vez, é o lugar por excelência do discurso anti-imigração. No programa da eleição de 2007, por exemplo, o FN emitiu uma nota dizendo que a política de imigração conduzida na França desde há mais de 30 anos seria a origem da maior parte dos males de que padece o país. Defenderam-se medidas como a supressão da binacionalidade, o fim de toda forma de imigração, a não ser a negociada em nível diplomático, a redução do prazo da *carte de séjour* de 10 para 3 anos, a expulsão forçada de imigrantes clandestinos, a supressão de ajudas sociais a não-franceses, a revogação do *jus soli* (significando que crianças nascidas na França de pais estrangeiros não sejam automaticamente, quando requererem, francesas), a recusa ao comunitarismo, interpretada pelos opositores como, de fato, uma perseguição a minorias étnico-religiosas.⁶

Na eleição presidencial de 2012, o FN propôs medidas similares, mas incluindo em sua pauta, além da supressão do espaço *Schengen*, questões antes caras ao discurso antissistema da extrema-esquerda, segundo o qual as grandes potências econômicas e o grande patronato estariam a se utilizar da imigração para a promoção de um *dumping* salarial e dos direitos sociais dos trabalhadores franceses (BRIOIS, 2013; DURAND, 2017).

Entre os grandes partidos franceses, talvez o que tenha abordado, de forma mais inequívoca, ao longo de toda a sua trajetória, o aspecto antissegracionista e antidiscriminatório da matriz ideológica de esquerda, no que se refere ao debate sobre imigração, seja o Partido Socialista (PS), juntamente com seus aliados. Trata-se do elemento da instância política que se opõe mais veementemente aos discursos sobretudo da direita e da extrema-direita contra os imigrantes.

Um exemplo desse militantismo em prol da figura do imigrante é o *Petit Dictionnaire pour lutter contre l'extrême-droite*, publicado em 1995 pela então prefeita pelo PS, Martine Aubry, e pelo jurista Olivier Duhamel, na época deputado europeu pelo mesmo partido. O livro procurou desconstruir algumas interpretações da direita e da extrema-direita sobre a delinquência no país, associada a uma suposta onda de imigrantes (AUBRY; DUHAMEL, 1995).

⁶ Disponível em: <https://www.lesechos.fr/politique-societe/politique/europeennes-le-programme-des-principales-listes-sur-limmigration-1023356>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Um outro episódio emblemático desse posicionamento do partido em relação à imigração foi, em 2007, a denúncia do crescente aumento do número de *sans-papiers* na França, bem como a degradação social e sanitária na qual eles se encontravam. Defendeu-se que a imigração seletiva, proposta pela direita, é uma concepção arrogante e unilateral de desenvolvimento.⁷

Em 2014, o PS levantou a bandeira dos direitos políticos dos estrangeiros, entre os quais o direito de voto, apesar da oposição de Manuel Valls, então Primeiro ministro pelo mesmo partido. Sandrine Mazetier, na época vice-presidente da Assembleia Nacional, representando o PS, defendia que o caráter inclusivo da sociedade francesa não poderia passar unicamente pela naturalização. Trata-se de uma medida também defendida por François Hollande, presidente da República, mas que não teve chance de passar pelo Parlamento (FRANÇOIS, 2014).

Para as eleições europeias de 2019, a coligação PS-*Place Publique*, no que se refere ao tema da imigração, propôs em seu programa medidas urgentes para conter o drama dos migrantes no mediterrâneo, por exemplo, através de operações de grande envergadura de salvamento nos mares pela *Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas* (Frontex), bem como pela proibição dos retornos forçados. Defendeu-se também a criação de fundos europeus para financiamento de coletividades locais acolhedoras de migrantes (ROUSSET, 2019).

No que diz respeito à postura da instância cidadã, uma das formas de compreendê-la, no contexto do debate sobre imigração, é por meio da análise de algumas sondagens acerca da percepção dos franceses sobre o instituto da imigração, bem como através resultado de eleições políticas, isso porque a escolha de um candidato pelo cidadão pode ser sintomático de seu assentimento a certas proposições típicas de um partido ou grupo político.

Considerando o lapso temporal entre as duas últimas eleições presidenciais, o que se observou foi uma visão dos eleitores que se torna cada vez mais negativa em relação à imigração, apesar de, seguindo a tendência da “instância política”, perceber-se uma clivagem entre as matrizes ideológicas do discurso político. Efetivamente, os que se

⁷ Disponível em: <https://www.parti-socialiste.fr/comprendre/mondialisation-regulation-cooperation/pour-une-politique-commune-coordonnee-et-solidaire/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

encontram mais próximos da “esquerda parlamentar” tendem a possuir um olhar mais condescendente em relação à figura do imigrante do que os que estão à direita.

Como também observado na instância política, os partidários da extrema-esquerda tenderam, nesse mesmo interstício, a se apresentarem menos fiéis aos ideais de antidiscriminação prezados pela matriz ideológica de esquerda do que os partidários da “esquerda parlamentar”, representada pelo PS e suas coligações.

Na eleição presidencial de 2012, cujo primeiro turno ocorreu em 22 de abril de 2012 e o segundo, em 06 de maio do mesmo ano, considerando os quatro candidatos mais bem votados, François Hollande, do PS (de esquerda e de centro-esquerda), obteve 28,6% dos votos; Nicolas Sarkozy, da UMP (de direita e de centro-direita), 28,2%; Marine Le Pen, do FN (de extrema-direita), 17,9%; Jean-Luc Mélenchon, do *Front de Gauche* (FG) (de extrema-esquerda), 9,1%. No segundo turno, Hollande venceu com 51,64% dos votos, contra os 48,36% de Sarkozy.⁸

Quanto à eleição presidencial de 2017 no país, 5 anos depois, o tema da imigração parece ter sido mais decisivo do que na eleição de 2012. Um dos indicativos é a nítida melhora de desempenho do FN/RN, chegando ao segundo turno com Marine Le Pen. Um outro indicativo foi o péssimo desempenho da “esquerda parlamentar”, tradicionalmente, como mencionado, a antípoda do discurso da extrema-direita sobre imigração.

No primeiro turno, Macron, do *La République en Marche* (LREM), obteve 24,01% dos votos, seguido de Marine Le Pen, do FN/RN, com 21,30%; François Fillon, do LR, com 20,01%; Jean-Luc Mélenchon, do LFI, com 19,58%; e a grande surpresa, Benoît Hamon, do PS, então no poder, com apenas 6,36% dos votos. Os dois candidatos que foram para o segundo turno, Macron e Le Pen, representavam um desejo da população francesa, mas também observado em outros países, de renovação na política. De fato, nenhum dos dois candidatos pertenciam às grandes siglas que tradicionalmente revezavam o poder, o PS e o então LR. No segundo turno, Macron saiu vencedor, com 66,1% dos votos, e Le Pen, com 33,9%.⁹

⁸ Resultado oficial disponível no site do *Conseil Constitutionnel*: <https://www.conseil-constitutionnel.fr/decision/2012/2012152PDR.htm>. Acesso em: 5 mar. 2020.

⁹ Resultado oficial disponível no site do *Conseil Constitutionnel*: <https://www.conseil-constitutionnel.fr/decision/2017/2017171PDR.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Nessa última eleição, Le Pen procurou imiscuir em seus pronunciamentos xenofóbicos referências tanto da direita quanto da esquerda, embaralhando as cartas do discurso político, na tentativa de “desdiabolizar” o seu partido. Alguns cientistas políticos, como Rouban (2014), classificam o discurso de Marine Le Pen como “nacionalista”. Outros, como Lebourg (2015), a posicionam como apresentando uma espécie de “soberanismo integral”, político, econômico e cultural.

Em seu livro intitulado *Pour que vive la France*, publicado em 2012, Marine Le Pen se inspira em referências intelectuais heteróclitas, muitas das quais à esquerda, em uma estratégia retórica de buscar credibilidade em uma parcela maior do eleitorado francês. Autores como Karl Marx, Bertolt Brecht, Victor Schoelcher, George Orwell e o jornalista Serge Halimi são algumas de suas referências.

Apesar desse aceno à esquerda, Marine Le Pen não deixa de retomar as referências de sua família política, como na citação do polemista de extrema-direita Alain Soral, pertencente aos cenáculos identitários que qualificam as diversas minorias como “comunitaristas” ou “separatistas” (DARRAS, 2003). Marine Le Pen continuou com sua crítica à “imigração massiva” que, segundo ela, deteriora a economia, a laicidade e a segurança pública. Le Pen acusa a União Europeia de ser incapaz de proteger as fronteiras do que ela denomina de “tsunami migratória”.

Como forma de lutar contra a imigração, Marine Le Pen propõe o corte do que ela caracteriza como “bombas de sucção”, ou seja, as ajudas sociais aos imigrantes e clandestinos, o reagrupamento familiar, o *droit du sol* (o “direito ao solo” de descendentes de imigrantes nascidos em solo francês etc.), que fazem com que a França seja um país atraente para se imigrar (LARQUIER, 2011). Em seu programa eleitoral, Marine Le Pen advogava o princípio da “Prioridade Nacional”, segundo o qual toda pessoa de nacionalidade francesa deveria possuir prioridade à habitação, às ajudas sociais e aos empregos em relação aos estrangeiros (MESTRE, 2011).

Além do mais, sob a presidência de Marine Le Pen, o FN/RN defendia, entre outras medidas, o congelamento de todos os projetos de construção de mesquitas atualmente em curso na França, até que se faça uma enquête nacional sobre a origem do financiamento das mesmas; a extensão da lei de 2004 sobre a interdição de sinais religiosos na escola a todos os espaços públicos; a interdição do *hijab*, e não somente da *burqa*

nos espaços públicos, como prescrito pela lei 1.192, de 2010; a sedação obrigatória dos animais antes do abate (proscrito pelas leis islâmicas e judaicas) e a oposição à substituição do porco nas cantinas escolares por motivo religioso (BOISSIEU, 2015).

Para a semioticista Cécile Alduy (2015), apesar da estratégia do embaralhamento ideológico, Marine Le Pen conserva o discurso de seu pai, Jean-Marie Le Pen, que colocava em prioridade uma França cristã e étnica. Em um duplo discurso, ao mesmo tempo em que se combate a desigualdade entre os cidadãos, produz-se um amálgama que faz com que os militantes de extrema-direita associem Islã, islamismo e terrorismo (ALDUY; WAHNICH, 2015).

Essa é a análise da cientista política Nonna Mayer (2015), segundo a qual a forma como Marine Le Pen manipula seu discurso contribui para a estigmatização de minorias, notadamente do Islã. De fato, segundo a autora, os simpatizantes do FN batem todos os recordes de intolerância ao outro. Repartindo-se as pessoas interrogadas em quatro grupos por nível de etnocentrismo, de “muito fraco” (scores 0-1) a “muito forte” (6-10), 87% dentre os simpatizantes do FN são muito etnocêntricos, contra 48% dos partidários da direita, 33% dos do centro e 18% dos da esquerda, de acordo com a pesquisa “Baromètres CNCDH”, no lapso temporal de 2009 a 2014 (MAYER, 2015).

Comparando com estudos anteriores, Mayer (2015) conclui que a chegada de Marine Le Pen à presidência do FN, com sua estratégia de “desdiabolização” do partido, não fez com que baixasse o nível relativo de preconceitos antimuçulmanos e antisemitas da instância cidadã que lhe é partidária.

Em uma outra pesquisa realizada pelo *Institut Français d'Opinion Publique* (IFOP, 2018), pergunta-se: quais as palavras, imagens e sentimentos vêm ao espírito do respondente quando o assunto é imigração? O total das evocações negativas foi de 48%, como “existe muita condescendência, muita imigração”, “insegurança”, “agressões”, “furtos”, “estupros”, “delinquência”, “medo”, “perigo”, “ajuda ao imigrante em detrimento de aos franceses”, “invasão”, “custo financeiro”, “terrorismo” etc. Em contrapartida, as evocações positivas, como “acolhida”, “ajuda”, “solidariedade”, “fraternidade”, “diversidade cultural”, “compaixão”, “humanismo” etc. representaram apenas 16%.

Concentrando-se em aspectos que importam para a compreensão da guerra cultural no debate sobre políticas de imigração, percebe-

se aquele mesmo fenômeno observado na instância política, com os partidários da “esquerda parlamentar” mantendo o seu discurso humanista de acolhimento, e com a extrema-esquerda se aproximando do discurso da direita em sua estratégia populista de criação de inimigos exteriores como categoria de explicação para alguns males da sociedade, ainda que em menor grau.

Efetivamente, os eleitores do LFI, de extrema-esquerda, apresentam uma taxa de referências negativas à imigração de 43%, contra apenas 29% do *Europe Ecologie Les Verts* (ECV), e 35% do PS. No que se refere à opinião segundo os votos na eleição presidencial de 2017, 47% dos que votaram em Mélenchon, do LFI, usaram de expressões negativas sobre a imigração, contra 34% dos que votaram em Benoît Hamon, do PS. Assim, a proximidade entre os eleitores de Mélenchon e os de François Fillon, do partido de direita *Les Républicains* (LR), com 55% de referências negativas (diferença, portanto, de 8%), é maior do que a proximidade entre os de Mélenchon e os de Hamon (diferença de 13%).

É curioso notar que partidários da extrema-esquerda não cultivem, no que diz respeito ao tema da imigração, o valor da solidariedade social (pelo menos não na proporção de gerar uma diferença substancial em relação ao eleitorado de direita, como acontece com a “esquerda parlamentar”) que, como visto com Bobbio (2011) e Charaudeau (2016), constitui um dos traços de distinção da matriz ideológica do discurso político de esquerda.

Seguem-se as análises dos *corpora* da pesquisa, da instância midiática, bem como a explicação da relação desta com as instâncias política e cidadã no debate sobre imigração na França.

4 A instância midiática: análise dos *corpora*

Como mencionado na introdução, procurou-se analisar artigos de opinião dos dois maiores jornais franceses (em termos de distribuição),¹⁰ o *Le Figaro*, mais à direita (PERALVA, 2002), e o *Le Monde*, mais

¹⁰ Segundo a Alliance pour les chiffres de la presse et des médias (ACPM) de 2015, o *Le Figaro*, uma tiragem de 317.152 exemplares (Disponível em : <http://www.acpm.fr/Support/le-figaro>. Acesso em: 22 ago. 2016), figurando como o maior jornal francês, seguido pelo *Le Monde*, com tiragem de 267.897 exemplares (Disponível em: <http://www.acpm.fr/Support/le-monde>. Acesso em: 22 ago. 2016).

à esquerda (PIET, 2010), ambos tradicionalmente não associados ao extremismo, mas à direita e à esquerda parlamentares, respectivamente.

O *Le Figaro* foi fundado em 1826, época da restauração dos Bourbons na França. É o mais antigo jornal francês hoje em circulação, conhecido, como se disse, por sua linha editorial situada mais à direita ou centro-direita, sendo que a maioria de seus leitores também compartilham de sua ideologia (PERALVA, 2002). Essa é uma afirmação feita também pelo próprio diretor do jornal, Etienne Mougeotte: “é preciso um posicionamento, é assim que os jornais cotidianos podem se salvar [...]. O *Figaro* se assume de centro e de direita” (LE FIGARO, 2008, tradução nossa).^{11,12} Historicamente, o cotidiano opôs-se à Comuna de Paris, primeira e efêmera experiência prática do comunismo no mundo, em 1871. Em maio de 1968, saiu em defesa do gaullismo antirrevolucionário (BLANDIN, 2008). O *Le Figaro* é também identificado como aquele que apoiou diversos governos de direita na França, e que defende uma espécie de liberalismo econômico, associado a um conservadorismo social (SLAMA, 2006). Em 2013, Alexis Brézet, então diretor geral, definiu assim o jornal: “liberal, mas não dogmático; conservador, mas não nostálgico; europeu, mas não *eurobéat*,¹³ defensor da cultura francesa, mas aberto ao mundo, [...] sempre se reivindicando uma independência de espírito” (BRÉZET, 2013, tradução nossa).¹⁴

Quanto ao *Le Monde*, o jornal foi fundado por Huber Beuve-Méry, e hoje pertence a um grupo de empresários (Xavier Niel, Pierre Bergé e Mathieu Pigasse) (LE TRIO, 2010). Esse cotidiano é considerado, seja pela sua linha editorial (PIET, 2010), seja pela composição do seu leitor (COHEN, 2012), como de centro-esquerda, apesar de vender sua imagem como de “não partidário”. Nos anos 1950, um grupo de empreendedores criou um jornal, *Le Temps de Paris*, com o intuito de fazer frente ao *Le Monde*, visto por eles como muito esquerdista (LE

¹¹ Il faut avoir un positionnement, c’est comme ça qu’on peut sauver les quotidiens. [...] Le Figaro s’assume du centre et de droite.

¹² Vídeo da entrevista na qual profere a afirmação disponível em: http://www.dailymotion.com/video/xak3xd_le-figaro-s-assume-du-centre-et-de_news. Acesso em: 23 ago. 2016.

¹³ Expressão que significa confiança exacerbada e pueril na Europa.

¹⁴ Libéral mais pas dogmatique, conservateur mais pas passéiste, européen mais pas eurobéat, attaché à défendre la culture française mais ouvert sur le monde, [...] tout en se revendiquant d’une indépendance d’esprit.

TEMPS, 2011). Em período já durante Quinta República Francesa (a partir de 1958), o jornal apoiou a política estrangeira do general de Gaulle de promover a descolonização da Argélia, mesmo reprovando sua política interna (THIBAU, 1979). Nos anos 1970, o veículo abraçou as reivindicações da *Union de Gauche*,¹⁵ denunciando os escândalos financeiros do presidente de direita Giscard d'Estaing (EVENO, 2001). O apoio ao candidato de esquerda François Mitterrand nos anos 1980 custou ao jornal a perda de muitos leitores (BENSON, 2004). Durante as eleições de 2002, o *Le Monde* conduziu uma campanha massiva em prol do socialista Lionel Jospin (FRENCH, 2003) e, nas eleições de 2007, o diretor do jornal conclamou o leitor a votar em Ségolène Royal, também do PS (LE MONDE, 2007).

O lapso temporal da pesquisa foi de 2012 a 2017, período entre duas eleições presidenciais substancialmente distintas em que houve uma mudança de um governo de esquerda (com eleição de François Hollande em 2012, do PS), para uma eleição de 2017 em cujo segundo turno estava no páreo uma candidata de extrema-direita, Marine Le Pen, do FN/RN.

Foram selecionados todos os artigos de opinião de cada um dos jornais mencionados, no lapso temporal estabelecido, que contivessem a palavra-chave “imigração” no mecanismo de busca. Excluíram-se, portanto, as reportagens, que, apesar de muitas vezes poderem expressar uma opinião, pela forma como ordena, conforma ou enfatiza a realidade, não se trata de um gênero textual por excelência em que aspectos avaliativos sejam de todo mostrados no texto. Conjugando os critérios de Pinto (2015) em relação aos gêneros persuasivos e os critérios de Charaudeau (2010) sobre os gêneros da imprensa, a pesquisa abarcou editoriais, crônicas, tribunas de opinião ou de políticos, bem como a análise de especialistas, o que resultou em um total de 433 artigos, 345 do *Le Figaro*, e 88 do *Le Monde*.

Procurou-se analisar alguns aspectos dóxicos próprios ao debate sobre imigração em quatro grandes temas: a) a responsabilidade pela integração; b) o neorracismo; c) a laicidade e; d) a Retórica da Conspiração.

O conceito da palavra “*doxa*” não é consensual. Segundo o *Dicionário de Argumentação* de Plantin (2018), o termo tem a origem

¹⁵ Termo utilizado para qualificar as coalizões de esquerda durante as eleições presidenciais.

etimológica no grego antigo, significando “reputação, opinião ou o que é dito das pessoas ou coisas”. Trata-se de representações majoritárias que se difundem na sociedade (PLANTIN, 2018).

A palavra pode assumir uma valência negativa, remetendo à ideia de clichê, estereótipo, lugar comum, ideologia ou dogma (AMOSSY, 1991 *apud* PLANTIN, 2018). Essa é a visão de Grácio:

[...] a inserção numa cultura leva-nos a pensar “culturalmente” e submete-nos às crenças e às descrenças estabelecidas, às confianças e às desconfianças que são a regra e, nesse sentido, tornam o discurso que se apresenta como próprio numa fala ventríloqua que se limita, ou pouco mais faz, do que articular tipos, estereótipos e clichés (GRACIO, 2010, p. 36).

Entretanto, para alguns analistas do discurso de tradição francesa, que não se pretendem normativos, mas procurando entender o funcionamento dos discursos na sociedade, a carga pejorativa de termos como “clichê” e “estereótipo” perde a sua razão de ser. Isso se explica pelo fato de que seria da constituição da linguagem a remissão a um regime de crenças. Com efeito, o analista elaborar juízos de valor acerca dos aspectos dóxicos verificados nos discursos seria de todo impróprio. Nas palavras de Amossy,

[...] é preciso conceber o estereótipo como um elemento dóxico obrigatório sem o qual não somente nenhuma operação de categorização ou de generalização seria possível, mas também nenhuma construção de identidade e nenhuma relação com o outro poderia ser elaborada. Como todo elemento dóxico, o estereótipo tem um papel importante na argumentação (AMOSSY, 2018, p. 131).

É por esse motivo que Charaudeau procura se desfazer do ranço negativo de expressões como estereótipos, clichês, lugares comuns etc. para adotar um termo mais neutro, que ele denomina de “imaginários sociodiscursivos”. De acordo com o autor:

É a presença dessa suspeita [negativa] que torna difícil a recuperação da noção de estereótipo para tomá-lo como conceito. Em primeiro lugar, porque essa noção é dependente do julgamento de um sujeito, e porque esse julgamento, sendo negativo, oculta a possibilidade de que tudo que é dito guarda consigo uma parte

de verdade [...]. É preciso conceder ao estereótipo a possibilidade de dizer ao mesmo tempo o falso e o verdadeiro. Todo dizer sobre o outro é, ao mesmo tempo, um dizer sobre si mesmo [...] (CHARAUDEAU, 2007 p. 1, tradução nossa).¹⁶

Assim, o que se entende por estereótipo pode apresentar uma visão reducionista ou distorcida da realidade, mas, ao mesmo tempo, um olhar de um enunciador que é típico de uma dada sociedade. Trata-se de uma perspectiva que é real, no sentido de que está aí, circulando, e que proporciona reações. De acordo com Amossy,

A análise da argumentação no discurso a concebe como enraizada em uma *doxa* que atravessa inconscientemente o sujeito falante, que a ignora porque está profundamente imerso nessa argumentação. Se a argumentação implica uma intencionalidade e uma programação, estas se revelam tributárias de um conjunto dóxico que condiciona o locutor, do qual ele está, muito frequentemente, longe de ter clara consciência. [...]. O locutor, que se engaja em uma troca para pôr em evidência o seu ponto de vista, está tomado por um espaço dóxico que determina a situação de discurso em que ele argumenta, modelando a sua palavra até o centro de sua intencionalidade e de seu planejamento (AMOSSY, 2018, p. 112-113).

No debate sobre imigração, é possível encontrar diversos aspectos dóxicos ou opiniões comuns, como, no que diz respeito à integração do imigrante, de que este é quem deve se esforçar para se adaptar à sociedade acolhedora, renunciado à sua cultura, modos de vida e/ou religião. Há também, muitas vezes, o lugar comum de que a promoção do multiculturalismo levaria fatalmente à destruição da cultura do país receptor de imigrantes, ou então que estes seriam dotados de uma cultura incompatível com aquela se não se observa em seus modos de vida o apreço por valores republicanos como da liberdade, igualdade e fraternidade. Do ponto de vista da segurança, difunde-se frequentemente

¹⁶ C'est la présence de ce soupçon [négatif] qui rend difficile la récupération de la notion de stéréotype pour en faire un concept. D'abord parce que cela signale que cette notion est dépendante du jugement d'un sujet, et que ce jugement en étant négatif occulte la possibilité que ce qui est dit renferme malgré tout une part de vérité [...]. Il faut accorder au stéréotype la possibilité de dire quelque chose de faux et vrai, à la fois. Tout jugement sur l'autre est en même temps révélateur de soi [...].

a ideia pré-concebida segundo a qual a imigração seria causa direta do aumento da delinquência e até do terrorismo. Sobre economia, não é difícil encontrar argumentos que, ainda que destituídos de prova concreta, atribuem à imigração a causa do aumento do desemprego dos cidadãos nativos.

Seguem, assim, a análise desses e de outros aspectos dóxicos do debate sobre imigração, de acordo com os quatro grandes temas apontados, o primeiro deles acerca da responsabilidade pela integração.

4.1 Responsabilidade pela integração

Sobre a temática da responsabilidade pela integração, existe uma oposição teórica entre os chamados multiculturalistas e os assimilacionistas. Estes últimos, principalmente no debate acadêmico francês, autoproclamam-se “republicanos”, ao privilegiarem o modelo de integração tradicional. Para eles, os problemas de integração seriam decorrentes sobretudo de problemas sociais, antes de serem étnicos. Do outro lado do debate, estão os pesquisadores “multiculturalistas”, que afirmam ser ao mesmo tempo necessário e desejável renovar as formas de integração rumo a uma maior tolerância às diferenças no espaço público (SCHNAPPER, 2007).

Para Costa-Lascoux (2005), a verdadeira distinção entre assimilacionistas e multiculturalistas está em se saber em que medida as identidades, as referências culturais e as fidelidades particulares poderiam ou deveriam ser reconhecidas no espaço público; qual o critério permitiria balizar a organização de suas expressões pelo poder público e apoiadas pelo tesouro nacional, conciliando a liberdade e a igualdade individuais de todos os cidadãos e o reconhecimento de suas especificidades culturais que são coletivas.

Os pensadores do multiculturalismo, observa Schnapper (2007), retomam a tradição acadêmica comunitária americana ao julgar que a gestão “clássica” da diversidade através da cidadania se tornou inoperante. Ao se imporem regras comuns de cidadania republicana, não há o reconhecimento do indivíduo concreto além do cidadão abstrato, o que pode provocar a marginalização de certos grupos, eliminando as fidelidades religiosas ou históricas particulares. Por outro lado, os assimilacionistas alertam para os riscos do “comunitarismo”, de tendência separatista e que subjuga o indivíduo à lógica implacável de sua comunidade. Além

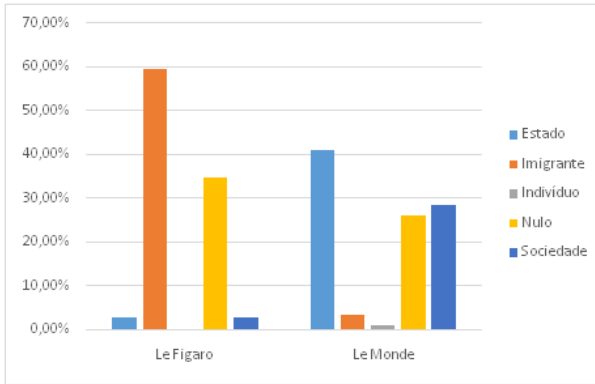
do mais, para os assimilacionistas, o reconhecimento público dos grupos particulares cristalizaria os particularismos em prejuízo daquilo que uniria os cidadãos, destituindo-os dos meios de transpor as diferenças para entrar em relação com os outros. Ficaria, assim, a questão de como assegurar a igualdade dos diversos grupos se cada um detém uma cidadania diferenciada.

Os pensadores de um multiculturalismo mais moderado incorporam essas críticas dos assimilacionistas, como é o caso de Kymlicka (1995) e Mesure e Renaut (1999). Esses autores estabelecem algumas condições para a consecução de uma política multiculturalista, como a necessidade de se conferir ao indivíduo a liberdade para entrar ou sair de determinada comunidade, a compatibilidade das regras comunitárias com os direitos humanos e a não supremacia de um grupo sobre outro.

Analisando esse debate nos dois jornais, percebeu-se, quantitativa e qualitativamente, que o *Le Figaro* figurou como o espaço sobretudo dos argumentos assimilacionistas e o *Le Monde*, dos multiculturalistas. Isso pôde ser verificado, primeiramente, com a contagem de artigos que colocam acento na responsabilidade pela integração do imigrante: a) da sociedade; b) do Estado; c) o próprio imigrante; d) de cada indivíduo. Assim, os que primam pela responsabilidade do imigrante por se adaptar podem ser considerados artigos que promovem o valor do assimilacionismo. Os artigos que enfatizam as responsabilidades da sociedade, do Estado ou de cada indivíduo pela integração do imigrante podem ter ou não um invés assimilacionista, o que pode ser resolvido acrescentando-se o que se chamou de variável “inclusão” (se, na argumentação, procurou-se aceitar ou rechaçar a manifestação cultural dos grupos minoritários no espaço público). É que, por exemplo, pode-se defender que a responsabilidade pela integração seja do Estado sem o respeito às particularidades, mas pela homogeneização.

No Gráfico abaixo, vê-se que, no *Le Figaro*, concentrou-se mais na retórica que defende a responsabilidade do imigrante pela sua própria integração, com 59,42% dos artigos. No *Le Monde*, esse percentual atinge apenas a taxa de 3,41%, veículo em que a defesa da responsabilidade do Estado pela integração se mostrou em maior número (40,91%):

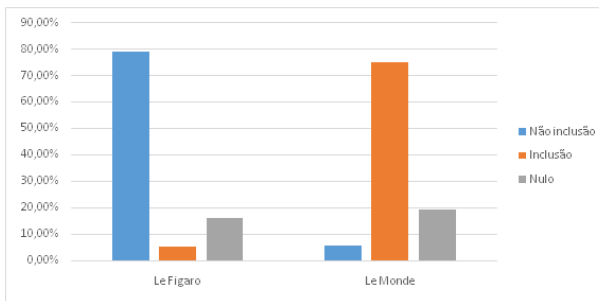
GRÁFICO 1 – Responsabilidade pela integração (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Por meio da variável “inclusão”, em grande parte dos artigos do *Le Figaro* (78,84%), viu-se que a tentativa foi a de promover argumento da exclusão das representações minoritárias no espaço público, ao passo que, no *Le Monde*, aconteceu o inverso, com 75% dos artigos que defenderam sua inclusão:

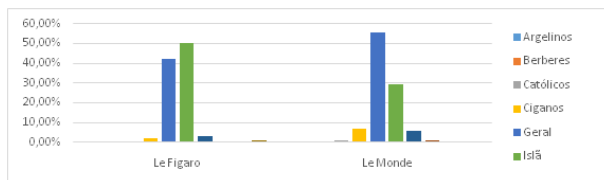
GRÁFICO 2 – Defesa da inclusão de expressões minoritárias no espaço público (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Comparando o grupo alvo de discussão nos artigos, no *Le Figaro*, o Islã foi o grupo mais abordado (50% dos artigos). No *Le Monde*, foi a imigração em geral, sem se mencionar um alvo específico, que se apresentou como mais frequente (55,68% dos artigos):

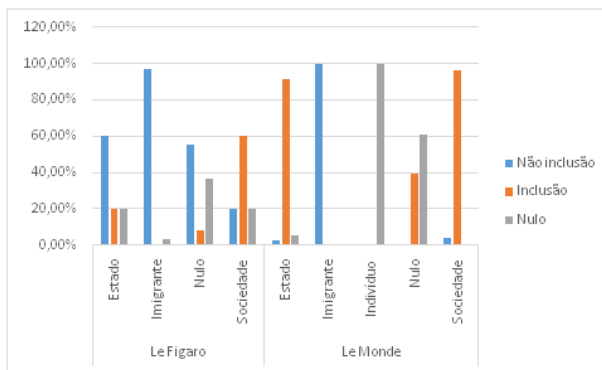
GRÁFICO 3 – Grupo alvo do debate (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Cruzando a variável “responsabilidade pela integração” com a variável “inclusão”, percebe-se aquilo que já foi mencionado: quando se fala em responsabilidade do imigrante, o que se percebe é a defesa da ideologia assimilacionista. Tanto no *Le Figaro* quanto no *Le Monde*, quando se colocou acento na responsabilidade do imigrante, não se promoveu a inclusão de seus referenciais no espaço público. O diferencial é que, como visto no Gráfico 1, apenas 3,41% dos artigos do *Le Monde* enfatizaram a responsabilidade do imigrante, contra 59,42% do *Le Figaro*:

GRÁFICO 4 – Responsabilidade pela integração por “inclusão” (análise comparativa)



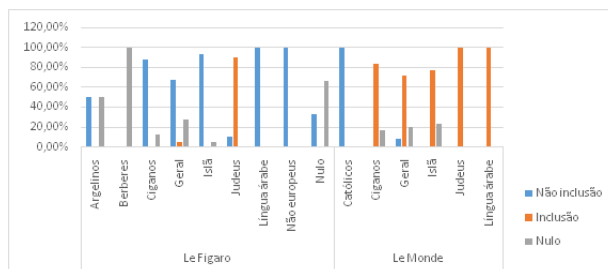
Fonte: elaboração do autor.

Por sua vez, quando se fala em responsabilidade do Estado pela integração, há divergência entre os dois jornais, pois, como se vê no gráfico acima, no *Le Figaro*, sempre que acontece esse tipo de retórica, em 60% não se promove a inclusão das referências do imigrante no espaço público, enquanto que, no *Le Monde*, em 91,67% das vezes em que se fala em responsabilidade do Estado, argumenta-se pela inclusão.

Conforme ainda o Gráfico acima, já quando se fala em responsabilidade da sociedade pela integração do imigrante, em ambos os veículos se promove majoritariamente a inclusão das referências culturais do mesmo no espaço público, com uma taxa de 60% no *Le Figaro* e 96% no *Le Monde*. Ainda assim a diferença é substancial porque, além de, relativamente aos argumentos da responsabilidade da sociedade pela integração, a inclusão ser maior no *Le Monde* do que no *Le Figaro*, naquele, como visto no Gráfico 1, os artigos que defendem a responsabilidade da sociedade se dão em maior proporção: 28,41%, contra apenas 2,90% do *Le Figaro*.

No Gráfico abaixo, cruzando-se as variáveis “inclusão” e o grupo alvo de debate, percebe-se que a obsessão do *Le Figaro*, como observado no Gráfico 3, em relação ao Islã, é sobretudo para descreditar suas manifestações no espaço público (93,64%). No *Le Monde*, ao contrário, quando se fala do Islã, em 76,92% dos artigos se promove a sua inclusão no espaço público, e 0% das vezes que se aborda o Islã é para excluí-lo. Aliás, é isso que acontece com o tratamento das minorias em geral no *Le Monde*, nenhuma sendo objeto de uma argumentação que reivindique sua exclusão do espaço público, o que reforça a hipótese de o veículo representar (por conferir mais espaço) os discursos do que Charaudeau (2016) e Bobbio (2011) qualificam de matriz ideológica de esquerda, antissegregacionista e antidiscriminatória:

GRÁFICO 5 – Inclusão por alvo (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Uma das estratégias retóricas comuns para se excluir as referências culturais dos imigrantes ou de seus descendentes do espaço público foi pelo *argumento da direção*. De acordo com Doury (2016), esse argumento consiste em refutar uma proposição ou linha de ação, uma vez que ela

se revela como um passo no sentido de outras proposições ou linhas de ações mais extremas. Por exemplo, na passagem do *corpus 7* “podemos, portanto, imaginar uma forma permanente de guerra de guerrilha de baixa intensidade, onde os ataques se tornariam comuns”¹⁷ sugere o argumento da direção segundo o qual o valor do multiculturalismo pode intensificar a presença do Islã na França, o que teve como consequência o ataque a Charlie Hebdo e o que pode ocasionar, no futuro, uma guerrilha de ataques permanentes.

Com a ênfase nessas consequências que são mostradas no texto como diretamente relacionadas ao multiculturalismo, argumenta-se com o recurso da emoção, fazendo com que o destinatário do texto se inspire pelo sentimento de medo do Islã e, por conseguinte, das políticas que promovam o multiculturalismo na França, cujas consequências seriam o fanatismo e a morte de cidadãos inocentes.

Uma outra constante foi a *denúncia do politicamente correto*, mostrado como o cerceador daqueles que querem realmente dizer a verdade. Esse tipo de argumentação pertence a uma memória discursiva de direita e conservadora, como no discurso de posse na presidência da República de Jair Bolsonaro, ao dizer que iria “libertar o país do comunismo e do politicamente correto” (BRÍGIDO, 2019).

O “politicamente correto” é definido por aqueles que o detratam como uma atitude que consiste em policiar excessivamente ou modificar formulações que poderiam causar sofrimento a algumas categorias de pessoas, sobretudo minorias e/ou marginalizados em matéria de etnia, cultura, religiões, enfermidades, classes sociais ou orientações sexuais. Assim, palavras consideradas pejorativas ou ofensivas são substituídas por outras tidas como mais neutras.

Segundo o filósofo Jacques Derrida, em obra publicada com Roudinesco (2001), o “politicamente correto” seria um quadro que procura fazer valer uma ética de princípios. Assim, uma crítica sistemática do politicamente correto seria perigosa, na medida em que esfacelaria todo pensamento crítico das estruturas de dominação acusando o locutor de dogmatismo e de cerceador da liberdade de expressão. Segundo o sociólogo Philippe Corcuff (2014), a acusação de “politicamente

¹⁷ Todas as traduções são nossas. Os originais de cada *corpus* podem ser conferidos através dos *links* fornecidos no Anexo.

correto” se tornou um lugar comum do conservadorismo para atacar, sem argumentação crítica, o pensamento progressista.

No mesmo *corpus* 7, o autor do artigo se refere ao “politicamente correto” como uma forma de cercear, por parte de uma esquerda progressista defensora de minorias, a liberdade de expressão daqueles que ousam criticar, em geral, o multiculturalismo e, especificamente, a presença do Islã na França: “O politicamente correto está, sob muitos aspectos, criminalizando aqueles que veem as falhas do multiculturalismo”.

Ao argumento da direção e à denúncia do politicamente correto, junta-se um *antiacademicismo* de base, como na fórmula “universitariamente correto” do *corpus* 76. Com essa estratégia, o autor do artigo, para desqualificar *a priori* o discurso progressista, nomeando-o como “politicamente correto”, enfatiza que este provém dos meios acadêmicos. Mais especificamente, o autor se refere a Gilles Kepel, especialista em Islã e no Oriente Médio na *École Normale Supérieure* (ENS), e Olivier Roy, cientista político também especialista em Islã e frequentemente cronista no *Le Monde*.

No *Le Monde*, a estratégia retórica predominante, ao se promover o multiculturalismo, foi pela desconstrução de alguns aspectos dóxicos tidos como responsáveis pela situação de estigmatização, discriminação e opressão às minorias e, portanto, aos estruturalmente mais fracos nas relações de poder. A título ilustrativo, pode-se citar o *corpus* 465, com as seguintes passagens: a) “o que a maioria desses imigrantes busca na Europa Ocidental é uma vida decente”; b) “a situação irregular é como um ‘pecado original’, do qual eles não podem se libertar; c) “os imigrantes são tidos como responsáveis por essa situação da qual não podem fazer nada”; d) “não é possível pedir a uma pessoa ou grupo que se sinta rejeitado que demonstre boa cidadania e contribua para o bom funcionamento do sistema que a rejeita”; e) “tal política, tingida com humanismo e não mais com xenofobia, provavelmente direcionaria o consenso social para o apaziguamento, e não para tensões”.

4.2 Raça, cultura e nação

Quanto ao tema do racismo, pode-se, com Balibar (2007) e com Taguieff (1984), postular a existência de um novo racismo de base estruturalmente cultural. Na retórica desse neorracismo, opera-

se uma substituição do conceito de raça pela categoria da imigração. Ideologicamente, o racismo atual, defende Balibar (2007), na França, centrado na figura do imigrante, inscreve-se no quadro, então, de um “racismo sem raça”, um racismo cujo tema dominante não é a hereditariedade biológica, mas a irredutibilidade das diferentes culturas. Trata-se de um racismo que Taguieff¹⁸ (1984) denomina de “racismo diferencialista”, que enfatiza a nocividade do apagamento das fronteiras, a incompatibilidade de modos de vida e de tradições.

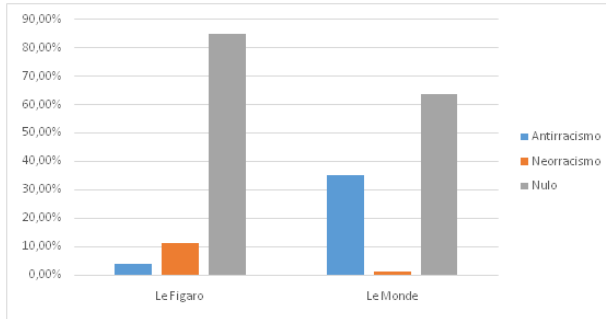
Argumentativamente, o novo racismo, com base no instituto da imigração, segundo Taguieff (1984), teria se armado pelo *argumento da retorsão*, fazendo com que a crítica antirracista tradicional se desestabilizasse, por ser atacada com seus próprios argumentos, quando se proclama a existência de um sistema de discriminação ao inverso, configurando uma espécie de *racismo antibranco*.

Assim, para a análise dos artigos dos jornais, considerou-se como critério para a qualificação de um discurso neorracista o fato de que, além de contemplar a disposição de espírito diferencialista, foi preciso ter encontrado marcas textuais explícitas que caracterizassem a retórica desse novo racismo, como o *argumento da retorsão* (afirmando existir um *racismo antibranco*) e a *condenação do antirracismo* como verdadeiro causador de conflitos, características também apontadas por Balibar (2007) e Taguieff (1984).

Da análise dos artigos, percebeu-se que a maioria, tanto do *Le Figaro* quanto do *Le Monde* não empreenderam a retórica neorracista. Entretanto, esta, no *Le Figaro*, suplantou a retórica do antirracismo, o contrário do que se passou com o *Le Monde*:

¹⁸ Esse é um período da vida intelectual de Taguieff em que o autor ainda não tinha apresentado sua virada conservadora, que se deu na década de 2000, quando, por exemplo, assinou, juntamente com outros intelectuais conservadores, como Jacques Julliard e Alain Finkielkraut, um manifesto denunciando a deriva do racismo antibranco (LE PIANISTE, 2001). De militante de esquerda na década de 1960, o autor, em 2010, começou a contribuir para o site francófono conservador *Dreuz* (Disponível em: <https://www.dreuz.info/author/pat/page/3/>).

GRÁFICO 6 – Neorracismo e antirracismo (análise comparativa)

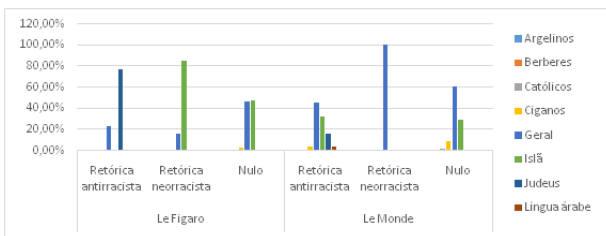


Fonte: elaboração do autor.

Como se pode notar, no *Le Figaro*, a retórica do neorracismo apareceu em 11,30% do total de artigos do jornal, ao passo que a retórica antirracista figurou em apenas 3,77%. No *Le Monde*, a retórica do neorracismo surgiu em apenas 1,14% do total de artigos do jornal, contra 35,23% de publicações antirracistas, isso considerando apenas as que combatem explicitamente, através de marcas mostradas, a retórica neorracista.

Relacionando essas informações com qual foi o grupo alvo dos debates nos artigos, observou-se que, no *Le Figaro*, a retórica neorracista se concentrou sobretudo na figura do Islã, em 84,62% das vezes. No *Le Monde*, esse tipo de retórica figurou 100% das vezes na imigração em geral, o que é uma informação pouco relevante, pois, como se viu no Gráfico anterior, só 1,14% dos artigos desse jornal apresentaram a retórica neorracista:

GRÁFICO 7 – Neorracismo e antirracismo por alvo (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Averiguando os artigos mais representativos daqueles que apresentaram a tópica neorracista no *Le Figaro*, pode-se citar o *corpus* 54, em que o autor lança mão de termos como “o falso antirracismo esquerdista e suas terríveis consequências em cascata” e “imprensa antirracista”, para denunciá-la como um dos responsáveis pelo terrorismo, ao defenderem uma “mestiçagem obrigatória”. Assim, por meio do *argumento da retorsão*, alega-se haver uma espécie de discriminação ao inverso, no caso, uma discriminação contra a cultura hegemônica, situada no polo ativo das relações sócio-estruturais de dominação.

De um modo geral, essa argumentação neorracista e segregacionista se inscreve em uma memória discursiva de direita, que, como visto com Charaudeau (2016), é pautada pelo espírito de separação, o contrário do valor da fraternidade e da igualdade da esquerda progressista.

O conceito de “racismo antibranco”, como afirma Jarrassé (2012), foi desenvolvido na França, entre outros, pelo FN, partido de extrema-direita, na década de 1980, quando Jean-Marie Le Pen o denunciava na televisão. De acordo com o sociólogo Lecoœur, co-autor do *Dictionnaire de l'extrême droite* (2007), o conceito foi desenvolvido e instrumentalizado pelo partido frontista para que escapasse da armadilha da recorrente acusação de racismo, retornando-a contra seus inimigos. O objetivo seria o de descreditar o discurso de associações como o *SOS Racisme*, bastante midiaticizado na época, acusando-o de não defender os “franceses de raiz”, expressão aliás frequente no léxico de extremistas reacionários. Apanágio da extrema-direita, o conceito de “racismo antibranco” começou a fazer parte do vocabulário também da “direita parlamentar”, na tentativa de angariar votos do FN, como quando Copé, secretário geral do UMP, em 2012, declarou no *Le Figaro* que: “um racismo antibranco está se desenvolvendo nos distritos de nossas cidades” (COPÉ, 2012, §1).

O efeito de retorsão da retórica dos que alegam a existência de um racismo antibranco muitas vezes também é acompanhado de um *antiacademicismo* de base (assim como na temática da responsabilidade pela integração), tomando os acadêmicos como os responsáveis pela “ideologia antirracista”. É o que se vê no *corpus* 167, em que se diz que (itálicos nossos): “essas arrogâncias contra os ‘franceses de raiz’ são agressões ainda mais insuportáveis porque são desculpadas por uma multidão de sociólogos, demógrafos ou cientistas políticos que querem apenas ver vítimas entre imigrantes ou seus descendentes”.

Quanto ao *Le Monde*, considerando a maioria dos artigos que tratam da temática neorracista, o que se observou mais frequentemente, como dito, foi a sua contraposição pela retórica antirracista, cujas constantes são, por exemplo, a presença de um raciocínio conciliador, enfatizando o elemento de união entre culturas, bem como a tentativa de apagamento da ideia de hierarquia entre civilizações.

Pode-se citar como exemplo o aspecto de denúncia do neorracismo construída no *corpus* 474, com dizeres como: a) “Marine Le Pen é a primeira comunitarista na França, promovendo uma defesa da ‘comunidade branca’ da França, que seria ameaçada pelos franceses da diversidade – e em particular pelos franceses muçulmanos”; b) “o brutal racismo da década de 1980 evoluiu, e a longevidade do partido de extrema-direita [o *Le Front National*, partido de Le Pen], de certa forma, tornou o racismo naturalizado”; c) “Hoje, Marine Le Pen faz uma defesa da “comunidade branca” da França, ameaçada pelos “outros”, em particular muçulmanos”; d) “O *Front National* acompanhou esse medo criando uma cortina de fumaça. Hoje, em lugar de “raça” ou “etnia”, ele prefere os termos classes sociais, república e secularismo. No entanto, o fundo permanece o mesmo”; e) “a urgência consiste em bloquear o caminho para a extrema-direita comunitarista ou etno-nacionalista. O discurso codificado do *Front National* deve ser identificado”.

Do ponto de vista da linguagem, uma outra constante da retórica antirracista foi a *acusação de amálgama*, que acontece quando se misturam ou se relacionam elementos que, na visão do enunciador, devem ser dissociados. Como ressalta Doury (2005), a acusação de “amalgama” é sempre um julgamento negativo sobre uma argumentação. As seguintes acusações de “amalgama” do *corpus* 507, por exemplo, dizem sobre o posicionamento antirracista que se procura veicular no texto. Nas citações, estão em itálico as marcas avaliativas que denotam esse posicionamento: a) “hoje, esse *delírio da raça* é revivido no espaço público e na mídia, como um canto que coloca a África e os negros “entre” o macaco e o homem, contra todas as negações de arqueólogos, historiadores ou biólogos [...]”; b) “*não existe nenhum vínculo a priori* entre as existências reais de todas as pessoas identificadas por esses rótulos, mas só se nota a coerência de uma linguagem de identidade que, por sua vez, produz e une todas essas ‘figuras’ em uma ficção de alteridade radical, e os expulsa para um ‘fora’ imaginado”; c) “[...] reações *violentas* a projetos políticos de reconhecimento e integração de homossexuais à

‘normalidade’ cultural (casar, ter filhos) também contribuíram para essa *demonização* do outro, bem como para o *amálgama* de todas as outras alteridades supostamente perigosas [...]”; d) “algo reúne esses fatos em uma única sequência, uma excitação única e exaltada de um pensamento de identidade total. O que eles designam é uma alteridade confusa, um *poço sem fundo de fantasias*, e estranhamente erigem uma soma de personagens monstruosos, caricaturados”.

Pôde-se observar igualmente um raciocínio não diferencialista, não hierarquizante entre culturas, defendendo-se, ao contrário, uma simbiose entre as mesmas, como nas seguintes passagens do *corpus* 459: a) “as identidades culturais tão diferentes e ricas e especialmente em nossos subúrbios constituem a base que permite ou não viver bem juntas e não apenas próximas umas das outras”; b) “a identidade é construída no reconhecimento do outro como si mesmo, como um reconhecimento cruzado”; c) “trata-se de pensar juntos cultura e sociedade sob o princípio de Redes de trocas recíprocas de conhecimento [...], redes de reuniões, intercâmbio e compartilhamento de conhecimentos e *know-how* entre pessoas de diferentes origens e gerações (interculturais e intergeracionais)”; d) “o ‘reconhecimento recíproco’ [...] é, na verdade, o conceito-chave dessa política para nossa sociedade pós-moderna”.

4.3 Síntese republicana e laicidade

Sobre a temática da laicidade, a mesma designa, na França, um conjunto de princípios relativos ao lugar do religioso na sociedade. Do ponto de vista jurídico, trata-se de um princípio constitucional que separa o poder político das organizações religiosas. A lei republicana, neutra em relação às religiões, procura garantir a liberdade de culto, no limite do respeito à ordem pública (art. 1.º, título 1.º da Lei de 9 de dezembro de 1905 sobre a separação das igrejas e do Estado). Esse princípio, constitutivo da igualdade republicana, é pautado também pela liberdade de consciência e pelo pluralismo de opiniões religiosas. De acordo com o art. 2, título primeiro, da Lei de 1905, “a república não reconhece, não salaria, nem subvenciona nenhum culto” (tradução nossa).¹⁹

¹⁹ La République ne reconnaît, ne salarie ni ne subventionne aucun culte. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000508749>. Acesso em: 2 jul. 2020.

O objetivo do relator da Lei de 1905 era o de conferir acento mais na liberdade de consciência e de tolerância em face dos diferentes credos em território nacional do que na faculdade de o Estado procurar homogeneizar o espaço público. É o contrário, portanto, do que dão a entender os discursos da extrema-direita, em sua perseguição ao Islã, bem como algumas leis recentemente adotadas, como as Leis promulgadas durante o mandato de Sarkozy de 15 de março de 2004,²⁰ proibindo sinais “manifestamente ostensivos de pertencimento religioso” na escola (art. 1.º), e a de 11 de outubro de 2010,²¹ interditando a dissimulação do rosto em espaço público, como o fazem as mulheres islâmicas com o véu integral, notadamente o *niqab*.

O sociólogo e historiador da laicidade Baubérot (2013), assim como o cientista político Liogier (2013), afirmam, dessa forma, existir uma nova compreensão extensiva da laicidade no debate público. Nesse sentido, a “nova laicidade” que se acena não é anticlerical, mas anticomunitarista, no sentido que essa palavra assume no debate francês, no caso, “antiseparatista”. Essa laicidade se afirmaria como uma espécie de “exceção francesa”, oposta ao modelo anglo-saxão, julgado condescendente para com as manifestações religiosas no espaço público.

Segundo Hennette e Valentin (2014), essa “nova laicidade” é, ao contrário do espírito da Lei de 1905, detentora de um matiz policialesco, em uma lógica de controle sobre as práticas religiosas. Baubérot (2013) acrescenta que a nova laicidade teria contribuído para uma estigmatização da comunidade muçulmana na França, como se a laicidade não fosse para todos os franceses, mas um passaporte obrigatório para os imigrantes.

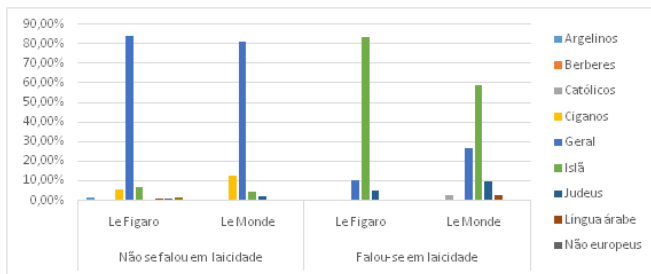
Da análise dos artigos do *Le Figaro* e do *Le Monde* sobre essa temática, observou-se que, enquanto no primeiro se fez predominantemente uma defesa da nova laicidade, no segundo, a maior parte dos artigos procurou associar o conceito de laicidade às suas raízes liberais da Lei de 1905.

Observou-se também que o centro das atenções dos dois jornais, quando o assunto é “laicidade”, é o Islã, com uma taxa de 83,59% para o *Le Figaro* e 58,54% para o *Le Monde*:

²⁰ Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000417977&dateTexte=&categorieLien=id>. Acesso em: 3 jul. 2020.

²¹ Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000022911670&categorieLien=id>. Acesso em: 3 jul. 2020.

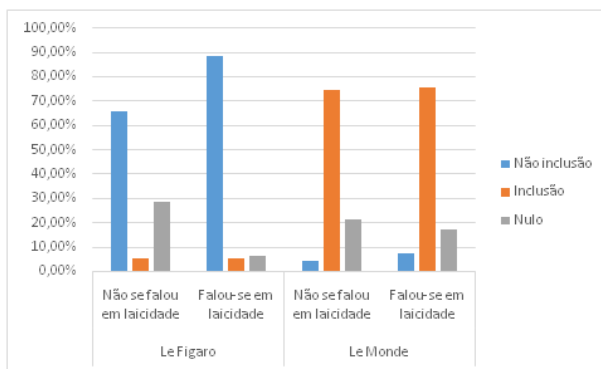
GRÁFICO 8 – Laicidade por alvo (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Entretanto, as perspectivas dos dois jornais são essencialmente distintas. Cruzando-se a variável “inclusão”, expressa no Gráfico 2, com a variável que informa se o artigo abordou ou não o tema da laicidade, percebe-se que, no *Le Figaro*, considerando todas as vezes em que a questão é tratada, em 88,72% dos artigos não se promove a inclusão no espaço público das referências culturais do imigrante ou de seus descendentes, com uma taxa de inclusão de apenas 5,13%. No *Le Monde*, é o contrário que acontece, com 75,61% de inclusão e apenas 7,32% de exclusão:

GRÁFICO 9 – Laicidade por “inclusão” (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Um artigo típico do *Le Figaro* é, por exemplo, o do *corpus* 48. Nele, pode-se perceber aquela denúncia de Baubérot (2013) segundo a qual o discurso da direita constrói uma retórica de “dois pesos, duas

medidas” sobre a laicidade, exigindo-se uma interpretação alargada da mesma para o Islã e uma interpretação liberal para o cristianismo.

No *corpus* 48, há uma série de marcas textuais que remetem a uma formação discursiva de direita, como a já citada *denúncia do “politicamente correto”* (“existem apenas políticos cegos ou medrosos e a mídia se apegando ao politicamente correto para afirmar que não há problema do Islã na França”); e a crítica do discurso progressista que proclama o “*sem amálgama*” no tratamento das minorias (“após os novos ataques que acabaram de atingir a França, o principal *slogan* havia sido o ‘sem amálgama’, implícito entre o Islã e os terroristas. A situação atual invalida brutalmente esse dispositivo de comunicação [...]”). Além do mais, há a presença de epítetos negativos em relação à esquerda, como em “a esquerda e suas elites alucinadas abandonaram essa luta”.

Por sua vez, a lógica do “dois pesos, duas medidas” pode ser identificada quando os autores do texto defendem:

[...] proibir [...] toda a educação corânica por pessoas não aprovadas e controladas pelo Estado, proibir qualquer pregação, especialmente em língua estrangeira, não visada pelas autoridades e expulsar ou condenar os refratários, proibir da mesma maneira livros suspeitos e publicações na Internet, supervisionar os locais de culto muçulmanos ou, pelo menos, controlá-los seriamente [...] (*Corpus* 48, anexo, original no *link*).

Em contrapartida, para o catolicismo, que, segundo os autores do *corpus* 48, seria “mais terno e tolerante”, é preciso promover o seu fortalecimento, para “equilibrar a situação e a resistência natural ao Islã”. Assim, torna-se necessária “uma nova reflexão sobre a apresentação do fato cristão e seu impacto na França, na Europa e no Ocidente, em particular nos programas escolares, nos livros didáticos”.

A inscrição em uma formação discursiva de direita e conservadora é reforçada quando os autores, ao defenderem a “laicidade”, condenam medidas progressistas encampadas por Hollande, medidas essas decorrentes do próprio princípio da laicidade de desvinculação entre a coisa pública e as morais religiosas, como a regularização do casamento homossexual e da Procriação Medicamente Assistida (PMA).

Um outro exemplo é o texto do *corpus* 150, que se utiliza daquela estratégia retórica recorrente do *argumento da direção*, ao sugerir que, se hoje é proibido questionar o lugar do Islã na sociedade francesa, sob

o risco de ser acusado de islamofóbico, “o crime de blasfêmia não está longe”.

No mesmo tom está o *corpus* 166, que, além da constante da *denúncia do politicamente correto*, apresenta também uma atribuição de *culpa ao antirracismo* por “desarmar a República”. Para o autor, as associações antirracistas, subsidiadas, estariam “a serviço de minorias étnicas e religiosas”, que proíbem “críticas básicas e avisos contra recrutamentos”.

Quanto aos artigos do *Le Monde* sobre laicidade, um caso típico foi o do *corpus* 454, em que o autor denuncia o que chama de “política galicana” (por referência a uma doutrina de interferência do Estado na organização da Igreja católica) de controlar a religião empreendida por Sarkozy: “três aspectos que o partido UMP colocou de volta em vigor, desenvolvendo um neogalicismo, separando em particular uma laicidade (controle) e uma liberdade religiosa (proteção)”.

Uma outra passagem em que essa orientação liberal da laicidade aparece é a em que o autor denuncia a manchete de parte do programa político do FN que invoca a Lei de 1905, mas “para justificar medidas repressivas”. Na opinião do autor do artigo, a referida Lei “não tem nada a ver com essas manipulações”.

Outras passagens de orientação liberal da laicidade no *corpus* 454 do *Le Monde* são os seguintes (itálicos nossos): a) “as *liberdades de consciência e adoração* são *liberdades públicas* que não podem ser reduzidas à esfera íntima”; b) “a laicidade se encarna em um sistema jurídico no qual coloca as religiões no direito comum. Elas têm o *direito à indiferença*, a não serem sujeitas a leis específicas”; c) “a laicidade se impõe às religiões através da *liberdade*. É necessário, no norte e no sul, propor *liberdades laicas*”.

Cumprе ressaltar, nesse mesmo *corpus*, a inscrição do texto em uma matriz ideológica de esquerda progressista, que, como já desenvolvido *supra*, confere importância aos princípios da igualdade e da solidariedade, do que decorrem o antissegregacionismo, a tolerância para com minorias e a não discriminação. É o que se percebe quando o autor, descrevendo a laicidade vigilante proposta pelo FN, afirma que “hipertrofia-se a neutralidade, interpretando-a de maneira que às vezes são contrárias à Lei de 1905, e atrofiam-se seus outros aspectos: separação, liberdade de consciência e o princípio da não discriminação”.

Essa ideologia que milita para o lado do oprimido também pode ser observada, no mesmo *corpus*, nos seguintes trechos (itálicos nossos): a) “o *estigmatizante* debate de 2011 da UMP sobre a laicidade foi intitulado ‘Islã e a República’”; b) “esta não é a única pista que mostra que, quando dizemos ‘laicidade’, na verdade queremos dizer ‘Islã’. *Essa equivalência é insuportável*”; c) “é fazer crer que a laicidade se aplicaria a uma parte dos franceses. *Isso é discriminatório*”; d) “*a laicidade e a solidariedade andaram de mãos dadas*”; e) “a laicidade só é legítima se as autoridades públicas *lutarem contra práticas discriminatórias*”; f) “aplicar uma *laicidade igualitária* para todas as famílias de pensamento, incluindo as convicções não religiosas desfavorecidas”; g) “a neutralidade do poder público é arbitral, *é imparcial em relação a todas as famílias de pensamento*”.

O aspecto progressista dessa matriz ideológica se evidencia também na defesa que o autor faz da Lei Veil sobre o aborto e da proposta do então presidente Hollande sobre o casamento igualitário: a) “a separação não é “apenas a Lei de 1905, é também a Lei Veil sobre a interrupção voluntária da gravidez que separa o direito civil de certas morais religiosas”; b) “o que Hollande propõe sobre o casamento homossexual e a lei que foi aprovada pelo Senado sobre a eutanásia também decorrem da separação entre Igreja e Estado e devem estar ligados à laicidade”.

4.4 Retórica da Conspiração

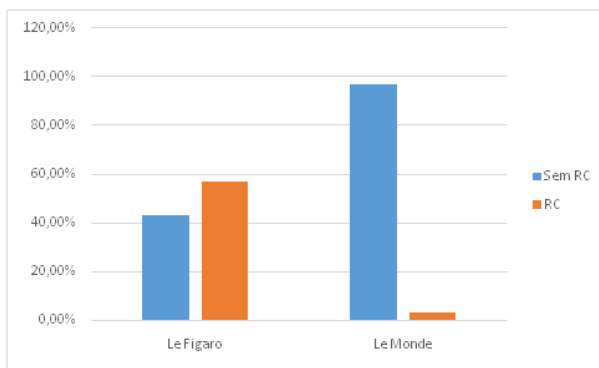
Passando, por fim, para a temática da Retórica da Conspiração (RC), esta pode ser considerada como uma espécie de Retórica da Denúnciação (RD), um conceito em ciências da linguagem que não se refere a qualquer denúncia, mas em que se observa a *inversão do ônus da prova*. Para Danblon (2004), esse dispositivo retórico ressalta a infantilização do enunciador ao se desresponsabilizar pelo que acusa. Afirma a autora que a RD é comumente encampada por demagogos que buscam explorar a cólera e o medo dos mais frágeis e menos instruídos.

A RC é uma forma de RD, com a especificidade de ser acompanhada de um *pathos de ressentimento* (PR), tendo em vista um suposto complô de determinados setores da sociedade para exercerem um projeto de poder (ANGENOT, 2008), bem como de um *ethos de expert* (EE) (DANBLON, 2010). Do PR, decorrem outros afetos, como

os *imaginários da vitimização* (CHARAUDEAU, 2016), quais sejam, os medos da invasão, da desidentificação, da desclassificação e da insegurança. Por sua vez, do EE, decorrem os *imaginários da satanização dos culpados* (mídia, Estado, partidos políticos, *lobbies* das minorias etc.).

Considerando essas constantes, observou-se, no *Le Figaro*, que os artigos que apresentaram a RC suplantaram os artigos sem a mesma (56,81% e 43,19%, respectivamente). No *Le Monde*, o que se passou foi o contrário: a grande maioria (96,59%) dos artigos não apresentou uma ou mais das constantes da RC, contra apenas 3,41% dos artigos que a apresentaram:

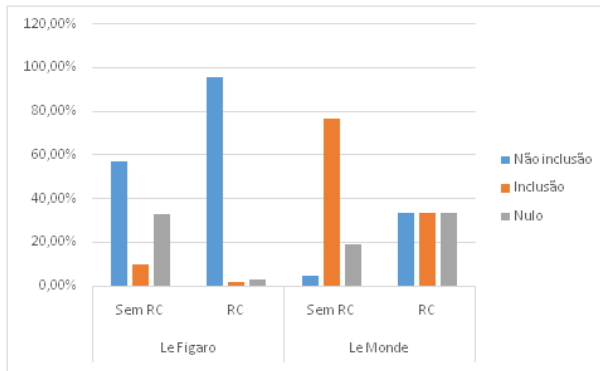
GRÁFICO 10 – Retórica da Conspiração (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Cruzando com a variável “inclusão” (que indica se artigo procurou ou não promover a cultura do imigrante no espaço público), verificou-se que, no *Le Figaro*, sempre que se adotou a RC, em 95,41% das vezes houve ímpeto de exclusão, contra 33,33% no *Le Monde*. Esse último percentual é irrelevante, pois, como se viu no Gráfico 10, apenas 3,41% empregaram a RC, o que significa que em apenas 33,33% dos 3,41% dos artigos houve ânimo de exclusão:

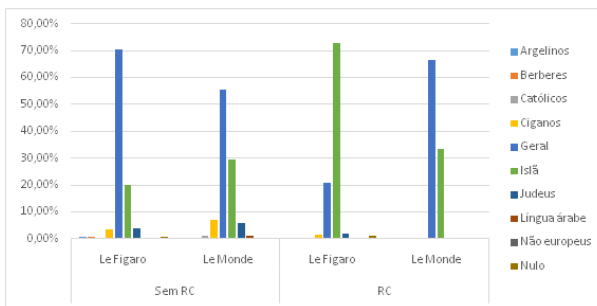
GRÁFICO 11 – Retórica da Conspiração por “inclusão”
(análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Do ponto de vista do grupo alvo do debate, o Islã continuou sendo a obsessão do *Le Figaro*, com 72,96% das ocorrências toda vez que se emprega a RC. No *Le Monde*, quando essa retórica acontece (apenas 3,41% das vezes), fala-se sobretudo em imigração em geral, e não em um grupo específico. O Islã figura em segundo lugar, com uma taxa de 33,33%:

GRÁFICO 12 – Retórica da Conspiração por alvo (análise comparativa)



Fonte: elaboração do autor.

Tem-se como exemplo do *Le Figaro* o *corpus* 150, ao mobilizar algumas constantes da RC. A primeira delas é o PR, ao qual estão relacionados os *imaginários de vitimização*, expressos pelos seguintes medos, como: a) o *medo da invasão* (“A França se desarma, literal e

figurativamente, à medida que as guerras se aproximam”; “o Islã radical está por toda parte na ofensiva”); b) o *medo da desclassificação* (“O país está à beira da falência, o euro está vacilando”; “declínio cultural e literário francês”); c) o *medo da insegurança* (“o país que entrou em uma guerra civil que não diz seu nome”).

Trata-se de afirmações categóricas cujos lastros probatórios não são desenvolvidos pelo autor do referido *corpus*. No caso do eco conspiratório “eles estão por toda parte”, essa tese pode ser desmentida através de diversos estudos, como o de Courbage e Todd (2007), que defendem que é falsa a afirmação de que o Islã seria mais natalista do que as outras religiões. Além do mais, os autores informam que o Islã povoado em vários lugares do planeta não é uma variável pertinente para explicar uma suposta forte natalidade. Efetivamente, a maior parte dos países de maioria muçulmana estava em plena transição demográfica, com uma forte e durável queda na taxa de fecundidade. Isso se dá, entre outros fatores, pela elevação das taxas de alfabetização, permitindo o acesso à cultura por parte da maioria da população e, por conseguinte, o desenvolvimento do individualismo, de hábitos de vida mais modernos, mais autônomos, mais abertos ao mundo exterior e à exogamia, ou seja, ao casamento multicultural.

Além do mais, a tese de que os muçulmanos se reproduzem exponencialmente só quando são imigrantes em outros países que não os de sua origem, como na França, como ressalta Liogier (2012), é difícil de ser provada, pois não é fácil encontrar dados claros sobre o número atual dos muçulmanos na Europa. Na França, onde vive a mais importante comunidade muçulmana da União Europeia, é possível encontrar fontes, como afirmam Laurence e Vaïsse (2007), que falam de 3,65 milhões a 6 milhões de indivíduos, segundo o simples critério de a origem ser turca ou magrebina, como se todos os imigrantes dessas regiões fossem muçulmanos. Por causa dessa falácia, o estudo de 2010, *Trajectoires et origines*, realizado conjuntamente pelo *Ined* e pelo *Insee*,²² abandonou os critérios fluidos das origens étnicas e familiares ou de práticas culturais para perguntar diretamente quem se declara muçulmano. O número obtido, para a França, foi de apenas 2,1 milhões de indivíduos.

²² Disponível em: https://www.ined.fr/fichier/s_rubrique/19558/dt168_teo.fr.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

Essa diferença importante entre o número de indivíduos de origem muçulmana (considerando a terminologia habitual) e aqueles que efetivamente se reconhecem como muçulmanos demonstra, contrariamente ao preconceito comum, que os árabes ou turcos de cultura, por exemplo, não restam necessariamente fiéis a suas tradições confessionais. A pesquisa de Brouard e Tiberj (2005) confirma essa heterogeneidade dos percursos dos cidadãos de origem muçulmana. Para esses pesquisadores, mais de um terço dos imigrantes magrebinos, africanos e turcos não se reclamam pertencer ao Islã. Assim, os muçulmanos hoje na França representariam apenas entre 3,5 e 5% da população, cuja metade seria composta de cidadãos franceses.

Portanto, para que a tese conspiratória da “bomba demográfica” dos muçulmanos adquira ares de verossimilhança, seria preciso encontrar outra causa, como a imigração massiva de “substituição de população”. Ressalta Liogier (2012), no entanto, que a ideia de uma progressão extraordinária da imigração é falsa, não somente para a França, como para o conjunto da União Europeia. Na França, por exemplo, a taxa de crescimento migratório da população era de 1,1 por 1000 em 2009, quase a mesma desde 1980. Pode-se objetar que a suposta invasão demográfica seja representada pela imigração ilegal, e não pela legal. Não obstante, o relatório de 2006 encomendado pelo Senado Francês mostra que os estrangeiros em situação irregular, os chamados *sans-papiers*, são sobretudo entrantes regulares, mas que, ou ultrapassaram a duração legal de permanência, ou sofreram com uma mudança desfavorável de legislação. Dessa forma, os *sans-papiers* são, em grande parte, contabilizados nos fluxos oficiais (OTHILY; BUFFET, 2006).

Outra tese conspiratória é a de que a imigração muçulmana se configura como essencialmente de povoamento. Trata-se de uma suposição que não pode ser sustentada, por exemplo, tendo em vista o estudo de Thierry (2004), que mostrou que 65% dos imigrantes são trabalhadores ou estudantes, ao passo que apenas 20% se instalam por razões familiares.

Do ponto de vista da análise do *ethos* conspirador, no caso ainda do *corpus* 150, é possível perceber o chamado EE (DANBLON, 2010), isto é, a imagem que o orador produz de si como conhecedor das causas obscuras de usurpação social, através de generalizações sem o devido lastro probatório. Alguns clássicos encontrados no mesmo *corpus* 150 citado acima desse *ethos*, associado aos *imaginários da satanização dos*

culpados (CHARAUDEAU, 2016), são: a) *a satanização dos lobbies midiáticos* (“agitação da mídia que ilustra a regressão da política”); b) *a satanização dos partidos políticos*: (“[política] incapaz de enfrentar as tensões que ameaçam a paz, a nação e seu futuro”).

Acrescentam-se a isso as marcas mostradas de oposição à matriz ideológica de esquerda, como em (itálicos nossos): a) “No entanto, é desconfortante para a *esquerda* levantar esses assuntos ‘ansio gênicos’”; b) “Por mais de cem dias, a *acusação de direitismo* e de extremismo se difunde entre os *rebanhos socialistas*”.

Além dos aspectos relativos à RC e das marcas mostradas de pertencimento ideológico, repetem-se outras constantes argumentativas da direita no debate sobre imigração que têm sido apontadas *supra*, como: a) o *argumento da direção* (“O governo repete em todas as circunstâncias que deseja “apaziguamento”, essa palavra que floresceu em 1938. Sabemos o resto...”); b) *raciocínio diferencialista* (“[socialistas] prontos para fazer qualquer coisa para romper com um *sarkozysmo ‘divisivo’*”).

Quanto ao *Le Monde*, no que toca à RC, a quase totalidade dos artigos, como visto no Gráfico 10, procurou desconstruir argumentos tidos como conspiracionistas. Um exemplo é o *corpus* 502, em que se percebem tanto marcas mostradas de identificação da RC quanto passagens que lhe fazem referência, enfocando um de seus aspectos, como os imaginários de vitimização do PR e os imaginários de satanização dos culpados do EE.

A desconstrução mostrada da RC acontece em trechos como: a) “Mesmo que os alvos pareçam diferentes, coloca-se em causa toda vez um *complô*, tramado nas sombras por um poderoso ‘lobby’”; b) “Quem são os inspiradores dessa *conspiração diabólica*?”; c) “Como na Idade Média, não são apenas os indivíduos incriminados, mas um pretendido ‘*complô das camisas brancas*’”, etc.

Quanto ao PR, ele é identificado para, em seguida, ser desconstruído, como: a) na *denúncia do PR em geral* (“será que os homens conseguem tão facilmente prescindir de inimigos, alvos que concentram seu *ressentimento e ódio*?”; “esse esquema consegue capturar os *afetos* – muitas vezes legítimos – da *indignação, raiva, revolta contra a injustiça*, direcionando-os para um “outro” ameaçador”); b) na *denúncia do medo da invasão* (“eles compartilham a mesma *ideologia xenofóbica*, o mesmo *ódio dos estrangeiros*”); c) na *denúncia do medo da desclassificação* (“povo francês “nativo”, *perturbado* pela crise e pela

ameaça de rebaixamento”); d) na *denúncia do medo da desidentificação* (“uma defesa *angustiada* das *identidades* que parecem *ameaçadas*”).

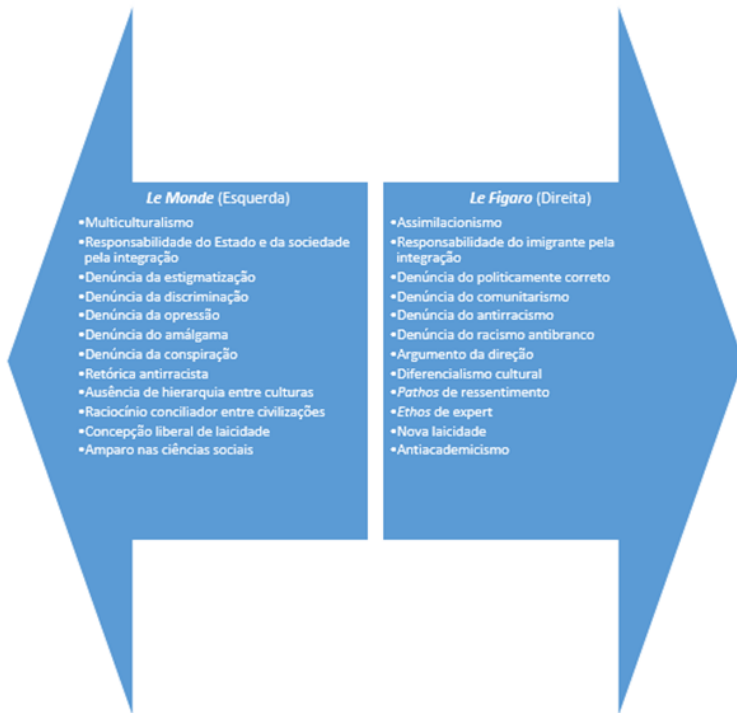
No caso do EE, a estratégia é a mesma, de identificação seguida de desconstrução, como: a) na *denúncia da satanização da mídia* (“com a cumplicidade da *mídia*”; “a visão ilusória [segundo a qual] [...] a *mídia*, os sindicatos [...] *conspiram* juntos ao serviço de um único *lobby oculto*”); b) na *denúncia da satanização do Estado* (“com a cumplicidade [...] do *Estado*”; “o poder jurídico se resume a uma mera aparência, um simulacro inconsistente que *oculta a realidade do verdadeiro poder*”; “essa crença em uma *opacidade irreduzível do poder* é reforçada, uma área cinzenta onde as piores *maquinações* seriam tramadas”); c) na *denúncia da satanização do discurso progressista* (“Diz-se que a chamada ‘*teoria do gênero*’ é uma das armas de um movimento global que ‘*avança mascarada*’”; “Um site integrista católico nos dá a resposta: a perniciosa ‘*teoria do gênero*’ é ‘o fruto das lésbicas judias americanas’”); d) na *denúncia da satanização dos partidos políticos* (“‘sistema’ absolutamente homogêneo onde os *partidos* da direita e da esquerda [...] *conspiram* juntos ao serviço de um único *lobby oculto*”); e) na *denúncia da satanização dos acadêmicos* (“a visão ilusória [segundo a qual] [...] os *intelectuais conspiram* juntos ao serviço de um único *lobby oculto*”).

5 Conclusão

Da análise dos *corpora*, percebeu-se que o *Le Figaro* e o *Le Monde*, quantitativa e qualitativamente, representaram polos opostos na guerra cultural do debate sobre imigração na França. A instância midiática, assim, considerando os dois jornais, refletiu a mesma divisão, reproduzindo os mesmos aspectos dóxicos e estratégias retóricas existentes nos embates culturais na instância política e cidadã entre esquerda parlamentar, de um lado, e direita (parlamentar e extrema), de outro.

Do ponto de vista da linguagem, as constantes encontradas no debate sobre imigração entre esses dois polos do espectro político podem ser resumidas no seguinte quadro:

QUADRO 2 – Constantes da Retórica da Guerra Cultural no debate sobre imigração



Fonte: elaboração do autor.

Espera-se que a pesquisa possa inspirar futuros trabalhos sobre imigração que testem, por meio de outros *corpora* e contextos de análise, essa tentativa de generalização acerca do debate sobre o tema, para se averiguar se essas constantes podem ou não ser observadas em outras situações.

Espera-se também que o trabalho possa auxiliar aqueles que se debruçam sobre Análise do Discurso, sobretudo em Ciências Sociais, fornecendo parâmetros de um modelo de análise, como o que se procurou realizar aqui, que não se restrinja à contagem de palavras, pois as mesmas podem assumir diversas valências, significados e efeitos, a depender do lugar de fala do enunciador, do tema, do contexto e das relações que o texto estabelece com os discursos que circulam na sociedade. Ao mesmo tempo, o modelo aqui proposto procurou fugir do interpretativismo

impressionista, uma vez que se buscou, no trabalho, realizar análises o mais objetivas possível, amparadas em categorias das ciências da linguagem a serem observadas por meio de marcas mostradas no texto, com fundamentação teórica e factual de estudos sobre imigração e com o auxílio de análises quantitativas sobre as constantes retóricas encontradas.

Referências

- ADRIAMANANA, T. Quand le PCF voulait “arreter l’immigration”. *Causeur*, Paris, 12 abr. 2012. Disponível em: <http://www.causeur.fr/quand-le-pcf-voulait-«-arreter-limmigration-»-18593>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- ALDUY, C.; WAHNICH, S. *Marine Le Pen prise aux mots*. Paris: Seuil, 2015.
- AMOSSY, R. *A Argumentação no Discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. *Les idées reçues*. Sémiologie du Stéréotype. Paris: Nathan, 1991.
- ANGENOT, M. *Dialogues de sourds: traité de rhétorique antilogique*. Paris: Mille et une nuits, 2008.
- AUBRY, M.; DUHAMEL, O. *Petit Dictionnaire pour lutter contre l’extrême droite*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- BALIBAR, É. Y a-t-il un “néo-racisme”? In: BALIBAR, É.; WALLERSTEIN, I. (org.). *Race, nation, classe: les identités ambiguës*. Paris: La Découverte, 2007. p. 25-41.
- BAUBÉROT, J. *Histoire de la laïcité en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.
- BENSON, R. La Fin du Monde? Tradition and change in the French press. *French Politics, Culture & Society*, New York, v. 22, n. 1, p. 108-126, spring 2004. DOI : <https://doi.org/10.3167/153763704780996663>
- BLANDIN, C. Le Figaro et le gaullisme en Mai 68. *Médiamorphoses*, Paris, 2008. Disponível em: http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/andl/2042/28326/2008_HS_145.pdf?sequence=1. Acesso em: 23 ago. 2016.
- BOBBIO, N. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOISSIEU, L. Le FN e l'islam, des discours changeants. *La Croix*, Paris, 20 out. 2015. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Actualite/France/Le-FN-et-l-islam-des-discours-changeants-2015-10-20-1370536>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BRÉVILLE, B. Embarras de la gauche sur l'immigration. *Le Monde Diplomatique*, Paris, abr. 2017. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2017/04/BREVILLE/57387>. Acesso em: 09 nov. 2019.

BRÉZET, A. Le Figaro se réinvente. *Le Figaro*, Paris, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/mon-figaro/2013/03/27/10001-20130327ARTFIG00729--le-figaro-se-reinvente.php>. Acesso em: 23 ago. 2016.

BRÍGIDO, C. Vamos libertar o povo do socialismo e do politicamente correto, diz Bolsonaro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/vamos-libertar-povo-do-socialismo-do-politicamente-correto-diz-bolsonaro-23339518>. Acesso em: 9 jun. 2020.

BRIOIS, S. Immigration: à l'UMP, tout n'est pas posture et imposture. *Rassemblement National*, Nanterre, 13 dez. 2013. Disponível em: <https://rassemblementnational.fr/tribunes-libres/immigration-a-lump-tout-nest-que-posture-et-imposture/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BROUARD, S.; TIBERJ, V. *Français comme les autres?* Enquête sur les citoyens d'origine maghrébine, africaine et turque. Paris: Presses de Sciences Po, 2005.

CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche? In: CORCUERA, F. *et alii* (org.). *Les discours politiques: regards croisés*. Paris: L'Harmattan, 2016. p. 32-43.

CHARAUDEAU, P. *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris: Librairie Vuibert, 2005.

CHARAUDEAU, P. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). *Stéréotype, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scene*. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 49-63.

COHEN, P. La couleur politique des médias. *Marianne*, [S.l.], 27 abr. 2012. Disponível em : http://www.marianne.net/La-couleur-politique-des-medias_a217177.html. Acesso em: 18 ago. 2016.

COMBATTRE des idées reçues sur l’immigration. *Économie et Politique*, 31 mar. 2006. Disponível em: <http://www.economie-politique.org/593>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COPÉ, J. F. Copé dénonce l’existence d’un “racisme anti-Blanc”. *Le Figaro*, Paris, 26 set. 2012. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/politique/2012/09/26/01002-20120926ARTFIG00428-cope-denonce-l-existence-d-un-racisme-anti-blanc.php>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CORCUFF, P. Entretien avec Philippe Corcuff. *Université Populaire de Toulouse*, Toulouse, 30 dez. 2014. Disponível em: <http://universitepopulairetoulouse.fr/spip.php?article330>. Acesso em: 8 jun. 2020.

COSTA-LASCOUX, J. L’intégration et ses indicateurs. *Journée de la Population Européenne*, Tours, 21 jul. 2005.

COURBAGE, Y.; TODD, E. *Le Rendez-vous des civilisations*. Paris: Seuil, 2007.

DANBLON, E. *Argumenter en démocratie*. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.

DANBLON, E. Les ‘théories du complot’ ou la mauvaise conscience de la pensée moderne. In: DANBLON, E.; NICOLAS, L. *Les rhétoriques de la conspiration*. Paris: CNRS Éditions, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.16202>

DARRAS, F. Quand Soral sort ses “texticules”. *Marianne*, [S.l.], 26 mai. 2003. Disponível em: <https://www.marianne.net/archive/quand-soral-sort-ses-texticules>. Acesso em: 13 mar. 2020.

DEJEAN, J. *Ancient Against Moderns*. Culture Wars and the Making of a Fin de Siècle. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De quoi demain...: dialogue*. Paris: Fayard-Galilée, 2001.

DESMOULIÈRES, R. B. Patrice Carvalho, “embourgeoisé” mais toujours marxiste. *Le Monde*, Paris, 12 jul. 2012. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2012/07/12/patrice-carvalho-embourgeoisé-mais-toujours-marxiste_1732620_823448.html. Acesso em: 10 nov. 2012.

DOURY, M. *Argumentation: analyser textes et discours*. Paris: Armand Colin, 2016.

DOURY, M. The accusation of “amalgame” as a meta-argumentative refutation. In: EEMEREN, F. H.; HOUTLOSSER, P. (org.). *Argumentation in Practice*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 145-161. DOI: <https://doi.org/10.1075/cvs.2>

DURAND, A. A. Ce que propose Marine Le Pen dans son programme. *Le Monde*, Paris, 23 abr. 2017. Disponível em: https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2017/04/23/ce-que-propose-marine-le-pen-dans-son-programme_5115963_4355770.html. Acesso em: 11 nov. 2019.

EVENO, P. *Le journal “Le Monde”*: une histoire d’indépendance. Paris: Éditions Odile Jacob, 2001.

FRANÇOIS, J. B. Immigration, le parti socialiste précise sa ligne. *La Croix*, Paris, 18 set. 2014. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Actualite/France/Immigration-le-parti-socialiste-precise-sa-ligne-2014-09-18-1208214>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FRENCH daily Le Monde under fire. *BBC News*, London, 26 fev. 2003. Disponível em: <http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http%3A%2F%2Fnews.bbc.co.uk%2F2%2Fhi%2Furope%2F2800343.stm>. Acesso em: 22 ago. 2016.

GRACIO, R. *Para uma teoria geral da argumentação*: questões teóricas e aplicações didáticas. 2010. 446f. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2010.

GROSS, M. Kulturkampf and Unification: German Liberalism and the War Against the Jesuits. *Central European History*, Cambridge, v. 30, n. 4, p 545-566, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1017/S000893890001565X>

HENNETTE, S.; VALENTIN, V. *L’affaire Baby Loup ou la nouvelle laïcité*. Paris: LGDJ, 2014.

HUNTER, J. D. *Culture Wars: the Struggle to Define America*. New York: Basic Books, 1991.

IFOP. *Le regard des Français sur l’immigration*. Paris, nov. 2018. Disponível em: <https://www.ifop.com/wp-content/uploads/2018/12/115985-Rapport-03.12.2018-COMPLET.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

JARRASSÉ, J. Le racisme anti-Blanc, un concept hérité du FN. *Le Figaro*, Paris, 26 set. 2012. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/politique/2012/09/26/01002-20120926ARTFIG00647-le-racisme-anti-blanc-un-concept-herite-du-fn.php>. Acesso em: 18 jun. 2020.

KYMLICKA, W. *Multicultural Citizenship. A Liberal Theory of Minority Rights*. New York: Oxford University Press, 1995.

LARQUIER, S. G. Marine Le Pen voit double. *Le Point*, Paris, 21 fev. 2011. Disponível em: https://www.lepoint.fr/politique/marine-le-pen-voit-double-21-02-2011-1298032_20.php. Acesso em: 13 mar. 2020.

LAURENCE, J.; VAÏSSE, J. *Intégrer l'Islam. La France et ses musulmans: enjeux et réussites*. Paris: Odile Jacob, 2007.

LEBOURG, N. Comment le Front National est devenu le parti du souverainisme integral. *Slate*, Paris, 7 dez. 2015. Disponível em: <http://www.slate.fr/story/111115/front-national-souverainisme-integral>. Acesso em: 13 mar. 2020.

LE FIGARO s'assume du centre et de droite. *Europe1*, 21 set. 2008. Disponível em: <http://www.europe1.fr/culture/le-figaro-s-assume-du-centre-et-de-droite-76851>. Acesso em : 23 ago. 2016.

LE MONDE appelé à voter pour Ségolène Royal. *Nouvel Observateur*, Paris, 3 de mai. 2007. Disponível em: <http://tempsreel.nouvelobs.com/politique/elections-2007/20070503.OBS5461/le-monde-appelle-a-voter-pour-segolene-royal.html>. Acesso em: 22 ago. 2016.

LE PEN, M. *Pour que vive la France*. Paris: Jacques Grancher, 2012.

LE PIANISTE furtif de l'IS, entretien avec Pierre-André Taguieff. In: Christophe BOURSEILLER *et al. Archives & Documents Situationnistes*. Paris: Denöel, 2001. n. 1.

LE TEMPS de Paris veut couler Le Monde. *L'Histoire*, Paris, 27 abr. 2011. Disponível em: <https://www.lhistoire.fr/les-grandes-heures-de-la-presse/%C2%AB%C2%A0le-temps-de-paris%C2%A0%C2%BB-veut-couler-%C2%AB%C2%A0le-monde %C2%A0%C2%BB#:~:text=1956%2C%2017%20avril%20Le%20but,affaires%20spendieux%2C%20sera%20un%20fiasco>. Acesso em: 22 ago. 2016.

LE TRIO Bergé-Niel-Pigasse s'offre Le Monde. *L'Expansion*, Paris, 28 jun. 2010. Disponível em: http://lexpansion.lexpress.fr/high-tech/le-trio-berge-niel-pigasse-s-offre-le-monde_1430526.html. Acesso em: 22 ago. 2016.

LECOEUR, E. *Dictionnaire de l'extrême droite*. Paris: Larousse, 2007.

LIOGIER, R. *Le mythe de l'islamisation: essai sur une obsession collective*. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

LIOGIER, R. L'islamisation est un mythe. *Le Monde*, Paris, 28 mar. 2013. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2013/03/28/l-islamisation-est-un-mythe_3148954_3232.html. Acesso em: 04 jul. 2020.

MAYER, N. Le mythe de la dédramatization du FN. *La Vie des Idées*, Paris, 4 dez. 2015. Disponível em: <https://laviedesidees.fr/Le-mythe-de-la-dediabolisation-du-FN.html>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MESTRE, A. Le FN établit un projet global tourné autour de la “priorité nationale”. *Le Monde*, Paris, 20 nov. 2011. Disponível em: https://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2011/11/20/le-fn-etablit-un-projet-global-autour-de-la-priorite-nationale_1606696_1471069.html. Acesso em: 13 mar. 2020.

MESURE, S.; RENAUT, A. *Alter ego: les paradoxes de l'identité démocratique*. Paris: Aubier, 1999.

OTHILY, G.; BUFFET, F. N. Immigration clandestine: une réalité inacceptable, une réponse ferme, juste et humaine. *Rapport de la Commission d'Enquête du Sénat*, Paris, n. 300, 2006. Disponível em: <https://www.senat.fr/rap/r05-300-1/r05-300-1.html>. Acesso em: 2 out. 2020.

PERALVA, A. *Médias et violences urbaines: débats politiques et construction journalistique*. Paris: La Documentation Française, 2002.

PIET, G. *La guerre à Gaza, de l'analyse du discours médiatique à l'analyse politologique: l'état et les relations internationales en question*. Berna: Peter Lang, 2010. DOI : <https://doi.org/10.3726/978-3-0352-6040-3>

PINTO, R. B. W. S. Argumentação e persuasão em gêneros textuais. *EID&A*, Florianópolis, n. 9, p. 102-112, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/839>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PLANTIN, C. *Dictionary of argumentation: an introduction to argumentation studies*. Milton Keynes: Lightning source, 2018.

ROUBAN, L. Comment le FN est devenu le seul parti à pouvoir se permettre de nager en pleine incohérence idéologique. *Atlantico*, Paris, 12 jun. 2014. Disponível em: <https://www.atlantico.fr/decryptage/1611187/comment-le-fn-est-devenu-le-seul-parti-a-pouvoir-se-permettre-de-nager-en-pleine-incoherence-ideologique-luc-rouban>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ROUSSET, A. Européennes: le programme des principales listes sur l'immigration. *Les Echos*, Paris, 23 mai. 2019. Disponível em: <https://www.lesechos.fr/politique-societe/politique/europeennes-le-programme-des-principales-listes-sur-limmigration-1023356>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SANTOS, F. R. C. D. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, Ahead of print, p. 1-48, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/52265>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SAYURI, J. O que é 'guerra cultural', e porque a expressão está em alta. *Nexo*, São Paulo, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/03/10/O-que-é-‘guerra-cultural’.-E-por-que-a-expressão-está-em-alta>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SCHNAPPER, D. *Qu'est-ce que l'intégration?* Paris: Gallimard, 2007.

SLAMA, A. G. Le Figaro, ou l'éclectisme libéral. *SciencesPo*, Lyon, 25 set. 2006. Disponível em: http://doc.sciencespo-lyon.fr/Ressources/Bases/DP/articleDP.html/160794?id_fnspp%5B0%5D=354&orderby=auteur+DESC&limit=10&position=40&suite=1&npos=45. Acesso em: 23 ago. 2016.

TAGUIEFF, P. A. Les présuppositions définitionnelles d'un indéfinissable: le racisme. *Mots*, Paris, n. 8, p. 81-107, mar. 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/mots.1984.1141>

THIBAU, J. *Le Monde*. Paris: Plon, 1979.

THIERRY, X. Évolution récente de l'immigration en France et éléments de comparaison avec le Royaume-Uni. *Population*, Paris, v. 59, n. 5, p. 725-764, 2004. DOI: <https://doi.org/10.3917/popu.405.0725>.

ANEXO

Relação dos *corpora*

Cadastro	Número do <i>corpus</i>
Data	Data da publicação do artigo
Acesso	Data do acesso ao artigo
Jornal	Veículo consultado
Gênero	Gênero do discurso do texto
Resp. Int.	Responsabilidade pela integração/assimilação do imigrante: imigrante, sociedade, Estado ou nulo = artigo não aborda a questão
Inclusão	Se o artigo promove ou não a inclusão das referências culturais do imigrante e seus descendentes no espaço público: sim = 1; não = 0 ou nulo = artigo não aborda a questão
Alvo	Principal grupo imigrante objeto de discussão no artigo
Neorracismo	O artigo apresenta a retórica neorracista: promovendo-a = 1; denunciando-a = 0 ou nulo = artigo não aborda a questão
Laicidade	O artigo aborda o tema da laicidade: sim = 1 ou não = 0
Conspiração	O artigo apresenta traços da Retórica da Conspiração: promovendo-a = 1; denunciando-a = 0 ou nulo = artigo não aborda a questão
Endereço	Endereço eletrônico do artigo

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Cadastro	Data	Acesso	Jornal	Gênero	Resp. int.	Inclusão	Alvo	Neoracismo	Laicidade	Conspiração	Endereço
1	07/01/2015	21/09/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	1 Geral	1 Geral	Nulo	0	0	https://goo.gl/8LIRWR
2	07/01/2015	21/09/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/R7VNXN
4	08/01/2015	21/09/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/qzQ1gI
7	09/01/2015	29/09/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	0	1	https://goo.gl/s1v4q
8	09/01/2015	29/09/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2SISUkr
16	11/01/2015	17/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	0	0	https://goo.gl/73DFR
25	12/01/2015	18/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	1 Isiã	1 Isiã	Nulo	0	0	https://goo.gl/aoshpk
26	12/01/2015	18/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	1 Isiã	1 Isiã	Nulo	0	0	https://goo.gl/ZusvWw
27	13/01/2015	19/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/w9Z2ZW
28	13/01/2015	20/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	Nulo	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/5gE3Ye
33	13/01/2015	21/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/vzWob3
35	14/01/2015	21/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	0 Isiã	Nulo	0	1	https://goo.gl/cwP5sY
36	13/11/2015	25/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	1	1	https://goo.gl/Y8ZEGG
40	14/11/2015	27/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/wNYYWq
48	15/11/2015	30/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/vvund9
49	16/11/2015	30/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/nrVTZG
51	16/11/2015	30/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/ebYgW5
54	17/11/2015	31/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/B71Ved
58	17/11/2015	31/10/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/DqF535
66	20/11/2015	08/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/8SRKXX
67	20/11/2015	08/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/umZ5nc
74	18/07/2016	08/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/UKyVeb
75	18/07/2016	08/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/skpe1K
76	18/07/2016	08/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/ebYgW5
81	20/07/2016	09/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/KkvH2Q
82	20/07/2016	09/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/cDdWRP
95	17/04/2017	24/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://goo.gl/6MpmIB
96	17/04/2017	24/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	Nulo	0 Geral	Nulo	0	0	https://goo.gl/WzEzfp
99	17/04/2017	24/12/2017	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/X56WVWY
111	18/04/2017	14/01/2018	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado	1 Geral	0 Geral	Nulo	1	0	https://goo.gl/b5sXXV
123	19/04/2017	22/01/2018	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade	0 Isiã	0 Isiã	Nulo	1	0	https://goo.gl/nM5haa
128	20/04/2017	26/01/2018	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	0 Geral	Nulo	0	1	https://goo.gl/NA45TV

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
131	20/04/2017	26/01/2018	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/ZchwpX
135	21/04/2017	30/01/2018	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://goo.gl/1t5brv
142	14/12/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/3awuMc5
143	13/12/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	1	0	0	https://bit.ly/3dWZdiz
144	15/11/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2U8UM0x
145	22/11/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	1	0	1	https://bit.ly/2UWVYwN
146	07/10/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3bbkxqA
147	18/07/2012	01/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3bkKSPu
148	26/08/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2UDeGE
149	06/09/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2UCbtS
150	30/08/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2UENIG
151	26/06/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3blQom
152	07/06/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	1	1	1	https://bit.ly/39AWI7W
153	05/07/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	1	1	1	https://bit.ly/3bMfP6g9
154	21/06/2012	02/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2R43R04
155	26/04/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2wQomCf
156	16/03/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2xleW0q
157	10/05/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	0	1	https://bit.ly/2xlnh34
158	24/04/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2JAEEHQ
159	03/05/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/3dUj5jQ
160	19/04/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2wTZN8S
161	12/04/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3dQjVZ8
162	20/03/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	1	Judeus	0	1	0	https://bit.ly/39Yf6V
163	08/03/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/39FHKUg
164	21/03/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	1	1	https://bit.ly/2xO9V0g
165	27/02/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/349ffjg
166	22/02/2012	03/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2xMkbMB
167	02/02/2012	04/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2wTfVw
168	23/02/2012	04/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2xOdeFi
169	26/01/2012	04/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3bbMwvIM
170	31/01/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2xWvn65y
171	21/01/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Isiã	Nulo	0	0	https://bit.ly/2xKovIE
172	01/01/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/34HyPrh
173	06/01/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2xGy87

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
174	08/02/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2UKMwb3
175	14/02/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2V9kfq
176	07/02/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3e23uNx
177	27/03/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2UKZN7A
178	05/04/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2V61GdY
179	07/04/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3e3gkLx
180	10/05/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2JMW8dS
181	09/05/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3aOgWTx
182	30/05/2013	06/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2LDwvo
183	20/06/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2wvKlPz
184	21/06/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2JRLGck
185	27/06/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2Vc7Hy
186	13/06/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2V8yXGp
187	06/06/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3vVkaV6
188	21/07/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado		0 Isiã	Nulo	0	0	https://bit.ly/3c3ia8T
189	04/07/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2XUjRG
190	29/09/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2JNuhIX
191	23/08/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2XgoQ40
192	27/09/2013	07/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado		0 Ciganos	Nulo	0	1	https://bit.ly/2UPgcYG
193	12/09/2013	08/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3c0DPDI
194	26/09/2013	08/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	1	https://bit.ly/390WfW4
195	25/10/2013	08/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3c1UEO5
196	16/10/2013	08/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2RmAuf
197	28/10/2013	08/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2RtC7zV
198	24/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Ciganos	Nulo	0	1	https://bit.ly/2XmDhDK
199	21/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/34mMXJ3
200	20/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/2UW3ojl
201	17/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2XvBq42
202	25/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/39YPDEE
203	17/10/2013	09/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2RGuwkn
204	10/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/34rctMNA
205	08/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/3a2BaHM
206	16/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2xIpe0B
207	07/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	1	1	https://bit.ly/3aZg3aIn

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
208	18/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/2xm8tZP
209	16/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Ciganos	0 Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/39Wv0lB
210	18/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2Ua6bD
211	18/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3ccvs3
212	17/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Islã	0 Islã	Nulo	0	1	https://bit.ly/3cbs0Zz
213	08/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Ciganos	0 Ciganos	Nulo	0	0	https://bit.ly/34tUAF9
214	15/10/2013	10/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/34p8C1l
215	21/11/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3ee4EG1
216	14/11/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	1	0	1	https://bit.ly/2Rv5R1W
217	08/11/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3c7QsfV
218	12/12/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2YtSTEx
219	10/12/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3b4gEHy
220	13/12/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2wwOlxJ
221	16/12/2013	11/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2Xt8lNO
222	15/12/2013	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3caNyx7
223	19/12/2013	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Islã	0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3cdEvd8
224	04/12/2013	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Islã	0 Islã	1	1	1	https://bit.ly/3a7zAnI
225	03/01/2014	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2VrgVOE
226	08/01/2014	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2VMSlh3
227	14/01/2014	12/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3b4tBdP
228	19/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2YXoUv9
229	13/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	1	0	0	https://bit.ly/2V7WQOG
230	10/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2XaU8rh
231	07/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	1	1	https://bit.ly/3b6HCjP
232	10/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2Y5HTHj
233	14/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2V6uc0o
234	21/02/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2RzmaAE
235	12/03/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3b6c8Rr
236	14/04/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2I25c4L
237	16/04/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Argelinos	Nulo	0	1	https://bit.ly/2y8s7r1
238	11/04/2014	13/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Islã	0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3b6zca3
239	18/04/2014	14/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Islã	0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2Vrdmfy
240	21/05/2014	14/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3baKorX
241	19/05/2014	14/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0 Geral	0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3ce5eBC

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
242	22/05/2014	14/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo		1	https://bit.ly/2Kf5Lq8
243	16/05/2014	14/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/34Cga9B
244	29/05/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2VcVn1A
245	17/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2XBS9pK
246	30/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Argelinos	Nulo	0	0	https://bit.ly/2XGA82Z
247	03/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3xp5Q9z
248	23/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2XEA0C2
249	06/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	Nulo	0	1	https://bit.ly/3bfku19
250	09/06/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3ad3YHt
251	18/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	0	https://bit.ly/3cmE0m0
252	21/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	1	https://bit.ly/2yO0dX
253	16/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	1	https://bit.ly/2yiklR
254	25/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3emVYVv
255	22/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	0	https://bit.ly/2RG7Ost
256	23/07/2014	15/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Islã	0	1	1	https://bit.ly/2aA2lP
258	04/08/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2VcXqel
259	25/08/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Islã	Nulo	0	0	https://bit.ly/2x835IN
260	11/09/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/34Hv87
261	11/09/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2RF3PMI
262	13/09/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3eC2Z54
263	18/09/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2VcQWgs
264	12/09/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2y3E2L
265	12/10/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2XlU2L
266	16/10/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2yocqhl
267	22/10/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	0	https://bit.ly/2yKwXp
268	12/11/2014	16/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Kd9RNg
269	11/11/2014	20/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3ca9JR2
270	03/11/2014	20/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral	0	0	0	https://bit.ly/2xIEFK
271	05/11/2014	20/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/3aqpVsV
272	11/11/2014	21/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/34UjIBc
273	27/11/2014	21/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3bt6Qs
274	13/11/2014	21/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2VNX00dh
275	17/12/2014	22/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2RX8pGc

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
276	15/12/2014	22/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/351eG9o
277	18/12/2014	22/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3c6b13q
278	16/12/2014	22/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3asxHmc
279	14/12/2014	23/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Vz6wXl
280	29/12/2014	26/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2y7qmKl
281	11/12/2014	26/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3cQW4eR
282	05/01/2015	27/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		1 Judeus	0	1	0	https://bit.ly/2y3xwVl
283	28/01/2015	27/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/3cKzG63
284	16/01/2015	27/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2VlPv8A
285	16/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2VlFyM6
286	18/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/3f1AI1I
287	29/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3d42MhL
288	29/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2Yks65g
289	26/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2y9s0id
290	22/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2y6aYY6
291	28/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral	0	0	0	https://bit.ly/3a1cGSs
292	16/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3BRYVEb
293	15/01/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3BQV69l
294	24/02/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/315QNF
295	09/02/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/25fKpCL
296	17/02/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/25HADLV
297	27/02/2015	29/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade		1 Judeus	0	1	0	https://bit.ly/2Vp63eY
298	12/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/35gA24u
299	28/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2W2VYVe
300	19/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2W2VYVe
301	17/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2W2VYVe
302	16/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3f6G5nV
303	03/02/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/25mCM7
304	12/03/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3dcYYUu
305	24/03/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3aNBn24
306	19/03/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2W2VYVe
307	13/03/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2y3uZOD
308	23/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2KYT6cx
309	21/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/25mPa9f

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
310	26/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2W6Kw0g
311	20/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Y4Sz2M
312	22/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/315PVNP
313	16/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2SpUfu0
314	21/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2y5QG94
315	20/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2V0hYzI
316	08/04/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2xpVhCA
317	12/05/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/235mUhgJ
318	12/05/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3bt26eS
319	19/05/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Ym9RGm
320	07/05/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3cXXAE
321	26/06/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2xnR8nt
322	25/06/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/35iGVQb
323	19/06/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3f64Kjg
324	11/06/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2WcSWDj
325	22/06/2015	30/04/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2VU5m4d
327	03/07/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/35ImrqC
328	28/08/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2Yn9lMq
329	03/08/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3fCvWt
330	08/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	1	1	1	https://bit.ly/2YrMf2W
331	08/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/35o65SM
332	01/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/344Mc19
333	16/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2KNDAOm
334	21/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/35mLjP
335	16/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2YlMgWh
336	14/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2X5eePA
337	11/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2ZnqUXr
338	03/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3aXfSQ
339	04/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2YwhyN
340	24/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/235mUhgJ
341	15/09/2015	01/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3fauATp
342	03/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/235u0QU
343	02/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2XRu8NY

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
344	11/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/35nu54K
345	03/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/25trpUG
346	01/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2zyEY80
347	07/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Wx08Qe
348	06/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2ycx0At
349	14/09/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Wz2m7U
350	23/10/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3d1wvrA
351	29/10/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/341vkiK
352	07/10/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3aWai8D
353	23/10/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3btH81q
354	08/10/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3bRFFtD
355	06/11/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2xox6stg
356	27/11/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Wjz00a
357	17/11/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2VW17Vw
358	09/12/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/3btH81q
359	21/12/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2VXtAW/h
360	28/12/2015	02/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3bZWG12
361	14/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2xvfhUj
362	29/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2W05zmr
363	04/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Wpondx
364	21/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2Wlqvs
365	14/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3aWpou7
366	19/01/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3frc219
367	05/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/25wehqu
368	15/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2KXnaeQ
369	18/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3fBPRMF
370	16/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2W723Y
371	07/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/35cwpf
372	18/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2VYrnt8D
373	19/02/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2VYrnt8D
374	10/03/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3d9wVMw
375	08/03/2016	03/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/25z7119
376	24/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Isiã	Nulo	1	1	https://bit.ly/3dfimSR
377	25/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/210QZ1

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
378	18/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	1	https://bit.ly/2KZ5pVV
379	29/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3dnHzHr
380	22/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2YVyeXJ
381	25/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3c6U2HT
382	21/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	0	https://bit.ly/3frc6FH
383	07/03/2016	04/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2YFAg25
384	04/03/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3e9l8O9
385	01/03/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	1	https://bit.ly/3c5sAwAE
386	14/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3b8UJfH
387	20/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	1	1	https://bit.ly/35ZxyP
388	13/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3abVwQW
389	28/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/35ALITx
390	18/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	0	https://bit.ly/3b4dgrw1
391	04/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3fOTUJ
392	03/04/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	0	https://bit.ly/2YDOUjXA
393	06/05/2016	05/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3fTlie6
394	06/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	1	https://bit.ly/2L53a3v
395	16/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2YElmAF
396	23/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2KCoVrA
397	16/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3fTdxQXs
398	03/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2A6wZT
399	02/06/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	0	0	https://bit.ly/3dnW2v6
400	22/07/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3c66aBL
401	05/07/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2W7ah16
402	26/07/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado	0	0	0	1	0	https://bit.ly/2YnrGtn
403	12/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	0	https://bit.ly/2L6Uf86
404	25/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3chbcH6
405	12/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	0	0	0	0	https://bit.ly/35CmOy5
406	01/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2YAAZqn
407	15/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3fUeRr5
408	05/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	0	0	1	0	https://bit.ly/2W9GNAs
409	29/08/2016	06/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2W9l6Z2
410	29/08/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/3b6G3jG
411	15/08/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	0	0	1	1	https://bit.ly/2A8P1TG

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
412	07/08/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/35DwXEJ
413	01/08/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2WwF8U0
414	30/08/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/3dtVa8y
415	20/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2A3a0sQ
416	26/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo		0	https://bit.ly/3btY7Hj
417	19/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/3bdag0n
418	08/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/3baVKGE
419	30/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/25FRTfE
420	11/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/3fsfVVv
421	19/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã		1	1	https://bit.ly/3bf5CZ7
422	27/09/2016	07/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/3eeToaN
423	22/09/2016	08/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2WYnuLST
424	19/09/2016	08/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/2W46X54
425	01/09/2016	08/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã		1	1	https://bit.ly/3cixsuQ
426	13/10/2016	08/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Estado		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/31rfPVH
427	17/10/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/3f8Rec7
428	04/10/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2f6sc6X
429	10/10/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo		1	https://bit.ly/2fLh9Z9Q
430	07/10/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/2w3fMP
431	20/10/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/35PpsEe
432	04/11/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2AewkLr
433	23/12/2016	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo		1	https://bit.ly/25OPM83
434	17/01/2017	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2WJ0a0b
435	18/01/2017	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2xwVfCc
436	06/02/2017	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/3blbyGN
437	16/02/2017	09/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2AeMIRz
438	20/03/2017	10/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	Nulo	Isiã	Nulo		0	https://bit.ly/2zoFYX
439	09/03/2017	10/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/3cmvMKw
440	11/04/2017	11/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2YOGQTD
441	12/04/2017	11/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/2zqisfE
442	27/05/2017	12/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Geral	Nulo		0	https://bit.ly/3bxUJO
443	07/06/2017	12/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Berberes	Nulo		1	https://bit.ly/3asmTWJ
444	18/06/2017	12/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2W0BO0J
445	29/06/2017	12/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante		0 Isiã	Nulo		1	https://bit.ly/2yRwVvJ

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
446	26/06/2017	12/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Islã	1	1	1	https://bit.ly/2SYdo0t
447	22/06/2017	14/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2AepaGM
448	05/07/2017	14/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3dNXL0M
449	17/08/2017	14/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3cLlB5c
450	26/10/2017	14/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3fS13IC
451	22/12/2017	14/05/2020	Le Figaro	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3eQDR1j
452	13/01/2012	14/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3eCp0UF
453	29/01/2012	14/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3c0edf7
454	26/01/2012	15/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1	Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2fSYaQD
455	13/02/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Islã	0	1	0	https://bit.ly/2LAkNk6
456	21/02/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	0	Católicos	Nulo	1	0	https://bit.ly/3eCZ7ei
457	02/03/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1	Islã	Nulo	1	1	https://bit.ly/2zzZhtu
458	07/03/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3cFb7se
459	09/03/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Geral	0	1	0	https://bit.ly/3bcZok
460	15/03/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Geral	0	0	0	https://bit.ly/3dSD0W
461	20/03/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Islã	0	1	0	https://bit.ly/3fJ3Uxt
462	03/04/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/2X5Wts6
463	03/04/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/2Lmwnkh
464	13/04/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	0	Geral	Nulo	1	0	https://bit.ly/3fXOcdE
465	16/04/2012	16/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2X1zZzh
466	19/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	1	https://bit.ly/2WFFGqX
467	25/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Geral	0	0	0	https://bit.ly/2fLSuw
468	26/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3e9OmK
469	26/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Islã	0	1	0	https://bit.ly/3e2lyse
470	07/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Islã	Nulo	0	0	https://bit.ly/2v6VXv
471	27/04/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	0	Islã	0	1	0	https://bit.ly/2Zee1lq
472	04/05/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Imigrante	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2WDr2TI
473	14/05/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3bDl3Qv
474	19/06/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Islã	0	0	0	https://bit.ly/2W7U55
475	04/07/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo	Islã	Nulo	1	0	https://bit.ly/3e6GNk
476	12/07/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Z1WYZA
477	16/07/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	0	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/2Z1WYZA
478	05/09/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1	Geral	Nulo	0	0	https://bit.ly/3e8x0lK
479	19/09/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1	Judeus	0	1	0	https://bit.ly/3blok8R

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	
480	10/10/2012	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Ciganos		0	0	0	https://bit.ly/2WDMewo
481	15/02/2013	17/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral		0	0	0	https://bit.ly/3bMOWZO
482	08/05/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/3dXf08r
483	23/07/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/3e3zMB3C
484	25/07/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/2L1FEfE
485	14/07/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/2z8GkVt
486	30/08/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/3cinPGF
487	17/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Ciganos	Nulo				https://bit.ly/21ThuW11
488	17/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Ciganos	Nulo				https://bit.ly/2Z2HF1IE
489	17/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2LH6WVY
490	19/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Ciganos	Nulo				https://bit.ly/3e959HQ
491	19/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Geral		0			https://bit.ly/2Z1qOCB
492	17/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Ciganos	Nulo				https://bit.ly/2AHFosv
493	22/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/3e8fwk8
494	24/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2LBF0xX
495	24/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2WJEt0r
496	24/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2WJEt0r
497	24/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2X2ZMrW
498	24/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Ciganos	Nulo				https://bit.ly/2Z1xyAs
499	25/10/2013	18/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Islã	Nulo				https://bit.ly/2yefwL8
500	01/11/2013	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/2AGm0Mv
501	31/12/2013	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Judeus		0			https://bit.ly/2WWMKZtm
502	11/04/2014	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral		0	1		https://bit.ly/2Ag1xV0
503	28/03/2014	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Geral	Nulo	1			https://bit.ly/2WWMZUoO
504	17/04/2014	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/21ox2fj
505	13/05/2014	19/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo				https://bit.ly/2yHET7g
506	27/05/2014	20/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Geral	Nulo	0	1		https://bit.ly/3bQQpOD
507	13/05/2014	20/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral		0			https://bit.ly/2zeHk4n
508	16/06/2014	20/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Judeus		0	1		https://bit.ly/21oJyV
509	19/09/2014	20/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Geral		0			https://bit.ly/2y3gdKxa
510	09/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/2xrm18l
511	12/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo		1 Islã	Nulo	1			https://bit.ly/2xrm18l
512	16/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã		0	1		https://bit.ly/3bMAA19
513	14/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã		0	1		https://bit.ly/2AQ4ACH

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	
514	16/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã		0	1	0	https://bit.ly/3e55B2v
515	20/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade		1 Islã	Nulo	1	1	0	https://bit.ly/22pGtHG
516	21/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado		1 Geral	Nulo	0	0	0	https://bit.ly/21rDkLH
517	22/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Indivíduo	Nulo		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/21LMOMwF
518	26/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	1	0	https://bit.ly/3cUeAn5
519	29/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1 Geral		Nulo	0	1	0	https://bit.ly/2zU28ka
520	11/02/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	1	1	0	https://bit.ly/2zTj02HN
521	11/02/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	Nulo		Nulo	1	1	0	https://bit.ly/2zrMIV6
522	20/01/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Judeus		Nulo	0	1	0	https://bit.ly/3bMFM5cl
523	10/06/2015	21/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Língua árabe			0	1	0	https://bit.ly/2zXkQlly
524	25/08/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/21TsD7be
525	04/09/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/2AWMY2F
526	08/09/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/3b5wiDz
527	07/09/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/36mkomV
528	18/09/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1 Judeus		Nulo	0	1	0	https://bit.ly/21wWYA7b
529	14/10/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo		Nulo	0	0	1	https://bit.ly/22rVUHM
530	06/11/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo		Nulo	1	0	0	https://bit.ly/22kntV4g
531	12/11/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/2zrq06Z
532	07/12/2015	22/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo		Nulo	1	1	0	https://bit.ly/2z8n1fN
533	11/01/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/3bz2mBFO
534	14/01/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Estado	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/2AIHbl
535	26/01/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	Nulo		Nulo	1	1	0	https://bit.ly/3nedKwHf
536	01/04/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1 Islã			0	1	0	https://bit.ly/3e2vYUJ
537	12/05/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Sociedade	1 Islã			0	1	0	https://bit.ly/3e2vYUJ
538	13/10/2016	23/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1 Geral		Nulo	0	1	0	https://bit.ly/3bz2v55G
539	15/03/2017	24/05/2020	Le Monde	Artigo de opinião	Nulo	1 Geral		Nulo	0	0	0	https://bit.ly/3bz2v55G



Pontuando concepções: dizeres institucionalizados sobre pontuação e suas implicações para o ensino

Reviewing conceptions: institutionalized discourses about punctuation and its implications for teaching

Geovana Soncin

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, São Paulo / Brasil

geovana.soncin@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4903-1919>

Tainan Garcia Carvalho

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

tainan.carvalho@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0001-6105-3120>

Resumo: Este trabalho adota a pontuação enquanto objeto de investigação com o objetivo de explorar dizeres institucionalizados sobre o tema em diferentes espaços de circulação social e, ainda, de investigar em que medida esses dizeres têm implicações para o ensino da pontuação no contexto escolar. Para tanto, realiza-se uma revisão teórica dos trabalhos em linguística que tratam da questão, a fim de demonstrar como a complexidade envolvida na pontuação enquanto fenômeno de linguagem, a qual é decorrente de sua constituição histórica, resulta em cenário no qual competem várias perspectivas linguísticas para o seu tratamento. Dentre essas, destacam-se as perspectivas que veem a pontuação como recurso gráfico, prosódico, para fins de legibilidade e como marca enunciativa. À luz dessa discussão teórica, exploram-se materiais diversos – documentos oficiais sobre ensino de Língua Portuguesa, materiais didáticos e matérias de internet – com vistas a identificar resquícios dessas perspectivas no tratamento dispensado à pontuação. Como resultado, observa-se a emergência de ideias conflitantes sobre o papel dos sinais de pontuação nos materiais investigados e

propõe-se uma reflexão sobre os desafios dessa instabilidade para o ensino de pontuação. Finalmente, argumenta-se em favor da perspectiva enunciativa enquanto abordagem que considera a complexidade do objeto sob análise.

Palavras-chave: pontuação; dizeres institucionalizados; ensino de língua portuguesa.

Abstract: This work considers punctuation as an object of investigation with the aim of exploring institutionalized discourses about the theme in different spaces of social circulation. This work also aims to investigate in what extent these discourses have implications for the teaching of punctuation in the school context. To explore these points, it is carried out a theoretical review of linguistic studies that addresses the issue. This review demonstrates how the complexity involved in punctuation as a language phenomenon, which is related to its own historical constitution, results in a scenario in which the way of approaching punctuation is a reflex of several linguistic perspectives competing. Among these perspectives, it is emphasized four of them, which conceive the punctuation as a graphic mechanism, as a prosodic resource, as a mechanism of legibility and as an enunciative mark. Considering this theoretical discussion, several materials are explored – as official documents on Portuguese language teaching, didactic materials, and internet texts about the theme – to identify how remnants of these perspectives can be noticed by the way punctuation is approached by each material. As a result, it is seen the emergence of conflicting ideas about the role of punctuation marks in the analyzed material. Due to the instability of approaches related to punctuation, it is proposed a discussion about how challenging teaching punctuation can be. Finally, it is argued in favor of an enunciative perspective as an approach that considers the complexity involved in punctuation.

Keywords: punctuation; institutionalized discourses; Portuguese language teaching.

Recebido em 21 de julho de 2020

Aceito em 05 de outubro de 2020

1 Considerações iniciais

Os estudos sobre pontuação no Brasil, com ênfase em uma perspectiva linguística, não são numerosos quando comparados a uma tradição de estudos existente em outros países, como a França, onde não só diversos textos foram e continuam sendo publicados sobre o tema, como também números temáticos de revistas científicas e livros editados com coletânea de textos são dedicados à discussão de diferentes

abordagens sobre a pontuação,¹ incluindo trabalhos de orientação histórica, descritiva, prosódica, discursiva, aplicada, etc. Apesar dessa diferença comparativa no que diz respeito aos estudos de pontuação, diferentes trabalhos com essa temática têm sido publicados no Brasil,² especialmente nas últimas décadas, os quais, somando-se ao acervo de trabalhos internacionais, procuram destacar, cada um com seus panoramas teóricos, a complexidade envolvida no objeto *pontuação*, seja devido ao seu funcionamento gramatical em si ou à tarefa árdua de seu ensino/aprendizagem.

Tal complexidade pode ser creditada, em parte, ao laço estreito que se observa entre o desenvolvimento da pontuação e o desenvolvimento da escrita, uma vez que, como afirma Rocha (1997), a história do “sistema de pontuação” se confunde com a própria história do sistema de escrita alfabética, na medida em que mudanças no percurso histórico da pontuação acompanharam as transformações do sistema de escrita. Desse modo, considerando, por exemplo, o percurso histórico, as mudanças no sistema de pontuação que resultaram ao que se concebe hoje como pontuação – ou melhor, como regras de pontuação – podem ser compreendidas num movimento cuja direção tendeu à maior logicização dos usos dos sinais de pontuação – no sentido de torná-los mais lógicos e gramaticais –, uma vez que se buscou distanciar a pontuação de fatores de ordem estritamente fônica (cf. a esse respeito DAHLET, 1995; RAULT, 2014; YANO, 2018). As motivações para tanto se apresentaram, pois, numa primeira fase datada do século XVI, segundo Dahlet (1995), a função dos sinais de pontuação que existiam à época estava vinculada à orientação da leitura em voz alta, indicando, por exemplo, pontos para a respiração, para a suspensão de enunciados e para a produção de pausas (cf. DAHLET, 1995; ver também a respeito da história da pontuação: CAGLIARI, 1999; ROCHA, 1997; YANO, 2018). Assim, em linhas gerais ao que aqui nos interessa discutir, ocorreram mudanças no sistema

¹ Exemplos: *À qui appartient la ponctuation?*, de Defays *et al.* (1998); volume 172 da Revista *Langue Française*, organizado por Favriaud (2011) e intitulado *Ponctuation(s) et architecturation du discours à l'écrit*; número temático da revista *LINX*, intitulado *Imaginaires de la ponctuation: Ordre et inquietude du discours*, organizado por Bikialo e Rault (2017).

² Destacam-se, por exemplo, os livros *As manobras da pontuação: usos e significações* e *Os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido: uma abordagem discursiva*, respectivamente de Dahlet (2006) e de Puzz *et al.* (2014).

de pontuação a fim de tornar a pontuação mais lógica (acrescentando sinais, revisando usos, ganhando função semântica e criando regras), pois também a escrita, ao longo dos séculos, deixou de ser um ato público e ganhou estatuto privado – histórico no qual o surgimento da imprensa teve um papel fundamental.³

Considerando-se essa complexidade que acompanha historicamente a constituição da pontuação, adotamos a pontuação como objeto de análise e discussão neste texto, buscando explorar a heterogeneidade que a caracteriza. A pontuação é marcada pela heterogeneidade, haja vista o percurso histórico que a constituiu, tanto pela relação com os aspectos fônicos, tanto pela relação com a norma vigente, tanto pelas funções semânticas que desempenha ou, também, pela sintaxe que passou a indicar para os fins lógicos e gramaticais. Assim, de acordo com o eixo condutor da discussão e da análise que aqui propomos, a heterogeneidade que caracteriza a pontuação é o aspecto que evidencia sua complexidade.

Começamos a discussão, antes mesmo de apresentar os objetivos do presente trabalho, lançando o seguinte questionamento: a pontuação é complexa para quem? Ou, perguntando de outro modo, em quais âmbitos a complexidade da pontuação se apresenta? Respondemos a essas perguntas, elencando três eixos de observações:

- (i) no que tange ao domínio teórico, há tradições diferentes no campo dos estudos da linguagem para descrever e caracterizar a pontuação (cf. SONCIN, 2014);
- (ii) no que tange ao domínio normativo, a convenção gramatical para o emprego dos sinais de pontuação é, em alguma medida, flexível, e não consensual quando são comparadas diferentes gramáticas (cf. SIMARD, 1993, para o francês; FERRARI; LALA, 2011, para o italiano; CHACON, 1998 e SONCIN, 2014, para o português);
- (iii) no que tange ao domínio do uso, por um lado, constata-se grande flutuação no emprego de alguns sinais, especialmente a vírgula,

³ Ainda que, com o passar do tempo, a escrita foi sendo desvinculada da ideia de leitura em voz alta e à pontuação atribuiu-se maior logicização, resquícios dessa relação direta entre o fônico e o gráfico circulam no imaginário do que seja pontuar, haja vista os correntes discursos: “vírgula é uma pausa para respirar”, ou ainda, “o ponto e vírgula é uma pausa mais breve do que a vírgula”.

em textos escolares e de pré-vestibulandos (cf. CARVALHO, 2019; CHACON, 2003; CORRÊA, 1994; SONCIN, 2010, 2013; SONCIN; TENANI, 2015, 2017) e, por outro, observa-se certa contradição no relato de escreventes sobre a pontuação, especialmente em contextos de ensino e aprendizagem, uma vez que, ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da pontuação na escrita, há relatos de “incompreensão” ou de “insegurança” sobre como ou quando pontuar.

A partir desses três eixos, podemos elencar que a pontuação é um objeto complexo (i) tanto para os estudiosos que procuram sistematizá-la e/ou descrever seu funcionamento no plano teórico, (ii) quanto para os gramáticos que procuram normatizá-la em busca da uniformização do emprego de seus sinais, e, ainda, (iii) para os escreventes que empregam sinais de pontuação em seus textos, especialmente em contexto escolar, no qual, além de tentarem balizar os aspectos linguísticos que atuam na pontuação e que poderiam ser evocados nos usos por meio de uma atividade epilinguística, por exemplo, precisam atender à norma estabelecida e divulgada em sala de aula, a partir da qual a pontuação é avaliada.

No que tange ao domínio teórico, duas principais tradições teóricas competem – no melhor sentido que esse termo assume no campo científico – na proposição de abordagens para o tratamento da pontuação: são elas, a tradição fonocentrista e a tradição autonomista. Em linhas gerais, enquanto a primeira defende que a pontuação estabelece, em alguma medida, uma relação com a dimensão fônica da linguagem, a segunda defende a existência de um sistema de pontuação autônomo, com base em regras gráficas e mais ligadas à sintaxe, uma vez que se defende a autonomia da escrita em relação à fala (para uma discussão detalhada sobre essas perspectivas entre outras existentes, cf. SONCIN, 2014). Vê-se, portanto, que a complexidade mostrada no eixo teórico se justifica na medida em que se considera que o desenvolvimento da pontuação esteve vinculado ao desenvolvimento da escrita⁴, assim, a pontuação “carrega as

⁴ Em relação a esse aspecto, faz-se relevante destacar que a pontuação é um construto cujo início remonta às práticas de escritas na Antiguidade e cujo desenvolvimento e sofisticação perduraram na medida em que as práticas de escrita e o próprio sistema de escrita se desenvolveram gradualmente. Dois aspectos ilustram esse processo de construção da pontuação no interior da constituição de um sistema de escrita: a) na Antiguidade, os sinais de pontuação não eram inseridos durante a composição do texto,

mesmas questões teóricas dessa última e, por isso, tem como cerne de sua constituição a tensa relação entre gráfico e sonoro, ou seja, entre escrita e fala” (SONCIN, 2014, p. 23).⁵ De nosso ponto de vista, essa complexidade teórica, que é perpassada pelas diferentes perspectivas acerca da relação fala/escrita, pode ser visualizada, sobretudo, em materiais didáticos nos quais é possível encontrar, simultaneamente, argumentos de ambas as tradições. Tendo em vista que as tradições fonocentrista e autonomista concebem de modos diferentes a relação fala/escrita, ao comparar argumentos de ambas as tradições para conceituar a pontuação, assumimos como ponto de partida para reflexão a seguinte questão: a pontuação é regida por aspectos fônicos ou sintáticos? Esse impasse de que trataremos adiante quando adentrarmos na análise do material, nos é importante porque nos dá indícios do quanto o terreno de estudos da pontuação é arduo e, conforme mencionamos, contraditório às vezes.

No que tange ao domínio normativo, a orientação de emprego de sinais por meio de regras é, por um lado, flexível se considerarmos, para indicar apenas dois aspectos, que existem orientações para alguns sinais que são consideradas facultativas e que certas estruturas podem ser delimitadas por mais de um tipo de sinal de pontuação.⁶ Por outro lado, a norma é pouco consensual, uma vez que determinadas regras variam em função da gramática adotada e, ainda, no caso específico do emprego de vírgula, sinal considerado por Dahlet (2006) o mais complexo entre os sinais de pontuação, enquanto algumas regras são consideradas facultativas em uma gramática, podem ser obrigatórias em outras. O resultado dessa ausência de consenso entre gramáticas contemporâneas, como mostrou Soncin

mas em momento posterior, quando o texto, depois de escrito, era interpretado; assim, se pontuava a fim de sinalizar, para a leitura em voz alta que seria realizada, a interpretação pretendida para o texto escrito; b) no latim clássico, a pontuação não existia, mas foi inserida, posteriormente, de forma gradual na escrita das línguas vulgares oriundas dessa variedade do latim.

⁵ É importante destacar que esse eixo estrito entre o desenvolvimento da pontuação e o desenvolvimento da escrita na sociedade ocidental pode ser ilustrado a partir do latim.

⁶ Como exemplo de regras facultativas para uso dos sinais de pontuação, podemos citar os casos em que é opcional utilizar vírgulas na fronteira de elementos adverbiais deslocados de “pequeno corpo” (expressão utilizada por CUNHA; CINTRA, 2001). Quanto a mais de um sinal de pontuação poder ser utilizado para delimitar uma mesma estrutura, citamos os casos dos elementos intercalados, que podem ser sinalizados ou por vírgulas, ou por travessões, ou ainda, por parênteses.

(2014), é uma diferença qualitativa no que se considera “acerto” e “erro” e uma variação quantitativa de “acertos e erros” quando se analisa um mesmo grupo de dados a partir da recomendação de diferentes gramáticas. Vê-se, desse modo, que, diferentemente da convenção ortográfica, que tem estatuto de lei, a convenção para a pontuação é flexível e variável, motivo suficiente, portanto, segundo nosso ponto de vista, para não ser tomada exclusivamente como parâmetro para o ensino, mas como apoio para uma reflexão sobre os usos dos sinais de pontuação e o que mais eles envolvem, como procuraremos mostrar ao longo de nossa análise no presente texto.

Por fim, considerando as problematizações que envolvem a pontuação, simultaneamente, no domínio teórico e no domínio normativo, parece não surpreender a flutuação de usos de sinais de pontuação observada nos textos de escreventes, especialmente em contexto escolar, bem como parecem se justificar os relatos comuns de não entendimento ou de insegurança quanto aos seus próprios usos. Esses relatos, tais como “eu nunca sei como empregar vírgulas” ou “não repare minha pontuação” ou “eu vou pontuando conforme eu falo porque não sei as regras”, entre muitos outros – oriundos de estudantes em processo de escolarização formal quando em conversa com professores de língua portuguesa – juntamente com a flutuação de usos de pontuação observada nos textos de alunos, são marcas que revelam uma relação problemática dos sujeitos com o objeto “pontuação”. Por “relação problemática” entendemos, com base na reflexão feita por Corrêa (2013),⁷ que a relação que o sujeito estabelece com o objeto nunca é uma relação direta com o objeto em si, ou com o fato em si, porque esse é, em alguma medida, inalcançável. Ao contrário, o sujeito estabelece uma relação com as interpretações que existem sobre o objeto – *versões sobre o fato*. Desse modo, entendemos que tanto as flutuações, quanto o relato dos escreventes sobre pontuação, em contextos de ensino e aprendizagem, são marcas da relação problemática com a pontuação, que, por sua vez, é construída em função das “versões”, das concepções acerca da pontuação que circulam em diferentes espaços discursivos.

Feito o preâmbulo que nos levou a essa proposição, tratamos, no presente texto, das “versões” sobre o objeto *pontuação* que circulam

⁷ Corrêa (2013) desenvolve a ideia de “relação problemática” para os estudos de escrita a partir do conceito de *indício* proposto por Ginzburg (2009) no campo da história.

em diferentes espaços e constituem os imaginários sobre a pontuação, os quais, de maneira difusa, resultam na relação “problemática” que os sujeitos escreventes estabelecem com esse objeto em seus usos.

Nesse âmbito de discussão, temos como objetivos principais: (i) identificar concepções de pontuação em diferentes materiais oriundos de diferentes esferas de produção do conhecimento; (ii) discutir como esses saberes circulam por espaços discursivos e quais suas implicações e/ou os desafios para o ensino da pontuação nos contextos de educação formal no Brasil; e (iii) à luz das concepções identificadas e preponderantes em diferentes espaços discursivos, argumentar em favor de uma abordagem enunciativa enquanto lugar teórico produtivo para se conceber a pontuação no contexto escolar.

Ao identificar tais concepções de pontuação, procuramos chamar atenção para o modo como são concebidos os conceitos de *língua, fala, escrita, sujeito e texto*, bem como a abordagem que se privilegia para compreender a relação entre fala e escrita e a relação que o sujeito estabelece com a linguagem. Ao fazer esse exercício teórico-analítico, o presente trabalho acredita contribuir com os estudos de pontuação tanto na área da linguística descritiva quanto na área da linguística aplicada ao ensino de português como língua materna, pois o presente estudo tem como desdobramento o mapeamento das problemáticas envolvidas no ensino da pontuação por meio da discussão acerca dos dizeres disseminados socialmente sobre o que seja a pontuação (as versões sobre o fato), os quais podem, em alguma medida, silenciar a sua função enunciativa e o próprio processo significativo do texto escrito, no qual a pontuação exerce função de considerável importância.

Com a finalidade de desenvolver a discussão que ora propomos, organizamos o presente texto em três momentos de discussão. Na próxima seção, tratamos das diferentes perspectivas linguísticas a partir das quais a pontuação costuma ser definida, indicando quatro diferentes versões sobre o fato. Em seguida, discutimos dizeres sobre a pontuação que se mostram em materiais, oriundos de espaços de circulação diferentes, que abordam o tema a públicos específicos. O objetivo dessa discussão é identificar concepções subjacentes à pontuação nesses dizeres institucionalizados. Finalmente, estabelecemos algumas reflexões sobre as implicações em adotar as concepções aqui elencadas no ensino da pontuação e defendemos nosso posicionamento a favor da perspectiva enunciativa no tratamento da pontuação em sala de aula.

2 As diferentes perspectivas linguísticas da pontuação

Na seção anterior, introduzimos a discussão sobre como a complexidade frequentemente associada ao funcionamento da pontuação é resultado de um conjunto de diversos fatores advindos do âmbito teórico e normativo que, por sua vez, também refletem no âmbito da prática escolar. Esses fatores, resultantes da estreita relação histórica entre o desenvolvimento da pontuação e da escrita na sociedade ocidental, contribuíram para a emergência de diversos dizeres dentro dos estudos linguísticos sobre o papel desempenhado pela pontuação. Desse modo, passamos a discutir alguns dos diferentes pontos de vista sobre o objeto pontuação que emergiram na área dos Estudos Linguísticos, buscando explicitar como eles a concebem e quais são as implicações, do ponto de vista teórico, em se adotar uma concepção ou outra. Reconhecemos e destacamos, nos estudos da linguagem, quatro diferentes perspectivas – *quatro versões sobre o fato* –, as quais permitem conceber a pontuação como: (i) recurso gráfico, (ii) recurso prosódico, (iii) mecanismo para fins de legibilidade e (iv) marca enunciativa.

De acordo com a perspectiva que assume a pontuação como *recurso gráfico*, a pontuação é concebida como um mecanismo gráfico responsável por estabelecer a coesão e a coerência “interna” de um texto escrito. De acordo com Dahlet (2002, p. 30-31), em leitura que faz do trabalho de Anis (1988), trabalho de referência nos estudos franceses desenvolvidos sob essa perspectiva, “os sinais de pontuação são sinais visíveis captados pelo olho; a escrita é antes de mais nada um espaço gráfico bidimensional e não pode ser confundido com o oral”. Ainda no que tange às considerações da autora, Dahlet (2002, p. 35) afirma que a pontuação “se manifesta num espaço gráfico” e, dentro desse espaço, uma de suas funcionalidades está relacionada estritamente à sintaxe, ao que nomeia de “a pontuação sintática”.

Sob um olhar analítico, a perspectiva que dá primazia ao aspecto gráfico no sistema de pontuação encontra amparo na sintaxe da língua para caracterizar o emprego dos sinais, ou seja, por meio de um conjunto de regras sintáticas, compreende-se que o papel da pontuação é o de organizar e segmentar graficamente partes de um texto, delimitando sentenças, períodos, orações e parágrafos num espaço em branco, seja em suporte de papel ou em suporte digital, como a tela de um computador ou outros itens eletrônicos. Nesse sentido, podemos inferir dessa perspectiva

uma concepção *lógico-gramatical* do funcionamento dos sinais de pontuação que organizam o espaço gráfico bidimensional. No interior desse modo de compreender a pontuação, pouca ênfase se dá à relação entre sinais de pontuação e possíveis efeitos de sentidos decorrentes de seus usos: seria suficiente se pautar no funcionamento sintático dos sinais, materializado em um conjunto de regras gramaticais, a fim de organizar e segmentar “logicamente” um texto em uma superfície em branco via emprego da pontuação. Tradicionalmente, essa concepção pode ser identificada em gramáticas normativas que estabelecem um conjunto de regras e normas para o uso da pontuação. Consideremos, por exemplo, um trecho da *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, de Bechara (1999), renomado gramático brasileiro, sobre a pontuação:

[...] esses sinais extra-alfabéticos [os sinais de pontuação], como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. (BECHARA, 1999, p. 604)

Comparativamente, notamos uma aproximação entre os dizeres de Dahlet (2002) e de Bechara (1999) no que diz respeito à concepção a partir da qual tratam a pontuação: em ambos os casos, enfatiza-se a *função sintática*. Mais do que isso, suas falas remontam ideias da tradição autonomista, segundo a qual a escrita é um meio estritamente gráfico, desprovido de qualquer relação com aspectos de fala. Quando analisamos os princípios da pontuação enquanto um recurso estritamente gráfico, dois aspectos merecem destaque de nossa perspectiva, conforme os exploramos a seguir.

Em primeiro lugar, no âmbito dessa concepção, é integralmente desconsiderada a possibilidade do novo e do singular na língua suscitado pelos usos atualizados por sujeitos em diferentes situações de produção escrita – situações essas cada vez mais múltiplas considerando a heterogeneidade de nossas atividades sociais. Assim, a sintaxe, que organizaria o espaço gráfico da escrita, embora seja uma faceta relevante da pontuação, estaria restrita a uma previsibilidade gramatical, ou seja, existiria *um* funcionamento sintático, quando, neste texto, propomos, de nossa parte, pensar que podem existir *funcionamentos possíveis*.

Em segundo lugar, considerar apenas o traço gráfico da pontuação apaga o caráter multidimensional dos sinais de pontuação (CHACON, 1998). Nossa questão a esse respeito é: teriam os sinais de pontuação propriedades advindas exclusivamente da sintaxe de uma língua? Em resposta a essa questão, concordamos com Chacon (1998) e reiteramos que “nenhum nível da linguagem pode requerer para si o fornecimento exclusivo de normas para o emprego da pontuação” (CHACON, 1998, p. 197), uma vez que a pontuação é um objeto linguístico de caráter multidimensional, isto é, se caracteriza por propriedades advindas de múltiplas dimensões linguísticas, nomeadamente, pelas dimensões fônica, sintática, textual e enunciativa (cf. CHACON, 1998). Como argumenta o autor, todas essas dimensões atuam *simultaneamente* no funcionamento da pontuação, motivo pelo qual atribuir à pontuação apenas o estatuto sintático é fragmentar esse objeto e, conseqüentemente, reduzir o(s) funcionamento(s) que a pontuação assume nos usos linguísticos.

Assumir o ponto de vista gráfico no que tange ao tratamento da pontuação é, nesse sentido, conceber a escrita como um espaço homogêneo por natureza, “puro”, sem qualquer relação com demais informações linguísticas, em particular, sem relação com a dimensão fônica, tendo em vista que qualquer relação com a oralidade é vista como indesejável ou, ainda, como uma interferência de um meio (falado) no outro (escrito). Dado que escrita e pontuação são aspectos indissociáveis na língua, essa ideia de escrita homogênea se estende, também, à pontuação, na medida em que a ela são atribuídas regras de base sintática, supostamente fixas, estáveis e invariantes, que regulamentam os usos dos sinais e padronizam, portanto, o texto escrito. No entanto, conforme já apresentamos, nos distanciamos desse olhar para defender que é ilusória a ideia de que existiria *uma* norma apenas para a pontuação, dado que as regras mudam ao longo do tempo (RODRIGUES, no prelo; RAULT, 2014; YANO, 2018) e variam entre si quando comparadas gramáticas normativas da língua portuguesa (SONCIN, 2014).

Noutra direção, encontram-se os trabalhos que assumem a pontuação como um *recurso prosódico*. O que esses trabalhos – a serem mencionados na sequência – compartilham em comum é a visão de que a escrita é constituída pela fala em alguma medida, isto é, de que existe uma relação inegável entre fala e escrita – relação esta que é amplamente negada no âmbito dos estudos de pontuação enquanto recurso gráfico, conforme apresentamos. No entanto, o ponto que distingue os estudos que assumem a natureza prosódica da pontuação reside na forma como

esses trabalhos compreendem a natureza de constituição da relação entre fala e escrita e, conseqüentemente, entre pontuação e prosódia.

No âmbito dos estudos que se vinculam à tradição fonocentrista – tendência citada anteriormente –, concebe-se o sistema de pontuação como um mecanismo da escrita responsável por representar traços e características da fala, como, por exemplo, as pausas breves e longas, a entoação, o ritmo, entre outros. Desse ponto de vista, a escrita consiste em um meio de representar aspectos da fala, ou seja, acredita-se que é possível transpor aspectos de natureza física e fisiológica para o material gráfico. Surge essa ideia quando se observa, na Antiguidade, a necessidade de registrar textos orais, tradicionalmente lidos em voz alta, em textos escritos, como forma de preservar historicamente e estender a demais gerações o acesso aos textos orais. Com o desenvolvimento da retórica na Grécia Antiga, os discursos eram realizados a um auditório por um orador, que, com extrema habilidade, fazia uso de artifícios sonoros, tais como pausas, aumento e diminuição de volume vocal, subidas e descidas de tons, alongamento de sílabas, entre outros recursos, de modo a garantir a adesão das ideias proferidas e capturar a atenção do auditório. Assim, os sinais de pontuação, que, inclusive, já eram correntes no Grego antes da Retórica, acabaram por incorporar também novas funções depois do surgimento e da disseminação das práticas oratórias, uma vez que contribuíam para organizar, no registro gráfico, o discurso que seria proferido oralmente. Portanto, pode-se considerar que, nesse processo, a pontuação passou a ser caracterizada também por certa tentativa de transpor elementos de uma base semiótica à outra (do meio sonoro ao meio gráfico), fato que culmina na ideia de pontuação com a função de sinalizar os aspectos físicos de que dispõe a fala para que o sucesso dos artifícios usados pelos oradores fosse mantido a cada novo discurso escrito. Se essa é uma constatação para o Grego, é preciso considerar, no entanto, que o mesmo não ocorria com o Latim Clássico, haja vista que, além de não dispor de sinais de pontuação, o latim, pelas suas próprias características linguísticas, utilizava estratégias distintas nos discursos oratórios – como é o caso do uso de cláusulas métricas – fato que impôs mais dificuldade de transpor para a escrita características do discurso oral.⁸

⁸ O leitor interessado pode encontrar detalhamento sobre aspectos de pronúncia no Latim Clássico e no Grego, conferindo as obras *The pronunciation of Greek and Latin*, de Sturtevant (1940), e *Vox Latina: a guide to the pronunciation of classical Latin*, de Allen (1989).

Em outra vertente, que também assume a prosódia enquanto aspecto importante da pontuação, a relação entre fala e escrita é compreendida de outro modo, diferente do que preveem os estudiosos da tradição fonocentrista: não se parte da ideia de transposição direta de aspectos da fala na escrita, como se esta fosse o retrato daquela. Consequentemente, o modo de compreender a pontuação também se altera. Nessa vertente, parte-se do pressuposto de que características prosódicas de uma língua podem constituir – e não transpor ou espelhar – o modo de empregar os sinais de pontuação em um texto. Trabalhos como os de Chafe (1987) e de Schreiber (1987) são representativos dessa vertente. Por métodos diferentes, eles mostram que, embora os sinais de pontuação sejam recursos que evidenciam aspectos sonoros advindos da fala, eles não são elementos suficientes para registrar as oscilações prosódicas que existem no enunciado falado, uma vez que a relação não é de fidelidade: pode haver unidades maiores marcadas pela pontuação que não correspondem a unidades sonoras quando as mesmas são lidas, por exemplo.

Por um lado, se considerarmos a literatura sobre pontuação no Brasil, autores como Cagliari (1989) e Pacheco (2006) defendem que “os sinais de pontuação são marcadores prosódicos na escrita, que permitem ao leitor resgatar, no texto escrito, nuanças da fala” (PACHECO, 2006, p. 210). Pelo fato de os autores creditarem à pontuação a propriedade de recuperar “nuanças da fala”, infere-se que a relação entre fala e escrita é afetada pelo imaginário de que é possível resgatar, a partir dos sinais, características da fala, o que evidencia um modo de compreender a relação entre fala e escrita, pautada, mais uma vez, na ideia de transferência de mecanismos de um meio para o outro, como se houvesse uma transposição do meio sonoro para o meio gráfico.

Por outro lado, trabalhos no país como Soncin (2014), Soncin e Tenani (2015, 2017) e Carvalho (2019), que investigaram especificamente a atuação do emprego de vírgulas em textos escolares, e de Esvael e de Paula (2014), que analisam vírgulas em textos de alunos de cursos de Letras, é possível identificar ainda outra vertente que concebe a pontuação como um recurso da escrita capaz de representar simbolicamente processos que ocorrem na oralidade. Não seria, portanto, uma representação do meio sonoro, físico, em si, mas do que ele pode representar nos usos sociais da língua a partir de um funcionamento linguístico. A suspensão de um tom seguida de uma pausa pode, por exemplo, indicar a ênfase à informação subsequente, enquanto quedas

de contornos entoacionais coincidentes com o fim de unidades maiores, como uma sentença, representaria o fim de uma sentença afirmativa numa conversação face a face. Respectivamente, uma vírgula poderia ser marca simbólica do primeiro processo, enquanto um ponto poderia ser marca do segundo. Assim, os sinais de pontuação seriam marcas de fenômenos prosódicos que não tem um fim em si mesmo, mas que constituem o processo das relações de sentido dos enunciados, uma vez que simbolicamente representam o efeito de aspectos prosódicos comuns a qualquer enunciado linguístico. Considerando esse escopo analítico, cabe destacar a proposta teórica de Soncin (2014), de não conceber a prosódia como um fato de fala, mas como *fato de língua*, independente se os seus usos se dão no modo de enunciação falado ou escrito. Assim, segundo essa proposta, o fato de os sinais de pontuação atuarem como recurso prosódico não se restringiria à ideia de que eles recuperam nuances da fala, mas indicam, em si, a organização prosódica da língua que subjaz também à escrita, não sendo, portanto, exclusividade da fala.

A terceira perspectiva linguística sobre a pontuação que aqui apresentamos consiste em concebê-la como *mecanismo de legibilidade*. Em função do surgimento da imprensa Francesa no século XV, marco decisivo para a história da pontuação haja vista a mudança no modo de circulação dos textos escritos para atingir as massas populacionais, ganha força o entendimento de que a pontuação atua em função da *legibilidade* de um texto escrito, ou seja, os sinais de pontuação são utilizados a fim de tornar os textos escritos mais legíveis, isto é, “claros” e de “fácil leitura”. Por textos de “fácil e clara leitura” compreende-se o uso “adequado” da pontuação a fim de evitar ambiguidades semânticas e, mais especificamente, a fim de guiar o leitor em direção à leitura que se espera do texto, tendo em vista a padronização dos textos buscada pelos tipógrafos. Vale destacar que é nesse período de surgimento da Imprensa que os gramáticos passam a prescrever regras de pontuação aos escritores e tipógrafos a fim de padronizar a escrita e tornar a pontuação mais lógico-gramatical. Nessa perspectiva, “as marcas de pontuação fornecem instruções de decodificação, ao mesmo tempo em que bloqueiam, ou pelo menos restringem, os riscos de ambiguidades semânticas.” (DAHLET, 1995, p. 339). Vemos, portanto, que, de acordo com essa perspectiva, os sinais de pontuação assumem a função de *codificadores* de informações linguísticas: os escritores os utilizam como códigos que permitiriam assegurar o sentido de um enunciado escrito, evitando ambiguidades e

leituras diferentes do previsto. Assim, ao se considerar a existência de um sentido pré-estabelecido, o papel do interlocutor fica restrito ao de decodificar informações já definidas pelo escritor e, para tanto, deve guiar-se pelos usos dos sinais de pontuação de um texto a fim de alcançar a leitura esperada. Daí, a importância de o leitor *dominar* o sistema de pontuação – entendido como *código* partilhado com o escritor.

Essa concepção circula fortemente em vários espaços sociais, entre eles, no contexto da comunicação social realizada pelos grandes veículos de comunicação. Um exemplo que ilustra essa perspectiva é a famosa propaganda publicitária da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) veiculada em 2008 em formato impresso e audiovisual em comemoração aos 100 anos da instituição. Na propaganda, apresentam-se pares de frases que se diferenciam exclusivamente pelo uso da vírgula, ocasionando diferenças na interpretação semântica das frases, como em “Esse, juiz, é corrupto” *versus* “Esse juiz é corrupto”. O objetivo da propaganda é o de ilustrar como a vírgula poderia desambiguar o sentido de sentenças a fim de demonstrar como um uso “descuidado” do escritor poderia ocasionar interpretações muito diferentes e gerar problemas de interpretação. Essa visão, que tem subjacente a ideia de que a pontuação atua como mecanismo para tornar um texto legível, é reforçada pela frase que encerra a propaganda, de grande efeito: “Uma vírgula muda tudo. ABI, 100 anos lutando para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação.”⁹

Analicamente, questionamos os conceitos de *sentido*, *texto* e *sujeito* suscitados pela perspectiva da legibilidade acerca da pontuação. Em relação às noções de sentido e de texto, nas palavras de Dahlet (1995, p. 339), assumir tal perspectiva implica em veicular a ideia de que o texto teria um sentido “unívoco, transparente e infalível, desde que se possua um ‘bom conhecimento prático’ do sistema de pontuação.” Nesse sentido, o chamado “bom” uso da pontuação resultaria na produção de um texto que seria, teoricamente, suficiente por si só, ou seja, todas as informações estariam contidas nele próprio, em sua interioridade. O primeiro problema que detectamos em se considerar a pontuação como um mecanismo de legibilidade recai sobre a ideia de univocidade e de transparência dos sentidos de um texto: há a ilusão de que haveria *um*

⁹ Pode-se acessar a propaganda pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=FJyiA_V5VfA.

sentido que seria próprio ao texto e de que esse sentido poderia ser controlado pelo uso “adequado” da pontuação. Sabemos, ao contrário, consideradas as grandes contribuições trazidas pelos estudos do texto e do discurso, que um texto pode suscitar vários sentidos e que os sentidos – que são opacos, e não transparentes – não estão no texto em si, mas são construídos pelos sujeitos em um processo de significação que se define não apenas na interioridade do texto, mas, sobretudo, pela relação que se estabelece com a exterioridade (isto é, suas condições de produção). Outro problema decorre da assunção de que é possível ter “domínio” sobre as normas de pontuação: diante da variabilidade das regras visualizada em gramáticas, como ter controle sobre elas, dado que não existe *uma* norma, mas normas *plurais*?

Ainda no que diz respeito à perspectiva que conferiria a função de legibilidade à pontuação, no que tange às noções de sujeito escritor e de sujeito leitor, observamos que lhes são atribuídas, respectivamente, as funções de codificador e decodificador do sentido (pré-estabelecido) de um texto. São conferidas tanto ao sujeito leitor, quanto ao sujeito escritor características cognitivas, mentais, como se ambos, a partir do conhecimento “adequado” da pontuação, pudessem codificar seu pensamento – no caso do escritor – e decodificar o pensamento do outro – no caso do leitor. No entanto, fazemos a ressalva de que autor e leitor não são peças acessórias na produção de sentidos, ou seja, não estão à margem da produção de sentidos como tal perspectiva parece pressupor: ao contrário, são peças fundamentais nesse processo na medida em que são eles que constroem ativamente as possibilidades de significação de um texto. Observada de tal modo, entendemos que tal perspectiva dá ênfase à arquitetura interior de um texto, isto é, à sua interioridade, à materialidade linguística que o manifesta, e apaga o fato de que a textualidade é construída na relação simultânea entre interioridade e exterioridade (CÔRREA, 2013). Desconsiderar os sujeitos na produção dos sentidos é, portanto, desconsiderar os fatores exteriores que compõem igualmente a textualidade.¹⁰

¹⁰ É relevante destacar que a noção de “sujeito”, nem sequer mencionada no âmbito dos trabalhos que tratam a pontuação como recurso gráfico e prosódico, começa a ganhar contornos mais amplos na perspectiva que trata a pontuação como mecanismo de legibilidade. Porém, essa noção de um sujeito que tem total controle sobre a linguagem e seus efeitos de sentido, conforme discutimos, é uma visão bastante reducionista.

Chegamos, por fim, à discussão da última perspectiva linguística sobre pontuação, dentre as que tratamos neste texto: aquela que compreende a pontuação como *marca enunciativa*. Segundo essa perspectiva, pontuar é um ato enunciativo na medida em que produz efeitos de sentido na relação que se dá entre os participantes de toda e qualquer interação pela linguagem – *pessoa, tempo e espaço* (cf. BENVENISTE, 1980), inclusive via escrita. Conforme defende Dahlet (1995):

A pontuação, na realidade, não pode ser encarada corretamente se não for colocada numa perspectiva discursiva: assim como construir o sentido constitui uma operação enunciativa, o ato de pontuar, por participar também ele da construção do sentido, é inerente ao ato de enunciar. (DAHLET, 1995, p. 339)

Observemos que ao trazer à discussão uma visão enunciativa da pontuação, abre-se espaço para a discussão de questões de língua, escrita, texto e sentido de forma mais ampla em relação às demais perspectivas. Inicialmente, afirmar que a escrita configura um modo de enunciação é considerar a emergência do sujeito no processo de significação que se mostra na superfície de um texto, em outros termos, é considerar que o sujeito escrevente age *com e sobre* a escrita e, assim, faz usos atualizados de sua língua.

Se consideramos a enunciação pelo eixo da dialogia, segundo a visão bakhtiniana, a saber, “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor [...]” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1986, p. 113), podemos dizer que a enunciação envolve necessariamente a *interação* entre um *eu* e um *outro*, seja este outro real ou fictício. Tal perspectiva implica em considerar que, em nosso ato de enunciação escrita, escrevemos para *alguém* em um determinado *contexto sócio-histórico*, para produzirmos determinados *sentidos* ao nosso *interlocutor* em potencial, isto é, ao nosso *interlocutor* imaginário. Sendo assim, entendemos que a escrita é um espaço de enunciação na medida em que configura um lugar de (i) construção dos sentidos, (ii) de atuação dos sujeitos na linguagem, (iii) de interação entre o “eu” e o “outro” e, ainda, (iv) de apropriação da língua por um sujeito num determinado contexto sócio-histórico (e, por isso, atualizado!). Vejamos que essa noção de

escrita, não restrita ao conceito de código, abre possibilidades de nos atentarmos ao aspecto processual da escrita (cf. a respeito: Corrêa, 2013), isto é, aos possíveis efeitos de sentido que se constrói na relação eu/outro, entre escrevente e leitor no processo mesmo de emergência linguística.

Nessa conjuntura teórica, sendo a pontuação um aspecto que se manifesta via escrita, podemos considerá-la também enquanto marca enunciativa, pois, como argumenta Chacon (1998), “o próprio fato de se pontuar já é a marca mais flagrante da presença do interlocutor na produção textual: pontua-se para alguém, pontua-se com a expectativa de leitura, com a expectativa de se fazer entender.” (CHACON, 1998, p. 126) ou, nas palavras de Esvael e Paula (2014), “a função enunciativa da pontuação indicia o sujeito e, ao mesmo tempo, indicia o leitor, já que se pontua para se fazer entender” (ESVAEL; PAULA, 2014, p. 45). No processo de buscar se “*fazer entender*”, o papel do outro – do interlocutor/leitor – se marca na tomada de posição em relação ao dito pelo eu – o locutor/escrevente – uma vez que é o interlocutor/leitor quem “*completa*” o processo dialógico, abrindo possibilidades para novas réplicas. Assim, os sentidos projetados pelo locutor/escrevente podem ser reiterados pela posição do interlocutor/leitor, mas também podem ser questionados, contrariados, renovados, etc., e todas essas possibilidades fazem parte do processo interativo e dialógico. Nesse jogo, o que vale considerar é que uma parte do sentido é sempre imensurável...porque cabe ao outro (cf. CORRÊA, 2013).

É por este motivo que existem trabalhos que defendem a ideia de que, por meio da pontuação, vemos a “ação do sujeito sobre a linguagem”, os quais propõem a consideração do “outro” e não apenas do “eu”. É esse também o nosso posicionamento teórico neste artigo. Trata-se, portanto, de se considerar que, se por um lado, os sinais de pontuação atuam na escrita como marcas enunciativas que buscam o *fazer-se entender pelo outro, projetado pelo eu*; por outro lado, o *outro* pode projetar (novos) sentidos ao guiar-se pelas mesmas marcas. Assim, olhar para a pontuação a partir dessa perspectiva permite que: (i) ao contrário de se conceber a escrita como um produto acabado, pode-se concebê-la em seu aspecto processual, considerando a relação entre a posição do *eu* e a posição do *outro*; (ii) ao invés de concebermos o uso da pontuação a partir de uma perspectiva do erro e do acerto, podemos concebê-lo a partir de uma visão enunciativa que nos permite captar, no funcionamento desses sinais, a ação do sujeito na linguagem.

Desse modo, a perspectiva enunciativa apresenta como grande contribuição para os estudos de pontuação a inserção do sujeito enquanto peça fundamental na produção dos sentidos de um texto. Para tanto, diferentemente de outras perspectivas, considera-se a atuação dos sinais de pontuação não apenas na interioridade linguística do texto, mas também alcança o que se poderia chamar de “exterior” do texto, isto é, seus aspectos social e histórico e os participantes da interação (cf. ESVAEL; PAULA, 2014). Se ignoramos o exterior, ignoramos o sujeito, constituído histórica e socialmente, e sua participação ativa na produção e construção dos sentidos.

No âmbito da abordagem enunciativa da pontuação, um conjunto de trabalhos (ARAÚJO-CHIUCHI, 2012; CARVALHO, 2019; SONCIN, 2013, 2014; SONCIN; TENANI, 2015, 2017) desenvolve análises a partir da assunção de que a escrita é em si um modo de enunciação. Esses trabalhos ancoram-se na proposta teórica de Corrêa (2004) sobre o modo heterogêneo de constituição da escrita. Problematizando visões sobre a escrita, o autor amplia o modo de concebê-la para o campo enunciativo e a desliga de um olhar que a restringe a noções de código, sistema de representação da fala e fato linguístico desconectado de qualquer prática social.

Em sua perspectiva, Córrea (2004) defende um modo de se conceber a relação fala/escrita como constitutiva de qualquer produção linguística, seja ela escrita ou falada. Assim, fala e escrita não seriam polos dicotômicos nem mesmo seriam vistos apenas como modalidades de língua. Para o autor, fala e escrita são modos de enunciação que se constituem heterogeneamente porque a própria constituição social e linguística do sujeito é heterogênea; desse modo, qualquer produção linguística desse sujeito será marcada pelo seu trânsito por práticas sociais letradas de uso da escrita e práticas sociais orais de uso da fala. Consequentemente, ao centrar sua análise na produção escrita, o autor conclui e defende que toda produção escrita produzida por um sujeito heterogêneo imerso em um mundo de linguagem será heterogeneamente constituída e, portanto, apresentará marcas de sua história na linguagem, ou seja, de seu contato social pelo mundo escrito e falado. Em outros termos, considerando-se que os sujeitos circulam simultaneamente por práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas, não seria possível dizer que a presença de características da fala na escrita ou vice-versa são interferências, transposições: trata-se, ao invés disso, de uma relação

de constituição, uma vez que não é possível separar totalmente fala de escrita, pois o sujeito (heterogêneo) que produz uma ou outra é o mesmo.

Vê-se, portanto, que diferentes perspectivas condicionam diferentes olhares para o mesmo objeto. Ao longo dessa seção, procuramos demonstrar como distintas perspectivas dialogam entre si, no sentido dialético do termo, num cenário de mudanças históricas e de (re)interpretação da atuação dos sinais de pontuação na escrita, haja vista a complexidade do objeto. À luz dessas quatro versões sobre o fato investigado, procedemos, na próxima seção, à análise de como, institucionalmente, dizeres são reportados e replicados sobre a pontuação, apontando as imagens que se constroem sobre esse sistema em diferentes espaços sociais de circulação.

3 Dizeres sobre a pontuação: discursividades sobre um objeto

Nos dedicamos, nesta seção, a analisar, com base nas questões teóricas exploradas anteriormente, concepções sobre pontuação subjacentes a um conjunto de materiais com características distintas entre si. Foram utilizados dois critérios para a seleção do material de análise: 1) a finalidade do material e 2) seu espaço de circulação. No que diz respeito a 1, os materiais contemplados deveriam tratar sobre a pontuação, porém, com o propósito de atender a diferentes finalidades: seja para consulta, seja para suporte ao ensino e à aprendizagem de língua portuguesa, seja para informar didaticamente sobre os sinais de pontuação. A escolha em selecionar materiais com diferentes finalidades consiste em uma tentativa de contemplar materiais que são elaborados para públicos distintos, dentre os quais: professores de língua portuguesa, alunos da educação básica, candidatos ao vestibular ou, ainda, revisores e editores de textos jornalísticos. Em relação ao item 2, além de apresentarem distintas finalidades, os materiais foram extraídos de espaços sociais diferentes: em sites de instâncias governamentais, em ambientes escolares, no campo editorial de jornais e livros e em plataformas e/ou redes sociais da internet. A amostra analisada, portanto, compreende a variabilidade indicada nos pontos 1 e 2.

De acordo com as diferentes finalidades que esses materiais assumem e as distintas esferas sociais nas quais atuam, agrupamo-los em três grupos, que podem ser assim definidos: Grupo 1 – conjunto de documentos oficiais que estabelecem diretrizes para o ensino de Língua

Portuguesa no Brasil, tanto para o Ensino Fundamental, quanto para o Ensino Médio; Grupo 2 – conjunto de materiais didáticos e manuais de redação de Língua Portuguesa produzidos no país; Grupo 3 – conjunto de matérias sobre pontuação veiculadas na internet e em plataformas digitais. Para a seleção dos materiais que compõem cada grupo (cf. QUADRO 1), especialmente os grupos 2 e 3, não foram adotados critérios específicos; tendo sido, assim, eleitos por conveniência ao apresentarem definições, problematizações e orientações de uso da pontuação que pudessem servir para os fins da análise proposta. Os materiais que compõem a amostra analisada estão sistematizados no Quadro 1:

QUADRO 1 – Materiais selecionados para análise das concepções sobre pontuação

Grupo 1	1) Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Fundamental I (BRASIL, 1997); 2) Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Fundamental II (BRASIL, 1998); 3) Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018)
Grupo 2	1) Livro didático “Português: Linguagens 3” (CEREJA; MAGALHÃES, 2010) 2) Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo (MARTINS, 1997)
Grupo 3	1) Matéria sobre o uso da vírgula no “Blog do Geledés” (GAZOLA, 2015) 2) Matéria sobre uso da vírgula disponível no site “Guia do Estudante” (RODRIGUES, 2017)

Fonte: elaboração própria.

Iniciamos a análise pelos materiais pertencentes ao Grupo 1, que compreendem diretrizes oficiais para o ensino de Língua Portuguesa desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, elaborado para o *Ensino Fundamental I* (BRASIL, 1997) – doravante EFI –, os sinais de pontuação são um dos mecanismos responsáveis por construir a *textualidade* de um texto escrito (p. 58). Por “textualidade”, entende-se a organização gráfico-visual entre as unidades linguísticas dentro de um texto. Com base nessa noção de “textualidade”, assume-se que os sinais de pontuação contribuem para a *organização textual* porque têm função exclusiva

de segmentar o texto a fim de dividi-lo em unidades menores, como parágrafos, orações, períodos e frases (p. 74).

Considerando-se essas constatações iniciais, podemos depreender que esse documento dialoga, em certa medida, com a concepção de pontuação enquanto *recurso gráfico*, porque assume que esse sistema é responsável por estabelecer a coesão entre as unidades de um texto, evitando problemas como a repetição de termos. A interpretação que fazemos é validada a partir do trecho a seguir: os sinais de pontuação são “recursos coesivos” que promovem a “substituição do uso excessivo de ‘e’, ‘daí’, ‘aí’, ‘então’, etc.” (p. 75). Como tal, a ideia de segmentação do texto via emprego dos sinais de pontuação é acompanhada pelo pressuposto de que existe um conjunto rígido de normas gramaticais que orienta o processo de organização textual. No entanto, o documento sob análise, não se limita a conceber a pontuação como recurso gráfico, mas dialoga com outras concepções sobre o tema. Consideremos o trecho a seguir:

a pontuação [...] organiza o texto para a leitura visual fragmentando-o em unidades separadas de tal forma que a leitura possa reencontrar, na articulação visual da página, as *conexões intelectuais ou discursivas do raciocínio*. Não se trata, portanto, de indicar *pausas para respirar*, pois, ainda que um locutor possa usar a pontuação para isso, não é essa sua função no texto escrito. A pontuação aparece sempre em posições que indicam *fronteiras sintático-semânticas*. Aliás, é principalmente para isso que ela serve: *para separar*. Aprender a pontuar é aprender a partir e a reagrupar o fluxo do texto de forma a *indicar ao leitor os sentidos propostos pelo autor*, obtendo assim efeitos estilísticos. (BRASIL, 1997, p. 59, grifo nosso)

Além de reforçar sua filiação à concepção de pontuação como recurso gráfico – porque o documento assume que ela fragmenta unidades sintáticas do texto – o excerto extraído dos Parâmetros Curriculares Nacionais do EFI revela também sua filiação a uma concepção da pontuação como um *recurso de legibilidade*, pois afirma-se que seus usos refletem características cognitivas, como as “conexões intelectuais ou discursivas do raciocínio”. Pressupõe-se que todo escritor, ao utilizar “adequadamente” os sinais de pontuação, tem a garantia de que os sentidos do texto sejam lidos e compreendidos da forma como foram projetados – pressuposto assumido pela corrente teórica que compreende a pontuação como uma questão de legibilidade do texto,

conforme argumentamos anteriormente. A materialização do diálogo com as perspectivas de pontuação enquanto mecanismo gráfico e de legibilidade recai, sobretudo, na afirmação de que esses sinais são “sintático-semânticos” por excelência. Em contrapartida, há recusa explícita de associação com o discurso que considera o caráter prosódico da pontuação: o documento deixa clara a sua dissociação com a ideia de que os sinais de pontuação têm qualquer relação com aspectos prosódicos em geral, incluindo a famosa “pausa para respirar”.

Quando analisamos os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II* (BRASIL, 1998) – doravante EFII –, observamos que as mesmas concepções identificadas nas diretrizes de ensino de Língua Portuguesa para o EFI (BRASIL, 1997) se mantêm: há igualmente o diálogo com uma visão de pontuação enquanto mecanismo *gráfico* e enquanto recurso para fins de *legibilidade*. A partir da caracterização da pontuação como “marcas de segmentação” que organizam o projeto textual (p. 59) nos Parâmetros Curriculares do EFII, há evidências para concluir que a pontuação é concebida como *marca gráfica* por delimitar unidades sintáticas e, supostamente, “garantir” que a textualidade se estabeleça. Por sua vez, o diálogo com correntes teóricas que defendem o funcionamento da pontuação como tentativa de tornar o texto mais legível, se mostra nesse documento na afirmação de que “problemas de pontuação” devem ser solucionados a partir da “utilização da intuição sobre unidades linguísticas da língua” (p. 63). Essa última afirmação atravessa o plano da cognição ao propor que os alunos mobilizem aspectos intuitivos, isto é, ligados à ordem do plano mental, do pensamento, no reconhecimento de unidades da língua (períodos, sentenças, sintagmas) que constituem potenciais fronteiras de uso da pontuação. O diálogo com a noção de pontuação para fins de legibilidade, nesse documento, não fica tão explícito como nas diretrizes para o EFI, mas, ainda que em menor proporção, não se pode deixar de considerar que a visão de que a pontuação está a serviço da legibilidade do texto é estendida para o ensino de Língua Portuguesa no EFII. Portanto, em análise comparativa dos dois materiais analisados até o momento, podemos concluir que o ensino de pontuação, durante os dois ciclos do Ensino Fundamental, é orientada sob um ponto de vista *sintático*, predominantemente, e atrelado ao domínio *semântico*, eventualmente.

Quanto à *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) (BRASIL, 2018), documento recentemente homologado que estabelece diretrizes

para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, previsto para ser implantado nas práticas escolares em 2020, a perspectiva sobre pontuação, por um lado, se mantém a mesma daquela observada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do EFI e do EFII, mas, por outro lado, ganha novos contornos. A manutenção do discurso ancorado nas perspectivas de pontuação como recurso gráfico e como recurso de legibilidade se mostra quando o documento caracteriza a pontuação como um “elemento notacional da escrita” (p. 83) e como sendo capaz de provocar diferentes efeitos de sentido (p. 83). Enquanto a primeira caracterização dá margem para concluir que a pontuação é tratada sob a ótica da perspectiva gráfica por haver referência aos sinais de pontuação como um sistema “inerente” à escrita, a segunda retoma a visão de pontuação como recurso de legibilidade, visto que a função dos sinais, para esse documento, consiste em codificar os sentidos do texto.

Um fato interessante, no entanto, é que, enquanto os PCNs do EFI e do EFII refutam o vínculo entre pontuação e prosódia, a BNCC considera a pontuação como um *recurso prosódico* da escrita. Mais especificamente, o documento prevê que, quando realizada leitura em voz alta na sala de aula, os alunos sejam capazes de respeitar “o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais” (p. 161). Trata-se, portanto, de uma visão que compreende que os sinais de pontuação recuperam, facilmente, aspectos da prosódia, como pausas, contornos entoacionais, entre outros elementos, estabelecendo uma relação de aproximação entre fala e escrita. Neste ponto, verificamos descompasso entre as concepções subjacentes à pontuação com as quais todos os materiais do Grupo 1 dialogam. Enquanto os PCNs do EFI e EFII evitam qualquer aproximação entre prosódia e pontuação, esta relação é assumida e compreendida como inerente ao sistema de pontuação na BNCC.

Dando continuidade à discussão, passamos a analisar concepções sobre pontuação subjacentes aos materiais do Grupo 2, composto por obras didáticas e manuais de redação que têm a finalidade de orientar os usos dos sinais de pontuação. O primeiro material do grupo consiste no livro didático “*Português: Linguagens 3*”, elaborado por Cereja e Magalhães (2010) para alunos que estejam cursando o final do Ensino Médio. O livro dedica um de seus capítulos ao tratamento da pontuação e faz nele uma apresentação que compreende a caracterização de um grande conjunto de sinais de pontuação, com exemplos de uso, além de propor exercícios ao

final do capítulo. Detemo-nos a tratar, primeiramente, de como a noção de pontuação, de modo geral, é abordada pelos autores e, posteriormente, estendemos a discussão ao contemplarmos, dados os limites deste texto, como conceituam um dos sinais de pontuação, a saber, o ponto e vírgula. Para tanto, consideremos os trechos apresentados nas Figuras 1 e 2.

FIGURA 1 – Caracterização das funções da pontuação em Cereja e Magalhães (2010)



Você observou que um texto escrito adquire sentidos diferentes quando pontuado de formas diferentes. O uso da pontuação depende da intenção do locutor no discurso. Assim, os sinais de pontuação estão diretamente relacionados ao contexto, ao interlocutor e às intenções. Servem para marcar as pausas e as entonações e também para representar outros componentes específicos da língua falada, como os gestos e a expressão facial. Desse modo, facilitam a leitura e tornam o texto mais claro e preciso.

A **pontuação** marca na escrita as diferenças de entonação, contribuindo para tornar mais preciso o sentido que se quer dar ao texto.

Há alguns sinais de pontuação cujo emprego, atualmente, obedece a uma razoável disciplina, como o ponto e vírgula, o dois-pontos e o ponto de interrogação. Outros têm emprego mais livre, mais subjetivo, como o ponto de exclamação e as reticências.

Fonte: Cereja e Magalhães (2010, p. 207).

FIGURA 2 – Regras para uso do ponto e vírgula em Cereja e Magalhães (2010)

Ponto e vírgula

Emprega-se o ponto e vírgula:

- nas orações sindéticas adversativas e conclusivas, quando apresentarem a conjunção deslocada. Observe que, nesse caso, a conjunção vem entre vírgulas:

Os alunos pretendiam montar um pequeno laboratório de ciências; o dinheiro arrecadado, entretanto, não foi suficiente.

Você já recebeu dois convites; deve, portanto, comparecer à cerimônia.

- para separar orações, desde que a segunda contenha zeugma:

Vocês anseiam pela violência; nós, pela paz.

Fonte: Cereja e Magalhães (2010, p. 209).

Com base na Figura 1, encontramos subsídios para afirmar, a priori, que Cereja e Magalhães (2010) partem do pressuposto de que

os sinais de pontuação têm duas finalidades: (i) atuam como marcas que promovem a *legibilidade* de um texto e (ii) atuam como marcas *prosódicas*. Ao assumirem que a pontuação atribui “sentidos” ao texto e o torna mais “*claro e preciso*”, os autores se filiam a uma concepção teórica que atribui aos sinais de pontuação o papel de tornarem os sentidos de um texto transparentes ao leitor. Não obstante, os exercícios apresentados no capítulo, embora não contemplados nesta análise (cf. CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 214-216), solicitam que os alunos identifiquem possibilidades de mudança de sentido a partir das escolhas de determinados sinais de pontuação em detrimento de outros. Além de guiar-se, privilegiadamente, por essa concepção, observamos ainda que há menção a características prosódicas que os sinais de pontuação supostamente recuperariam, como *pausas* e *entoação* por exemplo. Aliás, parte-se do pressuposto de que é a capacidade da pontuação de retomar aspectos prosódicos da língua que contribui para a delimitação dos sentidos de um texto. Entrecruzam-se, portanto, a visão de pontuação como recurso de legibilidade e como recurso prosódico no material de Cereja e Magalhães (2010), sendo, do ponto de vista dos autores, a segunda função atribuída à pontuação (prosódica) condição fundamental para que se atinja a primeira função mencionada (tornar o texto legível).

À parte da seção introdutória, em que os autores definem, de seu ponto de vista, o funcionamento geral da pontuação, extraímos uma das passagens em que Cereja e Magalhães (2010) tratam do uso do ponto e vírgula – cf. Figura 2. O trecho da Figura 2 ilustra uma pequena parcela do tratamento dispensado pelos autores à explicação sobre o modo de utilização de cada um dos sinais de pontuação: são elencadas e enumeradas regras, de base *sintática*, que contribuem para a identificação de fronteiras de uso dos sinais de pontuação. Empregar o ponto e a vírgula, por exemplo, na visão dos autores, implica identificar fronteiras sintáticas específicas, como determinados tipos de orações sindéticas ou assindéticas. A conceitualização empreendida na apresentação da pontuação, na abertura do capítulo, conforme mostrado na Figura 1, conceitualização essa que dialoga com as noções de pontuação enquanto um recurso prosódico ou para fins de legibilidade, é silenciada no desenvolvimento do capítulo para dar espaço à vertente teórica que assume a pontuação como um *recurso gráfico* – haja vista a elaboração de regras sintáticas para uso dos sinais de pontuação. Há flutuação, desse modo, ao definir o funcionamento da pontuação em Cereja e Magalhães (2010): ora seu papel é apresentado de acordo com aspectos sintáticos,

ora com aspectos prosódicos, ora com os sentidos do texto, não ficando explícito como essas noções dialogam entre si.

Considerando de modo comparativo o tratamento dispensado à pontuação no livro didático de Cereja e Magalhães (2010) e no *Manual de redação e estilo do Estado de São Paulo*, organizado por Eduardo Martins (1997), enquanto aquele material sintetiza três diferentes concepções, este último material se orienta por premissas de uma concepção específica. Extraímos, do manual de redação, dois verbetes, respectivamente, sobre o uso do ponto e vírgula e da vírgula, conforme apresentados no Quadro 2. Diferentemente do livro didático analisado (CEREJA; MAGALHÃES, 2010), não há, no manual de redação, um capítulo destinado à discussão sobre pontuação, particularmente, porque, os manuais, em geral, consistem em um compêndio de notas para rápida consulta de normas sobre aspectos da linguagem. Não é a finalidade desse tipo de material, desse modo, orientar didaticamente seus leitores, mas servir como um suporte para a consulta de verbetes. Consideremos o que é dito nesse material sobre o uso “adequado” do ponto e vírgula e da vírgula, conforme disposto no Quadro 2.

QUADRO 2 – Uso do ponto e vírgula e da vírgula em Eduardo Martins (1997)

Ponto e vírgula	Vírgula
<p>É um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula. Seus principais usos jornalísticos:</p> <p>1) Separa partes de um período em que já existia vírgula;</p> <p>2) Separa orações iniciadas por conjunções ou advérbios que indiquem restrição ou conclusão quando se quer ressaltar o seu sentido;</p> <p>3) Separa os diferentes itens de documentos, leis, enumerações, portarias, regulamentos, decretos, etc.</p>	<p>Serve para separar palavras, símbolos, orações de função idêntica.</p> <p>Nunca separe por vírgula:</p> <p>a) o sujeito do verbo;</p> <p>b) o verbo do complemento.</p> <p>Outros usos da vírgula:</p> <p>1) para separar o vocativo;</p> <p>2) para isolar o aposto;</p> <p>3) para indicar a omissão de um verbo ou de um grupo de palavras;</p> <p>[...]</p>

Fonte: *Manual de redação e estilo* organizado e editado por Eduardo Martins (1997, p. 225-226; 308-309).

Por meio dos verbetes acima elencados, é possível depreender como editores e revisores de textos jornalísticos – público que se espera atingir com o manual – compreendem a função da pontuação: os sinais

devem ser inseridos nas fronteiras de estruturas sintáticas específicas para segmentar elementos gramaticais – como vocativos, apostos, orações e períodos – ou para indicar a ausência deles – como a omissão de verbos, por exemplo. Em relação ao uso da vírgula, especialmente, note-se que há ainda menção a um conjunto de fronteiras sintáticas que não devem, em hipótese alguma, ser segmentadas pelo uso do sinal de pontuação (entre o sujeito e o verbo ou o verbo e seus complementos). Nesse sentido, os manuais se aproximam de gramáticas normativas, que tem por objetivo padronizar o uso dos sinais de pontuação por meio de normas: tradição que, no que tange à pontuação, se estabeleceu com o surgimento da Imprensa, conforme procuramos mostrar na seção anterior. O Manual de redação do Estado de São Paulo se orienta exclusivamente pela ideia de pontuação enquanto um *recurso gráfico*, pois prevê que esses sinais não extrapolam o âmbito da dimensão sintática e, como tal, são inflexíveis e extremamente sistemáticos, além de lógico-gramaticais.

Finalmente, chegamos à discussão dos materiais do Grupo 3, composto por matérias sobre a pontuação que circulam no ambiente virtual. Ambos os materiais tratam sobre o emprego de vírgulas. A primeira matéria é originária de um blog, denominado de “Blog do Geledés” (GAZOLA, 2015). Em seção intitulada “Educação”, a matéria apresentada na Figura 3 foi publicada no referido blog; a mesma matéria foi compartilhada em redes sociais, como o Facebook.

FIGURA 3 – Matéria sobre emprego da vírgula do Blog do Geledés



Você deve lembrar da sua professora falando coisas como “a vírgula é usada para indicar pausa”, “prestem atenção em como vocês falam, quando tiver pausa, usem vírgula”. Isso é besteira, pois cada um de nós fala de um jeito diferente, usa pausas diferentes e, basicamente, decide como quer falar.

Pois bem, existem algumas regras para o uso da vírgula, e elas são baseadas na gramática. Deu medo, né? Calma, o meu objetivo aqui é mastigar a gramática pra que você não estrague seus dentes :-)

Fonte: Portal do Geledés (GAZOLA, 2015).

Ao intitular a matéria como “*Aprenda definitivamente a utilizar a vírgula com 4 regras simples*”, o autor deixa entrever a perspectiva que orienta seu dizer: a pontuação seria um sistema que se pode dominar por meio de regras e, no que diz respeito à vírgula, um pequeno conjunto delas seria suficiente para utilizá-la de forma satisfatória. Logo na sequência, ao fazer a introdução ao tema, como demonstra a Figura 3, a noção de que a regra é aspecto central para a pontuação se solidifica, na medida em que o autor marca seu distanciamento com a ideia de que a vírgula é “uma pausa para respirar”. Portanto, é notória a circulação do autor pela visão de pontuação enquanto recurso estritamente *gráfico*, totalmente dissociado de aspectos prosódicos da língua. Essa noção fica mais evidente a partir das quatro regras que o autor postula para o emprego adequado da vírgula, sendo elas: 1) separar elementos em uma listagem; 2) separar explicações que estão no meio da frase; 3) separar lugar, tempo ou modo no início da frase e 4) separar orações independentes. O papel da vírgula, então, é restrito à segmentação gráfico-visual de fronteiras no interior do texto escrito, com a finalidade de organizar e hierarquizar, sintaticamente, as partes do texto.

Por fim, passamos ao último material, incluído no Grupo 3. Trata-se de matéria sobre vírgulas disponibilizada pelo site *Guia do Estudante* em 2017, intitulada “*Dicas para usar a vírgula da forma correta*”. Essa plataforma virtual é destinada a candidatos aos vestibulares do país e, nesse sentido, sua finalidade reside em auxiliar esses candidatos a compreender tópicos sobre as diferentes disciplinas que são exigidas em questões de vestibulares. Na Figura 4, explicitamos um trecho da matéria em que os autores introduzem o tópico de discussão – uso de vírgulas – e demarcam seu posicionamento em relação ao tema.

FIGURA 4 – Normas para emprego da vírgula do Guia do Estudante

Guia do Estudante Coronavírus Assine o Curso ENEM

Dicas para usar a vírgula da forma correta

Tem gente que acha que a vírgula seria o sinal gráfico de uma pausa na fala - mas não é o caso! Saiba como usar

Por **Odhara Caroline Rodrigues**
 © 18 nov 2019, 16h36 - Publicado em 23 mar 2017, 16h37

f **t** **y** **e** **+**

Você sabe usar vírgulas? Esse tópico gramatical é frequentemente deixado de lado, ainda que seja essencial para uma redação coerente. Tem gente que acha que, para saber usá-las, basta prestarmos atenção na maneira como falamos – a vírgula seria o sinal gráfico de uma pausa na fala. Não é o caso.

"A vírgula é uma marca gramatical que indica um deslocamento sintático", esclarece Christiana Leal, professora de português e coordenadora do programa de Leitura, Interpretação e Produção Textual do colégio Mopi. "Uma frase que não está na ordem direta (com sujeito, verbo e complementos) precisa de uma marcação na escrita, com algum sinal gráfico, indicando que essa alteração de ordem foi feita".

Fonte: *Guia do Estudante* (RODRIGUES, 2017)

Assim como a matéria que apresentamos anteriormente, a matéria apresentada na Figura 4 igualmente marca sua recusa a uma tradição que associa vírgulas a pausas e, ainda, pauta seu modo de conceber a pontuação em critérios *sintáticos*, com a diferença de que a função da vírgula é explicada nesta matéria por meio da noção de deslocamento sintático. Nesse caso, é necessário chamar atenção para o fato de que embora a alteração de ordem de uma sentença seja condição sintática para o uso da vírgula, nem todos os usos de vírgula podem ser explicados por meio desse funcionamento. Desse modo, a matéria, além de restringir conceitualmente a vírgula à perspectiva gráfica, caracterizando seu uso à segmentação gráfica por meio de unidades sintáticas, faz ainda a circunscrição de sua função – dita sintática – à alteração de ordem na construção das sentenças. Vê-se, pois, que, mesmo quando se assume a mesma perspectiva para o tratamento da pontuação, no caso particular da vírgula, não se garante a concordância no que diz respeito à função a ela atribuída ou à orientação de seu emprego. É o que mostram ambas as matérias, as quais objetivam, em alguma medida, esclarecer como empregar a vírgula para um público que precisará escrever textos para fins de avaliação institucional, seja o vestibular ou a própria escola. Em ambas, embora a vírgula tenha sido tratada sob o viés gráfico, as explicações sintáticas para orientar a compreensão sobre o modo de empregá-las foram distintas: uma se destinou a elencar (algumas!) regras

de emprego de vírgula a exemplo do que fazem as gramáticas, enquanto a outra procurou explicar a motivação linguística para empregar a vírgula em um tipo específico de estrutura, parecendo fazer crer que essa explicação seria capaz de explicar os diferentes (e variáveis) contextos de uso da vírgula – o que, como sabemos, é uma avaliação equivocada.

Com a apresentação do que observamos para os diferentes grupos de materiais selecionados, esboçamos duas conclusões principais. Por um lado, notamos que diferentes concepções sobre a pontuação se mostram em diferentes materiais que circulam em diferentes espaços sociais de um mesmo tempo histórico. Por outro lado, no entanto, notamos que mais de uma concepção, geralmente, coocorre nesses materiais de modo tal que algumas delas parecem, muitas vezes, ser tomadas como correlatas, quando não o são, e, em casos mais complexos, são agrupadas e relacionadas sem o devido cuidado metodológico, fato que dificulta a compreensão do objeto “pontuação”, já que, sob olhar mais atento, tal coocorrência de concepções poderia levar à ideia de contradição no interior de uma mesma obra.

Feito esse percurso, a questão que nos falta discutir é: qual(is) a(s) implicação(ões) desse cenário conceitualmente diverso e instrucionalmente disperso para o ensino da pontuação? Apresentamos possíveis respostas a seguir.

4 Implicações dos dizeres institucionalizados para o ensino da pontuação

A análise das concepções de pontuação subjacentes a diferentes materiais, realizada na seção anterior, demonstra como, dentro de um mesmo grupo de materiais, elaborados com fins similares, não é nem consensual, nem razoável definir qual o papel desempenhado pelos sinais de pontuação. É indiscutível que os dizeres sobre pontuação materializados no corpus analisado, seja em materiais didáticos, manuais, guias ou documentos oficiais, independentemente do espaço social em que circulam, atendem, predominantemente, à regularidade de apresentar a sintaxe como ponto de partida para a compreensão e discussão da pontuação. Tais dizeres são interpelados por demais discursos frequentemente vinculados ao imaginário do que seja pontuar um texto, como as falas que associam pontuação também ao sentido e/ou à prosódia. Esses dizeres sobre pontuação ganham notoriedade dado que

são legitimados por instituições que detêm poder na sociedade, dentre as quais destacamos a instituição escolar, visto que é nesse contexto social em que o tema “pontuação” dispõe de maior visibilidade e é, nesse contexto, que, enquanto sujeitos da linguagem, entramos em contato com o universo da pontuação de maneira sistematizada quando somos inseridos no processo de alfabetização e, por continuidade, construímos conhecimento sobre a mesma ao longo do processo de escolarização formal.

Não é surpreendente identificar a ausência de consenso sobre a função da pontuação, pois, conforme temos argumentado desde o início deste texto, há uma complexidade atrelada aos sinais que é resultante da própria complexidade envolvida na constituição histórica da pontuação enquanto sistema junto ao desenvolvimento da escrita na sociedade. Ao contrário, haveria um estranhamento se, dada a complexidade do objeto, não houvesse distinções e pontos de vistas conflitantes no que tange à sua caracterização. Em função desse cenário, é inegável que a instabilidade resulta em implicações para o ensino da pontuação em contexto formal de aprendizagem. Se não há consenso, dever-se-ia haver debate acerca de qual parâmetro adotar no ensino da pontuação antes de tomar a sintaxe como eixo dominante. Mas, num contexto em que a sintaxe é ponto de partida para o ensino da pontuação, como lidar com a variabilidade nas regras de emprego dos sinais observável entre uma gramática e outra? Qual regra gramatical seria a mais adequada? Existiria alguma? Quais as implicações em assumir determinadas regras e não outras? Todas essas questões – e demais que poderiam ainda ser elencadas – constituem, sem dúvida, um desafio para o ensino de pontuação, principalmente, se considerarmos como exemplo a inconsistência no tratamento dispensado a ela entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio: de acordo com documentos os oficiais analisados, naquele contexto, a pontuação é tema a ser abordado com base em aspectos sintático-semânticos; neste, além do aspecto sintático-semântico, a prosódia é fator a ser considerado também, embora não seja desejável que se estabeleça essa relação entre prosódia e pontuação no Ensino Fundamental. Em resumo, em um ciclo, orienta-se de um modo, em outro ciclo, outra orientação é apresentada e, em certa medida, contradiz a orientação anterior.

Não é pretensão deste trabalho apresentar respostas às questões que acima elencamos ou propor uma solução para a problemática, mas vislumbramos estabelecer uma reflexão sobre o fenômeno investigado

em si, na tentativa de contribuir com a eventual elaboração de práticas escolares que possam contemplar a pontuação de forma mais abrangente e interessante, de nosso ponto de vista. O que encontramos, até o momento, são predominantemente orientações que procuram negligenciar a complexidade da pontuação, isto é, silenciar a sua instabilidade e limitar o seu funcionamento, como, por exemplo, é o caso da proposta de esclarecer o uso de um sinal complexo como a vírgula por meio de um conjunto de regras sintáticas estabelecidas em torno dela, conforme analisado nas matérias do Grupo 3. Essas regras pouco sentido parecem fazer para aqueles que as utilizam e tentam significá-las em suas práticas sociais cotidianas, justamente porque, de nossa perspectiva, elas não conseguem totalmente dar conta do fato e o reduzem, muitas vezes, a um funcionamento mecânico, pouco representativo das nuances simbólicas de domínios da linguagem que igualmente afetam a pontuação.

Dessa forma, defendemos que seria fortemente desejável uma mudança no modo de compreender e orientar o ensino da pontuação. Os desafios no ensino do tema surgem, de nossa perspectiva, porque *a própria natureza da pontuação não é aceita como ela se revela na língua*. É preciso compreender a complexidade envolvida na pontuação para saber como lidar com ela. Isso significa estar disposto a acolher que, enquanto fenômeno de língua, ela é instável, heterogênea, flexível e, como argumenta Chacon (1998), caracterizada por funcionamento multidimensional, atuando pelos âmbitos sintático, prosódico, textual, enunciativo-discursivo, entre outros. Tentar apagar essa complexidade resulta em reduzir seu funcionamento e fragmentá-lo, expondo apenas uma de suas facetas. A instabilidade e o caráter multifacetado, portanto, de nosso ponto de vista, deveriam ser compreendidos como traços constitutivos da pontuação, impossíveis de serem dela dissociados. À luz dessas ponderações, acreditamos ser mais produtivo e interessante aos escreventes que o ensino seja orientado tendo como ponto de partida as versões sobre o fato e a busca pela compreensão da natureza instável desse fenômeno linguístico para se chegar a uma visão mais ampla e real – menos ideal – sobre o fato em si, isto é, o próprio “sistema” de pontuação. Sobre essa questão, consideremos a fala de Corrêa (1994):

Diferentemente das letras, que remetem a um tipo de percepção espacial da cadeia sonora, os sinais de pontuação marcam na escrita o limite da possibilidade de segmentação. Ocupam uma zona de instabilidade entre a *possibilidade de divisão dos espaços de sentidos* (no nível sintático, entoacional ou rítmico) e a *impossibilidade de lhes atribuir limites precisos*. (CORRÊA, 1994, p. 53, grifo nosso)

Sob essa ótica, cabe compreender que negligenciar a complexidade da pontuação, atribuindo-lhe um conjunto de regras, minimiza, por vezes, as diferentes *possibilidades de segmentação de espaços de sentido* que a pontuação marca na escrita, motivo pelo qual, neste texto, delimitamos nosso posicionamento teórico a favor de práticas escolares que considerem a perspectiva enunciativa no tratamento dispensado aos sinais de pontuação (sobre essa perspectiva, ver Chacon (1998), Esvael (2005), Esvael e de Paula (2014)). Partir de uma perspectiva enunciativa da pontuação consiste em considerar que os sinais apresentam possibilidades na língua que extrapolam o limite da convenção gramatical, na medida em que dialogam com a interioridade e a exterioridade do texto, aspectos até então raramente considerados em materiais sobre o tema.¹¹

Dentro dessa perspectiva enunciativa, compreender a atuação da pontuação na relação entre interioridade e exterioridade de um texto não implica desconsiderar que, no plano da interioridade, existiria certa organização esperada no emprego dos sinais de acordo com certos padrões formais, ou seja, não se trata de trabalhar com a hipótese de que os usos possam ser aleatórios e, assim, contrários a recomendações gramaticais baseadas na sintaxe. Longe disso, implica crer que a organização que se mostra no interior do texto, marcada pela pontuação, dialoga com sentidos construídos na relação com o seu exterior, mas a questão que destacamos, com base em Corrêa (1994), é que os limites desses sentidos não são precisos e a pontuação é sensível a essa imprecisão.

¹¹ Vale aqui dar luz para o fato de que existem materiais didáticos que tentam, em alguma medida, trabalhar com possibilidades de sentido mobilizadas pela pontuação. Observamos, portanto, movimento que parece ir, em alguma medida, ao encontro da direção que estamos propondo. No entanto, o número dessas obras é pequeno, o que indica que tal movimento é ainda bastante tímido frente à tradição predominante de caracterizar a pontuação do ponto de vista da sintaxe.

Veja-se, portanto, que não estamos desconsiderando que a pontuação não deva atender a um padrão formal – que, como vimos, é traduzido em recomendações a serem seguidas por meio de um conjunto de regras de emprego de sinais. Mas, para além disso, o que sugerimos é que, por vezes, essa padronização não é suficiente para abarcar os usos da pontuação, principalmente, porque há usos que extrapolam o limite da convenção, visto que eles mantêm mais fortemente um vínculo com questões relacionadas à exterioridade do texto, difíceis de prever e controlar, tendo em vista o papel do outro na interação pela linguagem via escrita.

É, por exemplo, o caso dos chamados “erros” de pontuação de uma perspectiva tradicional. Esses usos, de uma perspectiva enunciativa, são marcas visíveis da conjugação entre interioridade e exterioridade de um texto, pois não atendem a uma convenção gramatical estabelecida, mas, como mostram os trabalhos de Soncin (2014) e Carvalho (2019), apresentam regularidades relacionadas a demais facetas da pontuação, como um funcionamento chamado prosódico-enunciativo por Soncin (2014), na medida em que, ao indiciar aspectos fônicos, certos usos chamam atenção para a significação possibilitada por esses aspectos na interação eu-outro. É, por exemplo, quando uma vírgula marca na escrita um contorno entoacional que caracteriza a ênfase dada a certa informação relevante para o sentido construído no texto. Em situações desse tipo, entende-se, sob essa perspectiva, que há um sujeito interagindo com a pontuação na tentativa de construir e produzir sentidos para seu interlocutor e, nessa tentativa, nem sempre as normas são suficientes para que esse sujeito possa construir sentidos em seu texto, mas outros aspectos que igualmente compõem a pontuação, como a dimensão prosódica, lhe asseguram certo modo de pontuar. Trata-se, portanto, de um processo enunciativo em que considerar apenas a normatização gramatical da pontuação não é suficiente, pois, neste processo, há um sujeito, que não deve ser apagado, visto que sua constituição histórica e a relação que ele estabelece com a linguagem são fatores extremamente importantes que refletem no modo como ele lida com o uso da pontuação em seu(s) texto(s), optando por determinados usos em detrimento de outros.

Com o propósito de organizar a discussão que empreendemos neste texto, finalizamos nossa reflexão apresentando abaixo um quadro-síntese na tentativa de explicitar as concepções de *língua, escrita, sujeito*

e *texto* que estão inerentes às diferentes perspectivas por nós tratadas, bem como de mostrar as exclusões feitas em cada uma delas para, por fim, fazer conclusões acerca das implicações para o ensino quando se adota essas perspectivas para orientar o trabalho em sala de aula.

QUADRO 3 – Síntese das concepções, exclusões e implicações para o ensino nas perspectivas abordadas

Pontuação como um recurso gráfico	Concepções de <i>língua, escrita, sujeito e texto</i> subjacentes
	Língua: sistema de signos regido por relações internas entre suas unidades, privilegiadamente no nível sintático.
	Escrita: código responsável por representar a língua no espaço gráfico, sem relações com aspectos fônicos.
	Sujeito: inexistente, tendo em vista a necessária prevalência do sistema.
	Texto: unidade gráfica em que se estabelecem significados a partir de relações internas ao sistema linguístico, o que permite entendê-lo como o espaço material de extensão da frase ou da combinação entre frases que resulta em um todo unitário.
	Exclusões
	Desconsideram-se fatores de ordem externa que atuam tanto nas relações entre os signos linguísticos quanto na construção textual. Desconsidera-se ainda a heterogeneidade constitutiva da escrita e a existência de um sujeito que, por sua constituição histórica e social, arriscaria a ideia de homogeneidade atribuída ao sistema.
	Implicações para o Ensino
	Promove-se a manutenção de um ideal de língua e de escrita, ambos homogêneos e desconstituídos de qualquer variação e idiossincrasias, para o atendimento de um padrão normatizado. Como consequência, distancia-se o sujeito escrevente da produção textual proposta em contexto escolar, já que não há espaço para a realidade heterogênea que o constitui como sujeito da linguagem, tendo em vista a ênfase em uma produção textual idealizada. Nesse contexto, as funções atribuídas à pontuação fora do escopo da sintaxe são rejeitadas, como é o caso de aspectos prosódicos e quaisquer outros que remetam a aspectos fônicos da língua, uma vez que são vistos como interferências indesejadas na escrita, já que essa pertence ao mundo gráfico. Aos olhos do escrevente, que é sensível à heterogeneidade da língua, emerge o questionamento sobre o motivo da recusa ao plano fônico e certa incompreensão sobre o que seja, então, pontuar.

Pontuação como um recurso prosódico¹²	Concepções de <i>língua, escrita, sujeito e texto</i> subjacentes
	<p>Língua: sistema de signos dotado de relações internas, assim como na perspectiva anterior, com a diferença de que se considera a atuação do plano prosódico, tendo em vista que a língua se materializa em matéria fônica na fala de seus usuários.</p> <p>Escrita: código que tem por objetivo representar a fala; para tanto, é dotado de recursos que procuram atender o mais satisfatoriamente possível os traços próprios da fala responsáveis pela formação dos enunciados linguísticos.</p> <p>Sujeito: aquele que coloca a língua em uso por meio de sua fala individualizada.</p> <p>Texto: Unidade de língua em uso caracterizada, por um lado, pelas relações internas ao sistema linguístico, e, por outro, pela recuperação de aspectos prosódicos que contribuem para a significação buscada pelo locutor devido a expressividade por eles manifestada.</p>
	Exclusões
	<p>Desconsidera-se, em primeiro lugar, que a pontuação é constituída por outras dimensões da linguagem, não sendo a prosódica aquela que pode requerer para si isoladamente a organização da pontuação.</p> <p>Desconsidera-se também que a prosódia não tem um fim em si mesmo, mas está em interface com outros aspectos linguísticos e que, com eles, atua para organizar os enunciados linguísticos e, conseqüentemente, permitir a manifestação de sentidos em situações de uso reais de interação pela linguagem.</p>
	Implicações para o Ensino
<p>Promove-se a crença de que a escrita pode ser considerada como espelho da fala ou, em posição menos categórica, como sua tradução (e, assim, com algumas diferenças). Nesse âmbito, os sinais de pontuação cumpriam a função de ser na escrita o que é a prosódia na fala, como se fossem correlatos, segundo a primeira crença, ou de suprimir a “deficiência” da escrita de não dispor completamente de recursos da fala, de acordo com a segunda crença. De um modo ou de outro, a relação direta que se estabelece entre fala e escrita tomam esses fatos de língua de maneira parcial com vista ao seu aspecto puramente formal, sem considerar o modo como ambos se constituíram historicamente e como eles significam no interior de práticas sociais.</p>	

¹² Referimo-nos, particularmente, aos estudos fonocentristas que consideram a pontuação como forma de transpor para a escrita características da fala.

Pontuação como um recurso de legibilidade	Concepções de <i>língua, escrita, sujeito e texto</i> subjacentes
	Língua: sistema para fins comunicativos que se deve dominar a fim de se ter controle sobre o sentido pretendido por quem escreve.
	Escrita: código que, igualmente, se pode dominar para assegurar a clareza do sentido pretendido. Desse modo, a escrita tem a função de tornar legível, ou seja, de codificar com sucesso o sentido que seria produzido fora dela.
	Sujeito: idealmente, é aquele que tem controle sobre os fatos de língua para fins comunicativos bem sucedidos.
	Texto: unidade dotada de aspectos linguísticos que abriga o sentido; dotada, portanto, de um funcionamento interno que torna claro e apreensível determinado sentido conforme a pretensão do escrevente.
	Exclusões
	Desconsidera-se a equivocidade da língua e as possibilidades de significação, tendo em vista o que a relação com o(s) outro(s) pode suscitar em termos de sentido. Desconsidera-se que o escrevente não é a origem de seu próprio dizer e, portanto, não poderia controlá-lo totalmente, nem mesmo garantir sua clareza, uma vez que parte do sentido de um texto depende da relação com o outro, ou seja, com aquele que o lê; por consequência, desconsidera-se que o texto é constituído de uma exterioridade que dialoga <i>com</i> e condiciona o que se mostra em seu interior.
	Implicações para o Ensino
	Promove-se a ideia de que, por meio do domínio de regras gramaticais e padrões pré-estabelecidos, garante-se o sucesso da comunicação escrita. Nesse ideal, o papel dos sinais de pontuação seria um dos mecanismos a serem dominados para garantir a clareza de um texto. Como consequência, entende-se o sucesso da produção escolar associada a padrões que se definem previamente, dando ao escrevente a falsa ideia de controle dos sentidos.

Pontuação como um recurso enunciativo	Concepções de <i>língua, escrita, sujeito e texto</i> subjacentes
	Língua: fato de linguagem afetado pela presença do sujeito e, conseqüentemente, pelo caráter social e histórico que o constitui. Desse modo, considera-se a língua como espaço de manifestação do sujeito, do “eu”, que, ao usar a língua, se insere nela e significa por meio daquilo que o constitui, o que necessariamente inclui a presença do outro.
	Escrita: modo de enunciação, ou seja, um dos meios pelos quais o sujeito da linguagem produz sentidos pela relação que estabelece com o(s) outro(s), sempre no interior de práticas sociais e históricas.
	Sujeito: social e histórico e, portanto, heterogêneo, de modo tal que sua produção linguística é igualmente heterogênea e multifacetada, já que ele não existe senão pela relação com a linguagem.
	Texto: espaço de produção de sentido que, embora materialmente limitado, é aberto a diferentes possibilidades de sentido, tendo em vista o papel do leitor na significação; é unidade que se tece por meio de amarras entre as partes que lhe compõem internamente, mas que apontam para seu exterior.
	Exclusões
	Exclui-se o ideal homogêneo, sistematizado e supostamente transparente da língua e, por consequência da escrita, para encarar a realidade heterogênea característica de qualquer produção de linguagem.
Implicações para o Ensino	
Promove-se a pluralidade de significações e formas linguísticas chamando atenção para o fato de que essas estão condicionadas a quem as produz e para quem as produz, bem como a condições sociais e históricas nas quais são produzidas e interpretadas. Desse modo, aspectos que a pontuação pode marcar na escrita, tais como os de ordem prosódica, não são vistos como problemáticos e/ou como interferências indesejadas na escrita, mas como resultantes da heterogeneidade constitutiva da língua e, por consequência, da escrita, que deixa entrever o caráter multidimensional da pontuação e como ele permite construir significações nos textos.	

Fonte: elaboração própria.

5 Considerações Finais

Com o percurso que ora termina, procuramos apresentar diferentes perspectivas linguísticas para o tratamento da pontuação de modo a, por um lado, dar luz à complexidade envolvida na pontuação tanto no que diz respeito às diferentes dimensões linguísticas que ela mobiliza, quanto no que diz respeito à sua constituição enquanto objeto

de estudo. Por outro lado, nosso exercício analítico quis tornar visível como essas perspectivas estão presentes em materiais que circulam em três diferentes espaços sociais para, por fim, procurar evidenciar o quanto uma posição menos automática e mais crítica e avaliativa, no sentido de questionar as bases que sustentam os discursos produzidos nesses materiais, poderia ser interessante e frutífera para compreensão da pontuação. Especialmente, considerando o ensino, foi nossa tentativa defender que um movimento que tendesse a renunciar um ideal de escrita e de pontuação homogêneo e, privilegiadamente sistemático, a fim de assumir sua natureza heterogênea surtiria efeitos imensuráveis para a relação que se estabelece no contexto escolar entre o aluno-escrevente e o texto escrito. Imensuráveis, pois, à medida que se apresentasse a complexidade do objeto a fim de reconhecê-la como inerente a ele, muito provavelmente, ter-se-ia menos condições que causassem inquietude quanto à dificuldade de compreender a pontuação e de dominá-la, como se assim fosse possível. Dito isso, procuramos mostrar que a perspectiva enunciativa seria aquela que mais teria condições de abarcar a complexidade da pontuação, haja vista suas implicações. Dentre elas, destacamos a consideração de sentidos plurais, construídos pela relação entre a interioridade e a exterioridade dos textos, facetas essas que precisam ser consideradas como inseparáveis na abordagem escolar da produção escrita e, por conseguinte, da pontuação.

Contribuição dos autores

A primeira autora, particularmente, foi responsável pelo estabelecimento de um eixo de organização do trabalho, pelo aprofundamento tanto de questões teóricas quanto de questões de análise que são apresentadas no texto, bem como pela elaboração das implicações teórico-metodológicas e pela escrita de seções do artigo. A coautora, particularmente, contribuiu com a realização da discussão teórica sobre o tema, com a seleção e a condução da análise dos materiais investigados e com a escrita de porções do texto. Ressalta-se que ambas as autoras trabalharam de forma conjunta e ativa em todo o processo de elaboração, de escrita e de revisão do artigo apresentado.

Referências

- ABI – AVÍRGULA. Canal da Associação Brasileira de Imprensa, 2008. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTuyz4jm7QM>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- ALLEN, W. S. *Vox Latina: A Guide to the Pronunciation of Classical Latin*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ANIS, J. *L'écriture*. Théories et descriptions. Bruxelles: De Boeck Université, 1988.
- ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do ensino fundamental*. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86551>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 284-293.
- BIKIALO, S.; RAULT, J. *Imaginaires de la ponctuation: Ordre et inquietude du discours*. *LINX*, Nanterre, n. 75, p. 107-126, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/linx.1900>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1795>. Acesso em 13 jul. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto*

ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos na escrita. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 18., 1989, Lorena. *Anais* [...]. Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 1989. p. 195-203.

CAGLIARI, L. C. Breve história dos sinais de pontuação. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. (org.). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999. p. 197-207.

CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181247/carvalho_tg_me_sjrp.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 13 jul. 2020.

CEREJA, W. R. C.; MAGALHÃES, T. C. *Português Linguagens 3*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHACON, L. Oralidade e letramento na construção da pontuação. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, p.97-122, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v61i0.2883>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2883/2365>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CHAFE, W. *Punctuation and the Prosody of Written Language*. Berkeley: Center for the Study of Writing, 1987.

CORRÊA, M. L. G. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, n. 13, p. 52-65, 1994.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 481-513, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322013000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v13n3/03.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAHLET, V. Pontuação, língua, discurso. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 24., 1995, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1995. p. 337-340. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/anais/>. Acesso em 13 jul. 2020.

DAHLET, V. A pontuação e sua metalinguagem gramatical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 29-41, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.10.1.29-41>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2330/2279>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Humanitas, 2006.

DEFAYS, J. M.; ROSIER, L.; TILKIN, F. *À qui appartient la ponctuation?*. Paris, Bruxelles: Duculot Louvain, 1998.

ESVAEL, E. V. S. *Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ESVAEL, E. V. S.; PAULA, O. Produção escrita de formandos do curso de letras: a função enunciativa da vírgula. In: PUZZO, M. B.; KOZMA, E. V. B.; UYENO, E. Y. (org.). *Os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido: uma abordagem discursiva*. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 33-62.

FAVRIAUD, M. *Ponctuation(s) et architecturation du discours à l'écrit*. Paris: Armand Colin, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2011-4.htm>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FERRARI, A.; LALA, L. Les emplois de la virgule em italien contemporaine: de la perspectiva phono-syntaxique à la perspective textuelle. In: FAVRIAUD, M. (org.). *Ponctuation(s) et architecturation du discours à l'écrit*. Paris: Armand Colin, 2011. p. 53-68. DOI: <https://doi.org/10.3917/lf.172.0053> Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2011-4-page-53.htm>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GAZOLA, A. Aprenda definitivamente a usar a vírgula com 4 regras simples. In: *Portal Geledés*. [S.l.], 10 jun. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aprenda-definitivamente-a-usar-a-virgula-com-4-regras-simples/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GINZBURG, C. O extermínio dos judeus e o princípio de realidade In: MALERBA, J. (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. Trad. Henrique E. R. Lima Filho. São Paulo: Contexto, 2009. p. 211-232.

MARTINS, E. L. F. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PACHECO, V. Percepção dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 205-232, 2006. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v3i1.1016>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1016/867>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PUZZ, M. B.; KOZMA, E. V. B.; UYENO, E. Y. *Os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido: uma abordagem discursiva*. Campinas: Pontes Editores, 2014.

RAULT, J. De la “pause” à la “valeur” en langue: grammaticalisation des signes de ponctuation? *Congrès Mondial de Linguistique Française*, Berlin, n. 4, p. 2885-2898, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1051/shsconf/20140801076>. Disponível em: https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2014/05/shsconf_cmlf14_01076.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 83-118, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000100005>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 jul. 2020.

RODRIGUES, O. C. Dicas para usar a vírgula de forma correta. In: *Guia do Estudante*. [S.l.], 23 mar. 2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/duvidas-portugues/dicas-para-usar-a-virgula-da-forma-correta/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

RODRIGUES, A. A. *Funções da pontuação em construções relativas no Português Clássico: usos e normas*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2020.

SCHREIBER, P. A. Prosody and Structure in Children’s Syntactic Processing. In: HOROWITZ, R.; SAMUELS, S. J. (org.). *Comprehending Oral and Written Language*. San Diego: Academic Press, 1987. p. 243-270.

SIMARD, M. *Étude de la distribution de la virgule dans les phrases de textes argumentatifs d’expression française*. 1993. 297f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Université Laval, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1522/1480704>. Disponível em: <https://constellation.uqac.ca/1381/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SONCIN, G. C. N. Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 1, p. 73-87, 2010.

SONCIN, G. C. N. Divisão enunciativa do/no sujeito: evidências a partir da observação dos usos não-convencionais da vírgula. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 101-126, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15i1p101-126>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/76196/79939>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SONCIN, G. C. N. *Língua, discurso e prosódia: estudar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!*. 2014. 310f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110527>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SONCIN, G. C. N.; TENANI, L. E. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 473-493, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p473-493>.

Disponível em: revistas.usp.br/flp/article/view/101104/111827. Acesso em: 13 jul. 2020.

SONCIN, G. C. N.; TENANI, L. E. Evidences of the Role of Prosody in Argumentative Writing: Comma Uses in Texts Written by Brazilian Students Aged 11-14. *Journal Writing & Pedagogy*, Sheffield, v. 9, n. 1, p. 77-101, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1558/wap.26498>

STURTEVANT, E. H. *The Pronunciation of Greek and Latin*. 2. ed. Chicago: Ares Publishers, 1940.

YANO, C.T. *A história do emprego de vírgula do português clássico ao português europeu moderno*. 2018. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332099>. Acesso em: 13 jul. 2020.



As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no *corpus* do Projeto ALiB

Designations for the daily bread: the lexical norm from Brazilian Portuguese based on ALiB Project corpus

Vanessa Yida

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

vanessayida@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8738-7401>

Resumo: Este artigo tem como proposta a identificação de possíveis normas lexicais gerais e regionais a partir da descrição e da análise da variação espacial para o popularmente denominado “pão francês”, em uma perspectiva geolinguística e léxico-semântica. Para tanto, adota-se a visão da norma linguística, com base em Coseriu (1979), somada às contribuições de Camara Junior (1964), Rona (1969), Cunha (1987), dentre outros. A diversidade de nomeações para esse alimento foi documentada por meio da questão 186 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) aplicada pelas equipes que compõem o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 250 localidades brasileiras (interior e capitais). Na composição do *corpus* desta análise, foram selecionados 1000 informantes com o perfil fundamental de escolaridade, contemplando as dimensões diassexual e diageracional. Com base na cartografia linguística e cotejo da disseminação das variantes lexicais obtidas e na consulta a obras lexicográficas, foram identificadas as formas de uso geral e regional, além de traços de influência interétnica e de fluxos migratórios internos e externos. Ainda, constatou-se a polimorfia de designações, por efeito da presença do referente no cotidiano brasileiro, atestando a relevância desse alimento, consumido desde os primórdios da história da civilização.

Palavras-chave: Geolinguística; Projeto ALiB; normas lexicais; regionalismos; pão francês.

Abstract: this article aims to identify possible general and regional lexical norms from the description and analyse of spatial variation to the popularly denominated “french bread”, on a geolinguistic and lexical and semantic perspective. For that, the adoption of the view of linguistic norm, based on Coseriu (1979), added to Camara Junior (1964), Rona (1969), Cunha (1987) contributions, among others. The diversity of nomination for this food has been documented through 186 question from Semantic-Lexical Questionnaire (SLQ) of *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) applied by crews that compose the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), on 250 Brazilian localities (countryside and capitals). On this analysis, they were selected 1000 informants with Primary education, diassexual and diageracional dimensions. Based on linguistic cartography and comparison of lexicals variants dissemination and the consultation to varied dictionaries, they were identified general and regional forms, in addition to interethnic influences and migratory movements traces. Furthermore, the observation of the polymorphy of designations, result of presence of the referring in Brazilian daily, certifying the relevance of this aliment, consumed since the beginning of the history of civilization.

Keywords: Geolinguistics; ALiB Project; lexical norms; regionalisms; French bread.

Recebido em 06 de agosto de 2020

Aceito em 05 de outubro de 2020

1 Introdução

Desde a fixação do objetivo da elaboração de um atlas linguístico do Brasil pela Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, em 1952, a Geolinguística no Brasil tem se desenvolvido como um infante rumo à maturidade: inicialmente, desenvolvendo-se a partir das valiosas contribuições de estudos de natureza dialetológica, levados a cabo por Amaral (1982), Silva Neto (1957), Nascentes (1958), dentre outros; crescendo e amadurecendo com a publicação dos atlas linguísticos estaduais e regionais, a partir da primeira iniciativa com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI; FERREIRA; ISENSEE, 1963), e rendendo numerosos frutos após a criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB) e da publicação de seus primeiros volumes (CARDOSO *et al.*, 2014a; CARDOSO *et al.*, 2014b).

Nessa fase mais amadurecida e frutuosa dos estudos de cunho geolinguístico, a finalização da coleta de dados pelas equipes do Projeto

ALiB fomentou análises dos fenômenos linguísticos, em variadas perspectivas: fonética, lexical e morfossintática. Dentre esses diferentes prismas, especificamente, as categorias léxicas se caracterizam por expressar o mundo, a cosmovisão e a realidade social de um povo (BIDERMAN, 1978).

O nível lexical, por ser mais aberto, reflete as mudanças linguísticas e as particularidades coletivas, tais como as transformações sociais e culturais. Tais mudanças incidem nos usos linguísticos que, especialmente no âmbito do léxico, podem identificar uma comunidade linguística. Esse repertório vocabular característico partilhado por um grupo de falantes que convivem em um determinado espaço geográfico integra-se sob a égide de uma norma linguística. Essas formas linguísticas que caracterizam uma comunidade ainda revelam aspectos sociais, culturais e identitários da formação humana e as modificações impressas pelos contatos com outros grupos linguísticos. As mudanças operam por influência de condicionantes linguísticos e extralinguísticos, sendo preponderantes entre os últimos, a atuação de movimentos populacionais, contatos interétnicos e fatores geográficos e econômicos. Nesse quadro, a Geolinguística contribui fornecendo um retrato da riqueza linguística e de suas nuances traduzidas e desveladas por intermédio da nomeação da realidade.

Tendo em vista esse cenário e o papel do ALiB ao traçar um panorama dos usos linguísticos, o *corpus* desta análise é constituído por uma amostra de dados do Projeto; mais especificamente, o presente artigo constitui um excerto adaptado e ampliado de uma das análises desenvolvidas pela autora em sua Tese (YIDA, 2019). A diversidade de denominações para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água” foi obtida por meio da aplicação, pelas equipes do ALiB, da questão 186 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), nos 250 pontos de inquérito. No *corpus* total, consoante os parâmetros teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional¹ (THUN, 2000), o ALiB conta com 1100 informantes: em cada uma das 25 capitais foram entrevistados oito informantes, contemplando as dimensões diasssexual (masculino e

¹ A Geolinguística Pluridimensional é uma vertente da Geolinguística que busca retratar, além da dimensão diatópica, as perspectivas diastrática, diageracional, diasssexual, diarreferencial e a diafásica. Assim, além da visão monodimensional (espacial), passa a ser pluridimensional (ao considerar o espaço somado a outras dimensões da variação).

feminino), diageracional (faixa etária I – 18 a 35 anos e faixa II – 50 a 65) e diastrática (escolaridade – nível fundamental e ensino superior), e em cada uma das 225 localidades do interior, quatro informantes, com o mesmo perfil quanto ao sexo e faixa etária, mas considerando apenas o nível fundamental de escolaridade. Neste estudo, foi realizado um recorte, a fim de padronizar o perfil de informantes: foram desconsiderados os 100 informantes com nível superior nas capitais, e nos pontos situados no interior e nas capitais, foram selecionados os 1000 informantes com perfil fundamental de escolaridade, atendo-se à variação diassexual e diageracional, além da dimensão diatópica.

Isso posto, na primeira seção, foram expostos os conceitos de normas gerais e regionais e sua relação com a Geolinguística. Na segunda seção, foram traçadas a história e a simbologia do trigo e do pão em cenário mundial, afunilando à realidade brasileira para, finalmente, na terceira seção, apresentar-se a metodologia e as análises da distribuição quantitativa, espacial e léxico-semântica das diferentes designações coletadas para o também nomeado *pão francês*, finalizando com as considerações finais.

2 A norma lexical e os regionalismos: contribuições da Geolinguística

A noção de “norma linguística”, em interpretação mais ampla, apresenta dois sentidos gerais, sendo compreendida como: (i) norma normativa,² padronizadora, regida pelos modelos prescritivos de língua herdados da tradição greco-latina, e (ii) norma normal, relacionada aos usos linguísticos habitualmente registrados pelas comunidades de fala e que as identificam. Neste texto, adotou-se essa segunda visão.

O conceito de norma, em conformidade aos estudos linguísticos, foi inaugurado por Hjelmslev (1942), sob orientação estruturalista. Ao enveredar nessa perspectiva, Coseriu (1979) revisitou a clássica dicotomia saussureana em *langue/parole*, língua/fala, somando a ela a concepção de norma. Assim, o estudioso romeno definiu a fala como os atos linguísticos individuais concretos registrados pelos falantes; o sistema é um conjunto de oposições funcionais, abrange a estrutura da língua, garantindo a intercomunicação, e a norma é composta por

² Denominações empregadas pelo lexicógrafo francês Rey (1972) como “normal” e “normatif”.

uma realização coletiva do sistema, uma abstração do que já foi dito e tradicionalmente se diz em uma comunidade, ou seja, pelos seus aspectos linguísticos gerais característicos.

Sob esse prisma, a norma é atrelada aos usos linguísticos que integram o indivíduo dentro de um grupo; a sua continuidade, no que toca ao léxico, é resguardada por meio da transmissão de denominações como herança entre as gerações, preservando a identidade coletiva. Ademais, esses registros documentam a maneira como determinada comunidade linguística traduz, nas suas formas de expressão, o seu ambiente físico-social e a sua cultura.

Ainda, tais usos que caracterizam uma norma podem ser categorizados consoante o conjunto de traços linguísticos: fonético-fonológico, léxico-semântico, morfossintático e discursivo (FARACO; ZILLES, 2017). Como explica Coseriu (1979, p. 58), “a norma é variável, dependendo da natureza e limites da comunidade proposta”; assim, em uma mesma comunidade podem ser registradas várias normas, desde as populares, familiares, regionais, dentre outras. Em uma concepção mais ampla, no que tange aos traços léxicos-semânticos, podem ser identificadas as normas lexicais gerais, de uso mais geral em uma nação, e as normas regionais e os regionalismos (formas linguísticas regionais), restritos a uma ou mais regiões.

Para a descrição dos regionalismos, conforme Isquierdo (2006), é preciso considerar a noção de normas regionais e populares, a variação lexical na dimensão diatópica. A esse respeito, é ilustrativa a posição da autora de que, nesse viés, no português do Brasil, a norma pode ser compreendida no sentido amplo e restrito, conduzindo à dupla noção de norma exposta por Biderman (2001, p. 20), expressões empregadas neste estudo: “norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”. Na continuidade, a pesquisadora sinaliza critérios para a definição dos regionalismos e, dentre eles, em um primeiro momento, destaca a relevância da delimitação de normas lexicais gerais e regionais para estabelecer comparações, pois importa definir o ponto de referência para definir uma nomeação como regional.

Anterior a esse raciocínio, ao perscrutar esses fatos linguísticos, D’Albuquerque (1945?) emprega a denominação *brasileirismo*, categorizando as formas de uso geral e as regionais (*gauchismos*, *baianismos* etc.). Nessa vereda, Camara Junior (1964) nomeia os fatos

linguísticos peculiares do português brasileiro como brasileirismos gerais (estendem-se por todo o território nacional) e regionais (privativo de uma região). Neste estudo, adotou-se as denominações norma lexical e regionalismos; por intermédio da análise da produtividade das formas e da cartografia linguística (frequência e distribuição espacial) foi possível averiguar a vitalidade e a disseminação dos usos, em áreas lexicais de maior ou menor abrangência territorial; para caracterizá-las empregou-se a noção de norma lexical geral para a variante cujo uso é mais produtivo e disseminado no País, e norma regional, composta pela forma registrada em uma ou mais faixas territoriais contínuas, passíveis de serem delimitadas por isoglossas. Conduzida por essas discussões, elegeu-se a concepção de regionalismos consoante Isquierdo (2007), diferenciando-os do vocabulário comum, documentado em território nacional, enquanto o regional apresenta o uso restrito a determinadas regiões e evidencia marcas culturais, situando a comunidade historicamente.

Frente ao exposto, como parâmetro desta análise, foram comparadas a frequência de uso das variantes obtidas e sua difusão geográfica nas cartas linguísticas. Seguindo esse raciocínio, estabeleceu-se um panorama geral do registro das formas, o cenário por regiões e uma macrovisão comparativa da distribuição espacial de cada uma das formas validadas neste estudo, aliando-se diversos enfoques no tratamento do fenômeno. Com efeito, ao discutir sobre a questão dos regionalismos, consoante Biderman (1978), importa considerar a noção de norma regional e popular, pois tais fatos linguísticos atrelam-se à variação lexical no eixo diatópico como formas consagradas em uma sociedade e cultura.

Sublinhe-se, ainda, que as denominações características de determinadas comunidades linguísticas atuam como formas não estáticas, acompanhando os passos e processos de interação humana, marchando junto aos movimentos migratórios e sob influência de meios de comunicação em massa, tornando as fronteiras virtuais estabelecidas pelas isoglossas mais fluidas. A isso, cumpre acrescentar a observação de Oliveira (1999) a respeito da irradiação das formas regionais que podem ser exclusivas de uma localidade ou podem representar o léxico empregado em mais de uma região específica, por efeito da migração no território brasileiro. Decorre desse fato, a necessidade de atualizar continuamente as marcas de uso nos dicionários, em virtude da mudança e do trânsito das formas linguísticas por uma ou mais regiões.

Outro ponto a ser destacado está atrelado à conservação linguística: algumas variantes regionais podem proceder de arcaísmos portugueses, formas mais conservadas da língua, resultantes do isolamento geográfico de algumas regiões, conforme esclarecem Paiva Boléo (1943), Ribeiro (1979), Silva Neto (1986), Isquerdo (2003) dentre outros.

No que tange à identificação da propagação geográfica dos regionalismos, os atlas linguísticos podem atestar a difusão das variantes, atuando como fonte confiável de dados recolhidos *in loco*, documentando a vitalidade das formas em descrições linguísticas sistemáticas. Assim, podem também contribuir na perenização do patrimônio lexical regional em dicionários, como fonte para a atualização das marcas dialetais nessas obras (ISQUERDO, 2006, 2007).

Nesse contexto, o Projeto ALiB fornece uma matriz de dados segura a respeito da realidade linguística brasileira, por mérito de sua abrangência e rigor metodológico, retratando o fenômeno da variação em um panorama amplo e geral. Assim sendo, neste estudo, empregou-se a noção de norma vinculada aos usos e aos espaços geográficos, aos modos de dizer no que se refere aos traços léxico-semânticos característicos de cada região. Por meio da cartografia das formas linguísticas e do cotejo das diversas perspectivas de análise da frequência e de distribuição das variantes, assim como, da consulta em obras lexicográficas e suas possíveis marcas de uso, é possível atestar a vitalidade e a difusão areal de designações, bem como, atualizá-las. Dessa maneira, ao desvelar as diferenças/semelhanças entre os falares, a Geolinguística representa um campo de estudos substancial na demarcação dos regionalismos.

3 O trigo e o pão: história e simbologia

O denominado *pão francês*, muito presente no cotidiano dos brasileiros, ao contrário da conjuntura que se observa na atualidade, não constituía alimento muito comum à mesa brasileira, nos primeiros anos até o início do século XXI, pois havia a dificuldade no cultivo do trigo,³ devido ao clima tropical brasileiro, consoante explica Cascudo (2011).

³ A produção de trigo no Brasil é insuficiente para cobrir a demanda; conforme dados do *site* Abitrigo, no balanço da safra 2018/2019 foram importadas 6,75 milhões de toneladas de trigo. Disponível em: <http://www.abitrigo.com.br/trigo-retro-2019-mesmo-com-maior-oferta-importacoes-aumentam-em-2019/>. Acesso em: 5 maio 2020.

Nos primeiros séculos, havia a preferência por consumir alimentos produzidos a partir da mandioca, naturalmente mais adaptada ao clima e ao solo brasileiro.

Segundo Diamond (2013), o primeiro cultivo do trigo deu-se na área do Crescente Fértil – local que se estende, na atualidade, de Israel ao oeste do Irã e da Turquia –, por volta de 8500 a.C., caminhando progressivamente a oeste para a Grécia, aproximadamente 6500 a. C. e, posteriormente, à Alemanha, em 5000 a. C. Nesse período, esse cereal tornou-se, ao lado da cevada, uma das culturas mais importantes da região. O estudioso ainda reforça a importância da domesticação dessas plantas, protagonizando o desenvolvimento da agricultura pelos sumérios, fator, dentre outros, que culminou no surgimento da escrita cuneiforme (sistema de cunhagem de símbolos em placas de argila), criada a fim de registrar e controlar a produção agrícola. Em inscrições, foram encontradas referências ao cereal entre os assírios e os babilônios, datando aproximadamente 3000 a. C.; ainda, o trigo foi objeto de cultivo e adoração pelos chineses por volta de 2700 a. C.

A técnica de fermentação do trigo para a fabricação do pão foi atribuída aos egípcios, por volta de 6000 a. C. Ainda no que se refere a esse alimento, Jacob (2003) salienta o domínio do pão no mundo antigo, material e espiritualmente: os egípcios inventaram-no e edificaram a organização administrativa de seu país em torno dessa invenção; os judeus tornaram o pão ponto de partida de sua legislação social e religiosa, sendo ainda servido nas festas do Pão ázimo, comemoradas setes dias após a Páscoa (SCHULTZ, 2016); os gregos elaboraram lendas para o trigo, como os cultos dos mistérios de Elêusis, rituais nos quais eram celebradas as divindades agrárias Dionísio (relacionada ao vinho) e Deméter (atrelada ao trigo), representando, respectivamente, a bebida e o alimento consideradas as principais conquistas do homem civilizado (GUEDES, 2009). Os romanos, por seu turno, com a denominada política *panem et circenses* (pão e circo), instituída por Otávio Augusto na época do Império Romano (período de 27 a. C. a 476 d. C.), elegeram o pão como um instrumento de dominação social. Durante esse governo, surgiu outra figura que transubstanciou o referido alimento, Jesus Cristo, autointitulando-se “o pão da vida”, em sentido metafórico. Desse modo, o “pão nosso de cada dia” também se tornou um símbolo religioso para o catolicismo e na páscoa judaica.

No que concerne à simbologia do pão em diversas concepções religiosas, Lurker (2003) comenta a respeito de seu sentido genérico, compreendido como “comida” e, em sentido abrangente, como alimento espiritualmente mais elevado. Segundo um mito mesopotâmico, o deus Anu possuía o pão e a água da vida. No altar, o pão era abençoado por sacerdotes egípcios, tornando-se sagrado; no *Livro dos Mortos* egípcio, o morto espera receber dos deuses o pão da vida. No culto de Mitra, originário da Pérsia e propagado na Grécia Antiga no período helenístico, as espigas de trigo e o pão simbolizavam a transformação e a nova vida; no judaísmo, o *matzá* ou *matzot*, o pão não fermentado, simbolizava a festa da Páscoa. O pão e o vinho são elementos centrais na comunhão católica, na eucaristia, assim como estão presentes no simbolismo litúrgico de Igrejas Ortodoxas. Em algumas regiões, como alimento sagrado, o pão é assinalado com uma cruz antes de ser fatiado; entre os germânicos e eslavos, o pão e o sal trazem boa sorte e são ofertados aos hóspedes e aos casais jovens.

O ritual litúrgico projeta o homem ao princípio mítico de tudo, à cosmogonia. Partindo de várias culturas, o pão e o trigo foram retratados como tema central, alimento essencial e sagrado, ressignificando continuamente o mito e desembocando na repetição do tema da morte e ressurreição de Cristo, sendo a hóstia (pão), na eucaristia, transubstanciada no corpo de Cristo. Desse modo, a ingestão do alimento sacralizado é responsável pela existência em sentido mais elevado, espiritualizada, consumando, por intermédio do alimento do espírito, uma ligação entre o divino e o homem.

No contexto histórico americano, o cultivo do trigo aportou trazido pelos europeus, no século XV. Especificamente no Brasil, foi introduzido por Martim Afonso de Souza, por volta de 1534, na capitania de São Vicente. O clima mais quente dificultou o cultivo nesse território, por isso, muitos dos pães antigos fabricados no Brasil eram produzidos a partir da mandioca, o beiju, denominado “pão dos trópicos” ou “pão da terra” (MUSSOLINI, 1972, p. 314). Após a imigração italiana e o impulsionamento da industrialização, a produção do pão feito de trigo passou a ter mais destaque. No período da *belle époque*, a elite brasileira, acostumada a reproduzir padrões europeus, passou a solicitar aos padeiros a fabricação de pães à moda francesa, mais leves e macios. Nesse contexto, surgiu o nominado *pão francês*.

Na atualidade, o trigo constitui o segundo cereal mais cultivado no mundo. No Brasil, a sua produção desenvolveu-se no Rio Grande do Sul (retomada a partir de 1920) e no Paraná (a partir de 1940).⁴ Não obstante, o cultivo brasileiro é insuficiente em relação ao consumo; são importados, em média, seis milhões de toneladas de trigo para suprir a demanda.

4 Análise dos dados

O *corpus* analisado refere-se aos dados coletados pelas equipes do Projeto ALiB e foi disponibilizado mediante um pedido formal de autorização de uso, enviado ao Comitê Nacional do ALiB; na formalização do pedido de autorização foi considerada a contribuição anterior da autora deste estudo como colaboradora e apoio técnico, atuando na transcrição e revisão de algumas entrevistas. Por conseguinte, para este trabalho, não passou novamente pelo Comitê de ética, pois integra o Projeto ALiB.

Os dados foram levantados e catalogados a partir da análise da transcrição e da audição das entrevistas. As variantes coletadas foram validadas conforme a produtividade e, por meio da elaboração de quadros, gráficos e da cartografia linguística, foi averiguada a sua produtividade e disseminação pelo território e a formação de áreas delimitadas por isoléxicas, indicando regionalismos. As isoléxicas (mesmo léxico) reportam-se às isoglossas, as linhas virtuais que demarcam limites da difusão de formas linguísticas (nesse caso, em nível lexical) determinando áreas linguísticas, conforme Ferreira e Cardoso (1994). Ainda como critério de validação, os itens lexicais obtidos foram confrontados às entradas nas obras lexicográficas pioneiras Bluteau (1728) e Silva (1813), nos dicionários gerais Houaiss e Villar (2009), Ferreira (2010) e Aulete [s/d] e no vocabulário específico organizado por Almeida (1999). Para dar subsídio à investigação etimológica, foi consultado Cunha (2010).

Assim, inicialmente, foram sistematizadas as variantes validadas, os critérios de agrupamento e o montante geral de ocorrências; após, a análise foi organizada em duas subseções: uma enfoca a estruturação dos dados por região, e a outra, a distribuição espacial no território brasileiro para cada uma das variantes validadas neste estudo. Naquela,

⁴ Fonte: História do trigo. Disponível em: <http://sinditrigo.com.br/historia-do-trigo/>. Acesso em: 1º out. 2019.

com foco nas regiões, foram arroladas as proporções de ocorrências de variantes, a produtividade geral e a estadual, às quais se adicionaram as cartas linguísticas diatópicas pontuais; nesta, foram elaboradas cartas de arealidade gradual⁵ enfocando a distribuição espacial para cada variante no território brasileiro e a análise léxico-semântica dos itens lexicais.

As formas obtidas e validadas foram inseridas no banco de dados do *software* para geração de relatórios e de cartografia linguística [SGVCLin] (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014); como carta base, foram utilizadas as bases cartográficas georreferenciadas elaboradas pela Comissão de Informatização e Cartografia (CIC) do Projeto ALiB. Por intermédio do programa utilizado, foram geradas automaticamente as cartas linguísticas para a análise da distribuição areal (espacial). Desse modo, foram elaboradas 19 cartas linguísticas, sendo sete cartas diatópicas retratando os dados obtidos nas cinco regiões do País e 12 mapas de arealidade gradual, fotografando a arealização de cada uma das formas validadas neste estudo, em contexto nacional. A partir da macrovisão da distribuição espacial das variantes documentadas em cartas linguísticas abrangendo o território nacional, acredita-se ser possível averiguar a vitalidade e a disseminação de uma possível norma geral e de regionalismos como distintas formas de nomear o referente em pauta.

Ainda, na descrição da norma lexical geral ou regional, somou-se o critério alta frequência e distribuição regular das formas linguísticas à constatação da distribuição do conjunto de realizações concretas nos espaços geográficos, haja vista a definição de norma (em alusão aos neologismos) adotada por Barbosa (1989, p. 573):

[...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como um conjunto de modelos de realizações concretas, e de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes.

Assim, outro parâmetro adotado neste estudo para a definição de norma geral e regional foi a alta frequência do fato linguístico e a sua

⁵ O programa SGVCLin automaticamente traça isoglossas delimitando os limites virtuais da disseminação areal ou espacial das variantes (arealidade), representando e preenchendo as suas áreas de distribuição por meio de cores. Ainda, simbolizadas pela gradação da cor, são acrescidas progressões de produtividade de cada forma linguística (ROMANO, 2015).

distribuição regular na rede de pontos. Na contagem da frequência, a exemplo de Muller (1977), foi apurada a frequência absoluta (ocorrências precisas no *corpus*) e a relativa (cálculo percentual da frequência absoluta).

Ademais, a interpretação dos dados foi aliada à comparação de outros estudos geolinguísticos e, quando pertinente, aos processos de formação sócio-histórico-econômico regional que, por seu turno, têm potencial de intervir no processo denominativo.

Em virtude da presença do referente no cotidiano do brasileiro em geral, de antemão, acreditou-se que haveria uma quantidade ínfima de não respostas,⁶ além de um polimorfismo, ou seja, variadas denominações. Assentado em experiência anterior, em Yida (2011), que analisou as respostas dos 200 informantes das 25 capitais abrangidas pelo Projeto ALiB (sendo oito por localidade), registradas a essa mesma questão (186 do QSL), previu-se que a maioria das formas linguísticas coletadas não constariam nas obras lexicográficas analisadas, por se tratar de designações muito específicas, elucubrações por ora deslindadas nesta análise.

Com efeito, a aplicação da questão 186 revelou uma profusão de denominações para o referente *pão francês*. No momento da formulação da pergunta, o inquiridor leva uma realia (um exemplar do pão, comprada em geral em alguma padaria da localidade) ou uma imagem, a fim de dirimir dúvidas e minimizar possíveis lacunas nas respostas. Foi verificada apenas uma não resposta, no ponto 125 – Catalão, em Goiás, pela informante jovem, do sexo feminino.

No cômputo geral, foram documentadas 48 variantes lexicais para o referente em pauta, tendo sido 16 formas validadas e 32 rotuladas como *outras*. Diante desse polimorfismo, no processo de agrupamento das formas linguísticas, foram consideradas as mais produtivas e as integradas em determinadas áreas geográficas com distribuição regular. Ainda, foram condensadas as formas morfonêmicas a seguir:

⁶ Nesta análise, foi considerada não resposta uma lacuna na resposta: especificamente neste caso, a informante não recordou a denominação usual que sua comunidade linguística registra para o referente.

- (i) formas compostas – foram consideradas as formas compostas em detrimento das unidades lexicais simples, com exceção de *cacetinho* (*cacetinho* > *pão cacetinho*): *pão francês* > *francês*; *pão carioca* > *carioca*; *pão careca* > *careca*; *pão massa grossa* > *massa grossa*; *pão aguado* > *aguado*;
- (ii) validação das formas compostas mais produtivas: *pão francês* > *pão francês comum*; *pão de sal* > *pão de sal pequeno*, *pão salgado* etc.;
- (iii) formas no diminutivo e/ ou pluralizadas: *pão francês* > *pãozinho francês*; *pão* > *pãozinho*, *pães*, *pãezinhos*; *pão de sal* > *pãozinho de sal*, *pãozito de sal*; *pão carioca* > *pão carioquinha*; *pão d'água* > *pãozinho d'água*; *pão pequeno* > *pão pequenino*, *pão pequenininho*; *pão careca* > *carequinha*; *filão* > *filãozinho*;
- (iv) alteamento da vogal /e/ > /i/: *bengalinha* > *bingalinha*.

Categorizadas como *outras*, foram rotuladas as variantes: *pão comum* (10 registros); *pão normal*, *pão de padeiro*, *pão de milho*, *bilha* (quatro ocorrências cada uma); *pão água e sal* e *pão de 50 gramas* (três); *pão da/de padaria*, *bisnaga/bisnaguinha*, *pão crioulo*, *pão/pãozinho comum*, *pão simples*, *pão/pãozinho baiano*, *pão de vinte/ pão de vinte centavos* (apresentando dois registros), e as *hápax legomena*: *pãozinho de dez centavos*, *pão de quinze*, *mini*, *pilãozinho*, *pão da casca grossa*, *pão cascudo*, *pão de rua*, *pão da casca dura*, *pão de lastro*, *sovado*, *salário mínimo*, *italiano*, *pão de forno*, *paulistinha*, *pão manual pequeno*, *pão brotinho*, *pãozinho sequinho* e *portenho*. Algumas variantes de uso mais familiar ou particularizado, conforme relato dos informantes, foram desconsideradas, a saber: *cachorrinho*, *pão amassado de pé*, *pão de doce*, *pão tatu*.

No montante geral, foram documentadas 1224 ocorrências, sendo as mais frequentes e seus percentuais de produtividade organizados no Quadro 1.

QUADRO 1 – Produtividade geral das variantes (questão 186 do QSL)

Variantes	Ocorrências	Porcentagens %
<i>Pão francês</i>	452	36,93%
<i>Pão</i>	236	19,28%
<i>Pão de sal</i>	165	13,48%
<i>Cacetinho</i>	80	6,54%
<i>Outras</i>	63	5,15%
<i>Pão carioca</i>	46	3,76%
<i>Pão d'água</i>	39	3,19%
<i>Pão pequeno</i>	29	2,37%
<i>Pão careca</i>	28	2,29%
<i>Pão massa grossa</i>	27	2,21%
<i>Filão</i>	22	1,80%
<i>Média</i>	11	0,90%
<i>Pão aguado</i>	10	0,82%
<i>Pão de trigo</i>	5	0,41%
<i>Bengalinha</i>	4	0,33%
<i>Brizolinha</i>	4	0,33%
<i>Pão Jacó</i>	3	0,25%
Total	1224	

Fonte: Yida (2019, p. 242) adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na apuração geral, a forma mais produtiva foi *pão francês*, totalizando praticamente um terço das respostas válidas, com 452 ocorrências, perfazendo 36,93%, seguida de *pão*, com 236 menções e índice de 19,28%. *Pão de sal*, terceira mais produtiva, obteve 165 ocorrências, sendo 13,48%; *cacetinho*, com 80 registros computou 6,54%, e *outras* variantes somaram 63, totalizando 5,15%. Como sexta variante, *pão carioca* atingiu 46 citações, contabilizando 3,76% das ocorrências e *pão d'água*, 39, perfazendo 3,19%. As demais denominações (*pão pequeno*, *pão careca*, *pão massa grossa*, *filão*, *média*, *pão aguado*, *pão*

de trigo, bengalinha, brizolinha e pão Jacó) apresentaram menos de 3% de ocorrências cada uma.

Efetuada a apresentação e a discussão quantitativa geral, procedeu-se à análise da produtividade das variantes e da disseminação espacial nas cartas linguísticas diatópicas por regiões brasileiras.

4.1 Distribuição quantitativa e espacial das variantes por regiões

Neste trecho da análise, os dados foram organizados por região, de modo a oferecer, em um primeiro momento, um panorama da proporção de ocorrências de variantes por informantes (Quadro 2); após, foram organizados gráficos sistematizando o cenário quantitativo geral e a produtividade de ocorrências por estado; afinal, foram elaboradas as cartas linguísticas.

QUADRO 2 – Panorama da produtividade para a questão 186 do QSL
(pão francês) – ocorrências das variantes por regiões

Região	Quantidade de informantes	Ocorrências	Proporção de ocorrências/ informantes
Norte	96	116	1,20
Nordeste	312	360	1,15
Centro-Oeste	96	106	1,10
Sudeste	320	428	1,33
Sul	176	214	1,21

Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

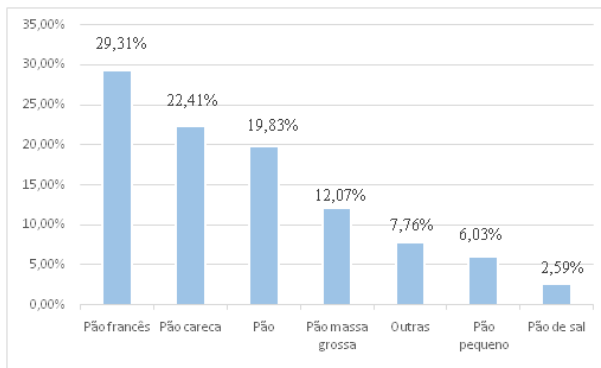
Dentre as 1224 ocorrências totais, obteve-se a seguinte proporção: foram observadas 116 ocorrências de formas linguísticas no falar de 96 informantes nortistas, contabilizando a proporção de 1,20; no Nordeste, os 312 informantes entrevistados registraram 360 ocorrências, na porção de 1,15; dentre os 96 entrevistados no Centro-Oeste, houve 106 ocorrências, totalizando 1,10; no falar da Região Sudeste, dentre os 320 informantes foram obtidas 428 ocorrências, sendo a maior proporção de ocorrências por informantes, 1,33; no falar do Sul, os 176 informantes inquiridos registraram 214 ocorrências de variantes, perfazendo a proporção de 1,21.

No item que se segue, os índices numéricos e a disseminação diatópica das variantes por região e por estado foram norteadores das análises.

4.1.1 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Norte

O panorama quantitativo geral da Região Norte é demonstrado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*)
– Região Norte

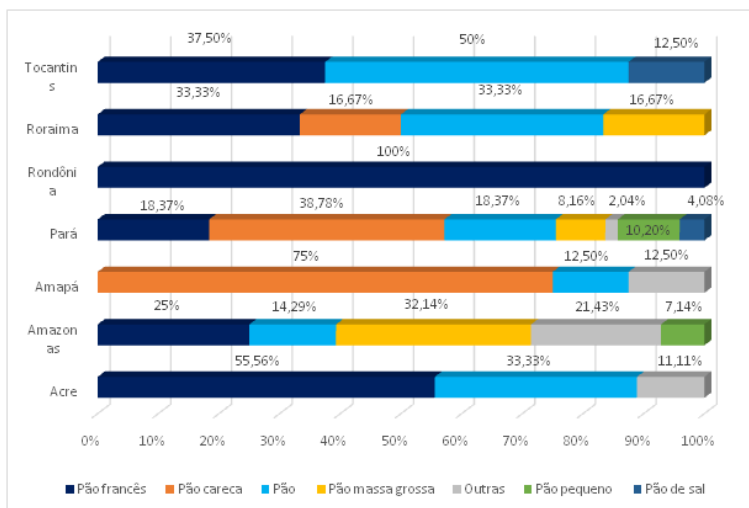


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na fala nortista, foram obtidas seis variantes, além das integradas como *outras*; tal como no cenário linguístico geral, dentre as 116 ocorrências regionais, a forma mais produtiva registrada foi *pão francês*, com frequência absoluta de 34 ocorrências e relativa de 29,31%; *pão careca*, variante documentada com maior expressividade especificamente nesta porção do País contabilizou 26 ocorrências, somando 22,41% do total; *pão* obteve 23 menções e 19,83%; *pão massa grossa* foi documentado com 14 registros, sendo 12,07%; *outras* variantes totalizaram nove, com índice de 7,76%; *pão pequeno*, sete, com porcentagem de 6,03% e *pão de sal*, apenas três ocorrências e frequência relativa de 2,59%.

No gráfico 2, os percentuais das ocorrências foram sistematizados de modo a oferecer uma visão focada nos resultados quantitativos por estados que compõem a Região Norte:

GRÁFICO 2 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Norte)

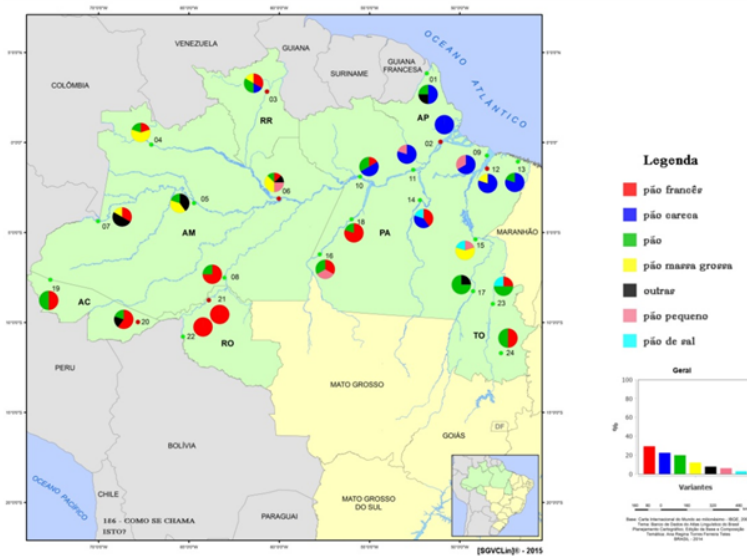


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

De modo geral, *pão francês* foi a variante mais produtiva no Acre (55,56%), tendo sido documentada com relevância em Tocantins (37,50%), Roraima (33,33%), Amazonas (25%) e Pará (18,37%), sendo hegemônica em Rondônia, caracterizando-se a norma lexical no último, por sua alta frequência e distribuição regular. No Amapá, observou-se um comportamento linguístico peculiar, indicando uma possível norma lexical regional, em que a forma eleita, *pão careca*, integra 75% das ocorrências; a variante ainda apresentou predominância no Pará (38,78%), sendo menos expressiva em Roraima (16,67%). *Pão* foi a forma de maior incidência em Tocantins (50%), com registros também em Roraima (33,33%), Pará (18,37%), Amapá (12,50%), Amazonas (14,29%), e no Acre (33,33%). *Pão massa grossa*, mais produtivo no Amazonas (32,14%) indica outra possível forma regional, com ocorrências em Roraima (16,67%) e no Pará (8,16%). Com menor incidência, *pão pequeno* foi registrado no Pará (10,20%) e Amazonas (7,14%) e *pão de sal* em Tocantins (12,50%) e no Pará (4,08%).

A distribuição espacial das denominações para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água”, na Região Norte, é ilustrada por meio da carta (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Norte)⁷



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Pão francês, a variante lexical mais produtiva, foi documentada nos pontos tocantinenses, rondonienses e no centro sudoeste paraense e amapaense. *Pão careca*, por seu turno, foi predominante mais a nordeste da Região Norte, integrando-se em uma faixa territorial contínua, abrangendo notadamente localidades amapaenses e paraenses, além de Boa Vista – RR. *Pão*, denominação mais genérica, foi registrada de forma mais dispersa. A variante *pão massa grossa* foi documentada em duas áreas descontínuas: no norte e no noroeste da região (Amazonas e Roraima) e em algumas localidades paraenses (12 – Belém e 15 – Marabá)

⁷ Neste estudo, as cartas linguísticas diatópicas pontuais apresentam, em cada ponto de inquérito, as ocorrências de variantes (primeira, segunda ou terceira respostas), simbolizadas por cores; a realização (percentual) é automaticamente representada nos gráficos de pizza. A legenda está posicionada no lado esquerdo; nela, as variantes são organizadas por produtividade (da mais para a menos). Abaixo da legenda, há um gráfico de produtividade geral na região considerada.

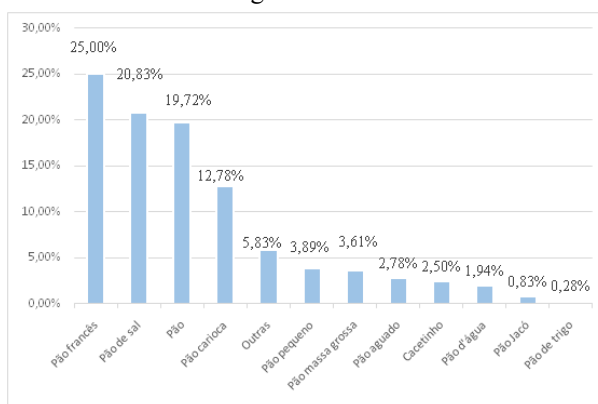
situadas a leste. *Outras*⁸ variantes foram registradas em pontos situados no Amazonas, Acre, Amapá e Pará. *Pão pequeno* foi documentada em pontos paraenses e amazonenses descontínuos; rumo à Região nordestina, *pão de sal* foi registrado em algumas localidades paraenses e uma tocantinense, em distribuição contínua.

Cada estado da Região Norte apresentou um padrão linguístico peculiar; foi notável a continuidade territorial de registros para *pão careca* como norma lexical regional, com maior incidência e distribuição regular no Amapá, estendendo-se para trechos contínuos no Pará e em Roraima. *Pão massa grossa*, mais produtivo no Amazonas, abrange Roraima, em outro contínuo. Os dados documentados no Nordeste e a representação cartográfica da variante no território nacional indicam uma continuidade da norma, abrangendo os pontos paraenses próximos à fronteira nordestina.

4.1.2 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Nordeste

O cenário quantitativo das formas documentadas na Região Nordeste é exemplificado no Gráfico 3.

GRÁFICO 3 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Nordeste

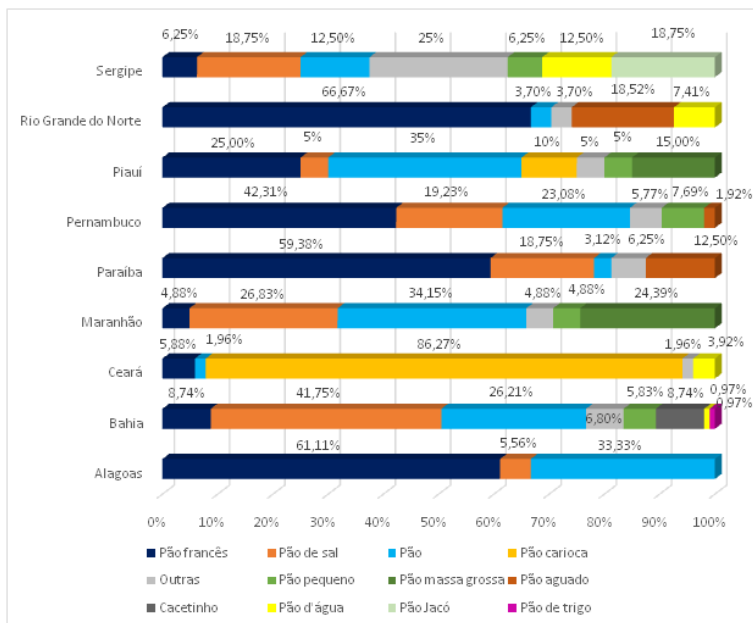


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

⁸ Na Região Norte, foram registradas ainda as formas agrupadas como *outras*: *pãozinho de dez centavos*, *pão de quinze*, *pão de vinte centavos*, em 01 – Oiapoque (AP); *pão da água e sal* e *pão comum*, em 05 – Tefé (AM); *pão brotinho*, em 06 – Manaus (AM); *pão da casca dura*, *pão de lastro*, *pão da casca grossa*, em 07 – Benjamin Constant (AM); *pão comum*, em 17 – Conceição do Araguaia (PA), e *pão manual pequeno*, em 20 – Rio Branco (AC).

Na região em foco, ao contrário da apuração anterior, foram obtidas 11 variantes diferentes para o referente, além das agrupadas como *outras*. Entre as 360 ocorrências, *pão francês* novamente foi a forma mais produtiva, com 90 menções, o que representa 25% do total; *pão de sal* surge como a segunda mais produtiva, apresentando 75 documentações, perfazendo 20,83%; *pão* obteve 71 ocorrências, sendo 19,72% do total; *pão carioca*, forma restrita a essa porção do território nacional, 46, perfazendo 12,78%; *outras* variantes contabilizaram 21 ocorrências e percentual de 5,83%; *pão pequeno*, 14, sendo 3,89%; *pão massa grossa*, 13 menções, totalizando 3,61%; *pão aguado*, dez, com 2,78%; *cacetinho* apenas nove registros e 2,50%; *pão Jacó*, três, configurando 0,83% e, por último, *pão de trigo*, registrado por um informante, perfazendo 0,28% da totalidade.

GRÁFICO 4 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Nordeste)



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No que se refere ao quadro quantitativo por estados da Região Nordeste, observou-se uma profusão de denominações: em cada um foi

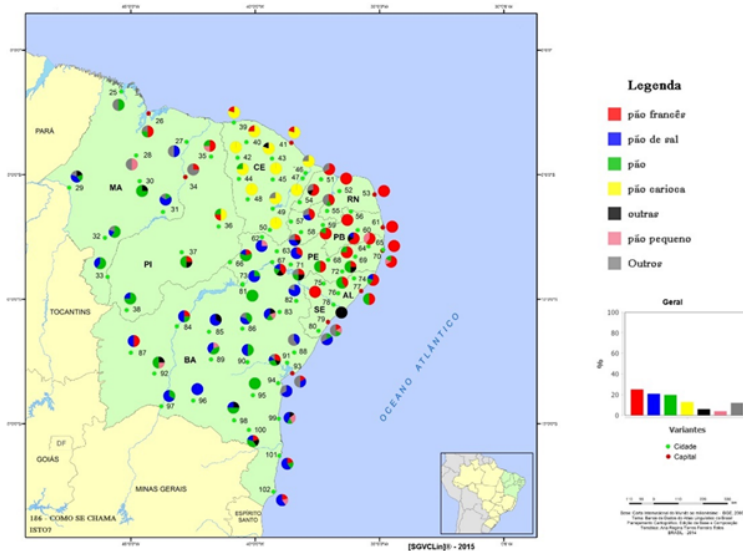
apresentado um comportamento linguístico diverso. *Pão francês* foi a mais produtiva em Rio Grande do Norte (66,67%), Alagoas (61,11%), Paraíba (59,38%), Pernambuco (42,31%), com alguma ocorrência também no Piauí (25%), Bahia (8,74%), Sergipe (6,25), Ceará (5,88%), e Maranhão (4,88%). Ainda na Bahia, o cenário linguístico em termos quantitativos demonstrou que a mais produtiva foi *pão de sal* (41,75%), também registrado no Maranhão (26,83%), Pernambuco (19,23%), Paraíba (18,75%), Sergipe (18,75%), Alagoas (5,56%) e Piauí (5%). A forma genérica *pão* foi documentada em todos os estados, com maior produtividade no Piauí (35%) e no Maranhão (34,15%), e com expressividade em Alagoas (33,33%), na Bahia (26,21%), em Pernambuco (23,08%) e Sergipe (12,50%), ocorrendo também no Rio Grande do Norte (3,70%), Paraíba (3,12%) e Ceará (1,96%). É interessante notar a ocorrência praticamente hegemônica da variante *pão carioca* no falar cearense (86,27%), documentada também no Piauí (10%), sinalizando um regionalismo cujo uso integra-se em uma norma regional, delimitada nesses dois estados. *Pão pequeno* obteve poucos registros em Pernambuco (7,69%), Sergipe (6,25%), Bahia (5,83%), Piauí (5%) e Maranhão (4,88%); *pão massa grossa* foi mais expressivo no Maranhão (24,39%), com alguma ocorrência no Piauí (15%); *pão aguado* foi registrado no Rio Grande do Norte (18,52%), Paraíba (12,50%) e Pernambuco (1,92%); *cacetinho* apenas em território baiano (8,74%); *pão d'água* em Sergipe (12,50%), Rio Grande do Norte (7,41%), Ceará (3,92%) e Bahia (0,97%); *pão Jacó* somente em Sergipe, com relativa representatividade quantitativa (18,75%) e *pão de trigo* apenas na Bahia (0,97%).

A Figura 2 e a Figura 3 representam a distribuição diatópica das variantes obtidas na Região Nordeste, revelando um cenário polimórfico. Esse panorama deve-se, possivelmente, à miscigenação de diversos povos que se mesclaram nessa região, retratando em sua fala aspectos culturais herdados. A fim de facilitar a leitura, foram cartografadas as seis formas mais produtivas, que constam na Figura 2, e as demais seis variantes de menor produtividade, na Figura 3.

Na Figura 2, a forma mais produtiva, *pão francês*, foi documentada notadamente em áreas do litoral ao interior, mais ao nordeste da Região, abrangendo o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e trecho da Bahia, em trecho territorial contínuo, com registro disperso em outros pontos. De modo inverso, a distribuição espacial para a forma linguística *pão de sal* foi documentada principalmente no interior

baiano e maranhense, com menor produtividade em diversos estados, em direção ao litoral. *Pão*, mais genérico, foi registrado em localidades mais dispersas, tais como algumas maranhenses, potiguaras, sergipanas e baianas, e na maior porção dos pontos piauienses, e em um ponto cearense. A quarta variante mais produtiva na região, *pão carioca*, foi obtida em todos os pontos cearenses e em trechos piauienses próximos a esse estado. As formas categorizadas como *outras*⁹ foram documentadas em variadas localidades da Região Nordeste. *Pão* pequeno foi registrado em locais afastados situados no Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

FIGURA 2 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Nordeste) – seis variantes mais produtivas

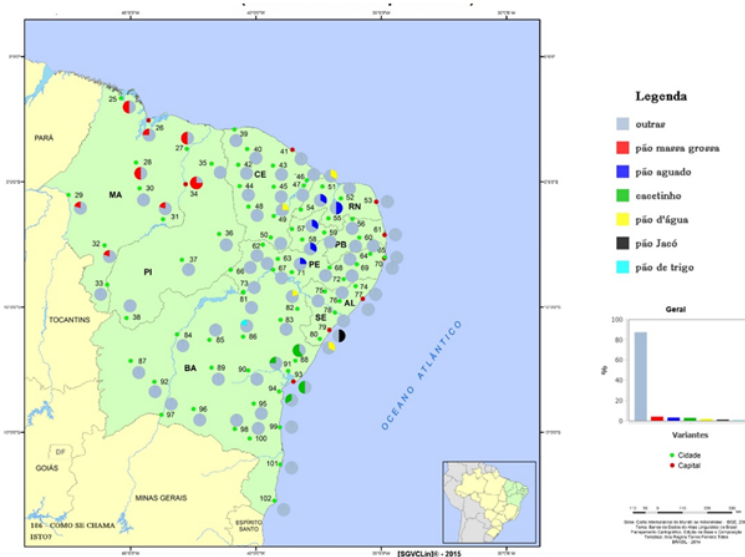


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

⁹ Na Região Nordeste, rotuladas como *outras*, foram registradas as seguintes variantes consoante as localidades: 29 – Imperatriz (MA), *pão de vinte*; 30 – Tuntum (MA), *pãozinho sequinho*; 37 – Canto do Buriti (PI), *pão normal*; 43 – Canindé (CE), *sovado*; 54 – Pau dos Ferros (RN), *pão normal*; 58 – Itaporanga (PB), *pão de rua*; 60 – Campina Grande (PB), *pão crioulo*; 71 – Floresta (PE), *pão comum*; 72 – Garanhuns (PE), *pão baiano*; 78 – Propiá (SE), *pão de milho*; 67 – Cabrobó (PE), *pão crioulo*; 85 – Irecê (BA), *pão comum*; 91 – Santo Amaro (BA), *pão normal*; 92 – Santana (BA), *pão simples*; 98 – Vitória da Conquista (BA), *pão de 50 gramas* e 100 – Itapetinga (BA), *pão de 50 gramas*.

Na Figura 3, é retratada uma carta representando a distribuição espacial das demais seis formas documentadas na região. A sétima variante mais produtiva na Região Nordeste, *pão massa grossa*, foi documentada em área contínua, em localidades maranhenses em direção às paraenses (FIGURA 1) e em um ponto piauiense. A disseminação areal para *pão aguado*, oitava mais produtiva, também se integrou em faixa territorial contínua, abrangendo localidades no oeste paraibano e potiguar além do centro pernambucano. A nona forma mais produtiva, *cacetinho*, foi documentada em pontos situados na Bahia, em distribuição contígua, nas proximidades da capital Salvador. *Pão d'água*, a décima mais produtiva, obteve registros mais dispersos. *Pão Jacó*, por sua vez, foi documentado somente em Aracaju, e *pão de trigo*, que também aparece nos dados da Região Sul, foi registrado por apenas um informante baiano, situado no ponto 86 – Jacobina.

FIGURA 3 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Nordeste) – seis variantes menos produtivas



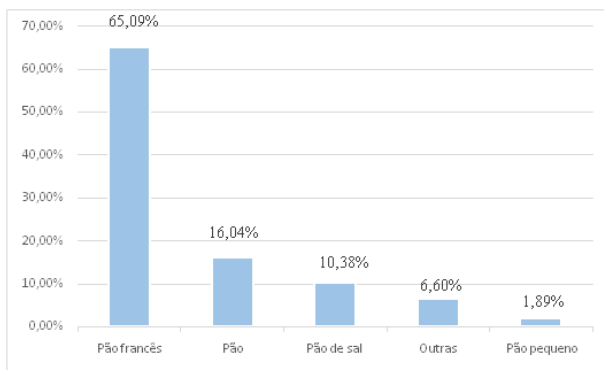
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Na região nordestina, novamente, comparando-se os dados obtidos em cada estado, observou-se uma heterogeneidade linguística; no entanto, foi relevante a produtividade praticamente hegemônica da variante *pão carioca*, apresentando alta frequência e distribuição regular, caracterizando a norma lexical cearense, com registro em uma localidade piauiense. Com menor representatividade numérica no território abrangido, *pão aguado* disseminou-se em um contínuo abarcando Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, como norma regional; comparando-se aos dados do Norte, a variante *pão massa grossa* obteve produtividade no Maranhão, disseminando-se ao Piauí e Pará.

4.1.3 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Centro-Oeste

No Gráfico 5, foram arrolados os dados numéricos relacionados aos resultados obtidos na Região Centro-Oeste.

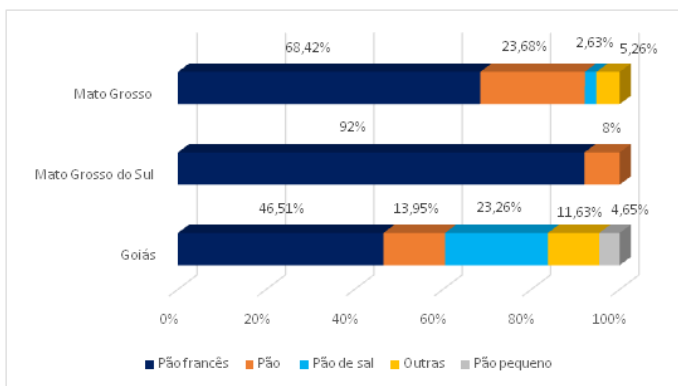
GRÁFICO 5 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*)
– Região Centro-Oeste



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No contexto quantitativo da Região Centro-Oeste, além das formas agrupadas como *outras*, foram registradas quatro variantes para o referente; *pão francês* predomina exponencialmente como a mais produtiva, com 69 ocorrências entre as 106 totais obtidas, perfazendo 65,09%; *pão* contabilizou 17 menções, com frequência relativa de 16,04%; *pão de sal*, 11 registros e 10,38%; *outras* variantes, sete ocorrências, totalizando 6,60%, e *pão pequeno* somente dois registros, inteirando 1,89% do percentual.

GRÁFICO 6 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*)
 – por estado (Região Centro-Oeste)



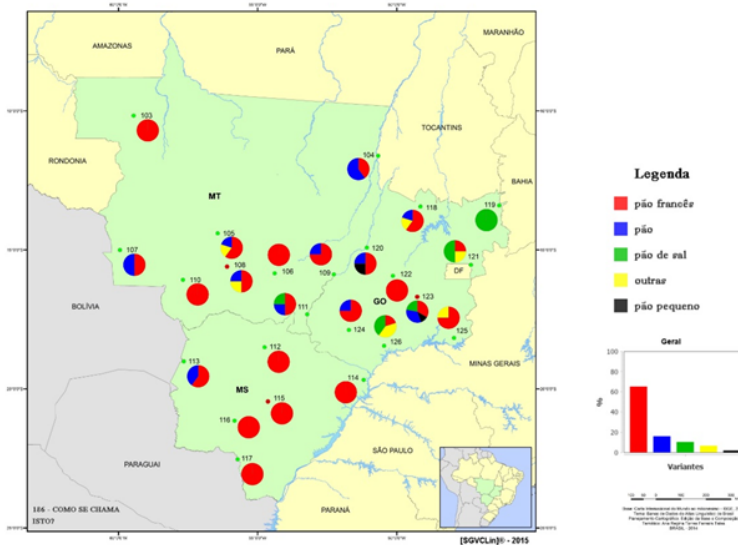
Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Pão francês foi praticamente hegemônica nos dados do Mato Grosso do Sul (92%), sendo a mais produtiva em Mato Grosso (68,42%) e em Goiás (46,51%). *Pão* foi registrado em Mato Grosso (23,68%), Goiás (13,95%) e Mato Grosso do Sul (8%); *pão de sal* foi documentado com maior expressividade em Goiás (23,26%), tendo sido mencionado também no Mato Grosso (2,63%); *pão pequeno* foi obtido apenas em Goiás (4,65%).

No panorama linguístico da Região Centro-Oeste, retratado por meio da Figura 4, mais uma vez, a variante *pão francês* foi predominante, com registros em todos os pontos, excetuando-se um goiano, em que *pão de sal* foi hegemônica. A distribuição espacial da forma genérica *pão* ocupou a área central dos três Estados que integram a Região. Integrando uma continuidade territorial linguística, *pão de sal* caminha desde a Região Nordeste (FIGURA 2) até localidades goianas e uma mato-grossense. Em pontos mais espalhados, foram registradas *outras*¹⁰ variantes. *Pão pequeno* foi obtido apenas em pontos goianos mais dispersos.

¹⁰ Nos pontos a seguir, foram obtidas as variantes categorizadas como *outras*: 105 – Diamantino (MT) – *pãozinho comum*; 108 – Cuiabá (MT) – *pão cascudo*; 118 – Porangatu (GO) – *pão simples*; 121 – Formosa (GO) – *bisnaga*; 125 – Catalão (GO) – *bisnaguinha*, 126 – Quirinópolis (GO) – *pão comum*.

FIGURA 4 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Centro-Oeste)



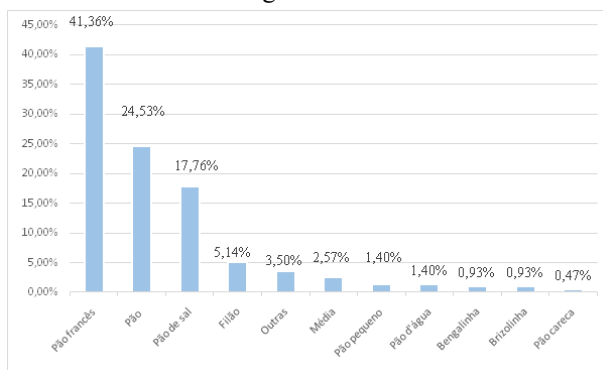
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

De modo geral, a variante *pão francês* teve registro expressivo na Região Centro-Oeste, com maior relevo no falar sul-matogrossense. A distribuição para *pão de sal*, mais produtiva em Goiás, representa um contínuo com pouca expressividade em Mato Grosso. Os dados obtidos no Sudeste, como os resultados do Nordeste e do Norte, podem revelar se há um contínuo territorial dessa variante.

4.1.4 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Sudeste

O perfil quantitativo dos dados documentados na Região Sudeste foi organizado no Gráfico 7:

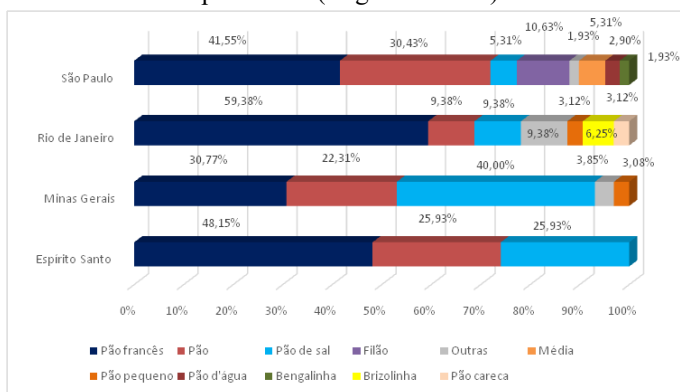
GRÁFICO 7 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Sudeste



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na região em tela, foram obtidas dez variantes, além das agrupadas como *outras*. Ainda, dentre as 428 ocorrências totais, foram obtidas 177 para *pão francês*, atingindo 41,36% do geral; *pão* foi a segunda mais produtiva, com 105 menções e 24,53%; *pão de sal* obteve 76 ocorrências, perfazendo 17,76%; *filão*, 22, totalizando 5,14%; *outras* formas, 15 registros, integrando 3,50%; *média*, com 11 registros, 2,57%, *pão pequeno* e *pão d'água*, seis menções, representando 1,40% cada um; *bengalinha* e *brizolinha*, quatro, sendo 0,93% cada, e *pão careca* apenas duas ocorrências, totalizando 0,47%.

GRÁFICO 8 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Sudeste)



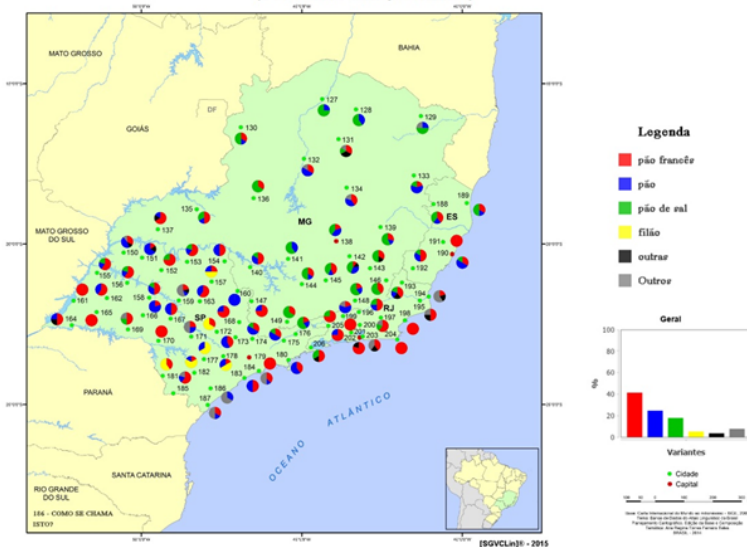
Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na disposição quantitativa de dados por estado da Região Sudeste, *pão francês* aparece como forma mais produtiva no Rio de Janeiro (59,38%), Espírito Santo (48,15%), e São Paulo (41,55%), e segunda em Minas Gerais (30,77%); *pão* obteve o segundo lugar nos índices de produtividade em São Paulo (41,55%) e no Espírito Santo (25,93%), com registros também em Minas Gerais (22,31%) e no Rio de Janeiro (9,38%). Nesse cenário, Minas Gerais apresenta, em comparação aos dados documentados nesta região, uma norma lexical divergente, em que desponta a variante *pão de sal* como a predominante (40%), com expressividade no Espírito Santo (25,93%) e ocorrências também no Rio de Janeiro (9,38%) e em São Paulo (5,31%). Interessante notar também a presença das variantes *filão* (10,63%) e *média* (5,31%), que singularizam a norma lexical paulista; as formas *pão d'água* (2,90%) e *bengalinha* (1,93%) obtiveram ocorrências também restritas a esse estado; *pão pequeno* foi obtido no Rio de Janeiro (3,12%) e em Minas Gerais (3,08%); *brizolinha* (6,25%) e *pão careca* (3,12%), apenas no Rio de Janeiro.

Na Região Sudeste, foi delineado outro cenário linguístico polimórfico, organizado em duas cartas: na Figura 5, em que constam as cinco formas mais produtivas e na Figura 6, retratando as seis variantes menos produtivas. Na Figura 5, a variante de maior produtividade, *pão francês*, foi registrada em todos os Estados, assim como a denominação genérica *pão*; a arealização para *pão de sal*, terceira mais incidente, indica a formação de um contínuo, cuja disseminação engloba terras mineiras, o norte e o sul capixaba, o norte fluminense e o nordeste e vestígios do oeste paulista. Como quarta mais produtiva, *filão*, variante regional, foi documentada no interior paulista, mais precisamente em 181 – Itararé, 182 – Capão Bonito, 177 – Itapetininga, 178 – Sorocaba, 172 – Piracicaba, em área contínua, e em um ponto mais descontínuo, 157 – Ribeirão Preto. Em localidades mais dispersas, foram obtidas as formas rotuladas como *outras*.¹¹

¹¹ Como *outras*, foram obtidas as variantes, nos pontos a seguir: 131 – Montes Claros (MG) – *pãozinho baiano*, *pão normal*; 137 – Campina Verde (MG) *pão comum*; 142 – Ouro Preto (MG) – *pão normal*; 143 – Viçosa (MG) – *pão comum*; 150 – Jales (SP) – *pão de 50 gramas*; 151 – Votuporanga (SP) – *pão da padaria*; 159 – Ibitinga (SP) – *pilãozinho*; 164 – Teodoro Sampaio (SP) – *pão de padaria*; 193 – Itaperuna (RJ) – *salário mínimo* e *bisnaguinha*; 194 – São João da Barra (RJ) – *bisnaga*; 195 – Campo dos Goytacazes (RJ) – *pão normal*; 202 – Rio de Janeiro (RJ) – *mini*; 203 – Niterói (RJ) – *italiano* e 206 – Paraty (RJ) – *pão normal*.

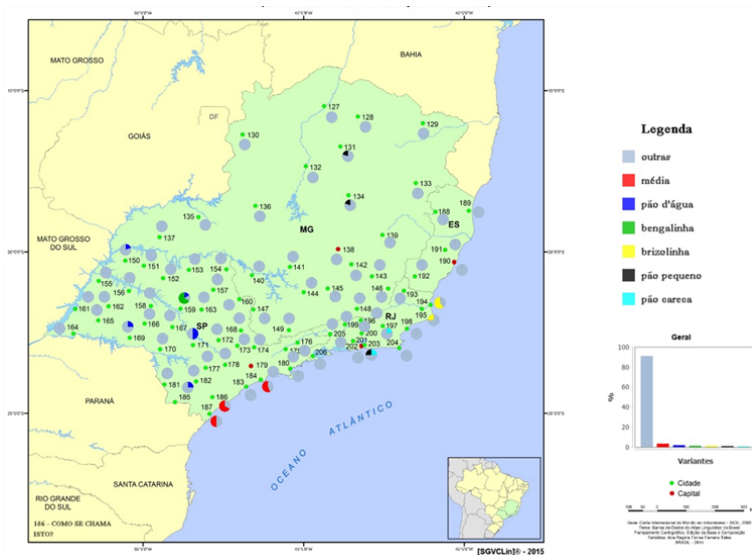
FIGURA 5 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sudeste) – cinco variantes mais produtivas



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Na Figura 6, *média*, sexta forma mais produtiva na Região Sudeste, configura-se uma variante regional, registrada em localidades litorâneas paulistas (184 – Santos, 186 – Registro, 187 – Cananéia), em um contínuo territorial. *Pão d'água*, sétima mais documentada, foi registrada em localidades paulistas, de maneira descontínua, assim como *pão pequeno*. *Bengalinha* foi obtida somente em 159 – Ibitinga, localidade paulista; *brizolinha* e *pão careca* foram documentados em dois pontos fluminenses diferentes.

FIGURA 6 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sudeste) – seis variantes menos produtivas



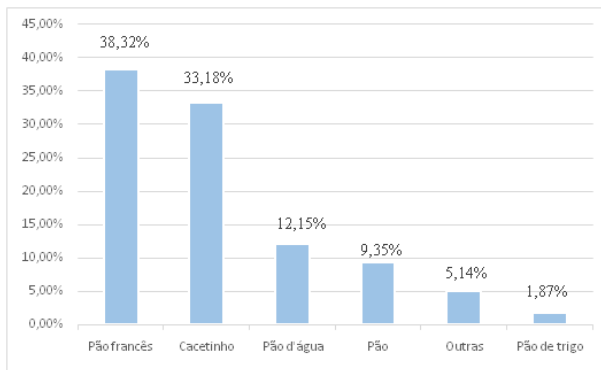
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

No panorama linguístico da Região Sudeste, sublinha-se a multiplicidade de formas, assim como no Nordeste. *Pão francês* desponta como a mais produtiva na maior parte dos estados que compõem a região. Ainda, a norma lexical paulista apresenta variantes cujo uso é restrito a algumas localidades, com destaque para *filão* e *média*. Na norma mineira, salienta-se *pão de sal* como forma mais produtiva, que se integra em um contínuo com maior abrangência no Espírito Santo, prolongando-se aos demais estados e também até o Centro-Oeste, o Nordeste e o Norte.

4.1.5 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Sul

Na Região Sul, o índice quantitativo das formas linguísticas foi sistematizado no Gráfico 9.

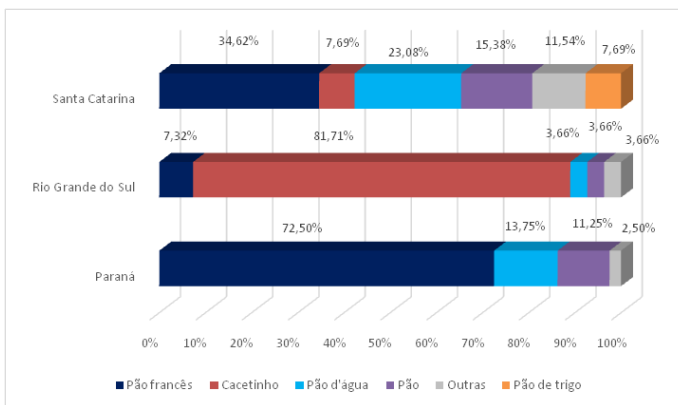
GRÁFICO 9 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Sul



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No conjunto geral, foram obtidas cinco variantes, afora as integradas como *outras*, distribuídas em 214 ocorrências, cujos dados absolutos e relativos foram os seguintes: *pão francês*, com 82 documentações, computando 38,32% do total; *cacetinho*, 71 registros e 33,18%; *pão d'água*, 26 menções, sendo 12,15%; *pão*, 20, integrando 9,35% dos dados percentuais; *outras* variantes, perfazendo 11 ocorrências e 5,4%, e *pão de trigo*, com quatro registros, contabilizando 1,87%.

GRÁFICO 10 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Sul)



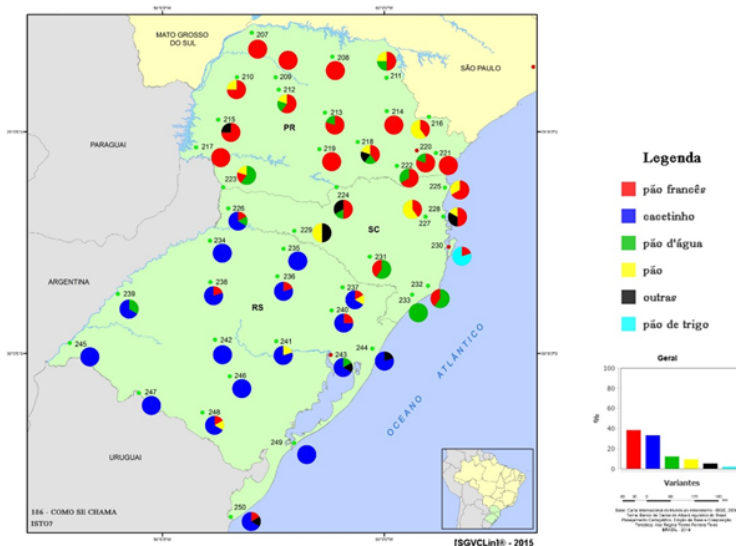
Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

A produtividade das designações para o referente em pauta nos estados da Região Sul oferece indícios de divergências entre as normas lexicais nas unidades federativas mais ao sul em relação ao falar paranaense. No Paraná, *pão francês* é a predominante (72,50%), com produtividade significativa em Santa Catarina (34,62%) e menor incidência no Rio Grande do Sul (7,32%). O falar sul-rio-grandense diverge pela massiva produtividade de *cacetinho* (81,71%), com ocorrências em Santa Catarina (7,69%). *Pão d'água* registrou produtividade mais significativa em Santa Catarina (23,8%), seguido do Paraná (13,75%) e do Rio Grande do Sul (3,66%). *Pão* foi documentado em Santa Catarina (15,38%), Paraná (11,25%) e Rio Grande do Sul (3,66%), e como forma característica dos usos catarinenses, ainda foi obtida a variante *pão de trigo*, contabilizando 7,69%.

No cenário diatópico da Região Sul, a carta representada pela Figura 7 revela um comportamento linguístico particular em relação à disposição geográfica das variantes mais produtivas: *pão francês* dissemina-se do Paraná para o centro (Santa Catarina), enquanto *cacetinho*, forma regional, traça um caminho contrário, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. A terceira mais produtiva, *pão d'água*, foi obtida no sudeste, sudoeste e centro catarinense, no centro, sudoeste e nordeste paranaenses, e em localidades não adjacentes sul-rio-grandenses. De modo descontínuo, foram documentadas *outras*¹² variantes; apresentando arealização mais restrita, circunscrito a Florianópolis, os informantes registraram a variante *pão de trigo*.

¹² Conforme a localidade, foram obtidas as seguintes variantes categorizadas como *outras*: 215 – Toledo (PR) – *paulistinha*; 218 – Imbituva (PR) – *pão de padeiro*; 224 – Porto União (SC) – *pão de padeiro*; 228 – Itajaí (SC) – *pão de padeiro*; 229 – Concórdia (SC) – *bilha*; 243 – Porto Alegre (RS) – *pão comum*; 244 – Osório (RS) – *bilha* e 250 – Chuí (RS) – *portenho*.

FIGURA 7 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sul)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Novamente, nota-se um quadro diversificado no que tange à comparação do panorama linguístico entre os estados: no falar paranaense, foi eleita *pão francês* como a predominante, ao passo que no falar sul-rio-grandense, *cacetinho* caracteriza a norma. Há um contínuo para a duas formas, estendendo-se para Santa Catarina, onde as duas normas se encontram.

Os dados numéricos e a cartografia linguística sugerem um comportamento linguístico distinto em cada estado que integra cada uma das regiões brasileiras: cotejando-se os resultados, no Nordeste e no Sudeste foi constatado um polimorfismo.

Lope Blanch (1974), ao tencionar delimitar as zonas dialetais mexicanas, deparou-se com a multiplicidade de formas linguísticas em uso; assim, concluiu que o polimorfismo indica uma instabilidade linguística, consequência da falta de nivelção no sistema, em que há uma quebra do equilíbrio resultando em nova ordem ou um estado de flutuação, fenômeno inerente às línguas em uso. Assim, a pluralidade de

designações indica as mudanças e transformações pelas quais a língua passa, atrelada aos usos, à evolução histórico-social; assim: “a rapidez ou a lentidão das transformações depende da estrutura da sociedade” (SILVA NETO, 1957, p. 30).

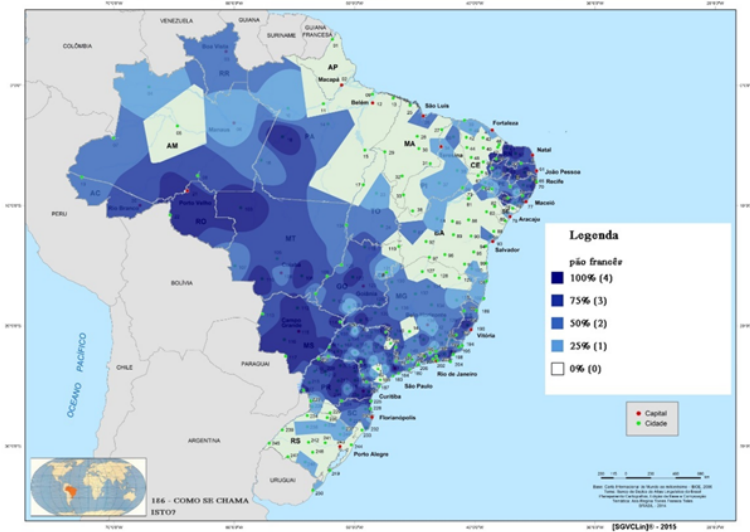
No que se refere ao comportamento linguístico observado em cada estado, há mais diferenças do que semelhanças quanto às designações para o referente. Nesse sentido, o cruzamento dos resultados quantitativos por região e estados e a cartografia dos dados contribuiu sobremaneira na interpretação da vitalidade e distribuição territorial, de modo a indicar a frequência e se há a formação de áreas contínuas ou descontínuas no que tange aos usos. Complementando o estudo, por intermédio das cartas de arealidade gradual, podem ser constatadas as distribuições espaciais das formas na totalidade do território brasileiro, revelando uma possível norma geral e os regionalismos em disseminação areal mais abrangente (em um contínuo abarcando dois ou mais estados de regiões diferentes).

Após a análise da distribuição das variantes por região, elaboraram-se cartas de arealidade gradual para fotografar a disseminação espacial em nível nacional para cada forma validada neste estudo.

4.2 Distribuição espacial das variantes na amostra nacional

A Figura 8 demonstra a arealização para *pão francês* em uma carta representando o panorama linguístico geral brasileiro, em que constam os 250 pontos de inquérito do ALiB. Trata-se da denominação mais produtiva e mais difundida no contexto linguístico brasileiro para o referente em pauta, caracterizando uma forma de uso geral.

FIGURA 8 – Arealidade gradual para *pão francês* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

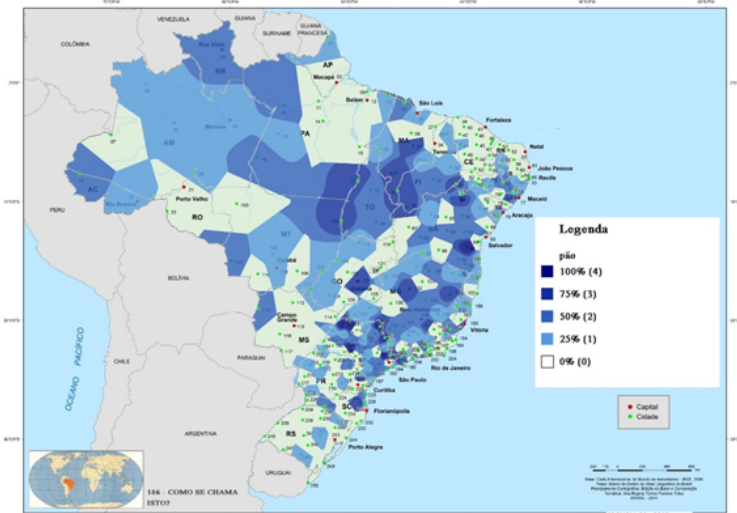
Não obstante, o polimorfismo constatado na somatória das análises de frequência e nas cartas diatópicas por regiões e a distribuição não regular em algumas localidades, assim como a baixa frequência em alguns estados/porções territoriais, dão indícios que há uma instabilidade do uso desta variante, conforme Lope Blanch (1974), sinalizando uma possível mudança linguística, que poderá ser constatada por meio de trabalhos futuros em comparação a este.

Dentre os dicionários consultados, o item lexical em pauta está documentado na entrada *pão* em Aulete [s/d] e em Ferreira (2010), como de uso geral (brasileirismo), além do vocabulário organizado por Almeida (1999). No último, foram registrados como sinônimos: *pão d'água*, *pão de trigo* (no Espírito Santo e Florianópolis), *pão de água e sal* (no Nordeste); *pão massa grossa* (em Roraima) e *pão de sal* (em Minas Gerais, Rio de Janeiro e alguns estados nordestinos), sendo também denominado “*bexiga, filãozinho, carioquinha, pão salgado*” (ALMEIDA, 1999, p. 92), sem especificar sua disseminação. No que

se refere à origem da denominação *pão francês*,¹³ especula-se aludir a um “pão à moda francesa”, surgido durante a *belle époque*, período em que a elite brasileira buscava reproduzir os usos e costumes franceses.

A variante genérica *pão* (FIGURA 9), na extensão nacional, obteve disseminação espacial compreendendo todos os Estados, com menor vitalidade no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Amapá, Pará, Ceará e Rio Grande do Norte.

FIGURA 9 – Arealidade gradual para *pão* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

No tocante à etimologia, o item *pão*, segundo Cunha (2010) e Ferreira (2010), data do século XII e apresenta origem do latim *pānis*. Bluteau (1728) levanta duas hipóteses sobre a gênese da denominação: i) refere-se a Pan, divindade dos pastores, responsável por ensiná-los a moer o trigo e a fabricar o pão, ou ii) do grego Pan, no sentido de “tudo”; donde advém o sentido do pão como alimento universal. Silva (1813), Houaiss; Villar (2009) e Aulete [s/d] também documentam esse item lexical.

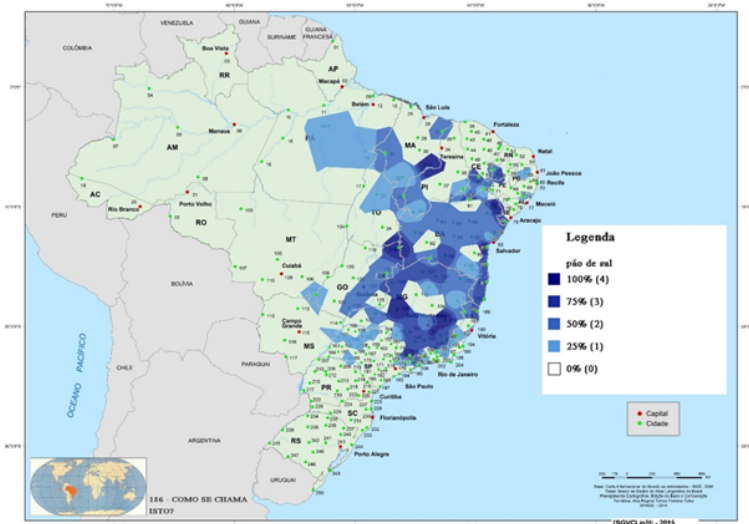
No *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico*, Cuba (2015) desenvolveu uma descrição linguística da área abrangida pelo

¹³ CBN Gastronomia. Disponível em: <https://portalcbnbcampinas.com.br/2018/01/pao-frances/>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Território Incaracterístico conforme classificação de Nascentes (1953). Na questão 075 desse estudo, a autora arrolou as designações para *pão francês*, mapeando as formas obtidas *pão francês* e *pãozinho*, sendo a primeira variante a mais produtiva. Ao tecer comentários conclusivos, a pesquisadora recorreu à regionalização da linguagem, a relação entre o vocabulário e o universo social do falante, consoante Diégues Junior (1960), esclarecendo que nas cidades interioranas, as pessoas têm o costume de fabricar o pão em casa, por isso desconhecem outras denominações para o pão fabricado e comercializado na padaria. Com as devidas ressalvas, por se tratar de um estudo de cunho topodinâmico,¹⁴ enquanto o ALiB segue o viés topoestático, os pontos similares aos estudados por Cuba (2015) documentam apenas essas duas variantes nessa extensão territorial.

A terceira forma de maior vitalidade, *pão de sal*, foi registrada na fração centro-leste do território brasileiro, conforme demonstra a carta representada na Figura 10.

FIGURA 10 – Arealidade gradual para *pão de sal* – questão 186 do QSL

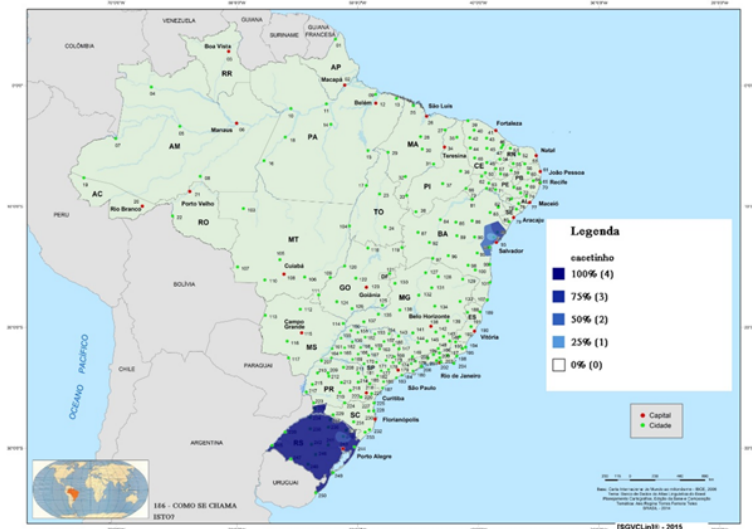


¹⁴ Conforme Thun (1998, p. 706), grupos topodinâmicos são “demograficamente móveis” enquanto os topoestáticos apresentam “pouca mobilidade do espaço”.

Situa-se em uma área delimitada por isoléxica, como um regionalismo englobando porções do Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, com menor frequência e abrangência dispersa em Alagoas, Mato Grosso e outra porção do Mato Grosso do Sul. O item lexical foi documentado somente em Almeida (1999) como um tipo de *pão francês*, denominação em uso em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Sergipe e Alagoas, fato corroborado e expandido por meio dos dados do ALiB. Por apresentar distribuição contínua em estados situados em quatro regiões brasileiras, importa considerar a visão da amostra geral, como neste mapa da distribuição em território nacional.

O regionalismo *cacetinho*, quarta variante mais produtiva, cuja distribuição espacial pode ser visualizada por meio da carta da Figura 11, foi documentado em duas áreas lexicais: uma se estende do Rio Grande do Sul para o oeste de Santa Catarina e a outra abrange a capital Salvador e seus arredores.

FIGURA 11 – Arealidade gradual para *cacetinho* – questão 186 do QSL



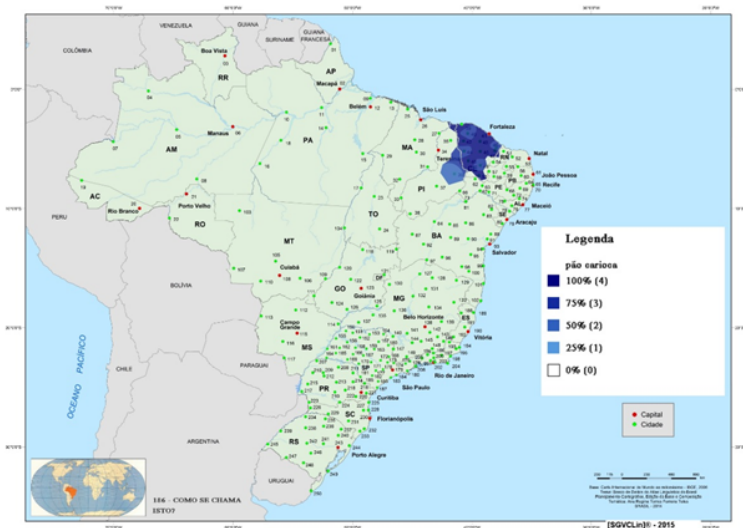
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Conforme Haesbaert (1997), em 1960 e 1980, houve dois fluxos de migrantes gaúchos do Sul para o interior do País, compostos por

camponeses expulsos de suas terras e empresários em busca de novos investimentos. Essas levas se direcionaram para o Triângulo mineiro, Goiás, Tocantins e oeste baiano (alto da Chapada Diamantina), e extremo sul piauiense. A partir desse fato, conjectura-se a respeito de uma provável migração posterior de sulistas para a capital soteropolitana e adjacências. O item lexical, documentado em Houaiss e Villar (2009), foi classificado como sinônimo para *pão francês*, com a marca de uso: regionalismo baiano e sul-rio-grandense. Almeida (1999), por seu turno, convalida essa categorização, estendendo-a também a Fortaleza, localidade essa não condizente com os registros ora obtidos. De modo similar, os dados documentados neste estudo, evidenciados por meio da cartografia linguística, ratificam a marca de uso, delimitando sua arealização nomeadamente sul-rio-grandense, com alta frequência e distribuição regular nesse estado, com alguma vitalidade em área contínua no oeste catarinense e em outra distribuição espacial contínua na capital baiana e nas suas imediações.

A distribuição espacial para *pão carioca*, quinta mais produtiva, foi retratada na Figura 12.

FIGURA 12 – Arealidade gradual para *pão carioca* – questão 186 do QSL

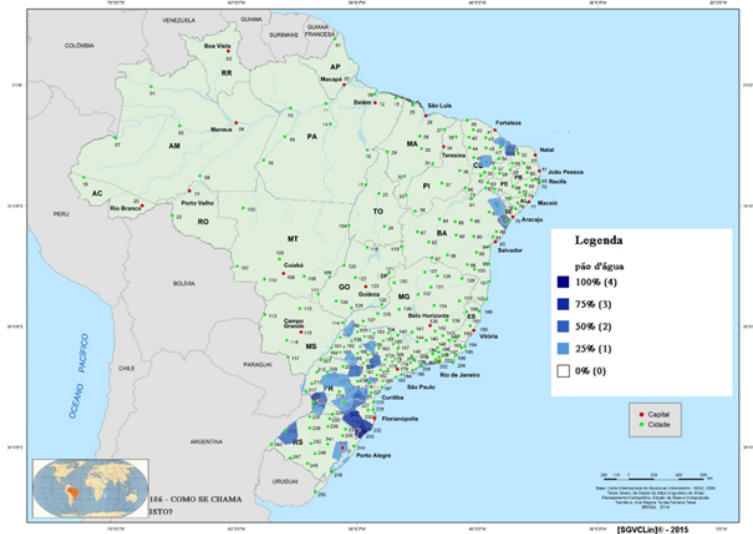


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A variante foi documentada no Ceará e nos arredores piauienses, apresentando arealização passível de delimitação por isoléxica, com alta frequência e distribuição regular. Desse modo, pode ser categorizada como um regionalismo cearense, com alguma vitalidade no Piauí. O item lexical não foi documentado nas obras lexicográficas examinadas.

Na Figura 13, está documentada a arealização para a forma *pão d'água*.

FIGURA 13 – Arealidade gradual para *pão d'água* – questão 186 do QSL

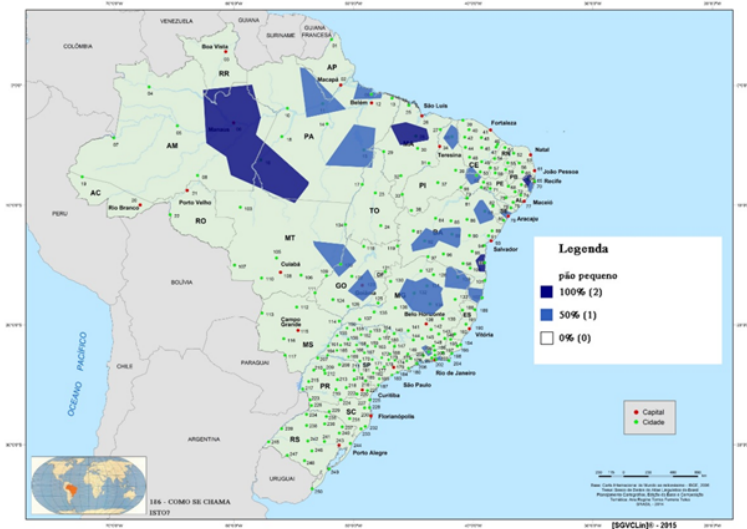


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A distribuição diatópica para *pão d'água* não pode ser delimitada por isoléxica, e abrange espaçadamente o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e o interior de São Paulo, além de espaços na Bahia, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte. Esse item não foi registrado nos dicionários examinados.

Na Figura 14, está representada a distribuição espacial para a variante *pão pequeno*.

FIGURA 14 – Arealidade gradual para *pão pequeno* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A realização dessa forma deu-se de modo mais descontínuo no território nacional, não se integrando em área contínua, abrangendo trechos amazonenses, maranhenses, piauienses, pernambucanos, cearenses, sergipanos, baianos, mineiros, fluminenses, goianos e mato-grossenses. A variante não está documentada nos dicionários consultados.

A distribuição diatópica para a variante *pão careca*, retratada na Figura 15, revela tratar-se de uma forma regional, apresentando alta frequência e distribuição regular, com hegemonia no Amapá e alguma vitalidade no Amazonas e Pará, em um contínuo territorial.

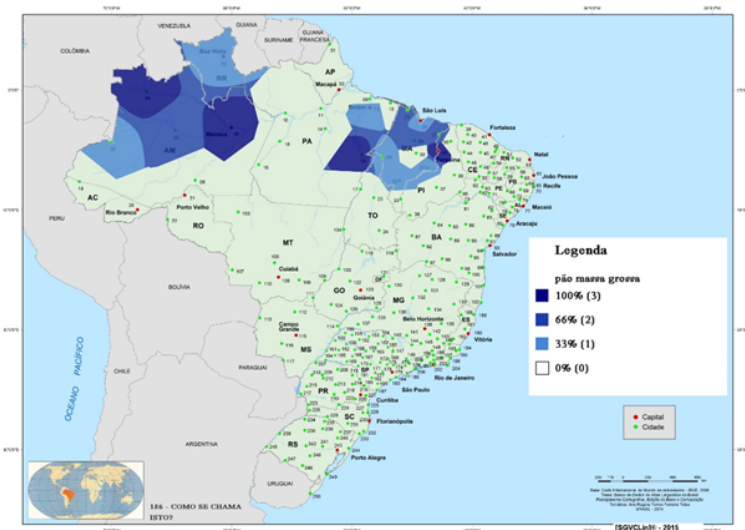
FIGURA 15 – Arealidade gradual para *pão careca* – questão 186 do QSL

Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Nos dicionários, foi registrada por Ferreira (2010) como um tipo de *pão francês* com casca fina, sendo classificada como brasileiroismo.

Na Figura 16, pode-se observar a arealidade gradual para *pão massa grossa*.

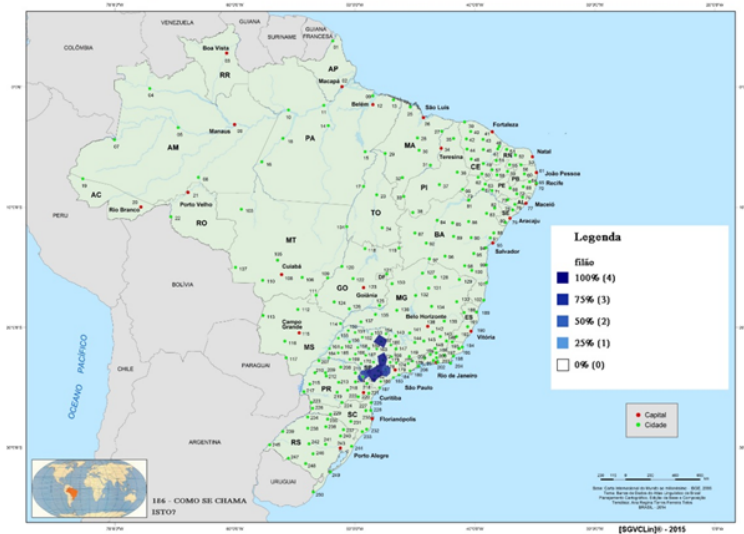
FIGURA 16 – Arealidade gradual para *pão massa grossa* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A distribuição espacial para *pão massa grossa*, com expansão regular, mas frequência relativamente média, indica uma forma linguística regional em duas disseminações territoriais delimitadas por isoléxicas: uma mais significativa em termos numéricos, registrada no noroeste do Estado do Amazonas e em Roraima, e outra em trechos do Maranhão e com alguma incidência no Piauí em área contínua rumo ao centro e leste paraense. Almeida (1999) documenta o item lexical como uma denominação para o *pão francês* em Boa Vista (RR) e em outras localidades nordestinas, informação ratificada, em partes, por meio dos dados geolinguísticos.

A variante *filão*, cuja arealização é representada na Figura 17, integra-se em área delimitada por isoléxica, situada no interior paulista, abrangendo Piracicaba e adjacências, com alguma vitalidade no ponto 157 – Ribeirão Preto.

FIGURA 17 – Arealidade gradual para *filão* – questão 186 do QSL

Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

O item lexical apresenta entrada em Houaiss e Villar (2009), em Ferreira (2010) e no Aulete [s/d], como um tipo de “pão comprido”, categorizado como regionalismo paulista. Almeida (1999), por seu turno, na entrada *filãozinho*, classifica-o com a marca de uso: denominação para *pão francês* no interior paulista. Conforme Cunha (2010), a expressão tem origem no francês e é derivada do italiano *filone*.

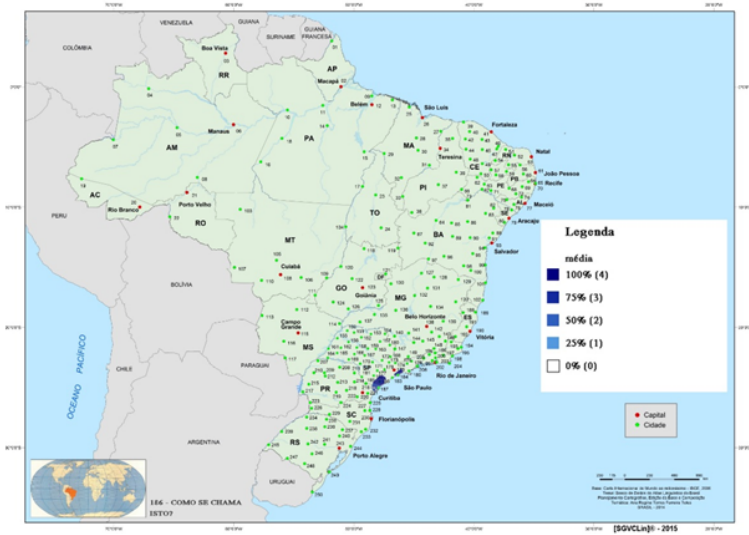
Ao perscrutar outras pesquisas de cunho geolinguístico, ratificou-se a disseminação obtida para a variante em foco. Objetivando descrever a região linguística do médio Tietê (Piracicaba e proximidades), na tese intitulada *Atlas Linguístico Pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*, Figueiredo Junior (2019), com base nos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), mapeou, dentre outras, as variantes para *pão francês*, documentando 13 formas, cuja produtividade foi contabilizada do seguinte modo: 36 registros para *pão/pãozinho*, 36 para *pão francês*, 23 menções para *filão/filãozinho*, quatro para *pão de sal*, duas para *pilãozinho*, e *média*, *baguete*, *pão d’água*, *pão duro*, *pão sovado* e *mescla* com uma ocorrência cada. *Filão* foi

documentado em seis das dez localidades pesquisadas, com destaque nos pontos P5 Sorocaba e P7 Porto Feliz. Conforme os relatos dos informantes, *filãozinho* seria uma forma predominante em período mais remoto, e estaria perdendo espaço para a forma *pão francês*.

A distribuição geográfica dessa forma linguística pode ser relacionada à história de formação social. Conforme Diégues Junior (1960), a criação de estradas de ferro, em especial a Sorocabana, incentivou o surgimento e progresso de muitas cidades na região paulista, atraindo também os imigrantes, como os italianos. Consoante Toth (2018), após a decadência do setor cafeeiro no Vale do Paraíba, uma nova área de cultivo surgiu em Ribeirão Preto, favorecida pelas condições do solo, emergindo como o “Eldorado do café”. Com isso, foi direcionada grande leva de imigrantes à cidade, resultando, em 1912, na marca de 25,01% de italianos dentre o total de habitantes. De acordo com Bitencourt (2017), Piracicaba e região foram pioneiras na imigração italiana, que passou a atuar como mão de obra na cafeicultura. Traçado esse passeio sócio-histórico, a vitalidade da variante regional *filão* indica uma possível influência italiana em Ribeirão Preto e na região de Piracicaba.

A variante *média* foi obtida no litoral paulista, notadamente em Santos, conforme representado na Figura 18. Ainda, foi registrada em localidades situadas no litoral sul paulista, em trecho descontínuo.

FIGURA 18 – Arealidade gradual para média – questão 186 do QSL



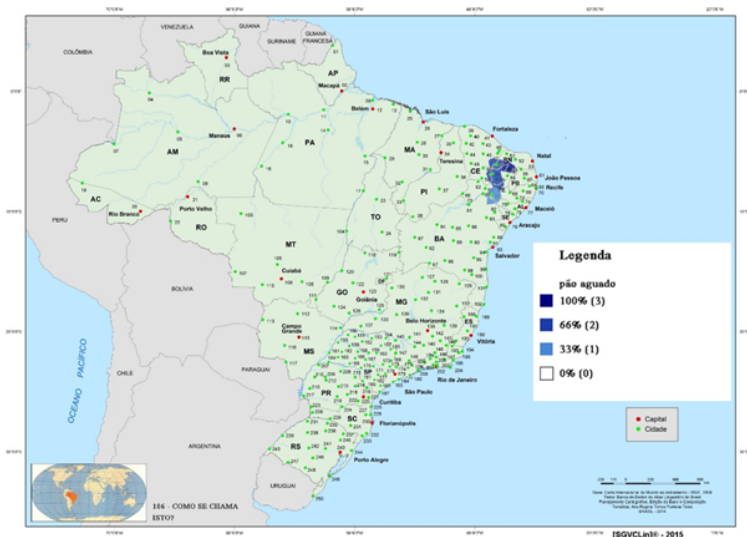
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Consultando-se os atlas linguísticos paulistas de pequeno domínio, foi corroborada a vitalidade da variante no litoral paulista, complementando os resultados deste estudo. Encarnação (2010), ao mapear a fala em quatro pontos do litoral norte de São Paulo (1 – Caraguatatuba, 2 – Ilhabela, 3 – São Sebastião e 4 – Ubatuba), verificou que a variante *média* foi registrada em todas as localidades, com frequência relativa de 75%. Assim, a autora constatou que a variante constitui a norma da região. Ainda foram documentados *pãozinho* e *pão francês*, totalizando, cada um, duas menções (com frequência relativa de 12,5%). Em comentário de um informante, registrado por Santos-Ikeuchi (2014) na elaboração da dissertação intitulada *Atlas Linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*, foi salientada a predominância para *média* em São Vicente, litoral paulista. De posse desses resultados, a presença desse regionalismo no litoral paulista foi notabilizado.

O item lexical foi documentado por Almeida (1999), indicando a marca de uso santista, ratificada e ampliada por meio deste estudo e das demais pesquisas geolinguísticas citadas.

Na Figura 19, está representada a arealidade para *pão aguado*, indicando uma forma linguística regional que apresenta disseminação regular, embora com menor frequência, obtida no interior pernambucano, paraibano, cearense, potiguar, em área circunscrita por isoléxica.

FIGURA 19 – Arealidade gradual para *pão aguado* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A variante não foi documentada nas obras lexicográficas consultadas.

A seguir, descreveu-se a distribuição espacial de itens que foram pouco produtivos e/ou não apresentaram disseminação contígua no universo da amostra nacional. Inserem-se nessa categoria: *pão de trigo*, *bengalinha*, *brizolinha* e *pão Jacó*.

Pão de trigo foi registrado em Florianópolis e no interior baiano (86 – Jacobina). Conjectura-se que a disseminação da variante da capital catarinense para o território baiano possa ser resultado de movimentos migratórios internos. A classificação do item como característico da fala florianopolitana é corroborada por Almeida (1999).

A distribuição areal da variante *bengalinha* foi obtida no ponto 159 – Ibitinga, no interior paulista, na fala dos quatro informantes

entrevistados. O item lexical não foi documentado nos dicionários e vocabulários pesquisados.

A arelização para *brizolinha* engloba apenas duas localidades fluminenses não contíguas: 194 – São João da Barra e 195 – Campo dos Goytacazes. As obras lexicográficas consultadas também não documentam esse item lexical.

Pão Jacó, produtiva na fala de informantes aracajuenses, circunscreveu-se apenas a essa localidade. Almeida (1999) classificou o item como uma denominação para *pão francês* no interior sergipano, no entanto, os dados do ALiB indicaram o registro restringindo-se somente à capital sergipana. Novos estudos descritivos de pequeno domínio, mais pormenorizados, podem vir a atestar uma possível vitalidade em outras localidades, além da capital.

Considerando-se os resultados, conclui-se a respeito da relevância do papel da Geolinguística no exame e delimitação dos falares; Rona (1969) enfatizava a importância dessa área de estudos, ao demarcar as diferenças linguísticas peculiares de determinadas extensões territoriais, na observação dos regionalismos dialetológicos. Dado o relevo desse ramo de estudos, tanto o referido autor como Cunha (1987) já salientavam a contribuição da Geolinguística para a composição de glossários regionais, que carecem de uma delimitação exata da distribuição espacial das expressões.

A conjugação de diferentes critérios de análise do fenômeno (exames quantitativos, cartografia linguística – com foco na perspectiva geral, estadual e regional), contribuiu sobremaneira na interpretação dos dados. Na comparação das cartas diatópicas pontuais por região às cartas de arealidade gradual, percebeu-se um sentido de continuidade territorial para algumas normas regionais, não obstante, de modo geral, os estados tenham apresentado mais diferenças entre eles no que tange aos designativos para o referente. Nesse cenário, destaca-se a polimorfia averiguada nas normas nordestina e do Sudeste.

A norma, em nível lexical, revela aspectos físicos e ambientais do meio em que os falantes vivem, suas tradições, suas experiências e seu conhecimento de mundo; assim, por intermédio do exame da frequência conjugado à análise da distribuição das formas em determinados espaços territoriais de modo contínuo, foi observada a documentação para *pão francês* como norma geral. Entretanto, sua frequência e distribuição irregular em comparação aos dados por região e na amostra geral oferece indícios de uma possível mudança linguística.

Caracterizando-se como regionalismos, foram obtidas as formas: *pão de sal* e *pão massa grossa*, com frequência relativamente média, e distribuição regular ampla, abrangendo estados de mais de uma região; *cacetinho*, *pão carioca* e *pão careca*, com alta frequência e distribuição regular, sendo o primeiro, situado no falar sul-rio-grandense e em trecho catarinense e em uma área descontínua, o segundo, no cearense, com alguma vitalidade no piauiense, e o último, hegemônico no falar amapaense, com incidência no amazonense e paraense. As formas regionais *filão*, *média* e *pão aguado* apresentaram cada um, uma distribuição regular em uma faixa territorial contínua, com baixa frequência; não obstante, pesquisando-se outros estudos geolinguísticos, foi reafirmada a alta frequência no que se refere às duas primeiras variantes, sendo a primeira tida como norma regional paulista de influência italiana e a segunda, norma paulista do litoral.

Por intermédio de estudos de pequeno domínio, poderão ser somados outros resultados mais expressivos no que diz respeito à arealidade das demais variantes (*pão de trigo*, *bengalinha*, *brizolinha* e *pão Jacó*). Assim, salientou-se a importância da complementação dos resultados conjugados a outros estudos de cunho geolinguístico.

5 Considerações finais

Diante do exposto, pode-se tecer conclusões a respeito da fluidez das fronteiras linguísticas delineadas virtualmente por intermédio das isoléxicas. Neste estudo, muitas das formas linguísticas registradas disseminaram-se por uma ou mais áreas passíveis de serem delimitadas por essas isoglossas de nível lexical.

No que se refere à vitalidade das variantes obtidas, a pluralidade de denominações documentadas e a grande produtividade de registros transpareceram a presença do referido alimento no cotidiano nacional. Perpassando o universo simbólico e religioso, o pão tem papel relevante à mesa desde a aurora da civilização.

Por efeito da tradição e inovação, formas linguísticas em uso por determinada comunidade linguística podem ser perpetuadas ou renovadas; como resultado da cartografia linguística, foram recuperadas tais tonalidades no que diz respeito à cultura regional, trazendo à luz variadas denominações. Assim, foi obtida uma variante como norma geral, *pão francês*, mais produtiva e disseminada territorialmente, e os

regionalismos: *pão de sal, cacetinho, pão carioca, pão careca, pão massa grossa, filão, média, pão aguado*. Em relação à disseminação para *pão de trigo, bengalinha, brizolinha e pão Jacó*, mais locais, são necessários estudos de pequeno domínio posteriores, abrangendo uma rede de pontos mais densa, a fim de confirmar a vitalidade dessas formas em outras localidades adjacentes às áreas em que foram documentadas neste estudo.

No que tange ao repertório vocabular regional, foi possível observar aspectos culturais, identitários, migratórios e de contato interétnico que emergem dos usos linguísticos. Nesse sentido, a investigação etimológica das variantes e a pesquisa a respeito da formação social contribuíram no resgate histórico das formas, bem como, a título de exemplo, na observação de traços de influência estrangeira, como a italiana no interior paulista, com o registro do regionalismo *filão*, uma das variantes documentadas para o referente em pauta.

Quanto à não inserção das variantes em obras lexicográficas, como previsto, a maioria das formas linguísticas registradas neste estudo não estão documentadas nos dicionários pesquisados; não obstante, alguns desses itens lexicais foram arrolados por Almeida (1999), por se tratar de uma obra mais específica.

Em suma, o exame da propagação das formas linguísticas recolhidas na extensão do território nacional pelas equipes do Projeto ALiB, aliado à cartografia linguística, vem contribuindo com o re(conhecimento) da multiplicidade das formas de expressão, da vitalidade regional, além de poder cooperar substancialmente na atualização, com base empírica, dessas vozes identitárias nas marcas de uso em obras lexicográficas. A empreitada da elaboração de um atlas linguístico nacional, levada a cabo pelo ALiB, vem delineando um panorama geral da pluralidade linguística brasileira, orientando novos estudos e perenizando a riqueza cultural dos diversos recônditos do País.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação Araucária; aos informantes que dispuseram as suas entrevistas à pesquisa; à equipe do Projeto ALiB que gentilmente disponibilizou os dados; ao Vinícius Morais Simões, pelas sugestões no que se refere ao tratamento quantitativo dos dados e aos pareceristas deste artigo, cujas sugestões enriquecedoras somaram sobremaneira no aperfeiçoamento do texto.

Referências

- ALMEIDA, A. C. de. *Pães no Brasil: fotos e verbetes*. São Paulo: Editora Maná, 1999.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982.
- AULETE, C. *Aulete digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. [s/d]. Versão *online*. Disponível em: http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade*. Processos do neologismo. 2. ed. São Paulo: Global, 1989.
- BIDERMAN, M. T. de C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, M. T. de C. Fundamentos da Lexicologia. In: _____. (org.). *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99-155.
- BITENCOURT, R. Piracicaba foi pioneira na imigração europeia em São Paulo e no Brasil. *G1*, Piracicaba, 18 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/piracicaba-250-anos/noticia/piracicaba-foi-pioneira-na-imigracao-europeia-em-sao-paulo-e-no-brasil-afirma-pesquisador.ghtml>. Acesso em: 6 jan. 2019.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.
- CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.
- CASCUDO, L. da C. *História da alimentação no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p. 13-85.

CUBA, M. A. *Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico*. 2015. 279 f. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C. *Que é um brasileirismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

D'ALBUQUERQUE, A. T. *Falsos brasileirismos (argentinismos e americanismos erradamente apontados como brasileirismos)*. Rio de Janeiro: Edição Getúlio Costa, 1945?.

DIAMOND, J. M. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades*. 15. ed. Trad.: Nota Acessoria, Silva de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

DIÉGUES JUNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), 1960.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral Norte de São Paulo*. 2010. 741f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO JUNIOR, S. R. *Atlas Linguístico Pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2018. 2.120f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-12072019-155328>

GUEDES, C. M. *O ciclo de Elêusis: imagem e transformação social em Atenas no século IV a. C.* 2009. 178f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade. A rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

HJELMSLEV, L. Langue e parole. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Paris, n. 2, p. 29-44, 1942.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIM, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (org.). *História, religião e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408>. Acesso em: 29 set. 2017.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, São Paulo: UFMS, Humanitas, 2007. v. II. p. 193-208.

JACOB, H. E. *Seis mil anos de pão. A civilização humana através de seu principal alimento*. Trad. José M. Justo. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

LOPE-BLANCH, J. M. En torno al polimorfismo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 5., 1974, Bordeaux. *Actas* [...]. Bordeaux: AIH, 1974. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/en-torno-al-polimorfismo/>. Acesso: 29 set. 2020.

LURKER, M. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mario Krauss, Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MULLER, C. *Principes et methodes de statistique lexicale*. Paris: Hachette, 1977.

MUSSOLINI, G. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: SCHADEN, E. (org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Seleções da *Revista de Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 293-316.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. 475f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

PAIVABOLÉO, M. de. *Brasileirismos (problemas de método)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.

REY, A. Usages, jugements et prescription linguistiques. *Langue Française: La Norme*, [S.l.], n. 16, p. 4-28, 1972. DOI: <https://doi.org/10.3406/lfr.1972.5701>. Disponível em: http://www.persee.fr/issue/lfr_0023-8368_1972_num_16_1. Acesso em: 19 set. 2020.

RIBEIRO, J. *A língua nacional e outros estudos linguísticos*. Petrópolis: Vozes, 1979.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 401f. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.119-151>

RONA, J. P. ¿Qué es un americanismo? In: *El Simpósio de México: Actas, informes y comunicaciones*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 135-148.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS-IKEUCHI, A. C. *Atlas Linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*. 2014. 364f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SCHULTZ, B. S. Semântica de pão nos dicionários históricos do português. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 12, n. 24, p. 74-98, 2016.

SILVA NETO, S da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1986.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza* – recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. *Actes [...]*. Tübingen: Niemeyer, 2000. v. 3: Vivacité et diversité de la variation linguistique, p. 367-388.

THUN, H. La geolingüística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). *Atti del Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110934038.701>. p. 701-729.

TOTH, N. A. S. A. Memórias do café e da imigração italiana – História. *Revista da FLUP*. Porto, v. 8. n. 1. p. 136-157, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21747/0871164X/hist8a8>. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/4511/4226>. Acesso em: 6 jan. 2019.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da Alimentação e Cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. 399f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

YIDA, V. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.



Estilo, paixão e tensividade: dois casos de ciúmes

Style, passion and tensivity: two jealousy cases

Norma Discini

Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

normade@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-3491-1203>

Eliane Soares de Lima

Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo / Brasil

li.soli@usp.br

<http://orcid.org/0000-0002-0198-4473>

Ivã Carlos Lopes

Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

lopesic@usp.br

<http://orcid.org/0000-0003-0153-1949>

Resumo: Nossa atenção recai em paixões voltadas para a falta de confiança de um sujeito em relação a outro, como o ciúme. O abalo fiduciário remete a um modo peculiar de representação de mundo. Mas há estilos variados de ser ciumento, inquieto, desconfiado, decepcionado, enfim. Se forem consideradas totalidades discursivas postas em confronto, podem ser observados diferentes modos de presença, estilos distintos de ser apaixonado, a partir do exame desenvolvido em relação aos mecanismos de construção dos efeitos passionais. Assim, propomos para este estudo uma discussão sobre as questões teóricas envolvidas em tal problemática, seguida de uma análise comparativa entre dois estilos diversos de ser ciumento: o de Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e o de Bentinho, do romance machadiano *Dom Casmurro*. Uma abordagem dessa natureza tem seu interesse no fato de que a passionalidade do ator da enunciação enunciada, como sujeito do afeto, pode ser recuperada por princípios teóricos e metodológicos que se afastam de um psicologismo e colocam o texto no lugar de onde ele veio: o discurso.

Palavras-chave: paixão; estilo; fidúcia; tensividade; ciúmes.

Abstract: Our attention is focused on passions arising from the lack of confidence from an individual in relation to another one, like jealousy. The fiduciary disturbance, in this case, relates to a peculiar form of world representation. But, in fact, people can become jealous, restless, suspicious, disappointed, and so on, in a variety of styles. If the discursive totalities put into confrontation are considered, so that one can infer the image of the presupposed enunciator, or his style of being passionate, one can then uncover the different ways of presence from an accurate examination of the construction mechanisms involved in the referred passion effects. We illustrate these questions through a comparative analysis between two styles of being jealous in Brazilian literature: that of Paulo Honório, protagonist of the novel *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, and that of Bentinho, from the novel *Dom Casmurro*, by Machado de Assis. The interest of such an approach lies in explaining how the enunciation actor, as an affection subject, may be recovered by theoretical and methodological principles which move away from any psychologism and place the text where it came from: the discourse.

Keywords: passion; style; trusting; tensivity; jealousy.

Recebido em 04 de agosto de 2020

Aceito em 11 de outubro de 2020

1 De estilos e paixões

Assumiremos como ponto de partida a máxima de Buffon (1707-1788) de que “o estilo é o homem”. Assim, podemos dizer que o enunciador de um estilo é, antes de mais nada, uma presença no mundo, instituída no interior de seus próprios enunciados e passível, portanto, de descrição e análise. Isso se comprova, ao contemplarmos totalidades de enunciados que remetem a determinado ator da enunciação – entendido, o ator da enunciação, como o sujeito discursivo, que, ao enunciar-se, é reconhecido no desempenho de papéis temáticos e do próprio papel actancial (Destinador de valores). Para a definição dos papéis temáticos do sujeito do estilo, temos o tratamento ético oferecido aos temas veiculados no enunciado e temos os recursos usados para desenvolver, por meio da enunciação enunciada, apreciações moralizantes sobre as coisas do mundo. Os papéis temáticos forjam, pois, o corpo que respalda o caráter do enunciador, sujeito do estilo.

Falar de estilo é, nesse sentido, remeter a um corpo semântico que se institui no espaço discursivo (DISCINI, 2015), sendo este também um

espaço tensivo. Se na dimensão discursiva evidenciam-se convergências e divergências entre crenças e aspirações sociais, na tensiva é a percepção do sujeito enunciador que se mostra no discurso produzido, em sua intensidade e extensidade, e com ela o seu modo próprio de sentir. Assim, ao lado do corpo semântico do estilo é possível falar também de sua faceta propriamente estética.

Tais constatações interessam à medida que iluminam a proposta de se depreenderem distintos estilos passionais, ou seja, modos peculiares de vivenciar um mesmo estado de alma, uma mesma paixão, pensando, por exemplo, que sempre há coléricos e coléricos, nostálgicos e nostálgicos ou, como será aqui analisado, ciumentos e ciumentos. A diferença posta em causa é aquela dos graus de apego, de ritmos próprios da apreensão sensível no encontro com o inteligível, da maior ou menor inclinação dos sujeitos a um *perfil pático*, mais sensível, ou a um *perfil judicativo*, mais inteligível, distinguíveis a partir do fato de o sujeito entregar-se menos ou mais ao que sobrevém a ele como acontecimento.

Conforme esclarece Discini (2015), o primeiro, o *perfil pático*, diz respeito ao estilo daquele cuja inclinação recorrente é resultante do efeito causado pelo impacto emocional, fazendo aflorar a sua sensibilidade com maior intensidade na apreensão do mundo percebido; já o segundo, o *perfil judicativo*, ao sujeito ético, cujos posicionamentos, dada a prevalência de impacto sensível menor, causado pelo abalo emocional, se fazem próximos às “formações discursivas”, às moralizações sociais. Em ambos os casos essa inclinação mencionada aparecerá nos discursos, concebidos como uma totalidade de sentido que se tem à mão para análise e da qual despontam vetores de processamento do corpo actorial em devir, isto é, vetores de estilo passíveis de serem encontrados em qualquer tipo de texto, porque são marcas próprias à enunciação enunciada. Para a noção de totalidade temos respaldo no princípio de que o todo está em cada parte, esboçando esta última a presença potencializada do sujeito como um modo recorrente de dizer, realizado mesmo em único excerto e não desvinculado do próprio devir ou do seu vir-a-ser.

Junto aos mecanismos semióticos de construção do ator do enunciado, também as especificidades da manifestação discursiva de diferentes modos de ser/estar apaixonado – ou, mais especificamente, como nos interessa para este artigo, o de ser ciumento – podem ser examinadas, na medida em que da afetividade projetada no enunciado despontam as condições engendradas na representação dos (des)acordos

que ocorrem na interação entre sujeitos. Por isso, o que propomos neste estudo é primeiro uma discussão sobre as questões teóricas envolvidas em tal problemática; e, na sequência, uma análise comparativa entre dois estilos bastante distintos de ser ciumento. Partiremos da proposta feita por Discini (2014), que distingue o ciumento suspeito do ciumento convicto, procurando dar continuidade a essa ideia. O afeto manifestado discursivamente, graduável em força de impacto, será descrito, assim, conforme os estudos da tensividade feitos por Zilberberg (2011), em especial sua proposição de abordagem dos estilos tensivos descendente e ascendente. As totalidades tomadas para investigação, como fonte de experiência da paixão do ciúme, serão os romances *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Todavia, alertamos desde já que, longe de uma análise exaustiva, interessa-nos apenas destacar dois estilos distintos de ser ciumento, assinalando as principais características ligadas ao modo de presença peculiar que sustenta um e outro estilo passional.¹

2 De crenças e simulacros

Os afetos podem apresentar-se ligados a uma falta, legitimada pela crença do sujeito, crença pensada em relação à própria competência, quer para agir, quer para existir. Greimas (2014) evidencia isso ao falar em competência para a ação (competência para realizar uma *performance*) e competência existencial; de lá, emerge o *crer* em algo para fazer algo, e, de cá, o *crer* para simplesmente ser. Esse princípio relativo ao *crer* – *ser ou fazer* – respalda todas as relações interactanciais. A crença pode estar cravada na relação contratual estabelecida com o *outro*, quando ela se atrela a determinada expectativa.

A crença cria, pois, representações, que, como simulacros, podem ser concebidas como imagens. Há imagens representativas das

¹ No domínio dos estudos literários existem algumas análises comparativas entre os modos de manifestação do ciúme em *Dom Casmurro* e *São Bernardo*. A maioria delas destaca a problemática sócio-cultural subjacente à paixão em causa, chamando a atenção a um suposto patriarcalismo considerado de alguma relevância no comportamento dos protagonistas. De nossa parte, insistimos que nosso objetivo aqui é apenas o de comparar dois perfis passionais distintos, em relação à tensividade que os caracteriza, para mostrar a produtividade desse tipo de análise na investigação de estilos de ser/estar apaixonado.

competências que os actantes da comunicação se atribuem reciprocamente. Há também a imagem que o sujeito faz de si para si, o simulacro reflexivo. Temos, então, um sujeito que, firmado constitutivamente em relação ao *outro*, define-se por meio de simulacros, ou seja, de “uma configuração que resulta apenas da abertura de um espaço imaginário” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 58).

A representação como base da noção de simulacro converge, nesse sentido, para o conceito de “capacidade simbólica” postulado por Benveniste (1995, p. 29), para quem “o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem” (p. 29). Fala o autor em uma “faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade” (p. 29), e acrescenta: “Essa capacidade simbólica está na base das funções conceptuais. O pensamento não é senão esse poder de construir representações das coisas e de operar sobre essas representações. É, por essência, simbólico” (p. 29).

O linguista alude ao “poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (p. 27) – para detalhar o que seria essa capacidade simbólica. Ele afirma que “a linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização” (p. 26). Podemos, pois, pensar que a “capacidade simbólica” do sujeito emerge juntamente com o simulacro discursivo, atrelado a deveres e querer, poderes e saberes, que compõem seu estilo. É próprio do homem o desempenho de uma função simbólica na interação com o outro e na relação consigo mesmo. Os deveres e querer, incorporados na manipulação intersubjetiva, favorecem as condições para que se componha a competência de um sujeito dotado de poderes e saberes. Essa competência, considerada um programa narrativo pela Semiótica, alinha-se ao que Benveniste entende como a capacidade humana de “construir representações das coisas e de operar sobre essas representações” (BENVENISTE, 1995, p. 29) de modo próprio. Eis a competência simbólica.

Na Semiótica, entende-se que, mediante a competência simbólica, o sujeito tem prontidão para interagir com o *outro*, seja no espaço social e histórico, seja no espaço perceptivo e afetivo, sem que haja aí a sugestão de que este independe daquele. Do discurso desponta o indivíduo, que, fruto do embate com a alteridade e por isso responsivo ao mundo, é apreensível nos enunciados que ele mesmo formula como sustento de seu estilo.

Os simulacros, entendidos como “objetos imaginários, que não têm fundamento intersubjetivo, mas, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas” (BARROS, 2001, p. 64), chamam a atenção para a problemática da expectativa. Conforme esclarece Landowski no verbete “simulacro” do Dicionário II de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 1986):

Na semiótica narrativa e discursiva, utiliza-se, um tanto metafóricamente, o termo *simulacro* para designar o tipo de figuras, com seus componentes modal e temático, mediante as quais os actantes da enunciação deixam-se mutuamente apreender, uma vez projetados no âmbito do discurso enunciado. Sob o ponto de vista do seu conteúdo, tais figuras podem ser consideradas como representativas das competências próprias que os actantes da comunicação se atribuem reciprocamente. Por isso, a construção desses simulacros aparece, na dimensão cognitiva, como um pré-requisito de todo programa de manipulação intersubjetiva. (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 206, grifo do autor.)²

A dimensão cognitiva, considerada, conforme lembra o autor do verbete, um “pré-requisito de todo programa de manipulação intersubjetiva, implica”, portanto, não apenas o *saber*, mas também o *crer*. A crença, entendida de modo amplo (o que a vincula aos sintagmas *crer ser*, *crer poder fazer*, *crer dever fazer*, entre outros), ancora a competência do sujeito para agir e para existir no mundo. Se pensarmos no *querer* e no *dever*, no *poder* e no *saber* como modalidades que, ligadas ao *ser* e ao *fazer*, constituem o sujeito, reconhecemos possibilidades de acertos e de desacertos entre elas mesmas, tal qual organizadas pela crença desse sujeito na construção da própria competência. Os desacertos fundam paixões de falta na dimensão subjetiva. Alguns exemplos: *quero mas*

² Tradução nossa para o trecho original: “De façon quelque peu métaphorique, on emploie le terme de *simulacre*, en sémiotique narrative et discursive, pour désigner le type de figures, à composante modale et thématique, à l’aide desquelles les actants de l’énonciation se laissent mutuellement appréhender, une fois projetés dans le cadre du discours énoncé. Du point de vue de leur contenu, ces figures peuvent être considérées comme représentatives des compétences respectives que s’attribuent réciproquement les actants de la communication. De ce fait, la construction de tels simulacres intervient, sur la dimension cognitive, comme un préalable nécessaire à tout programme de manipulation intersubjective.”

não devo; sei mas não posso; quero, devo, mas não sei e não posso são combinações modais obstrutivas para a composição de um sujeito realizado – entendido, o “realizado”, como aquele em conjunção com o objeto de valor. Este último, pensado na narratividade que sustenta a geração do sentido, justifica a busca também como modo de presença – busca que é cravada na falta.

Paralelamente a essas combinações modais, confirma-se na ordem da intersubjetividade a função da alteridade no engendramento das paixões da falta. Desponta a expectativa de que o *outro quer, deve, sabe e pode* fazer cumprirem-se meus anseios em relação a ele, no simulacro que, construído imaginariamente por um sujeito, não necessariamente é partilhado na comunicação intersubjetiva. Daí decorre a espera fiduciária malograda, que ampara o desenvolvimento de paixões como o ciúme.

A expectativa não realizada, como foi apontado por Greimas (2014), sugere, nesse âmbito, um descompasso entre simulacros. O que, em princípio, na ordem da intersubjetividade, criaria um sentimento de confiança mútua entre os parceiros da comunicação e implicaria crenças partilhadas, passa a ser um desacordo fiduciário. Permeados pela relação discrepante entre ser e parecer, tais simulacros podem ser entendidos como imaginário passional, interessando, tal imaginário, como semântica, como sentido produzido no discurso. Desse modo, não se pensa em uma psiquê solta das amarras da linguagem, uma vez que esta última é concebida como “instrumento do pensamento discursivo” (BENVENISTE, 1995, p. 30).

As relações de desacordo modal concernentes ao *outro*, dispostas na ordem da narratividade, a qual sustenta qualquer discurso, implicam um sujeito de estado (o sujeito do ser) e um sujeito do fazer. Aquele é o ponto de partida da relação de confiança imaginariamente forjada como intersubjetiva, apesar de não o ser. As modalidades epistêmicas do crer, organizadas segundo a crença do sujeito em ser isto ou aquilo, permitem pensar em diferentes modos de constituição do imaginário passional, os quais definirão estilos característicos de ser apaixonado. A esse respeito, assinala Discini (2014) que a vinculação do contrato veridictório à paixão seguramente traz consequências para a investigação desenvolvida sobre distintos estilos passionais.

Pensemos, por exemplo, de um lado, em um sujeito que crê que o mundo (ou ele próprio, sujeito) é (ou não é) de determinada forma; de outro, em um sujeito que crê que o mundo (ou ele próprio, sujeito) apenas

pode ser (ou não) de determinada maneira. No primeiro caso, o sujeito do afeto se apresenta como presença movida pelo *crer-ser* dominante, de certeza inabalável, desenvolvida como representação de mundo e de si mesmo; no segundo, teremos uma presença mais voltada ao provável, ao *poder-ser* em tensão com o também *poder-não-ser*, próprio a uma crença ambígua (DISCINI, 2014).

Se nos voltarmos para o sujeito assaltado pela paixão do ciúme, estaremos diante do *ciumento convicto* e do que se pode chamar um *ciumento suspeito*, cujo imaginário passional ancora-se mais na probabilidade de uma traição sofrida como representação simbólica dos fatos. Para o convicto, a força de impacto da frustração é vivida na ordem do acontecimento, o que explica a fúria desencadeada, a manutenção da intensidade em alto grau, conforme veremos ser o caso de Paulo Honório, em *São Bernardo*. Já para o suspeito é o *vir-a-ser* que o dirige, com a intensidade da frustração diluída na extensidade de sua percepção, na distensão da duração, segundo acontece com Bentinho, de *Dom Casmurro*. De um lado, indicações da configuração de um ciumento pleno de certezas; de outro, de um ciumento movido pela instabilidade peculiar à probabilidade. Ainda assim, em ambos os exemplos, que serão mais bem explorados a seguir, prevalece a tensão entre um polo e outro, o intervalo, o “tender a” mais do que a estabilidade em um deles, conforme características típicas à paixão do ciúme. Veremos.

3 Paixões da falta e da frustração

A espera fiduciária, diferentemente da simples espera de conjunção com um objeto, é voltada para outro sujeito, visto este, segundo discutimos anteriormente, como feixe de expectativas. Ao *outro* se atribui imaginariamente um *querer-ser* consoante com o nosso, e também um *dever-ser* segundo nossas expectativas. Desse modo se projeta o simulacro enganoso, enquanto se criam condições para a emergência da frustração, necessariamente alinhada com a insatisfação e a decepção (GREIMAS, 2014). Assim se institui a espera fiduciária mal sucedida, o que é explicitado por Barros (2001, p. 64):

O sujeito do estado pensa poder contar com o sujeito do fazer para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao sujeito do fazer um /dever-fazer/. Não se trata, na maior parte das vezes, de contrato verdadeiro e sim de contrato de confiança, um

pseudocontrato ou contrato imaginário. Dessa forma, o sujeito do fazer não se sente obrigado a fazer, já que sua modalização deôntica não passa de produto da imaginação do sujeito do estado.³

O frustrado é, portanto, aquele que, no exercício do papel do sujeito da espera fiduciária, sofre, radicando-se no estado de descontentamento. O sofrimento próprio ao ciúme, por exemplo, inclui a frustração em relação ao *outro*, actancializado como o sujeito tornado objeto do amor. Mas o amor do ciumento se apresenta impregnado pelo valor da exclusividade, valor que o ciumento imagina ser partilhado com a pessoa amada. Engano.

O abalo fiduciário, que é pressuposto à configuração tanto do insatisfeito, como do decepcionado, ocorre no campo das crenças de quem quis, pôde e soube acreditar – e acreditou – no *outro*. Mas este *outro* pode ser o próprio sujeito do crer, situação em que se apresentam as tensões decorrentes do simulacro reflexivo, da imagem conflituosa feita do sujeito para consigo mesmo. O desacordo pode ser interno ao sujeito. Torno-me decepcionado e frustrado em relação às minhas próprias crenças, o que implica insatisfação com minha espera fiduciária, cultivada em relação ao assentimento do *outro* para partilhar comigo meus quereres.

A perspectiva teórica que alude ao simulacro de um sujeito em falta, e dessa vez falta em relação a si mesmo, tem lugar em estudo feito por Greimas (2014) sobre a cólera. Se, anteriormente à cólera, ocorre a decepção, estamos diante de um sujeito que crê ter base para decepcionar-se consigo mesmo.

Para entender a conexão de tais faltas com a intersubjetividade, encontramos sugestões de Greimas (2014, p. 241), que descreve a decepção como resultante de uma crise de confiança que ocorre sob um duplo ponto de vista: “não somente porque o sujeito 2 frustrou a confiança que tinha sido depositada nele, mas também – e talvez sobretudo – porque o sujeito 1 pode se culpar pela confiança mal depositada”. Temos, segundo Greimas, uma dupla ocorrência de sentimentos disfóricos. O semioticista sugere que estas duas formas de disforia constituem o “vivo descontentamento” como um operador passional fronteiro à cólera – dialogando ambas com a paixão do ciúme, conforme veremos.

³ Entende-se por modalidades deônticas aquelas estruturadas a partir do dever-fazer (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 124).

No estudo greimasiano, do qual despontam os componentes semióticos desta última paixão, a cólera, também se fala em vingança. Para isso se aproximam o colérico e o vingativo sob o escopo do sujeito ofendido, que emerge dos dois percursos passionais fronteiros, mas não idênticos. São distintos, tais percursos, devido às diferentes configurações do *poder-fazer* como âncora das duas paixões referidas: a cólera e a vingança. No caso da vingança, temos a relevância conferida a um programa narrativo de ação do sujeito ofendido: o sujeito *quer, deve, pode e sabe* fazer alguma coisa para vingar-se daquele que o fez sofrer devido ao abalo fiduciário – e faz. Em tais condições a ação se vincula a este sintagma passional: *sofrer, fazer sofrer, sentir prazer* (GREIMAS, 2014, p. 252). O ofendido se vinga e sente o prazer da vingança. O poder-fazer, na vingança, se integra à competência modal do sujeito, que se realiza no ato vingativo. Na cólera, o sujeito não consegue elaborar definitivamente um programa de ação contra o outro que o fez sofrer. O colérico se orienta pelos elementos esparsos de um poder-fazer, os quais se reúnem “sob a rubrica da agressividade orientada (afirmação de si e destruição de outro)” (p. 253). Esse estilo de colérico, longe de realizar-se na *performance* relativa ao gesto de *fazer [o outro] sofrer*, a qual lhe daria alívio, mantém-se “perturbado pela paixão”, que dura. Vejamos como Greimas se expressa a respeito das progressões narrativas abarcadas pelo princípio do abalo fiduciário:

O PN [programa narrativo] da cólera aparece, assim, como um *programa* sincopado, sendo o termo síncope empregado em sua acepção gramatical. Como quer que seja, a distinção entre a vingança e a cólera faz sentir claramente a diferença que existe entre o *discurso da paixão* e o *discurso apaixonado*, perturbado pela “paixão”. (GREIMAS, 2014, p. 253)

O exame da configuração narrativa do colérico contribui para entendermos o discurso “perturbado pela paixão” que fundamenta o ciúme. Fontanille (2005) afirma que o ciúme é um sentimento infeliz e que para descrevê-lo é preciso observar os estados emocionais de paixões da falta, ajustadas ao abalo de confiança. Como estado de alma emparelhado com a insatisfação e como o descontentamento cravado no abalo fiduciário, o ciúme se legitima como afeto emergente da interação entre três actantes trazidos à luz pela perspectiva do ciumento: sujeito, objeto-valor e antissujeito. Mas, conforme dissemos no início deste

artigo, não há um modo único de ser ciumento. A formulação do ciúme na fronteira com paixões da crise de confiança aponta para diferentes modos de ser ciumento, os quais decorrem de distintas reações à “desconfiança” em relação ao *outro*. Greimas (2014), no estudo sobre a cólera, alude a uma reação *proporcional* do colérico ante a dor provocada pela “honra ferida”.

Entendemos haver aí um prenúncio da noção de gradação: quanto mais forte a dor, mais forte é a paixão sentida – ainda que a forma de reagir a tamanho sofrimento possa caracterizar diferentes estilos passionais, conforme veremos a seguir. Isso nos leva a retornar ao ciumento convicto e ao suspeito, mas pensados não como polos estabilizados, e sim como inclinação na qual predomina o contínuo, a tensão própria às modulações do sensível em diálogo com o inteligível. Há graus de convicção, assim como há graus de suspeição, sendo a dominância de uma reação mais sensível ou mais inteligível, mais pática ou mais judicativa, o que interessa nesses casos.⁴

Ao descrever mecanismos de construção da insatisfação e da decepção, Greimas fala em “gradação da insatisfação”, como algo decorrente da não realização do “desejo”, do “anseio” etc; destaca que esses estados emocionais decorrem da espera fiduciária e assim enfatiza que deve ser registrado “um aspecto relativo ao papel da intensidade” em tais relações do afeto. Prossegue o autor: “[...] frequentemente tem-se a impressão de que existe uma relação direta entre a intensidade da espera ‘vontade’, ‘voto’, ‘esperança’, ‘aspiração’, ‘desejo’, ‘anseio’ etc. e a gradação da insatisfação que decorre de sua não realização” (GREIMAS, 2014, p. 241).

Em suma, no estudo do ciúme, a insatisfação se vincula ao abalo fiduciário, do qual emergem a desconfiança, a rivalidade e a busca incessante pela comprovação da traição. Temos, dessa forma, indicações de que a gradação aludida por Greimas em relação à insatisfação pode ser identificada como vetor de um rancor ou uma dor mais intensos ou menos, valendo aqui, para o termo “intenso”, o conceito relativo às oscilações tensivas, postuladas por Zilberberg (2011).

⁴ A esse respeito, ver também os estudos de Lima (2019, 2016) sobre as paixões de piedade e compaixão.

4 Do ciúme

Se, como léxico, o ciúme apresenta a definição dicionarizada de “estado emocional complexo que envolve um sentimento *penoso* provocado em relação a uma pessoa de que *se pretende* o amor exclusivo” (HOUAISS, 2009, grifo nosso), no emprego do verbo “pretender” fica sugerido o conceito semiótico de simulacro. O uso do adjetivo “penoso” confirma o princípio do sofrimento como característico do estado passional vivido. No registro metalinguístico sobre tal paixão, o dicionário prossegue: “*receio* de que o ente amado dedique seu afeto a outrem” (HOUAISS, 2009, grifo nosso). Entre o atributo de *exclusivo* como propriedade desejada para o amor (primeira definição) e a presença de *outrem* como ameaça iminente à exclusividade do afeto (segunda definição), confirma-se a crise de confiança, o chamado abalo fiduciário. Assim, orientado pela perspectiva de S1 (o ciumento), o triângulo actancial – do qual desponta o actante S2 (o rival) e o actante S3 (o ser amado, objeto dos tumultos patêmicos) – é configurado. A esse respeito, Fontanille (2005, p. 124)⁵ esclarece:

A situação dramática de base envolve, portanto, três papéis: o sujeito ciumento, o objeto do ciúme (que pode ser uma pessoa ou uma coisa, pouco importa nessa altura da análise) e o sujeito rival. [...] tal dispositivo não é homogêneo: compõe-se de duas relações que funcionam conforme dois regimes narrativos distintos. Por um lado, a relação de posse do objeto, que funciona por um regime “contratual”, baseado principalmente na confiança; pelo outro, a relação de rivalidade, que funciona por um regime “polêmico”, baseado na desconfiança e nas variantes da confrontação e do conflito.

⁵ Tradução nossa para o trecho: «La situation dramatique de base implique donc trois rôles: le sujet jaloux, l’objet jaloué (qui peut être une personne ou une chose, peu importe à ce niveau d’analyse), et le sujet rival. [...] ce dispositif n’est pas homogène ; il se compose de deux relations qui fonctionnent selon deux régimes narratifs différents : d’un côté, la relation de possession d’objet, qui fonctionne selon un régime “contractuel”, régi notamment par la confiance ; de l’autre, la relation de rivalité, qui fonctionne selon un régime “polémique”, régi par la défiance et les variantes de la confrontation et du conflit.»

Na sequência desse seu estudo sobre o ciúme, o semioticista acrescenta ainda em relação a essa configuração narrativa de base (p. 127-128, grifo do autor):⁶

O ciumento não necessita de rival: seu ciúme o inventa e multiplica. [...] o papel actancial do antissujeito já está em operação, minando o apego possessivo e pervertendo o desejo; essa abstração eficiente, esse fantasma do desejo infeliz manifesta-se como “*ombrage*” [desassossego, inquietação, suspeição, *desconfiança*, melindre], presença atual e ativa. Inversamente, todo e qualquer fulano torna-se um potencial rival, caso seja portador dessa “*ombre*” [“desassossego”], dessa presença insistente e por demais sensível.

A *desconfiança* é a projeção de uma suspeição, bem como a percepção de uma possível competição ou até mesmo de um conflito a ameaçar-nos. A situação é perfeitamente simétrica à da cólera: um contrato fiduciário é unilateralmente posto em xeque, mas, no caso da cólera, esse fracasso é imputado ao antissujeito, ao passo que, no ciúme, é o sujeito quem o assume. A traição pode, certamente, ser efetiva e por conseguinte suscitar também

⁶ Tradução nossa para o trecho: «Le jaloux n’a pas besoin de rival : sa jalousie l’invente et le multiplie. [...] le rôle actantiel de l’anti-sujet est déjà opératoire, il mine l’attachement possessif et dévoie le désir ; cette abstraction efficiente, ce fantôme du désir malheureux se manifeste comme un “*ombrage*”, une présence actuelle et active. Inversement, un quidam quelconque devient un rival potentiel s’il est porteur de cette “*ombre*”, de cette présence insistante, trop sensible. L’*ombrage* est la projection d’une défiance, et la perception d’une possible compétition, voire d’un conflit qui menace. La situation est exactement symétrique de celle de la colère : un contrat fiduciaire est remis en cause unilatéralement, mais, dans le cas de la colère, cette faillite est imputée à l’anti-sujet, alors que, dans la jalousie, c’est le sujet qui l’assume ; certes, la trahison peut être effective et susciter là aussi la colère, mais cela n’est pas nécessaire car, au contraire du coléreux, le jaloux n’est pas un naïf : la nature même de son attachement possessif présuppose la fragilité de sa confiance. Le lien d’attachement, qui devrait être régi par la confiance, baigne dans une atmosphère perceptive de défiance, d’où émerge l’*ombre* du rival, comme explication projetée (externalisée par *débrayage*) de cette perception.”. Neste trecho, traduzimos fr. *ombrage* por *desconfiança* e fr. *ombre* por *desassossego*. Em francês, ambos os termos remetem ao temor de que um outro sujeito nos “faça sombra”, ao medo de empalidecer ante o brilho alheio. Optamos em prol da organização actancial e modal dos sememas, à custa da figuratividade dos termos originais.

a cólera, mas isso não é necessário, pois, ao contrário do colérico, o ciumento não é um ingênuo: a própria natureza de seu apego possessivo pressupõe a fragilidade de sua confiança. O elo de apego, que deveria estar baseado na confiança, está impregnado de uma atmosfera perceptiva de suspeição, da qual emerge a sombra do rival, como explicação projetada (externalizada por *debreagem*) de tal percepção.

Mais do que os fatos, do que os “estados de coisas” que se apresentam ao sujeito, são os simulacros que ele mesmo projeta na relação fiduciária os responsáveis por alimentar seu estado de alma. Instaura-se uma crescente tensão entre a modalização do sujeito pelo *crer-ser* e pelo *saber-ser*; e as modulações de maior ou menor inclinação de um a outro passam a reger o imaginário passional desse sujeito tomado de ciúme, com o apego agora “assombrado” pela rivalidade iminente percebida. Oscila, portanto, em diferentes graus de força cada um desses estados existenciais (*crer-ser* e *saber-ser*), até o ciumento ceder à força de um deles. É nesse sentido que Fontanille vê o ciúme, típico ao abalo fiduciário, como “uma paixão ‘hermenêutica’, uma paixão de ‘leitor’ que reinterpreta o sentido de sua relação com outrem apoiando-se em uns quantos sinais tênues e isoláveis [...] e que, em suma, lança mão da realidade a fim de reconfigurá-la e fazer dela uma construção semiótica praticamente autônoma” (FONTANILLE, 2005, p. 133).⁷ Quanto mais o ciumento ceder à força de impacto do *crer-ser* como *saber-ser*, a cada “descoberta”, mais obsessivo se tornará; o que explica seu constante estado inquieto e vigilante. De acordo com o semioticista, “a inquietude do ciumento é, pois, o núcleo gerador de todos os estados passionais que ele vai encontrar, a forma genérica produzida pelo primeiro abalo interno, a partir do momento em que este se projeta no conjunto das situações que constituem o percurso textual da paixão” (FONTANILLE, 2005, p. 140).⁸

⁷ Tradução nossa para o trecho: «[...] une passion ‘herméneutique’, une passion de ‘lecteur’ qui réinterprète le sens de sa relation avec autrui en s’appuyant sur quelques signes ténus et isolables [...] et qui dispose en somme de la réalité pour la reconfigurer et en faire une construction sémiotique presque autonome»

⁸ Tradução nossa para o trecho: «l’inquiétude du jaloux est donc le noyau générateur de tous les états passionnels qu’il va rencontrer, la forme générique issue du premier ébranlement interne, dès lors qu’il se projette sur l’ensemble des situations qui composent le parcours textuel de la passion».

A partir daí o acento de sentido, segundo a perspectiva do ciumento, pode recair quer na relação entre ele e seu objeto-valor (S1-S3, Ov), com o apego em primeiro plano; quer na relação entre o ciumento e seu rival (S1-S2), na qual a rivalidade é a ameaça dominante. Vale lembrar, todavia, segundo assinalam Greimas e Fontanille (1993, p. 173), que é preciso atentar ao fato de essas duas configurações serem “senão parentes próximos, pelo menos cuidadosamente articuladas no ciúme; numa espécie de pressuposição alternada, o apego é reforçado pela rivalidade, e a rivalidade se aguça pelo apego que a motiva”, afinal, “o ciumento é um sujeito perturbado entre [essas] duas relações que o solicitam [o apego e a rivalidade], cada qual por inteiro, mas às quais ele não pode nunca se consagrar exclusivamente” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 173). Desse modo, pode haver percursos passionais em que predomine uma ou outra dessas perspectivas, e outros em que é justamente a variação de equilíbrio constante entre elas (ora uma, ora outra) o que predomina. Como veremos, no caso de Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*, é a rivalidade que mais o assombra, explicando sua maior inclinação ao *crer* tomado como *saber-ser*; já em Bentinho, de *Dom Casmurro*, é a oscilação entre o apego e a rivalidade que dele emerge, pelo menos até que se instaure a convicção, estabilizando então o acento de sentido na rivalidade que faz deteriorar o apego.

Diferentes estilos de passionalidade podem surgir daí, paralelamente à inscrição da paixão – sobretudo, da inquietação a ela subjacente – na área de maior ou menor intensidade do vivenciar o apego e a rivalidade, fato que determina um estilo peculiar de ser ciumento. O devir ou o vir-a-ser que institui o ciumento como modo de presença é reconhecido, portanto, nos mecanismos discursivos da enunciação enunciada, a partir dos quais se pode depreender esse modo próprio de inquietar-se, de ser ciumento, permitindo prever um desenvolvimento progressivo da inquietude basilar, até mesmo um desenvolvimento por graus. Fontanille (2005, p. 141)⁹ destaca a possibilidade de “dois desdobramentos possíveis da suspeita enciumada: (1) uma generalização que só faz ampliar a inquietude, (2) uma especialização que visa a estabilizá-la numa certeza”. Para o ciúme que toma forma no primeiro

⁹ Tradução nossa para o trecho: «deux déploiements possibles du soupçon jaloux: (1) une généralisation qui ne fait qu’amplifier l’inquiétude, (2) une spécialisation qui vise à la stabiliser en certitude».

tipo, explica o autor, “toda figura é sinal de algo que estaria oculto, todos os outros são potenciais rivais, todos os lugares, todos os momentos” (FONTANILLE, 2005, p. 141).¹⁰ Esse é o ciúme de Paulo Honório, que, tomado pelo impacto da desconfiança, torna-se um ciumento obsessivo, entregando-se à intensidade da suspeita. É também o ciúme primeiro de Bentinho, mas em grau mais atenuado, sem que este ceda totalmente à força sensível da suspeita. Predominará, neste último caso, uma condução de maior equilíbrio com o inteligível, o que explica a passagem ao percurso da especificação, quando “a suspeita prolonga-se numa investigação e numa recomposição paciente, exaustiva e triunfante de todos os aspectos do objeto” (2005, p. 141);¹¹ para esse ciumento de estilo “detetive” – como qualifica Fontanille – serão, no limite, as minúcias das ações e dos gestos de um objeto único, Capitu, que concentrarão sua atenção e curiosidade.

A partir da diferença de graus de impacto da suspeita se caracteriza o estilo, diferencial por excelência, de cada um dos dois ciumentos que serão postos em confronto na análise. De um lado, um ciumento de afetividade intensa, exacerbada, que experimenta o impacto da instantaneidade e da detonação do acontecimento, um sujeito do assomo; daí a legibilidade da extensidade, dos fatos tais como se apresentam, tender a ser para ele nula. De outro, um estilo de ser ciumento de natureza mais “racional”, que vê a extensidade como algo a ser lido, a ser decifrado, um sujeito mais afeito, portanto, à resolução. Remetemos aqui à distinção entre acontecimento e estado, entre estilo tensivo da descendência e da ascendência, tal como formulada por Zilberberg (2011), para quem “a descendência e a ascendência apresentam-se como as duas esferas disjuntas da existência semiótica imediata: a vivência, ou seja, o vaivém incessante entre essas duas esferas, põe o sujeito à prova” (p. 25). O autor explica que, na descendência – estilo tensivo próprio ao perfil de Paulo Honório –, “o acontecimento *se apropria* do sujeito, ou, para sermos mais justos, desapropria-o de suas competências modais, transformando-o em sujeito do *sofrer*” (p. 24, grifos do autor); já “a ascendência tem como ponto de partida a *permanência*, a persistência

¹⁰ Tradução nossa para o trecho: «toute figure est signe de quelque chose qui serait caché, tous les autres sont des rivaux potentiels, tous les lieux, tous les moments».

¹¹ Tradução nossa para o trecho: «le soupçon se prolonge en enquête, et en recomposition patiente, exaustive et jubilatoire de tous les aspects de l’objet».

de um estado vivido pelo sujeito, já que a duração é o núcleo do lexema *état* [estado]” (p. 23, grifos do autor), acrescentando que “a ascendência desdobra, desenvolve ante o sujeito o tempo por vir, e uma tal abertura do tempo instaura um sujeito ao modo do *pervir*” (p. 24, grifo do autor) – tal como o perfil de Bentinho.

Ainda que *descendência*, em princípio, remeta à ideia de partir do alto em inclinação que se direciona para baixo, própria ao verbo *descer*, assim como *ascendência*, ao contrário, ao verbo *ascender*, subir, Zilberberg (2011, p. 25) esclarece que:

Em nossa visão, a inteligibilidade e a solidez das relações verticais promovem a preeminência do andamento: a precipitação, no caso da descendência, e o alentecimento no caso da ascendência, tornam os sujeitos da descendência – arrebatado pelo tumulto do acontecimento – e da ascendência como que alheios um ao outro. De um sujeito do estupor, não costumamos dizer familiarmente que é preciso esperar até que ele “volte a si”?

Vejamos, então, mais de perto, como se configuram em discurso esses dois estilos passionais, esses dois estilos de ser ciumento.

5 De suspeitas e certezas

Pensem no ciúme posto em discurso nos romances *São Bernardo*, de Graciliano Ramos (1976), e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (2008), cujas publicações originais datam, respectivamente, de 1934 e 1899. No primeiro, temos o estilo Paulo Honório de ser ciumento; no segundo, o de Bentinho (Bento Santiago). São muitas as semelhanças temáticas e figurativas entre as duas narrativas que, narradas em primeira pessoa, apresentam-se sob o simulacro de obra memorialística, entendida a perspectiva memorialista como efeito de sentido forjado pela estratégia enunciativa; são memórias da infância, do casamento, das desconfianças, do ciúme obsessivo, da dúvida em relação à paternidade, relacionadas ao desejo de compreender o vivido, entre outros pontos de contato. Todavia, por sobre todos esses elementos desenha-se um perfil próprio, um estilo distinto de ser apaixonado em uma obra e outra, conforme buscaremos explicitar a partir de agora.

Há em ambos os romances um narrador explícito, que se institui como eu, enquanto delimita o leitor como tu. Dos meandros do que é

dito, mas, sobretudo, do modo de dizer dessa enunciação enunciada despontam as recorrências que nos permitem depreender esses diferentes estilos passionais. Para identificar as diferenças, tomaremos por base – sem nos preocupar com uma apresentação do enredo das duas narrativas, amplamente conhecidas – a sequência proposta por Greimas e Fontanille (1993) e Fontanille (2005). Os trabalhos citados propõem que se reconheça a paixão como um esquema passional canônico formado por distintas etapas, que articularemos para entender semioticamente o ciúme. São elas: (1) a fase de *constituição* do sujeito apaixonado, na qual se instala, para o ciúme, a inquietação emergente; (2) a fase da *disposição*, em que toma forma a competência do sujeito para sentir, a sua inclinação sensível-inteligível dominante, com a inquietude, no ciúme, assumindo formas específicas; (3) a fase da *patemização*, momento do pivô passional propriamente dito, quando o estatuto dos simulacros passionais passa, na perspectiva do ciumento, do *crer-ser* ao *saber-ser* – “eles [os simulacros passionais] são agora representados, ancorados claramente no sistema de referência da narração (ainda que falaciosamente, mas, nesse caso, o equívoco é necessário)” (FONTANILLE, 2005, p. 142);¹² (4) a fase da *emoção*, com a manifestação pública da reação afetiva desencadeada na etapa anterior; e, por fim, (5) a fase de *moralização*, na qual o estado de alma é confrontado ao espaço social das normas e usos correntes.

No percurso passional de Paulo Honório, homem que se apresenta sob o simulacro de um sujeito reservado, rude e prático, a inquietação própria à fase da constituição nasce do acúmulo de embates entre ele e Madalena, sua esposa, que constantemente o repreende por sua brutalidade no trato com os outros. O abalo fiduciário surge de maneira peculiar no entrechoque dos atores. Dessa peculiaridade desponta o estilo Paulo Honório de ser ciumento. Na medida em que o narrador-personagem constata sua incapacidade de se sobrepor a Madalena no autoritarismo que o define nas relações sociais, o abalo da confiança amorosa na mulher emerge e se robustece. O abalo de confiança no *outro* impregna o abalo de confiança em si mesmo, e a recíproca é verdadeira, como pede esse simulacro actorial. Da “isotopia actorial” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 276) desponta o estilo Paulo Honório de ser ciumento, em especial com

¹² Tradução nossa para o trecho: «ils sont maintenant représentés, ancrés clairement dans le système de référence de la narration (même fallacieusement, mais l’erreur est nécessaire en l’occurrence)».

a saturação sentida da perda de confiança. Nessas circunstâncias o apego paradoxalmente se adensa. Toma lugar o que Fontanille (2005, p. 125) enfatiza nesta afirmação: “o ciúme envolve um apego por ‘saturação’. Realmente, toda parte do objeto que o sujeito não controla, ou que não lhe é imediatamente acessível, é passível de escapar-lhe, ficando à disposição de um potencial rival”.¹³ A desconfiança, própria à fase da constituição, alinha-se à inquietação e com ela à suspeita, à rivalidade, ao ciúme, na etapa passional seguinte, a da disposição:

De repente invadiu-me uma espécie de desconfiança. Já havia experimentado um sentimento assim desagradável. Quando?

[...]

Quando? Num momento esclareceu-se tudo: tinha sido naquele mesmo dia, no escritório, enquanto Madalena me entregava as cartas para assinar. Sim senhor! Conluída com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando.

[...]

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo.

[...]

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa benfeita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes. (RAMOS, 1976, p. 121)

Uma vez colocada a suspeita, a inquietação constitutiva do ciúme, o percurso passional se institui e, no caso de Paulo Honório, é a avaliação de mérito, simulacro reflexivo, típica à ênfase dada à rivalidade (relação S1-S2), que se configura na passagem à fase da disposição. O próprio

¹³ Tradução nossa para o trecho: «La jalousie implique un attachement par ‘saturation’. En effet, toute part de l’objet que le sujet ne contrôle pas, ou qui ne lui est pas immédiatement accessible, est susceptible de lui échapper, et d’être à disposition d’un rival potentiel».

objeto-valor (S3), sobre o qual se projeta o ciúme do sujeito, passa a ser visto como rival, no caso de Paulo Honório – isso explica a insistência da crítica em chamar atenção ao fato de o apego na relação entre ele e Madalena ser mais da ordem de um desejo de posse, de dominação destrutiva, porque exacerbada, do que de um sentimento amoroso (CANDIDO, 1992; LAFETÁ, 1992).

O operador tímico do percurso de Paulo Honório é, portanto, a emulação, que “toma por referência a competência de S2” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 177) e, “em lugar de procurar ultrapassar, eclipsar outrem, o sujeito teme, desta vez, ser ultrapassado ou eclipsado, pois a emulação pressupõe a superioridade do rival” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 177). Tal fato fica ainda mais claro na comparação que Paulo Honório, quando já está tomado pelo ciúme, faz entre ele próprio e o Dr. Magalhães, no capítulo XXVI: “Que mãos enormes! As [minhas] palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. [...] As do dr. Magalhães, homem de pena, eram macias como pelica, e as unhas, bem aparadas, certamente não arranhavam” (RAMOS, 1976, p. 127).

Nessa situação, em que se recrudescer a tensão entre o *crer-ser* e o *saber-ser*, a S3 (Madalena) restam as consequências (implacáveis) da disputa então estabelecida e do temor por ela trazido, o que faz com que a traição passe a ser esperada e, por isso, vista em tudo. Nesse percurso, quanto mais o ciumento ceder à força sensível da suspeita, como o faz Paulo Honório, mais tenderá à modalização pelo *saber-ser*, assumindo o provável como fato e partindo para a vingança. Trata-se de um ciúme que, na fase da patemização, torna-se possessivo, hiperbólico e agressivo; daí o estilo colérico do ciúme de Paulo Honório.

Comecei a sentir ciúmes. O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapé. Mas conservei-o para vingar-me. Arredei-o de casa, a bem dizer prendi-o na escola. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimento, boia fria, num tabuleiro. Estive quatro meses sem lhe pagar o ordenado. E quando o vi sucumbido, magro, com o colarinho sujo e o cabelo crescido, pilheriei [...] Com as humilhações continuadas, limitava-se por fim a engolir em seco. (RAMOS, 1976, p. 121)

Fui indo sempre de mal a pior. Tive a impressão de que me achava doente, muito doente. Fastio, inquietação constante e raiva. Madalena, Padilha, d. Glória, que trempe! O meu desejo era pegar

Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca. Pancada em d. Glória também, que tinha gasto anos trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela cobrinha.

Os fatos mais insignificantes avultaram em demasia. Um gesto, uma palavra à toa logo me despertavam suspeitas. (p. 126)

Um corpo discursivo inclinado à compactação da presença se faz ver, enquanto se desenvolvem discursiva e narrativamente a suspeita e a inquietação, cravadas na crise fiduciária, esteio do ciúme. O ciumento, ator do enunciado e figura participante da própria história narrada, ancora-se na certeza da traição, que subsidia o ator como um ciumento rancoroso e vingativo. Vence o convicto como o estado determinante do sujeito do *crer-ser*, que agora é tomado como *saber-ser*. Afasta-se o simulacro do suspeito, alinhado à probabilidade, e daí emerge o ciumento convicto ligado ao desejo de vingança: o rival deverá sofrer tanto quanto o ofendido, assim como S3, também visto como rival. No desempenho do papel temático do traído inconformado e denunciador da ofensa sofrida, o narrador, protagonista da própria história, chega a desenvolver imprecizações contra Madalena:

E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro.

Mas logo me enjoava do pensamento feroz. Que rendia isso? Um crime inútil! Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus. (RAMOS, 1976, p. 136)

A vingança realizada, consumada no ato mesmo de fazer a promessa, de imaginá-la com requinte de crueldade, como o comprova a isotopia figurativa cuidadosamente construída, concentra em amálgama a dor do abalo fiduciário e a certeza relativa à “verdade” de tudo o que é relatado; daí o uso do pretérito imperfeito do verbo: “Se eu soubesse que ela me traía, matava-a [eu a mataria], abria-lhe a veia do pescoço [abriria a veia do pescoço dela]”. O próprio narrador assume: “Quando as dúvidas se tornavam insuportáveis, vinha-me a necessidade de afirmar. Madalena tinha manha encoberta, indubitavelmente” (RAMOS, 1976, p. 136). Identificamos, na configuração do percurso passional de

Paulo Honório, mecanismos de construção do sentido localizáveis em oscilações tensivas que, para compor o ciúme como estilo do ator do enunciado, fazem o sujeito permanecer no pico da intensidade do próprio sentir. O corpo do ator do enunciado não acolhe a oscilação para uma área de diminuição do impacto sensível, de resolução, mas permanece na ordem do assomo. A progressão do narrado o comprova. A atenuação acontece apenas em momentos muito pontuais; é quando o sujeito se vê em condições de apreender os fatos de modo mais inteligível, fazendo com que a probabilidade, a modalização do ciumento pelo *crer-poder-não-ser*, retorne ao primeiro plano: “– Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça. Realmente, uma criatura branca [Madalena], bem lavada, bem vestida, bem engomada, bem aprendida, não ia encostar-se àqueles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim” (RAMOS, 1976, p. 137-138). De toda forma, de modo geral, o afeto no percurso passional de Paulo Honório se mantém fixamente tônico, se pensarmos em tonicidade, em força acentual sensível, como componente da própria intensidade (ZILBERBERG, 2011). Assim se caracteriza o seu ciúme, o que explica, na fase da emoção, seu perfil pático afeito à violência, à raiva, à vingança; um estilo colérico de ser ciumento.

É diferente a configuração do percurso passional de Bentinho, em *Dom Casmurro*. A primeira distinção se mostra já na perspectiva adotada por ele, a qual privilegia, de início, mais do que a rivalidade, o apego. É a relação S1-S3(Ov), e a suspeita que então recai sobre ela, o que fica em primeiro plano: “Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela” (ASSIS, 2008, p. 265-266). A rivalidade é, nesse sentido, vista como ameaça à conjunção, e o ciumento volta-se, então, ao objeto de seu apego, passando a perguntar-se até que ponto pode confiar nesse afeto. Eis a desconfiança, evidência do abalo fiduciário inicial.

Na fase da constituição, o ciúme ancorado no apego traz à cena, na fase da disposição, um sujeito que crê ter poderes e deveres relativos à exclusividade de fruição em relação ao ser amado, pela projeção de um *dever-não-ser* de mais ninguém – “ser exclusivo é ‘recusar partilhar, recusar toda participação’” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 187). No percurso de Bentinho, o anseio pela exclusividade em relação ao ser amado e o sofrimento causado pela presença, primeiro, *de* um rival, depois, do rival, ao longo dos capítulos, aparece ora potencializada,

ora virtualizada, vez ou outra atualizada e ainda realizada,¹⁴ quando tem início na narrativa a fase da patemização, tal como é definida por Greimas e Fontanille (1993). O apego exclusivista prepara o terreno da rivalidade; daí a potencialização da presença do rival, como antissujeito, tomar inicialmente a figura de um sujeito coletivo (porque ainda não concentrado em uma figura específica), conforme confessa o próprio Bentinho:

Por falar nisto, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. (ASSIS, 2008, p. 265)

O rival potencial, apresentado como actante coletivo, ameaça a conjunção exclusiva de Bentinho. Nas palavras de Greimas e Fontanille (1993, p. 189), “no apego mesmo, a coletividade introduz-se em negativo, de algum modo, como uma presença actancial com a qual o sujeito entretém, por pressuposição, relações polêmicas”; e os autores acrescentam que, “nesse sentido, o rival nada mais é que a concretização (a actorialização) dessa presença recusada e postulada ao mesmo tempo pela exclusividade” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 189). Ademais, a ameaça para Bentinho é mais tônica, quanto mais belos são sentidos os trejeitos de Capitu – tudo conforme a perspectiva do narrador-personagem. Fontanille (2005) explica que “o ciumento inventa as belezas do objeto que vai concretizar as motivações de sua rivalidade com o outro” (p. 124).¹⁵ Para a apreensão do tipo de sofrimento que permeia a passagem acima, e outras do romance machadiano, cabe a observação do semioticista sobre um fato concebido como efeito cumulativo da própria paixão:

¹⁴ Para a presença nos seus estágios de realizada/ potencializada/ virtualizada/ atualizada, ver Fontanille e Zilberberg (2001).

¹⁵ Tradução nossa para o trecho: «le jaloux invente les beautés de l’objet qui va concrétiser l’enjeu de sa rivalité avec l’autre».

Cada novo ‘aspecto’ apreciável pode sê-lo tanto para um potencial rival quanto para o ciumento; dada a universalidade do valor desse objeto, sua posse está permanentemente ameaçada. A desgraça do ciumento é a de não poder satisfazer-se com um objeto cujo valor fosse reconhecido unicamente por ele. [...] conforme vai compondo o valor de seu objeto, o ciumento vai aumentando o número de seus potenciais rivais. (p. 135)¹⁶

Esse efeito cumulativo do apego estimula a paixão do ciúme em *Dom Casmurro* estendendo-se ao longo de toda a narrativa. Contudo, a partir do exame do modo de narrar e do reconhecimento da recorrência de determinado recurso da sintaxe discursiva, despontam indicações de um estilo passional menos afeito a permanecer em áreas de grande impacto do afeto ou de fortalecimento da intensidade do sentir, como é o caso de Paulo Honório. Ao contrário, a inquietude de Bentinho é da ordem da extensidade, da duração, o que abre maior espaço à atuação do inteligível, do assomo à resolução, percurso próprio a sua tendência à ruminação: “A razão disto era acabar de cismar, e escolher uma resolução que fosse adequada ao momento. [...] deixar que a cabeça cismasse à vontade. Fui andando e cismando” (ASSIS, 2008, p. 290-291); “O que aqui vai por ordem lógica e dedutiva, tinha sido antes uma barafunda de ideias e sensações [...] Agora, porém, raciocinava e avocava claro e bem” (p. 291).

Se nos detivermos na sintaxe discursiva de modo geral e na conexão dela com as questões da tensividade (intensidade do sentir e extensidade das coisas do mundo), episódios como esse do romance remetem a um corpo oscilante tensivamente no enunciado. O ciúme de Bentinho se inclina à mobilidade de presença entre a intensidade e a extensidade, esta que recupera o contorno inteligível das coisas: “Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar como sempre.” (ASSIS, 2008, p. 291). A suspeita que o inquieta transita, pois, de uma área acentual de intensidade crescente para

¹⁶ Tradução nossa para o trecho: «chaque nouvel ‘aspect’ aimable peut l’être tout aussi bien pour un rival potentiel que pour le jaloux; la valeur de l’objet étant universelle, la possession en est toujours menacée. Le malheur du jaloux, c’est de ne pouvoir se satisfaire d’un objet dont il serait le seul à reconnaître la valeur [...] c’est en composant la valeur de son objet que le jaloux augmente le nombre potentiel de ses rivaux»

uma área de inacento tensivo, conforme fazem pensar os apontamentos de Zilberberg (2012) e de Tatit (2016).

Enquanto o peso acentual (mais intenso ou menos) do sofrimento oscila, também oscila em graus de intensidade a experiência do ciúme vivida por Bentinho. O descontentamento passa a hesitar entre a concentração e a distensão da suspeita, mas em um percurso de progressão que não explicita sobressaltos por parte do ciumento, como sujeito que não se deixa levar por impulsos. Na distensão, a intensidade do sentir torna-se atenuada, dando forma a um sofrimento internalizado. É um corpo definido no limiar entre o impacto do afeto, que concentra o espaço e abrevia o tempo, e o escrutínio inteligível com que se compõe a figuratividade do que é narrado. Daí o “estilo casmurro” de ser no mundo. O vivido se distende; o espaço de apreensão das coisas se dilata e a duração do tempo se alonga.

A fase da patemização propriamente dita só vem no momento do enterro de Escobar, quando o que ele presume perceber no comportamento de Capitu torna realizada a presença do rival temido:

[...] Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 2008, p. 286)

Nesse momento, Bentinho passa da modalização pelo *crer-poder-ser* da probabilidade ao *crer-saber-ser* mais próximo à certeza. A emoção desencadeada é, ainda assim, contida, como de costume, conforme confessa o próprio sujeito da enunciação enunciada: “tive um daqueles meus impulsos *que nunca chegavam à execução*: foi atirar à rua caixão, defunto e tudo. [...] O que isso me custou imagina.” (p. 287, grifo nosso). Essa inclinação de não ceder ao impacto do sofrimento trazido pelo ciúme, agora associado à certeza que se comprova na figura de Ezequiel, o filho de cuja paternidade ele passa a duvidar, dá início

ao percurso de reclusão que deixa Bentinho a cada dia mais casmurro, sempre “calado e aborrecido” (p. 298).

Uma vez autopersuadido da traição, ainda assim o apego permanece em primeiro plano, mas colocando agora o acento de sentido na relação S2-S3 apreendida retrospectivamente. A certeza de ter sido “posto à sombra” alimenta o sofrimento de Bentinho e a dor da perda então ocorrida; e a presença de Ezequiel, a cada dia ainda mais parecido com o rival declarado, Escobar, funciona aí como inflexão de tonicidade, sem dar espaço, desta vez, a atenuações. O próprio narrador admite: “os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis. Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outros de pouca dura; não tardava que o céu se fizesse azul, o sol claro e o mar chão” (ASSIS, 2008, p. 303).

Persuadido da verdade daquilo que vê como fato na semelhança crescente do menino com o rival, o crivo do olhar de Bentinho, como observador atento aos detalhes apreendidos na extensidade da percepção, leva o leitor a suspeitar – como ele – racionalmente da traição de Capitu. Os simulacros ganham maior força de verdade; o *crer-ser* vai converter-se em *saber-ser*, ao menos para Bentinho.

Recuperada a comparação entre dois estilos de ser ciumento, temos, portanto, com Paulo Honório, um corpo sensível, autocentrado axiológica e afetivamente, a partir do qual o outro é apreendido sob a medida do afeto, da emoção compactada. A percepção concentrada no mundo-objeto, no sofrimento vivido, ganha o primeiro plano do enunciado, justamente para que o sujeito centralizado em si possa emergir como força impactante. Domina a intensidade afetiva; daí a força dos sentimentos impregnarem o que é narrado. Já com Bentinho, é a extensidade que dirige a percepção do sujeito discursivizado, a partir da qual o entorno se deixa apreender em sua globalidade. Há uma abertura perceptiva, própria a um olhar alongado sobre o outro, desacelerado e difuso; logo, mais receptivo ao inteligível. A observação que sustenta a apresentação do evento é muito mais da ordem de um fazer cognitivo do que de um fazer afetivo, passional, resultando em um ator da enunciação que não cede irrefletidamente aos impactos do vivido. De um lado, manifesta-se tipicamente um perfil pático, relacionado ao *páthos* fundador das paixões e a um observador sensível, que privilegia regularmente o que se propaga a partir de um abalo fiduciário e não o acontecimento em si. De outro, um perfil judicativo, marca de uma moralização ética, mais distanciada, na qual prevalece o que “está aí” como fato presumido e dado.

6 Para concluir

Um modo próprio de apresentar o ciúme como decorrência das interações pautadas pela falta vinculada a um abalo fiduciário oferece, uma vez discursivizado, condições para a identificação do estilo passional do sujeito da enunciação enunciada. O abalo fiduciário considerado como ocorrência da narratividade, o que evoca a função das modalidades, alcança as profundidades figurais ditas tensivas e assim desvela as particularidades de configuração da paixão, de um estilo passional próprio. Esses recursos são permeados pela projeção narrativa da certeza e da probabilidade, as quais não se descolam do *crer*, fonte de simulacros. Afinal, conforme assinalam Greimas e Fontanille (1993, p. 172), “o sofrimento [no ciúme] se nutre de variações fiduciárias e epistêmicas”. O ciumento instaura-se, assim, peculiarmente entre esses mecanismos da geração do sentido.

Advinda da suspeita, a certeza emerge alinhada aos diferentes estilos de a ela reagir. Se aceitarmos o princípio de que a aspectualização pode ser actorial¹⁷ e tomarmos discursos que criam a ilusão de representação acabada da realidade, frente a outros, materializados por enunciados que põem em crise o próprio ato de enunciar, constataremos que Paulo Honório tende ao aspecto perfectivo e Bentinho, ao aspecto imperfectivo – aspecto entendido como aquilo que está em processo: no caso, a construção semiótica do mundo e do modo de estar do sujeito no mundo.

São os meneios do dizer e daquilo que é escolhido para ser dito em cada um dos romances aqui brevemente examinados que permitem, como quisemos mostrar, a identificação desses diferentes processos aspectuais, a estilos passionais trazidos à luz no trato com a insatisfação, a desconfiança e com os estados emocionais circunvizinhos. Nesse sentido, pautando-nos ainda pelas palavras de Greimas e Fontanille (1993, p. 172), “a descrição da paixão enquanto tal começa pela das constantes subjacentes à colocação em discurso e suas variações”. A paixão do ciúme, que toma lugar entre a probabilidade e a certeza, ou mais especificamente na oscilação tensiva entre essas duas posições

¹⁷ Diz Françoise Bastide no verbete Aspectualização, do *Dicionário II de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 20): “On peut [...] parler d’aspectualisation actorielle si le discours procède à une comparaison entre deux acteurs réalisant la même performance, en qualifiant différemment leur manière de faire”.

modais, especifica-se na reação a ela, marcando a peculiaridade de cada estilo de ser ciumento.

Contribuição dos autores

O artigo resulta de trabalho de pesquisa conjunto entre os três autores, tanto no que diz respeito a sua concepção inicial, quanto à escrita da parte teórica e de análise. Todos os pontos foram discutidos por todos; assim também foi feita a revisão final de texto.

Referências

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2008. (Coleção Folha - Grandes Escritores Brasileiros)

BARROS, D. L. P. . *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

CANDIDO, A. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.

DISCINI, N. Inquietações sobre o estilo. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 12-17, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p12-17>. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/8360>. Acesso em: 17 ago 2020.

DISCINI, N. Para uma estilística discursiva: paixão e corpo. In: OLIVEIRA, E. G.; SILVA, S. (org.). *Semântica e estilística*. Dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'Anna Martins. Campinas: Pontes, 2014. p. 281-302.

FONTANILLE, J. Jalousie. In: RALLO DITCHE, E.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005. p. 123-152.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial - Humanitas; FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EdUSP/Nanquim editorial, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima *et alii*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J (org.). *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986. v. II.

GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAFETÁ, J. L. O mundo à revelia. In: RAMOS, G. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 189-213.

LIMA, E. S. *Entre compaixão e piedade: o estudo das paixões em Semiótica (e-book)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2019. (Série Publicação Premiada). Disponível em: <http://spap.fflch.usp.br/node/96>. Acesso em: 21 ago 2020.

LIMA, E. S. Compaixão e piedade: diferentes modos de interação afetiva. *CASA* (online), Araraquara, v. 14, n. 1, p. 83-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v14i1.8372>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8372>. Acesso em: 5 maio 2020.

RAMOS, G. *São Bernardo*. Posfácio de João Luiz Lafetá. Ilustrações de Darel. 25. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1976.

TATIT, L. *Estimar canções*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

ZILBERBERG, C. *La structure tensiva, suivi de Note sur la structure des paradigmes et de Sur la dualité de la poétique*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012.

ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Atêlie Editorial, 2011.



Variação fonético-fonológica em regiões de Minas Gerais

Phonetic-phonological variation in regions of Minas Gerais

Amanda Brilhante de Carvalho

Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU/FAPEMIG), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

amandabrilhante18@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-3901-0252>

Marlúcia Maria Alves

Universidade Federal de Uberlândia (PROFLETRAS/UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

marlucia.alves@ufu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7896-8984>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar de modo comparativo a variação linguística fonético-fonológica de duas cidades mineiras, Juiz de Fora e Uberlândia. Considerando que a variação é um fenômeno inerente à língua e motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, acredita-se ser pertinente ter realizado este estudo para compreender melhor o funcionamento da fala nas cidades supracitadas. Partindo das pesquisas bibliográficas e de campo em ambos os municípios, a proposta foi descrever e sistematizar as variantes encontradas, separando-as pelos processos fonológicos de retroflexão em coda silábica, apócope do /R/ em verbos e síncope do /R/ na conjunção “porque”, para investigar as particularidades na fala de jovens universitários. O embasamento teórico desta pesquisa se encontra nos estudos de Fonética e Fonologia do Português (SEARA *et al.*, 2015; SILVA, 2005), Variação Linguística (TARALLO, 2005; ZÁGARI, 1998) e Processos Fonológicos (ALVES, 2008; CAGLIARI, 2002). A coleta de dados para o projeto ocorreu com a gravação de entrevistas informais com os sujeitos de pesquisa. Como resultado, encontraram-se contextos semelhantes para o apagamento do /R/ em verbos entre as duas regiões, além de semelhanças quanto à síncope de /R/ no conectivo “porque” e diferenças quanto à ocorrência da retroflexão,

sendo verificada como um padrão apenas na região de Uberlândia. Concluiu-se que, de maneira geral, os dois municípios apresentam mais semelhanças do que diferenças quanto ao comportamento do arquifonema /R/ em coda silábica.

Palavras-chave: variação linguística; processos fonológicos; português brasileiro; coda silábica; róticos.

Abstract: This article aims to analyze, in a comparative way, the phonetic-phonological linguistic variation found in two towns in Minas Gerais, Juiz de Fora and Uberlândia. Considering variation as a phenomenon inherent to language, motivated by linguistic and extralinguistic factors, this study gives a better understanding of the functioning of speech in the aforementioned towns. Based on bibliographical and field studies in both municipalities, the purpose was to describe and systematize the variants found and separate them on the basis of the retroflexing phonological processes in the syllabic coda and the /R/ apocope in verbs and the /R/ syncope in the conjunction “porque”, in order to investigate the particularities in the speech of university students. The theoretical basis of this study were found in the studies of Phonetics and Phonology of Portuguese (SEARA *et al.*, 2015; SILVA, 2005), Linguistic Variation (TARALLO, 2005; ZÁGARI, 1998) and Phonological Processes (ALVES, 2008; CAGLIARI, 2002). The data used were gathered through informal interviews done with each of the subjects individually. As a result, similar contexts were found for the deletion of the /R/ in verbs on both towns. In addition, the study reveals similarities in relation to the syncope if the same phoneme in occurrences in the connective “porque” but also differences as to its retroflexion, which was detected as a pattern only in the Uberlândia. The study shows, in conclusion, that there are more similarities than differences between the two towns with respect to the behavior of archiphoneme /R/ in coda.

Keywords: linguistic variation; phonological processes; Brazilian Portuguese; syllable coda; rhotics.

Submetido em 21 de agosto de 2020

Aceito em 19 de outubro de 2020

1 Introdução

A sociolinguística variacionista é um ramo da Linguística que vem sendo estudado desde meados do século XX, tendo como grande representante William Labov, que reconhece a importância de se estudar a influência dos aspectos sociais no uso da língua. A teoria da variação permite sistematizar as variantes da fala que, até pouco tempo, eram consideradas como parte de uma comunicação caótica e irregular.

Meillet, um dos precursores da sociolinguística, confirmou, com base em suas pesquisas no território francês, que as modificações ocorridas na estrutura da sociedade francesa acarretavam diretamente em modificações no desenvolvimento da língua. Logo, concluiu que linguagem e sociedade caminham inseparáveis ao longo da história (MEILLET, 1926, *apud* CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 147). Ao partir para uma análise da língua em contextos reais de comunicação, é possível analisar quais variantes ocorrem na fala informal e quais são os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que favorecem a ocorrência dessas variantes, e isso pode ser feito de modo sincrônico ou diacrônico. Como apontam Cezario e Votre, “o estudo [sociolinguístico] permite verificar o grau de estabilidade de determinado fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança” (CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 141).

A variação e a mudança são processos inerentes a qualquer língua. Em defesa dessa afirmação, Bagno publicou *Preconceito linguístico* (2015) e, logo de início, aponta o caráter variável que todas as línguas naturais possuem.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.). (BAGNO, 2015, p. 27).

De acordo com Sá (2007, p. 49), a variação linguística pode ser ocasionada por quatro fatores: histórico (ou diacrônico), geográfico (ou espacial), social e estilístico. Esses fatores podem apresentar o que se chama de variação livre, aquela que não apresenta motivações ou contextos fonológicos. Para Cagliari (2002, p. 50), as reais motivações das variantes livres são extra-fonológicas, como a velocidade da pronúncia, o registro formal ou informal da fala, a classe socioeconômica do falante, bem como idade e sexo. Cagliari as denomina como variantes sociolinguísticas.

O tipo de variação analisada nesta pesquisa foi a variação geográfica, no nível fonético-fonológico da língua. Esse tipo de variação

é encontrado com facilidade no português brasileiro, em razão da grande quantidade de regiões, das inúmeras imigrações e da extensão territorial que o país possui, resultando em um numeroso intercâmbio cultural e linguístico. As diferenças regionais no nível fonético da língua ocorrem não apenas na pronúncia, como também no timbre, a altura e a intensidade do som, características fisiológicas da fala. A nossa hipótese é de que existe variação entre as regiões estudadas, e essa hipótese foi confirmada. Os falantes de cada cidade produzem pronúncias particulares do arquifonema /R/ no que concerne principalmente a posição de coda silábica.

No presente estudo, portanto, temos como objetivo descrever a variação geográfica entre as cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, recortando essa análise para os falares dos jovens universitários de ambas cidades. Damos enfoque para o comportamento do arquifonema /R/ em posição de coda silábica, ocorrido em verbos, nomes e conectivos. Para os verbos, analisamos como se dá o apagamento (apócope) em coda final, como é o caso de verbos no infinitivo (querer, amar), no modo subjuntivo (quiser, fizer) ou no presente do indicativo (quer). Em relação aos nomes, observamos qual(is) alofone(s) pode(m) ocorrer em coda medial ou final, em contexto intervocabular ou em fim de frase. Já nos conectivos, analisamos a ocorrência do apagamento (ou não) do /R/ em posição de coda medial, bem como a realização do tepe alveolar [r] no contexto intervocabular com início em vogal da palavra seguinte.

Este artigo está dividido nas seguintes partes: primeiro, fazemos um apanhado geral sobre a variação linguística no Estado de Minas Gerais; em seguida, explicitamos a metodologia utilizada nesta pesquisa; posteriormente, apresentamos a discussão e os resultados finais da pesquisa, no que se refere aos processos de apócope, retroflexão e síncope, todos em contexto de coda silábica para o arquifonema /R/.

2 A variação linguística em Minas Gerais

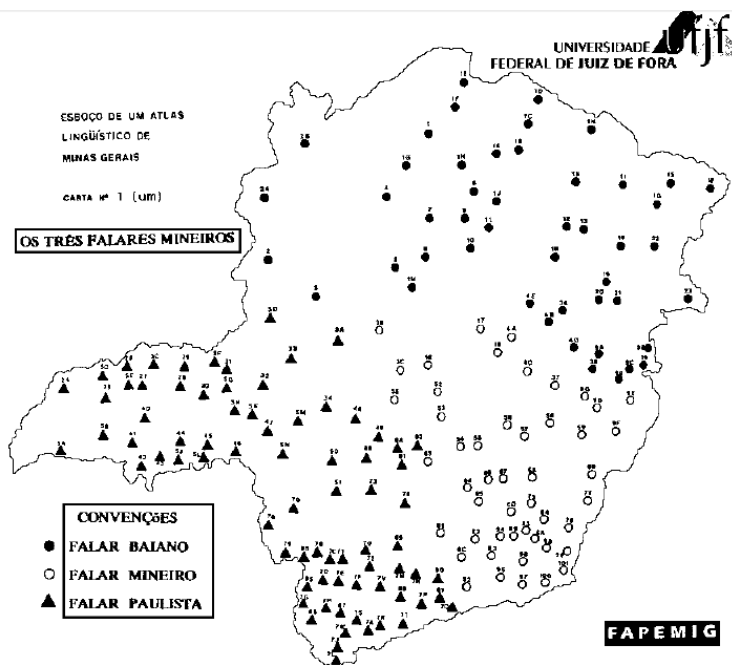
Os primeiros estudos sobre as particularidades da fala dos mineiros ocorreram com o professor Mário Roberto Zágari, organizador e um dos autores do projeto Atlas Linguístico de Minas Gerais (doravante ALEMIG) e um dos responsáveis pela criação do *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG), publicado pela primeira vez em 1977. O documento apresenta informantes de todos os sexos,

faixas etárias, níveis socioeconômicos e escolaridade, observados por pesquisadores em 184 pontos do Estado de Minas Gerais, resultando em diversos trabalhos sociolinguísticos posteriores para o ALEMIG no fim da década de 1990.

De acordo com a primeira edição do EALMG, Minas Gerais é subdividida em três zonas dialetais: o falar *baiano*, que contempla cidades como Mantena, Galileia, Governador Valadares e Paracatu; o falar *Paulista*, representado pelas cidades do Triângulo Mineiro (ex: Uberlândia e Araguari) e parte do sul de Minas, aproximadamente na cidade de Passa Vinte; e o falar *mineiro*, que contempla a região da Zona da Mata, em cidades como Juiz de Fora e Viçosa. (MARTINS, 2006, p. 3-4).

O EALMG apresenta um mapa dialetológico com os três falares mineiros, separando-os de acordo com os pontos em que foram encontrados durante as três décadas de pesquisa, a ser reproduzido na imagem 1.

IMAGEM 1 – Mapa dialetológico dos falares de Minas Gerais, conforme EALMG



Fonte: Zágari (1998, p. 64).

Segundo Martins (2006, p. 4) – um dos pesquisadores mais recentes do ALEMIG –, a capital Belo Horizonte não se enquadra em nenhuma dessas zonas dialetais, em razão de ter recebido inúmeros migrantes de outras regiões do Estado, na primeira metade do século XX. De todo modo, neste artigo focalizaremos as zonas dialetais paulista e mineira, que contemplam as cidades de Uberlândia e Juiz de Fora, respectivamente. Sobre essas duas zonas dialetais, Martins aponta que há características marcantes tanto em uma quanto em outra: no falar paulista, o uso do retroflexo em posição de coda silábica (o “r caipira” de co/R/da) já é uma marca consagrada dessa região, e nossa pesquisa demonstra resultados semelhantes; já no falar mineiro, há uma redução constante dos ditongos [ay], [ey] e [ow] não-finais (caixa, peixe, pouco).

Não foram encontradas informações a respeito do /R/ em posição de coda silábica para o falar mineiro, razão esta que nos motivou ainda mais a realizar uma pesquisa comparativa entre os dois dialetos. Além disso, os estudos provenientes do ALEMIG têm maior enfoque no nível lexical, apesar de haver pesquisas em todos os níveis da língua.

3 Material e métodos de pesquisa

Para a execução deste trabalho, realizamos pesquisa bibliográfica específica nas áreas de variação linguística, fonética e fonologia do português brasileiro, fonética e fonologia do Estado de Minas Gerais e processos fonológicos segmentais, também conhecidos como metaplasmos. Tais pesquisas nos auxiliaram na realização da etapa seguinte, a pesquisa de campo com jovens das cidades de Uberlândia e de Juiz de Fora.

Devido à pesquisa envolver seres humanos, o projeto inserido na Plataforma Brasil com registro CAAE número 71113317.0.0000.5152 passou pelas fases de submissão, apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU.

As pesquisas de campo citadas acima foram realizadas com jovens do seguinte perfil: faixa etária de 18 a 25 anos, com grau de escolaridade ensino superior incompleto e/ou completo. Foram entrevistados 5 homens e 3 mulheres em Uberlândia, além de 3 homens e 7 mulheres em Juiz de Fora, totalizando 18 informantes. A princípio, propôs-se entrevistar 20 informantes no total, sendo 5 homens e 5 mulheres de cada cidade; entretanto, devido a algumas dificuldades relacionadas à busca de

voluntários, a quantidade de informantes diminuiu, e a distribuição por sexo foi alterada. Convém lembrar, no entanto, que isso não acarretou problemas para a análise, já que a variável sexo não foi considerada para esta pesquisa. As variáveis extralinguísticas consideradas aqui são a faixa etária e a cidade em que tais informantes residem. Cada um desses voluntários foi nascido e criado nas respectivas cidades, e as entrevistas ocorreram nos mesmos municípios, Uberlândia e Juiz de Fora, ambos do Estado de Minas Gerais. Os participantes foram abordados na própria universidade e foram solicitados a realizar uma entrevista sobre assuntos do cotidiano familiar e acadêmico. Após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a gravação e sua utilização nesta pesquisa, foi realizada a entrevista.

Utilizamos um gravador de voz para coletar os dados, com base em uma entrevista informal, guiada por um roteiro de perguntas sobre assuntos de interesse jovem, tais como: música, literatura (artes em geral), faculdade, férias, viagens, dentre outros.

As entrevistas realizadas com nossos informantes os incentivavam a narrar experiências de suas vidas em diferentes âmbitos e períodos, como brincadeiras da infância, dificuldades encontradas ao longo do período escolar, dentre outras. De acordo com os estudos de Cezario e Votre (2013) e da teoria de Tarallo (2005) sobre a pesquisa sociolinguística, as narrativas são o gênero oral mais adequado para se analisar a fala e chegar ao vernáculo, pois “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”. (TARALLO, 2005, p. 23).

Os temas foram selecionados propositalmente para que os entrevistados se sentissem confortáveis no momento da entrevista, conseqüentemente, não havendo interferência na coleta dos dados (falas). Para a gravação das entrevistas, os informantes foram direcionados a uma sala livre de ruídos (em seu local de trabalho ou residência, por exemplo, sendo combinado previamente com os voluntários). As gravações duraram em média 40 minutos para cada participante.

Em seguida, foi feito um trabalho de transcrição fonética das palavras que envolvem os processos de apócope, síncope e retroflexão, todos relacionados à pronúncia ou ao apagamento do arquifonema /R/ em posição de coda; em seguida, analisamos as particularidades da fala dos indivíduos de cada região, levando em consideração os processos

supracitados. A análise foi produzida de modo quantitativo, verificando a frequência em que as variantes ocorrem; e de modo qualitativo, tomando como base as teorias citadas acima e os estudos já feitos, presentes no Atlas Linguístico de Minas Gerais. Os resultados serão discutidos na seção 5, separados a cada processo fonológico: primeiramente, trataremos dos resultados para a Apócope; posteriormente, para os alofones de /R/ em coda silábica medial e final; por último, trataremos da Síncope no conectivo “porque”, e encerraremos o artigo com as considerações finais sobre todos os processos.

4 Processos fonológicos

Em primeiro lugar, é necessário compreender o que é, de fato, um processo fonológico. Conforme Cagliari (2002, p. 99) explica, são as alterações sonoras ocorridas na realização de determinados fonemas de acordo com sua posição no morfema, e é também chamado de metaplasmo por alguns autores. Para Gomes e Gomes (2007, p. 3), os metaplasmos representam alterações fonéticas decorrentes da evolução das línguas, visto que cada geração apresenta novas transformações, que atendem às necessidades da época e são feitas de modo inconsciente.

Os processos fonológicos são divididos, a priori, pelos aspectos segmentais e suprasegmentais dos sons. Segundo Silva (2011, p. 77), os aspectos suprasegmentais tratam do ritmo e da entoação (tom) da palavra; já os aspectos segmentais estão relacionados com os segmentos (consoantes e vogais) da palavra. Os processos fonológicos segmentais tratam da diversidade de alterações na pronúncia das palavras, podendo ocorrer processos de adição, apagamento, transposição ou substituição de segmentos. Ademais, esses processos podem ser analisados tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico da língua, observando quais foram as alterações ocorridas em determinados períodos da história. Portanto, é dos processos segmentais de apócope, síncope e retroflexão que tratamos neste trabalho, partindo do ponto de vista sincrônico da língua, visto que a principal variável sociolinguística considerada nesta pesquisa é a localização geográfica.

Em primeiro lugar, temos a apócope, que é o processo de apagamento do segmento final de uma palavra, como em *mar* [maØ] ou *jogar* [ʒogaØ]. Conforme Silva (2011, p. 82), esse processo tem ocorrido durante vários períodos da história, como ocorreu com “freire”,

que perdeu seus dois últimos segmentos na fala, passando para “frei”. Além do autor citado, vários outros têm estudado a apócope de forma diacrônica ou sincrônica, como Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2011) que estudam o fenômeno da apócope do arquifonema /R/ na cidade Campos Gerais (PR), e Lima (2016) que analisa a apócope de /R/, /S/ e /N/ na região brasiliense-goiana. Em ambos os estudos foi constatado que o apagamento é um processo cada vez mais recorrente no português brasileiro (doravante PB).

Em segundo, temos a síncope, que é o processo de apagamento de segmento medial de uma palavra. É um processo muito comum no PB quando se trata da transformação de proparoxítonas em paroxítonas, como nas palavras *abóbora* → *abóbra* e *xícara* → *xícra*. De acordo com Pereira e Albuquerque (2015, p. 38), a síncope é um modo que o falante do português não-padrão tem de facilitar a linguagem, no entanto, é um processo fonológico carregado de preconceito linguístico, por ser mais recorrente com cidadãos de baixo nível socioeconômico. A síncope nas proparoxítonas é, portanto, uma variante estigmatizada, e este estigma vem, claramente, por conta da crença no purismo da língua e da falta de informação sobre o caráter variável de todas as línguas. Neste artigo, entretanto, tratamos do fenômeno da síncope em um contexto diferente: no conectivo *porque*, uma palavra oxítona.

Por último, temos o processo de retroflexão, que consiste na transformação de um segmento fricativo ou vibrante em um segmento retroflexo, como o [ɻ], também conhecido como “r caipira”. Tal variante também é vista de forma estigmatizada, como apontam Silva (2016), Amaral (1982) e Leite (2015). Este último realizou um estudo com cidadãos de Campinas-SP e constatou que o uso do retroflexo é majoritário, porém, é “renegado” pela maioria da população campineira. Segundo os entrevistados, o “r” utilizado por eles seria um intermediário entre o “r caipira” do interior paulista e o “r paulistano” (ou vibrante simples). No entanto, o estudo de Leite comprovou que isto não passa de uma crença popular como uma maneira de evitar o preconceito com a variante estigmatizada. Por fim, neste artigo, traçamos o comparativo entre o uso do retroflexo e da fricativa glotal nas cidades de Juiz de Fora e Uberlândia.

5 Resultados

5.1 Apagamento de /R/ de verbos em coda final

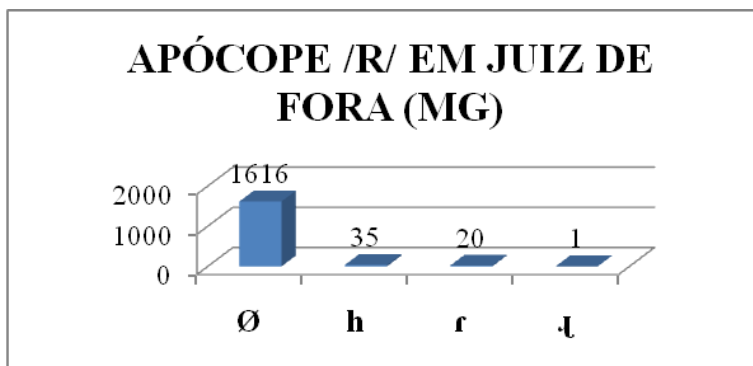
Como já dito, a apócope é um processo recorrente no português brasileiro, e prova disso são as diversas pesquisas que tratam do apagamento em várias regiões do país, principalmente quando se trata do /R/ em coda silábica. Monaretto (2002) analisou diacronicamente o apagamento do arquifonema /R/ em posição de coda na cidade de Porto Alegre. Segundo a autora, a aplicação da regra do apagamento está condicionada à posição em que o segmento ocupa na palavra, sendo muito mais comum o apagamento em coda final do que em coda medial. Entre os anos 70 e fim dos anos 90, constatou-se que, quanto aos verbos, o uso da vibrante anterior diminuiu, enquanto o apagamento em contexto pós-vocálico final aumentou; já em relação aos nomes com esse mesmo contexto, o tepe ainda é a variante que predomina na região.

Outra contribuição de grande importância para o estudo do apagamento do /R/ é de Silva (2016), que analisou a variação fonético-fonológica de nomes e verbos em coda final e medial na cidade de Uberlândia (MG). O estudo desse autor se realizou com base em variáveis independentes, que são grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente, e são de natureza linguística ou extralinguística. Nesse trabalho, procura descrever e sistematizar as variantes do /r/ em posição de coda silábica no falar dos uberlandenses. De maneira sucinta, descobriu-se que o apagamento do /R/ em coda final para verbos é muito mais frequente do que o uso do retroflexo no mesmo contexto: apenas 5% dos verbos apresentaram realização retroflexa em coda final, enquanto os outros 95% corresponderam ao apagamento. Logo, concluiu-se que os verbos são um item favorecedor do processo de apócope.¹

¹ Sobre o apagamento, Callou e Brandão (2016, p. 108-111) apontam que esse é um processo já antigo no português brasileiro. As autoras retomam dados do projeto NURC, das décadas de 1970 e 1990, e do projeto PEUL, da década de 1980 e do ano 2000, que demonstram mais de 60% de ocorrências de apócope do /R/ em verbos em todos os períodos citados nos dois estudos. Esse apagamento se mostra favorável não somente no fator morfológico (classe gramatical), como também nos fatores sociais, como faixa etária e nível de escolaridade.

Quanto a esta pesquisa, analisamos o apagamento do arquifonema /R/ em coda final de verbos com os contextos seguintes: intervocabular com início em vogal; intervocabular com início em consoante (surda ou sonora), pausa ou fim de frase. Como resultado geral para a cidade de Juiz de Fora, contendo 10 informantes, obtivemos 1.672 ocorrências de verbos, dos quais 96,6% apresentaram apagamento, 2,09% apresentaram o uso das fricativas glotais surda [h] e sonora [ɦ], 1,19% apresentaram pronúncia da vibrante anterior (tepe [r]) e 0,12% apresentou o uso do retroflexo [ɻ] em coda final, conforme Gráfico 1 abaixo.

GRÁFICO 1 – Processo de apócope em verbos em coda final, para a cidade de Juiz de Fora, em número de ocorrências



Como visto, a apócope teve ocorrência majoritária, os verbos estando no modo infinitivo, no modo subjuntivo ou no presente do indicativo. Os contextos que favoreceram o apagamento foram diversos: intervocabular com início em consoante (como em “ficaØ#perto”); intervocabular com início em vogal (fazeØ#o#que); fim total de frase (esperaØ). Esse resultado é semelhante ao que foi encontrado por Silva (2016), que verificou o apagamento em coda final em 95% dos verbos realizados pelos informantes, seguindo os mesmos contextos verificados nesta pesquisa.

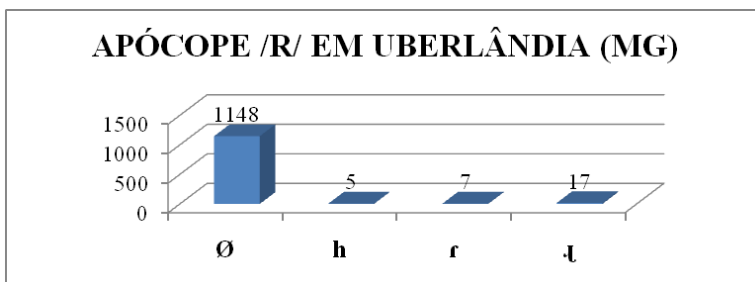
É importante ressaltar que tais dados foram coletados em 10 entrevistas predominantemente informais, mas não impedem que os informantes se sintam levemente preocupados com a própria fala, em breves momentos. Um exemplo disso é o fato da fricativa glotal ter sido utilizada com intuito de ênfase dada pelo contexto da conversa. Quando

os informantes foram perguntados se gostariam de se *casar* e de *ter* filhos, a ênfase dada ao verbo “ter” foi recorrente (logo, houve o uso da fricativa glotal) para indicar que não desejavam ou não tinham certeza do desejo de ter filhos.

Já as 20 ocorrências do tepe foram integralmente condicionadas pelo contexto intervocabular, com início da palavra seguinte em vogal, ou simplesmente *_#V*. Este tipo de ocorrência já era tido como padrão no português brasileiro, seja para verbos, seja para nomes ou conectivos, mas tem-se verificado que o enfraquecimento do tepe para o apagamento se torna cada vez mais comum em verbos.

Agora, comparemos com as realizações de /R/ em verbos em coda final para os jovens da cidade de Uberlândia.

GRÁFICO 2 – Processo de apócope em verbos em coda final, para a cidade de Uberlândia, em número de ocorrências



Das 1.177 ocorrências de verbos em coda final para a cidade de Uberlândia, 97,53% apresentaram apagamento; 1,44% apresentaram o uso do retroflexo [ɻ]; 0,59% representa o uso do tepe [r] e apenas 0,44% representa o uso das fricativas glotais [h]/[ɦ]. Apesar de Uberlândia ter contado apenas oito informantes, enquanto em Juiz de Fora há dez, a média por informante de realização de verbos em coda final nas duas cidades é bem semelhante: 167,2 verbos em Juiz de Fora e 147,1 para Uberlândia, o que pode neutralizar a diferença do número de entrevistados.

Os contextos que favoreceram a apócope nos verbos em Uberlândia foram os mesmos verificados em Juiz de Fora: intervocabular com início em consoante (como em “queØ#te”); intervocabular com início em vogal (teØ#uma); fim total de frase (frequentaØ). Já em relação ao tepe, os 7 verbos produzidos com essa variante apresentaram

o contexto intervocabular com início em vogal, assim como constatado em Juiz de Fora. Quanto à fricativa glotal e ao retroflexo, o segundo se sobressai ao primeiro em quantidade, ainda que ambos tenham ocorrido nos mesmos contextos, precedendo consoantes da palavra seguinte ou em final de frase. Isto se deve ao fato de que o retroflexo é, em Uberlândia, o alofone predominante para o arquifonema /R/ em coda silábica, como comprovam os estudos de Silva (2016) sobre o tema.

É interessante se pensar a respeito de qual(is) razão(ões) desencadearia(m) o fenômeno da apócope no português brasileiro. Monaretto (2002) apresenta uma hipótese bastante coerente pois, segundo ela, o fenômeno do apagamento em verbos pode ter motivação morfológica.

A perda do r é mais comum em verbos. Provavelmente isso se deve ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português pela presença do r-final e pela tonicidade. Em não-verbos, por outro lado, o r-final, que não é um morfema por si só, é mais preservado (MONARETTO, 2002, p. 261).

A afirmação da autora nos parece válida, pois, levando em consideração suas próprias pesquisas sobre o apagamento na região de Porto Alegre, a classe gramatical a que determinadas palavras pertencem favorece o apagamento de /R/ ou o uso do tepe (como é o caso dos nomes).

Com base nos dados obtidos, é visível que o processo de apócope em verbos em coda final ocorre com a mesma frequência tanto em Juiz de Fora quanto em Uberlândia, e os contextos que favorecem esse apagamento são os mesmos. Para exemplificação, fizemos um quadro comparativo com verbos realizados em ambas as cidades e com os mesmos contextos.

TABELA 1 – Exemplos de verbos encontrados, comparando cidade x ambiente fonológico x alofone realizado para /R/

VERBOS COM /R/ EM CODA FINAL				
	Juiz de Fora		Uberlândia	
Contextos	Ø			
_#V	visualizar#a	escrever#um	ter#uma	fazer#o
	sobreviver#aí	falar#esse	cumprir#o	ter#ouvido
_#C	ficar#decorando	jogar#baralho	quer#te	conversar#sobre
	falar#mas	fazer#letras	rir#do	passar#no
_#	ver#	escrever#	aprender#	alcançar#
	ficar#	trabalhar#	chegar#	comer#
[h] e [ɦ]				
_#C	ler#livro	ser#mais	ver#tios	ir#ler
	gostar#de	ter#várias	-	-
_#	escrever#	ter#	concordar#	definir#
	gostar#	ser#	preocupar#	-
[r]				
_#V	dizer#assim	exaltar#os	ter#um	evitar#isso
	ser#homem	ter#um	discutir#entre	ler#um
[ɹ]				
_#	frequentar#	-	concluir#	ser#
	-	-	arcar#	ter#
_#C	-	-	ter#filhos	agregar#votos
	-	-	estar#meio	passar#do

Como se pode verificar, o mesmo contexto que favorece o uso do tepe [r] → (_#V), também favoreceu a apócope em 20 verbos em Juiz de Fora e 7 verbos em Uberlândia. Para tal fenômeno, a justificativa encontrada é a ênfase dada no contexto da conversação, mesmo motivo

que desencadeou o uso da fricativa glotal e do retroflexo no contexto #C e em final de frase.

Passemos agora para a análise de nomes e conectivos com /R/ em posição de coda silábica.

5.2 Variação do /R/ em coda silábica: retroflexo e fricativa glotal

Nessa etapa, analisamos quais os possíveis alofones para o arquifonema /R/ em posição de coda medial e coda final, bem como os ambientes fonológicos favorecedores de cada alofone encontrado. A alofonia do /R/ varia entre o apagamento e a vibrante, um som do grupo das consoantes líquidas que “[o]corre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula pela corrente de ar” (BISOL, 2005, p. 217). A vibração da língua sob os alvéolos pode ser simples, resultando no tepe, bem como múltipla, resultando no que vários autores chamam de “r-forte”.

Há vários trabalhos que procuram definir os tipos de vibrantes existentes, e quais se enquadram no “r-forte” para o português brasileiro. Para Câmara Jr., há quatro realizações para o r forte, uma vibração múltipla ou uma vibração do dorso da língua ou uma tremulação da úvula ou uma forte fricção de ar na parte superior da faringe.² Segundo Bisol (2005), a utilização dessas modalidades articulatórias não altera a forma linguística. Haverá um só r-forte.

Câmara Jr. verificou na pesquisa mencionada que, em contexto pós-vocálico, a vibrante anterior está sendo substituída pela vibrante posterior, que corresponde à vibração da raiz da língua próximo à úvula. Lopez (1979), em sua tese “The Sound Pattern of Brazilian Portuguese”, também observou o fenômeno na variedade carioca do português, em que a fricativa velar [x] é realizada em posição de final de sílaba. Para Angenot e Vandresen (1981, *apud* VEGINI, 2007, p. 5), as realizações fonéticas do r-forte para o arquifonema /R/ variam entre a vibrante múltipla [r], as fricativas glotais [h/ɦ], as fricativas velares [x] e [χ], a vibrante uvular [ʀ], as fricativas uvulares [χ] e [ʁ] e o flepe retroflexo

² De acordo com Câmara Jr. (2004, p. 27), o fonema /r/ forte tem oposição ao fonema /r/ brando (que possui uma única vibração da ponta da língua e ocorre em posição intervocálica), pois têm a característica de distinguir palavras na língua, como em “erra/era”, “carro/caro”.

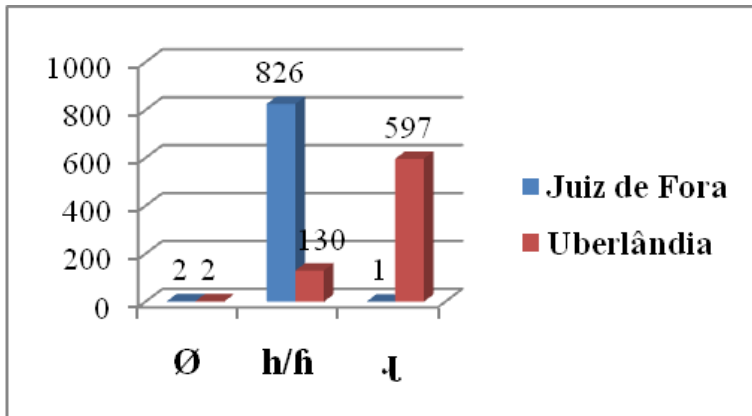
[ɾ], todos sendo parte de um fenômeno de variação significativo, tanto dialetal quando idioletal (individual).

5.2.1 Nomes em coda medial e final

Para este trabalho, atentamo-nos primeiro à alofonia de /R/ em nomes em coda medial. Na cidade de Juiz de Fora, obtivemos a realização das fricativas glotais [h/ɦ] em praticamente 100% dos nomes pronunciados, tendo apenas 2 casos de apagamento e 1 caso de retroflexão. Já na cidade de Uberlândia, os resultados variaram entre a fricativa glotal e o retroflexo, sendo este o alofone com maior porcentagem de ocorrências: 81,89% de [ɾ], 17,83% de [h] e [ɦ], 0,2% de Ø. Pode-se concluir que em Uberlândia a variante retroflexa é majoritária em contexto de coda silábica medial, ainda que haja uma pequena porcentagem de realizações com fricativas glotais.

Novamente, os resultados vão ao encontro dos resultados do EALMG (ZÁGARI, 1998, p. 50) e de Silva (2016, p. 67), que também apontou como retroflexa a variante mais utilizada na cidade de Uberlândia. Verificou também pequenas realizações de fricativa glotal por parte dos informantes do sexo feminino, em grande maioria, com mais de 11 anos de estudo (o que se assemelha ao *corpus* desta pesquisa). Quanto à nossa pesquisa, o número de ocorrências de cada variante encontrada pode ser consultado no Gráfico 3 abaixo.

GRÁFICO 3 – Alofones de /R/ em coda **medial**, para nomes, por número de ocorrências



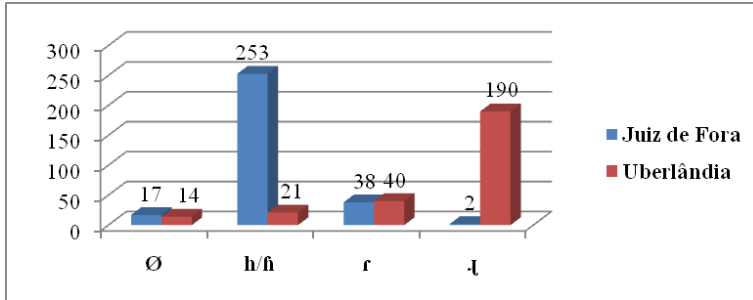
Para exemplificação, elaboramos a Tabela 2, que traz algumas palavras realizadas pelos informantes de ambas as localidades.

TABELA 2 – Exemplos de nomes com /R/ em coda medial, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones /R/	Juiz de Fora	Uberlândia
Ø	univeøsitária	cuøso
[h/h̃]	perto; cursinho; maternal; internacional; parte; irmão; dramaturgo; marmelos.	-
[ɹ]	pergunta	perto; cursinho; transporte; interpessoais; catorze; certas; nervoso; excursão.

Como visto no Gráfico 3, o apagamento em coda medial foi um caso de exceção para ambas as cidades, tendo apenas 2 ocorrências em cada uma. A justificativa mais plausível para tal fenômeno é uma particularidade do idioleto desses informantes, já que apenas 1 de cada cidade apresentou esse tipo de pronúncia. Portanto, a fricativa glotal e o retroflexo em coda medial são um fato consumado nas cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, respectivamente.

Em relação aos nomes com /R/ em coda **final**, encontramos as fricativas glotais como maioria para a cidade de Juiz de Fora e o retroflexo para a cidade de Uberlândia. Na primeira cidade, os informantes apresentaram 81,61% de realizações de [h] e [h̃]; 5,48% referem-se ao apagamento; 12,25% representam o tepe [ɹ] e 0,66% representam ocorrência de retroflexo [ɹ̃]. Na segunda cidade, novamente o retroflexo representou maioria (71,69%); 15,11% de ocorrência para o tepe, 5,28% para o apagamento e 7,92% para as fricativas glotais, como aponta o Gráfico 4 abaixo.

GRÁFICO 4 – Alofones de /R/ em coda **final**, para nomes, por número de ocorrências

Para melhor compreensão dos contextos encontrados para cada variante, listamos na Tabela 3 alguns exemplos de palavras retiradas das entrevistas com os informantes.

TABELA 3 – Exemplos de nomes com /R/ em coda **final**, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones	Juiz de Fora	Uberlândia	Contextos
Ø	particulaø#; professoø#; corredoø#	qualqueø; amoø	_#
	maioØ#desafio; lugaØ#lá	maioø#problema; professoØ#de	_#C
[h/fi]	melhor#; maior#; particular#; celular#; computador#; leitor#.	terror#; professor#	_#
	celular#dele; super#fácil; calor#mesmo; poder#mágico; vestibular#foi	interior#com; humor#pra; super#bonder	_#C
[r]	amor#assim; melhor#ainda; super#estranha; lugar#e; super#herói	ser#humano; celular#as; maior#a; vestibular#eu; terror#e	_#V
[ɹ]	melhor#	Junior#; melhor#; ator#; particular#; patamar#; vestibular#	_#
	-	popular#na; lugar#que; autor#magnífico; desesperador#se; valor#na; lugar#pra	_#C

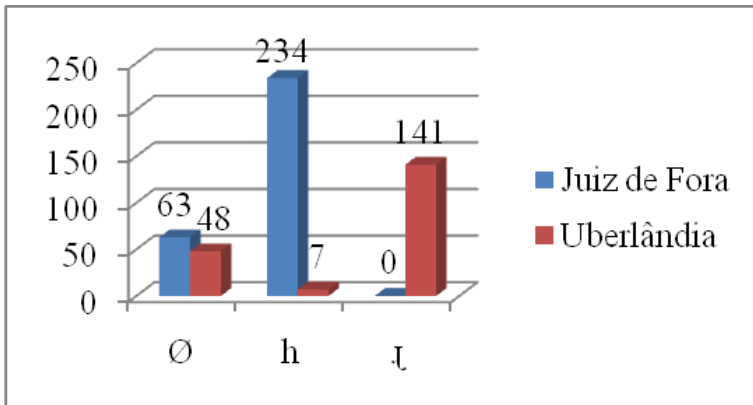
As fricativas glotais e o retroflexo foram realizados seguindo os mesmos contextos: fim de frase e intervocabular com início em consoante da palavra seguinte. No entanto, nos mesmos contextos foram verificadas algumas ocorrências de apócope (17 em Juiz de Fora e 14 em Uberlândia). Nomes como *amor*, *maior*, *professor*, *corredor*, *particular* e *qualquer* também apresentaram apagamento, ainda que a maioria deles tenha sido pronunciada com [h] ou [ɹ]. Todas essas palavras, porém, têm algo em comum: são oxítonas. Por outro lado, a paroxítona *super* foi realizada com [h] ou [ɹ] quando seguida de consoante no vocábulo seguinte. Ainda que cada palavra tenha um número distinto de sílabas, pudemos verificar que a tonicidade presente na sílaba que contém o /R/ pode favorecer o apagamento, seja em final de frase, seja acompanhado por uma consoante surda ou sonora no vocábulo seguinte.

Quanto à ocorrência do tepe [r], o único contexto que o favoreceu foi o intervocabular com início em vogal, fenômeno pertencente ao português brasileiro. Conforme Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 122), o tepe (ou r-fraco) é um padrão fonológico no português brasileiro apenas em posição intervocálica no interior de uma palavra, como em /'karo/, ou em um encontro consonantal, como é o caso de /trato/. Analisando de modo prático, o “r” em contexto intervocabular com início em vogal encontra-se na posição intervocálica, se considerarmos que o ritmo da fala de um grupo vocabular como “super amigos” é, na prática, pronunciado como um só vocábulo: [su.pe.ra.'mi.gus]. Isto justificaria, portanto, a ocorrência tão frequente do tepe nesse mesmo contexto, no português brasileiro como um todo.

5.2.2 Conectivos em coda medial e final

Quanto aos conectivos em coda medial, Juiz de Fora apresentou 78,79% dos casos utilizando a variante [h], e 21,21% apresentou apagamento. Resultado similar apresentou a cidade de Uberlândia, em que 71,93% dos conectivos foram realizados com a variante retroflexa [ɹ], 24,48% apresentou apagamento e apenas 3,59% apresentou a variante fricativa glotal surda [h], como mostra o Gráfico 5.

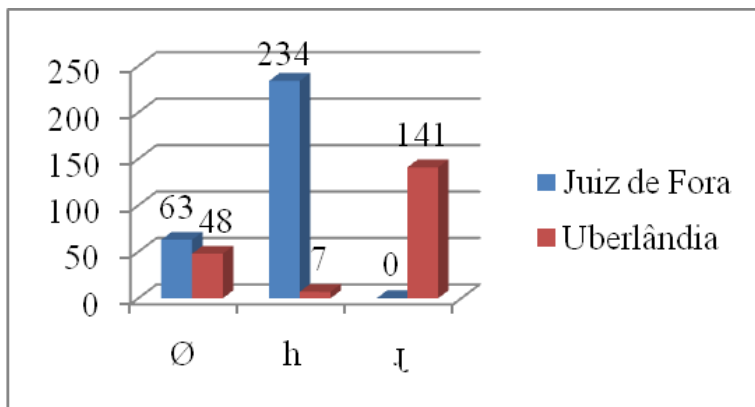
GRÁFICO 5 – Alofones de /R/ em coda **medial**, para conectivos, por número de ocorrências



Por possuírem o mesmo ambiente fonológico que os nomes analisados na seção anterior, já se esperava que os conectivos apresentassem dados muito parecidos: a fricativa glotal surda e o retroflexo são maioria para as cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, respectivamente. No entanto, esta análise trouxe um resultado curioso: o número de conectivos que apresenta apagamento em coda medial é relativamente maior do que os nomes que apresentam o mesmo fenômeno. A média do apagamento de /R/ em nomes (coda medial) nas duas cidades é de apenas 2 ocorrências, enquanto a média de conectivos apresentados no mesmo contexto é de 55 ocorrências. Esses resultados serão discutidos separadamente na seção 5.3 deste artigo, em que tratamos do processo de *síncope*.

Quanto aos conectivos com /R/ em coda final, Juiz de Fora apresentou as seguintes variantes: 48,7% correspondem às fricativas glotais, 49,35% correspondem ao tepe e apenas 1,95% apresentou apagamento nessa posição. Em Uberlândia, os resultados foram similares, seguindo o padrão de retroflexão já visualizado ao longo da pesquisa: 56,7% correspondem ao alofone retroflexo, 31,49% correspondem ao tepe, 6,29% apresentou a fricativa glotal surda e 5,53% correspondeu ao apagamento. Abaixo, está o Gráfico 6 com o número de ocorrências para cada variante.

GRÁFICO 6 – Alofones de /R/ em coda final, para conectivos, por número de ocorrências



Para visualizar melhor os contextos encontrados para cada variante, listamos na Tabela 4 alguns conectivos retirados das entrevistas com os informantes.

TABELA 4 – Exemplos de conectivos com /R/ em coda final, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones	Juiz de Fora	Uberlândia	Contextos
Ø	poØ#causa	poØ#causa	_#C
[h]	por#causa	por#conta	_#C
[r]	por#exemplo; por#enquanto	por#exemplo; por#isso	_#V
[ɹ]	-	por#causa; por#mês	_#C
	-	por#envolver	_#V

Os conectivos seguiram a mesma lógica dos nomes: em contexto intervocabular com início em consoante, as variantes utilizadas foram a fricativa glotal e o retroflexo, enquanto no contexto intervocabular com início em vogal, a variante utilizada pelas duas cidades foi o tepe. O apagamento teve ocorrências bem menores (10 ao todo) se compararmos com o número de conectivos que sofreram síncope do /R/ em coda medial (111 ao todo).

Lima (2016) analisou o apagamento de /R/ em coda silábica na região brasiliense-goiana, e trouxe como exemplo a expressão “por nada”. Segundo o autor, uma hipótese para a ocorrência da apócope na preposição “por” “é o fato de a expressão por nada ter sofrido um processo de formação de compostos transformando-se em algo análogo a uma lexia, ou seja, os falantes a interpretam, praticamente, como uma palavra só, como um composto cristalizado” (LIMA, 2016, p. 45). Logicamente, seguindo esse mesmo contexto intervocabular com início em consoante, expressões conectivas como *por conta* e *por causa* teriam a mesma motivação, ainda que o número de ocorrências de apócope, nesse caso, tenha sido pequeno. De todo modo, o uso da fricativa glotal em coda final foi majoritário para Juiz de Fora, e retroflexo para os informantes da cidade de Uberlândia.

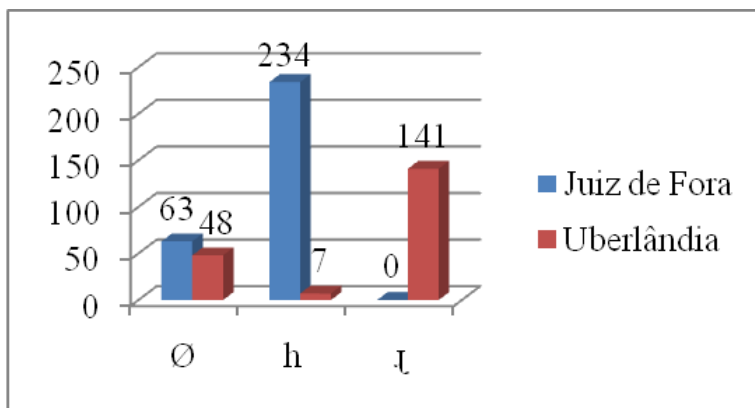
Para tratar do apagamento ocorrido no conectivo “porque”, façamos uma breve análise na seção seguinte.

5.3 Síncope no conectivo “porque”

Como já mencionado na seção 4 deste artigo, a síncope é um processo fonológico (ou metaplasmo) que consiste no apagamento de segmentos vocálicos e/ou consonantais no meio de uma palavra. É um fenômeno muito visível durante todo o processo de surgimento do latim para o português e, tomando a língua como um organismo vivo, tal processo tende a se suceder constantemente, assim como vários outros. Os casos mais comuns são as proparoxítonas que, sincopadas, transformam-se em paroxítonas na língua falada, como no caso de *árvore* → *arvre*. Entretanto, a síncope aqui registrada nesta pesquisa ocorreu em um contexto incomum: em uma palavra oxítona (porque).

Dizemos incomum porque suas incidências ainda têm pequena quantidade, se compararmos com o processo de retroflexão (po[ɽ]que) ou com outros alofones (po[x]que, po[χ]que, po[r]que, po[h]que, dentre outros no PB). A realização fonética encontrada, nesse caso, foi [p'ke], ou seja, há a síncope de dois fonemas: /o/ e /R/, uma vogal e uma consoante. Comparando o número de ocorrências do apagamento com as variantes glotal [h] e retroflexa [ɽ] encontradas nesta pesquisa, temos o seguinte resultado.

GRÁFICO 7 – Alofonia de /R/ em coda medial para o conectivo PORQUE (Juiz de Fora e Uberlândia)



Percebe-se, portanto, que a síncope esteve presente em 22,5% das incidências do conectivo “porque”, contra 77,5% de ocorrências da fricativa glotal e do retroflexo. Silva (2016), ao longo de sua análise do /R/ em coda silábica, verificou alguns casos de apagamento no mesmo conectivo, entretanto, seus informantes apagaram apenas o /R/, diferentemente dos informantes desta análise, que também apagaram a vogal /o/. Segundo a análise do autor, cerca de 12% dos não-verbos (nomes e conectivos) sofreram apagamento tanto em coda final quanto coda medial, o que se assemelha aos resultados desta pesquisa.

Nossa primeira hipótese era de que a presença da vogal no início da palavra seguinte ao conectivo favorecesse a ocorrência da síncope; no entanto, tal hipótese foi negada, já que o processo ocorreu seguido tanto por consoantes quanto por vogais. A segunda hipótese é de que a velocidade e o ritmo da fala de cada informante favoreceriam a síncope do conectivo. Analisando (em segundos) a média de velocidade da pronúncia do “porque” em informantes das duas cidades, obtivemos o seguinte resultado (TABELA 5).

TABELA 5 – Tempo Médio (s) da pronúncia de “porque” ao preceder vogais ou consoante

	Juiz de Fora	Uberlândia
/pØØ'ke/	0,2021	0,1555
/poR'ke/	0,3916	0,3108

O conectivo seguiu um padrão de realização na fala: foi acompanhado sempre por monossílabos ou dissílabos ao longo da entrevista, como se pode verificar na Tabela 6.

TABELA 6 – Exemplos de conectivos em coda medial (Juiz de Fora e Uberlândia)

Alofones /R/	Juiz de Fora	Uberlândia
Ø	pøque#eu; pøque#minha	pøque#eu; pøque#né
[h/fi]	porque#eu; porque#foi	
[ɹ]		porque#eu; porque#foi

Logo, não podemos dizer que a extensão da palavra seguinte favorece a síncope em “porque”. Por outro lado, se levarmos em consideração que o ritmo de fala na região é ligeiramente distinto em relação a outros Estados – e Zágari (1998, p. 51) já afirmara que essa é uma característica bastante visível no falar paulista –, parece-nos coerente afirmar que a velocidade da fala dos informantes favorece a ocorrência da síncope no conectivo “porque”. Entretanto, esse fenômeno carece de uma análise mais aprofundada e minuciosa, levando em conta os aspectos prosódicos da fala.

6 Considerações finais

De modo geral, podemos concluir que Juiz de Fora e Uberlândia apresentam mais semelhanças do que diferenças na fala, apesar de o EALMG apontar que as cidades se encontram em zonas dialetais (falares) diferentes. É inegável que o uso da fricativa glotal é um fato consumado na cidade de Juiz de Fora (pelo menos para os jovens universitários), assim como o retroflexo corresponde à principal variante de /R/ em coda silábica realizada em Uberlândia, como Zágari (1977) e Martins (2006) apontam no Atlas Linguístico de Minas Gerais. Entretanto, a apócope de /R/ em verbos obteve praticamente o mesmo resultado em ambas as cidades, em termos quantitativos, e ocorreram em contextos iguais entre si: no fim de frase, ou sendo precedido por vogal ou precedido por consoante.

Tais resultados relacionados à apócope de /R/ em verbos complementam diversas outras pesquisas sobre esse processo em várias regiões do Brasil, como citamos Monaretto (2002), em Porto Alegre; Silva

(2016), em Uberlândia; Lima (2016), em Brasília e Luziânia; Ribeiro *et al.* (2011), no Paraná, dentre outros igualmente importantes para as pesquisas sobre variação em nível fonético-fonológico.

Quanto à síncope, considera-se que o apagamento de /o/ e /R/ em “porque” pode representar um processo de mudança linguística futura. Caberá concluir ou negar isso a futuras pesquisas encarregadas de analisar a síncope nos conectivos, com o passar dos anos. Ademais, é um fato que merece ser estudado do ponto de vista prosódico, se levarmos em consideração a hipótese de que a velocidade da fala é mesmo favorecedora da síncope em “porque”.

Quanto ao processo de retroflexão, este parece ter perdido o status de variante estigmatizada na cidade de Uberlândia, não só por representar a variante majoritária para o /R/, como também pelo fato de o *corpus* desta pesquisa ser de jovens universitários, ou seja, de diferentes classes socioeconômicas. Em contrapartida, Leite (2004) havia verificado que na cidade de Campinas (SP) o retroflexo ainda era visto de forma preconceituosa pelos seus próprios falantes. Enquanto de um lado, o preconceito linguístico ainda é recorrente, de outro lado (Uberlândia), mostra uma redução gradual, e isso é, sem dúvidas, uma boa notícia.

Por fim, vale ressaltar novamente que nosso *corpus* se constituiu por jovens com ensino superior completo ou incompleto, com faixa etária de 18 a 25 anos. É um recorte muito específico, necessário para esta pesquisa, mas que merece ser ampliado para outras faixas etárias e níveis de escolaridade se quisermos uma análise ainda mais apurada sobre os falares paulista e mineiro do Estado de Minas Gerais, bem como verificar processos de variação e mudança linguística a longo prazo.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pela bolsa de iniciação científica, que foi de grande importância para a realização deste trabalho.

Contribuição das autoras

A pesquisa apresentada é fruto de trabalho final de Iniciação Científica desenvolvida no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Amanda Brilhante de Carvalho traz para o artigo a leitura e interpretação dos fatos linguísticos, a organização do texto com relação à

pesquisa bibliográfica, a busca dos dados em pesquisa de campo realizada nas cidades de Uberlândia e de Juiz de Fora e contribuição para a análise dos dados. Marlúcia Maria Alves é a professora orientadora desse trabalho. Traz para o texto a indicação de obras teóricas relacionadas ao tema estudado, a organização dos aspectos trabalhados, sugestão e contribuição quanto aos aspectos a serem analisados e a revisão final do texto. O trabalho foi desenvolvido ao longo de doze meses com muita parceria.

Referências

ALVES, M. M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

ANGENOT, J. P.; VANDRESEN, P. The Portuguese R's Revisited. In: *Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics*. Florianópolis: UFSC, 1981. (Working Papers in Linguistics)

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S. F. Caracterização de Áreas Dialetais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JUNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 97-122. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580391824-05>

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-153.
- GOMES, M. J. T.; GOMES, S. E. S. *Metaplasmos por aumento na fala de paraguaios residentes no Matogrosso do Sul*. In: CELLMS, 5., 2010, Jardim. *Anais [...]*. Jardim: Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul, 2010.
- LEITE, Y. Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador. *D.E.L.T.A.*, v. 20, n. especial, p. 9-31, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502004000300004>
- LEITE, C. M. B. Estudo da variação linguística dos róticos no falar campineiro. *Alfa*, Araraquara, v. 59, n. 1, p. 129-155, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-6>
- LIMA, J. S. *Abordagem sociolinguística da apócope de /r/, /s/ e /n/ em contexto brasiliense-goiano*. 2016. 147f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2016.
- LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles, CA, 1979.
- MARTINS, E. F. Atlas lingüístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança lingüística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 1-13, 2006. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_atlas_linguistico_do_estado_de_minas_gerais.pdf. Acesso em: 21 mai. 2017.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck, 1926.
- MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-269.
- PEREIRA, F. F. L.; ALBUQUERQUE, T. S. C. Síncope e rotacismo: uma investigação de fenômenos linguísticos no falar de indivíduos de Patos de Minas e região. *Revista Crátilo*, Patos de Minas, v. 8, n. 1, p. 34-42, 2015.

RIBEIRO, V.; RIBEIRO, V. V.; LOREGIAN-PENKAL, L. Apócope do /r/ em graduados de uma cidade dos Campos Gerais, no Paraná: análise sociolinguística. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 2, p. 283-298, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5212/Uniletras.v.33i2.0006>

SÁ, E. J. *Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar*. São Paulo: Textonovo, 2007.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, F. M. Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa. *Littera Online*, São Luís, v. 2, n. 4, p. 72-88, 2011.

SILVA, G. A. *O/R/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia*. 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

VEGINI, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonoestilístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 1-30, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_as_realizacoes_dos_roticos.pdf. Acesso em: 4 ago. 2017.

ZÁGARI, M. R. L. *et al. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de minas gerais. In: AGUILERA, V. A. (org.). *A geografia lingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 45-69.